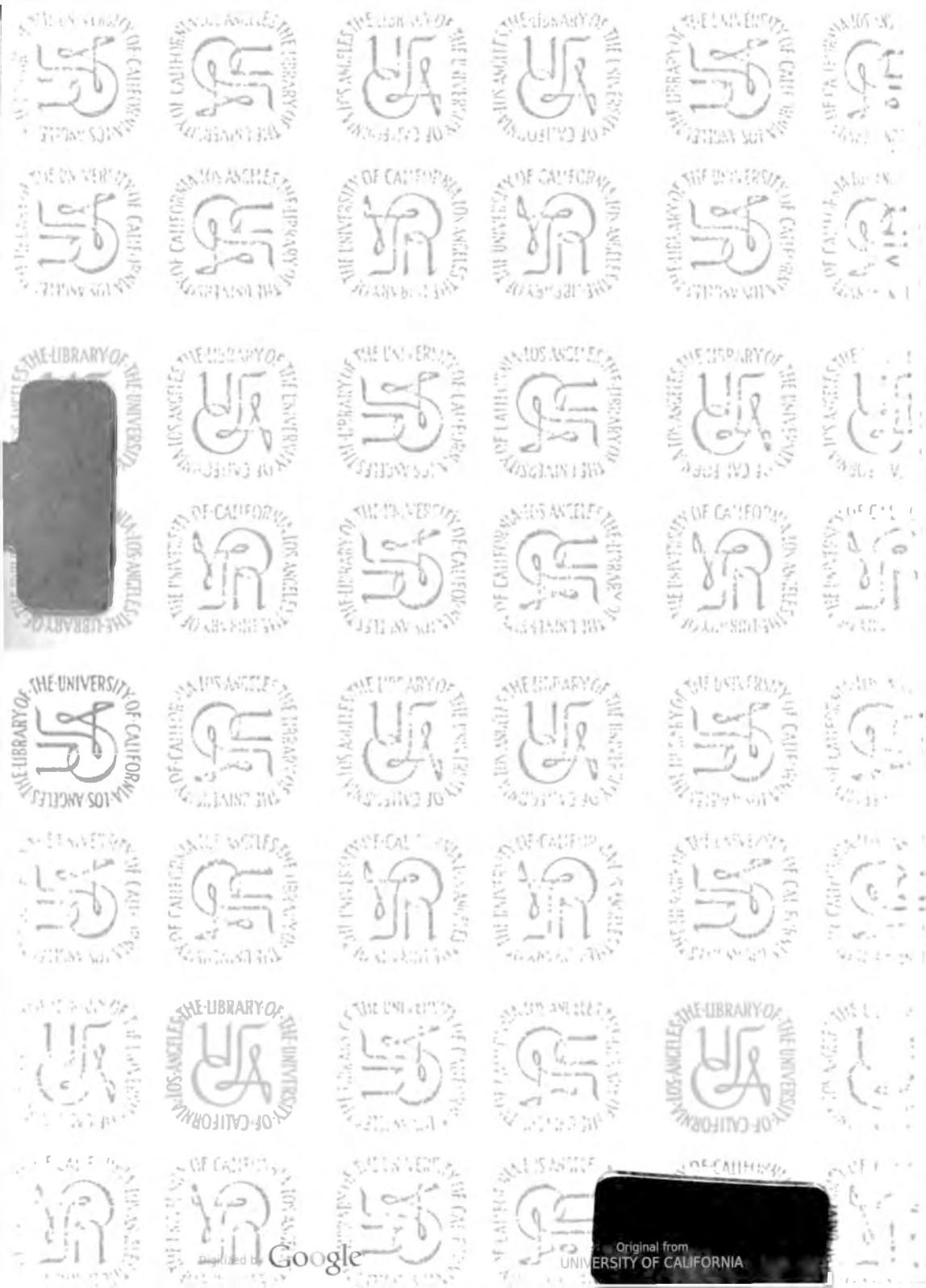


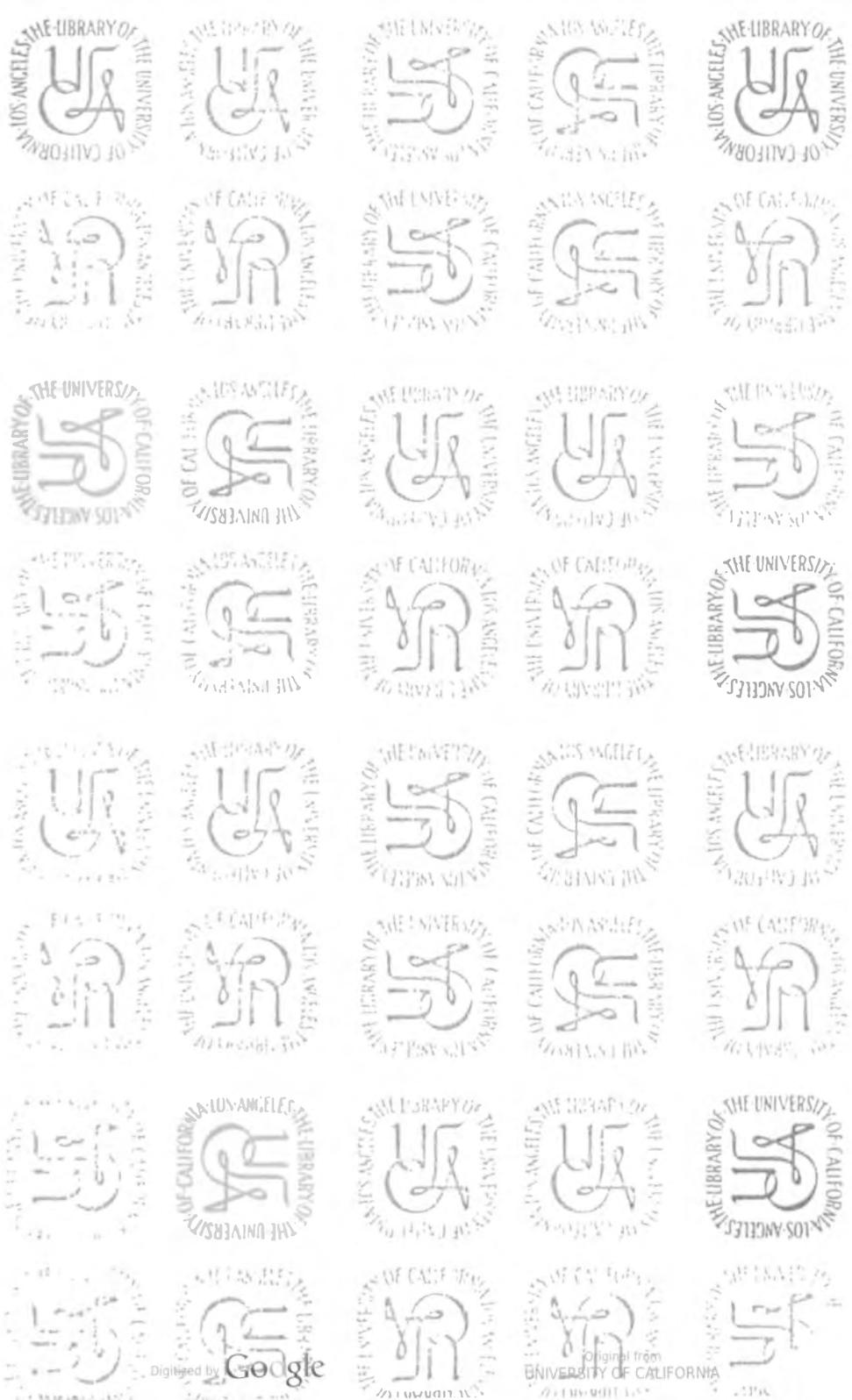
EREIRA DA COSTA

FOLK - LORE  
PERNAMBUCANO

LIVRARIA J. LEITE

Californ  
Regional  
Library







**FRANCISCO AUGUSTO PEREIRA DA COSTA**

# **Folk-Lore Pernambucano**

**RIO DE JANEIRO  
1908**



ER  
133  
BTP41  
100

## INDICE

	Pag.
Superstições populares . . . . .	7
A poesia popular . . . . .	135
Romanceiro . . . . .	295
Cancioneiro . . . . .	429
Pastoris . . . . .	475
Parlendas e brinquedos infantis. . . . .	497
Miscellanea . . . . .	539
Quadras populares . . . . .	583

---



# FOLK-LORE PERNAMBUCANO

---

## Superstições Populares

As superstições e credices populares são, como se sabe, de uma tendencia geral e universal, e o povo brasileiro, originario dos portuguezes, recebeu delles, em grande parte as que possui, porquanto, na esphera do inconsciente, na phrase de Max Nordau, as superstições obedecem a uma lei hereditaria, que é a memoria da especie, um jugo a que não nos podemos esquivar continuando dest'arte a persistir em cada ser particular as idéas dos antepassados, sob a manifestação de recordações frequentemente inconscientes ou obscuras, mas, sempre presentes, e só tendo necessidade de impulso exterior para mostrar em plena claridade, para inundar com seus raios a vida da alma inteira.

A essas superstições e credices que o nosso povo herdou dos seus ancestraes, aliás em geral, sem um certo cunho de originalidade, porquanto, em sua maior parte hauriram-nas de povos ainda mais remotos e de mais afastadas latitudes, por sua vez introduziu elle muitas outras de concepções proprias, que reunidamente avultam, formando um conjuncto complexo, de coloração e aspectos varios.

E' assim, que das superstições herdadas dos portuguezes, muitas já em desuso, e outras ainda em voga, figuram em grande numero as que receberam elles dos romanos, dentre as quaes estão no segundo caso, as pausas nas procissões, a reverencia á mesa, o fechar os olhos e a bocca ao defunto, as festas do carnaval, que vêm das suas saturnaes, os dias aziagos, os espectros nocturnos, as almas dos finados que vêm atormentar

os vivos, e a sina ou o fado em que geralmente acredita o vulgo, *o fatum inevitabile*.

As pausas ou estações das procissões romanas, em pontos determinados, principalmente ante certas capellas, temol-as nós perfeitamente caracterisadas, e particularmente, na procissão do Senhor dos Passos, como se observa, perante as capellas ou passos, equidistantemente dispostos no longo percurso da procissão, perante os quaes o andor estaciona, e pára a marcha procissional, enquanto os cantores, acompanhados á orchestra, executam um cantico sacro e particular a cada estação.

Acompanhando o Brazil a sorte da metropole, que arrastou pelo longo estadio de sessenta annos a perda da sua nacionalidade e das suas liberdades patrias, victimas da dominação hespanhola, indubitavelmente as tendencias castelhanas infiltraram-se no animo popular da nova colonia de além-mar, transmittindo-lhe a sua indole pelo contacto intimo da sua gente confundidamente com a nossa nos cargos publicos, ecclesiasticos e militares, e na massa popular pela soldadesca, marinhos e gente do officio.

Effectivamente, na primeira phase das nossas luctas com o batavo invasor, que exactamente corresponde á ultima da dominação hespanhola, essa confusão accentuou-se ainda mais nitidamente, uma vez que os nossos pernambucanos batalharam contra os hollandezes, tendo por companheiros de armas a hespanhóes e até mesmo a italianos, formando regimentos inteiros; e toda essa gente, certamente, em canções nostalgicas da patria, entoadas ao som da viola nas tendas dos acampamentos, em horas de ocio, ou sob o basto arvoredo aos esplendores da lua tropical, transmittia na intimidade camaradesca com os nossos soldados, todas as suas aventuras e paixões romanescas ao descante dessas multiplas legondas dos trovadores medievaes, e todas as suas crondices e superstições a proposito do mais particular incidente que occorria no deslizar das palestras intimas nessa affectiva convivencia.

Tivemos tambem a dominação batava, com um estadio de vinte e quatro annos, o que, em uma época dada, si bom que de um perpassar ligeiro, houve mesmo, por assim dizer, um certo congraçamento popular de opiniões intimas entre os hol-

landezes e os pernambucanos, do que certamente ficou algo da indole desse povo do Norte da Europa.

A lenda da *Allamôa*, essa fulva e cruel donzella, a fada e o genio máu da ilha presidiaria de Fernando de Noronha, levando o terror por toda parte nas suas correrias nocturnas, lenda vulgarissima ali, e que Gustavo Adolpho recolheu da tradição popular entre os velhos presidiarios, é indubitavelmente uma reminiscencia hollandeza; e nestes versos de uma outra lenda, *O cajueiro da cigana*, tambem recolhida por elle na mesma ilha, accentuadamente transparecem essas mesmas reminiscencias:

Não se sabe o que julgar  
Dessa extranha apparição;  
Mas, affirmam que, um caixão,  
Si se cavar hão de achar;  
Que é ferreo cofre, um thesouro,  
Que contém da Hollanda o ouro.

São antigos cabedaes,  
Que ajuntaram os hollandozes;  
Herança dos portuguezes  
Amontoadas na paz  
E depois de imiga guerra,  
Escondidas sob a terra.

Além desses elementos particulares de fugitivas reminiscencias, quer portuguezas ou hespanholas, quer italianas ou hollandezas, ou ainda mesmo de outros povos da Europa, uma vez que as tropas do batavo invasor eram compostas de aventureiros de nacionalidades diversas; actuam tambem no nosso character e na nossa indole um mixto complexo de crenças e superstições dos nossos indigenas, cujo sentimento religioso se manifestava exclusivamente sob um temor supersticioso, e tão arraigadas ficaram ellas no animo popular, pela sua convivencia intima com os colouos de todas as especies, que ainda hoje, na phrase do Dr. Couto de Magalhães, os deuses dos Tupys vivem em nossos campos, vida tão real como a que lhes davam os aborigenes no tempo em que os seus *Pagés* os adoravam.

Igual influencia exerceram tambem os africanos pela implantação dos seus usos e costumes patrios, de facilissima assimilação pela promiscuidade em que viviam entre nós, e confundidamente mesmo na propria familia.

Dest'arte, não nos podiamos eximir tambem da influencia dos usos e costumes do indio e do africano; e é por isso que as superstições e credices do nosso povo constituem um mixto geral e complexo de todas essas extranhas influencias, reunidamente, e consubstanciadas em um vinculo harmonico e hereditario, mas, de difficilissima discriminação, para precisar ou presumidamente mesmo, fixar-se as suas origens.

E o mesmo se dá com relação á poesia popular, porque, quer nos muitos monumentos originarios dos portuguezes, quer mesmo nos de outros povos distinctos, — nada mais tem da origem senão a indole, o uns pallidos reflexos dos assumptos primitivos.

Pondo de parte, portanto, esses estudos complexos de indagações das fontes originaes, uma vez que simplesmente reunimos sobre o assumpto os dados esparsos, uns tanto conhecidos já, e o resto confusamente mantidos na tradição popular e tendentes a perderem-se, para os legar ao futuro historiafor desse interessante e bellissimo ramo da historia geral da nossa litteratura, passemos em revista o que ainda se pôde colher das passadas credices e superstições populares, reunidamente com as que ainda predominam arraigadas na indole do povo, sem mesmo nos preoccupar com uma tal ou qual classificação a que se possam subordinar todos esses dispersos materiaes, antes que se vão perdendo, um a um, até desaparecerem no seu todo.

\* \* \*

O culto dos astros era de uma tendencia geral entre os povos da antiguidade, e tributando elles adoração ao Sol como um ser supremo, segundo uma intuição da divindade, materialmente, visivelmente manifestada na luz do dia, tinham-no como que o foco da luz divina, supremo bem da natureza, e manifestação brilhante do principio luminoso do Cosmos.

Deus em sanscripto significa — *brilhar*.

Mantendo os nossos aborígenes esse culto tradicional, mas soffrendo modificações concepçionaes, goradas pelo completo ião-lamento em que viviam, que pelo decorrer de tempos dilatadissimos fizera até mesmo apagar-se da propria tradição oral a indicação precisa ou approxima<sup>ta</sup> dos povos de quem provinham; e cedendo elles a esses influxos tradicionaes eram astrolatras convencidamente, e o sol, a lua e as estrellas tinham entre elles reverencias verdadeiramente cultuaes.

Graças, porém, a essas modificações concepçionaes, o sol entre os nossos indios era uma entidade feminina, como tambem era entre os japonezes, e roverenciavam-no como a mãe de todos os viventes que habitam a terra, e a lua, como a mãe de todos os vegetaes que cobrem a superficie terrestre.

Essas duas divindades geraes, diz Couto de Magalhães, a quem attribuiam a criação dos viventes e dos vegetaes, não tinham nomes que exprimissem caracteres sobrenaturaes. As expressões que indicam qualidades abstractas, deviam vir em um perio<sup>lo</sup> muito posterior áquelle em que a civilisação aryana trazida pela raça conquistadora veiu encontrar os selvagens da America.

Não tinham, portanto, termos abstractos para exprimil-os, e chamavam simplesmente ao sol, *Guaracy*, que quer dizer — mãe dos viventes,— e a lua, *Jacy*, — mãe dos vegetaes —. O culto, porém, tributado a *Guaracy*, não era por ter ella sómente creado o homem, mas, sim tambem a todos os viventes da terra.

Entre os egypcios, porém, em que os dois astros tinham os seus predicamentos de deuses de primeira hierarchia, com os seus templos e cultos especiaes, era a lua venerada com o nome de *Isis*, sob a fôrma do crescente, e do mesmo modo o sol, com o nome de *Phré*, ou *Piré*, em honra do qual celebravam solemnes festas nas quatro estações solares; e os japonezes, que adoravam os phenomenos cosmicos, em geral, particularmente tambem reverenciavam a sua *deusa do sol*, com um culto de uma lithurgia pomposa e deslumbrante, e tinham como symbolo ou emblema — da alma da grande deusa da luz celestial — um espelho do metal polido:.

Si entre os povos primitivos, como os Vedas, exemplificadamente, notava-se uma absoluta ligação de dependencia entre o homem e a natureza, nos seus varios aspectos, como o firmamento, o sol, a lua, as estrellas, o raio, as nuvens, emfim — tudo quanto era propicio ou nefasto á vida do selvagem imbellé deante de *seres animados*, de vontade e coherencia nas acções, — comtudo predominava sobre todos um grande sér, o Sol—«que nos illumina, que aquece e fertilisa, e rejuveneco periodicamente todos os seres animados e inanimados, que dá a vida, espanca as trevas da noite tenebrosa, em que as feras ousam impunes e temerosas rondar o abrigo indefeso e precario do selvagem».

Comtudo, apesar desse culto que tinha o sol entre o gentilismo, era um deus ás vezes malfazejo, porque entrava na cabeça dos crentes produzindo dôres tão agudas, que os fazia soffrer horrivelmente. E essa crença chegou até nós porque o povo ainda repete — *que o sol entra na cabeça da gente*,— e tem mesmo umas fórmas sacramentaes para curar o mal, recitando-as por tres vezes, tendo, porém, o doente sobre a cabeça o indispensavel copo meio d'agua coberto com um guardanapo.

A lua, entre os nossos indios, era o logar destinado á morada e deseanso eterno das almas dos seus finados, e o eclipse desse astro, um signal de indignação das mesmas almas causado por algum crime commettido por elles ; e por isso, na permanencia do phenomeno, e emquanto a lua não clareava totalmente, se escondiam e se acautelavam — para não serem offendidos dos bichos ferozes dirigidos por uma dessas almas, que entrava nos corpos desses bichos para, com mordeduras ou estragos, vingarse do praticado delicto.

Tinha a lua entre elles, nas suas duas phases principaes, denominações particulares e cultos differentes, chamando-se á lua nova *Catiti* e á cheia *Cairé*, parecendo assim, como pensa Couto de Magalhães, que os indios consideravam cada phase da lua como um astro distincto. O que não resta duvida é que eram distinctos os seus attributos, e particulares as saudações que lhe dirigiam ao seu apparecimento no espaço, sob essa ou aquella fórma.

Em reverencia a esse culto traziam os indios, pendentés dô peçoço, entre outros objectos ornamentaes, o seu *jacy*, isto é, um

semicirculo de osso alvissimo e polido representando a lua sob essa fórma.

Si como deusa teve a lua um culto especial e fervoroso em tre diferentes povos da antiguidade, civilizados ou não, constituiu tambem attributos de deuses, como hoje se vê o crescente sob os pés da Virgem da Conceição, e ainda como objecto heraldico, como se representa em diversos brazões d'armas particulares, e nas da Turquia, ostentando-se assim no pinaculo dos minaretes e torreões dos templos musulmanos.

Ao crescente sobre que pousa os pés a Virgem Maria, refere-se o nosso Barreto em um bellissimo soneto, em que, dirigindo-se ella a seu filho, diz-lhe :

..... Rainha me fizeste.

Tu firmaste meus pés na argentea lua.

Esse culto tributado aos astros, e muito particularmente á lua pelas predilecções populares, apezar das prohibições da igreja e das severissimas penas da Inquisição, em que incorriam os seus sectarios, não se tinha de todo extinguido entre nós, ainda em começos do seculo XVIII, ao que parece, uma vez que a *Constituição do Arcebispado da Bahia*, promulgada em 1707, prohibe rezar á lua e ás estrellas, — recommendando aos confessores e prégadores que reprehendam semelhante vicio, *para que de todo o modo se extinga este resabio do gentilismo no arcebispado, no qual cada dia entram gentios de varias partes*, — sem duvida referindo-se ás constantes descidas de indios de suas aldeias do interior, a serem convenientemente doutrinados na fé christã.

E', portanto, por todos esses predicados, assellados por um vinculo hereditario, que a lua goza ainda hoje das predilecções populares; e si não tem mais um culto, como teve, entre os povos de afastadas eras, o seu apparecimento, comtudo, inspira ainda uma alegria geral, e ella recebe saudações de homenagem em manifestações poeticas.

Effectivamente, tudo isso são reminiscencias de antigos costumes; correspondendo essas saudações ás manifestações culturais de certos povos, que assistiam-lhe o renascer mensal, açclamando-a, cantando, batendo as mãos, dansando, felizes e fortes por vêr no firmamento o seu astro predilecto.

Entre os nossos índios, ainda em pleno estado primitivo ao tempo da conquista e colonização do paiz, era a lua o *deus soberano da noite*, e adoravam-na de rastos, com as mãos erguidas para o firmamento luminoso.

As manchas da lua, que entre os chins é um signal de luto pela morte da deusa Amida, que desceu do céu por mandado de Deus para povoar o paiz depois de um dilúvio, que deixára a terra deserta, representam entre nós, segundo a crença popular, *São Jorge a cavallo*.

E' ainda vulgarissimo o costume popular da apresentação dos recém-nascidos á lua nova, o que de par com as saudações que lhe são dirigidas em linguagem poetica, constitue vestígios das reverenciaes homenagens que, outr'ora, lhe eram tributadas nessa trilogia astral de cultos, do par com o sol e as estrellas; cultos esses que começaram a decahir com a propagação do christianismo e as prohibições da egreja, iniciadas no seculo VI pelo concilio lucense celebrado em 569.

E', talvez, como pallidos vestígios desse espirito religioso tributado aos astros, que vem esta vulgarissima adivinhação do céu, o sol, a lua e as estrellas:

Campos claros,  
Velho carrancudo,  
Moça formosa,  
Gado miudo.

O povo diz ainda hoje, saudando a lua nova :

Deus vos salve lua nova  
Tão bella e resplandecente !  
Quando tornardos por cá,  
Trazei-mo des a semonte (1).  
Deus vos salve lua nova !  
Quatro cousas eu vos peço :  
Livrai-me do dôr do dente,

Fogo ardente,  
Rua corrente,  
E lingua de má gonte.

---

(1) Apresenta-se-lhe uma moeda qualquer.

As crianças, porém, dirigem-lhe uma saudação ingenua e especial, recitando esta mul conhecida parlenda :

Abenção, dindinha lua,  
 Dai-me pão com farinha  
 Para comer minha gallinha,  
 Que está presa na cozinha.  
 Chô, chô, gallinha,  
 Vai pra tua camarinha.

Os recém-nascidos são apresentados á primeira lua que desponta após o seu nascimento,—para os deixar crear o serem felizes. — Qualquer pessoa pôde fazer essa apresentação, mas, geralmente, incumbe ás proprias mãos o cumprimento desse preceito, recitando esta fórmula traduzida em verso :

Lua, luar,  
 Tomai o meu mal,  
 Me dai vosso bem,  
 E deixai meu filhinho  
 Feliz se criar.

A credence popular indica tambem a lua como tendo uma particular influencia sobre o crescimento dos cabellos, e para semelhante fim dirigem-se-lhe as moças, recitando esta quadrinha ao novilunio:

Abenção, dindinha lua,  
 Deus vos dê boa ventura,  
 E fazei que meus cabellos  
 Cresçam até a cintura.

Si ao partir-se a noz do fructo do coqueiro (*cocus nucifera*), não se encontra o miólo ou amendoa que a reveste interiormente, no seu todo ou apenas uma parte qualquer, foi a lua que comeu ; e o povo chama a esse phenomeno vegetal, *côco comido da lua*.

A lua come tambem o rosto das pessoas que dormem recebendo sobre o mesmo os reflexos da sua luz...

São, porém, de uma expressão bellissima os seguintes proloquios sobre a lua, e indicados mesmo como infalliveis de certos phenomenos meteorologicos e da sua influencia sobre o fluxo e refluxo das marés:

Lua nova trovejada,  
Oito dias é molhada ;  
Si ainda continúa,  
E' molhada toda a lua.

Lua nova de agosto carregou,  
Lua nova de outubro trovejou.

Lua fóra, lua posta,  
Quarto de maré na costa ;  
Lua nova, lua cheia,  
Prea-mar ás quatro e meia.

Lua empinada,  
Maré repontada.

E com relação ao phenomeno physico das trovoadas, repete o povo:

Si a atmospherá  
Está carregada,  
A trovoadá  
Não mette horror.

Antigamente, em tempos em que se não usava ainda dos calculos sobre o horario das marés, formulavam-nos os praticos do porto do Recife, segundo as phases da lua, e com este fundamento tinham como dados infalliveis os versos transcriptos, ainda hoje não raras vezes repetidos.

Sobre a lua encontram-se estes dois proverbios :

Lua de janeiro.  
Amor primeir .

Quando mingua a lua,  
Não comeces cousa algúa.

De um individuo ingenuo, distrahido e abstracto, se diz:— *que anda no mundo da lua*; — a um despreoccupado e sem cogitações sérias, que — *faz versos á lua*; — e a um estouvado ou de máu humor, chama-se-lhe de *aluado*.

*Levar aos cornos da lua*, é uma phrase muito commum aos grandes louvores ou elogios a alguém, bem como *ladrar á lua* ou *um cão ladrando á lua*, ao maldizente apaixonado, invejoso. Emfim, têm o poetico qualificativo de *lua de mel* os primeiros dias do noivado.

Da trilogia astral do culto indigena, culto esse que foi gradualmente arrefecendo á luz da civilisação e da implantação do christianismo, até que de todo desapareceu, do referente ás estrellas, é o de que menos se occupam os elementos historicos sobre o assumpto, consignados nas nossas chronicas.

Na consagração desse culto estrellar, Venus, a *Papa-ceia* das legendas populares, e Mercurio, bem como — todas as estrellas que por sua grandeza ou figura se fazem recommendaveis á vista, — davam os indios diferentes nomes dos que geralmente se serviam para designar a todas as estrellas, reunidamente, e festejavam o apparecimento das *Sete estrellas*, como os Guaycurús, nomeadamente; e esse conhecimento dos astros, com as suas designações proprias, era geral entre os indios do continente sul-americano, uma vez que até mesmo nações remotas, como os Apiacás, de Matto Grosso, que chamavam ao sol, *inkira*, á lua, *iahj*, e ás estrellas, *iahitatá*; e ainda mesmo os que occupavam os seus limites occidentaes, como os peruvianos, que assim o manifestavam chamando ao sol *Inti*, á lua *Quilla*, a Venus, *Charcha*, e ao arco iris, *Cuichú*.

Si nos voltarmos ainda para o extremo norte do paiz, vamos tambem encontrar positivas manifestações do culto estrellar entre a gente que a occupava, e cuja tradição chega mesmo aos nossos dias, em varios contos astronomicos recolhidos por Barbosa Rodrigues, e consignados na sua *Poranduba amazonsense*, em um dos quaes, o de *Epepim*, que se refere á origem da constellação de Orion, ou tres reis magos, por exemplo, Venus tem o nome de *Caiuanon*, e Sirius o de *Itenhd*.

Algumas tribus, porém, mais intimamente nossas, reverenciavam com um culto particular a uma determinada constellação,

na crença de que a sua influencia ostendia-se sobre a fructificação das ervas, a maturação dos seus fructos, e a destruição dos insectos que lhes eram prejudiciaes, influindo ainda sobre a sorte da caça e da pesca. As Pleiades, porém, gozavam de particular predilecção como a constellação *que parecia mais empenhada na prolifcação dos animaes e na produccão dos fructos.*

E' assim que os nossos Tupinambás tinham as suas constellações predilectas e protectoras, regiam-se em varios accidentes da vida pelo curso de seus astros, e como que servindo-lhes de seguros guias, confiavam que ao seu rumo—iriam para a terra pretendida sem perdêr o passo.

Os Tapuias da Serra da Ibiapaba festejavam a elevação das constellações com danças e canticos, porque as reputavam divindades.

A bella constellação de Orion que, por assim dizer, fixa a linha equatorial que passa pelo nosso hemispherio, com o particular caracteristico das tres estrellas que fulguram em sua base, em linha, e equidistantemente dispostas, os *Tres Reis Magos*, ou as *Tres Marias* da poesia e das legendas populares, era conhecida dos nossos indios, e tinha a denominação particular de *Ararapary*, segundo Barbosa Rodrigues, no seu *Vocabulario indigena*.

Ao correr de uma estrellas no espaço, diz o povo,—*que é um espirito errante penitenciando-se dos seus peccados, para depois de purificado entrar no Paraiso*,—e dirige supplicas om sua intenção; e que faz mal apontar a uma estrellas, porque nascem verrugas ou craves nos dedos, acaso como um castigo infligido pelo astro por vêr nisso um acto de desrespeito ás suas divinaes prerogativas.

O que, porém, ainda nos resta, e accentuadamente revela vestigios desse culto estrellar, é a seguinte *Oração para a cura das inguas*, dirigindo-se o doente a uma estrellas qualquer, como que reconhecendo-lhe os poderes de operar miraculosas curas:

Minha estrellas,  
Minha ingua diz:  
Que viva ella,  
E morra vós;

Mas eu digo,  
Que viva vós  
E morra ella.

\* \* \*

O mar, entre os povos do Oriente, de conhecida vida mais remota, tinha predicados divinos, quer constituindo uma entidade distincta, particular, como entre os japonezes, que tributavam um culto fervoroso ao seu *deus mar*, quer fazendo parte de uma trindade de deuses, como entre os assyries, com o nome de Ea, symbolizando a fonte de toda a vida, e o poder creador por excellencia, donde provêm todos os seres.

Os nossos indios, incontestavelmente originarios de povos orientaes, entre os quaes tinha o mar um culto particular pelos seus predicados divinos, tinham já apagadas todas essas noções, uma vez que as nossas chronicas quinhentistas n'ella consignam sobre o assumpto, quando tratam das suas crenças e superstições; entretanto, parece-nos encontrar na tradição popular vestigios dessas crendices.

O mar é sagrado, diz o povo, e o confirma a trova corrente:

Fazem tres dias que erro  
Chorando á beira do mar;  
A's aguas do mar sagrado  
E' a quem me vou queixar.

Além desse predicamento de sagrado, o mar é povoado de duendes que emergem das ondas, fluctuam impavidos, e subitamente desaparecem, e nelle se observam os mais extraordinarios e pavorosos phenomenos; e no cyclo das nossas legendas populares tem tudo isso narrativas proprias, de uma coloração vivaz e ardente, que infundem admiração ou terror nos espiritos credulos e frageis.

Todas essas lendas vêm de épocas remotissimas, e tomaram vulto na Europa, principalmente nos tempos medievaes das aventuras maritimas em busca de novas terras, e eram não somente acceitas pelo vulgo ignorante e supersticioso, como até mesmo pelos espiritos cultos e sabios da época.

O oceano Atlântico, reputado innavegavel, — povoado de monstros capazes de aterrar os mais afoutos homens do mar, — era o *Mar tenebroso*, que tanto horror inspirava aos povos dessa época, e cujas narrativas enchiam a todos de pavor.

E consoantemente com todas essas legendas medievas, cujos lampejos ainda não se extinguiram de todo, descrevendo um poeta nosso, o padre José Gomes da Costa Gadelha, no seu poema *A marujada ou vida marítima*, — de fins do século XVIII, as scenas de uma viagem em que tomou parte como capellão do navio, relata que o capitão, em palestra de bordo, sobre as cousas do mar

Affirma por cousa certa  
E não duvida jurar,  
Que já viu estando alerta  
As nuvens c'o a bocca aberta  
Bebendo as aguas do mar.

O piloto,

Que falára á Mãe da Lua.

E um dos outros sandeus,

... que co'os olhos seus  
Já vira a Madre de Deus  
Falando c'o o Corpo Santo.

Porém, a maior maravilha do mar, é incontestavelmente o mytho da serêa, ou mãe d'agua, metade mulher, metade peixe, que nelle vive e reina como senhora e soberana.

A serêa habita em sumptuosos palacios situados no fundo do mar, de encantadoras e deslumbrantes bellezas, e é de um genio ora bemfazejo, ora malfazejo, e apparece ás vezes deixando perfectamente vêr a parte superior do seu corpo, que é de uma mulher da cintura para cima, de uma belleza prodigiosa e de bastas e douradas madeixas.

Canta divinamente e de um modo a inebriar e enlouquecer os marinheiros; e quando quer perder um navio que atravessa os seus dominios, emerge dos abysmos dos mares, desprende a

sua voz de estranha e encantadora melodia, e atrainhidos e enlavados os navegantes, desprezam o governo do barco, que, entregue ao abandono, sossobra... Esta crença, porém, vem de muito longe, e a mythologia mesmo, refere que Ulysses livrou-se das seducções da serêa, tapando os ouvidos a seus companheiros e mandando-se atar ao mastro da sua náu para não abandonar o seu governo.

O padre Gadelha refere tambem, no seu citado poemeto, o dito de um official de bordo:

Que ouvió da serêa o canto.

Da serêa, segundo a fórma que a mythologia popular a imagina, temos dous bellos exemplares aos lados do portico da igreja de S. Pedro do Recife, esculpidos em pedra.

De par com o mytho da serêa, figura tambem o dos peixes homens e peixes mulheres, e o do *Diabo pellado*, que vivia nas aguas dos rios, segundo a credence dos indios. « São esses monstros marinhos, na phrase do nosso chronista Jaboatão, uns meninos, como de tres para quatro annos, da propria côr dos mesmos gentios, mui disformes de cara pela grossura das feições, e a cabeça pouco povoada de cabellos; e assim mostram em tudo serem especies de homens marinhos ou peixes monstros; mas, é certo que os gentios os temem, o têm entre os seus abusos por espiritos malignos, e devem seguir a opinião de alguns que têm para si, que entre os espiritos vagos a que os hespanhóes chamam *Duendes*, ha alguns corporeos, e assim lhes têm grande medo, e se assombram de morte com a sua vista.»

A credence desses mythos vinha já de tempos affastados, uma vez que o padre Fernão Cardim, escriptor das ultimas decadas do seculo XVI, já os menciona sob os nomes de *Bacapina* ou *Baepapina*, do tamanho natural de meninos, sem nenhuma differença delles, e que apezar de existirem em grande numero, não faziam mal a ninguem.

Do homem marinho, porém, pela primeira vez mencionado por Cardim, com o nome vulgar, entre os indios, de *Ipupiard* ou *Ypupiapra*, accrescentando, que tinham-lhe os mesmos indios tão grande medo, — «que só de cuidarem nelle morrem muitos,

e nenhum que o vê escapa; alguns morreram já, e perguntando-lhes a causa, diziam que tinham visto este monstro. Parecem-se com homens propriamente, de boa estatura, mas, têm os olhos encovados. As fêmeas parecem mulheres, têm cabellos compridos e são formosas: acham-se estes monstros nas barras dos rios doces».

Fr. Vicente do Salvador, historiador dos primeiros annos do seculo XVII, por sua vez escreve: «Ha tambem homens marinhos que já foram vistos sahir fóra de agua após os indios, e nella hão morto a alguns que andavam pescando; mas, não lhes comem mais que os olhos e nariz, por onde se conhece que não foram tubarões, porque tambem ha muitos neste mar, que comem pernas e braços e toda a carne.»

Fala, enfim, o padre Simão de Vasconcellos na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, impressa em 1663, dizendo positivamente: — «Dos peixes homens e peixes mulheres, vi grandes lapas junto ao mar cheias de ossadas dos mortos; e vi suas caveiras, que não tinham mais differença de homem ou mulher, que um buraco no toutiço por onde dizem que respiravam.»

Fernandes Pinheiro, em annotações á segunda edição da referida *Chronica*, impressa em 1864, diz sobre o assumpto:

«Na época em que vivemos, superflua julgamos qualquer refutação da existencia de *peixes homens* e *peixes mulheres*, grosseira parodia da bem conhecida fabula das serças.»

Comtudo, era o mytho do peixe-homem, geralmente conhecido entre os primitivos habitantes do nosso paiz, e parece mesmo que ia muito além das suas raias, uma vez que os indios da Araucania, no Perú, tinham-no como certo.

Esse mytho do homem-peixe, ou do peixe-homem, não constitue, isoladamente, uma crendice propria do indio americano, uma vez que outros povos, de existencia máis remota, conheciam-no tambem, como os chaldeus, nomeadamente, que tinham os seus *Peixes de Ea*, que figuram como um dos signos do seu zodiaco, referente ao mez de Adar, que corresponde ao de fevereiro, e alguns dias de março; signo este, que era representado, segundo o imaginavam, com a frente de homem e a parte posterior de peixe, tão harmonicamente disposto, de fórma a caminhar desembaraçadamente:

Esse mytho em sua especie não era o unico conhecido entre os chaldeus, porque tinham elles tambem o seu *Oxannés*, com— «todo o corpo de um peixe, mas acima de sua cabeça de peixe estava collocada uma segunda cabeça humana, e da sua cauda sahiam os seus pés tambem de fórma humana». — E esse monstro, que appareceu pela primeira vez no anno da criação do mundo, sahindo do mar Erytreu, era dotado de razão, e faltava com os homens.

São esses, na phrase de um orientalista, — os peixes do deus Ea, o Prometheu dos chaldeus, que symbolisava nas cosmogonias, o elemento humano, donde provém tolos os seres organizados sobre a terra, segundo a doutrina dos velhos philosophos gregos.

Virá dahi, como uma cadeia de successão de idéas absurdas, o mytho americano do homem-peixe, que os nossos indios conheciam e affirmavam a sua existencia, visivelmente manifestada ?

Como uma imaginosa e bella assimilação do mytho geral da serêa, era crença entre os nossos aborigenes, correntemente aceita em todas as tribus, que nas aguas dos rios e lagos dominavam genios femininos, a que chamavam *Uyútras*, — dama das aguas, ou mãe d'agua, — cujo canto maviosissimo seduzia os pescadores para os perder ; e ainda é crença dominante entre os pescadores e homens do mar, do norte do Estado, principalmente Itamaracá, o apparecimento em certas noites de uma especie de duende marinho, que emerge das ondas ou surge dos cabeços de pedras submersas, como um facho luminoso e multicôr, prenunciando tempestades e naufragios, a que dão o nome estranho de *João Galafuz*, e dizem que é a alma penada de um caboclo que morreu pagão, acaso conhecido por aquelle nome.

Igual phenomeno, — qual luz de um archote, que ao vento se agita, — apparece na ilha plutonica de Fernando de Noronha, surgindo do Pico, elevado e alcantilado rochedo de fórma conica, isoladamente affrontando as nuvens e a furia dos ventos, e depois de surgir e vaguear no cimo ponteagudo dessa enorme pyramide granítica, desce e se alteia, percorre as fraldas, e atirando-se sobre a superficie azul do oceano, passeia sobre as ondas e não se apaga ; e sobe e desce depois, e nesse val-vem constante, vertiginoso algumas vezes e placido outras, afirma-se,

que é visto em certas noites, ora ostentando-se brilhante, ora desmaiadamente... E em torno desse phenomeno,

Vacillam mil crenças,  
 .....  
 Mil contos se escutam.

Dos fogos fatuos que se observam á noite nòs cemiterios e terrenos paludosos, diz o povo que são almas penadas, ou accesos por espiritos malignos para guardar os corpos dos que lhes cabiram nas garras. Moraes, porém, chama *caipora* a esse phenomeno do lume fatuo, que apparece nas mattas, e accrescenta, como diz o vulgo, — que são almas de caboclos mortos sem baptismo.

Criam tambem os nossos indios, como refere ainda Simão de Vasconcellos, que havia uns espiritos malignos de que tinham grande medo, aos quaes chamavam por varios nomes: *Curupira*, aos espiritos do pensamento; *Macachêra*, aos espiritos dos caminhos; *Jurupary*, ou *Anhangá*, aos espiritos a que chamavam máus, ou propriamente dito o diabo; e *Moraquigana*, aos espiritos ou almas separadas, que denunciavam a morte, e a quem davam tanto credito, que bastava só imaginarem que tinham algum recado desse espirito agoureiro para logo se entregarem á morte, e com effeito morriam sem remedio.

Á estes espiritos faziam certas ceremonias, não como aos deuses, sinão como mensageiros da morte, offerecendo-lhes presentes, e tinham para si que com isso se applicavam e conquistavam mesmo as suas boas graças; emfim, conclue o referido escriptor, tinham os indios grande canalha de feiticeiros, agoureiros e bruxos; aquelles, a quem chamavam *Payés* ou *Carahybas*, com falsas apparencias os enganavam, e estes os embruxavam a cada passo.

Essa entidade phantastica do corupira, creada pela imaginação supersticiosa do indio, é a mesma que apparece com o nome de *caipora*, mais commum e vulgarmente conhecida, e que, como escreve Beaurepaire Rohan, segundo a credence peculiar a cada região do Brazil, é representada, ora como uma mulher unipede que anda aos saltos, ora como uma criança, de cabeça enorme, ora como um caboclinho encantado.

Uma trova popular do Ceará representa a caipóra, habitante da matta, como:

Um medonho *cabquinho*,  
Com um cachimbo no queixo,  
Montado num porco-espinho.

A caipóra habita as florestas ermas, passa o dia inteiro dormindo, e sómente levanta-se para sahir em suas excursões nocturnas.

E' da sua habitação nas florestas que vem o seu nome de *kaapóra* ou *caipóra*, termo da lingua tupy que significa *morador do matto*.

No auto popular do *Bumba, meu boi* figura um menino de caiporinha, com a sua enorme cabeça, convenientemente arranjada com uma urupema de mais de dois palmos de diametro.

Barbosa Rodrigues crê que o mytho indigena do *Coropira, Curupira* ou *Korupira*, é companheiro do *Murikitan*, isto é, veiu da Asia, fixando, portanto, a affluidade de origem dos primitivos habitantes do Brazil com os povos asiaticos, e a esse respeito escreve o seguinte no primeiro volume da sua *Velosia* :

« Na provincia de Pernambuco reaparece o Korupira, como synonymo de Kaapora, e em alguns logares tem um só pé, esse mesmo redondo. Anda a cavallo num veado e por chicote traz um galho de yapecanga. Tem, como sempre, um cão chamado *Papa-mel*. E' então um caboclo pequeno, coberto de cabellos, que dizem ser a personificação da *alma do caboclo papão*.

« Corre em tola a parte, e é o protector da caça, cuja destruição evita, mas nessa provincia, nem sempre torna infeliz aquelles que o encontram. Com isso tem por protector o mesmo Korupira, que surra os cães dos caçadores sovinas e os deixa depois amarrados para morrerem á fome.

« Entre muitos factos passados nessa provincia, com caçadores protegidos pelo Korupira, citarei este : — Um homem costumava levar mingão todas as noites a um Korupira, porém este, encontrando uma vez o mingão com pimenta, que a mulher do caçador tinha posto, deu uma surra no homem e nunca mais o protegeu.

« Em outro lugar também de Pernambuco, o Korupira, por uma excepção, é representado por um pequeno gentio de cocal e fraldão de pennas, armado sempre de arco e flechas. »

Escrevendo o padre José de Anchieta sobre os diversos mythos dos nossos indios, em geral e particularmente referindo-se ao Corupira, diz o seguinte em uma carta sua do anno de 1560 — fazendo a descripção das innumerables cousas naturaes que se encontram na provincia de S. Vicente, hoje S. Paulo:

« Pouco terei de acrescentar a respeito daquellas cousas que costumam assustar os indios com aparições nocturnas, ou antes demonios.

« Coisa mui sabida é, corre pela bocca de todos, que ha certos demonios, que os Brazis chamam Curupira, que muitas vezes atacam os indios nos bosques, açoitam, atormentam e matam. Deste facto são testemunhas alguns de nossos irmãos, que algumas vezes tiveram occasião de ver os assassinados por elles. Por esse motivo os indios costumam deixar pennas de aves, abanicos, flechas e outras cousas como estas, em qualquer parte da estrada que leva ao sertão, atravez de cerradas mattas, ou de alcantiladas serras, quando passam por lá, como uma offerenda, e humildemente imploram ao Corupira que lhes não faça mal.

« Também ha outros, nos rios, aos quaes chamam *Igupiara*, isto é, moradores da agua, os quaes igualmente matam os indios.

«... Ha também outros, principalmente nas praias, que residem á beira-mar, ou ao longo dos rios, e que se chamam *Baêlata*, isto é, coisa de fogo. Aparece de noite com um fogo brilhante, que corre de um para outro lado, ataca rapidamente os indios e mata, como o Corupira. »

Esta ingenua narrativa de Anchieta demonstra, principalmente, que os mythos pernambucanos do Corupira e João Galafuz são geraes em todo o Brazil, que são de origem indiana e remontam-se a épocas longinquas, uma vez que eram conhecidos já em meados do seculo XVI, nos albores da nossa vida colonial.

Consignemos agora os versos populares da legenda pernambucana sobre o nosso Corupira:

De dia não busca a estrada  
O guerreiro Corupira,  
Porque dorme a somno solto  
A' sombra da sucupira.

Mas de noite, quando a lua  
Prateia as aguas da fonte,  
E a fresca brisa sussurra,  
Eil-o que surge do monte.

Montado numa quixada,  
Rompe do bosque a espessura ;  
Da onça não teme as garras,  
Tendo tres palmos de altura !

Da jandaia a verde pluma  
Na frente reluz, ondeia ;  
O arco, as pequenas flechas,  
Garboso nas mãos meneia.

Assim anda, pula e corre  
De noite pelas estradas ;  
E após si em tropel marcha  
Uma vara de quixadas.

O grunhido, o som dos passos,  
O estalar dos rijos dentes,  
Quebranta a mudez da selva  
Acorda os pobres viventes.

Pula aferrado o macaco,  
Verga as folhas das palmeiras ;  
Sai a cotia da toca,  
Foge do matto ás carreiras.

Quando encontra o Corupira  
No caminho um viajante,  
Pára depresa e atrevido  
Oppõe-se a que marche avante.

Irado solta do peito  
 Agudo silvo, estridente ;  
 E logo em volta se ajunta  
 A sua guereira gente.

Os olhos tornam-se brazas ;  
 Põe-se em ordem de batalha ;  
 O quixada amola os dentes  
 Que cortam como navalha.

Ai ! do pobre caminhante,  
 Si o temor o tem tomado ;  
 Porde a fala, fica escravo,  
 Sendo em porco transformado !

Mas, si investe os inimigos  
 E de nada se apavora,  
 De repente, o Corupira  
 Pelo valor se enamora !

Da peleja cede o campo,  
 E repartê o seu thesouro ;  
 Ricas pedras de brilhantes,  
 Rubins, esmeralda e ouro.

\* \* \*

As pedras já falaram e viveram mesmo, como que em aggremações ou sociedades mais ou menos organizadas; e si perderam essas prerogativas, bem como, propriamente, certas faculdades physicas, individuaes, conservam, comtudo, ainda outros predicados iuherentes á vida animal, como os da audição, do riso, do choro e do caminhar, segundo a expressão de vulgarissimos proloquios e locuções populares: — « As pedras têm ouvidos; fazer rir ou chorar as pedras; as pedras se encontram; quando as pedras se encontram quanto mais as creaturas. »

Assim como as arvores, que pensam e choram, na phrase dos poetas, — as penedias têm segredos, e as fontes choram verdadeiras lagrimas.

Consideradas como uma substancia pura e sagrada, entre as nações da antiguidade, levaram os egypcios o seu respeito tributado ás pedras ao ponto de usarem-nas, de preferencia aos metaes, no serviço de embalsamamento das mumias e na cerimonia religiosa da circumcisão.

Como que dotadas de predicados divinos, segundo a cronça de alguns povos da antiguidade, quando ainda a civilização não tinha penetrado até elles, libertando-se da barbaria, tiveram tambem as pedras um culto particular entre esses povos, e tão religiosa e fervorosamente praticado pelo fanatismo dos seus sectarios, que o encontrando o christianismo quando começou a irradiar-se firmando as suas doutrinas, o combateu energicamente, fulminando a sua condemnação, até que a igreja, por fim, decretou formalmente a sua abolição, anathematizando-o repetidamente a partir do concilio d'Arles, no seculo V; mas, para transformar esse culto gentio em culto christão, suavemente, sem abalos e resistencias, conservando comtudo os seus vestigios, instituiu para a veneração hyperdulica as invocações da Senhora da Pedra, da Penha, do Pilar, da Lapa e do Monte, tão communs entre nós como entre todos os povos catholicos.

S. Pedro, o principe dos apostolos, é a pedra angular da igreja catholica, e o seu nome tem mesmo essa propria expressão, — *porque lhe foi dado o posto, comparando-o á pedra que serve de fundamento a um edificio.*

Os marcos milliaris das estradas e os de assignalamento de posses territoriaes, com as suas competentes testemunhas, e os frades de pedra collocados ás esquinas das ruas, já constituiram objectos de um particular respeito e veneração, como reminiscencia do culto do *Phalus*, o orgão da geração, — origem de todas as vidas ao universo, — e cujas imagens, nas épocas das primitivas civilizações, principalmente indiana e grega, se viam esculpidas nos templos, nos campos e nas casas, como symbolos da fecundidade.

O marco divisorio, porém, — que guarda os limites inviolaveis do territorio, — gozou mesmo dos predicados de um deus, sob o nome de *Terminus*, ou *Termo*; e de parceria com Jupiter, que dentre os diversos cognomes com que é designado na mythologia, tem o de *Terminalis*, por se lhe consagrar as demarcações

dos campos, teve um culto especial, celebrando-se em honra de ambos essas festas solennes, de um cunho puramente religioso, que a historia registra com a denominação de *Terminalia*.

A pedra fundamental de um monumento qualquer recebe as bênçãos da igreja, e é solennemente lançada.

É peccado tocar na pedra d'ara do altar, é principalmente as mulheres, como um objecto sagrado, porque importa isso uma profanação, resultando dahi a perda das suas virtudes.

Quando morre alguém que pactuou com o demonio e elle o vem buscar, deixa como vestigios do cadaver uma certa porção de pedras.

Quando troveja caem do céu *pedras de raio*, que se enteram sete varas e levam sete annos para virem á superficie. Essas pedras, porém, são artefactos indigenas fabricados de silex, commummente encontrados em excavações, ou mesmo á superficie da terra, aos quaes, assim pensando o povo, dá-lhes aquella denominação ou ainda a de *pedra de corisco*.

Tributavam os nossos indios grande respeito e veneração aos seus *mounds tumulares*, monticulos de pedras soltas, accumuladas, com os quaes cobriam o sepulchro dos seus mortos illustres. Elias Herkman encontrou alguns desses *mounds* em suas excursões ao interior do Estado, no tempo do governo do Principe de Nassau (1637 — 1644), e comparou-os com alguns monumentos toscos que vira em Drenthe, na Belgica.

Tributavam tambem os indios um culto de verdadeiro respeito e veneração ás pedras em que se viam distinctamente impressas umas pegadas humanas, as quaes, diziam elles, eram de um santo varão que em tempos immemoriaes viera enviado por Deus para instruil-os na sua fé, e que lhes ensinara tão santas doutrinas, que

Ao caminho dos céus todos chamava.

Esse varão foi o apostolo S. Thomé, que veio do Oriente a pé, atravessando os proprios mares. prégar os Evangelhos entre os indios, e aos quaes ensinou a cultura de varias plantas, bem como o fabrico do vinho e da farinha de mandioca.

Era elle um homem branco, barbado e vestido, de idade protracta e aspecto respeitavel. Tinha o nome de *Suné*, e os seus

poderes eram taes, como narra o nosso épico Santa Rita Durão ' em bellissimas estrophes, em face da legenda,

.....

Que ás ondas punha lei, si o mar se irava,  
E de um aceno só domava os ventos :  
Os mattos se lhe abriam, quando entrava,  
E os tigres feros a seus pés attentos  
Pareciam ouvir, como a outra gente,  
Festejando-o co'a cauda brandamente.

As aguas d'ondo quer, em rio ou lago,  
Si as chegava a tocar com pé ligeiro,  
Não pareciam do elemento vago,  
Mas pedra dura, ou solido torreiro :  
Só com chamar seu nome, cessa o estrago  
Si o furacão com horrído chuveiro,  
Quando na nuvem negra se levanta,  
Ou derruba a cabana, ou quebra a planta.

De sua passagem pelo Brazil deixou S. Thomé assignalados vestigios em algumas pegadas, tão claras e tão patentes que

... enxerga-se mui bem sobre os penedos.  
Toda a fórma do pé com planta e dedos.

O apostolo andava acompanhado de um menino, e por isso, ás vezes são essas pegadas, ora do um, ora do outro; e obedecendo nós ao que particularmente nos diz respeito, consignamos a seguinte noticia local, transmittida por Jaboatão, segundo os moldes da legenda :

- « No logar que chamam de Gurjaú de Baixo, pelo rio que o banha, e é fazenda de engenho de fabricar assucar, districto da freguezia de Santo Amaro de Jaboatão, sete leguas distante do Recife para o sertão, em espaçosas lages de pedra, á sua margem, e sobre as quaes corre o rio por largo espaço, e é passagem commum dos seus habitantes, quando, de verão, leva menos corrente, está gravada uma estampa de pé humano, e é o esquerdo, e tão admiravelmente impressa que á maneira de sinete em li-

quida cêra, entrando com violencia pela pedra, fez avultar para fóra as fimbrias da pegada, arreguar a pedra e dividir os dedos, ficando todo o circuito do pé, a modo que se levanta mais alto que a pedra sobre que está impressa a pegada, que representa ser, como de menino de cinco annos, com pouca differença, que nós vimos muitas vezes em outro tempo, e ainda no estado presente (meiados do seculo XVIII) o tornámos a vêr e admirar com maior reflexão da que pedia aquella primisira idade, e era fama do vulgo ser aquella pegada de S. Thomé, ou de um menino que andava em sua companhia, e seria, talvez, o seu anjo da guarda.»

Os nossos indios tinham em grande estimação os seus ornamentos de gala, e muito principalmente as suas *metâras*, isto é, *tembêtas*, pequenos artefactos de pedra com que ornavam o labio inferior, convenientemente perfurado, para os deixar pendentes como exprime o proprio vocábulo, composto das palavras *tembê*, beijo, e *itá*, pedra. Esses ornatos eram de pedras de varias côres, esmeradamente trabalhados e polidos, porém, os de côr verde, fabricados de nefrite, rocha durissima e de uma coloração tão fina e luzente como a esmeralda, muito rara de encontrar-se, e que por isto sómente os grandes principaes de poderosas tribus possuíam esses *tembêtas* verdes, constituíam dest'arte uma joia de familia, de grande estimação e valia, e que passava de geração á geração como preciosissimo legado.

A alta valia do *tembêta* verde era geral no aborigene da America, e particularmente entre os Nahuas ou Aztecas, que tinham as pedras de côr verde como individuações divinas e como symbolos do poder e da nobreza.

Nesse consorcio de apreço e respeito votados ás pedras pelos primitivos povos americanos, notam-se vislumbres do culto que lhes tributavam, e do qual, naturalmente, originou-se a idéa de adornarem-se com pedras, e na vez que — durante o culto geral da pedra foi preferido o silex sobre as demais rochas, pelas suas propriedades phisicas, como arma constante ou como rocha pyromatica, ou pedra de fuzil, — que lhes proporcionava facilmente a extracção do fogo.

Elemento de vida e elemento de defesa, eis ahi consubstanciados os predicados divinos da pedra, na vida selvagem do homem americano.

Quando a gente de caminho dá uma topada em uma pedra, deve dizer:—*Deus te salve*, — porque pôde ser uma alma penada puzgando-se dos seus peccados.

A cura da gaguez consegue-se facilmente, falando-se com umas pedrinhas na bocca, remedio esse que vem de éras muito afastadas, e dos gregos, talvez, porque, como se sabe, foi assim que Demosthenes viu-se livre de semelhante defeito.

São muito vulgares e de expressões obvias as locuções populares: « dar a pedra, sahir com quatro pedras nas mãos, não deixar pedra sobre pedra, coração de pedra dura, pedra da paciencia, pedra de escandalo, pedra de toque, pedra no sapato, pôr uma pedra em cima, e cabeça de pedra » e bem assim os proverbios :

Pedra moveiça não cria lódo.

Quem com muitas pedras bole, alguma lhe cae na cabeça.

Pedrada não traz letreiro.

Atraz dos apedrejados correm as pedras.

O lapidario conhece a pedra.

Entre duas pedras não mettas as mãos.

Consignemos agora os factos historicamente constatados dos tristes episodios da *Santa da Pedra* e do *Reino Encantado da Pedra Bonita*.

\* \* \*

De meiodos para fins de 1819, installou-se na Serra do Rodeador, no Bonito, um fanatico ou explorador de nome Silvestre José dos Santos. Reuniu logo um grande sequito e prégou ao seu povo a resurreição de el-rei D. Sobastião, promettendo-lhe a partilha dos seus grandes thesouros; e para ainda mais impôr-se á gente que o acompanhava, explorou o espirito religioso, celebrando solennidades com um ceremonial particular.

A celebração desses actos tinha lugar em um improvisado templo, um grande mocambo coberto de palhas de catolé, no qual se venerava uma santa denominada da Pedra, que falava, inspirava e dava ordens ao seu escolhido ou enviado, o propheta Silvestre, a quem os fanaticos que o seguiam chamavam de *Mestre Quiou*, isto é, maioral; e todos elles, levados de superstições e chimeras, sonhavam prodigios, faziam revelações e explicavam

os decretos da santa, que a todos promettia fabulosas riquezas quando se dêsse, em proximo tempo, o desencantamento do rei D. Sebastião.

Para o regimen da sua gente, no que dizia respeito ao serviço religioso, organizou o propheta algumas irmandades, cujas cartas patentes cheias de arrieirices eram conferidas mediante uma joia, depois de confessado o recipiendario com a Santa da Pedra; e sendo o mesmo propheta o interprete de taes confissões, impunha as penitencias, e permittia que fossem ellas commutadas em dinheiro, si assim conviesse ao penitente.

Estabeleceu tambem uma certa ordem de distincção entre homens e mulheres, cujas graduações eram conferidas mediante uma joia pecuniaria, incumbindo a esses agraciados, entre outras prescripções, — a fiel observança do maior decoro e silencio possiveis, em quanto durassem as orações e as prédicas.

O ceremonial de admissão dos confrades era especial e de uma solemnidade particular. Não faltavam as orações, e o professando devia conservar-se de joelhos sob uma abobada de aço, em quanto durava a iniciação, o que dá a entender que o propheta tinha um tal ou qual conhecimento da lithurgia maçonica. Finda a cerimonia, dirigia um dos sub-chefes, e algumas vezes o proprio propheta, uma especie de desafio a todo aquelle que ousasse oppôr-se ao estabelecido na ordem.

Do ceremonial desses actos religiosos, de um mascarado christianismo, nada sabemos de particular, a não ser, que terminados os mesmos com canticos e rezas, sabiam os homens e disparavam as suas armas como que para annunciar a terminação das suas praticas espirituaes.

Tomando assustador incremento o nucleo que se formara na Pedra do Rodeador, e promettendo ir muito longe pela constante corrente de novos adeptos, viviam já sobresaltados os moradores das circumvizinhanças e principalmente os do Bonito, que começavam a ser fntados de vez em quando por enviados de Silvestre, em dinheiro, fazendas e gado, mercadorias necessarias á subsistencia da sua gente.

A desobediencia formal de Silvestre a uma intimação do commandante militar do Bonito para dissolver o ajuntamento; e depois, não já simples pedidos de dinheiro e generos aos proprie-

tarios, mas sim intimações sob ameaça do emprego de meios violentos, conseguindo assim o que exigia, tudo isso, emfim, communicado ao governador Luiz do Rêgo, levaram-no a providenciar de modo á extinguir o ajuntamento do Rodeador, cujo local apresentava o aspecto de um nascente e populoso povoado, dividido em arruamentos regulares de casas cobertas de palha.

Effectivamente, pela madrugada de 22 de outubro de 1820, parte do Recife uma divisão sob o commando do marechal Luiz Antonio Salazar Moscoso, e chegando ao Bonito avança logo sobre o nascente arraial e o investe enfurecidamente.

Foi selvagem a carnificina; e depois lançam fogo á povoação, e um grande numero de mulheres e crianças, principalmente, perece nas chammas, e os homens que escaparam á fuzilaria do assalto são passados a fio de espada!

Regressou depois a tropa para o Recife escoltando a mais de quinhentas mulheres e crianças escapas do incendio e do assalto, immundas, maltrapilhas e quasi que em completa nudez; e posta em prisão toda essa gente, regressou depois de solta para as suas localidades, ficando as crianças, que não tinham mães, entregues a familias que as tomaram aos seus cuidados.

\* \* \*

Em começo do anno de 1836, um mameluco de nome João Antonio dos Santos, morador no sitio Pedra Bonita, não muito distante de Villa Bella, mostrava mysteriosamente ao povo duas formosas pedrinhas, muito luzentes, que dizia serem brilhantes finissimos, encontrados nas margens de uma lagôa encantada, que lho fôra revelada por el-rei D. Sebastião, o qual todos os dias o conduzia a certo local mysterioso e mostrava-lhe naquella encantada lagôa duas torres de um templo que surgia, já meio visivel.

Fanatisado pela crença, ainda vulgarissima, do reaparecimento do rei D. Sebastião, começou João Antonio a prégar que estava proxima essa época, discorrendo largamente sobre o assumpto; e com taes embustes conseguiu não só casar-se com uma interessante rapariga que sempre lhe fôra negada por seus paes, como tambem angariar dinheiro em não pequenas quantias, gados e fazendas, com a onerosa clausula de pagamento em

dobro, quando se desencantasse o prodigioso reino; e fascinando a uns com as suas riquezas e a outros com a descoberta de um grande thesouro, e auxiliado nesse seu apostolado por parentes seus, conseguiu reunir immensa turba de adeptos, gente ignorante, fanatica e ambiciosa, que o acompanhava em suas peregrinações até ao Piancó, Cariri, e Riacho do Navio, marginando depois o alto S. Francisco.

Renunciando João Antonio o seu apostolado, graças á intervenção de um missionario, o padre Francisco José Correia, confiou-o, comtudo, a um seu preposto de nome João Ferreira, mameluco como elle, porém, ainda mais astuto, supersticioso e perverso.

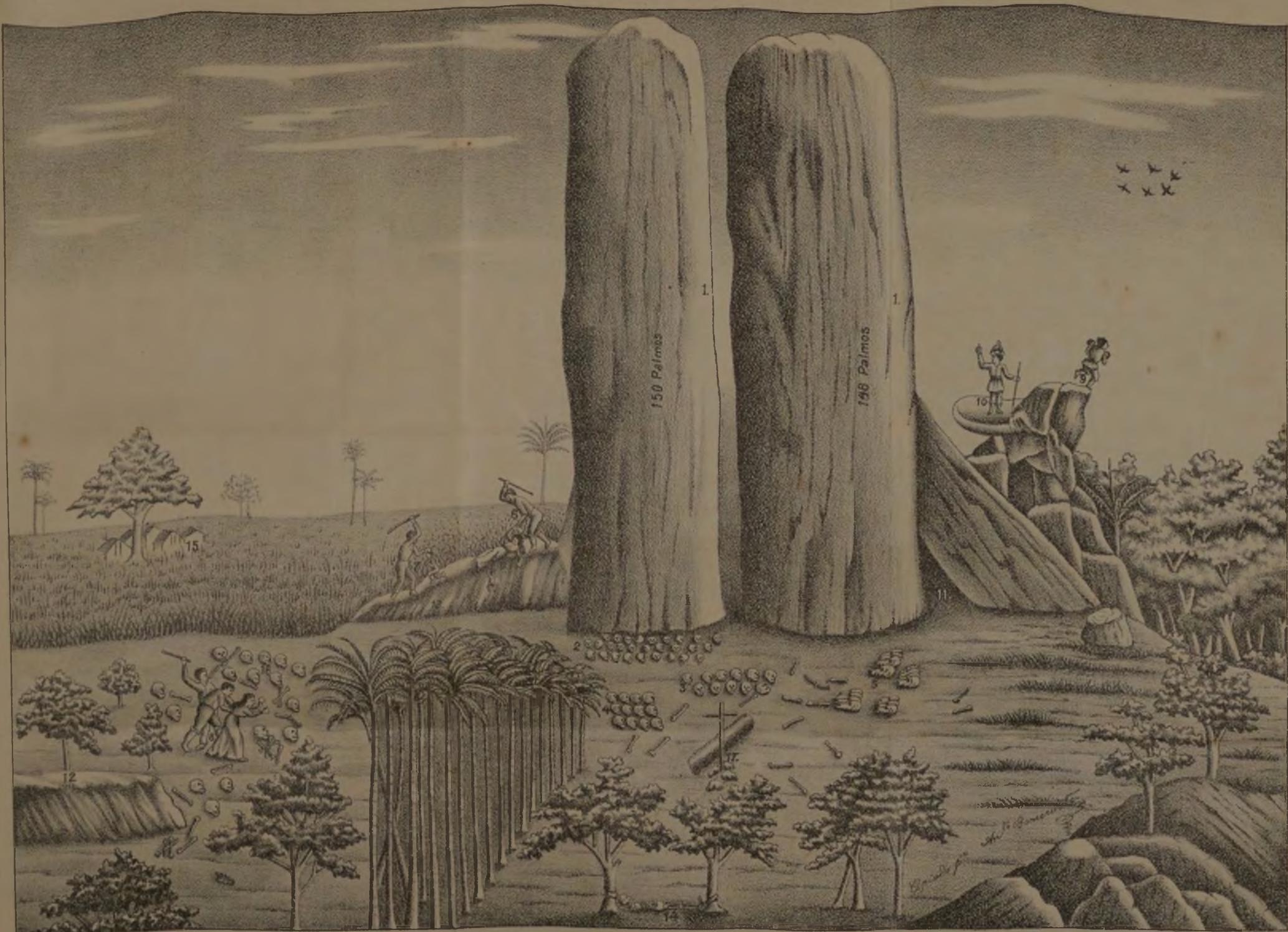
Esses fanaticos tinham como cõrte das suas reuniões o mencionado sitio da Pedra Bonita, chamado hoje Pedra do Reino, cuja denominação se prende ás tristissimas occurrencias que ali se deram, e onde se erguem duas elevadas pyramides de granito cõr de ferro, quasi que unidas, porque é estreitissimo o espaço que as separa.

Esses dois penedos são quasi que de igual altitude, sendo, porém, o mais baixo de grossura superior; e o mais elevado, de meia altura para cima, é coberto por uma especie de chuvisco prateado, — que parece infiltrações de malacacheta, — o que pelo bello aspecto que apresenta, principalmente quando recebe de frente raios solares, brilhando como si fossem de prata polida, recebeu do vulgo a denominação de *Pedra Bonita*.

O estreito espaço que separa as duas pyramides ou penedos, dá entrada por duas aberturas distinctas a um espaçoso corredor muito claro e arejado.

Ao poente de uma das pyramides, nota-se uma pequena sala, meio subterranea, a que os sebastianistas davam o nome de *Santuario*, porque era ali que o fanatico João Ferreira fazia as suas praticas e nas quaes affirmava sempre: — que resuscitariam gloriosamente com el-rei D. Sebastião todas as victimas que lhe fossem offerecidas, — e onde se recolhiam as noivas depois do casamento celebrado por um sacerdote da seita, conhecido por frei Simão.

Exteriormente nota-se uma especie de terraço pensil, que tinha o nome de throno ou pulpito, onde o rei João pregava ao



Aspecto da Pedra Bonita ou Reino Encantado, na comarca de Villa Bella provincia de Pernambuco e das scenas que n'elle tiveram lugar

Explicação da estampa da Pedra Bonita ou Reino Encantado, na comarca de Villa Bella, em Pernambuco

1. Estas duas pyramides de granito deram denominação ao reino e tem 148 a 150 palmos de altura, cada uma.
2. Estado em que foram encontradas 28 creanças immoladas pelo fanatismo da seita, afim de se apressar a restauração do reino de D. Sebastião
3. Grupo de 11 mulheres sacrificadas igualmente para o mesmo fim.
4. Grupo de 12 homens igualmente sacrificados para o mesmo fim.
5. Grupo de 14 cães igualmente sacrificados para o mesmo fim.
6. Isabel levada forçosamente ao sacrificio em estado de embriaguez para (no dizer do rei) não soffrer duas dores, dá á luz no acto de receber o golpe
7. José Vieira descarregando o golpe sobre seu filho, faz voar o braço deste, que de mãos postas lhe bradava «Meu pai, você não dizia que me queria tanto bem?»
8. Carlos Vieira e José Vieira perseguindo e trazendo de novo ao sacrificio uma donzella que delles se escapara depois de ferida.
9. João Pilé, para ter melhor quinhão no reino, precipita-se, com dous netos nos braços, de uma altura maior de 50 palmos.
10. Especie de bacia ou terraço pensil, onde o rei João Ferreira quotidianamente prégava aos seus sectarios.

11. Pequena casa de pedra de que se serviam como uma especie de cenaculo onde se banqueteavam nos dias festivos.
12. Grande subterraneo formado por baixo de uma só pedra, que a seita denominava Casa Santa por ser o logar em que bebiam jurema e effectuavam os casamentos do reino.
13. Pequena rampa de pedra denominada dos sacrificios ou da matança.
14. Estado em que foi encontrado o cadaver do rei João Ferreira, victima de sua propria doutrina e da argucia de Pedro Antonio, terceiro e ultimo rei.
15. Logar em que se travou o combate entre as forças legaes commandadas pelo commissario Manoel Pereira da Silva, e os sebastianistas commandados por Pedro Antonio, ultimo rei
16. Grupo dos sectarios dos reis fallecidos no combate, que tiveram com a força publica em 18 de maio de 1838.
17. Sepultura onde dous mezes depois, em acto de missão, o padre Francisco Corrêa e o povo recolheram a ossada, que jazia no campo, excepto a do rei João Ferreira.



ar livre; e mais além vê-se uma pequena rampa onde tinha lugar o sacrificio das victimas, e por isso chamado Pedra dos Sacrificios, ou da matança.

A pouca distancia das pyramides, em fim, vê-se um penédo colossal, em cuja base se nota um grande subterraneo consideravelmente augmentado por uma profunda excavação que fizeram os sebastianistas, em cujo recinto, a que se impoz o nome de *Casa Santa*, e onde se podiam reunir umas duzentas pessoas, ministrava o chefe uma certa bebida aos seus adeptos, com o fim de os embriagar e atiral-os assim inconscientes, aos cruentos sacrificios que celebravam esses fanaticos, com o fim de operar-se o prodigioso desencantamento do reino! Esse nectar chamado *vinho encantado*, era composto de jurema e manacá, tinha ao mesmo tempo as propriedades do alcool e do opio, e era muito usado pelos indios em seus festins, bem como pelos curandeiros de feitiços e mordedura de cobras.

O rei tinha o tratamento de *santidade*, e todos lhe boijavam os pés.

Em suas prégações usava elle de uma corôa tecida de cipós de japecanga, ora falando ou cantando, e saltando muito alegre; e quando terminava as suas prédicas, prorompia o povo em vivas a el-rei D. Sebastião, cabriqlando e batendo palmas.

A polygamia era permittida, e o proprio rei João Ferreira chegou a ter sete mulheres, que tinham fóros de rainha; porém, uma destas, irmã do primeiro rei João Antonio, não podendo supportar sem queixas o escandaloso concubinato de seu pretenso esposo, cahiu um dia victima dos seus perversos instinctos com o corpo crivado por setenta e tantas facadas!

O casamento, festivamente celebrado por Frei Simão, um ignorante impostor de nome Manoel Vieira, investido da dignidade de summo sacerdote da seita, tinha um ceremonial por demais ligeiro e simples.

Presentes os noivos, testemunhas e espectadores, comparecia *sua santidade el-rei*, que era recebido com honorificas demonstrações de respeito, e o intitulado Frei Simão começava a cerimonia, proferindo certas palavras cabalisticas que terminavam com a phrase: — *Eu vos caso pelos poderes que Deus me deu*, — mandando em seguida que a noiva osculasse os labios do noivo.

Em seguida o rei dava o braço á noiva, servia-se o vinho *encantado*, ao som de toques, canticos e palmas, e dissolvia-se a reunião, mas, ficando o rei na *casa santa* com a noiva *para dispensal-a*, e no outro dia a restituia ao seu esposo convenientemente dispensada...

As suas praticas religiosas constavam apenas dos canticos de bomditos e rezas diversas.

Comia-se pouco, e era prohibido lavar os pannos e roupas antes de desencantar-se o reino; e todos os dias *expediam-se* bandos de gente para arrebanhar homens, mulheres, meninos e cães para os sacrificios, e outros á *razzia* nas circumvizinhanças, regressando providos de gado, cereaes e mantimentos diversos destinados ao consumo da população; e nessas excursões os suspeitos eram acompanhados de duas ou tres pessoas de confiança.

Foi na bella e aprazível paragem da Pedra Bonita, portanto, que se firmou a reunião desses novos sebastianistas, e nos subterraneos dos seus rochedos, o templo dos seus falsos sacerdotes e o solio real dessa imaginaria e caricata monarchia.

O escriptor de uma interessante monographia sobre o facto, e a quem seguimos *pari-passu* nesta narrativa, conclúe com as seguintes palavras a minuciosa descripção que faz da localidade, para cujo fim foi propositalmente visital-a :

« O rebulício que produz o vento sobre a folhagem dos catolezeiros, que, quaes espectros mudos, ou selvagens semi-nús, se approximam em grupos da maior das duas pyramides, como si o quizessem combater ou derrubar; o constante cantarolar dos *vitantes*, que pretendem assim desterrar os innumerados *cardumes* de phantasmas de que têm povoada a propria imaginação, de dentro das fendas e cavidades dos rochedos, em que vão penetrando em busca de alguma curiosa antiqualha; e a invencível disposição do espirito para acorrentar-se ao passado, exhumar, e fazer passar por deante até o ultimo dos personagens daquellas scenas malditas; tudo isto torna esses logares tão sinistramente pavorosos que basta a queda de um fructo, ou a carreira inesperada de um animal, que nos evita, para produzir um choque extraordinario, sobretudo nas pessoas de organização nervosa e de alma um tanto impressionavel .»

\* \* \*

Prégavam estes fanaticos sebastianistas, que, para verificar-se o almejado desencantamento do reino, era necessario regar-se as pedras e os campos circumvizinhos com o sangue de velhos, moços e crianças, e até mesmo de animaes ; que tudo isto não só era necessario para mais approximar o termo da prodigiosa appareição do rei D. Sebastião, como tambem seus thesouros, o que efa de summa vantagem áquelles que se submettessem a esse heroico sacrificio, pois os velhos resuscitariam moços, os pretos alvos como a lua, e todos ricos, immortaes e poderosos !

E assim entregavam-se ao sacrificio, intrepidos, voluntariamente.

Os proprios paes conduziam os filhos á matança, e moços e velhos, todos corriam pressurosos e dominados do mais ardente fanatismo para o sacrificio, pagando assim com a propria vida o seu tributo de sangue com a esperanza de vêr quebrar-se esse cruel encantamento e auferirem as promettidas recompensas. São indescrptiveis e horripilantes as scenas de sangue e de carnagem, o desespero dos sacrificios e o heroico fanatismo de semelhantes entes... Cegos, allucinadõs, levados do interesse por fementidas promessas de vis impostores, que abusavam da sua ignorancia e ingenuidade, firmes na crença de que um dia, a brevemente despontar, recuperariam a vida completamente transformados, ricos e poderosos, tudo arrostavam, tudo sacrificavam !

No dia 14 de maio de 1838, como narra um dos muitos illudidos pelos agentes desses fanaticos, que fugira horrorizado das scenas que presenciara, declarou o rei depois de dar bastante vinho á toda sua gente :— *que D. Sebastião estava muito desgostoso e triste do seu povo.*

— *E porque ?* — perguntaram todos muito afflictos e chorosos...

— *Porque são incredulos !* respondeu elle, e repetia as suas phrases uma voz lamentosa, que parecia vir de longe... — *Porque são fracos ! porque são falsos ! e finalmente, porque o perseguem,*

*não regando o campo encantado e não lavando as duas torres da catedral do seu reino com o sangue necessário para quebrar de uma vez este cruel encantamento!...*

O que depois disto se seguiu foi horrível !

O velho Juca, continúo o sebastianista, foi o primeiro que correu, abraçou-se com as pedras e entregou o pescoço a Carlos Vieira, que o cortou corça, pois já lá estava com um facão afiado.

Depois, as mulheres e os homens iam agarrando os filhos que estavam alli, ou iam buscal-os fóra, e vinham entregal-os ao mesmo Carlos Vieira, a José Vieira e a outros, que lhes cortavam os pescoços, ou quebravam-lhes as cabeças nas mesmas pedras, que untavam de sangue.

No auge dessa embriaguez e desvairamento, um fanatico, para dar arrhas da sua fé e conquistar o melhor quinhão do reino, sobe ao cumo de um rochedo e precipita-se com dois netos nos braços ; mas, o instinto de conservação acórdando-lhe os sentimentos obliterados pela loucura, obriga-o a salvar-se, si bem que muito contuso, agarrando-se aos ramos de um robusto catozeiro, que encontrara no meio da queda, perdendo contudo os dois netinhos.

Um outro, pega em um filho de dez annos de idade, colloca-o na pedra dos sacrificios e decepa-lhe o braço ao primeiro golpe, surdo á voz da propria natureza e ás supplicas da pobre victima, que ajoelhada e de mãos postas bradava-lhe :— *Meu pae, você não me dizia que queria tanto bem ?*

Uma viuva, alimentando a louca pretensão de ser rainha, immola por si mesma a dois filhos seus menores, e fica em desesperação ao vêr que lhe escaparam, fugindo, os dois mais velhos.

Uma irmã de João Antonio, o primeiro rei, é designada ao sacrificio pelo seu successor, que respondia ás supplicas e allegações do gravidez da pobre victima, gritando para os sacrificadores:— *Immolai-a mesmo assim para que não soffra duas dôres, a do parto e a do encantamento!* — E tão adeantado era o estado interessante da infeliz mulher, que momentos depois de receber o golpe fatal, rolava a criança pela rampa e estendia-se no chão !

Uma outra mulher, ainda moça e donzella, chegada com seus paes naquello mesmo dia, é designada para o sacrificio; e tendo conseguido escapar-se emquanto se praticava a execução da precedente, foi perseguida pelos sanguisedentos fanaticos e, de novo conduzida ao matadouro, recebeu a morte.

Dest'arte, durante tres dias de matança, conseguira o ex-cravel rei banhar a base das duas pyramides e inundar os terrenos adjacentes com o sangue de 30 crianças, 12 homens, entre os quaes figurava seu proprio pae, o 11 mulheres, cujos cadaveres, excluindo o da infeliz donzella, que por correr do martyrio, foi considerado indigno de omparelhar-se com os demais, e bem assim os de 14 cães, foram collocados junto ás pedras e em grupos symetricos, segundo o sexo, idade e qualidade das victimas.

Observe-se, porém, que além do fanatismo religioso transparecia tambem, entre esses visionarios, um como que pensamento socialista, porque o sacrificio dos cães era porque — no dia do grande evento levantar-se-iam elles como valentes e indomitos dragões para devorarem os proprietarios...

Insensatos! Aquelles que pretendiam a destruição do proprietario pelos seus dragões não reflectiam que seriam elles mesmos as victimas, porque, si luctavam obstinadamente, o faziam para resurgir *fortes, ricos e poderosos!*

Quando o monstro se dispunha a proseguir ainda no sacrificio de novas victimas, na manhã de 17 de maio, indignado o mameluco Pedro Antonio com a desconsideração que soffrera do rei, immolando a duas irmãs suas; e julgando-se com melhor direito á suprema investidura real, por ser irmão de João Antonio dos Santos, o primeiro rei e instituidor da seita, antecipava-se em subir ao throno e tropeja á turba reunida, annunciando-lhe: — « Que D. Sebastião, cercado de sua córte, lhe apparecera na noite antecedente, e reclamara a presença do rei, unica victima que faltava para verificar-se o seu desencantamento. »

E um grito unisono dos fanaticos retumba na amplidão: — « *Viva el-rei D. Sebastião! Viva o nosso irmão Pedro Antonio!* »

O rei deposto, porém, que não soube dominar aquelle lance de audacia do seu emulo, acovarda-se miseravelmente, e vendo os fanaticos que tremia elle tanto, a ponto de não poder suster-se

de pé, prorompem indignados aos gritos:— « Ao sacrificio, Carlos Vieira ! Ao sacrificio, José Vieira ! antes que elle se torne indigno como aquella tola rapariga ! Andai, pois. Elle se amofina ! »

Pedro Antonio é aclamado rei, e immediatamente arrastado ao sacrificio o deposto monstro, esmigalham-lhe o craneo e arrancam-lhe as entranhas ; e conduzido o cadaver para fóra do campo, deixam-no amarrado de pés e mãos em duas grossas arvores, entregue á voracidade das feras.

Resolvendo o novo rei abandonar aquelles sitios, foi acampar com o seu povo um pouco distante, no pé de uma floresta de umbuzeiros, onde devia esperar-se o apparecimento de D. Sebastião e a restauração do reino da Pedra Bonita, cuja grande cidade, assento de sua côrte, surgiria daquella formosa lagôa, distante meia legua, segundo a palavra dos seus prophetas.

Reveladas todas essas tristissimas occurrencias ao commissario de policia da localidade, o major Manoel Pereira da Silva, pelo fugitivo sebastianista, resolveu aquella autoridade immediatamente reunir uma força de guardas nacionaes e paisanos e marchar para dispersar o ajuntamento ; força essa, que apezar de engrossada em caminho, apenas attingia a uns quarenta cavalleiros, todos dispostos, bem armados e municidados.

Em marcha accelerada e sob a guia daquelle fugitivo sebastianista, venceu a caravana o caminho da viagem, e chegando á floresta dos umbuzeiros para descansar e preparar-se para investir os fanaticos na Pedra Bonita, onde contava que ainda estivessem, um grupo de cavalleiros que se adeantara um pouco, dá de frente com Pedro Antonio, com uma grande corôa de cipós na cabeça, semi-nú e acompanhado de um numeroso sequito de homens, mulheres e crianças, tambem semi-nús, e armados de facões e cacetes.

— *Não os tememos !... Acudam-nos as tropas do nosso reino !... Viva el-rei D. Sebastião !...* grita furioso Pedro Antonio, agitando no ar a sua corôa e arremessando-se com toda a sua gente sobre o grupo de cavalleiros, já então reunidos aos seus companheiros, e trava-se uma lucta tremenda, renhidissima, corpo a corpo e desigual, uma vez que os fanaticos eram em numero muito superior ; e desejosos do martyrio, com a idéa fixa de

uma immediata ressurreição, combatiam arrojada e valentemente, entoando as mulheres e crianças os canticos da ladainha e outras rezas, batendo palmas ou brandindo espetos e cacetes, e entrando mesmo na liça em auxilio dos seus, ouvindo-se em geral, como que um grito de guerra :— *E' tempo. E' chegado o tempo. Chegou o tempo. Viva! viva! viva!*

Os intrepidos cavalleiros, porém, não recuam, e ainda que em numero inferior, e sem dar-se mesmo tempo para usarem das suas armas de fogo, pois que bem poucos puderam mais de uma vez servir-se das suas espingardas, comtudo, combatem valentemente; e depois de uma hora de lueta caem venoidos os sebastianistas, deixando sobre o campo da acção 17 cadaveres, entre os quaes o do rei Pedro Antonio, perdendo os atacantes 5 de seus companheiros. De ambos os lados ficaram muitos feridos, entre os quaes o major commissario cuja vida muito perigou.

Um troço de fugitivos fanaticos é batido por uma força que chegara commandada pelo capitão Simplicio Pereira da Silva, e perecem na refrega mais oito de seus companheiros; e proseguindo aquelle capitão no encalço dos demais até as serras do Piancó, extermina-os em actos de resistencia. No numero destes figura o celebre Frei Simão, que morreu perto da fazenda Lagoinha, escapando apenas o fanatico João Pilé, aquelle que se atirara do alto de um rochedo com dois netos nos braços, e que homiziando-se no Cariri, morreu tempos depois, tranquillamente.

Não foi pequeno o numero de prisioneiros que cahiram ás mãos dos assaltantes, entre os quaes avultavam mulheres e crianças; e teriam mesmo sido todos elles immediatamente trucidados, si a isso não se oppozesse o commissario de policia, que difficilmente conseguiu dominar a geral indignação da sua gente.

Conduzidos os cadaveres das cinco victimas que cahiram no combate contra os sebastianistas, tiveram condigna sepultura na igreja da Serra Talhada; e regressando o commissario para a sua fazenda de Belém, com os prisioneiros, logo que ali chegou os enviou ao prefeito da comarca de Flores, com uma circumstanciada communicação official acerca do occorrido. Entregues os delinquentes á acção da justiça, deu-se liberdade ás mulheres, e

as crianças foram confiadas a famílias honestas para incumbirem-se da sua educação.

Entre os primeiros figurava o pae do rei João Antonio, Gonçalo José dos Santos, que condemnado pelo Jury de Flores, acabou os seus dias na grilheta, no presidio de Fernando de Noronha. Seu filho, porém, não foi menos infeliz. Descoberto o seu homizio, em Minas Geraes, a policia foi arrancal-o de lá e temendo os seus conductores cahirem victimas de algum ardid seu, resolveram matar a esse perverso impostor, cujas doutrinas tantas desgraças originaram.

Dois mezes depois dessas occurrencias, foi á Pedra Bonita o missionario padre Francisco José Correia, e reunindo as ossadas das victimas sacrificadas para o desencantamento do reino de D. Sebastião, assim reduzidas em tão breve tempo pela rapacidade dos animaes e aves carnivoras, sepultou-as em uma grande cova, sobre a qual levantou um elevado cruceiro de madeira.

\* \* \*

Como vestigios dos tempos genosiacos em que os animaes falavam e viviam em sociedades constituídas, com os seus reis e côrtes especiaes, como se observa nos cantos populares que lhes dizem particularmente respeito, é de muito interesse o que se colhe no exame de credidos e superstições que em linguagem propria diz o povo com relação aos animaes, quer nos seus ditos e proloquios, quer em face de vulgarissimas legendas.

Em um estudo todo local, é obvio, que não nos é dado descer a pormenores sobre um assumpto de tão complexa natureza, cumprindo-nos mencionar apenas, abordando ao assumpto, o facto da deificação que teve, entre outros animaes, o crocodilo, pelos reflexos do culto votado a esse reptil, manifestados no nosso meio social.

O culto religioso dedicado ao jacaré, de uma consagração geral não só no Egypto como entre os demais povos das regiões africanas, e que se estendia até mesmo ás tribus selvagens, teve o seu logar entre nós, si bem que somente praticado pelos escravos de procedencias diversas daquelle continente, e cujos vestigios ainda hoje se manifestam nos maracatús exhibidos pelo

Carnaval, em que figura, de par com um fetiche primorosamente ataviado, *um jacaré empilhado*; e em outros tempos, via-se igualmente *uma* serpente estampada nos seus estandartes, e figuradamente, *um* elephante a caminhar, cheio de adornos e cercado de *um* particular respeito, importando esta exhibição *uma* symbolica representação do culto religioso que tambem lhes votavam os africanos.

Em observancia, portanto, ao nosso particular objectivo, circumscripto em limitados moldos, passemos em revista o que é peculiarmente nosso, entrando des-assombradamente por *esse mare magnum* de abusões, servindo-nos em suas explanações da propria phraseologia popular em toda a sua nitidez, para firmar *uma* positiva accentuação de feição particular de semelhantes preconceitos, aliás de um character geral, mais implantados entre nós por heranças de vetustissimos legados, originariamente de fontes differentes, porém, de *uma* consubstanciação tão intima na indole do povo, que será difficil, sinão impossivel mesmo, desviar-o dessas suas crenças.

E' de máu agouro o passar de *um* bezouro zumbindo pelos ouvidos da gente, e por isso geralmente exclama o mulherio superstitioso *umas* phrases deste jaez: — *Credo! Vai-te para quem te mandou: dise que não me achaste: eu te arrenego; abrenuncio: cade retro; cruz, canholo...*

São tambem de máu agouro o canto tristonho e lugubre de *uma* coruja, desferido ao cahir da tarde, ou o seu simples pousar sobre o telhado de *uma* casa; as borboletas pretas, as formigas de azas, o morcego e o beija-flor, quando nos invadem a casa, bem como o anum, quando vem sentar-se nos arvoredos vizinhos das casas habitadas; a alma de gato, quando anda solitaria e o jacamim, exhalando seus sentidos queixumes num lamentar triste, atorrador.

Quando *um* cão cava á porta, ou quintal de *uma* casa, é signal certo de que *alguma* sepultura se tem de abrir; e o amiuado berrar de *uma* vacca, o uivo do cão e a pousada de *um* urubú no telhado das habitações, ou repetidamente passando em torno das mesmas, com os seus vôos altivos e circulantes, são evidentes prenuncios de morte; mas a *esperança*, *uma* especie de gafanhoto verde, quando entra em casa ou pousa sobre *uma*

pessoa, inspira alegria e confiança, como mensageira de felicidades, esperança de venturas.

O canto alegre do rouxinol e do bem-te-vi nas proximidades das habitações, indicam visita ou chegada próxima de uma pessoa ausente e estimada, bem como o do pitiguari, que parece distinctamente dizer na expressão do seu cantar: — *Olha para o caminho, quem vem...*

O burro é um animal abençoado, porque foi numa burrinha que Nossa Senhora fugiu para o Egypto. O boi e o carneiro são também abençoados, mas a gallinha tem os pés excommungados, porque espalhava as palhinhas que aquelles animaes reuniam no seu estabulo para o arranjo do leito do recém-nascido Messias.

O pato e o perú são também excommungados, porque, na phrase de uma curiosa legenda, geralmente narrada por mulheres no seu contar de histórias, quando o gallo com o seu canto annunciava o nascimento do Messias, dizendo, — *Christo nasceu*: e o cordeiro respondia, — *em Belem*, retorquia o pato — *Cabeça fóra*, e o perú com a sua arrogante fatuidade, de plumagem eriçada e azas arrastando, acudia immediatamente — *Logo, logo, logo!*...

E' consoante com esta legenda que se canta nos nossos pastoris uma jornada que começa:

Meia noite! canta o gallo,  
Dizendo — *Christo nasceu!*  
Cantam os anjos nas alturas:  
— *Gloria in excelsis Deo!*

O gato é um animal estimadissimo, e quasi que se pode affirmar, que não ha casa onde não haja um, pelo menos.

Toda essa predilecção votada a esse felino é acaso um fugitivo vestigio do culto que já teve o gato entre certos povos, como um animal sagrado.

Effectivamente, o gato de Heliopolis, como narra Oliveira Martins, é o animal sagrado de Best, onde tinha como santuario um bosque erguido num comoro, ao centro da cidade, cujos crentes traziam, como talismans que afugentavam os máus espiritos, cabeças de gatos pendentes do pescoço. Os gatos comiam

Pitiguari

pão, leite e peixe pescado no Nilo. Cada casa tinha o seu gato como penates, e quando morria, a família rapava os sobrolhos em signal de sentimento, e enterrava-os ritualmente.

O gato é um animal forte, resiste á fome por muitos dias, e cahindo de uma altura ainda mesmo consideravel, nada soffre porque tem *sete foldejos*.

O gato, porém, é geralmente ladrão, furta com uma ligeireza e pericia admiraveis, e manifesta nestes versos os seus desejos para o bom exito das suas excursões:

Uma casa de porta aberta,  
Uma mulher descuidada,  
E uma panella descoberta.

Quem mata um gato tem sete annos de atrazo em sua vida, e o gato preto dá felicidade á casa que-o possui, apesar mesmo do demonio algumas vezes apparecer assim metamorphosado.

O gato, porém, não é amigo de ninguem, e apenas cria alleições á casa em que vive; e dahi tornar para ella quando seus donos mudam de residencia ou fazem-no presente a alguem. Comtudo, para prevenir a sua volta conduzem-no dentro de um sacco, e deita-se-lhe azeite ás narinas *para perder o furo do caminho*, e não fugir.

Quem pisa o rabo de um gato não casa no anno que isto occorre.

Uma curiosa historia de gato, narrada pelo nosso chronista Jaboatão:

«Chegando a um dos nossos conventos da ordem franciscana certo religioso, para tomar posse do cargo de guardião, assim como chegou, ou para divertimento dos trabalhos do governo, ou para experiencias de uma escopeta que trouxe, entrou a dar fogo nos gatos que havia na casa. talvez em despique de alguma ceia que lhe haviam tirado á ligeireza da unha. Matou um ou dois, mas, nos outros foi tal a advertencia do seu natural instincto, que não appareceram mais de dia, nem ainda de noite, aonde o guardião os pudesse ver.

«Entre esses gatos foi mais notado um, que costumava ir varias vezes no dia a tomar a sua ração á cella de um velho

religioso, com a circumstancia, que não apparecendo dahi por deante em todo o dia, nem no convento, nem em parte alguma onde fosse visto; comtudo, logo que anoitecia e o guardião estava recolhido, sahia o gato do seu esconderijo, vinha á cella do seu bemfeitor, tomava a ração, e se retirava até o outro dia ás mesmas horas; e assim perseverou por todo o tempo do tal guardião, que foi de anno e meio.

« O mais notavel deste caso, conclue Jabotão, foi que no proprio dia de manhã, em que o guardião despedido do convento se foi embarcar em uma canôa na praia, entrou nelle aquelle gato com alguns mais, e não tornaram a sahir, nem a esconder-se. »

O cão é tambem um animal estimadissimo, muito amigo do homem, por cujo affecto e extremos praticados, é representado como symbolo da fidelidade; e tem em sua vida historica, feitos proprios de verdadeiro heroismo, de par com admiraveis factos da sua proverbial lealdade e dedicação aos seus amigos, muitas vezes levados até mesmo ao proprio sacrificio da sua existencia.

Esse — *candidate d'humanidade* — na phrase de Michelet, é o unico animal que tem fastos literarios propriamente seus, quer em prosa, quer em verso, quer mesmo em monographias especiaes, como a de Maurice Maeterlinck, *Sobre a morte de um cão*, o seu querido *Pelias*; e a *Historia dos cães celebres*, de Freville, traduzida pelo nosso compatriota Dr. Caetano Lopes de Moura, nomeadamente, é uma obra volumosa e curiosissima, e acaso de ensinamentos mesmo ao proprio homem.

Pondo de parte, porém, o que a respeito do cão seria licito dizer em um estudo particular, limitemo-nos a encaral-o somente pelo que a seu respeito voga no animo popular, entre nós.

Vive o cão em constante guerra com o gato, de quem aliás já foi amigo muito intimo; dahi o proloquio popular: *Viver como o cão com o gato*, applicado a dois individuos que vivem num cortar de bulhas e arengas.

Essa inimizade reinante entre ambos, tem, porém, uma origem, uma razão de ser, que a legenda assignala assim:

O cão já foi livre, e si hoje é escravo do homem, foi o gato o causador das suas desventuras. Effectivamente, outorgada a sua liberdade, documentadamente, entregou elle ao gato a sua

carta de alforria para convenientemente guardal-a ; mas, ligando o felino pouco cuidado a essa prova de confiança do seu amigo, foi deixal-a escondida entre as telhas da cobertura da casa, do que resultou a perda do documento, picado pelo rato para o arranjo do seu ninho.

Da perda da carta resultou voltar de novo o cão ao seu triste captivo ; e com sobejas razões irritando-se contra o gato, e não aceitando as desculpas deste crimiando ao ratô, tornou-se seu inimigo irreconciliavel ; mas, sentindo o gato a perda de tão intimo amigo, votou, por sua vez, terrivel guerra ao rato, o causador de toda a desavença e do proprio infortunio do cão.

E' assim que a legenda popular explica a inimizade do cão com o gato, e a guerra de extermínio que este vota ao rato.

Sobre o assumpto colheu Sylvio Romero uma lenda no Recife, evidentemente incompleta, que publicou nos seus *Cantos populares*, e depois nos *Estudos sobre a poesia popular no Brazil* sob o titulo — *A alforria do cachorro* — lenda, esta que bem parece remontar-se aos nossos tempos coloniaes.

Eil-a :

No tempo em que o rei francez  
Regia os seus naturaes,  
Houve uma guerra civil  
Entre os brutos e animaes.

Neste tempo era o cachorro  
Captivo por natureza ;  
Vivia sem liberdade  
Na sua infeliz baixaza.

Chamava-se o dito senhor  
Dom Fernando de Turquia ;  
E foi o tal cão passando  
Do vileza á fidalguia.

E dahi a poucos annos  
Cresceu tanto em pundonor,  
Que os cães o chamavam logo  
De Castella, o imperador.

Veiu o herdeiro do tal  
Dom Fernando de Turquia ;  
Veiu a certos negocios  
Na cidade da Bahia.

Chegou dentro da cidade  
Foi á casa de um tal gato ;  
E este o recebeu logo  
Com muito grande aparato.

Fez entrega de uma carta  
Que elle bem recebeu ;  
Recolhendo-se ao escriptorio,  
Abriu a carta e leu.

E então dizia a carta :  
« Illmo. Senhor Mauricio Violento Sodré  
« Ligeiro Gonçalves Cunha —  
« Subtil — Maior — Ponte — Pé ;

« Dou-lhe, amigo, agora parte,  
« De que me acho augmentado,  
« Que estou de governador  
« Nesta cidade aclamado.

« Remetto-lhe esta patente  
« De governador lavrada ;  
« Pela minha propria letra  
« Foi a dita confirmada. »

Ora, o gato na verdade,  
Como bom procurador,  
Na gaveta do telhado  
Pegou na carta e guardou.

O rato, como malvado,  
Assim que escureceu  
Foi á gaveta do gato,  
Abriu a carta e leu.

Vendo que era a alforria  
Do cachorro, por judeu,  
Por ser de má consciencia,  
Pegou na carta e roeu.

Roeu-a de ponta á ponta,  
E pôl-a em mil pedacinhos,  
E depois as suas tiras  
Repartiu-as pelos ninhos.

O gato, por occupado  
Lá na sua Relação,  
Não se lembrava da carta  
Pela grande occupação.

E depois se foi lembrando,  
Foi caçal-a e não achou,  
E, por ser maravilhoso  
Disto muito se importou.»

.....

Deste romance ha uma variante completa, que um typo das ruas de nossos dias, o conhecido e popular *Poeta Sabino*, costumava recitar, variante essa que começava com a mesma quadra inicial na transcripta versão, e depois se ia desenvolvendo em *nuances* proprias, como se vê dos seguintes versos, os unicos recolhidos:

Dona Lagartixa Mendes,  
Esposa do capitão,  
Queria bem a ratinha  
Por dentro do coração.

Como esses, recitava o Sabino, nas suas habituaes excursões de bohemio por todo o Recife, muitos outros versos, quer seus, quer de outros, de grande voga popular; e no fim de todos, irrevogavelmente, rompia num rasgado sapatear, com tregeitos e monices de um saltimbanco, recitando numa toada de tango

estes versos, acaso de composição sua, porém, que se tornaram popularíssimos :

Sá Naninha,  
Na ponta  
Da linha !  
Seu Manoel,  
Toca páo  
Birimbáo.  
Azeite doce  
Com bacalháo,  
Certamente,  
Não é máo.

Destes versos colheu Sylvio Romero uma versão no Recife, que consigna nos seus *Cantos Populares*.

Para um cão não crescer basta pesal-o com sal, em pequeno, ou passal-o tres vezes pelos áros de um tachó; e é bom impôr-se-lhe o nome de um peixe qualquer para preserval-o da hydrophobia e da rabugem. E, obedecendo a este preceito, que são communs os nomes que lhes dão de tubarão, camorim, dourado, xaréo, tainha, etc.

Quem mata um cão *fica devendo uma alma a S. Lazaro*.

Quando a cabra espirra é signal de chuva, ella *apregôa mel e vende azeitonas*, e chama-se-lhe de *comadre*; do mesmo modo chama-se ao macaco, *Simão*; ao carneiro, *Thomé*; á perua, *Tereza*; ao porco, *Chico*; e os gatos têm geralmente o nome de *capitão*, apesar de nas suas arengas de velhado tratarem-se pelos nomes de *Romão* e *Ursula*.

E' muito curioso o que se diz do caranguejo pela expressão de algumas locuções populares: « Perdeu a cabeça por causa de camaradas; não morre enforcado porque não tem pescoço; e por morrer um caranguejo não se cobre o mangue de luto; » e o povo diz ainda, que « o caranguejo só é gordo nos mezes que não têm r : maio, junho julho e agosto ».

Si é peixe ou não, ou sómente quando como tal é reputado; dizem estes versinhos de um vulgarissimo brinquedo de crianças, cantado e dançado em roda:

Caranguejo não é peixe,  
 Caranguejo peixe é;  
 Caranguejo só é peixe  
 Na enchente da maré.

Q airi magro carrega agua para o gordo, e a sôlha tom a bocca fôrta porque arremedou á Nossa Senhora, quando lhe perguntou si a maré enchia ou vasava.

O mussú nasce de crinas de cavallo mergulhadas em aguas estagnadas, e o cogumelo, da excreção urinaria do mesmo animal; o morego é uma metamorphose do rato velho; e das hastes seccas de certos arbustos, já despidas de folhagem, nascem varios insectos, como o gafanhoto, nomeadamente. Ao contrario, porém, da careca da cigarra, quando estoira, victima do seu muito cantar de um rechinar agudissimo, medra o cipó conhecido por japecanga, de grandes virtudes medicinaes.

O kagado tem as costas em remendos proveniente de um desastre, uma grande queda que deu em meio caminho de uma viagem que fez ao céu, cujas particularidades refere assim um conto do cyclo das nossas historias populares :

« Houve um dia uma grande festa no céu, para assistir á qual foram convidados os animaes da terra; e lastimando-se o kagado por não poder ir tambem, pelo seu andar muito va garoso, veiu o urubú em seu auxilio e offereceu-se para leval-o até lá.

« Contentissimo aceitou o kagado o generoso offerecimento, trepou-se nas costas do urubú, segurou-se bem, e o alado carnívoro vôou vertiginosamente; mas, em certa altura, quando não mais se avistava a terra, dá uma revira-volta, e propositalmente deixa cahir o pobre kagado, que rolando pelos ares vem intima-ndo ás pedras e aos páus a se arredarem, e ao cahir em terra bastante maltratado da queda, com o casco todo em pedaços, exclama:

Réu! réu! réu!  
 Quem de uma escapa,  
 Nunca mais  
 Bodas ao céu.»

O kagado, porém, curou-se, cuidadosamente ajustando-se-lhe os pedacinhos do casco, e por isso ficou elle com as costas assim em remendos.

Faz mal matar o sapo, porque não entra em decomposição, fica completamente resequido, mirrado, e como elle ficará também o corpo do quem o matar; e é prudente não bulir com esses batrachios, porque onraivecendo-se expellem um liquido lacteo, que, si cahir nos olhos, cega immediatamente.

O sapo é, além disso, muito opinioso, e conta-se, que ficando uma vez sob a pata de um boi, caprichosamente supportou por muito tempo todo o peso do possante animal, comtanto que não se rebaixasse em pedir-lhe que se desviasse para o deixar sahir; e dahi a locução popular — *opinião de sapo*, — á perseverança de um capricho prejudicial.

Para afugentar as formigas, que tantos danos causam ás plantações, basta bater tres vezes com a mão sobre a bocca do formigueiro dizendo-se repetidamente:—« *Em nome de Jesus Christo, mudem-se, que esta terra não é sua.* » As moscas, porém, são solennemente intimadas a sahirem da casa *em dia certo* :

Moscas malvadas !  
Da sexta p'ra sabbado  
Estejam mudadas.

Para acabar com as pulgas, quer as communs, quer a *Pulex penetrans*, vulgarmente chamadas *bichos dos pés*, o processo é mais complicado.

Em uma quinta-feira, á tarde, varre-se bem a casa, e a pessoa que tem de fazer o *benzimento*, levanta-se no outro dia muito cedo, não fala absolutamente, não boceja, e nem abre a bocca. Reza por tres vezes uma Ave-Maria, toma depois um bochecho d'agua, e barrufa os cantos da casa dizendo mental e repetidamente:

Pulgas e bichos  
Fiquem citados,  
Que de hoje p'ra amanhã  
Vocês são mudados.

A cobra quando entra n'agua deixa o veneno em terra, e por isso, picando então a alguém, não produz mal algum; mas a mulher, no seu estado interessante, ainda mesmo mordida em terra pelo mais venenoso ophidio, nada absolutamente soffre. Deus a preserva do perigo para não morrer com ella o innocente pagão que traz nas suas entranhas...

A mulher que, ao encontrar-se com uma cobra, virar o cós da saia, dizendo: *estás presa por ordem de S. Bento*, que é o advogado contra os ophidios, fica ella immovel, e deixa-se matar sem resistencia.

Cumpre notar, porém, que os ophidios e bem assim os animaes damnhinhos são de criação do demonio, como diz a legenda, referindo:— Quando Deus ao quinto dia da criação do mundo fez os animaes domesticos, e tollos os reptis da terra, cada um segundo a sua especie, na phrase do *Genesis*. invejoso Satanaz dessas maravilhas, pediu-lhe licença para tambem fazer os seus bichinhos; e annuindo Deus ás suas supplicas, abusou o anjo máu da graça concedida, e creou os ophidios e todos os animaes damnhinhos e nocivos ao homem.

Os ophidios, porém, são impotentes perante os poderes de um curado, a quem absolutamente não offendem, e ao contrario, o obedecem mesmo, como que dominados por uma força superior, a todas as suas ordens.

Escreve Tollenare que presenciou numa das praças do Recife, em 1817, o curioso factó de um negro havido por feiticeiro fazer dançar duas cobras de tres pés de comprimento; refere, que no engenho Salgado, em Ipojuca, havia um outro que cingia o corpo com um desses reptis, que immediata e passivamente executava o que elle determinava; e conclue, narrando esta singular occurrencia, communicada por um seu amigo, daquelle engenho, de cuja veracidade, diz elle, não podia duvidar:

« Uma de suas escravas fôra mordida por uma cobra; estava inchada, o sangue sahia-lhe pelos olhos, a bocca e os ouvidos; ia perecer. Mandaram chamar um feiticeiro ou curado, morador na vizinhança; elle não pôde ir logo, porém, mandou... o seu chapéo. Collocaram-no sobre a moribunda, que immediatamente ficou alliviada.

« A' tarde, foi o feiticeiro vêr a doente, que já não o estava mais, collocou-se no batente da porta, chamou a cobra culpada, que compareceu, fel-a percorrer o quarto e, com grande terror dos assistentes, enroscar-se varias vezes em volta da negra, que nenhum mal soffreu, e matou-a depois.»

Essa prodigiosa virtude do fascinador ou *curado de cobra*, é transmissivel, por meio de um processo acompanhado de momices religiosas, como diz Tollenare, accrescentando, porém,—que nem todos os *curados* sabem curar, isto é, ensinar o processo.

De uma casa infeliz. *encaiporada*, se diz que tem caveira do burro enterrada. O pavão entristece quando olha para os pés, e faz mal matar aranhas, porque é riqueza em casa.

Um chifre de boi enfiado no alto de uma balança ou collocado mesmo em qualquer parte de um estabelecimento commercial, dá felicidade ao negocio; e no campo, espetado em uma estaca fincada, bem como uma caveira do mesmo animal, igualmente disposta, não somente favorecem as plantações, como ainda evitam os *nordestes* e outros males nocivos á criação de aves.

Esta supersticiosa usança, si não indica reflexos do culto votado ao boi pela sua deificação entre certos povos da antiguidade, em cujo culto, particularmente, se notam o boi Apis, no Egypto, o touro Mithriaco entre os persas, o boi de Cadmo, e o touro de Marathon, sem falar mesmo na vacca Atir, adorada como deusa suprema entre os egypcios, cultos esses que espalharam-se depois por todo o Oriente; vem talvez de Priapo, que apesar de pertencer a classe dos deuses da impureza, segundo a consagração mythologica, era venerado entre os romanos como uma divindade suprema que tinha os poderes de prodigalizar a abundancia e de afastar a esterilidade.

E' assim que se via aquelle idolo tutelar dos romanos figurar nos seus vinhedos e vergeis, e particularmente nos seus jardins, encostado a uma vara que subia-lhe acima da cabeça sustentando a divindade no seu braço direito uma grande cornucopia, o *cornu da abundancia*, em cuja ampla bocca se viam como que despejando-se, flores e fructos variados, produções e attributos dos jardins e campos de plantação, aos quaes, entre varios povos e sobre todos os romanos especialmente, essa divindade presidia.

Implantada essa supersticiosa crença dos romanos nas suas colonias, chegou ás que fundaram na peninsula Iberica, e dali aos portuguezes de quem immediatamente nos vem o tradicional costume.

O chifre de boi figura tambem, invariavelmente, nos açougues, mas, apesar de ostentar-se com um esmero de pintura multicolor, absolutamente não prodigaliza ao negocio as suas vulgarissimas virtudes, porque—o boi protestou tirar a camisa a quem lhe tirasse o couro...

Effectivamente, é um facto constatado pela experiencia, que o magarefe e o talhador não passam dos poucos recursos do seu officio, e pela occorrença de casos constantes, que o marchante não progride no negocio; e si chega mesmo a prosperar e accumular alguma riqueza, vem depois uns revezes da sorte que fazem *desandar a roda da fortuna*, e elle acaba os seus dias na mais humilhante pobreza.

Egual phenomeno dava-se com os traficantes de carne humana, nos ominosos tempos da escravidão entre nós.

Ao carniceiro ou magarefe, porém, em tempos idos, juntava-se até mesmo o proprio desprezo da egreja, como reza a tradição popular, porquanto o Sacramento não entrava em sua casa; e quando doecia elle e tomia-se do seu estado de saúde e tinha de preparar-se para a vida de além-tumulo, reconciliando-se com Deus, passava-se para a casa do visinho, onde então recebia o Viatico e as absolvições *in extremis*.

A tanajura torrada é um manjar delicioso para os nossos camponios, que as apanham em quantidade prodigiosa, e de um modo singu larissimo.

Collocam-se em baixo da arvore sobre a qual tem a tanajura o seu ninho, e com uma urupema ás mãos, e pronunciando em certa toada a parlenda:

Tanajura cai, cai,  
Pela vida de teu pai,

se desprendem ellas e caem sobre a urupema, e em quantidade tal, que immediatamente se enche do appetecido insecto.

E a proposito, consignamos aqui o molo curioso de fazer *dipocas*, segundo as regras da popular pragmatica.

A tanajura tem a sua casa nas arvores!

Frente a misericórdia!

Colloca-se ao lume uma tigela de barro contendo o milho, e começa-se logo a mechel-a com um páuzinho cantarolando-se :

Pipoca bonita,  
Menina feia;  
Pipoca feia,  
Menina bonita.

*E a pipoca que não quer ser feia*, estoura logo em formas diversas, apresentando bonitos e caprichosos flocos brancos, geralmente sob o aspecto de uma flôr lindissima ; e sem aquella cantilena, assegura-se, o milho fica completamente torrado, e não estoura produzindo as bellas e apreciadas pipocas da guloseima infantil.

O deitar os ovos ás gallinhas para a reprodução da especie, não é uma cousa tão simples como talvez se suppõe. *Tem sua sciencia*, como vulgarmente se diz, acaso pelo cortejo de preceitos supersticiosos que o preside.

Em primeiro logar cumpre attender-se á época, de fórma que terminem na phase do crescente da lua os vinte e um dias da incubação, para que, com a sua força saiam os pintos sem difficuldade, fortes e espertos, e não se perca um só. Apesar desta prescripção vulgarissima, preside tambem a crença de que, das gallinhas deitadas ao crescente saem mais frangos que frangas, e o contrario si fór ao minguante.

Para os ovos não gourarem, faz-se uma cruz com tinta de escrever sobre cada um, e quando se destinam os pintinhos a uma pessoa qualquer escreve-se o nome por baixo da mesma cruz.

Preparado o ninho depositam-se os ovos um a um, e á proporção que se os vão collocando, fazendo-se com elles o signal da cruz, pronuncia-se esta especie de oração:

Nas horas de Deus,  
Por São Salvador,  
Nasçam todos femeas  
E um só gallador.

Terminando este processo deita-se a gallinha, e ao sahir os pintos é bom queimar-se as cascas dos ovos.

Ha uma circumstancia que grandemente concorre para o bom exito de uma deitada de gallinha:— *ter bôa cabeça...*

*Os ovos da Hora*, isto é, os ovos de gallinha, postos no dia da Hora, ou da Ascensão do Senhor, em maio, e especialmente os que forem postos de meio-dia á uma hora, gozam de uma virtude singularissima, conservam-se por muito tempo tão frescos como si houvessem sido postos recentemente, e absolutamente não se corrompem; e por fim seccam a gemma e a clara, formando uma especie de massa compacta, que dissolvida em qualquer bebida é infallivel remedio contra a embriaguez.

Faz mal comer gallinha choca porque produz *fome canina*,

O gallo, dono do terreiro, absolutamente não se mata, porque é máo agouro para o dono da casa; e quando uma gallinha cantar como o gallo, deve-se immediatamente matal-a; quando briga com outra, porém, é signal de visita.

Cantar o gallo durante o dia por algumas vezes, é máo agouro; precisamente ao meio-dia, é moça fugida; e a deshoras, signal de casamento.

Quando uma gallinha está com ovo e custa muito a pôr, deita-se um *indês* no ninho, isto é, um outro ovo, como que para animar ou provocar a demorada postura; para endireitar um ovo virado, basta pendurar a gallinha pelos pés na chave de uma porta; e para que uma franga, ou mesmo uma gallinha que acabou o choco, comece logo a pôr, arranca-se-lhe as penas do rabo, pronunciando-se ao tirar de cada penna a conhecida phrase — *crescer p'ra pôr...*

Aos rapazes que apalpam gallinhas não nasce barba.

Um poeta nosso, em um soneto em que prescreve o *Remedio para não nascer barba*, publicado n' *O Carapuço*, em 1838, conclue com o preceito:

E basta que em pequeno empregue um dedo  
Rapaz implume em apalpar gallinhas.

Com relação aos animaes, são interessantes estes proloquios populares:

E' indicio de máo character, fazer mal aos animaes.  
Na casa de Gonçalo, a gallinha manda mais que o gallo.

Quem come a galinha magra paga uma gorda.  
 A galinha da minha vizinha é mais gorda que a minha.  
 Viva a galinha com a sua pevide.  
 Gallinha preta põe ovos brancos.  
 De grão em grão a galinha enche o papo.  
 Na sombra da galinha o cachorro bebe agua.  
 Cachorro cotó não passa pinguella.  
 Não se amarra cachorro com linguça.  
 Um cão damnado, todos a elle.  
 A grande cão, grande osso.  
 Cachorro que muito anda, apanha páu ou rabugem.  
 Cão que muito ladra não morde.  
 Um dia, um dia, cachorro de paca mata cotia.  
 Quem não tem cão caça com gato.  
 Gato escaldado de agua fria tem medo.  
 Gato quando não morde, arranha.  
 Gato escondido com o rabo de fóra.  
 Tirar com a mão do gato.  
 Da casa de gato não sahe rato farto.  
 Gato muito miador é pouco caçador.  
 Para burro velho, capim novo.  
 Cavallo velho não toma andar.  
 Cavallo que não dá para sella, bota-se-o na cangalha.  
 Cavallo dado não se lhe abre a bocca.  
 Cavallo peiado não salta vallado.  
 Cavallo grande, besta de páu.  
 Por uma besta dar um couce, não se lhe corta a perna.  
 Praga de urubú magro, não mata cavallo gordo.  
 Urubú pellado não vóa em bando.  
 Quando urubú está caipóra, não ha galho verde que o  
 aguente.  
 Boi solto lambe-se todo.  
 Boi aperriado dá em arremetter.  
 Camarada é boi de carga.  
 Por onde passa o boi, passa o vaqueiro com o seu cavallo. (1)

(1) Annexim do sertão, porque o sertanejo, na phrase de Euclides da Cunha, não ha difficuldades—que se lhe antolhem, quebradas,

Onde se mata o boi ahi se esfolia.  
 Guariba quando se remeche, quer chumbo.  
 A ovelha mansa manma na sua teta e na alheia.  
 Uma ovelha má deita um robanho a perder.  
 Macaco velho não mette a mão em cumbuca. (1)  
 Cada macaco no seu galho.  
 Quem não quer barulho com jacaré, tira o covô da agua.  
 Em terra de sapo, de cocoras com elle.  
 Cobra que não anda, não apanha sapo.  
 A primeira pancada é que mata a cobra.  
 Dois tatús machos não moram em um buraco.  
 Dois bicudos não se beijam.  
 Em festa de jacaré não entra nambú.  
 Pela bocca morre o peixe.  
 Traira não come a seu parente.  
 Com mel se pegam as moscas.  
 Não se apanham moscas com vinagre.  
 Bocca fechada não entram moscas.  
 Papagaio que fala muito, vao para Lisbôa.  
 Papagaio come milho, periquito leva a fama.  
 A formiga quando quer se perder cria azas.  
 Não se apanham trutas a bragas enxutas.

\* \* \*

A phantasiosa e fervida imaginação popular tem feito do Diabo um dos personagens mais notaveis dentre os que figuram no immenso concerto das suas crendices e superstições; o que, comtudo, não chegou ao desvairamento de tributar-se-lhe um

---

acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancas de ribeirões, nada lhe impede encaixar o garrot—nas suas montarias de péga do gado bravo, extraviado.

(1) Este annexim muito vulgar em todo o Brazil, quando se quer dizer, que é muito difficil illudir e enganar a um homem experiente e reflectido, é de origem tupy, como diz *Cento de Magalhães*, que o encontrou ate rimado, e diz assim: — *Macaca tuiúé inti omundêo i pó cuiambisea opé*, — annexim que é, *verbum ad verbum*, o mesmo de que nos servimos em portuguez.

**culto, como outr'ora já teve, e até mesmo entre certos povos da civilizada Europa, cujas particularidades não vêm agora ao caso em um estudo local, para assim determo-nos em minudencias sobre esse triste facto da cegueira humana de ren ler homenagens cultuaes a Satan, e celebrando em sua honra, entre outras manifestações de reverencia, essas scenas de verdadeira orgia e degradação moral conhecidas pelo nome de *Missa negra*.**

**Sim. Entre nós, nunca reinou a diabolatria.**

Entretanto, os nossos indios eram, de um certo modo, diabolatras, não sómente pelos vestigios que a respeito transparecem nas suas crenças e superstições religiosas, como mesmo pela consignação de algumas demonstrações positivas narradas pelos nossos chronistas, das quaes destacamos os dois seguintes factos, de que se occupa o Padre Antonio Vieira, na sua *Relação da missão da serra de Ibiapaba*:

« Um velho feiticeiro, dos indios de Pernambuco alli domiciliados, — levantou uma ermida ao Diabo nos arrabaldes da povoação, e poz nella um idolo composto de pennas, e prérgou que fossem todos veneral-o, para que tivessem boas novidades, porque aquelle era o que tinha poder sobre as sementeiras, e como a terra é mui sujeita á fome, foram mui poucos os que ficaram sem fazer a sua romaria á ermida.

« Estava o velho assentado nella, e ensinava como se haviam de fazer as ceremonias da devoção, que era haverem de bailar continuamente de dia e de noite, até que as novidades estivessem maduras, e os que cançavam e sahiam da dança haviam de beijar o idolo, no qual affirmavam alguns, que ouviram ao Demonio fala com o velho, e outros que se lhe mostrou visivel vestido de negro.

« Tiveram os padres noticia do desaforo, foram logo queimar o idolo, e levantar em seu logar uma cruz dentro e outra fóra ; mas, no dia seguinte, amanhecera ambas as cruzeas feitas em pedaços.»

O outro facto é assim narrado por Vieira :

« Um blasphemo chegou a dizer em presença de muitos, que não tinha outro Deus sinão o Diabo, mas, permittiu logo Deus que experimentasse em si mesmo, quem era aquelle por quem o trocava, para castigo seu e dos outros que o tinham ouvido.

« Entrou nelle o Demonio tão furiosa e desesperadamente, que se despedaçava a si, e quando entrava fugiam todos delle, e não havia quem lhe parasse diante. Fizeram-lhe os padres os exorcismos por espaço de oito dias, com que o largou o Demonio por então, posto que depois tornou por vezes a atormental-o, mas, já com menos furia.

« Ficou tão ensinado com este castigo, que dalli por diante não sahia de casa dos padres, nem da igreja ; e andando sempre armado com as contas ao pescoço, deu publica satisfação ao escandalo que tinha dado, protestando que estava fóra de si, e prégando em toda parte que a divindade era só Deus, e o Demonio a mais mofina de todas as creaturas, e a mais abominavel. »

O Diabo, segundo a sua physionomia physica e os seus predicados moraes traçados pelo povo nos seus contos, ditos e annexins, é sujo, coxo, muito sério e taciturno, triste mesmo, não se ri absolutamente, e *não faz graças para ninguém se rir.*

Essa sua tristeza, *immensa e doce*, é talvez a nostalgia do céo,— de onde foi expulso pela sua rebeldia contra o Creador, e precipitado nos abysmos do inferno, elle, anjo de primeira hierarchia, o Lucifer querido de Jehovah, cujo nome quer dizer :— *o que leva a luz á estrella da manhã.*

Segundo Guilherme de Paris ( Guilhiermus Parisiensis ), o physico do Diabo — não é precisamente como o nosso, mas apresenta muita semelhança.— O homem branco diz que elle é preto, *da côr da noite*, naturalmente para o não ver com equal côr ; e os africanos, ao contrario, acaso levados de iguaes sentimentos, dizem que elle é branco, *de aloura de neve.*

Apparece sob fórmias diversas para tentar e perder as creaturas, mas, quasi sempre, sob a de um moleque, um gato preto, ou como se costuma communmente represental-o, um homem vermelho, de chavelhos, rabo, pés de pato e azas como as do morcego, e de uma catadura horrivel ; a Mythologia, porém, dando-lhe o nome de Plutão e a soberania dos infernos, pinta-o de negro, e tão feio, que não achando mulher alguma que o accitasse, raptou a Proserpina, filha de Jupiter e de Ceres, quando estava colhendo flores nos prados da Sicilia. Mas, o Diabo não é tão feio como o pintam, segundo um proloquio popular, e

Milton o pinta mesmo de uma deslumbrante belleza no seu *Paraíso Perdido*.

Os chavelhos e o rabo que traz o Diabo foram postos por Deus para o assignalar de modo a tornal-o conhecido em qualquer parte que apparecer; e para ser logo presentido ao appropiar-se atou-lhe um chocalho ao pescoço.

Magoado o Diabo com aquelles signaes, pediu humildemente a Deus que lh'os tirasse; e não sendo attendido, supplicou, que lhe dêsse, ao menos, qualquer cousa para os encobrir.

Acquiescendo Deus a esse pedido, deu-lhe uma capa, porém muito curta, e sem capuz, de fórma que, quando o Diabo põe-n'a sobre os hombros, apparecem-lhe os chifres; e quando a colloca na cabeça, fica com o rabo de fóra... E assim explica a legenda esses signaes caracteristicos do anjo das trevas.

Ha tambem diabos pequeninos, e um desses é o conhecidissimo *diabinho da mão furada*, de uma travessura enorme; e bem assim, como refere Lopes Gama, diabos femeas, chamadas *succubas*, e uns diabretes com o nome de *incubo*, que fazem foscas ás moças.

A legião de demonios é numerosissima.

Segundo João Wyar, celebre medico de Cleves, do seculo XVI, a monarchia do inferno consta de 72 principes diabolicos, os quaes têm sob as suas ordens 7.405.926 subditos; porém, segundo Guilherme de Paris,— que procedeu a um calculo, que affirma ser exacto, existem nada mais nada meños de 44.435.556 diabos, que um escriptor hollandez, a seu turno, assevera ser ainda muito inferior á realidade.

A *Chorographia dos Estados do Diabo* é conhecidissima, graças á sua vulgarização por Jacques I da Inglaterra.

A genealogia do demonio, não se o encarando sob o ponto de vista mythologico, é completamente desconhecida, e apenas consta, que a sua progenitora tinha o nome de *Joanna Padeira*, acaso por se incumbir do fabrico do pão no inferno para alimentação da grei demoniaca; e dos seus caracteres physicos, que tinha ella o nariz defeituoso, porque o *Diabo tanto o endireitou até que o pôz torto*; e por fim cahiu victima do proprio filho que a matou com um cano de espingarda, segundo uns, ou de bota, segundo outros.

Com relação, porém, á expulsão do demonio do Paraiso, motivada pela sua rebeldia contra Deus, refere-se á mesma historia narrada pelas Escripturas Sagradas.

Uma vez na terra, servindo-nos agora de um bello conto de Eça de Queiroz sobre *O Senhor Diabo*, teve elle profissões diversas. Em Babylonia, é jogador, palhaço, carrasco; foi moedeiro falso em companhia de Felippe I, de Luiz VII, e de Henrique II; e em todos esses desvios chegou mesmo a ser ladrão, roubando as gallinhas do abbade de Cluny.

Na sua vida de travessuras — é envenenador, impostor, vaidoso e traidor, e todavia em certos momentos da historia é representante immenso do direito humano, quer a liberdade e a fecundidade, a força e a lei.

Libertino, diffamador, namorado gentil, teve amantes celebres, como na antiguidade a mãe de Cesar, e na idade média, a bella Olympia; na Escocia, na época de uma grande penuria nas regiões montanhosas, comprava por quinze schillings o amor das mulheres dos *highlanders*, e pagava-lhos com o dinheiro falso que fabricava com aquelles soberanos, com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras onde eram cozidos vivos os moedeiros falsos; dirigia cartas repassadas de amorosa ternura ás freiras dos conventos da Allemanha, e no seculo XVI — tentava com olhares cheios de sol as mãos melodramaticas dos Burgraves; em fim, tantas artes fez, que se viu forçado a casar no Brabante com a filha de um mercador.

Foi elle que inventou os enfeites que enlanguecem a alma e as armas que ensanguentam o corpo; — e são de sua criação os animaes damninhos de toda especie.

O diabo, nas suas multiplas legendas, é de um caracter inconstante, e cheio de contradicções. — Aconselha a Christo que viva, consulta Aristoteles e Santo Agostinho, defende a igreja, e no seculo XVI é o maior zelador da colheita dos dizimos; lê a Biblia no proprio texto hebreu, e canta psalms na igreja de Alexandria; de noite, cançado e empoadado, bate á porta dos dominiquinos em Florença, e dorme na cella com Savonarola, tendo antes jogado com os frades mendicantes nas encruzilhadas da Allemanha, sentado na relva sobre a sella do seu cavallo; e como contraste de tudo isso, tenta Eva no paraiso, metamor-

phoscado em serpente, engana o propheta Daniel, apupa Job, tortura Sara, e intenta processo contra a Virgem Maria; tortura os santos e os monges do Occidente, escarnece S. Macario, e para tentar Santa Pelagia offerece-lhe ramalhotes de cravos; espicaça os olhos de S. Sulpicio, combate o sacerdocio e a virgindade, e aconselha aos mysticos que entrem na humanidade.

Um dia, chegou o termo da existencia do diabo, e elle morre em idade proveccta, esquecidamente; e Eça de Queiroz, como qñe traçando a necrologia do *Senhor Diabo*, assim diz dos ultimos episodios da sua vida—tragica, luminosa, celeste, grotesca e suave:

« Nos seus velhos dias, elle que tinha suppliciado Judas, que vendeu Christo e Bruto, que apunhalou Cesar, conspirando contra os governadores da Allemanha, inspirando os juizes de Socrates, discutindo com Attila planos de batalha, deu-se ao peccado da gula.

« E Rabelais, quando o viu assim fatigado, engelhado, calvo, gordo e somnolento, apupou-o.

« Então o demographo Vier escreve contra elle pamphletos sanguinolentos, e Voltaire criva-o de epigrammas.

« O diabo sorri, olha em volta de si para os calvarios desertos, escreve as suas memorias, e num dia nevoado, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas, — os astros, — morre enfatiado e silencioso.

« Beranger escreve-lhe o epitaphio, os sabios e poetas celebram a sua morte, e os monges erguem-lhe estatuas.

« Procul ensinou-lhe a substancia: Pressul, as suas aventuras da noite; S. Thomaz revelou o seu destino; Torquemada disse a sua maldade, e Pedro de Lancre, a sua inconstancia jovial; João Dique escreveu sobre a sua eloquencia; Milton disse a sua belleza e Dante, a sua tragedia. »

Mas esse, foi o diabo de lá, das sombrias e nebulosas regiões do velho continente. O nosso, porém, não morreu ainda. Recolheu-se á vida privada, como os velhos e cansados politicos, mas de vez em quando dá-nos um ar da sua graça, e apparece-nos!...

Das appareções do diabo, entre nós contam-se innumerous factos revestidos de todas as suas circumstancias e minudencias; porém, o que é particularmente, e insistentemente narrado pelo populacho, é que todo aquelle que quer buscar venturas, vae á Cruz do Patrão, no istmo de Olinda, e á meia noite em ponto

invocando a Satanaz, acode elle immediatamente, surgindo das entranhas da terra : e firmando o candidato um pacto solenne com o sangue das suas proprias veias, de ficar-lhe pertencendo em corpo e alma,—começa a experimentar desde logo os prodigio do seu pöder !

E' esse o diabo do Sabbath, das legendas medievas européas, —o confidente dos servos e dos feiticeiros da meia-noite,—que popularizou-se entre nós pelas migrações aryanas, apezar das condemnações da egreja, e das penas fulminadas pelo Regimento do Santo Officio da Inquisição—*contra os que invocavam o diabo e tinham pacto com elle.*

Os que firmam assim um pacto com o demonio vêm abrir-se-lhes, immediatamente, uma era de felicidades e vonturas, que perdura por toda a sua existencia, e os mais exigentes o valdosos, curvados já ao peso dos annos, voltam mesmo rejuvenescidos e fortes para o completo gozo da vida.

Os que assim pertencem ao diabo, quando morrem, vem elle carregal-os para o Inferno; e de muitos desses, refere-se o facto de encontrar-se no caixão, como despojos mortaes, uma certa porção de pedras, porque o corpo tinha desaparecido arrebatado por Satanaz.

A phrase muito vulgar de—*Diabo da Casa Forte*,—logar celebre nos nossos annos pela batalha ferida, em 1645, contra o batavo invasor, vem certamente, do apparecimento e proezas de Satanaz na localidade.

Nos nossos antigos fandangos havia uma scena final da appareição do diabo, e nas extinctas procissões de Cinzas figurava elle em lutas com o Anjo da Guarda, que armado de uma lança defendia as suas investidas contra os Santos Innocentes, a cujas scenas se refere um poeta do tempo, que descrevendo a procissão menciona o grupo de Adão e Eva, e mais aquem

Um Anjo e Satanaz em pura essencia,  
 qué,

.....sedento de carnagem  
 Quer a turba infantil ir immolando,  
 Mas recúa dum Anjo, ante a coragem.

Do nosso chronista (Jaboatã), na *Estância IV* do seu livro dedicado á Capitania de Porto Seguro, trata muito seriamente de alguns casos de aparições do diabo no nosso Brazil, referindo-se então ao *Diabo de Palermo*, que — deixava-se ver em horrivel fórma, sobre o alto da cidade, todo fegoso, ameaçando estragos aos seus moradores.

Essas aparições do diabo em Porto Seguro, que o nosso chronista minuciosamente relata, servindo-se de um manuscripto de fins do seculo XVII, tiveram logar na segunda metade do seculo anterior.

Na Bahia teve o diabo prolongadissima residencia e apparecendo inesperadamente em pontos diversos,—«punha fogo a casas á vista de seus donos, que com diligeneias atalhavam; fazia furto de cousas diversas, que se viam ir pelos ares; rompia as roupas em os corpos que as vestiam; perseguia a certos sujeitos com ameaças e pancadas de pouco amor e assim outros brincostaes, de que Deus nos livre».

Depois disso, levantou o diabo os seus arraiaes da Bahia, e foi praticar as suas travessuras na Ilha de Santiago, onde demorou-se por trinta annos, até que aborrecido procurou de novo as terras do Brazil e foi acampar na barra de Boypoba. Nesta localidade pouco demorou-se elle, o interrogado para onde seguia, ao fazer as suas despedidas de viagem, respondeu que *para os aposentos dos abyssos*,—ouvindo-se então um tormentoso estrondo, como de rijo pé de vento, e nunca mais se teve noticia de tal espirito.

E', portanto, da passagem do diabo pela Bahia, que vinha ainda nos tempos daquelle nosso chronista (meiado do seculo XVII), falar-se do *Diabo de Porto Seguro*, onde teve longa residencia.

E' tambem da mesma época a singularissima legenda pernambucana do *Padre do Ouro*, a que se referem, incidentalmente, o padre José de Anchieta nas suas *Informações do Brazil*, do anno de 1584, com o nome de *Clerigo nigromantico*, e contemporaneamente Fernão Cardim, com o de *Clerigo portuguez magico*; legenda essa que se prende ao tempo do governo do segundo donatario Duarte Coelho de Albuquerque, nos annos de 1569 a 1572.

Um outro escriptor do tempo, o historiador Frei Vicente do Salvador, refere-se, porém, particularmente ao facto, o narra-o deste modo, depois de occupar-se das victorias conquistadas pelo donatario em varias campanhas movidas contra os indios:

« A' fama destas victorias ficaram todos os gentios desta costa, até o rio de S. Francisco, tão atemorizados, que se deixavam amarrar pelos brancos, como si fossem seus carneiros e ovelhas; e assim iam em barcos por esses rios, e eram vendidos pelos mesmos brancos a 2 cruzados ou mil réis cada um, que é o preço de um carneiro. Isto não faziam os que temiam a Deus, sinão os que faziam mais conta dos interesses desta vida, que da que haviam de dar a Deus, e principalmente um clerigo que veiu á capitania a quem vulgarmente chamavam o *Padre do Ouro*, por elle se jactar de grande mineiro, e por esta arte era muito estimado de Duarte Coelho de Albuquerque, que o mandou ao sertão com trinta homens brancos e duzentos indios que não quiz elle mais, nem lhe eram necessarios, porque em chegando a qualquer aldeia do gentio, por grande que fosse, orte e bom povoaria, depennava um frangão ou desfolhava um ramo e quantas pennas ou folhas lançava para o ar, tantos demonios negros vinham do inferno, lançando labaredas pela bocca, com cuja vista sómente ficavam os pobres gentios máchos e femeas, tremendo de pés e mãos, e se acolhiam aos brancos que o padre levava consigo; os quaes não-faziam mais que amaral-os e levar-os aos barcos, e aquelles idos, outros vindos, sem que Duarte de Albuquerque, por mais reprehendido que fosse de seu tio e de seu irmão Jorge de Albuquerque, do reino, jamais quiz atalhar tão grande tyrannia, não sei si pelo que se interessava nas peças que se vendiam, si porque o *Padre magico* o tinha enfeitado; e foi isto causa para que el-rei D. Sebastião o mandasse ir para o reino, aonde passou e morreu com elle em Africa.»

Eis agora um facto singularissimo de apparição do diabo, narrado por Jaboatão:

« Pelos annos de 1642, sentiu-se um soldado, que morava nos arredores de Ipojuca, bastantemente vexado do demonio. Já lhe apparecia visivelmente, incitando-o a que se enforcasse, o alguma; vezes o intentava o mesmo demonio, avançando a

querel-o suffocar : mas invocando o soldado a Santo Antonio, de quem era particular devoto, se ausentava o inimigo.

« Encontrando-se o soldado em uma occasião com um religioso franciscano, e communicando-lhe as tribulações de sua vida, deu-lhe o religioso um papel contendo uma oração escripta, recommendando-lhe que a rezasse quando lhe apparecesse o demonio, porque, graças aos seus prodigios, se veria livre das suas tentações e assim succedeu, porque dahi por deante nunca mais lhe appareceu o diabo.

« Reconhecido o soldado por um tão grande benefico, foi um dia ao convento da villa procurar a esse religioso e entrando primeiro na igreja a fazer oração e reparando na imagem de Santo Antonio no seu altar, reconheceu ser elle o religioso que lhe havia apparecido. Deu vozes, acudiram alguns padres, e elle depoz perante todos o caso, o que o frade era aquelle mesmo que estava no altar, o glorioso Santo Antonio.»

Retomemos, portanto, o fio do nosso estudo com relação ao que sobre o diabo diz ainda o povo, entre nós.

Para afugental-o basta apenas esconjural-o e apresentar-lhe o signal da cruz. Afasta-se immediatamente o vae para o inferno, antro medonho a que o vulgo chama de *Argias Gordas*, sumindo-se pela terra a dentro, que se abre em abysmo, como que pavorosa cratera, para o deixar entrar, ouvindo-se então um grande ruido como o do trovão, cujas detonações são acompanhadas de chammas esvordeadas, que irrompem e se elevam em espiraes, desprendendo espesso e suffocante fumo de um activissimo cheiro de breu... Além de taes recursos, o *demonio*, por *experiencia certa*, na phrase de nosso chronista Fr. Vicente do Salvador, *tambem se afasta com as suavidades das harmonias*.

Foi para afugentar os *demonios* e *alliviar as consciencias dos peccados veniaes*, que o papa Alexandre I ( seculo segundo ) ordenou que houvesse agua benta ás portas das igrejas e casas particulares.

Os indios Tapuias criam tambem no diabo, invisivelmente, ou manifestando-se mesmo sob fórmas ridiculas, como mosquitos, sapos, ratos e outros animaes despresiveis, taes refere o padre Simão de Vasconcellos. A esses espiritos máos chamavam elles *Jurupary* ou *Anhangá*.

Os negros africanos trouxeram-nos tambem o seu contingente de superstições, e si tinham vagas noções de um ente supremo, tinham-nas, porém, positivamente, de um genio máo, o seu *Cariapemba*, o proprio diabo das universaes legendas.

Esse *Cariapemba* dos escravos africanos era de feição egual ao demonio de todos os povos. Perseguiu-os de um modo atroz, apparecia-lhes visivelmente, e introduzia-se nos seus corpos, tornando-os endemoniados, endiabrados. A esse phenomeno chamavam elles *mútu gué Cariapemba*, e depois do seu contacto com os portuguezes, possessos, energumenos, terríveis; ou os arrebatavam, conduzindo-os aos seus antros horriveis, a cujos individuos chamavam elles. *amucutucumucu rid, Cariapemba*,—o arrebatado do demonio: *gué Diabu*—segundo Canno-catim no seu «*Diccionario da lingua bunda ou angolence*».

O diabo apparece furtivamente, illudindo a vigilancia dos archanjos, que o trazem sob as suas vistas, armados de flammejantes espadas; mas, no dia de S. Bartholomeu, a 24 de agosto, solta-se licenciadamente, e fica em plena liberdade. Por isto é prudente a gente prevenir-se para não cahir nas suas ciladas.

Nesse dia as criações ficam muito inquietas e desenvoltas por tentação do demonio...

É máo pisar a sombra de uma pessoa, ou brincar com a sua propria, porque é brincar com o diabo.

Ha gente que tem parte com o demonio, e fala mesmo com elle, mas ninguem o vê, sinão o proprio individuo com quem se communica. É dahi que vem o dito popular: — *Quem fala só, fala com o demonio*. — Os maçons ou pedreiros livres são desses que têm parte com o diabo, falam com elle á meia-noite e têm o mesmo cheiro de breu.

O demonio, quando quer perseguir a alguem *mette-se-lhe no couro*, do que resulta uma completa demutação no physico e moral dessas creaturas endemoniadas, e até mesmo tornam-se irrequietas e turbulentas; o só sai elle mediante os exorcismos da igreja, de um certo ceremonial solenne, mas furioso, enraivecida-mente... Ouve-se então um ruido medonho, treme a terra e o tempo obscurece, sente-se activissimo cheiro de breu queimado, e o energumeno livre assim do diabo no couro, torna-se immediatamente ao seu natural estado de mansuetude e placidez...

Mas, apesar de expulso o demonio do corpo humano, nem por isso a cura é radical, porque na phrase do riffão, *a quem o Diabo toma uma vez, sempre lhe fica o geito.*

Os exorcismos observados para — deitar demonios fóra dos corpos humanos, — sómente a igreja os póte praticar, por particular e exclusiva competencia ; e dest'arte a *Constituição do Arcebisado da Bolivia*, do qual é suffraganeo o bispado de Pernambuco, absolutamente veda aos seculares a pratica de semelhantes exorcismos, sob pena de excommunhão maior *ipso facto incurrenda*, e mais vinte cruzados de multa.

Apezar disso, perdeu a igreja esse privilegio, em face de uma formal resolução decretada pelo Marquez de Pombal, supremo ministro em todo o reinado de el-rei D. José, pela qual, na phrase de um historiador portuguez, — «prohibiu os exorcismos, que os fanaticos olhavam como remedio unico da igreja para curativo dos maleficios e endemoniados, ou possessos».

São innumerados os casos de endemoniados que o povo narra, revestidos todos de minudencias e particulares circumstancias, e longe iriamos si nos detivessemos, ainda mesmo em uma simples enumeração. Entretanto, como uma nota curiosa sobre tão extraordinario phenomeno, limitamo-nos apenas a registrar o seguinte, ingenuamente narrado pelo nosso chronista Jaboafão:

« No tempo em que os hollandezes occuparam esta terra de Pernambuco, succedeu no convento de Santo Antonio de Ipojuca um caso notavel, o qual foi, que estando uma moça endemoniada, dizia o demonio, que estava nella, que não havia de sahir do seu corpo, sem o lançar delle fóra um religioso daquolles convento chamado Frei Pantaleão de Santa Catharina ; o chegando o frade aonde estava a enferma, e mandando ao demonio que salisse de seu corpo, sahio elle logo. Porém, dahi a algum tempo tornou a entrar na dita moça, repetindo, que levassem de novo o mesmo frade para o lançar fóra.

« Conduziram a endemoniada á igreja do convento, e achando-se presentes alguns dos hollandezes que estavam de guarda em Ipojuca, começou o demonio a falar a lingua hollandeza pela bocca da moça, e a patentear os peccados que tinham elles commettido aqui no Brazil e na sua terra, de que floaram mui ad-

mirados, e disseram, que sem duvida alguma ora o diabo que assim falava.

«Depois disto chegou o frade á igreja, e perguntando ao demonio, porque tornára a entrar naquelle corpo, respondeu, que tornára a entrar pelo pouco caso que se fizera daquella obra de Deus, e lhe não pediram signal algum para o pôrem em memoria no altar de Nossa Senhora ; o que ouvindo o religioso, disse, que si assim era, sahisse logo daquelle corpo, e desse signal ; e immediatamente a moça lançou pela bocca um annel de azeviche, que se poz no altar de N. S. da Conceição, em memoria daquelle milagre, e o demonio sahio fóra do corpo da moça, e nunca mais tornou a elle, e dahi por deante tiveram os hollandezes grande veneração e respeito aos nossos religiosos. »

Pormenores particulares e interessantes sobre esse extraordinario phenomeno deve fornecer, sem duvida, um codice original, que se conserva no Museu Britannico, em Londres, e que sómente de titulo o conhecemos: — *Noticia que dá o Illustrissimo Bispo do Maranhão, Dom Frei José Delgarte, de uma energumena no anno de 1695.*

*O diabo tem duas capas, e encapa quanta mareteira se pratica por este mundo afóra, mas, é prudente não confiar demasiadamente nelle, porque « o diabo tanto encapa, até que um dia desencapa », descobrindo assim a todos esses embusteiros e mazehentos.*

*O diabo reza tambem, condescendo mesmo com as crencas oppostas pela sua rebeldia, do que resultou ser expulso do Paraiso ; quando quer alliciar uma creatura ao seu partido e perder uma alma, e por isso previne o proverbio: — Quando o diabo reza, enganar te quer. — E não raro consegue com as suas artimanhas, por artes do diabo, metter-se em casa, occultar-se atraz da porta, o muitas vezes unir a certos individuos, em seus interesses, de nada lhes valendo ser feitos por Deus, porque assim mesmo — o diabo os ajunta.*

*E', porém, muito sobrio, e quando tem fome come moscas.*

São innumerous os nomes usados para designar o diabo, taes como, historicamente, Anjo máu, ou das trevas, Belzebuth, Demonio, Lushel, Satan, Lucifer, Asmodeu e Satanaz ; mytholo-

gicamente, o de Plutão, tendo a Pluto por seu ministro na soberania dos infernos; e na bocca do povo: Arrenegado, Cafute, Cafutinho, Cão, Capataz, Capeta, donde vem o termo *escapetado*, Demo, abreviatura de Demonio, Droga, Excommungado, Ferrabraz, Furia, Fute, Inimigo, Maldicto, Mofino, Não sei que diga, Pé de patô, Tição, Tinhoso, Tisnado e Sujo: e emfim, usa-se do termo *diacho*, corruptela de diabo, para amenizar a sua expressão perante pessoas de respeito.

Apezar das suas travossuras — *o diabo não é mdu e ajuda aos seus*, — como diz o proloquio. Entretanto, não é bom comer o pão que o diabo amassou, e pintal-o mesmo, porque, — *quem com o diabo anda, com o diabo acaba, e quem diabos compra diabos vende*; — mas, convem ser-se sabido e experto nos negócios: — *Quem é besta pede a Deus que o mate, e ao diabo que o carregue*. — O contrario será representar-se o triste papel de um pobre diabo, carregado de esteiras velhas, e cahir-se nos moitejos e irrisões de um pobre diabo. Comtudo, convem não esquecer, que o mal ganhado o diabo leva, nem tão pouco o odio que vota elle ao avarento, porque — *da pataca do sovina, tem o diabo tres tostões e dez réis*.

Apezar de tudo isso, participa elle dos fructos dos nossos labores e fadigas nas luctas da vida, porque afinal de contas — *a gente trabalha para Deus, para si e para o diabo*.

E' bom evitar-se sempre as demandas e questões, quando se encontra com um desses emperrados e teimosos que se não convencem e nem se rendem á razão, *nem mesmo que o diabo estoure ou lóque rabeca*, attendendo-se a que, — *quem anda em demanda, com o diabo anda*; — pelo que, muitas vezes succede haver o diabo a quatro no calor das contendias; e si porventura não triumpham a razão e a justiça, resigne-se o perseguido, que será vingado pelo proprio demonio, porque — *quem deve a Deus paga ao diabo*.

Convem não ser anejo e viver pela casa alheia, porque — *cada um em sua casa o diabo não tem o que fazer*; — e ter-se convicções firmes, inabalaveis, e não andar-se com uma vela accesa a Deus e outra ao diabo. Em todo caso é prudente viver bem com Deus e bem com o diabo, porque — *o diabo não é tão mdu como se diz...*

Deve-se evitar sempre as companhias e certos negocios em que figurem tres individuos, porque *tres o diabo fez*; e fugir de certas cousas como — *o diabo foge da cruz*.

Mas, apesar de tudo, concluímos com os echos do proverbio: — *Viva Deus e morra o diabo!*

Por um phenomeno de assimilação lavra no animo popular a crença de myriades de espectros, fadas, visões e apparições; de espiritos, almas penadas, anjos, demonios e bruxas, e particularmente os mythos do Lobishomem e da Cabra-cabriola; uns mensageiros do bem, outros de males terriveis, e alguns a infundir o medo e o terror ás crianças, com o fim de as tornar doces e boas, e dahi essas legendas medievas — das aventuras extraordinarias, dos fatidicos terrores da meia-noite, que evocam as danças macabras, em noites de Walpurgis, dos espectros que tripudiam rangentes e alvejantes nos sudarios ao livido luar dos velhos castellos roqueiros, onde sibila o vento das tempestades tenebrosas, e onde gemem invisiveis as larvas do mysterio.

O mytho germanico dos vampiros, — cadaveres que se levantando das sepulturas pelas horas silenciosas da noite, e desfilando vagarosamente, como phantasmas que são, se entretêm a chupar o sangue da humanidade até uma hora antes de nascer o sol, cujas victimas apresentam um caracter sombrio e melancholico, emmagrecem visivelmente de dia para dia e por fim morrem extenuadas — não é absolutamente conhecido entre nós.

Mas, da mesma especie do vampiro, temos as bruxas e as carochas, que atacam as crianças, de preferencia as que estão por baptisar, quando no aposento não ha luz, porque sómente nas trevas podem praticar os seus intentos: — chupar-lhes o sangue.

No caso de repetidas investidas começam as crianças a empallidecer, a definhar, e perecem por fim, sem molestia manifestadamente conhecida, e sem mesmo atiar-se com a causa efficiente da sua morte, até que apparece um entendido, ge-

ralmente uma velha beata e cavillosa, que, convenientemente informada, firma o diagnostico— das bruxas ou carochas...

Para evitar, porém, esses ataques tão nocivos ás crianças, aconselha a superstição popular, que é bom traçar-se na porta do quarto em que dormirem ellas, um signo-salomonico, isto é, uma especie de estrella de seis raios, formada por dois triangulos, convenientemente dispostos.

A superstição da bruxa vem dos romanos.

Em tempos de um fanatismo estúpido e sanguinario, colhe-mos algures, fizeram-se morrer muitissimas dessas infelizes alcunhadas de bruxas, para as quaes havia reservados nos codigos de todas as nações da Europa supplicios cruéis. No nosso paiz datam do principio do seculo XV as primeiras leis contra o bruxedo. Não obstante, tomou este notavel incremento nos seculos XVI e XVII. No seculo XVIII começou a declinar; e hoje apenas pelos reconcavos sombrios de antigos e cerrados bosques, ou em algum valle medonho e solitario, se deixa ainda, ás vezes, entrevêr ao nosso povo aldeião, em noites tenebrosas, a sombra diminuida, quasi anniquilada, da velha bruxa.

A legenda do judeu errante, o *Ashaverus* da Germania, a caminhar, a caminhar sempre, desde que encetou a sua interminavel jornada; bem como a dos gigantes, uns homens de prodigiosa estatura, que habitam nas ruinas de monumentos alcandorados, em áfastados e alcantilados sitios, são vagamente conhecidas entre nós pelos tons fugitivos das suas lendas no animo popular.

O mytho dos gigantes, sem nos preoccupar com as referencias biblicas e mythologicas, e nem mesmo com as bellas legendas e tradições maravilhosas que têm gerado em todos os paizes, antigos ou modernos, cultos ou não, nos quaes são elles invariavelmente exhibidos com os mesmos caracteristicos de uma colossal estatura, e como papões que devoram crianças, que têm reinos sem fim, ou passam rios e montanhas com uma só perna-da, chegou tambem entre nós, e no viver intimo dos nossos aborigenes encontra-se o mytho com todos os seus predicados e particulares caracteristicos.

Effectivamente, era crença geral entre elles a existencia de uma raça extincta de antigos povoadores do Brazil, cujos in-

divíduos, pela sua elevada estatura eram verdadeiros gigantes ; crença essa, que encontrando-a os portuguezes entre os indios, adoptaram-na, e pela sua consagração nas chronicas das primitivas occupações do paiz, chegou até os nossos dias. Fabulosa ou veridica, tem ella perpassado seculos, como a das Amazonas, que tambem chegou aos nossos dias.

De par com as crendices de alem-mar, que nos trouxeram os primitivos colonisadores portuguezes sobre o mytho dos gigantes ; e o que, pela corrente tradicional herdaram os nossos aborigenes dos seus antepassados ; tinham tambem os negros africanos iguaes crenças, originarias do seu paiz natal, e falavam nos seus gigantes com o nome particular de *miridá* ou *miridá*.

O mytho do gigante entre os nossos indios tinha a particular denominação de *Cahapora-uacú*, que quer dizer—o grande morador do matto,—segundo Couto de Magalhães.

Effectivamente, consigna aquelle escriptor no seu bello livro, *O Selvagem*, uma lenda tupy sob o titulo —*Iauti Cahapora-uacú*, o Jabuti e o gigante, cujo enredo é este :

« O jabuti, que não tem força physica, aposta com o gigante a ver quem arrastaria ao outro. Tomaram cada um a extremidade de uma corda ; o jabuti devia puxar do dentro d'agua, e o gigante de terra. Aproveitando-se desta circumstancia, o jabuti mergulha e amarra a corda na extremidade da cauda de uma baléa, e nadando para a terra por baixo d'agua, veio se esconder na margem, do onde presenciou a luta, até que o gigante reconhecendo que não podia vencer, dóu parte de cançado ; o jabuti mergulhou de novo, e desatando a corda sahio para a terra e cantou victoria. »

Do gigante resta-nos ainda o proloquio — *Pelo dedo se conhece o gigante*,—sem duvida de origem romana, em face do vulgarissimo brocardo latino:—*Ex digito gigans*.

O *Lobishomem*, que no maravilhoso da imaginação popular é um homem extremamente pallido, magro e de feia catadura, é producto, ou de um incesto, ou nasceu depois de uma serie de sete filhos.

Ente infeliz, condemnado pela sua desventura a divagações nocturnas, até quebrar-se o seu encantamento, cumpre o seu

fadario em certos dias, sahindo de noite, e ao encontrar com um logar onde um cavallo ou um jumento se espojou, espoja-se tambem, toma a sua fôrma, e começa a divagar em vertiginosa carreira.

Nesse seu tristissimo fadario, que começa á meia-noite e se prolonga até quasi ao amanhecer do dia, ao ouvir o cantar do gallo, percorre o Lobishomem sete cidades e chegando, de volta já ao logar do seu encantamento, espoja-se de novo, retoma a sua fôrma humana e recolhe-se á casa, abatido e extenuado de forças, entregando-se a um somno reparador, que por isso é prolongadissimo.

A passagem do Lobishomem é presentida desde longe pelo ladrar de cães, que em matilha o acompanham em perseguição, dando tempo, quasi sempre, a cada um fechar a sua porta pelo horror que elle infunde aos timidos. Mas, si houver alguém de coragem, que se enfrente com o Lobishomem, e lhe faça um ferimento qualquer que produza derramamento de sangue, por pouco mesmo que seja, tira-lhe o encantamento e tomando elle immediatamente a sua fôrma humana, acaba por uma vez o seu triste fadario.

O Lobishomem apparece frequentemente nos nossos contos populares como um monstro horrivel, que infunde terror ás crianças, conseguindo-se com as suas narrativas aquietal-as em suas travessuras. De um desses contos que vogam entre nós e tem por titulo — *O Lobishomem e a menina*,—consigna Sylvio Roméro estas estrophes, por não se lembrar mais do seu todo, e nem lhe ser possivel mesmo conseguir da tradição popular uma lição completa:

— Menina, você onde vai ?

« Eu vou á fonte.

— Que vai fazer ?

« Vou levar de comer

A minha mãesinha.

— O que levas nas costas ?

« E' meu irmãozinho.

— O que levas na bocca ?

« E' cachimbo de cachimbar.

.....  
 « Ai ! meu Deus do céu,  
 O bicho me quer comer !  
 O gallo não quer cantar,  
 O dia não quer amanhecer,  
 Ai, meu Deus do céu ! »

Quasi que deste mesmo genero, figura ainda no animo popular um outro mytho, egualmente sob a fórma de um monstro quadrupede—a mula, geralmente, metamorphose da barregã do padre, e que, como o lobishomem, cumpre tambem o seu fadario em certas noites, sentindo-se mesmo a sua passagem pelo tropel vertiginoso da carreira com que caminha, o o lugubre tilintar das cadeias que arrasta, apavorando immensamente a quantos presentem tudo isso.

Do fatigante percurso dessas suas periodicas peregrinações, deixa vêr a mula, no outro dia, já tornada ao seu natural estado, vehementes signaes no seu corpo, produzidos pelas cadeias que arrastára, e a languidez do cansaço pela sua vertiginosa carreira a vencer e regressar de longinquas paragens nesse seu tristissimo fadario, que é como que se penitenciando do seu peccaminoso viver ; e o padre, para purificar-se dos seus peccados, amaldiçoa a barregã no acto da celebração da missa, antes de tocar na hostia para a consagrar !

Tratando o padre Lopes Gama das superstições e credices populares do seu tempo, diz o seguinte, sobre o assumpto :

« Entre nós, hoje mesmo, (1842) qual é a velha, qual é o pae senhor, que não cre na existencia de Lobishomem ? E como a respeito do maravilhoso quasi toda a gente gosta de mentir, não falta quem jure ter visto os taes Lobishomens. Um affirma que fulano de tal virava-se em burro, e assim corria seu fado ; outro, que conhecera certa amasia de um vigario, a qual tinha a bocca sempre esverdeada, porque mudava-se em mula e andava pastando ; outro diz que conhecera um homem que era lobishomem, e transfigurava-se em porco. Certa mulher contou-me com toda a seriedade, que já vira uma sujeita, que em certos dias não se arredava da cama, sem ter molestia alguma e toda coberta, porque estava virada em burra, e não queria que lhe

vissem os cascos, as orelhas, etc. Dizem além disto, que toda a pessoa que se muda em lobishomem, vive amarella e espantada.»

E o populacho ingenuo repete tudo isso com inabalavel convicção!

Mais terrivel que esses dois my thos, de muito longe importados, e de muito conhecidos entre nós, é a *Cabra-cabriola*, que para dar pasto á sua voracidade astuciosamente penetra nas proprias casas em suas excursões nocturnas, e devora os meninos que encontra; e por isso têm elles muito medo desse horrivel monstro, de enormes fauces e dentes agudissimos, a deitar fogo pelos olhos, pelas narinas e pela bocca.

São innumeros e mui vulgares os contos populares em que figura a *Cabra-cabriola*, mas este é particularmente seu:

« Havia uma mulher que tinha tres filhos de tenra idade, e sahindo sempre á noite para angariar meios de subsistencia para elles, recommendava-lhes muito insistentemente, que se prevenissem contra as astucias da *Cabra-cabriola*, não abrindo a porta sinão a ella propria, cuja voz e toada particular perfeitamente conheçiam.

« Certa noite, porém, chegou o monstro, bato á porta, e ignorando o accordo estabelecido, pede como si fosse a mãe das crianças, que a deixem entrar; mas, falando naturalmente com a sua voz forte, grossa e horrivel, nada conseguiu das suas artimanhas, e sahiu desesperada bramindo:

Eu sou a *Cabra-cabriola*,  
Que come meninos aos pares,  
E tambem comerei a vós,  
Uns carochinhos de nada.

« Retrocedo depois, occulta se, e aguarda a volta da mulher, e com semelhante artificio aprende-lhe a toada, e repara bem no seu metal de voz.

« No dia seguinte vai á casa de um ferreiro, manda bater a lingua na bigorna, e conseguindo assim modificar a sua voz tornando-a mesmo igual á da mãe dos meninos, vem á noite, espregia a sua sahida e depois, bate á porta cantarolando a conhecida toada:

Filhinhos, filhinhos,  
 Abri-me a porta,  
 Qu'eu sou vossa mãe ;  
 Trago lenha nas costas,  
 Sal na moleira,  
 Fogo nos olhos,  
 Agua na bocca,  
 E leite nos peitos  
 Para vos criar.

« E as pobres crianças na persuasão de que era a sua propria mãe que assim lhes falava, abrem pressurosas e alegres a porta, e inopinadamente acommettidas pela esfaimada Cabra-cabriola, são todas devoradas por ella. »

Como contraste, porém, de todos estes entes horriveis que intimidam as crianças e enchem-nas do mais profundo pavor, surgem as fadas bemfazejas, com todos os prodigios do maravilhoso, para enlevar-as deslumbradas, ás esplendorosas regiões da phantasia.

A fada é uma joven mulher em todo o esplendor de uma peregrina belleza, risonha, loura, e de uma alvura eburnea, alada, e de vestes candidas, diaphanas, e roçagantes, empunhando na destra a sua *varinha de condão*. Apparece quasi sempre a sós, inesperadamente, alguma vezes em companhia de suas duas irmãs, o que faz lembrar as tres graças da mythologia grega.

Nas nossas legendas e contos populares, estereotypados dos antigos romances portuguezes, mesclados já de laivos orientaes pelas phantasticas historias das *Mil e uma noites*, e das legendas cruzadinas da Terra Santa, e tão vulgares nos serões infantis dos nossos lares, e nos que o—anthropomorphismo continúa a ter curso, não somente entre as crianças, que sentem prazer para aquelles onde o vento e as arvores falam, e as estrellas se casam, mas, entre mesmo os proprios adultos, cujo espirito nunca póde subtrahir-se completamente ás influencias dos habitos infantis ;—encontram-se frequentemente o maravilhoso das fadas, que fazem o horoscopo das crianças, transformam assombrosa e rapidamente a seres animados e inanimados ao mais caprichoso desejo, a um toque magico da sua varinha de condão ;

ou transmitem aos seus eleitos esses prodigiosos poderes, graças a um talismã qualquer; e vêm, enfim, em auxílio dos infelizes e desprezados da fortuna, a derramar sobre elles a cornucopia das suas graças, enchendo-os de felicidades e venturas.

No conto da *Borrulheira*, por exemplo, o maravilhoso das metamorphoses rapidas, em que resplendo a belleza de par com um fausto e riquezas de um deslumbramento de pasmar, os poderes das fadas são de um prodigio magico e encantador, que enlevam os espiritos ingenuos da infancia, e ao adormecer acodem-lhe ao cerebro os mais bellos sonhos, de uma phantasia esplendida, magica e deslumbrante!

Acaso, porém, para infundir nos corações infantis o espirito bemfazejo, inflammando-os á caridade, implantando-lhes os nobilissimos sentimentos do altruismo, avultam as legendas do apparecimento de Christo, sob o aspecto de um pobre peregrino, velho e abatido, de longas barbas, arrimado a um bastão, e coberto de andrajos, a pedir esmola e pousada; e os que o acolhem, complacentes e bons, recebem dos céus as recompensas das graças divinas: e dali o preceito christão de *dar pousada aos peregrinos*, e estes bellos conceitos da trova popular:

Quando Deus andou no mundo,  
A São Pedro disse assim:  
— Quem não quer pobres em casa,  
Tambem não me quer a mim.

\* \* \*

São curiosissimas as superstições populares com relação aos defuntos e almas do outro mundo.

O cavalayer colloca-se de pés para a rua, e na sua conducção para a sepultura vai de pés para a frente, salvo o dos padres, que têm compostura opposta, em virtude de preceitos ecclesiasticos.

Si o corpo fica molle, é prenuncio certo de vir a alma do morto buscar proxivamente alguém da familia, e o mesmo occorre quando fica de olhos abertos; e para evitar isso alguém os deve fechar, recitando a conhecida formula: — *F., fecha os olhos para o mundo, e abre-os para Deus.*

Quando um cadaver é dado á sepultura, envolvido, não se tira a agulha que coseu a fazenda ; e para não se ter medo do defunto e não assombrar a gente de casa, beija-so-lhe a sola do sapato.

Ao passar de um feretro, todos se descobrem respeitosa-mente, e pedem a Deus que lhe dê o céu.

As pessoas que conduzem um cadaver ao sahir da casa para a sepultura devem tambem tomal-o á entrada do cemiterio.

Dedo ou mão de anjinho pagão e um pedaço de corda de enforcado dão felicidades a quem os possui.

Quando morremos, o espirito se evola immediatamente, mas não vai para o seu destino, o céu ou o inferno, segundo as suas obras praticadas neste mundo ; e, enquanto o cadaver não baixa á sepultura, permanece junto ao mesmo. Os nossos indios, porém, acreditavam que o espirito só se apartava do corpo depois do seu completo estado de decomposição ; e enquanto não ia para a lua, logar destinado á sua morada e descenço eterno, percorria as florestas, assistia ás suas conversas, ás suas danças, e era testemunha, emfim, de todas as suas acções.

Para outras tribus, apezar de originarias todas de um mesmo tronco, o tupy, — a vida remuneradora dos justos era passada em localidades encantadoras, que se afiguravam no reverso das montanhas azues, a serra geral que percorre a vasta extensão da costa austral do Brazil, e cujas montanhas viam a uma certa distancia ; mas os espiritos infleis e pusillanimes eram proscriptos dessa mansão, como anathematizados e votados a misérias e privações, erravam por desertos estereis e se acolhiam aos covis das foras.

Segundo a crendice popular, para verificar-se o destino final dos espiritos, é preciso um julgamento prévio.

O espirito, apenas desprendido da materia, comparece perante o archinjo S. Miguel, e tomando elle a sua balança, colloca em uma concha as obras boas e na outra as obras más, e profere o seu julgamento em face da superioridade do peso de umas sobre as outras.

Quando absolutamente não se nota o concurso de obras más, o espirito vai immediatamente para o céu ; quando são ellas insignificantes, vai purificar-se no purgatorio ; e quando não

tem em seu favor uma só obra, boa siquer, vai irremissivelmente para o inferno, donde só sahirá quando se der o julgamento final, no *dia de juizo*, seguindo-se então a resurreição da carne.

A' morte dos justos e bons, que atravessaram a sua passagem por este mundo, sem peccados, assiste um anjo, invisivelmente, empunhando uma espada flammejante para os defender de Satanaz, que, ainda mesmo nesse extremo momento da vida, comparece junto ao leito para arrebatá-lhes a alma: e São Pedro, na sua qualidade de porteiro do céu, espera-os nos seus humbraes para dar-lhes ingresso no Paraizo.

O recém-nascido que não foi amamentado o morro baptizado, não participando, portanto, de cousa alguma deste mundo, é um seraphim, anjo da primeira jerarchia celestial, e vai immediatamente para as suas regiões occupar um logar entre os seus eguaes; o que recebeu amamentação e as aguas do baptismo é simplesmente um anjo, porém antes de entrar no céu passa pelo purgatorio para purificar-se dos vestigios da sua ephemera passagem pela terra, expellindo o leite com que se amamentou; e o que morre pagão fica eternamente privado da luz e glorias celestiaes, e vai habitar as sombrias regiões do Limbo.

A mulher casada que não teve filhos, quando morre vai vender azeite ás portas do inferno, para alimentar o fogo eterno a que são condemnados os máus e os perversos, que morreram fóra da graça do Deus.

O calaver dos individuos que morrem excommungados pela ogreja, fica completamente resequido, como uma condemnação da terra contra os seus peccados, e não consome o nariz dos que têm por habito cheirar a comida; ao dos parricidas mirra-se-lhe o braço, cuja mão praticou o crime; e o dos meninos que dão pancada nas mãs, fica com o braço inteirigado.

A terra não consome o cadaver dos santos e bemaventurados; conserva intactos os seus corpos, e delles desprende-se um aroma suave e agradabilissimo, que transporta a mysticos pensamentos: e picando-se os mesmos, deitam sangue. Do corpo de Santo Antonio, a terra consumiu tudo menos a lingua.

Sobre este particular prodigio, referem as Memorias do Cabido de Olinda, que, trasladando-se para um carneiro de mar-

more o corpo do bispo D. Mathias de Figueiredo e Mello, fallecido em 1694, encontrou-se sem corrupção alguma, deitando sangue um dedo casualmente ferido quando se abriu a sua primitiva sepultura; e a quem ainda hoje visita a velha, mas bellissima cathedral olindense, indica-se-lhe com respeito o sepulchro do *Bispo santo*, como o consagra a veneração popular e o diz o epitaphio inscripto sobre o monumento.

Frel Francisco de Assumpção, religioso, franciscano do convento de Serinhão, fallecido em 1710, foi um homem de santa vida. Pelas suas grandes virtudes, predisse com precisão o dia da sua morte, e no seu cadaver observou-se admiravel prodigio, — « porque, como refere Jaboatão, ficou tratavel e brando, dando estalos os dedos, si os moviam, parecendo estar vivo na côr, e sem os communs effeitos da corrupção ».

Os homens santos caminham suspensos do sólo, em altura conveniente, e os seus passos são tão firmes e seguros como si andassem sobre a propria terra. Desses factos estão cheias as nossas legendas religiosas, e o povo os repete com uma inabalavel firmeza de crença.

O nosso chronista Jaboatão, escrevendo detalhadamente a vida de Frei Cosme de S. Damião, notavel franciscano do convento de Olinda, onde professou em 1597, refere que, sendo elle empregado em sua mocidade, antes de abraçar a vida religiosa, no Engenho Velho, do Cabo, e entrando em uma occasião na casa de purgar, o seu proprietario, o velho fidalgo João Paes Barreto, para falar ao moço Cosme, — «o foi achar a um canto, posto de joelhos sobre as taboas dos andaimes em que assentam as fôrmas de assucar, em oração, e não só todo absorto nella, mas levantado no ar bastantemente».

O mesmo escriptor, referindo-se ao fallecimento de Frei Comes, occorrido na Bahia em 1659, consigna um documento firmado pelos doutores em medicina Antonio Rodrigues e Francisco Vaz Cabral, os quaes, em termos de fé e juramento aos Santos Evangelhos, declaram, que — «estando para ser dado á sepultura o corpo do dito Padre, e tocando-lhe o nariz, bocca, orelhas, cabellos e os emunctorios do seu corpo, não acharam signál algum de máu cheiro, ou corrupção, o que julgavam ser cousa mais que natural, em razão de serem passadas mais de vinte e sete

horas depois que falleceu, e ser tempo de maior calor, (novembro) sendo accessorio a esse accidente, o que faziam as muitas luzes e grande tumulto de gente, de que sempre o corpo esteve cercado...»

Nos nossos dias, quando se trata do virtuoso padre Arsenio Vuillemain, natural da França, pertencente á Congregação da Missão, fundador da Sociedade de S. Vicente de Paulo, e fallecido nesta capital no dia 3 de junho de 1899, com 64 annos de idade, refere-se que, por varias vezes, fôra visto olle caminhar suspenso, e assim estar em suas orações.

Sobre esse prodigio observado no padre Vuillemain, particularizamos o seguinte facto, que nos referiu uma respeitavel pessoa, assegurando-nos a sua notoriedade:

« Caminhava elle apressadamente, como costumava, por certa rua desta capital, quando ao approximar-se de uma casa, grita para dentro uma criança que estava á janella:— *Venham vêr um padre andando suspenso.*— Vuillemain dirige-se logo para a criança, e com um sorriso angelico e bondoso bate-lhe carinhosamente nos labios com a mão dizendo-lhe:— *Cala a bocca, minha filha,*— e prosegue no seu caminho.

« A criança, porém, nédia, viva e de perfeita saúde, adoece immediatamente, sem causa conhecida, e fallece dentro de poucos dias. Era um anjinho predestinado e tocado da graça divina; o seu logar não era na terra: foi para o céu ».

No logar de uma estrada, em que se pratica um homicidio, colloca-se uma cruz, perante a qual pairam os viandantes respeitosamente, descobrem-se e rezam em intenção do morto; e depois, colhem um ramo verde e deitam-no aos pés da cruz.

As almas do outro mundo apparecem, e falam mesmo, mas com uma voz extranha, anasalada, horrivel, crença esta que é geral entre todos os povos, cultos ou não, e que entre nós mesmos remonta-se aos proprios indigenas, que apezar do estado de barbaria em que viviam tinham uma vaga noção do Ente Supremo, a que chamavam *Tupan*, criam em genios bons e máus, e supersticiosos como eram, acreditavam em almas penadas ou peccadoras, a que na lingua geral, ou tupy, dava-se o nome *Angatecô*, e ás almas do outro mundo o de *Anypetira*.

Firmo o povo nessa crença implantada desde a sua infancia, e mantida por uma corrente de indestructivel tradição, é passivamente arrastado a crêr em todas essas phantasmagorias; e revelam-se mesmo factos extraordinarios, narra-los e affirmados com uma inabalavel convicção, os quaes apavoram aos tímidos e enchem as crianças, principalmente, de terror tal, que adormecem amedrontadas vendo ao vivo, em sua imaginação fragil, as horripilantes scenas dos factos descriptos nas intimas palestras de familia.

\* \* \*

Quem ha porventura, entre nós, que ignore o que ainda hoje se refere, e de tetrico e horrivel que experimentava todo aquelle que ousasse passar pela *Cruz do Patrão*, principalmente á noite?

Effectivamente, as circumstancias particulares do sitio, o destino que teve por muitos annos, e certas occurrencias locais, concorriam para gerar no animo popular todas as tetricas legendas narradas convencidamente, e revesti-las de todas as suas pavorosas minudencias.

A *Cruz do Patrão* é uma columna de ordem dorica, firmada sobre largas bases, e em cujo capitel se levanta uma peanha faceada, encimada por uma cruz latina, tudo de alvenaria de solida construcção, menos a cruz que é de pedra.

O monumento não tem inscripção alguma que memore a época da sua construcção, e apenas se vê no alto da cruz, em ambas as faces, as iniciaes I. N. R. I., dispostas em duas linhas. Comtudo, sabe-se por documentos irrecusaveis, que existia já em 1816, parecendo que a sua construcção vem dos annos de 1814, quando se iniciaram algumas obras de melhoramento do porto do Recife.

Plantada a columna á margem esquerda do rio Boberibe, sobre o isthmo de Olinda,—gigantesco traço de união posto pela natureza entre o Recife e a velha capital de Pernambuco, — e quasi equidistante dos fortes do Brum, ao sul, e do Buraco, ao norte, foi construida para servir de balisa aos navios que demandam o porto do Recife, combinadamente com outros pontos determinados nos roteiros.

A denominação de *Cruz do Patrão* vem talvez, do seu levantamento a instancias do patrão-mór do porto, nessa época, ou mesmo por caber-lhe a direcção dos trabalhos da sua construcção, o que nos leva a crêr, a circumstancia particular de em documentos posteriores a 1814 encontrar-se algumas vezes a menção do monumento com a denominação de *Cruz do Patrão-mór*, funcionario que tinha então a seu cargo o serviço marítimo do porto.

Era no areal do isthmo, e nas immediações da *Cruz do Patrão*, como se ficou chamando á balisa, que eram sepultados os *negros novos*, ou escravos que chegavam das costas africanas, e morriam pagãos; bem como os subditos inglezes, que começaram a affluir a Pernambuco, depois do Tratado de 1810, uma vez que eram protestantes e não podiam ter sepultura nas egrejas, onde então se faziam os enterramentos dos catholicos, o que motivou a construcção de um cemiterio privativo da gente britannica, pelos annos de 1814. Era ainda nesse mesmo sitio que se executavam as penas capitaes do arcabuzamento, impostas aos militares, o que teve logar até o anno de 1850, em que occorreu a ultima execução que alli houve.

Logar ermo, de pouco transitio, apresentando o isthmo a perspectiva de uma longa e estreita faixa, recurvada, arenosa e frouxa, batida por um lado pelas aguas do Beberibe e do outro pelo Oceano, bordada quasi que em toda a sua extensão, por aquelle lado, de basto e alteroso mangal, ahi occultavam-se malfetores, que atacavam á mão armada os viandantes para roubar, e das lutas que se travavam então, resultavam não raros casos de homicidios.

Todo esse concurso de circumstancias revestia a *Cruz do Patrão* de fecundissima fonte de superstições populares, onde appareciam espiritos infernaes e almas penadas; viam-se luzes multicôres e fugitivas, que surgia n em pontos diversos e afastavam-se á proporção que o caminhante si aproximava do local em que brilhavam, ou subitamente desappareciam; o ouvia-se o tilintar cadencioso de correntes, como que si alguém caminhasse arrastando-as; *psius* agudissimos partidos de direcções encontradas, que, si o caminhante tivesse de os attender, não saberia para onde se voltar, e gritos, gargalhadas, choros, ais, e pungentes lamentações e gemidos...

Os viandantes que tinham de transitar pelo istmo e passar pela cruz fatídica, aguardavam a maré-secca, que lhes permitia descer muito, beirando a praia pelo lado do mar; ou esperavam por outros, para reunidamente, formando uma caravana mais ou menos numerosa, affrontarem a travessia; e os canoeiros mesmo, nesses tempos em que as canoas movidas á vara constituíam o principal meio de locomoção entre o Recife e Olinda, tinham o cuidado de *navegar por dentro*, nas proximidades da cruz, afim de escusar a sua vista.

A *Cruz do Patrão* era um lugar mal-assombrado!

Outro lugar a que tambem o povo chamava de mal-assombrado, era o *Chora Menino*, onde campeia uma linda capellinha, e em cujo sitio teve sepultura grande numero de victimas da sedição militar de 1831.

Dahi por diante, quem quer que passasse pelas estradas que correm em frente, e ao lado do sitio da capella, ouvia distinctamente o *choro de meninos*; e dessa legenda gerada pela superstição popular vem a denominação de *Chora Menino*, que tem a localidade, perdendo completamente a antiquissima de *Mondego*, de que ninguem se recorda mais.

Um grande sitio que havia ao lado da capella da Casa Forte, coberto de basto arvoredos, e com excellente e altorosa casa de vivenda, mas subdividido hoje em pequenos tractos, edando communicação, em largo arruamento, á estrada que vai ter ao Arayal, era igualmente tido por mal-assombrado, e dahi a sua quasi constante deshabitação.

Dizla-se desse sitio, entre outras cousas, que se via frequentemente um formoso e guapo official, de longas e louras madeixas, ricamente vestido, montado em um fogoso cavallo, e de lança em riste, galopar briosamente, em direcções diversas, como que estando empenhado em renhida justa. Era um general hollandez, que tomou parte na batalha da Casa Forte, ferida em 1645, e cahiu fulminado pelo raio da morte, num pelear heroico...

Um painel do Bom Pastor, de tamanho natural e de uma bella coloração, que existe no convento de S. Francisco da cidade de Olinda, collocado em frente ao primeiro lanço da larga escadaria de pedra, que conduz ao pavimento superior do claus-

tro, tem uma lenda que se prende ao apparecimento de um espirito, a qual é ainda hoje muito vulgar naquella cidade; e consoantemente, é a lenda da *Rua do Encantamento*, primitivo nome da rua do Bispo Sardinha, no bairro de S. Frei Pedro Gonçalves, e da qual nos occupamos no nosso livrinho *Mosaico Pernambucano*.

Em Fernando de Noronha, notam-se tambem varios casos de appareições de phantasmas, visões e almas penadas, os quaes relatam os pobres presidiarios nos seus serões de degredo; e tudo isso recolhendo ali, Gustavo Adolpho, enfeixou em tres bellissimas lendas sob os titulos: *A luz do Pico*, *A allamôa*, e *O Cajueiro da cigana*, que figuram no seu livro de versos *Risos e lagrimas*, publicado no Recife em 1882.

Como todas estas legendas que a credence popular narra com uma convicção inabalavel, e algumas até mesmo figuram historicamente codificadas, nas nossas chronicas avultam ainda muitas outras, que seria por de mais a sua consignação.

D'entre estas ultimas, porém, mencionaremos apenas a seguinte, narrada por Jaboatão, cuja occurrencia teve logar no convento de S. Francisco da villa de Iguarassú, pelos annos de 1687:

« Em uma occasião, sendo já alta noite, e estando só desperto o padre guardião Frei Daniel da Assumpção, ouviu tocar a capitulo sem elle o mandar. Homem de espirito que era, e sem temer, sabiu da sua cella, deu volta aos corredores de cima e não encontrando a religioso algum porque todos estavam recolhidos e entregues ao somno, e o convento em profundo silencio, desceu ao claustro, e passando pelo capitulo viu ali prostrado um religioso; e chegando-se a elle, e perguntando-lhe quem era e o que fazia ali, respondeu o desconhecido padre: « Sou F. Era religioso desta Provincia, que fallecendo na apostasia, foi Deus servido ter misericordia de mim, e para poder conseguir esta, e gosar da sua bemaventurança me mandou venha pedir a absolvição da censura que contra mim foi promulgada. » Assim o absolveu o padre guardião, e o espirito desapareceu; mas nem o prelado, nem outro algum religioso a quem elle communicou esta occurrencia, expressaram nunca quem fosse aquelle penitente. »

Igualmente avultam, quer na tradição popular, quer mesmo codificados nas nossas crônicas, varios factos de surprehendentes prodigios, que á razão humana não é dado investigar e todos nós devemos reverencias a essas venerandas tradições; porque, como nos ensina Alexandre Herculano nas suas *Levilas e narrativas*,— quem descreve as tradições lá irá para onde o pague.

Um nosso chronista, o franciscano Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão, que viveu em uma época de agudissima accentuação do espirito religioso entre nós, enfeixou nas suas bellissimas chronicas da Ordem Seráfica grande numero desses factos extraordinarios que a tradição conservava, ou colheu nos velhos agiologios ou santoraes religiosamente guardados nos archivos dos conventos da sua ordem, e dos quaes, destacando os mais curiosos, não nos podemos esquivar de alludir a uns tantos, ainda que *per accidens*.

No apertado assedio da nascente villa de Olinda, pelo valente gentio da terra, nos albores da nossa vida colonial, Vasco Fernandes de Lucena lança mão de uma vara e traça com ella uma grande risca no solo, e conjura aos indios, *que tolo aquelle que intentasse transpor-a cahiria immediatamente morto*.

Celebrou o gentio com desdem essa advertencia,— «mas fosse pelo que fosse, o effeito provou o dito, porque arremettendo sete ou oito a Vasco para o matarem, o mesmo foi querer passar a risca que cahirem mortos; e todos os mais em um tal espanto e medo, que confirmando-se na opinião, que entre elles andava já, de que aquelle homem era feiticeiro, viraram as costas os mais, levantaram o cerco e se pozeram em fugida ».

Em 1632, quando os Hollandezes foram á abandonada villa de Iguarassú buscar telhas para as construcções que faziam na ilha de Itamaracá, subiram com esse intento á coberta da igreja matriz de Santos Cosme e Damião, mas ao começarem o destelhamento, cahiram todos, uns mortos e outros cegos e desconjuntados, fugindo os demais, conduzindo os mortos e os feridos, choios de susto e terror.

Frei Francisco de Santo Antonio, religioso franciscano, de vida santa e de grandes virtudes, quando fazia as suas orações em frente ao altar-mór da igreja do seu convento de Olinda, por

varias vezes—saltou dos braços de Nossa Senhora das Neves o seu menino e se collocava nos braços do santo religioso, que o recebia com excessivo carinho e devoção ; e depois de satisfeito o cordeal affecto do seu espirito, se tornava para os braços de sua Mãe Santissima.

Frei Bernardo de Santa Clara, da mesma ordem, e religioso do convento de Serinhãem, de volta ás esmolas, pediu em Porto Calvo a certo morador, um boi para o carro de conducção da farinha que trazia : ao que lhe respondeu o homem indicando a um, porque não havia outro que lhe pudesse ceder. Era um novillo bravo, que nunca havia chegado ao jugo. Mas o padre, apesar de advertido por um escravo, encaminha-se para o novillo, chama-o e passivamente obedecendo o animal, vem em seu seguimento, deixa-se metter no jugo, e junto com os demais conduziu o carro até ao convento ; e depois o tornou o padre a seu dono, completamente adestrado no serviço,— pagando-lhe em beneficios o que havia recebido deste mais que bruto em securas.

Resolvendo o capitão Francisco Dias Delgado, senhor do engenho Trapicho, substituir uma imagem de Santo Christo do convento de Ipojuca, a qual, carcomida do caruncho, cahira da cruz desfazendo-se em pedaços, mandou vir uma outra de Lisboa. Mas esquecendo-se o seu correspondente da encomenda e estando a frota em vespuras de partir para Pernambuco, appareceu-lhe um desconhecido perguntando-lhe si queria alguma imagem de Santo Christo. Recordando-se então da encomenda que tinha, aceitou o offerecimento, apesar da imagem exceder ás medidas que recebera, para não demonstrar o seu descuido. E ficando o desconhecido de voltar no outro dia para receber a importancia da imagem, não appareceu, e nem mais noticias suas teve o homem, apesar das diligencias que empregou para o descobrir.

Chegando a imagem ao convento e uma vez que excedia ás dimensões do nicho do côro, onde tinha de ser collocada, mandou o referido capitão Delgado construir uma capella especial para a collocar ; e tendo-se de fazer a necessaria cruz, encontrou-se, sem se buscar de proposito, uma arvore com a sua perfeita configuração, da qual se fez o sacro lenho todo inteiro,— e tão pro-

porcionado, que a serem postigos os braços, não ficara a cruz tão bem disposta e perfeita.

A essa tradicional imagem de Santo Christo, de tamanho natural, e de uma inimitável perfeição artistica, e que é ainda a mesma que se venera no convento de Ipojuca, com grande respeito e devoção, cresceram-lhe em certo dia os cabellos e as unhas, como reza uma local tradição popular.

A piedade christã dos nossos antepassados, legou-nos tambem a consignação lendaria de varios casos de milagres e apparições da Virgem e de Santos, e algumas dessas legendas são mesmo historicamente codificadas.

Fernandes Vieira tem visões celestes, inflammando-o a emprehender a empreza da libertação de Pernambuco do dominio hollandez, e como manifestações da divina vontade em favor de tão patriótica idéa, abrem-se de par em par, por si, e successivamente por duas vezes, as portas da igreja matriz da Varzea, cuidadosamente fechadas a chave, e desprende-se o docel que cobria o altar do Santo Antonio, cahindo perfeitamente dobrado deante da sua imagem, como que significando aos habitantes de Pernambuco, na phrase de um chronista coévo,— «que é não temessem de accometter a empreza, pois elle lhes abria as portas da sua igreja para os amparar e ajudar, e que cada qual dobrasse o seu fato, o pozesse em salvo, e tratasse do estar desembaraçado e preparado para a guerra».

Santo Antonio apparece em sonhos a Fernandes Vieira, e ordena-lhe que se erga do leito e marche sem demora em busca do inimigo, que Deus lhe assegurava a victoria; e despertando elle, alta noite mesmo, manda immediatamente tocar a reunir, mette em fórma todo o exercito, marcha ao encontro dos Hollandezes e os derrota nos campos da Casa Forte.

Uma imagem do mesmo santo, que se venerava na capella do engenho em frente ao qual se feriu combate, e cuja imagem fôra mutilada pelo inimigo, verte sangue dos golpes que recebera; no maior calor da peleja, apparece entre a nossa gente um morador do visinho povoado do Arraial, com uma imagem

da Senhora do Socorro, que milagrosamente desprendia de seu rosto copioso suor; e ouvidas as descargas do combate por alguns soldados que ficaram na Varzea, no engenho de Pedro da Cunha de Andrade, denominado hoje *Curado*, e de onde abalou o exercito para a Casa Forte, correram elles pressurosos á egreja, e prostral-os perante a imagem de S. Sebastião, pedem-lhe que proteja os seus companheiros, que no momento pelejavam contra o inimigo.—*Caso maravilhoso*—! exclama um historiador do tempo, *viram todos suor a imagem, como si o glorioso martyr andara pelejando na batalha.*

Idêntico prodigio observou-se em 1709, em uma imagem de N. S. do O', na egreja de S. João, em Olinda, presagiando assim, no conceito de um chronista coévo, as calamidades de que foi victima a capitania com o rompimento de uma revolução no anno seguinte, conhecida na historia por *Guerra dos Mascates*.

Na noite do massacre de Cunhaú, no Rio Grande do Norte, em 1645, ouviu-se uma suave harmonia no céu, sobre a fortaleza da cidade, cujos canticos repercutiram no Recife, como presagio certo do que foram os anjos que acompanharam as almas daquelles martyres para o céu.

Na batalha de Tabocas, ferida no mesmo anno, viu-se — no maior fervor do conflicto, uma resplandescente Senhora, vestida de azul e branco, com um formoso menino nos braços, acompanhada de um varão autorizado, repartindo polvora e balas pelos nossos soldados,— na phrase de um chronista do tempo; e um outro accrescenta, uarrando o mesmo prodigio, que a Senhora era a Virgem Maria, que acudiu á nossa gente, e o venerando velho, bem se pôde colligir, que seria Santo Antão, que tinha naquellas asperas montanhas uma egreja, onde os moradores da localidade todos os annos celebravam uma festa em seu louvor.

A este prodigio da apparição da Virgem, nessa primeira batalha que tiveram os pernambucanos na guerra que puzeram em campo para os libertar do jugo hollandez, refere-se tambem o *Livro do Tombo*, da egreja matriz de N. S. da Luz, nas visinhanças de Tabocas, livro esse que se remonta a 1775, da sua organização, e consigna estes versos, dentre os muitos que os poeta do tempo compuzeram em seu louvor:

## MOTE

A sacra luz de Maria  
 Nas Tabocas vencedoras,  
 Foi nossa restauradora,  
 Fez da noite claro dia.

## GLOSA

Qual estrella portentosa,  
 Qual celestial fulgor,  
 Qual divino resplendor,  
 Qual visão prodigiosa,  
 Mostrou-se miraculosa  
 Convertendo a noite em dia ;  
 E a terra de alegria  
 Encheu no mais bollo instante,  
 Surgindo clara e brilhante  
 A sacra luz de Maria.

Della a summa claridade  
 Trouxe ao mundo a Mãe de Deus,  
 Porque com os meritos seus  
 Do Filho ganha a vontade ;  
 Pois com santa piedade  
 Ella é nossa intercessora ;  
 E como forte Senhora  
 Defendendo a nossa terra,  
 Foi da hollandeza guerra  
 Nas Tabocas vencedora.

Disto certa tradição  
 Nos transmite alta memoria,  
 Que a Pernambucana Historia  
 Refere com exacção :

Tenhamos, pois, devoção  
 A tão santa protectora,  
 Que nossa consoladora  
 Elia é constante e pia,  
 Bem como em ditoso dia  
 Foi nossa restauradora.

Bem dita seja a Trindade  
 Em crear Virgem tão pura.  
 Para ser guarda segura  
 Da fragil humanidade;  
 Pois com ampla caridade  
 Ella para o bem nos guia,  
 E por sua gran valia  
 Das trevas nos arredando,  
 Entre sarças fulgurando.  
*Fez da noite claro dia.*

Igual prodigio opera-se na segunda batalha dos Guararapes, e a tradição indica mesmo a collina das Barroiras, que se ergue ao norte e fronteira ao bello templo de N. S. dos Prazeres, como que fôra alli que apparecera a Virgem Immaculada para proteger as nossas armas, ouvin lo-se então um forte estampido na montanha, e divisando-se a Virgem qual—uma exhalação que fazia o seu curso na azulada esphora.

Quando o rei mandou executar o sabio patriota Frei Caneca, pelo seu compromettimento na revolução republicana de 1824, e os escolhidos algozes negaram-se obstinadamente ao cumprimento de semelhante incumbencia, apesar de levados a espal-deiradas e couces de armas até junto á força erguida nas Cinco Pontas, ora porque divisavam no espaço, dentro de uma aureola entre nuvens, a talhe de uma mulher de candidas vestes, e de resplendente belleza, acenando-lhes que não exocutassem o padre. Essa mulher, diz a legonda, era Nossa Senhora do Carmo, a cuja ordem pertencia o inolvidavel Caneca. Seja como fór, o facto é, que não foi elle enforcado á falta de um algoz, como fôra condemnado pela commissão militar, o sim arcabuzado, em virtude de uma resolução immediata da mesma commissão.

São também muito vulgares as legendas de apparecimentos de santas imagens em certos logares, as quaes conduzidas para as egrejas proximas desappareciam mysteriosamente, e voltavam para o mesmo sitio, onde afinal se construia uma capellinha para ellas e nas quaes se deixavam ficar.

Como typo dessas legendas consignaremos aqui a da capella de Santo Antonio do Monte, no Cabo de Santo Agostinho, pertencente ao Engenho Velho, segundo uma narrativa de Frei Jaboatão.

« Ao tempo da construcção daquelle engenho pelo abastado colonio João Paes Barreto, na segunda metade do seculo XVI, foi encontrada entre os mattos, em um meio alto, logo acima da propriedade, e á parte do poente, uma imagem do Santo Antonio, sem se saber quem no logar a havia posto.

« Com summa alegria e admiração conduziram a imagem para o engenho, mas não quereudo o seu proprietario conserval-a em uma casa particular, porque logo a veneraram por prodigiosa, levaram-na para uma capellinha de S. José, meia legua distante, e collocaram-na no seu altar; mas no outro dia notou-se que a imagem tinha desapparecido, e tornando-se ao logar em que fôra encontrada, lá foram dar com ella.

« Por mais duas vezes repetiram a mesma diligencia, e outras tantas succedeu o mesmo, e assim desenganados de que o santo havia escolhido aquelle logar para habitação da sua imagem, nelle construíram logo a sua capellinha.

« Em um assalto que deram os hollandezes á propriedade, foram á capella e mutilaram a imagem do santo, mas sahiram muito apprehensivos e confundidos, porque verteu ella copioso sangue dos golpes que recebera. »

Uma prodigiosa occurrencia narrada ainda por Jaboatão, é que o santo não quer absolutamente habitação alguma na vizinhança da sua capella, referindo então, que levantando certo morador umas casas nas sua immediações, antes que para ellas se passasse desabiram sem causa conhecida.

Annos depois, querendo certa mulher, que tinha a seu cargo o zelo da capellinha, morar junto á mesma para mais commodamente desempenhar-se do seu piedoso encargo, mandou construir uma casinha, para a qual se passou; mas, começou

logo a inquietal-a, alta noite, um vulto de ermitão como que expulsando-a da sua habitação, o que vulgarizando-se pela constante repetição do facto, lembraram-se os mais antigos da passada occorrença, e advertiram a pobre mulher que deixasse a sua casinha e se retirasse do lugar, ao que ella acquiesceu, nada mais vendo, desde que deixou aquellas paragens. E assim permanece ainda hoje, isoladamente, na chapada do monte fronteiro ao Engenho Velho, a vetusta e graciosa capellinha de Santo Antonio.

Abaixo do santuario, nas abas do monte, brotou uma fonte a cujas aguas são attribuidas virtudes miraculosas, que muitos factos parecem ter confirmado. Diz-se mesmo, que as suas aguas não têm outro merecimento, pois que sécca a fonte quando são empregadas em extranhos misteres; e affirma-se que isto succedera, quando algumas vezes foram empregadas em lavagem de roupa.

Voltemo-nos, porém, ás almas do outro mundo, para concluirmos, com o que ainda neste particular se encontra entre as superstições e crendices populares.

Quando a alma do que morreu, apparece e fala ao que está vivo, eriçam-se os cabellos, treme a pelle em convulsões de frio, confrange-se o ventre e emmudece a lingua: o vidente é a estatua da morte. Os mais corajosos e destemidos, porém, ousam falar-lhe, e para saberem o que pretende, dirigem-lhe esta conhecidissima phrase:— *Eu te requieiro da parte de Deus e da Virgem Maria dignis o que queres*;— e então faz a alma o seu pedido, geralmente de missas e orações para a sua salvação e entrada na celestial mansão.

Apparecem tambem as almas para indicarem o lugar da existencia de thesouros que em vida occultaram, e outras vezes fazem estas revelações em sonhos, quando conhecem que as pessoas a quem desejam beneficiar são timidas e medrosas.

Revelado o lugar, com a indicação mesmo de certos signaes particulares, deve o individuo guardar o mais absoluto segredo, ir só e rezar umas tantas orações para afugentar o diabo, que não deixa de comparecer em semelhantes occasiões, com o fim de impedir a extracção do thesouro, porque, emquanto permanecer occulto, a alma absolutamente não se salva. Si

porém a pessoa fizer revelações o for acompanhada, encontrará, effectivamente, todos os signaes indicados, como sejam mesmo certos objectos, mas o thesouro converter-se-ha em carvão, e a outrem será depois revelado.

As almas do purgatorio são excellentes intercessoras de graças e milagres porante Deus e os santos da côrte do céu. A promessa de um vintem, dois vintens, ou uma quantia qualquer, uns tantos *Padre nossos*, terços, rosarios e missas, domo-vem-nas piedosas a conseguirem dos céus graças especiaes, supplicadas com fé e crença nas apertadas crises da vida.

As almas do outro mundo apparecem sómente á noite, trajando vestes talares e envolvidas em mantos roçagantes de um panno branco e aspero, e o seu corpo é de uma frieza de gelo.

As caveiras tambem falam, e de uma que estava despresadamente atrrada á margem de uma estrada, conta-se o seguinte facto:

« Costumava um menino que transitava todos os dias por essa estrada bater com uma chibata na caveira ao passar por ella. Certo dia, porém, indignada com semelhante procedimento, segue os passos do travesso menino, entra com elle em casa, e queixa-se á sua mãe; dizendo com voz fanhosa, como a das almas do outro mundo:

Minha senhora,  
 Veja seu filho;  
 Si elle vai, si elle vem,  
 Páu no nariz;  
 Si elle passa p'ra lá,  
 Páu no nariz;  
 Si elle passa p'ra cá,  
 Páu no nariz.

« A mulher prometeu providenciar e a caveira voltou tranquillamente para o seu logar.»

Emfim, diz o proverbio, que *Defunto não fala; Quem espera por sapatos de defunto anda sempre descalço; e que Defunto rico, defunto chorado.*

A um individuo desprotegido, desamparado, chama-se — *defunto sem choro* . .

Tudo isso que o povo diz das *almas do outro mundo*, concorreu para se lhe votar um verdadeiro culto de amor, respeito e piedade, de envolta com o terror que ellas inspiram aos timidos e supersticiosos.

Inspirando compaixão á piedade christã a sorte daquellas que pelos seus peccados jazem no purgatorio — um lugar de torturas, onde ha torrentes caudaes de betumo fervente, lagôis de fogo e de enxofre fumegante, em que as almas se submergem com as fórmas corporaes da terra, e desatam gritos, soltam gemidos e vozes supplices, ás vezes escutadas neste mundo; — tudo isso inspirou esse culto de piedade votada ás almas para remil-as d'essa temporaria condemnação do purgatorio.

As preces, os suffragiões e as orações da igreja e do povo são os unicos vehiculos de salvação das almas condemnadas ao fogo purificador do purgatorio.

Para essas orações e suffragios, especialmente, consagrou-se um dia na semana, a *Segunda-feira das almas*; instituiu-se a — Commemoração dos fleis defuntos — no *Dia de Finados*, o que talvez, se origino da festa das almas do purgatorio por toda a igreja instituida no seculo decimo pelo papa João XVI; crearam-se as irmandades das almas nas igrejas matrizes; e em outros tempos era costume celebrar-se pela quaresma, ás sextas feiras, a lugubre procissão da *Encomendação das almas*, sahindo o prestito, á meia noite em ponto, de certas igrejas, entoando canticos plangentes com acompanhamento de musica, interrompendo-os, á certa distancia, o troar da matraca e o badalar da campa, de um cunho sinistro, aterrador.

Os penitentes, homens sómento, uma vez que ás mulheres até mesmo era prohibido presenciarem de suas casas o desfilar da procissão, sob pena de excommunião, amortalhados de branco, com a cabeça coberta, deixando aponas vêr a bocca e os olhos, conduziam lanternas uns, e outros, á penitenciarem-se, grandes pedras á cabeça, ou flagellando-se com disciplina, assim percorriam os povoados, e recolhiam-se depois de uma longa peregrinação.

E todo o povo concorria com o seu obulo para os responsos, officios e suffragios pelas almas do purgatorio, depositando-o pressurosa e espontaneamente na saccola verde do irmão da confraria, envergando a tradicional opa de igual côr, nessas suas peregrinações de collecta semanal, ás segundas-feiras; ou então ia depositar o seu vintem nas *caixinhas das almas*, pequenos cofres-de madeira com paineis no alto, em que se viam — almas brancas e negras, com os olhos de braza e bocca de fogo, levantando os braços no meio de labaredas vermelhas, listradas de amarello, — ostentando-se no plano superior, entre nuvens e cercada de uma aureola, a imagem do archanjo S. Miguel, cuja misericordia imploravam as miserias condemnadas ás torturas dos soffrimentos.

De par com esses obulos pecuniarios, depositava tambem o povo sobre as calxinhas, as suas offrendas de fructos e ovos, que os feis compravam, entrando logo com o dinheiro para a *caixinha votiva*.

E todas essas offrendas, si não eram espontaneamente ditadas como um preito de caridade christã, importavam a satisfação de promessas feitas ás almas do purgatorio pelas graças ou milagres que os céus outorgavam aos seus rogos, á sua intercessão.

Como essas caixinhas que figuravam nas portarias das egrejas parochiaes, nas esquinas das ruas e ao longo das estradas, ostentavam-se tambem cruzeiros pintados ou de azulejo, de madeira ou de pedra, na frontaria de certas casas particulares e nos muros das vivendas campestres; e nos adros das egrejas, nas encruzilhadas dos caminhos, e nas ruas e estradas, viam-se cruzeiros de pedra ou madeira, sobre alterosas peanhas, monumentaes uns e modestos outros, alumidados á noite, deante dos quaes descobria-se respeitosa e murmurando uma prece em tenção dos mortos.

Esses cruzeiros, — no silencio estrellado da noite, nas solidões a deshoras, dominando mysteriosos na maravilha do vacuo, eram as *cruzes das almas* — e na phrase de Mello Moraes Filho, o aprisco lugubre dos penitentes da meia-noite; o ponto de partida das serenatas horribes, cujos echos iriam minorar os supplicios do fogo purificador...

A alguns desses cruzeiros cercou a tradição popular de umas tentas legendas, ora de aparições a deshoras de almas á penitenciarem-se, visivelmente algumas vezes, amortalhadas de vestes brancas; de luzes multicôres, a caminhar erradamente; ou da existencia de thesouros enterrados nas suas bases ou immediações, como, nomeadamente, o da igreja do convento do Carmo de Goyanna, do qual se diz — que em seus alicerces se acha enterrado grande thesouro destinado pelo instituidor á reedificação do convento, si succeder que venha a cahir em ruinas.

Dessas caixinhas e cruces das almas, taes quaes as descrevemos, não raro se encontram ainda algumas nos mencionados sitios, como attestados das piedosas crenças que inflammavam o espirito christão dos nossos antepassados.

Voltemo-nos agora para os sonhos, que têm uma tal ou qual connexão com o objecto que acabamos de tratar.

E' interessantissimo o que diz a imaginação popular com relação aos sonhos, esse vulgarissimo phenomeno physiologico, até hoje ainda não vantajosamente explicado pela sciencia, porém que o povo, com essa sua philosophia racional e inculta, os interpreta a seu modo, justificando com factos que relata, o acerto das suas convicções.

E' assim que se diz, que sonhar com um dente cahido, é prenuncio evidente da morte de uma pessoa da familia, ou de um conhecido muito intimo; com um navio, viagem proxima; com agua, lagrimas e pezares; com cabellos, trabalhos e contratempos; com ovos, linha e labyrintho, enredos; e tantas outras cousas, com a sua particular interpretação, que seria longo enumeral-as; e para que não faltasse uma nota comica no meio de todo esse immenso concerto de disparates, figura o ridiculo do sonho que se interpreta por dinheiro, fortuna, cabedaes.

E' dogma de fé, porém, entre o povo, que os sonhos bons não se deve absolutamente revelar para verificar-se a sua almejada realização; e os máus, ao contrario, para que não saiam certos.

\* \* \*

Para varios trabalhos domesticos e resultados vantajosos de cousas diversas, são precisos uns tantos requisitos, que nem todos possuem.

O bater ovos, por exemplo, não é para todos. E' preciso *ter cabeça*, para que elles cresçam ligadamente.

Para extrahir um dente e não inflamar ou apostemar o local ; tratar de uma ferida e não produzir aquelles mesmos resultados e cicatrizar depressa ; plantar um galho de craveiro ou de uma planta qualquer, e pegar ; e outras muitas cousas, é preciso *ter boas mãos*.

Com relação, porém, á extracção de um dente de criança, e para que o novo saia bonito, perfeito e sem demora, deve a propria criança atirar o dente extrahido ao telhado da casa, pronunciando estas palavras :

Mourão, mourão,  
Toma teu dente podre,  
Dá cá o meu são.

O individuo que possui o dom das boas mãos benze um taboleiro de venda de fructas, doces ou outra qualquer cousa ; affuem logo compradores e vende-se tudo sem demora ; ao contrario, porém, nada ou quasi nada se vende, e o pobre vendedor fica *boiado*, segundo a phrase da gíria popular, isto é, com uma grande parte da sua mercadoria em ser, e perdendo um tempo immenso á espera de freguezes.

O termo *benzer* é applicado á primeira vendagem do dia, e gente ha tão crente dos prodigios das *bôas mãos*, para a felicidade do negocio, que, não comprando esses taes freguezes cousa alguma *para que benzam a sua venda*, contenta-se ao menos, que mecham com a mão o taboleiro!

Na primeira vendagem do dia não é absolutamente admittido o fiado *para não encaiporar o negocio* ; e geralmente as mulheres, seguindo os preceitos de tradicional superstição ao receberem o dinheiro da sua primeira venda, benzem-se com elle, devotamente, fazendo o signal da Cruz, da testa aos peitos e do hombro a hombro, pronunciando as palavras rituaes.

Ao contrario, porém, dos prodigios das boas mãos, ha os *olhos máus*, que actuam sobre as pessoas e até mesmo sobre as cousas inanimadas.

Uma pessoa nedia, robusta, de bella cõr e bastos cabellos, definha e perde immediatamente todos esses tons de belleza, e contrahe mesmo enfermidade que a faz atravessar uma existencia incommoda, penosa, si é victima de uns olhos máus; e uma planta qualquer, viçosa e carregada de flores ou fructos, emmurcha e morre, victima tambem da funestissima influencia desses máus olhos.

Lopes Gama, em um artigo que publicou em 1838, no seu interessante periodico *O Carapuceiro*, sobre — *Os olhados, quebrantos e maleficios*, — combatendo com firmeza, jogando a arma do ridiculo, semelhantes superstições, tão arraigadas no animo popular, escreveu a respeito estas palavras, que têm um cunho de especial oportunidade neste momento:

« Muita gente está persuadida que ha olhos tão máus, que basta fitarem-se em qualquer cousa para lhe causarem o maior damno. Tem D. Briolanja um menino muito lindo, muito nédio e liso, e que por suas gracinhas é o assumpto de incessantes historias: succedeu adoeecer o menino de um dia para o outro: não lhe atinam com a causa da molestia: eis logo a mãe, a avó, as tias, as amas e as comadres, que em tom de junta medica decidem, que a criança não tem outra cousa, senão um terrivel *olhado*, que lhe pespegou uma velha, uma preta feiticeira, etc., etc. Em consequencia deste santo accordo cuidam logo de lhe applicar os remedios mais approvados para quebranto, que vêm a ser defumadores de cascas de alhos, de raspas de chifre, e sobretudo de palhinhas e lixo de encruzilhada, que é remedio santo para toda a laia de maleficios e arte diabolica.

« Nos nossos mattos a receita mais prompta e efficaz é benzer o doente com uma ceroula tirada do corpo de algum marmanjo, e applicada no mesmo instante; e matuto ha, tão eminentemente basbaque, que refere com ufanía as innumeraveis curas, que hão feito as suas nojentas ceroulas.

« Tambem aproveita muito o defumador de cupim, e de pennas de gallinha, comtanto que seja preta; porque sendo de outra qualquer cõr, já não tem virtude; que na occasião de applicar a fumaça é indispensavel a seguinte e mui piedosa oração: — *Nossa Senhora defumou a seu bento filho para cheirar; eu defumo o meu para sarar*: — e isto deve repetir-se

tres vezes, porque o numero tres é symbolico e mysterioso.

« Si uma velha tem em seu quintal uma pimenteira, um pézinho de arruda, de alecrim, etc., e algum lh'os vê, e tendo os gabado de lindos e viçosos, succedem murcharem e morrerem: quem lhe tirará dos cascos, que foi por effeito daquelles olhos invejosos e máus? D'aqui vem o *acertado* uso de pôr figas de chifre em craveiros, em crianças, ou em qualquer cousa que se estima; porque, de quantos antidotos se conhecem para quebrantos e olhados, nenhum ha de tanta virtude como as figas, e mais si são de chifre; que têm estas muitas applicações na grande arte de maleficios: por isso quando alguma mãe tem de mandar fóra o seu menino, logo a advertem que não vá sem levar figas no cinteiro para evitar os máus olhos, e ás vezes é o fedelhinho tão feio, tão sarnoso e magro, que ninguem ha que possa ter inveja de semelhante lesma; mas, não sai sem as figas, por causa do quebranto. »

De par com o que menciona Lopes Gama para a cura dos quebrantos e olhados, havia ainda na pharmacopéa popular uns tantos remedios de grande efficacia para debellar aquelles maleficios, entre os quaes « a almecega, que se usa no quebranto », como menciona Durão no seu bello poema *Caramurú*, descrevendo no canto VII as riquezas da flora brasileira.

Como vimos dos conceitos de Lopes Gama, — muita gente está persuadida de que ha olhos tão máus, que basta fitarem-se em qualquer cousa para lhe causarem o maior damno; — prejuizo esse que não reside sómente entre o povo ignorante e supersticioso, mas sim, mesm<sup>o</sup> entre pessoas da mais esmerada educação, e de elevado talento e grande illustração.

Theophilo Gautier, por exemplo, receiava muito do *mdm* *olhado*, porque o considerava — uma especie de magnetismo malfazejo, que projectam para fóra de si, sem querer, os que possuem esse dom funesto; — e proclamava que a virtude de um talisman não é inteiramente vã, porque reside na fé que inspira.

De igual e perniciosa influencia são os chamados *pés frios*, verdadeiros *feltatores*, que encaiporam os jogadores, apreciando junto a elles, as suas cartas, o seu jogar. Ao contrario, porém, ha individuos de influxos felizes, que ao seu lado, as cartas

acodem tão vantajosamente, que o jogo se desliza venturosamente, assegurando felicissimo exito!

De par com os olhos máus, quebrantos e maleficios figuram tambem as mandingas e feitiçarias, originarias dos indios e dos africanos.

Apezar dos cerimoniaes distinctos da extravagante lithurgia observada nas sessões de feitiçarias, o inicio dos seus trabalhos, comtudo são mais ou menos semelhantes no *fazer da mesa*, na qual figuram entre outros objectos alguns bonecos ou fetiches, um dos quaes tem o nome, evidentemente africano, de *santo-budum*, e um outro o de *catita*, cachimbos, maracás, certas hervas seccas, como o tabaco e a jurema para defumações, um cabaço com a denominação de *arca da sciencia*, alguns animaes, e precisamente um gallo; e preparada a mesa, pronuncia o mandingueiro umas orações em phrases inintelligiveis á laia de invocação, e começa os trabalhos da sessão, respondendo ás consultas dos clientes.

Ha, porém, duas classes de feiticeiros: uns que sabem botar feitiços, e outros que possuem a virtude de os tirar.

Em meados do seculo passado, como refere Lopes Gama, era espantosa a voga, que ainda tinham pelos nossos mattos os chamados curadores de feitiços, muitas vezes um preto boçal, ou um caboclo estúpido e borracho, que diziam saber curar esses maleficios do demonio, apresentando, como que tirados do corpo dos doentes, alfinetes, meadas de linhas, porção de cabellos, e outras cousas que constituíam as causas da enfermidade: e nessa época, acreditava-se ainda nos maravilhosos effectos de um preparado por caboclos, uns pós conhecidos pelo nome de *urucubacá*, que em cahindo sobre o corpo de uma pessoa applicados por outra — *fazem que esta fique logo amada daquella, sem poder lhe resistir*.

Em tempos que não vão muito longe ainda, dizia-se que os feiticeiros iam celebrar na *Cruz do Patrão* os seus sortilegios, que nas noites de S. João tinha logar a iniciação dos neophytos nos seus asquerosos mysterios, e que então apparecia o diabo, graças aos prodigios dos seus poderes, e fazia cousas de arrepiar a pelle e os cabellos.

Para isso, porém, tinha já o feiticeiro firmado um pacto com Satanaz para obrar com o seu auxillio os prodigios do officio, ficando desde então lhe pertencendo em corpo e alma.

Ao que parece, eram outr'ora tão vulgares esses pactos, que a Constituição do Bispado, que é a mesma do Arcebispado da Bahia promulgada em 1707, positivamente os prohibe, condemnatoriamente,— incorrendo todo aquelle que o fizer, ou mesmo invocar ao diabo para qualquer effeito que seja,— na pena de excommunhão maior *ipso facto incurrenda*, além de outras penas convenientemente discriminadas, segundo a categoria dos delinquentes, clérigos e leigos, nobres ou plebeus, e mais ainda na de lhes ser vedada a ministração do Sacramento da Communhão.

Apezar dessas condemnações ecclesiasticas, das severissimas leis civis, de remotas épocas, codificadas nas *Ordenações do Reino*, e de tudo quanto fez a Inquisição para extirpar todas as praticas de superstições e bruxarias, nas suas differentes modalidades, levando os delinquentes desde os mais horrorosos tratos até ás chammas das fogueiras, nas quaes pareceram mais de um milhar de victimas, entre feiticeiros, judeus e hereges; mesmo assim a semente do feiticeiro não se extinguiu de todo, e como a phenix da fabula, renascia elle das cinzas dos queimadinhos inquisitoriaes, a tudo affrontando, ousado e destemido: e é assim, que ainda em nossos dias, não raro, apparece na imprensa a noticia de semelhantes praticas, e ás vezes mesmo frequentadas por gente de certa ordem, que consegue, graças á sua influencia immunizar a feiticeira da acção da policia!

A *Yayá de ouro*, em nossos dias, afamada bruxa do largo do forte das Cinco-Pontas, foi uma dessas privilegiadas, que impunemente campeou no exercicio da sua industria, graças ao que teve grande clientela e conseguiu mesmo accumular alguma fortuna, que legou aos seus devotados protectores.

Entre os nossos indios, que tinham grande canalha de feiticeiros, agoureiros, bruxos e curandeiros, na phrase de Simão de Vasconcellos, e principalmente os Tapuias, que, além de não conhecerem a Deus, criam invisivelmente no diabo sob aspectos ridiculos, era toda essa gente tão estimada e venerada pela infallibilidade das suas predicções, que em qualquer parte que apparecia faziam-lhe grandes festas, danças e bailes—*como aquelles que traziam consigo espiritos tão puros.*

Eram varios e ridiculos os modos de dar os seus oraculos e adivinhar o futuro, e como que endemoniados, revelavam o que

lhês vinha á bocca, com o cerebro exaltado, ou pelo effeito do tabaco, ou pelas libações de embriagante nectar fabricado de folhas de jurema, a uns ameaçando de morte, a outros de boas ou más venturas, no que tudo firmemente acreditava toda a gente, como revelações de algum propheta, ou dictames de alguma divindade.

Além de todos esses prodigios do mandingueiro, tem elle ainda o poder de *fechar o corpo* ás pessoas, que, graças a semelhante predicado, ficam livres e immunes de todos os males e perigos, da mais certa pontaria de uma arma de fogo e até mesmo do veneno das cobras.

Contra toda essa perniciosa influencia dos olhados, quebrantos, e maleficios, ha comtudo varias cousas preventivas, bem como outras para dar felicidade e evitar males diversos.

Um ramo de pinhão de purga, *Jatropha curcas*, quebra toda acção malefica dos mandingueiros e previne mesmo a efficacia dos feitiços, olhados, quebrantos e maleficios quaesquer.

A figa, que pertence á ordem dos amuletos itiphallicos, apesar dos mais decentes, tem comtudo uma significação que não vem ao caso a sua demonstração. Representando ora o punho, isto é, a mão fechada com o dedo pollegar entre o indicador e o médio, ou todo o braço, ou uma parte sómente, apesar da sua origem egypcia, veiu-nos, comtudo, dos romanos, que a usavam com o nome de *fascinum*, na crença de um poderoso preservativo contra os encantamentos, infortunios e funestos olhares de inveja ou *máus olhados*.

Vulgarissimo entre nós o uso da figa, feita de ouro, prata, coral ou outra qualquer substancia, são grandes as suas virtudes, como preservativa de infinitos males; mas, a de tipim tem a particular virtude de evitar os olhados e quebrantos ás crianças...

Um outro amuleto tambem de origem itiphallica, e muito usado no collo das crianças, é um pequeno marisco ou buzio univalve, encastado em ouro ou prata, cujas virtudes, como preservativo de males diversos, são muito preconisadas. A sua significação, pelo objecto que representa, é idêntica á da figa, e como este amuleto, é igualmente originario dos romanos, si bom que se remonte ainda, quer um quer outro, a épocas e povos mais afastados, como predicado do culto ao *phallus*.

De taes amuletos, dizia já o poeta latino Marcus Terencius Varro, ou Varrão, como o chamamos (que floresceu nos ultimos annos que precederam ao começo da era vulgar), referindo-se ao uso romano de serem postos ao pescoço dos meninos, e tambem ás vezes em outras partes:— *Pueris turpicula rex in collo suspenditur, ne quid rei in obscenae causa.*

As ferraduras do cavallo e do boi estão tambem convertidas em amuletos, e de vulgarissimo uso, como um dos melhores propulsores de felicidades e venturas.

O pinhão de purga é um poderoso antidoto para males diversos, e mui particularmente para evitar os máus olhados. É bom, porém, para que a influencia dos máus olhos não produza os seus perniciosos effeitos, *os quebrantos e olhados*, dizer-se aos gabos ou admiração por uma cousa qualquer:— *Benza-te Deus. Toma figa. Deus te conserve...*

Para evitar-se certos males que podem provir ás crianças, pendura-se-lhes ao pescoço uma infinidade de tétéas enfiadas em um cordão de ouro ou de retroz preto, em que, principalmente figuram, além das figas e buzios, pelas suas preconisadas virtudes, como vimos, um S. Braz, para livral-as de engasgos e molestias da garganta; um S. Sebastião, contra a peste; um busto de S. João Baptista, para não soffrarem de dôres de cabeça; um signo-Salomão, para livral-as de influencias funestas; um dente de cão, para evitar cousas más; medalhas milagresas com fins piedosos, e dentes de jacaré e de aranha caranguejeira, e um caroço de azeitona, para facilitarem a dentição, além de muitos outros objectos de virtudes desconhecidas, como o sol, a lua, moedas de ouro e prata, etc.

Para evitar as convulsões ha, entre outras cousas de pro-verbias virtudes, os afamados collares electricos de Royer; para facilitar a dentição, a semente da *Guilandina spinosissima*, vulgarmente conhecida por *carnicula*; para acudir o leite ás senhoras que amamentam, as preconisadas *contas de leite*; e para extinguil-o, *seccar o leite*, um rosario formado de pequenos pedaços do talo tubular das folhas do carrapateiro (*ricinus communis*).

Os primeiros banhos dos recém-nascidos são de agua morna com um pouco de vinho, e deve-se deitar na bacia um objecto

qualquer de ouro, para que elles sejam ricos e felizes. Não se banham ao setimo dia do nascimento, e nem no dia do baptisado; e quando *cai o umbigo*, convem lançal-o ao mar, para não morrerem afogados e livrarem-se de naufragios; e emquanto não se cumpre esse preceito deve-se guardar a pellica com todo o cuidado para não ser roida dos ratos, o que acontecendo trará grandes males á criança, porque é isso prenuncio de uma triste sina.

O resguardo das parturientes varia segundo o sexo do seu primeiro filho. Si fôr homem, será de quarenta dias, e mantido depois invariavelmente, apesar mesmo do nascimento de crianças do outro sexo; e si fôr mulher, de trinta dias seguindo-se depois a mesma regularidade.

Faz perder a felicidade ás crianças impôr-se-lhes outro nome que não seja o de um dos santos que o kalendario con-signa no dia do seu nascimento.

E' máu dormirem os recém-nascidos ás escuras, pelo menos emquanto não forem baptisados; e dar-se-lhes beijos á bocca, para não criarem sapinhos (*aphlas*).

Para endurecer o pescoço de uma criança ainda tenra, ata-se-lhe, em volta, um torçal de retroz preto; para falar depressa dá-se-lhe a beber das primeiras aguas de janeiro, e não se deve absolutamente mostral-a ao espelho, porque isto faz retardar-lhe a fala...

Goza tambem de grandes preconceitos para uma criança falar depressa, dar-se-lhe agua em um chocalho; e diz-se mesmo, que com isto não só se consegue começar immediatamente a desenvolver-se essa faculdade, como ainda, que as crianças tornar-se-hão verbosas e loquazes. E' dahi, talvez, que vem dizer-se de um tagarella que fala pelos cotovellos, que — *bebeu agua de chocalho*.

Para u na criança andar depressa levam-na á missa, isto é, ao toque de chamada dos fleis para assistencia do acto, pegam-na pelos ante-braços, e anda-se com ella, como que de caminho para ouvir missa. pronunciando-se por tres vezes:

Correi, correi,  
Nossa Senhora de Belém,  
Dai perninhas  
A quem não as tem.

Quando, porém, a criança é muito *braba*, chorona e impertinente, vai uma pessoa engeital-a á porta de uma igreja qualquer, e logo após uma outra a conduz para casa, conseguindo-se com isto o almejado fim. Este serviço, porém, é feito á noite, e com umas certas cautelas para não ser presenciado.

Nos partos difficeis, sem falar no miraculoso *breve das parteiras*, que ellas collocam pendente do pescoço das parturientes, o que é, nada mais nada menos, que um saquinho de panno ou couro, contendo uma oração, muitas vezes banal, immundo objecto, ennegrecido já e revestido de uma grossa crosta sebacea e lustrosa pelo dilatado uso; e nem mesmo na concurrencia de objectos religiosos pelos influxos de piedosas crenças; basta collocar na cabeça da parturiente um chapéo de homem, e a criança nasce logo, sem o menor incidente!

Menino só é anjo e vai para o céo tres dias depois de morto, e espera no limbo, mansão etherea e sombria onde não ha pena nem gloria, pelo decorrer desse tempo; e quando uma criancinha adormecida no seu berço está a sorrir, conversa em sonhos com outras criancinhas, como ella, que morreram pagãs.

\* \* \*

As superstições pópulares expandem-se ainda sobre assumptos varios, creando um sem numero de cousas nocivas ou assimilando outras, que nos vieram de muito longe, e de muito longes epochas.

Loreto Couto referindo-se ás superstições que no seu tempo (meiados do seculo XVIII) lavraram em Pernambuco, menciona como prognosticos de infelicidades — o encontro de algum torto pela manhã, o derramar-se o sal na mesa, o quebrar-se um espelho, o cantar do cuco ou gallinha, o chover na boda, o espirrar o morrão da candeia, o uivar do cão, o entrar com o pé esquerdo e outros ridiculos agouros.

Ha plantas nocivas e agoureiras, como a arvore da fortuna e o imbé, que trazem a miseria e o atrazo a quem as cultiva em casa, como objectos ornamentaes; e a jurema de cuja odorante folhagem faziam os indios um nectar com o qual, diziam elles, se encantavam e se transportavam ás regiões ceruleas, era

a arvore do feiticeiro e mandingueiro, e tinha um culto especial entre os mesmos indios com uma lithurgia originalissima.

A bella musacea, conhecida pelo nome vulgar de *bananeira*, tão commum entre nós, em suas variadas especies, é um vegetal que se remonta ás origens da creação do mundo,— porque Adão e Eva comeram dos seus fructos no paraiso terreal; — e effectivamente, a sua origem asiatica, magistralmente discutida e comprovada por Alph. de Candolle, e a sua classificação botanica de *Musa paradisiaca*, imposta pelo sabio Linneu, autorizam, não ha duvida, a popular legenda.

A vulgarissima arruda, de tantas virtudes medicinaes, só floresce na noite de S. João; mas vem o diabo invisivelmente e tira-lhe as flores todas.

Quando Nossa Senhora fugiu para o Egypto com o recém-nascido Messias, para livral-o das perseguições de Herodes, foi montada em uma burrinha, e acompanhada de seu esposo, São José, que marchava a pé conduzindo o animal pelas redeas; e sempre que via elle approximar-se gente, o desviava do caminho procurando occultar-se do melhor modo possivel.

Em uma dessas occasiões esconderam-se os fugitivos sob uma frondente arvore que se erguia á margem da estrada, porém, baixando ella immediatamente a sua copada ramagem, *por artes do demonio*, deixou a Virgem visivelmente exposta ás vistas dos caminhantes; e por isso foi logo amaldiçoada por Deus, em castigo da sua maldade.

Essa arvore era um tremoceiro; e comer tremoços, portanto, faz mal.

Judas Iscariotes, levado ao desespero pela infamia da sua traição, enforca-se no galho de uma annosa figueira; e Poncio Pilatos, que condemnou a Christo, morreu coberto de lepra.

Quando treveja é perigoso estar a gente debaixo de arvores, e principalmente a cajazeira, que tem uma attracção particular sobre as faiscas electricas.

Quando o Viatico sui acompanhado de muita gente, o doente não escapa; mas, si espirrar, não morrerá nesse dia, e alenta-se mesmo a esperanza de salvar-se; e o desenlace fatal dos moribundos só se verifica por occasião da vasante da maré.

E' de máu agouro quando se accende uma vela ou candieiro o estalar do pavio.

Surra de sacco de areia ou de rabo de arraia, faz seccar o individuo, que inevitavelmente vem a succumbir, depois de prolongados e horribéis padecimentos.

• Limitemo-nos agora a uma simples enumeração dessas tantas cousas nocivas, creadas pela superstição popular:

Faz mal praguejar contra quem quer que seja, principalmente ao meio-dia, porque nesta hora os anjos dizem *amen*, repetidamente, entoando no céu as suas saudações hymnicas em louvor de Deus.

Faz mal dormir em cima de mesa, deixar os chinellos virados, beber agua com luz á mão, comer ás escuras, de chapéo na cabeça, em mesa sem toalha, e com treze pessoas á mesma; e olhar muito para o espelho,— porque alguma vez se arrepende vendo o diabo;— receber presentes de santos, alfinetes o lenços sem retribuir ao menos, com um vintem, para não perder-se a amizade;— comer duas pessôas em um só prato,— cuspir no fogo,— collocar santuarios de costas para a rua,— deitar pão fóra,— abrir guarda-chuva em casa,— apanhar alfinetes na rua,— contar historias durante o dia, porque faz criar rabo;— varrer os pés a um solteiro, porque isto faz não casar;— deitar luz no chão,— passar por debaixo de andaime,— pela frente de frade e por detraz de burro;— vestir roupa pelo avesso,— duas pessôas enxugar as mãos em uma toalha ao mesmo tempo,— dormir com os pés para a rua,— medir-se uma pessôa, porque é agouro de morte, e empregar em exclamação o nome do diabo, para que elle não creja em alguma evocação e appareça;— emprestar um objecto qualquer antes do dono se servir d'elle,— engolir o caroço de limão azedo, porque produz *fome canina*;— vender á noite, bem como carvão e farinha;— abrir a porta do quintal primeiro que a da rua,— varrer a casa com duas vassouras, e coser roupa no corpo, porque é agouro de morte, o que porém, se evita recitando-se por tres vezes:

Coso vivo,  
Nanja morto:  
Coso isto  
Que está roto.

Não devem as mulheres comer ovos e fructos gêmeos para evitar partos duplos,—quem varre uma casa não deve consentir que outrem apanhe o cisco para não levar-lhe a felicidade ; — não é bom duas pessoas lavar as mãos na mesma agua, porque a que lava por ultimo fica-se com a felicidade da primeira, e quem dá uma cousa qualquer e a toma depois, *fica corcunda*, d'onde vem dizer-se:

Quem dá e torna a tomar  
Vira a corcunda para o mar .

Ao contrario, porém, de tudo isso, apparecem umas tantas prescripções de cousas que se devem fazer pelos seus resultados beneficos, taes como: cuspir quando se fala em certas molestias como a gota e a morphéa ; pronunciar a phrase *comparendo mal*, ou *lá nelle*, quando se indica em uma pessoa o local de um ferimento, uma chaga ou qualquer incidente fatal de outrem ; fazer-se a mudança de residencia em um sabbado, e mandar em primeiro logar o sal, o carvão e a farinha ; entrar na casa nova com o pé direito, tendo-se o cuidado de préviamente examinar si é feliz ou não, contando-se os caibros da coberta, repetidamente, com os nomes de ouro, prata e cobre ; e espetar uma tesoura na parede, virar uma vassoura atraz da porta e deitar sal ao fogo, para fazer retirar-se logo uma visita prolongada e impertinente.

Ao correr de uma estrella, ou quando se ouve espirrar, é bom dizer-se: *Deus te salve*, porque pôde ser um espirito errante, uma alma penada, que vaga no espaço purgando-se dos seus peccados, ou uma alma penitenciando-se para conquistar o reino dos céus. Em presença porém, de uma pessoa que espirra, pronuncia-se a phrase: *Dominus tecum*, ou *Deus te salve*, ou *Deus te ajude* ; e ao bocejar, faz-se sobre a bocca o signal da cruz com o dedo pollegar da mão direita pronunciando-se as palavras — *Ave Maria* ! — da saudação angelica. Estas praticas remontam-se ao seculo VI, ditadas por influxos religiosos como remedio contra os males de uma grande peste que houve na Europa, no pontificado de Gregorio Magno, cujos doentes ou morriam repentinamente, ou depois de muitos espirros ou bocejos. Aos espirros

das crianças, porém, deve-se dizer: *Deus te crie para bem, ou Deus te faça feliz*, e si não for baptizada ainda, *Deus te leve d' pia*.

Para descobrir-se um homicida e immediatamente prendel-o, basta deitar na bocca do morto u na moeda qualquer ; e o criminoso sente então uma força superior que o detem, deixa-se prender sem resistencia e confessa o seu delicto ; quando os ferimentos do cadaver de um assassinado, deitam sangue, inesperadamente, tempo depois de perpetrado o crime, é que o assassino está presente, ou se acha muito proximo ; e para encontrar-se o corpo de um afogado, deita-se no rio uma vela accesa dentro de uma cuia, e no logar em que parar, levada da corrente, encontra-se o cadaver.

Para crescer o cabello é bom cortal-o na phase crescente da lua e deitar as aparas em um olho de bananeira ; e para que nasça crespo, annellado, convém confiar o seu córte a um cabelleiro de côr preta ou parda ; para ficar bonito, comer cabello louro atrás da porta ; para emmagrecer, beber vinagre ; e para corrigir-se um menino falador metter-se um ovo quente na bocca ; curar os sapinhos (aphtas), o contacto de uma chave de sacratio, e a gaguez, bater-se com uma colher de páo na cabeça ás difficuldades do falar...

Do coçar das mãos se diz que é dinheiro a receber ; de uma pessoa de baixa estatura, que é má, porque *tem o coração ao pé da bocca* ; e de um homem de mãos instinctos, que tem cabellos no coração.

De mãos frias e coração quente, diz um prolequio popular, que — é amor para sempre.

Os homens cabelludos são mãos, bem como os que tem um defeito physico qualquer, e dahi o proverbio: — Quando Deus o assignalou, alguma coisa *lhe achou* ;— e uns tantos signaes caracteristicos, são predicados infalliveis de defeitos moraes, de felicidades ou desventuras.

E' assim que uma fronte larga, espaçosa, e de cantos pronunciados, é evidente caracteristico de uma intelligencia lucida, esclarecida ; e ao contrario, uma fronte estreita, cujos cabellos apenas se distanciam dos olhos por uma faixa de infima largura ; e consoantemente um bico do cabello na testa é signal

de viuvez; chave de mão muito larga indica liberalidade, *gente de mãos rotas*; orelha muito pegada, que o individuo ha de ser rico, e se for muito molle, que é preguiçoso; grande nariz, labios bem altos, e orelhas cabelludos, são prenuncios de uma vida prolongada; e no primeiro caso, também de tolice; quem tem dentes ralos é em extremo chocalheiro; e pintinhas brancas nas unhas, mentiroso.

Um é a conta do porco, quatro a do pato, sete a do mentiroso, e treze é a duzia do frade, isto é, *para receber*, porque para dar ou pagar, é a commum ou legal de doze numeros; e é além disso um numero fatidico, em torno do qual gerou a superstição popular mil prevenções. — Faz mal sentarem-se treze pessoas á mesa, porque uma infallivelmente morrerá dentro do anno, prendendo-se esta crendice ao facto da ceia do Senhor, em que tomaram parte treze pessoas, e occorreu logo depois o seu sacrificio; emprehender negocios nesse dia, e celebrar-se actos notaveis da vida como baptisados e casamentos; morar em casa n. 13, e, em fim, tanta cousa mais que muito avultaria a sua menção.

Quem nasce em fevereiro, é como o proprio mez, pequeno em estatura e em sentimentos generosos.

Agosto é um mez aziago, é *um mez de desgostos*; e é de máo agouro para casamentos, mudança de casa e o emprehendimento de qualquer negocio de importancia.

Um dia cheio de contrariedade, é *um dia do judeu*; e de um dia triste, de sol entre nuvens e de amiudado cantar do gallo, se diz que — *morreu judeu*

Chuva em dia de Santa Luzia (13 de dezembro) é prenuncio de um bom inverno; Paschoa em Abril, aguas mil; e céu pedrento, ou chuva ou vento, na phrase do proverbio.

Quando a gente sente arder-lhe a orelha direita, é que estão falando bem na ausencia, e mal si é a esquerda, — porque outr'ora se acreditava no poder das palavras para apressar as pulsações do sangue daquelles a quem se referiam.

A mãe de S. Pedro não subiu ao céu e vagueia no espaço, de onde vem a locução popular: — *Estar no ares como a mãe de S. Pedro*.

\* \* \*

O apparecimento de um cometa, ou a occurrencia de um eclipse, são presagios de fome, peste e guerra ; e effectivamente, sob essa crença, avultam factos de calamidades publicas, que, coincidindo com taes phenomenos anteriormente observados, constituiram, até mesmo no juizo dos nossos chronistas, os pre-nuncios de taes calamidades.

E' assim, que á horrivel peste de bexigas, que irrompeu entre nós no anno de 1666 e estendeu-se até o Rio de Janeiro, ceifando milhares de vidas, — « precedeu um horroroso cometa, que por muitas noites tenebrosas, ateado em vapores densos, ardeu com infausta luz sobre a nossa America, e lhe annunciou o damno que havia de sentir, — » como escreve Rocha Pitta.

Do mesmo modo, uma desconhecida e terrivel epidemia a que o vulgo deu o nome de *Males*, que appareceu no Recife em 1686, e chegou até á Bahia, prolongando os seus flagellos por mais de sete annos, foi prognosticada por dois eclipses: um do sol, occorrido em agosto do anno anterior, ostentando-se o astro como que — na figura de uma feroz e gigantesca aranha, o que assombrou a ignorancia geral de Pernambuco ; — e um outro da lua, em dezembro do mesmo anno, apparecendo ella — abraçada num eclipse de fogo escuro, — como se expressa um documento referindo-se a esses dois phenomenos, sobre os quaes fez logo um prognostico o Padre Valentim Estancel, da companhia de Jesus, astrologo celebre, « prophetisando que muitas enfermidades e mortes iam cahir sobre o Brazil, e que haviam de continuar por muito tempo ».

Em 1689 apparece um cometa, que encheu de pavor toda a capitania ; e o povo viu depois a realização dos seus fataes prognosticos na calamidade de uma grande secca que houve, com todo o seu cortejo de horrores ; e mais ainda, nas desavenças do governador Marquez de Monte-Bello com o bispo d. Mathias de Figueiredo e Mello, desavenças essas, que, por pouco, não arrasaram os partidarios de um o outro a um levantamento geral.

Sobre esse fatal cometa existe uma circumstanciada noticia contemporanea, em um manuscripto que se conserva na Biblio-

theca Nacional de Lisboa (n. 434, *Collecção Pombalina*, miscelanea, fl. 170), o qual, pelo menos, tem a vantagem de consignar o dia do seu apparecimento e fixar a posição em que surgiu, como se vê do curioso titulo do proprio manuscripto, assim lançado:

« *Discurso astronomico sobre o estupendo e fatal cometta ou nuncio pela Divina Providencia enviado aos mortaes, o qual foi visto a primeira vez a 6 de dezembro do anno de 1698, ao romper da aurora, neste nosso orizonte oriental Pernambuco na altura austral de 8 gr. no signo Escorpião.* »

Emfim, para não sahirmos dos nossos limites locais, a phase revolucionaria historicamente conhecida por *Guerra dos Mascates*, que irrompeu em 1710 e prolongou-se por muito tempo sob um immenso cortejo de desgraças e martyrios, foi tambem prognosticada por um eclipse, e sobre o que, é assás curioso o seguinte conceito de Rocha Pitta, como corollario deductivo do naturalissimo phenomeno:

« *Algun tempo antes das perturbações da provincia de Pernambuco, se viu nella, em uma clara noite, a metade da lua coberta de sombras, em tal proporção, que partida do eclipse pelo meio, parecia estar em duas eguaes partes separadas, mostrando o que lhe havia de acontecer na desunião dos seus moradores, em prova do que o reino em si dividido é desolação, da qual tocou á nobreza a maior parte, padecendo perdas da liberdade, assolações da fazenda, ausencias da casa, e com ellas a falta de lavouras nas suas propriedades, gastando mais do que podia em sustentar exercitos contra o Recife, e por esta causa se acha tão differente que é objecto de lastimas, sem esperança de tornar ao esplendor antigo dos seus antepassados, em pena destas e de muitas outras soberbas e vaidades.* »

Os indios, porém, tinham conceitos diversos sobre os cometas, porque ficavam cheios de terror, receiosos de que o céu ardesse e cahisse; e com relação aos eclipses, acreditavam— que era o effeito de discordia suscitada em pontos de pendencia entre phalanges de espiritos subordinados ao sol e á lua, e que vagam nos ares; sendo que a victoria de um desses grupos belligerantes incutia dezar no que succumbia, e esse dezar offuscava, por alguns momentos, a luz do astro que o presidia.

Os actos de desmandos de uma tribu, ou de covardia, praticados na guerra, offendiam o espirito que dominava as tempestades, e manifestava elle a sua colera pelo aterrorador trovão; e como armas que a divindade disparava contra os que haviam incorrido em sua indignação, irritava-se o mar quebrando-se em vagas furiosas e medonhas, sopravam terriveis furacões, e fuzilavam raios no espaço...

O apontar-se uma estrella, ou mesmo, contal-as, faz nascer verrugas e cravos nos dedos; e para desviar as faiscas electricas, ao trovejar, é bom queimar alecrim secco ou palmas bentas de Domingo de Ramos, e clamar por S. Jeronymo, e particularmente por Santa Barbara, advogada contra os raios e tempestades, para

*Espalhar as trovoadas  
Que no céu andam armadas.*

Quebrar-se um espelho por um accidente qualquer, e principalmente quando succede desprender-se da parede, é presagio de infelicidade ou de algum caso funesto a dar-se proxima-mente em casa; quando a comida cae da bocca, nas refeições, é algum parente da pessoa que tem fome nessa occasião; e terá muitos filhos quem costuma deixar sobre a mesa fragmentos da comida.

Os caçulas adivinham, e quando se deseja que uma pessoa, que é esperada em casa com anciedade chegue logo, manda-se-lhes gritar tres vezes por seu nome atraz da porta da rua, ou debaixo da mesa de jantar, e a pessoa ou chega immediatamente, ou demora-se muito pouco. Os caçulas possuem tambem a virtude de-fazer parar a chuva jogando-lhe um punhado de cinza.

Quando o vento escasseia nas viagens de embarcação costeira, o canoeiro assobia para chamal-o, ou faz soar os rouquinhos sons de um buzio, soprando um orificio circular praticado na base do mollusco; e o vento acóde longo enfunando as velas do barco...

Para achar-se um objecto perdido, basta offerecer-se tres vivas a S. Victor, ou prometter-se qualquer coisa ás almas do purgatorio.

Os individuos que nasceram impellicados, ou choraram no ventre materno, adivinham tambem, e são muito felizes; e em anno bissexto, não terão bexigas e serão mesmo isentos de moléstias contagiosas e de peste.

Não é bom haver em uma casa dois casamentos no mesmo dia; os noivos devem entrar na igreja com o pé direito; e morrerá primeiro aquelle que primeiro occupar o leito nupcial no dia do casamento.

Quando chove muito nesse dia, é porque a noiva comeu na panella; e não se deve tingir de preto o vestido do acto nupcial, para não morrer a noiva.

O leito nupcial deve ser arranjado por uma senhora bem casada, para que a noiva seja igualmente feliz.

A moça solteira que serve de madrinha de casamento, não se casará, ou o fará tardiamente.

As flores de laranjeira da grinalda da noiva são distribuidas indistinctamente, entre os solteiros, para casarem-se logo; mas, os cravos dos ramalhetes, tambem distribuidos para o mesmo fim, têm uma distincção, porque os do noivo são distribuidos ás moças, e os da noiva aos rapazes. O chá desses cravos é um excellente remedio para conseguir-se um casamento immediato...

Santo Antonio, porém, e particularmente S. Gonçalo, são os melhores vehiculos para a obtenção de um milagre de casamento ás supplicas das moças que desejam contrahir matrimonio.

Para obtenção desse milagre, pegam-se ellas com algum daquelles santos, dirigem-lhe constantes e fervorosas preces, tomam-no em sua particular devoção, e fazem-lhe mil promessas; e algumas chegam até mesmo a tirar o menino Jesus dos braços de Santo Antonio para restituil-o sómente depois de realizado o milagre; viram o Santo de cabeça para baixo, tiram-lhe o resplendor e collocam sobre a tonsura uma moeda pregada com cêra; e por fim, quando tarda o milagre, e caçadas já de tanto esperar, atam o Santo com uma corda, e deitam-no dentro de um poço, o que deu logar, de uma vez, a desaparecer a imagem, porque era de barro e derreteu-se completamente ao contacto d'agua!

Eis uma das orações que dirigem ao Santo thaumaturgo ao fazerem os seus pedidos:

Santo Antonio ! Santo Antonio !  
Oh ! domador das feras !  
Oh ! Santa Roma deserta !  
Oh ! grande Santo Antonio,  
Camarada de Jesus Christo,  
Fradinho dos mais pobres,  
Humilde religioso,  
Em Lisbôa ensinado,  
Na santa sé baptisado,  
E em Padua sepultado,  
Pelas almas de vossa mãe,  
De vosso querido pae,  
E de vossa tia e madrinha ;  
Pelo habito que vestistes,  
Pelos cordões que cingistes,  
Pela c'roa que abristes,  
Pelas missas que dissestes,  
Pela hostia que consagrastes,  
Pelo breviario que buscastes.  
Pela alegria que tivestes  
Quando o Senhor Bom Jesus  
Nos vossos braços pousou,  
E santa morada fez ;  
Pelas ondas que passastes,  
Quando fostes a salvar  
Da morto a vosso pae  
Fernão Martim de Bulhões,  
Sentenciado em Lisbôa,  
Para o que não socegastes,  
Ropousastes, descansastes,  
Em quanto não o livrastes,  
De tão injusta sentença :  
Pois, agora, a vós, meu santo,  
Vos peço não socegueis,  
Vos peço não repouseis,

Vos peço não descançais  
 Enquanto não me fizerdes  
 O que com fé eu vos peço.

Ha tambem um *Rosario de Santo Antonio*, curiosa peça, assim concebida:

« Padre Santo Antonio dos captivos, vós que sois um amarrador certo, amarraí, por vosso amor, quem de mim quer fugir; empenhai o vosso habito e o vosso santo cordão, como algemas fortes e duros grilhões, para que façam impedir os passos de F., que de mim quer fugir; e fazei, ó meu bemaventurado Santo Antonio, que elle case commigo sem demora.»

Reza-se depois uma Ave-Maria, e se offerece ao milagroso Santo.

Ainda sobre o assumpto, é tambem sobremodo curiosa a seguinte

#### LADAINHA DAS MOÇAS (1)

Milagroso São Raymundo,  
 Casador de todo o mundo,  
 Dizei a Santo Antero,  
 Que em breve casar quero,  
 Na igreja de São Benedicto  
 Com um moço mui bonito.

No altar de Santa Rosa,  
 Quero dar a mão de esposa,  
 Aquelle a quem tanto amo;

---

(1) O manuscripto desta ladainha, que nos foi confiado por uma senhora, com instantes recommendações sobre a sua restituição, e já um tanto estragado, acaso pelo uso da constante leitura, ou para a sua vulgarização, em repetidas copias, conclue com este curioso

« N. B.— Esta oração é offerecida a S. Raymundo duas vezes por dia, uma ao levantar-se, pela manhã, e outra ao deitar-se á noite; rezando-se durante um mez, a pessoa alcançará o que deseja, isto é, casar-se. A's horas do meio-dia a pessoa deve rezar um P. N. e uma A. M. Eu garanto.— *Maria da Trindade Fereira.* »

Pedindo a São Germano,  
E tambem a Santo Henrique,  
Que eu bem casada fique.

Permitta Santo Odorico  
Que o moço seja rico.  
E tambem Santo Agostinho,  
Que me ame com carinho,  
Assim como a São Roberto  
Que o moço seja esperto.

Tambem rogo a São Vicente,  
Que isto seja brevemente ;  
Rogo a Santa Innocencia,  
Não me falte a paciencia,  
Assim como a São Caetano  
Que isto seja neste anno.

Já roguei a Santa Ignez,  
Que não passe deste mez,  
E a Santa Mariana,  
Que seja nesta semana,  
E a Virgem Nossa Senhora,  
Seja mesmo nesta hora.

E como variante na especie mais esta

## LADAINHA

- S. Bartholomeu* — Casar-me quero eu.  
*S. Ludovico* — Com um moço muito rico.  
*S. Nicoláu* — Que elle não seja máu.  
*S. Benedicto* — Que seja bonito.  
*S. Vicente* — Que não seja impertinente.  
*S. Sebastião* — Que me leve á funcção.  
*Santa Felicidade* — Que me faça a vontade.  
*S. Benjamin* — Que tenha paixão por mim.  
*Santo André* — Que não tome rapé.  
*S. Silvino* — Que tenha muito tino.

- S. Gabriel* — Que me seja fiel.  
*Santo Aniceto* — Que ande bem quieto.  
*S. Miguel* — Que perdure a lua de mel.  
*S. Bento* — Que não seja ciumento.  
*Santa Margarida* — Que me traga bem vestida.  
*SS. Trindade* — Que me dê felicidade.

Recitada a oração, reza-se por tres vezes um Padre Nosso e Ave Maria com o *Gloria Patri*, e se offerce á Santa Rita, pedindo-lhe que interceda em favor da realização do casamento.

E mais esta oração a S. Roque :

Meu São Roque,  
 Meu São Roque,  
 Aqui estou a vossos pés,  
 Aqui estou a vossos pés  
 Sem me rir e sem chorar ;  
 Vos pedindo que me deis  
 Um noivo para casar,  
 Um noivo para casar.

Para *abrandar o coração* dos apaixonados esquivos, é de grande efficacia o figado do anum, torrado e reduzido a pó, e applicado em uma bebida qualquer ; mas, para que produza os almeçados fins, deve a propria pessoa recitar repetidamente esta oração, ao pisar:

Eu te piso, eu te repiso,  
 E te reduzo a graniso  
 No pilão  
 De Salomão.  
 Que sete estrellas o prendam,  
 Lhe dê força de luar,  
 Para que possa abrandar  
 O seu duro coração.  
 Quem isto beber,  
 Quem isto chupar,  
 Ha de amar  
 Até morrer.

\* \* \*

Avultam também os ensalmos, ou orações de preconizados prodígios para muitas enfermidades, cujas virtudes o povo, sinceramente crente, proclama com convicção; e em vão será procurar desvanecel-o dessas suas convicções, tão arraigadas e firmes são ellas.

Tudo isto tem uma consagração de seculos, transmitido pela tradição oral de geração em geração, porém, sem mais os vestígios originarios, si bem que se possa affirmar, em face de pacientes e eruditos estudos sobre o assumpto, feitos em Portugal por notabilidades literarias, que de lá nos vieram de envolta com a civilização européa.

Entretanto, muitos desses monumentos se remontam ainda a origens mais afastadas, a outros povos mesmo, e que pela assimilação portugueza atravessaram o Atlantico e enraizaram-se entre nós indistinctamente.

Esses ensalmos são geralmente sabidos e praticados por mulheres, quasi sempre velhas e repellentes, cavilosas e muito avaras dos thesouros que possuem; umas ignorantes e convictas, dominadas pela superstição; outras manhosas, insinuantes, que especulam com a credence popular, tirando proventos da sua industria.

Do typo de uma dessas mulheres, de grande aura popular em meados do seculo XVIII, deixou-nos um poeta do tempo um curioso perfil na *Historia da Côta Marôta*,

Grande mestra de patranhas,  
De madre gran benze leira,

attendendo ainda o poeta á sua feição typica, com o seu classico

Cabeção, saia e capello,  
O manto, a cinta, os chinellos.»

Esses ensalmos são recitados benzendo-se a parte affectada do corpo, o que consiste em fazer-se o signal da cruz, com a

mão direita aberta, repetidamente, á cada phrase que se fôr recitando, até terminar a oração, ou fazendo-se aspersões de agua fria com um galho de mangericão ou arruda.

A essas bençãos e orações tambem se refere um outro poeta nosso, de meiodos do mesmo seculo XVIII, o padre Antonio Gomes Pacheco, em um *Romance joco-serio*, escripto em louvor do governador José Cezar de Menezes, em 1775, como

... orações de mandinga,  
Tiradas do patuá  
De um valentão de Paulista

bem como a

Umás orações latinas,  
Versadas na terra dura,  
Feitas na lagôa Stigia

o que tudo são

Famosas feitiçarias...

Escrevendo Lopes Gama, em 1837, sobre as credices dessa época, diz o seguinte :

« Mulheres velhas, que se apregoam já fóra do mundo (porque o mundo as deixou), dão em curandeiras, que sabem rezas e bençãos para curar molestias desesperadas. Uma sabe tomar sangue com palavras e é mui procurada para atalhar frouxos ; outra cura nervo torto e carne quebrada ; esta tem um portentoso talisman para curar erysipelas, aquella sabe certa oração que é infallivel para hydropisias e outras molestias. »

Eram tambem proverbias nesses tempos, para *abrandar orações*, umas novenas, umas orações e umas palavras santas, a que ninguem resistia, cujas artimanhas eram igualmente exercidas por certas mulheres velhas, que em moças foram insignes messalinas, e deixando o mundo e dando para devotas, apregoavam-se mestras em taes patranhas.

A *Constituição do arcebispado* proclama — que Deus em sua Igreja deixou a graça de curar ; — comtudo, acrescenta: porque

no modo com que se costuma usar desta graça se podem introduzir perniciosas superstições e peccaminosos abusos ;— prohibo sob pena de excommunhão maior *ipso facto incurrenda*, que — ninguém benza gente, gado ou quaesquer animaes, nem use de ensalmos e palavras, ou de outra cousa para curar feridas e doencas, ou levantar espinhela, sem ser primeiro examinado, e haver licença por escripto, pela competente autoridade eclesiastica, isto é, o arcebispo, na Bahia, e os bispos nas suffraganeas dioceses.

E consoantemente com esses dictames prescreve tambem a Igreja os seus exorcismos e benções para a cura de certas enfermidades, cujas formulas, particularmente sobre a *Benção da erysipela*, e do *Exorcismo contra Lombrigas*, figuram no livrinho *Director espiritual*, ordenado por Froi J. L. Barros, franciscano do convento do Recife, impresso em 1841 ; e a *Benção do que receia estar turbado do demonio*, e a do fogo em que se queimarão os signaes dos feitiços, consignadas, entre outras mais, na obra *Corôa serafica meditada*, impressa em Lisboa em 1843.

Para as empigens e o cobreiro não se desenvolverem ou alastrarem, é bom cercal-os de cruzinhas de tinta do escrever.

São tão prodigiosos os effeitos dos ensalmos, e de efficacia tão prompta e immediata, que absolutamente dispensam o auxilio do mercurio ou outro remedio qualquer para a cura da bicheira que ataca e devasta os animaes bovinos e cavallares. Basta recitar a oração, ainda mesmo na propria ausencia do animal atacado da molestia, em face do seu rasto, das suas pé-gadas ; ou então, como fazem os sortanejos, que — se voltam apenas na direcção em que elle se acha e rezam, tracejando no chão inextricaveis linhas cabalisticas...

Como uma nota curiosa sobre o assumpto, vamos consignar algumas dessas orações, vulgarissimas entre nós.

*Para tomar o sangue por palavras*

Sangue tem-te em ti,  
Como Nosso Senhor Jesus Christo  
Teve em si.

Sangue tem-te na veia,  
 Como Nosso Senhor Jesus Christo  
 Teve na ceia.  
 Sangue tem-te no corpo,  
 Como Nosso Senhor Jesus Christo  
 Teve no Horto.  
 Sangue tem-te firme e forte,  
 Como teve Jesus Christo  
 Na hora da morte.

*Para tirar um arqueiro*

Corre, corre, cavalleiro  
 Pela porta de São Pedro,  
 E dizei a Santa Luzia,  
 Que me mande o seu lencinho,  
 Para tirar-me este arqueifo.

*Para a cura da azia*

Santa Iria  
 Tem tres filhas :  
 Uma fia,  
 Outra cose,  
 E outra cura  
 O mal d'azia.

*Para curar o cobreiro*

Sapo, sapão,  
 Lagarto, lagartão,  
 Aranha, scorpião,  
 Vibora, vibrão,  
 E todos quantos são  
 Máus ou peçonhentos,  
 Que por ordem de São Bento,  
 E mando de São Braz  
 Fiqueis no entendimento,

Que não lavrareis mais ;  
 E por ser verdade isto  
 Peço eu a Jesus Christo  
 Pelas suas cinco chagas,  
 Que nos livre dessas pragas.  
 E a Senhora d'Agrella,  
 Que livre este peccador  
 Da comichão, do ardor,  
 Que lhe causa esta mazella,  
 Em nome de Deus, amen.

Reza-se depois tres Padres Nossos e tres Ave-Marias.

Sylvio Roméro, consigna nos seus *Cantos populares* mais umas tantas orações contra a espinhola cahida, espinha na garganta, soluço e sezões, que não reproduzimos na incerteza de serem, ou não, recolhidas em Pernambuco.

Avultam tambem outros generos de orações como esta, por exemplo, para benzer a cama :

São Pedro disse missa,  
 Jesus Christo benzeu o altar ;  
 Eu benzo a minha cama  
 Para nella me deitar.

E esta outra ao deitar :

Com Deus me deito,  
 Com Deus me levanto,  
 Na graça de Deus,  
 Do Divino Espirito Santo.

Nota-se ainda um outro genero de orações, erudita e piamente compostas, mas, que o exaltamento da superstição popular apossou-se dellas, desvirtuando os seus fins, e emprestando-lhes até mesmo sobrenaturaes prodigios, dentre as quaes, particularmente, o bello hymno *A Magnificat*, e as orações de S. Silvestre, da Estrella, e de Nossa Senhora do Monte Serrate.

Esta oração, segundo uma nota lançada no exemplar manuscrito que obtivemos, — «é de tanto valor, que todo aquelle que a trazer consigo, com muita fé, recitando e rezando depois um Padre Nosso e uma Ave-Maria com offerecimento a Nossa Senhora do Monte Serrate, não morrerá afogado, e nem repentinamente, e sim em sua casa, confessado e sacramentado; livral-o-ha da gotta coral, dos seus inimigos e das tentações do demonio; evitará as discordias entre marido e mulher, e a que estiver em perigo de parto, e deital-a ao pescoço terá immediatamente o *seu bom successo*, e vér-se-ha livre de todo aquelle perigo».

A oração da estrella, diz o vulgo convencidamente, é tão forte, que ao rezar-se tremem as estrellas no espaço; e umas e outras, escriptas e trazidas pendentés do pescoço, como *bracs*, fecham o corpo do individuo, que assim fica immune de todos os males e perigos, e principalmente de perseguições, dos golpes de armas brancas e dos projectis das de fogo, os quaes graças a uma força sobrenatural, desviam-se e não o attingem, ainda mesmo que de perto e certamente disparados.

A milagrosa oração de S. Silvestre, enfim, reza-se — «com os cabellos de uma pessoa fechados na mão, chama-se mentalmente a essa pessoa, e ella, pelo poder da oração, vem de onde estiver, ainda que esteja fechada a sete chaves numa torre de bronze, ainda que seja paralytica das pernas ou mesmo não as tenha, vem até onde está a pessoa que a chamou e a quer, como si fosse somnambula, sem haver quem lhe impeça os passos, quem a detenha em caminho, por mais força e autoridade que possua. Não ha obstaculos que não desapareçam deante della. S. Silvestre a guia, os anjos abrem-lho as portas e o caminho, e as almas do purgatorio a escoltam, defendendo-a, sem que ella o perceba siquer.»

Ha, porém, uma oração especial para *fechar o corpo*, a qual, segundo a crendice popular, é de uma infallivel efficacia. Essa oração, em que se vê o sagrado de mistura com o profano, e um latente desvirtuamento dos principios religiosos, é assim concebida:

«Trago o meu corpo fechado com as chaves do santo sacramento; dentro d'elle se encerra o meu Jesus Sacramentado, como

no **sacrario se encerra**; e assim como vós, ó meu Jesus, o meu corpo será guardado, a minh'alma não será maltratada dos meus inimigos, e o meu sangue não será derramado, porque tenho o meu Santissimo Sacramento para o guardar, e a Virgem Maria para me livrar de maleficios, bruxarias e feitiços; e no meu corpo não entrarão, coberto com o sagrado manto da Virgem Maria, borrifado com o seu sagrado leite, e trancado, como o meu Jesus Sacramentado, com as chaves do santo sacrario, e com o Credo em cruz. *Pax Domini, misericordia, Alleluia.*»

• E ainda esta outra :

« Eu me entrego a Jesus e ao Santissimo Sacramento, ás tres reliquias que dentro deste estão, e ás tres missas do Natal, para que não me aconteça nenhuma desgraça. Maria Santissima seja commigo e o anjo da minha guarda me guarde e me defenda das astucias de Satanaz e do todos os meus inimigos para sempre. Amen.»

No sertão é muito commum a oração de S. Campeiro, — canonizado *in partibus*, ao qual se accendem velas pelos campos para que favoreça a descoberta de objectos perdidos.

Ha ainda uma oração de grandes prodigios, que recitada, tendo-se a mão sobre uma porta fechada, por mais segura que esteja, abre-se immediatamente... E' o *Credo ás avessas* !

Os breves muito usados, como vimos, quando nos referimos aos das parteiras, contêm muitas vezes uma oração banal, e não raro até mesmo um assumpto de simples brincadeira; e de um que trazia consigo um capitão-mór sortanejo, graças ás virtudes do qual, sahiu-se sempre bem de todos os perigos e alhadas em que se viu mettido, conta-se esta curiosa historia:

« Aparecendo na localidade da sua residencia um padre missionario, pediu-lhe o capitão-mór um breve que o livrasse de perigos e malfeitoses, e dos golpes dos seus inimigos. Dissimulou o padre sobre o pedido, mas, reflectindo, ás instantes solicitações, que si cahisse no desagrado do potentado capitão-mór, talvez lhe succedesse algum damno, accedeu por fim, e certo dia fez-lhe entrega do suspirado breve, recommendando que o trouxesse com muita fé, porque assim ficaria acoberto de todos os perigos; e a experiencia demonstrou depois em decorridos annos, os prodigios do breve.

« Morrendo, porém, o homem, e desejando os filhos gozar também de taes privilegios, resolveram descoser o breve e copiar a poderosa oração que encerrava, para a organização de outros mais, quando leram com surpresa esta simples quadrinha :

Breve me pedes,  
Breve te dou ;  
Dá-me um garrote  
Qu'eu breve me vou.

Lopes Gama conta também sobre o assumpto esta interessante historia :

« Um homem que viajava pelos sertões, pediu agasalho em uma casa, já muito noite ; e como lh'o negassem por motivo de estar a dona da casa em grave perigo sem poder dar á luz havia quatro dias, disse o magano, que elle sabia de certas palavras magicas, que escriptas e postas ao pescoço da parturiente, eram um remedio infallivel ; mas só faria isto, se lhe dessem rancho por aquella noite.

« Foi logo acolhido : escreveu as mysteriosas palavras em um papel, recommendando que nunca o abrissem, sob pena de perder-se toda a virtude miraculosa, e para isso coseu o embrulho em muitos pannos. Posto ao pescoço da mulher, não passou meia hora, que não dêsse á luz com grande felicidade, e com pasmo de toda a familia.

« Bem é de imaginar quão obsequiado fosse o sujeito que tal prodigio havia operado. D'ahi por diante andava o breve de casa em casa para iguaes apertos, e taes maravilhas obrou, que asentaram de o abrir, apezar da recommendação do viajeiro, e viram, que as palavras, que tantos milagres faziam, eram estas:

Tenha eu rancho  
E o meu cavallo,  
Que para a burra  
Não dá-me abalo.

Um celebre *canyaceiro*, vulgarmente conhecido por André Tripa, terror dos sertões da zona sul do Estado, trazia comsigo imagens, orações e um patuá

**Com tres folhas de missal  
Para poder fazer mal  
Como de facto se viu**

segundo a expressão de uma extensa narrativa em versos, em forma de *A B C*, consagrada à vida e façanhas desse famigerado cangaceiro, concluindo o poeta, nesse particular com estes conceitos :

**E' certo que as orações.  
Não servem para offender  
Mas fazem quem as traz consigo  
Com ellas se enfurecer,  
Como André Tripa fazia,  
Pois crendo que não morria  
Matou gente até morrer.**

**André Tripa acabou os seus dias tragica e recentemente, em luta de resistencia com a força publica destinada a captural-o, e pereceu como todos esses infelizes que se desviam do caminho do bem, porque, na phrase muito sensata do autor da citada composição:**

**Outra cousa ninguem creia:  
Fim de valentão é cadeia,  
Bala quente e faca fria.**



## A Poesia Popular

As nossas investigações historicas, attinentes á poesia popular em Pernambuco, atravessaram todo o periodo que se desenrola desde a época inicial da nossa vida colonial, na terceira década do seculo XVI, até meiodos do seculo XVII, sem encontrar o menor vestigio consagrado pela tradição popular, ou mesmo consignado pelos nossos chronistas ou quaesquer outros documentos.

Entretanto, bellos episodios se desenrolaram em todo esse longo periodo, os quaes, certamente, não podiam ter escapado á consagração da lyra popular, em uma época em que a poesia, por assim dizer, costumava registrar todos os acontecimentos notaveis em suas diversas manifestações. no romance e na xacara, principalmente, ou mesmo em versos para descantes.

Da dominação hollandeza, quer para pintar os soffrimentos do povo, quer para exaltar os mais bellos feitos de armas nas lutas da libertação da patria, como tantos outros episodios interessantissimos, nada resta, senão ligeiros vestigios em umas lendas que contavam os velhos presidiarios de Fernando de Noronha, lendas que Gustavo Adolpho reduziu a versos, e nós as reproduzimos num trabalho sobre aquelle presidio.

O governo de Mauricio de Nassau, tão fecundo pelo incremento moral e material da colonia, e tão cheio de galas e esplendores, passaria tambem sem o menor vestigio consagrado pela poesia popular si não nos restasse um unico documento.

Effectivamente, entre tantos acontecimentos notaveis, e occurrencias de solennidades apparatus e deslumbrantes, desconhecidissimas dos velhos colonos pernambucanos, figura, no-

tavelmente, o da abertura da ponte do Recife ao transitto publico, em 1643.

Concluida a ponte, cuja obra sómente o genio emprehendedor e pertinaz de Nassau poderia planear e realizar pelas difficuldades materiaos que se antolhavam ; extensão, profundidade do rio e pronunciada corrente das aguas, annunciou-se que no dia da sua abertura ver-se-ia na cidade Mauricia uma maravilha então nunca presenciada — *um boi vôar!* — Effectivamente, grande concurrencia de povo affluio para o campo do palacio de Friburgo, hoje praça da Republica, onde tinha de se exhibir a promettida maravilha.

« Belchior Alves, narra um nosso chronista, possuia um boi tão manso, e domesticado de tal sorte, que entrava pelas casas livremente e todos o affigavam ; e si o conduziam, subia esca-da sem grande difficuldade. De um boi igual a este na côr e grandeza, mandou Mauricio aproveitar a pelle em todas as suas partes, de maneira que depois de secca, cosida e cheia de palha, representasse perfeitamente o boi de Belchior.

« Feito isto em grande segredo, mandou o principe pedir ao dito Belchior que lhe emprestasse o seu boi domesticado, dizendo que era aquelle que os seus engenheiros fariam vôar ; e no dia designado para se expôr ao publico essa maravilha, estando reunido o povo que tinha concorrido, fez apparecer na galeria do seu jardim o referido boi emprestado, o qual sendo apresentado ao publico e dando alguns passios pela galeria, foi dissimuladamente introduzido pela porta de uma camara, onde estava occulto o couro cheio de palha.

« Immediatamente viu-se que pela corda, que sahia pela porta da referida camara, e que ia prender-se a um mastro, collocado em sufficiente distancia, se elevava o boi por meio de um aparelho, mui fraco em verdade para resistir ao peso desse animal, si vivo o portasse, mas forte bastante para suspender e mover ligeiramente um couro cheio de palha.

« Desta sorte, illudida a curiosidade publica, conseguiram os hollandezes, por meio de semelhante burla, que a ponte do Recife rendesse, na tarde destinada para o boi vôar, mil e oitocentos florins, não pagando ca la pessoa mais do que duas placas quando passava pela ponte ! »

Este facto, além de narrado por um chronista coevo, é assim celebrado pela lyra popular :

### O BOI DE PALHA

De Bel-hior o boi cruzou nos ares,

Oh ! que facto estupendo!

Só acredito porque estamos vendo

Um bicho tão pesado, tão rotundo

Pelo ar cavalgar!

E' cousa que jámais se viu no mundo

Falar ou se contar!

O judeu Pitangal, o mouro hispano,

Aquelle incapillato, este zarolho,

Embestigar eu vi por entre o povo

Qual rapazito novo :

O primeiro, o judeu, o proditor

Facultoso hoje em dia, sendo a pouco

Vendedor de carvão, de lenha e côco!

O segundo, a sóar como um ginete

Que parou de carreira desabrida

Eu o vi de barrete,

Gritando : leva... leva... qu'eu a soga

Vou dar ao molinete.

Da Restinga e Marim (1) o povo inteiro,

Afóra o que da mais longe viera,

O incola vermelho,

Gente do norte e sul té da Tapera

Correndo veio vôar

Um gordo boi nos ares se mecher!

Milagre de Santo Estevão

Não foi de certo que fez,

Vôar á vista do povo

Qual gavião, uma vez!

---

(1) Restinga, o bairro do Recife, e Marino, a cidade, então villa de Olinda.

**Milagre de São Mauricio,**

Diz o **Felippe** espião :

Póde ser, **porém** duvido,

Desse Santo que é pagão.

**Era a primeira** vez que o povo a pé

Em sermita p'ra rua dos **Judeus** (1)

Teve **caminho secco**

D'avante a ré.

**J... Bling** e **Felippe** um dia inteiro,

Emquanto o povo passou **colheu dinheiro,**

*Ad latero* tendo cem **lançeiros!**

**Alguns** que bem nadavam ao largo rio

**Inteiros** se atiravam :

**Uns** quando vinham **vêr,** outros na volta

**Esse lance** inventaram,

**Para á taxa** fugir, á **logração**

**Que o flamengo** pregou na tal **função!**

**Mas quantos,** apesar de ser **nadivel,**

O rio **extenso, largo,**

**Não verteram** **comprido** pranto amargo ?

Pois **diversos** **morreram**

E outros no **Aljube** se **metteram!**

**Afôra** essas **desgraças** que não **lembra**

O povo que as **mirou;**

**Conserva** o mais que viu bem na **memoria**

O boi que lá **vôu!**

**Pelo** que para **vêr** no **aqueducto**

O **imposto** pagou.

Foi dia de **encantos**

De **graças,** **recreio**

**P'ra** o conde que o **bolso**

De **florins** viu **cheio :**

P'ra elle **sómente**

De certo que **não,**

Porque o **Felippe**

Tirou **seu** **quinhão.**

---

(1) A actual rua Bom Jesus, no bairro do Recife.

\* \* \*

Sacudido o jugo hollandez em 1654, após renhíidissimas lutas por nove longos annos, cujos feitos são verdadeiras epopéas a ensoberbecer um povo, e sobre as quaes, naturalmente se expandiu o genio poetico popular, ainda mesmo que essa corrente de tradição se extinguisse em meio caminho e não chegasse até os nossos dias, voltou a colonia á soberania da corôa portugueza, e de novo entramos nos acanhados moldes que nos traçava uma metropole ciosa dos seus thesouros e ambiciosa dos seus proventos.

Entre os governadores e capitães generaes que couberam por sorte a Pernambuco, uns bons e outros mãos, poucos honrados e quasi todos deshonestos, corruptos, barbaros e despreziveis, figura no rol destes ultimos, o infeliz Jeronymo de Mendonça Furtado, vulgarmente conhecido por Uxumbergas, que levou o povo ao desespero de o depôr do governo, prender e o remetter para Portugal com o summario dos seus crimes e representações dos offendidos, e onde chegando foi severamente punido.

Sobre o facto da deposição do governador e sua partida para Lisbôa, cujas occurrencias tiveram logar em 1666, expandiu-se a lyra popular, compondo varias cantigas allusivas, que tiveram muita voga, e das quaes nos restam estes versos apenas :

Ô Mendonça era Furtado  
 Pois dos paços o furtaram :  
 Governador governado  
 Para o reino o despacharam.

A peste já se acabou :  
 Alviçaras, ó gente boa !  
 Uxumbergas embarcou,  
 Eit-o—vai para Lisbôa.

A conquista do famoso quilombo dos Palmares, que por mais de meio seculo campeava impunemente, attingindo já a

uma população elevadíssima, e tornando-se mesmo ameaçadora, preocupava as atenções do governo, que para semelhante fim fizera partir algumas expedições militares, até que se deu a queda da famigerada republica.

Em uma dessas expedições militares partiu Santo Antonio, com assento de praça do exercito, que lhe mandara abrir o governador João da Cunha Souto Maior, em 13 de setembro de 1685, com o fim de seguir para a campanha, e ao mesmo tempo expediu as convenientes ordens para que se pagasse ao syndico do convento de Olinda o soldo e a importancia do fardamento a que tinha direito; soldo esse que era pago pela camara do senado de Olinda, e foi mandado invariavelmente observar pela carta régia de 23 de junho de 1692.

Effectivamente partiu Santo Antonio para a guerra dos Palmares, acaso confiada a sua imagem a Frei André da Anunciação, religioso franciscano, que marchou como capellão, e sómente regressou quando terminou a campanha, com a completa destruição da famosa republica palmarina, essa Troya negra, na phrase de um historiador..

Como nota curiosa da época, chegou aos nossos dias um requerimento em verso dirigido ao Conselho Ultramarino, por um soldado que solicitava recompensas pelos serviços que prestara na campanha dos Palmares, e no qual se refere a Santo Antonio, e invoca mesmo o seu testemunho em favor das suas allegações. Eis a curiosa

#### PETIÇÃO

Ao Conselho Ultramarino  
 Que tão justiceiro é,  
 Zebedeu, praça de pé,  
 Filho de Braz Victorino,  
 Bem moço, quasi menino,  
 Para Palmares marchou,  
 Pelo que lá se estrepou,  
 Sendo um dos desgraçados,  
 Que voltaram aleijados  
 E por fim nada ganhou.

Ali de arcabuz na mão  
Dia e noite combatendo,  
De fome e frio morrendo,  
Descalço, de pés no chão,  
Ao lado do valentão  
Felix José dos Açores,  
Que apenas viu dos horrores  
O painel desenrolar-se,  
Foi tratando de moscar-se  
Com grande soffreguidão.

Do que venho de narrar,  
Apezar de ser bolonio,  
Póde o Padre Santo Antonio  
Muito bem corroborar :  
O que não é de esperar  
Proceda d'outra maneira  
Attenta a sua feira,  
Sua afeição, valentia,  
Pois junto a mim noite e dia  
Não desertou da trincheira.

Elle viu, bem como eu,  
Quando o combate sóou,  
Quando a corneta tocou  
A gente que então correu ;  
A essa foi que se deu  
Como garbosa e valente  
Terras, dinheiro, patente,  
Com grande injustiça e aggravos  
P'ra áquelles que aos vis escravos  
Não trataram como gento.

A' vós Conselho afamado  
Que a justiça só visaes,  
Para que não amparaes  
O pobre do aleijado ?  
Que no mundo abandonado

Sem ter quem lhe estenda a mão  
 Tem por certo a perdição  
 Da vida, pois quasi morto.  
 Só poderá ter conforto  
 Se o fizerdes — capitão.

Pernambuco, como todo o Brazil, tem a diversos santos por seus padroeiros, desde os primeiros tempos coloniaes, estatuidos por leis, ou não, cujas homenagens civicas desapareceram em 1890, em virtude do acto do Governo Provisorio da Republica, separando a igreja do Estado. A igreja, porém, continúa a prestar a esses padroeiros aquellas homenagens e reverencias costumadas, e o povo catholico ainda os considera como taes.

Santo Antonio de Padua, ou de Lisboa, é o padroeiro de Pernambuco, apesar de não constar actô algum do governo a tal respeito. Entretanto, já em 1645 era tido como tal, ao que parece, porquanto, em um escripto hollandez, da época, se menciona o santo como patrono dos portuguezes em Pernambuco; e nos estandartes dos regimentos que tomaram parte na campanha da restauração, que explodiu naquelle mesmo anno, figurava um Santo Antonio, como emblema de guerra.

Como documento mais authenticico e positivo a tal respeito, encontramos o alvará de 13 de agosto de 1759, approvando os estatutos da Companhia Geral do Commercio de Pernambuco e Parahyba, os quaes, determinam no art. 2º, que a companhia usará de armas para os sellos, em que se veja na parte superior a imagem de Santo Antonio, padroeiro daquella capitania, e em baixo uma estrella com a legenda — *Ut luceed omnibus* — como effectivamente se vê nos sellos das suas apolices.

De um mappa organizado em 1819, regularizando os dias em que se havia de arvorar a bandeira nacional na fortaleza do Brum, vem mencionado entre os demais, o dia de Santo Antonio de Lisboa, em 13 de junho.

A camara do senado de Olinda, pelo seu antigo Regimento, era obrigada a celebrar annualmente a festa do padroeiro, a que assistia incorporada, e com o seu competente estandarte, encargo esse que passou depois para a camara do Recife, que

costumava celebrar a festa de Santo Antonio na egreja parochial do Corpo Santo.

Em um antigo novenario de Santo Antonio, encontramos um cantico com estes versos, por estribillo, que dizem alguma cousa sobre o assumpto:

Milagroso Antonio  
 Nosso padroeiro,  
 Enche de alegria  
 Pernambuco inteiro.

O Papa Innocencio XVIII por uma bulla expedida em 27 de janeiro de 1722, declarou de preceito a festa de Santo Antonio de Padua, em toda a America, tanto portugueza como hespanhola.

Outrora foi o dia do padroeiro, 13 de junho, santificado, em todo o bispado, mas foi extinto com outros mais, por um breve do Papa Pio IX, expedido em 11 de junho de 1852, que teve publicidade em Pernambuco por uma pastoral do bispo diocesano, datada de 18 de maio de 1853. O referido breve apenas manteve o santificado na patriarchal de Lisboa.

Festejado o santo com ruidosas manifestações populares no seu dia, com apparatusas festas nas egrejas e em casas particulares, com o seu nome imposto como o orago de cidades, villas e parochias, e adoptado por uma grande parte da população, por imposição paterna na pia baptismal, si têm arrefecido, de alguma sorte, todas essas fervorosas e devotas manifestações populares em honra do glorioso thaumaturgo portuguez, são contudo, ainda hoje, tributadas com geral fervor.

Como uma feição caracteristica dos sentimentos religiosos de tempos não muito remotos, recordaremos os nichos de Santo Antonio que se viam nos estabelecimentos commerciaes a varejo, principalmente as tavernas, collocados no centro das ultimas filas de prateleiras, em frente ás portas, e completamente sitiados por louça ordinaria, garrafas e generos de toda a especie.

No dia de Santo Antonio notava-se sempre um certo apparato extraordinario de luzes e ornamentações, e vendilhão tão devoto havia, que o solennisava, com mais esplendor, enfeitando

caprichosamente o nicho e a taverna e soltando foguetes todo o dia.

Esses obsequios tributados ao santo conciliavam dous sentimentos distinctos: um dictado pelo espirito religioso, e outro pelo interesse, com o fim de captar a sua protecção para a felicidade do negocio... E não vai muito longe essa época dos nichos nas tavernas, de tosca armação de pinho, alumiaadas a azeite de carrapato, porcas, immundas, e onde a hygiene teria muito que fazer, si nesses bons tempos até ali chegasse a sua intervenção.

Em meia do seculo XVII gozava Santo Antonio de uma pensão qualquer, como se vê de uma portaria expedida pelo governador geral do Brazil, Alexandre de Souza Freire, em data de 29 de setembro de 1670, mandando *que se possesse verba nos ordenados de Santo Antonio em Pernambuco.*

Já com assentamento de praça do exercito, por occasião da guerra dos Palmares, como vimos, dirige o governador D. Lourenço de Almeida uma carta a el-rei, em 13 de setembro de 1716, communicando-lhe que em uma revista de mostra que passara á infantaria, se lhe apresentou uma petição de Santo Antonio, allegando-se nella, que tendo elle grandes serviços, percebia apenas o soldo de praça de soldado, pelo que o promovera ao posto de tenente; da fortaleza de Santo Antonio dos Coqueiros da barra do Recife (actualmente conhecida pela denominação de forte do Buraco), com o soldo de 2\$700 por mez, o que foi approved por provisão do Conselho Ultramarino de 30 de agosto do anno seguinte.

Em 1819, pretenderam os religiosos franciscanos, a titulo de esmola, que o governo elevasse a patente de Santo Antonio á de sargento-mór, correspondente hoje ao posto de major; porém, vindo o respectivo requerimento á informar ao governador Luiz do Rego Barreto, por aviso de 3 de junho, se oppoz elle a semelhante pretensão, dizendo no seu officio de informação datado de 30 de agosto do mesmo anno, o seguinte:

« A esmola que estes religiosos pedem de soldo de sargento-mór, tendo gozado até agora da de soldo de alferes, parece-me excessiva, e mui o mais porque, sendo pedida a titulo de postos conferidos a Santo Antonio, official que nunca morre, hão de necessariamente chegar debaixo deste titulo do soldo de ma-

rechal de exercito, e do que mais poderem inventar, e então serão sustentados á custa da fazenda real, o que não me parece preciso.»

A pretensão foi indeferida, e o santo continuou percebendo o soldo de alferes, na razão de 10\$500 por mez, em virtude da provisão de 19 de novembro de 1750.

Santo Antonio é o *Protector da Camara de Iguarassú* e percebia a propina de 27\$000 annuaes, que tinham os vereadores da mesma camara, em virtude da provisão de 23 de novembro de 1754.

O que, porém, constitue a popularidade do Santo Antonio entre nós, é o seu predicado de milagroso, pelo que tem grande devoção, principalmente das moças que se desejam casar; e consoantemente com essa crendice popular, diz uma jaculatoria de um antigo novenario do santo, ainda hoje em uso:

Quem milagres quer achar,  
Contra os males e o demonio,  
Busquem logo Santo Antonio  
Que nelle os ha de encontrar.

Applaca a furia do mar,  
Tira os presos da prisão,  
Ao doente torna são,  
E o perdido faz achar.

Sem respeitar os annos,  
Soccorre em qualquer idade:  
Abonam esta verdade  
Os fieis pernambucanos.

\* \* \*

Com a denominação de *Guerra dos Mascates*, memora a historia o patriótico movimento emancipacionista que irrompeu em Pernambuco em 1710, e perdurou por cinco annos, causando os reaccionarios tantos damnos, que ainda por muito tempo sentiram-se os seus effectos.

Vencedores os Mascates, que combatiam contra o numeroso partido nacional, graças aos auxilios da metropole, abriu-se o livro negro das tyrannias, povoaram-se os carcereiros de victimas, fizeram-se confiscos e deportações, e tudo emfim quanto se pôde imaginar de mais barbaro e de mais atroz soffreram as infelizes victimas da generosa causa pernambucana.

Depois de um longo e doloroso martyrio, depois de innumeras supplicas e petições de graça dirigidas ao soberano, ordenou em fim a clemencia real que fossem soltos todos os presos e annullados todos os processos.

O dia em que entrou no porto do Recife a náu que chegara de Lisbôa trazendo esse acto regio, foi um dia de luto e de tristeza para os Mascates, que pretendiam tudo anniquillar, tudo destruir. Falharam, portanto, os seus planos de cubica, extinguiram-se os seus tenebrosos projectos, e nada mais restava áquelles que ainda não se haviam aproveitado. A alguns desses cresceu, subiu a magua e o sentimento a ponto tal, que, tocando ao desespero, tentaram suicidar-se!

Um desses, morador em Olinda, dava execução a essa desesperada resolução, mas sendo presentido pela esposa, esta o acode, a tempo de frustrar-lhe o intento. Divulgado o facto, a poesia e a satyra deram-se as mãos, e assim o commentaram :

Nesta cidade se quiz  
 Enforcar um camarão,  
 Fazendo por sua mão  
 O laço, como se diz ;  
 Já pela bocca e nariz  
 Sem poder resfolegar,  
 Acudiu ao pernear  
 A mulher deste madraço  
 E cortando-lhe o cadaço  
 O tirou de se enforcar.

Foi cousa bem mal tirada,  
 Porque a todos desta seita  
 Não vi cousa mais bem feita,  
 Que enforcados, quando nada.

Acção foi desesperada,  
 E de homem já perdido,  
 Mas ficando suspenso  
 Pela fé dos camarões,  
 Livrava de taes questões,  
 E a mulher de tal marido.

Nessa epocha calamitosa em que os pernambucanos tudo tinham a perder, tres homens, principalmente, tornaram-se notaveis pelas crueldades e injustiças que praticaram, não trepidando para conseguirem os fins daquelles de quem se haviam constituido cegos instrumentos, o que havia de mais torpe, de mais infame e degradante! Eram elles o governador Felix José Machado de Mendonça Castro e Vasconcellos, o ouvidor geral João Marques Bacalhão e o juiz de fóra Paulo de Carvalho.

Deste ultimo livrou-nos Deus, cortando-lhe o fio da triste existencia dous annos depois da sua chegada, e para cujo epitaphio a musa popular offereceu estes versos:

Jaz debaixo dum calhão,  
 Que é de pederneira galho,  
 O defunto juiz Carvalho  
 Esperando o Bacalhão.  
 Da morte deste maráo,  
 Nenhum dos mortaes se queixe,  
 Que a morte não acabou:  
 Se ella o carvalho cortou,  
 Inda ha de pescar o peixe.

Estes versos, como se vê, mordem tambem ao ouvidor Bacalhão, e terminam ainda, a elle se referindo allusivamente.

Nessa epocha vagava pelas ruas do Recife, um doido inoffensivo chamado Pereira, que geralmente fazia descrêr-se da sua alienação pelos seus conceitos espirituosos e engraçadas anedotas.

Das chasqueadas do Pereira, foi um dia victima o ouvidor Bacalhão, cujo engraçado episodio, julgando ter logar neste

nosso estudo, passamos a inserir-o, segundo a narrativa de um chronista:

« Uma tarde em que o ouvidor, que morava á rua das Cruzes, hoje Duque de Caxias, estava na sua varanda, estacionou o doido em frente da sua casa, e encarando-o começou a gritar:

Cousa nova, raridade,  
Nunca vista, na verdade !

« Logo que o doido começou a annunciar a tal *cousa nova nunca vista*, foi-se ajuntando gente, de modo que em pouco tempo a rua estava repleta de curiosos, que incessantemente o interrogavam acerca da tal raridade, sem que elle se dignasse de responder : até que, resolvido a pôr termo a tão grande curiosidade, deu uma estrondosa gargalhada, e em seguida, apontando para o magistrado, exclamou:

Bacalhão com cabeça !

« O ouvidor apenas ouviu o despecho da cousa foi-se, fúlo de raiva, esgueirando para dentro do casa, enquanto o povo por sua vez fazia o mesmo pela rua abaixo, rindo-se a bom rir. »

Um outro magistrado, que também deixou uma triste celebridade como verdugo dos pernambucanos, foi o juiz syndicante da devassa que se abriu sobre o movimento 1710, Christovão Soares Reimão, a quem o vulgo appellidou de *Colú*, e que por sua vez é também verberado neste bonito soneto consagrado á Olinda :

Como Amphitrite das ondas se elevando  
Lhe beija o mar os pés humildemente:  
Seu porte colossal, figura ingente,  
Jamais baixa cerviz se viu mostrando.

Sua cabeça aos astros rastejando  
De Jove, a brava furia não temento,  
Sempre altaneira, sempre independente,  
O sul e o norte altiva vigiando:

Nem o batavo audaz d'ouro sedento  
 Affeito á cannibal pirataria  
 Offuscar conseguiu teu luzimento.

O que o batavo jamais conseguiria  
 Machado e Bacalháo, qual mais sedento,  
 Alcançam tendo ao lado uma *Colia*.

José Cesar de Menezes que dirigiu o governo da capitania por 14 annos (1774 - 1788), apesar dos elogios e louvores que a mãos largas lhe são tributados em uma *Sessão acadêmica* que teve lugar no Recife em 1775, comtudo, si não foi tão máu como muitos outros governadores, não foi tambem dos melhores, que foram bem poucos.

A lyra popular, porém, regosijou-se com a sua partida, fazendo correr versos deste jaez :

Dom Cesar já lá se foi,  
 Já deu vela a embarcação,  
 Já ficámos descançados  
 Desse tão grande ladrão.

Dom Cesar quando se foi  
 Uma pena levou de mais,  
 Por deixar os seus soldados  
 No poder de Dom Thomaz.

Este ultimo verso refere-se a D. Thomaz José de Mello, successor de José Cesar de Menezes.

Da primeira quadra existe a seguinte variante recolhida por Pacifico do Amaral :

José Cesar já lá se foi,  
 Já partiu a embarcação,  
 Pelo que estamos livres  
 Desse tão grande ladrão.

No periodo governamental de José Cesar infestavam a capitania alguns bandos de malfeitores, levando o crime e o terror por toda parte.

Entre esses bandidos figura um de nome José Gomes, vulgarmente conhecido por *Cabelleira*, que deixou de si tristissima celebridade.

*Cabelleira* era um mameluco, filho de um outro, chamado Joaquim Gomes, homem perverso, coberto de crimes e maldições, e nasceu na freguezia da Gloria de Goitá, que então pertencia ao termo de Santo Antão, hoje Victoria.

Educado sob as vistas e exemplos de seu pae, *Cabelleira* seguiu as suas pegadas e tornou-se tão máu e tão perverso como elle.

A trova popular, tão rica e fertil entre nós, mas infelizmente, quasi que perdidas as suas composições, tão simples e despreziosas, sem as galas e atavios da arte, mas tão bellas e tão expressivas, tambem celebrou o *Cabelleira*, cantando as suas façanhas, repassadas de crimes e perversidades.

E assim celebrando os trovadores, fazem-no falar como que inspirado pelos exemplos de seu pae, como que por elle aconselhado e instruido :

Meu pae me pediu  
 Por sua benção,  
 Que eu não fosse fraco,  
 Fosse valentão.

Ao contrario, porém, descobre-se que a mãe de *Cabelleira* era uma senhora virtuosa, inteiramente extranha aos crimes de seu marido e de seu filho, e que a este aconselhara sempre a seguir o caminho da honra e do dever.

Minha mãe pediu-me  
 Por sua benção  
 Que eu não matasse  
 Menino pagão.

Minha mãe pediu-me  
 Por seu coração,  
 Que eu fosse bom homem  
 Não matasse, não.

Minha mãe me deu  
 Contas p'ra rezar ;  
 Meu pae deu-me faca  
 Para eu matar .

Eu matei um,  
 Meu pae não gostou ;  
 Eu matei dous,  
 Meu pae me ajudou .

Cabelleira enveredando-se audaz e destemido no caminho do crime, tornou-se o terror da capitania. Uma quadrilha de salteadores por elle capitaneada, e tendo por seu immediato a um celebre Theodosio, tão perverso como elle, infestava todos os logares, em constantes correrias.

Um dos mais barbaros homicidios perpetrados por Cabelleira, sem duvida em Santo Antão, assim celebra a trova popular :

Lá na minha terra,  
 Lá em Santo Antão,  
 Encontrei um homem  
 Feito um guaribão,  
 Puz-lhe o bacamarte,  
 Foi pá, pi, no chão.

Os crimes mais barbaros eram continuamente praticados por essa horda selvagem.

O nome de Cabelleira imprimia terror e assombro, e á noticia de què elle se approximava de qualquer localidade, os moradores abandonavam as suas casas, e os que ficavam, guardavam se com a possivel segurança.

Fecha a porta gente  
 Cabelleira ahi vem.  
 Matando mulheres,  
 Meninos tambem .

Fecha a porta, gente,  
 Cabelleira ahi vem,  
 Fugam todos delle,  
 Que alma não tom.

Fecha a porta, gente,  
 Focha bem com o páu,  
 Ao depois não digam,  
 Cabelleira é máu.

Corram, minha gente,  
 Cabelleira ahi vem ;  
 Elle não vem só,  
 Vem seu pae tambem.

Em outros logares, onde os moradores não abandonavam as suas casas, armavam-se convenientemente, e aquelles que assim não se preveniam, recebiam-no obsequiosamente, e de boa vontade prestavam-se a todas as suas exigencias.

No Recife mesmo, penetrou a quadrilha do Cabelleira e commetteu homicidios e roubos, e época houve que ninguem se julgava garantido.

O governador José Cesar envidou to los os esforços possiveis para exterminar essa horda de perversos, e afinal, depois de grandes trabalhos e sacrificios, e de innumeradas partidas militares, isso conseguiu, cahindo preso o Cabelleira no cannavial do Engenho Novo, em Pão d'Alho, graças aos esforços do capitão-mór Christovão de Hollanda Cavalcanti.

Diz a trova popular:

Vem cá. Cabelleira,  
 Anda me contar  
 Como te prenderam  
 No cannavial.

Meu pae me chamou:  
 -- Zé Gomes vem cá ;  
 Como tens passado  
 No cannavial ?

Mortinho de fome,  
Sequinho de sede,  
Só me sustentava  
Em caninha verde.

Tres dias passei  
Que comer não tinha,  
Mais que rato assado,  
Puro sem farinha.

Eu me vi cercado  
De cabos, tenentes,  
Cada um pé de canna  
Era um pé de gente.

Vem cá José Gomes,  
Anda me contar,  
Como te prenderam  
No cannavial.

**Presos o Cabelleira e o seu companheiro Theodosio, e conduzidos ao Recife, foram submettidos a processo perante a Junta de Justiça Criminal, e, condemnados á morte, foram executados na forca das Cinco Pontas, quatro dias depois de lavrada a sentença, contrictos e arrependidos dos seus crimes e perversidades.**

Já lá vem o negro  
Com o laço na mão,  
Espera lá meu negro  
Não me mates não.

Quem tiver seu filho  
Dê-lhe educação,  
Ao depois não tenha  
Dór no coração.

Quem tiver seus filhos  
Saiba os ensinar ;  
Veja o Cabelleira  
Que se vae enforcar.

Adeus, meu pae,  
 Pae do coração,  
 Adeus, minha mãe  
 Lance-me a benção.

Adeus, minha mãe,  
 Ide por mim resar,  
 Que lá no outro mundo  
 Eu irei penar.

Adeus, ó cidade,  
 Adeus, Santo Antão,  
 Adeus, mamãezinha  
 Do meu coração.

E' da época o seguinte *Dialogo* entre um negro e um caboclo a proposito da captura do Cabelleira:

— Vosmecê, seu Marcolino,  
 Vai atraz do Cabelleira ?  
 Si quizer pegar o cabra  
 Monte na besta foveira.  
 Monte na besta foveira,  
 Ou no cavallo cardão,  
 Não ha de pegar o cabra  
 No meio desse mundão.  
 — Si você gosta do bicho  
 Porque rouba e mata gente,  
 Veja que alguém não lhe tire  
 As orelhas p'ra presente.  
 « Mette, negro, a tua lenha  
 No teu forno caladinho ;  
 Mas não te mettas com homem,  
 Podes ficar sem focinho.  
 — Eu que sou negro nas côres  
 Mas não negro nas açções,  
 Si fosse atraz do malvado  
 Cortava-lhe os esporões,

« Para o negro que se mette  
 Onde não lhe dão ontrada,  
 Não tem faca o Cabelleira,  
 Tem uma peia ensebada.  
 — Eu respeito a meus senhores  
 E senhoras que aqui estão ;  
 Mas porém não levo em conta  
 Quem não teve criação.  
 « Caboclo do pé da serra,  
 Criado á beira do rio,  
 Eu sempre tratei com gente,  
 Porque sustento o meu brio.

Referindo-se Theophilo Braga ao *Fragmento do Cabelleira*, colligido por Franklin Tavora e reproduzido por Sylvio Romero nos seus *Cantos populares*, diz que « — é um romance notavel, e sobretudo por pertencer a esse cyclo de guapos e valentos, que na tradição popular hespanhola se desenvolve literariamente no fim dos seculos XVII e XVIII, tendo heróes verdadeiramente epicos, Cids do cadafalso e das enxovias, como Francisco Esteban, Don Salvador Bastante e outros. A fórma brasileira, conclue o citado escriptor, revela-nos que este genero é tradicional, origem que não se póde bem discriminar nos abundantissimos *pliegos sueltos* hespanhoes. »

E' convicção nossa, porém, que o *Cabelleira* constituiu em sua origem um romance complexo, do qual são fragmentos as estrophes que recolhemos, e se avantajam em numero ás conhecidas até agora ; ou então, que constituíram ellas, com outras mais, composições diversas e distinctas sobre as façanhas e tragico fim do *Cabelleira*. E foi por isso que não demos essas estrophe; seguidamente, formando, como que uma só composição, completa ou não, preferindo aproveitá-las como elemento historico, ou para melhor accentuar o que a tradição popular consagra sobre a vida e façanhas do famigerado bandido.

E consoantemente com aquelle nosso pensamento é o conceito de Fernandes Gama, affirmando que os trovadores do tempo compuzeram *cantigas allusivas á vida e morte do Cabel-*

leira ; e que ainda hoje (1848), conclue elle, as velhas cantam essas trovas quando acalentam os netinhos.

E por sua vez, diz Franklin Tavora, referindo-se ao *Cabelleira* :

« Foi objecto de muitas trovas matutas e sertanejas, de episodios dramaticos e anedotas acinte engendradas para amedrontar a basofios importunos, e pôr em fugida fanfarrões arrogantes. »

Essas estrophes eram cantadas em musica de uma cadencia monotona e plangente, e tiveram tanta voga, que ainda não se extinguiram de todo da tradição popular, apesar de um tão prolongado percurso de tempo.

D. Thomaz José de Mello, que dirigiu o governo de Pernambuco de 1788 a 1798, deixou os mais honrosos attestados de seu genio emprehendedor, em prol do desenvolvimento e progresso da colonia, e si falhas teve na sua administração, são ellas tão ligeiras, que absolutamente não empanam os esplendores da sua benemerencia.

Entre os diversos melhoramentos materiaes que emprehen- deu e realizou, o aterro de Afogados, hoje a bella e extensa *Rua 89*, então bastante damnificada, chamou logo a sua attenção, porquanto pelas suas falhas ou depressões em alguns pontos, ficara interrompida por esse lado a communicação da cidade com o interior.

Com o fim de obter areia para os trabalhos do aterro, mandou o governador extrahil-a de um terreno que ficava junto ao ponto de partida do mesmo aterro, resultando disso um rebaixamento tal, que lhe permittiu fazer um grande viveiro, que existiu até bem pouco tempo, conhecido por *Viveiro do Muniz*.

Nesse viveiro do governador foi um dia pescar um pobre homem chamado Simplicio, e surprehendido, e levado á presença de D. Thomaz, determinou elle como castigo de semelhante delicto, que o Simplicio trabalhasse nas obras do aterro com um dos maiores peixes pendente do pesçoço, até ficar em espinhas !

O facto vulgarizou-se logo, e dias depois appareceram os seguintes versos affixados nas esquinas de diversas ruas :

Aviltante duplamente  
 E' tua pena, Simplicio,  
 Horrivel, porco flagicio  
 Dum nababo inclemente !  
 Até quando essa tainha  
 Que ao pescoço tens pendida,  
 Restará de apodrecida,  
 Esturricada na espinha ?  
 Fique-te esta na mente,  
 Toma sentido rapaz :  
 Não se bole impunemente  
 Nas cousas de D. Thomaz.

No tempo do seu governo a producção da farinha de mandioca escasseou por tal modo, que attingiu a elevado preço, soffrendo com isso a pobreza grande penuria.

D. Thomaz providenciou como o casourgia, deu as mais energicas ordens, principalmente contra os especuladores, que atacavam as cargas ao entrarem na cidade para melhor reputarem o genero, e graças á sua attitude em tão allietissima situação, ainda que para debellal-a predominasse o arbitrio e a prepotencia, cousas aliás muito communs na epocha, cessou a calamidade publica sob os applausos populares.

As chronicas coevas registram com louvores os actos providenciaes do governador no intuito de cessar os soffrimentos do povo, e a tradição relata alguns episodios occorridos na tomada da farinha do poder dos atravessadores, dentre os quaes este, consagrado pela poesia anonyma :

Vem o Braga do sul com seis cavallos  
 Conduzindo dez malas de farinha ;  
 Affrontando ladrões, elle caminha  
 Em noite escura, se atolando em vallos.

Já tombava p'ra o dia a noite, os gallos  
 Com seus cantos d'aurora se avisinha ;  
 E de si bem distante a villa tinha  
 O triste que a puxar creara callos.

Querer entrar de noite era o seu fito :  
 Em vão procura dominar o espaço ,  
 As barreiras galgar, não sendo visto.

Mas de Mello os malsins vão-lhe ao encaço ;  
 E antes que o sol se mostre no infinito,  
 Cavallos, almocreves, caem no laço.

Deixa, enfim, D. Thomaz, Pernambuco e parte para Lisbóa, depois de um fecundo governo de dez annos, celebrando os poetas do tempo a D. Brites, uma sua amante, com versos picantes, dos quaes chegaram aos nossos dias os seguintes, com a sua competente toada :

A galera fez aguada,  
 Dom Thomaz já vai partir,  
 Dona Brites desgrenhada  
 Finge chorar, mas sorri.  
     Pinicó, có, có,  
     Dona Brites  
     Ficou só.

Dom Thomaz quando se foi  
 Deixou muitos cabedaes,  
 P'ra dotar a Dona Brites  
 Quando ella se casar.  
     Pinicó, có, có,  
     Dona Brites  
     Ficou só.

Dom Thomaz antes queria  
 Ser frade leigo em São Bento,  
 Do que vêr a sua Brites  
 Passar mostra ao regimento.  
     Pinicó, có, có,  
     Dona Brites  
     Ficou só.

Já tem ella outro de olho,  
 Não lhe falta quem a queira,  
 Della agora está de posse  
 O Chiquinho da Ribeira.  
 Pincó, có, có,  
 Dona Brites  
 Não está só.

Dona Brites foi ao Cabo,  
 Veiu de lá na carreira,  
 Ajustar seu casamento  
 Com Chiquinho da Ribeira.  
 Pincó, có, có,  
 Dona Brites  
 Ficou só.

Esse *Chiquinho da Ribeira*, assim chamado por ser o arrematante dos dizimos que se cobravam na ribeira ou mercado publico que D. Thomaz construiu, era um individuo dado a conquistas amorosas, e tão desfructavel no seu trajar, de calção curto, sapatos rasos com fivelas, gibão, cabelleira empoada e chapéo de tres pontas, á moda da epocha, que usava de bicos e rendas nos punhos e collarinhos da camisa, e até mesmo nas proprias ceroulas.

Aquelle trajar, porém, era sómente usado nos passeios diurnos, uma vez que nas aventuras domjuanescas e nocturnas usavam os Lovelaces do tempo de um traje originalissimo: camisa e ceroula, chapéo de abas largas, e envolvido em um capote, por baixo do qual, para o que desse e viesse, vinha a indefectivel espada de ponta direita.

Foi, portanto, o Chiquinho da Ribeira, esse pintalegrete da epocha, o escolhido por D. Brites—para lhe dissipar as penas e saudades que lhe ficavam a borbulhar no peito com a partida de D. Thomaz.

\* \* \*

A administração de Luiz do Rego Barreto, o ultimo governador e capitão general de Pernambuco (1817-1821), comprehendendo uma época notavel de acontecimentos politicos.

Luiz do Rego, si deixou traços característicos de bons serviços prestados na sua administração, deixou-os também, pelos seus desmandos e corrupção, ainda mais agravados pelos desvios dos seus auxiliares no governo, absolutamente entregues aos seus proprios instinctos, e sem receio de repressão alguma.

A campanha liberal contra o governo absoluto, exigindo uma constituição politica e um governo parlamentar, inflamou os espiritos patrioticos, e a corrente dos seus acontecimentos constitue bellissimas paginas em nossa historia.

Os triumphos pareiaes conquistados, muito embora depois de campanhas cruentas ou não, até o seu feliz desenlace, geraram enthusiasmos, e o povo, nos seus delirios patrioticos expandia-se em canticos e saudações hymnicas ás conquistas que se iam succedendo, e milhares de boccas repetiam-nos no auge do prazer e do enthusiasmo.

Desses canticos hymnicos chegaram aos nossos dias os dous seguintes :

Reformistas do Brazil,  
Reuni vossa cohorte.  
Finalmente o brado forte  
Das reformas vai soar.

ESTRIBILHO

Em prol das reformas  
Juremos marchar,  
A sorte da patria  
Nos campos firmar.

Celebrai em doces hymnos  
As victorias da nação ;  
Foi por terra hostile facção,  
Já podemos exultar.

Volve o tempo, a razão brilha  
Que fartava os nossos peitos ;  
Os antigos preconceitos,  
Nós os vimos expirar.

Da trahidora e feia intriga  
Eis frustrados negros planos,  
Já não podem seus enganos  
Nossos fóros supplantar.

Aquella força oppressiva  
Do geral governo antigo,  
Converteu-se em centro amigo  
Para tudo equilibrar.

Parabens, legisladores,  
Tantos bens são filhos vossos,  
Oxalá que os irmãos nossos  
Saibam tudo aproveitar.

Que nos resta, irmãos amigos,  
Para firmes progredirmos?  
As discordias extinguirmos,  
Para a patria prosperar.

Eia! os braços estendamos,  
Nossos peitos ajuntemos,  
Abraçados exultemos,  
Basta já de guerrear.

Entre irmãos do tempo, ao longe,  
Um porvir descubro ufano,  
Que o gigante americano  
Vem do orbe o sceptro dar.

Mas tal gloria só teremos  
De concordia vigorados;  
Em partidos retalhados,  
Tudo em flor ha de murchar.

## HYMNO CONSTITUCIONAL

Arrastava Pernambuco  
 Ó mais pesado grilhão,  
 Quando despontou no Douro  
 A *Lusa Constituição*.

## ESTRIBILHO

Emquanto aos pernambucanos  
 Palpitar o coração,  
 Viverá em Pernambuco  
 A *Lusa Constituição*.

Então mostra o despotismo  
 No Norte a perturbação,  
 Vindo já brilhar no Tejo  
 A *Lusa Constituição*.

Pesou mais na triste Olinda  
 Do tyranno a ferrea mão,  
 Quando o seu povo adhoriu  
 A' *Lusa Constituição*.

Elle o monstro que chrisinou  
 Em crime d'alta traição  
 A liberdade que offrece  
 A *Lusa Constituição*.

E' querer independencia  
 Resistir contra a oppressão,  
 Contra quem declara guerra  
 A *Lusa Constituição*.

Que bens maiores teremos  
 Para nossa elevação,  
 Do que os bens que em nós derrama  
 A *Lusa Constituição*?

Tyrannos, desengansi-vos,  
Acabou-se a escravidão,  
Reinará no Beberibe  
A *Lusa Constituição*.

Do Lísia a sorte se canta,  
Mas de Olinda porque não?  
E' para os dous hemisphérios  
A *Lusa Constituição*.

Estes versos deixam claramente caracterizada a foição oposicionista do governador Luiz do Rego contra o partido constitucional de Pernambuco, perante o qual, em luta armada, teve de capitular.

Esse procedimento do governador, ainda mais aggravado pelo desregramento da sua conducta moral, geraram, naturalmente, odiosidades taes, que concorreram ao desesperado alvitro de uma conspiração contra a sua propria existencia, e João de Souto Maior, que acabava de chegar do desterro pelo seu compromettimento na mallograda revolução republicana de 1817, foi um dos braços armados e dispostos em tres emboscadas para vingar com a morte do tyranno os ultrajes da patria.

Cabendo a João de Souto a emboscada da ponte da Boa Vista, por onde passava o governador em suas excursões nocturnas, dispara certamente a sua arma, alvejando-lhe o peito, o atira-se immediatamente sobre o rio para fugir á perseguição da gente que acompanhava a Luiz do Rego; mas perece victima do seu dever de patriota ultrajado. Esse triste acontecimento cantou a lyra popular neste soneto:

Cançado de soffrer a tyrannia,  
Improperios, baldões, Souto infeliz  
De um bebado e devasso, um dia, quiz  
Pôr termo a tanto arrojo e ousadia.

Coragem não lhe falta, e a valentia  
Em sua vida um acto a não desdiz;  
Errante busca em vão termo feliz  
Da vingança exercer, como queria.

Resoluto em feril-o, elle não cede  
Do desejo firmado, um só instante,  
As suas consequências, não, não mede.

Chega a hora fatal : eil-o offegante,  
Com firme mão a bala lhe despede,  
Pretendendo matar, morre o constante.

Já anteriormente a essa frustrada tentativa, planejara-se uma outra, que também frustrou-se em virtude de apparecer em certa manhã traçados estes versos no muro de um sitio que ficava fronteiro ao palacete do capitalista Luiz Gomes Ferreira, situado no Mondego, em cujo edificio se acha hoje o Collegio Salesiano, e onde, na época em questão, costumava o governador temporariamente residir :

Toma cautela Rego.  
Não passes no Mondego.

Sem imprensa, que sómente appareceu com a publicação da *Aurora Pernambucana*, o nosso primeiro periodico, no anno de 1821, já em pleno regimen constitucional, e nos ultimos dias do governo de Luiz do Rego, não podia o povo desafogar-se das suas maguas, sinão lançando mão da satyra em versos, e multiplicando os exemplares manuscritos affixava-os, á laia de pasquins, nos logares publicos da cidade.

Era no pasquim que se expandia a alma popular nos seus assomos de indignação contra as tyrannias e desmandos dos dominadores da situação, ou atiravam-nos para cobrir de ridiculo a certos typos que incorriam no seu desagrado por tristissima celebridade.

Desses pasquins, geralmente em versos picantes, traçados por incognitos poetas, e vulgarizados em multiplos exemplares affixados nas esquinas das ruas e praças mais concorridas, se apoderava logo o povo, repetindo-os com hilariantes accentuações ; e assim recolhidos pela tradição, ou registrados por curiosos como legados preciosissimos á posteridade, mal pensavam que taes escriptos constituiriam depois elementos historicos ou literarios de incalculavel valor.

Desses ligeiros escriptos, de que já nos temos referido a alguns, e ainda teremos de nos occupar de outros, consignamos os seguintes, não sómente pela sua curiosidade typica, mas ainda como attestados da graça e espirito, manifestados pelo genio popular na urdidura de taes composições.

A um certo Azevedo, que levava uma tremenda sova de páu, e no outro dia appareceu tão lampeiro como si nada de extraordinario lhe succedera, mimosearam-no com esta quadrinha :

Amigo Azevedo meu,  
O mundo admirado está,  
Do muito que se vos deu,  
Do pouco que se vos dá.

Um Braz Luiz, afamado musico de Goyanna, e cuja arte ensinava em uma aula que mantinha, e tambem, particularmente em casas de familia, abusando da confiança que inspirava o seu character de mestre, teve de soffrer as consequencias desses seus desvios domjuanescos ; e após uma pisa de páu que lhe infligiram, appareceu pregada em sua porta a seguinte decima, harmonicamente modelada em tom musical :

Uma forte entonação  
Cantaram a Braz Luiz.  
E segundo o que se diz  
Foi solfa de fá-borlão ;  
Pelo compasso da mão,  
Onde a belleza se apura  
Parecia solfa escura :  
Porque a mão nunca parava,  
Nem no ar, nem no chão dava,  
Sempre em cima da figura.

A's vezes, eram esses pasquins escriptos em prosa, ou ainda em prosa e verso ao mesmo tempo, como este que appareceu em 1823 :

« Cypriano José Barata de Almeida, por desgraça do Brazil  
« e unanime aclamação dos anarchistas, Imperador do Brejo de o  
« Areia, e destruidor perpetuo de Pernambuco, etc. »

« Faço saber aos que o presente Decreto virem, que atten-  
 « dendo aos relevantes serviços que o Revd. Fr. Joaquim do  
 « Amor Divino Caneca tem feito ao meu Estado desde 1817,  
 « hei por bom nomeal-o Bispo do Forte do Mar, e que os  
 « meninos e moleques das ruas lhe dêm os repiques de bocca e  
 « badaladas do costume.

« O moleque Agostinho Bezerra, ministro e secretario de  
 « estado dos negocios das rusgas, assim o tenha entendido e o  
 « faça executar. — Covil da Rua Nova. — *Cypriano José Barata  
 « de Almeida.*

## SONETO

Não quero bispo que sagrado seja,  
 Nem feito lá no Rio de Janeiro ;  
 Não o póde fazer Pedro primeiro,  
 Bem que contra o meu gosto o povo veja.

Brazil, bispo maroto, não, não veja ;  
 Fóra tambem qualquer rei estrangeiro.  
 Escolha-se entre nós um bom pedreiro  
 Assim Barata ordena, assim troveja :

Eu quero um bispo cá da minha escola,  
 Que não me falo em Deus, em Secca e Meca,  
 Que não uso roquete nem estola :

Quero um frade casado, honra da béca  
 Mui rusguento, immoral, frade *mingola*,  
 Quero enfim, seja bispo, Frei Caneca !

Luiz do Rego, portanto, nem tão pouco a gente que o seguia  
 podiam passar incolumes da satyra popular ; e assim, expandiu-  
 se ella, conhecidamente, nestes dous pasquins que certo dia  
 appareceram affixados na praça do Recife, e avidamente lidos  
 pelos curiosos transounes :

No tempo de Montenegro,  
 Por qualquer meio tostão,  
 Podia o pobre tomar  
 Sem sacrificio, um *pijão*.

Mas, ora, a cousa está outra ;  
 Lusbello, Merme e Alfarro,  
 Sem falar em Luiz do Rego,  
 O vinho puzeram caro.

—  
 Gente qu'ê de Madureira ?  
 Madureira está de *panção* ;  
 Madureira não vem á revista,  
 Estamos livres desso ladrão.

Um facto caracteristico do *bom humor* de Luiz do Rego:

Passava elle, á noitinha, pela rua do Queimado, hoje Duque de Caxias, acompanhado de dois de seus ajudantes de ordens e competentes ordenanças, todos a cavallo, na occasião em que se rezava o terço em frente a um nicho que havia aberto na parede da frontaria de um predio da rua, e exactamente quando um preto conhecido por Mestre Braz, que tirava o mesmo terço, começava a entoar o *Senhor Deus*. Apearam-se todos, e genuflexos e respeitosos ouviram toda a oração.

O cantor, porém, ou por se julgar muito honrado com a presença do governador, ou por querer patentear os seus dotes artisticos, entendeu de prolongar a oração por tal modo, com roleios de cantoria e pausadissimo andante, que Luiz do Rego o teve de supportar naquella incommoda posição por uns estirados dez minutos.

Enfurecido o general, apenas levanta-se, volta-se para os seus ajudantes de ordens e diz-lhes terminantemente:— *Mandem prender aquelle negro e dar-lhe quatro duzias de bolos.*

Somelhante ordem cumpriu-se immediatamente, apesar de ser o paciente um homem livre, de bons sentimentos, e geralmente estimado ; e á vulgarização do facto, appareceu logo affi-

xado um papel na porta do nicho com estes versos, que tiveram tanta voga, que chegaram aos nossos dias :

Por doze vintens não canto,  
 Hão de augmentar a parada,  
 Pois póde bem succeder  
 Levar de novo pancada ;  
 Sem o que eu não me arrisco  
 A cantar segunda vez:  
 Si quizerem dêem por noite  
 O qu'eu ganhava por mez.

Nas proximidades da partida de Luiz do Rego appareceu affixado nas esquinas de diversas ruas do Recife o seguinte :

PELO SIGNAL

Quando chegou Luiz do Rego  
 Dando por pedras e páo,  
 Deu logo provas de máo  
*Pelo signal.*

Um grande crime, fatal  
 Fez esse grande sendeiro,  
 Mandando tirar o cruzeiro  
*Da Santa Cruz.*

Falto de razão e luz,  
 Mentiroso, deshumano,  
 Delle e d'outros de seu panno  
*Livre-nos Deus.*

Mais cruel do que um judeu !  
 Mais tyranno do que sêra,  
 E presumia que ora  
*Nosso Senhor !*

Com grande astucia e furor  
Elle e os seus nos aterra,  
E as *urupenas* desterra

*Dos nossos.*

Malvados chamam os nossos  
Ao lado de seus malvados,  
Aos goyannistas honrados

*Inimigos.*

Pelo contrario, amigos,  
Do rei, da religião,  
Que querem a constituição

*Em nome.*

O odio que nunca dorme  
Foi accusar o Moreira,  
E vão aos pés, na carreira,

*Do Padre.*

Soube o *clero* da maldade :  
Occultou-se p'ra obstar  
A' sombra do Patriarcha

*E do filho.*

Rafeiro, impuro caudilho,  
Des goyannistas ladrão,  
Foi da carne a tentação

*E do Espirito.*

Trino Deus, bom, infinito,  
Vosso templo profanado !  
Logar mais do que sagrado,

*Santo !*

Temos visto com espanto  
Cousas que nunca pensamos,  
Sempre graças a Deus damos.

*Amen.*

Triumphou, porém, a causa defendida pelo partido constitucional, após diversos combates feridos entre as tropas pernambucanas e as de Luiz do Rego, todas portuguezas, e firmada a capitulação, conhecida na historia por *Convenção de Bebiribe*, embarcou elle com a sua gente para Portugal, tão apressadamente, qto nem ao menos esperou um pouco para entregar o governo á junta constitucional eleita.

A victoria dos pernambucanos, e a partida do general Luiz do Rego Barreto, constituiram factos de immenso regosijo publico, e a lyra dos poetas expandiu-se nos mais entusiasticos versos, dos quaes nos restam as seguintes quadras. cantadas á solfa:

Luiz do Rego foi guerreiro,  
Sete campanhas venceu,  
Mas na oitava de Goyanna  
Luiz do Rego esmoreceu. (1)

---

(1) Referindo-se Mello Moraes na sua *Chronica geral do Brazil* aos muitos versos que se fizeram a Luiz do Rego, com relação á victoria que os pernambucanos-alcançaram, consigna esta qua tra :

Luiz do Rego valeroso.  
Sete campanhas venceu,  
Chegam as tropas de Goyanna,  
Luiz do Rego esmoreceu.

Encontramos ainda mais uma variante, que se prende a este curioso facto, contemporaneamente occorrido :

Em uma roda de pernambucanos, em que se achava um portuguez, entusiasta e partidario de Luiz do Rego, com quem servira na guerra peninsular da invasão franceza em Portugal, cantava um dos circumstantes ao som da viola: e occorrendo-lhe a modinha, então em voga, sobre a derrota e partida daquelle general, começou :

Luiz do Rego foi guerreiro,  
Sete batalhas venceu...

— *E' verdade*, interrompe o portuguez. *Eu que vi, em Badajós,*

Mas na oitava de Goyanna,  
Deu de gambias e correu.

— *E' mentira*, obtempora o homem. *Durido que sete canellas de ferro de Goyanna fizessem correr um general como Luiz do Rego!*  
Ferveu o páu...

Luiz do Rego foi chamado  
De raiva ficou **maluco**,  
**Sete** campanhas que tinha  
As perdeu em Pernambuco.

Luiz do Rego já dizia  
Que Pernambuco era seu,  
Perdeu tudo quanto tinha,  
O braço lhe esmoreceu.

A mulher de Luiz do Rego  
Não comia sinão galinha;  
Inda não era princeza  
Já queria ser rainha.

Luiz do Rego já dizia  
—Antes eu cá não viesse —  
Paciencia, maganão,  
São desgraças que acontece.

Luiz do Rego foi-se embora  
Sem dizer nada a ninguém;  
Os corcundas estão dizendo:  
— Luiz do Rego logo vem.

Destes versos consigna Rodrigues de Carvalho estas variantes no seu *Cancioneiro* :

Luiz do Rego foi-se embora,  
Não disse adeus a ninguém;  
Corcundas estão dizendo:  
— Luiz do Rego logo vem.

Luiz do Rego foi guerreiro,  
Soube muito pelejar;  
No corredor de Goyanna  
Elle veio a se entregar.

Luiz do Rego foi guerreiro,  
 Sete batalhas venceu,  
 A' oitava lá em Goyanna,  
 Sem forças esmoreceu.

\* \* \*

São innumerous os accidentes historicos, ou mesmo não historicos, de manifestações da poesia popular entre nós.

O nosso Direito, de um absoluto symbolismo poetico em sua complexa urdidura, teve e tem ainda manifestações practicas de uma verdadeira poesia, como se sabe, e cujo assumpto, já o temos magistralmente estudado por Theophilo Braga na sua bellissima monographia — *Historia da Poesia do Direito*.

Não vem ao caso, portanto, encarmos agora o nosso estudo por esse lado.

Entretanto, não nos podemos eximir, ao menos, como um traço de côr local, de nos referirmos ao modo dos antigos preções das arrematações em hasta publica, em face de um curioso documento do alvorecer do seculo XVIII.

Trata-se da arrematação das terras da Asseca, em Santo Amaro das Salinas, e no competente termo lavrado na povoação do Recife, em 11 de dezembro de 1700, com as devidas particularidades, vem até mesmo consignado o prégão que fez o porteiro do auditorio, nestes termos: — « Um conto e quinhentos me dão pelas terras das Salinas chamadas Asseca; si ha quem mais dê, venha-se a mim, que lhe recoberei seu lanço, que logo se ha de arrematar. Affronta não faço e mais não acho; si mais achára mais tomára. Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe outra mais pequenina em cima; ha quem mais dê? sinão arremato. »

Não havendo quem cobrisse a maior offerta, deu-se por finda a arrematação, e dirigindo-se o porteiro ao offertante, — « lhe metteu um ramo verde na mão, dizendo: *bom proveito lhe faça.* »

Nesse prégão, convenientemente accommodado, temos uns versos mais ou menos metrificadas, mais ou menos rimados.

\* \* \*

São innumerous os santos populares que figuram no calendario, mas, entre nós, apenas tres são ainda popularmente festejados nos seus dias; são elles Santo Antonio, S. João Baptista e S. Pedro Apostolo, e antigamente, entre outros, S. Gonçalo de Amarante.

S bresae, porém, a todas essas devoções populares, a do *Mez Mariano*, pela sua geral celebração, não sómente nas egrejas, como ainda em casas particulares.

De origem italiana, foi talvez instituida pela egreja para banir as *Maias*, uma festa gentilica, que vinha dos tempos do paganismo romano, em honra á chegada do mez de maio.

Ao que parece, na carencia de noticias, os nossos colonizadores não nos trouxeram as *maias*, que aliás eram celebradas na metropole com grandes expansões de alegria.

Este folguedo popular tinha as suas dansas e cantigas próprias, geralmente executadas por crianças engrinaldadas de flores silvestres, e o povo corria em saudações ás casas dos seus protectores — pondo-lhes giestas ás portas, e cantando-lhes debaixo das janellas, — o que, segundo a tradição popular, se praticava em memoria da fugida da Virgem Maria para o Egypto, pondo-se esses signaes pelo caminho para que se não perdesse.

Ha portanto, entre essa festa do paganismo e a instituição do *Mez Mariano*, umas tantas affinidades.

As *Maias*, apezar de prohibições régias, que se remontam aos tempos de D. João I, eram ainda que vagamente, celebradas em Portugal, em meiodos do seculo passado.

Seja como fór, instituida na Europa a consagração do mez de maio, em honra á Virgem Maria, e dahi o seu qualificativo de *Mez Mariano*, não é comtudo de origem muito remota, uma vez que as suas primeiras indulgencias foram conferidas pelo papa Pio VII, por um rescripto expedido em 21 de março de 1815.

Devoção de um character puramente popular, teve tão geral e fervorosa acceitação, que chegou ao nosso paiz, e em 1850 foi introduzida em Pernambuco, quando se verificou a sua primeira celebração na egreja do convento do Carmo do Recife,

promovida pelo illustre carmelita Frei João da Assumpção Moura; e dosde então vulgarizada, desenvolveu-se e attingiu ao gráu de esplendor com que é geralmente celebrada.

Os padres capuchinhos iniciaram tambem a devoção no seu hospício do Recife, bem como no interior, em todos os logares que passavam em suas apostolicas missões, e dest'arte facilmente foi a sua propagação entre nós.

A essa moderna origem do Mez Mariano reformem-se estes versos de um cantico dedicado ao Coração de Maria, acaso de composição contemporanea, a época do seu inicio em Pernambuco :

Noste mez de graças cheio,  
Que o Brazil desconhecia,  
Das culpas o vem livrar  
O Coração de Maria.

Tomando a devoção do *Mez Mariano*, pela sua indole, um caracter puramente popular, expandiu-se logo a poesia em hymnos e canticos em louvor á Virgem Maria, e tão prodigiosamente, que todas essas produções avultam constituindo bellissimas colleções exparsas entre o povo.

Precede á celebração do *Mez Mariano*, umas *Vesperas*, ou acto preparatorio, que tem logar no ultimo dia de abril, findo o qual se cantam uns versos especiaes, que têm por estribilho :

Parabens, povo christão,  
Alviçaras nós vos damos,  
Que é já chegado o tempo  
Do nosso Mez Mariano.

Para o primeiro dia ha um cantico especial, que começa assim :

Dai-nos licença, Senhora,  
Para offerta vos fazer,  
Das flores que em maio  
Nós desejamos colher.

No exercício devoto do *Mes Mariano*, tudo é musica, poesia e flores, e longe iríamos em uma descrição particular; e si tentássemos mesmo reunir todos os canticos entoados, em quo de par com as bellezas poeticas resplendem suavissimas harmonias de musicas encantadoras, seria necessario uma socção especial sobre o assumpto, tal o seu avultamento.

Entretanto, para darmos uma idéa do genero de taes produções, consignaremos os versos iniciais de uns tantos, mais vulgares, cantados em musicas bellissimas.

Até mesmo a natureza  
Reverdece de alegria,  
Respeita, engrandeco o Louva  
As virtudes do Maria.

Devemos, pois, pressurosos  
Colher nos jardins, nos pradós,  
Lindos, ricos ramalhetes  
A' Maria consagrados.

Ave Maria do céu,  
Maria cheia de graça,  
Vossos labios não tocaram  
Do peccado a negra taça.

Bella aurora de esperanças,  
Filha do céu, mãe de amor,  
Protegei as creaturas  
Junto ao throno do Senhor.

Do Maria publicuemos  
Toda a gloria e formosura,  
Veneremos, invoquemos,  
Tão sublime creatura.

Ao pé della a natureza  
Perde a graça e formosura,  
Já desmaia o sol dourado,  
Perdem astros a luz pura .

Destaquemos, porém, dentre os cantos hymnicos que avultam, para consignar no seu todo, um dos mais populares, cujos versos são incontestavelmente dos mais bellos, e postos em uma solfa encantadora pela suavidade e ternura do canto:

Quando nos amenos campos  
Vai morrendo a luz do dia,  
Nessa hora tão saudosa,  
Quanto é doce essa harmonia !  
*Ave Maria.*

Quando o nauta sobre as ondas  
Já não tem rumo nem guia,  
Invoca a estrella dos mares,  
Saúda a Virgem Maria.  
*Ave Maria.*

Quando o peccador do crime  
Soffre a dura tyrannia,  
Sente ainda uma esperança  
Invocando a Virgem pia.  
*Ave Maria.*

Quando o pobre afflicto geme  
Sem o pão de cada dia,  
Com os filhinhos de joelhos  
Recorre á Virgem Maria.  
*Ave Maria.*

Em qualquer perigo ou dór,  
Na tristeza ou na alegria,  
Sempre na vida ou na morte  
Invoquemos a Maria.  
*Ave Maria.*

E estes outros de um cunho particularmente local:

Inclita Maria,  
Virgem de valia,  
Sois de Pernambuco  
Poderosa guia.

Salem, venturosa,  
Celeste Sião,  
Dessas doze portas  
Fulgida mansão.

De jaspe tão verde,  
Virgem preciosa,  
Sois de Pernambuco  
A mãe amorosa.

Cérula saphira,  
Virgem singular,  
Sois de Pernambuco  
A pedra angular.

Rosa calcedonea,  
Virgem encantadora,  
Sois de Pernambuco  
Prompta defensora.

Luzida esmeralda,  
Virgem crystallina,  
Sois de Pernambuco  
Estrella divina.

Ha, porém, canticos especiaes para o encerramento e despedidas do *Mez Mariano*, os quaes começam assim:

Finaliza o mez de maio  
Tão cheio de devoção,  
Para nós não finaliza  
Vossa grande protecção.

Vamos, tornas companheiras,  
 Consagrar mais este anno,  
 A' devota despedida  
 Do santo Mez Mariano.

Meus irmãos, digamos todos  
 Adeus até para o anno,  
 Para juntos festejarmos  
 O santo Mez Mariano.

Findou-se o mez  
 O' Mãe de Deus,  
 Adeus, Maria,  
 Adeus, adeus.

Voltando, porém, aos festejos dos nossos santos populares, e ficando dito já, com relação a Santo Antonio, o que nos competia attinente ao nosso estudo, segundo os subsidios de que podemos dispôr, cumpre-nos agora tratar dos demais.

São João, incontestavelmente, occupa o primeiro lugar entre os santos populares festejados em Pernambuco, ainda mesmo, um pouco arrefecidamente, como são agora celebradas as suas festas.

Essas demonstrações festivas consagradas ao precursor do Christo, com um mixto de devoção e folgares, são ruidosamente celebradas não só no Brazil como entre todos os povos catholicos, e até mesmo não catholicos. Garrett, na sua *Dona Branca*, chama S. João.

...o santo mais guapo  
 Mais garrido e brineão do kalendario,  
 Santo do proprio mouro festejado.

E a trova popular portugueza acrescenta:

Quando os mouros o festejam,  
 Que fará quem é christão?

Sobre a origem das festas e cantos da noite de S. João, — que existiam nos costumes gothicos, e se reforçaram em presença dos arabes, — na peninsula hispanica, dotidamente escreve Theophilo Braga, nas suas *Epopéas da raça mosarabe*, e sobre cujo particular não nos é dado attender para não nos desviarmos da feição toda local deste nosso estudo.

« No nosso Pernambuco, como escreve Lopes Gama, em 1837, no seu interessante periodico *O Carapuceiro*, a vespera e dia de S. João são de regosijo e grandes folgares do povo. Todo o mundo arma a sua fogueira; por toda a parte arranjam-se bolos, tiram-se sortes e soltam-se foguetes.... A gente do meuçalho não deixa de festejar o S. João a seu modo. Ornam-se de capellas de flores e folhas, soltam bombas e disparam ronqueiras e bacamartes, e ao som de certas cantarolas dançam toda a santa noite, e no outro dia ainda estão promptos para dançar e gritar — *Viva S. João!* »

De par com os festejos religiosos nas egrejas e casas particulares, precedidos de um novenario especial, a popular festa de S. João, iniciada na vespera do seu dia, tem um cunho de particular caracteristico pelas suas — superstições e suas sortes, seus combates e suas fogueiras, e suas coias especiaes, — em que figuram, particularmente, a indefectivel cangica de milho verde e os classicos bolos de S. João, *indispensaveis à orthodoxia da festa.*

E' o dia das expansões e alegrias, do ruidosos folgares, de animadissimas danças, e em fim, das adivinhações, em que figuram, goralmente, as que fazem as moças solteiras *para o santo revelar o seu futuro*, e cujos prodigios são immensos, graças aos poderes do precursor.

De todas essas adivinhações, tem, porém, muita voga, pelo maravilhoso dos seus proclamados prodigios, a do ovo feita á tardinha, e que consiste em deitar-se a clara dentro de um copo com agua até o moio, coberto com um lenço branco, tendo sobre o mesmo uma tesoura aberta, em fórma de cruz, e um rosario bento, para vér-se depois da meia noite a sorte da pessoa, segundo a imagem que a clara representar no fando do copo.

Por exemplo : si fôr um navlo, *viagem proxima*; e si fôr uma egreja, *o suspirado casamento!*

Precede sempre a esta, bem como ás demais adivinhações, a recitação de um *Pater* offerecido ao santo.

O alho plantado na vespera de S. João, amanhece germinado; a arruda floresce à meia noite, mas o diabo vem e arranca-lhe as flores todas; quem se mirar n'agua e não divisar a cabeça, *não chega ao fim do anno*; e as fogueiras, segundo a crendice popular, têm varias virtudes: — são um oraculo... as suas brazas não queimam... são sagradas.

Palmeirim na sua bella poesia *A Alcachofra*, canta:

Tenho fé nesta fogueira  
 Acesso por minha mão,  
 Que falará a verdade  
 Em noite de São João.

Os festejos de S. João entre nós, remontam-se, acaso, aos primórdios da nossa colonização, na primeira metade do seculo XVI.

Como data mais remota o averiguada da sua pratica, encontramos o anno de 1603, porquanto, narrando Fr. Vicente do Salvador as occorrencias da nossa vida historica naquelle anno, refere que os indios acudiam a todos os festejos dos portuguezes — «com muita vontade, porque são muito amigos do novidades, como no dia de S. João Baptista, por causa das fogueiras e capellas».

Essas capellas têm ainda muita voga entre nós nos festejos do campo principalmente, e constituem nas ranchos de homens e mulheres, coroados de capellas de flores e folhas, percorrendo alegres as estradas e ruas dos povoados, quando

Na abençoada noite vão devotos  
 Ao milagroso banho

cantando uma toada que tem por estribillo os conhecidissimos versos:

Capollinha de melão  
 É de São João;  
 É de cravos, é de rosas,  
 É de mangiricão.

Estes versos são, talvez, reminiscências de uns outros do velho romance português *Dom Pedro Menino*, ainda hoje cantado na Ilha de S. Jorge, e cujo verso são assim lançados :

Já os linhos onflorescem,  
Estão os trigos em penhão,  
Ajuntem-se as moças todas  
No dia de São João.

Umás com cravos e rosas,  
Outras com mangirição.  
Aquellas que o não tiverem  
Tragam um verde limão.

Outrora, quando esses bandos de capellistas percorriam alegres as ruas do Recife, encaminhavam-se, de preferencia, para o banho na *Cruz do Patrão*, no istmo de Olinda, cujas aguas, quer as do mar, de um lado, quer as do rio Beberibe, do outro, gozavam na noite de S. João da particular virtude de *dar felicidades e venturas*, porque, segundo a trova portugueza desvendando-nos o tradicional costume,

Nessa noite é benta a agua,  
Para tudo tem virtudes.

A praia de Fóra de Portas, era tambem um dos logares preferidos para esses banhos san-joaneiros, e a trova popular dos capellistas a ella se referia, cantando :

Em Fora de Portas  
Eu vou me lavar,  
Si eu cahir no fundo  
Mandai-me tirar.

Na ida para o banho cantavam essas *troupes* de foliões :

Meu São João,  
Eu vou me lavar,  
E as minhas mazellas  
Irei lá deixar.

E na volta :

O' meu São João,  
Eu já me lavei ;  
E as minhas mazellas  
No rio deixei.

Desta toada da ida e volta do banho encontramos ainda esta variante :

Vamos, vamos,  
Toca a marchar,  
N'agua de São João  
Nos vamos lavar.

N'agua de S. João me lavei,  
Toda a mazella que tinha, deixei.

Esses banhos, ainda hoje muito usados nos festejos do campo, são ao nosso vêr, uns reflexos do baptismo de Christo ministrado pelo santo nas aguas do Jordão.

Segundo uma legenda popular, vulgarissima entre nós, São João nutre o mais ardente desejo de descer á terra no seu dia, a cujos intentos, porém, Deus se oppõe, fazendo-o dormir profundamente durante todo esse dia. Consoantemente com essa legenda cantam os capellistas :

Si o Baptista soubesse  
Quando era o seu dia,  
Desceria do céo á terra  
Com prazer e alegria.

E é por isso, que a divina vontade occulta ao santo o seu dia, porque, baixando elle á terra, conclue a legenda, — se ensoberbeceria por tal modo com as festas celebradas em seu louvor que se perderia !...

E em vão clamam e supplicam os capellistas ao santo a despertar, cantando :

Acordai, acordai,  
 Acordai João ;  
 Elle está dormindo,  
 Não acorda não.

A scena que se passa no dia seguinte entre o santo e sua mãe, Santa Isabel, ao despertar elle, canta assim a trova popular :

— Minha mãe, quando é o meu dia ?  
 « Meu filho já se passou.  
 — E para tão grande alegria  
 Minha mãe não me acordou ?

As toadas dos versos dos capellistas constituem ainda a musica alegre e de uma solfa particular das danças populares da festa de S. João, com as suas cadencias marcadas ao rufar de pandeiros e maracás, e acompanhadas á viola ; e

Retumbam por toda a parte  
 Os folguedos d'alegria.

. . . . .  
 Dança a donzella cantando  
 Canta e dança o namorado,  
 Na viola suspirando.

O nome de S. João Baptista é de um grande mysticismo, porquanto, na sua origem hebraica quer dizer : — *o que baptisa cheio de graça* ; — e o seu dia, que é santificado e de guarda, é de grande festa ecclesiastica.

Quando rompeu a campanha emancipacionista em 1645, foi o santo proclamado seu patrono, como

..general e capitão  
 Nesta empreza de nossa liberdade.

como refere Calado, chronista coevo ; e talvez venha desso facto tomarem-no os militares por seu padroeiro, e erigindo a *Confraria de S. João Baptista* logo após á restauração de Pernambuco, na sua egreja de Olinda.

Voltando-nos, porém, ás fogueiras nocturnas nas festas do precursor, crepitando em torno de uma alterosa bananeira, e que constituem um dos principaes característicos dos seus festejos populares, vêm dos germanos e scandinavos, em honra de Freya, como refere Theophilo Braga ; e segundo Oliveira Martins, vinham já do tempo de Strabão, e constituíam o culto celtiberico por excellencia ; entre nós, porém, têm uma origem plebosa, segundo uma vulgarissima legenda popular : — que recebendo Santa Isabel, mãe de S. João, a visita da Virgem Maria nas proximidades do seu nascimento, ficou de avisal-a logo que elle nascesse, por meio de uma fogueira que mandaria accender no terreiro da casa, o que effectivamente se fez, vindo dahi, em commemoração do facto, o costume geral e constante das fogueiras que se accendem na vespera do dia em que a igreja celebra a festa do nascimento do precursor.

Soja como fôr, um dos tons mais característicos das festas populares de S. João, é a *fogueira*, em que, na phrase do cantor de *Marilía de Dirceu*

Arde o velho barril, arde a cabeça  
Em honra de João na larga rua.

Agora algumas notas curiosas sobre as fogueiras, colhidas nos nossos estudos atravez da vida historica da nossa terra.

No tempo do governador D. João de Souza (1681-1685) mandou o almoxarife da Provedoria da Fazenda Real fazer uma fogueira em frente ao Palacio do governo, na noite de S. João, em obsequio do governador, e consoantemente, uma outra em frente á casa do provedor da mesma Fazenda, o capitão-mór João do Rego Barros, com o que despendeu 8\$000.

Exigindo depois os outros governadores que o almoxarife continuasse com aquella pratica, e não tendo elle verba para semelhante fim, uma vez que fizera as referidas fogueiras á sua custa, recorreu a el-rei pedindo-lhe que o livrasse de semelhante despesa, ordenando que fosse ella feita pelos cofres da fazenda real. Esta supplica teve uma solução conciliadora, porquanto determinou o monarcha por carta regia de 10 de março de 1694, — «que se não obrigasse o almoxarife a fazer ditas fogueiras, e

que, si os governadores as queriam, mandassem fazel-as á sua custa».

Entre os hollandezes, porém, tinham as fogueiras uma significação bem differente, porquanto accendiam-nas como mania festação de regosijo publico. Povos do norte da Europa, mantinham elles nas suas conquistas do Brazil a velha tradição pagã das *fogueiras de alegria em honra de Freya*, como vimos.

Effectivamente, ao tempo da sua dominação em Pernambuco, como narra Richsoffer, festejaram elles no Recife, na noite de 17 de fevereiro de 1631, o primeiro anniversario da tomada e poses da capitania — « *com fogueiras e tiros, por ter decorrido um anno que, com o auxilio de Deus conquistámos estes sitios e os temos conservado* ».

Um outro escriptor hollandez refere tambem, que assignada a tregoa dos dez annos entre a Hespanha e a Hollanda, se publicou ella por toda parte, e no Brazil em 1642, e que em Pernambuco « *se accenderam fogueiras em todos os logares* ».

Em tempos que não vão muito longe, era rara a rua ou praça do Recife em que não se via, pelo menos, uma fogueira nas noites de S. João. Este costume tão genuinamente popular, foi pouco a pouco arrefecendo até que se extinguiu por completo, circumscrevendo-se apenas aos campos e arrabaldes da cidade. Demais, uma postura municipal, decretada em 1860, terminantemente prohibiu—o costume de se accender fogueiras na cidade nas noites de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, sob a pena de 20\$000 de multa e o duplo no caso de reincidencias.

\* \* \*

S. Gonçalo do Amarante, o *casamenteiro das moças*, já teve entre nós ruidosas festas no seu dia.

Exercera o santo o cargo de parochio, e tradição antiquissima narra que foi elle muito cuidadoso em promover casamentos; e dahi a fervorosa devoção das solteiras com o milazroso santo, e as outr'ora bem conhecidas e ruidosas danças em seu louvor, com versos em descantes.

Lopes Gama, tratando do assumpto com a verve que lhe é propria, no seu interessantissimo periodico *O Carapuceiro*, em

1839, quando ainda estava muito em voga a tradicional dança, que constituía uma verdadeira loucura, diz o seguinte :

« Ha ordinariamente uma bandeirinha, onde está pintada a imagem do santo, e além disto outra de madeira tambem entra no fandango. A bandeira e a imagem andam num corropio, ora nas mãos, ora na cabeça desta, e daquella. Sôa o estrepitoso zabumba, retinem os garridos maracás, acompanhando as cantilenas, que dizem :

Viva e reviva  
São Gonçálinho,  
Dae-me meu santo  
Um bom maridinho.

« Na tal dança ellas saracoteiam as ancas, remechem-se, saltam, pulam, o fazem cousas de cabeça, tudo para maior honra de Deus e louvor de S. Gonçalo. Entre muitas dessas cantigas já ouvi uma, em que entre as prendas de um bom marido dizia :

Seja bonitinho  
E queira-me bem,  
Aquillo que é nosso  
Não dê a ninguem.

« Os manembros, os calçatinhos, os gamenhos de todo o calibre, torneiam o sarão, e estão, como peixes n'agua, e com os olhos pendurados no remechar das dançarinas.»

Era á devoção deste jaez, que Lopes Gama chamava—*devoção de patuscada*...

Além dessas danças, formavam os festejadores do santo, ranchos enormes, que percorriam as ruas e as estradas cantando e dançando ao som de descantes em que figuravam versos desta urdidura:

Quando São  
Gonçalo nasceu,  
Trouxe a bandeira  
Do menino Deus.

Quando São  
 Gonçalo nasceu,  
 Cortou-lhe o umbigo,  
 Senhor Saramôo.

São Gonçalo foi a missa,  
 Num cavallo sem espôra,  
 O cavallo deu um tope,  
 São Gonçalo pulou fóra.

São Gonçalo de Amarante,  
 Casamenteiro das velhas,  
 Porque não casaes as moças,  
 Que mal vos fizeram ellas ?

Ai lê lê, ai lê lê  
 Meu santinho,  
 Viva e reviva  
 São Gonçalinho.

Essas devotas expansões em louvor do santo, a que Tollenare chama os *bailes de S. Gonçalo*, eram também celebradas nas igrejas, até que começaram a ser prohibidas em Olinda pelas autoridades ecclesiasticas, a começar de 1816—porque os europeus censuravam esses bailes como uma indecencia indigna do templo de Deus.

« Comquanto esses pretensos moralistas d'além-mar, escreve Tollenare no anno seguinte, tratando daquella prohibição, tenham esquecido que David dançava doante da arca, que a dança fez por muito tempo parte das ceremonias religiosas, que os padres do Concilio de Trento abriram-no com um minuete; comquanto a dança não seja verdadeiramente profana, sinão pelo espirito que a anima, não direi que sejam restabelecidos os bailes de S. Gonçalo; mas, quizera que fossem substituidos por outra cousa qualquer.»

Refere Lopes Gama, no seu mencionado periodico, que se levantando em certo logar a bandeirã de S. Gonçalo para as novenas de sua festa, no anno de 1843, e não sabendo os devotos

as cantigas apropriadas, cantaram as seguintes com todo o fervor de uma piedade verdadeiramente christã :

Parta-se o côco,  
Venha um pedaço,  
Espremam o leite  
Qu'eu quero o bagaço.

Ponche de cajú,  
Não me dá abalo,  
Porque esta bandeira  
E' de São Gonçalo.

São Gonçalinho,  
São Gonçalão,  
Beba-se o vinho  
E haja funcção.

A estas quadras respondia o povo devoto :

Isto é bom, mulata,  
Isto é bom, qu'eu gosto.

Eis ali o que eram entre nós os festejos devotos de S. Gonçalo de Amarante, hoje completamente esquecidos.

A que época se remontavam esses festejos entre nós é impossível chegar-se; entretanto, vinham já, sabidamente, dos primeiros annos do seculo XVIII, e La Barbinais, citado por Oliveira Lima, trata do assumpto na sua *Nouveau voyage au tour du monde*, impressa em Paris em 1728-1729, deste modo, descrevendo os usos e costumes da Bahia: — « Animação de regosijo algum emparelhava-se com a que reinava na festa de S. Gonçalo de Amarante. Nas danças desenfreadas em derredor da veneranda imagem tomava parte o vica-rei de parceria com os cavalleiros de sua casa, os monges e os negros, desaparecendo assim as distincções sociaes nessa saturnal christã, celebrada ao som mavioso das violas, e na qual o amplexo dos sexos attingia proporções de demencia animal. »

Passemos agora em revista a mais bella e apparatusa das nossas festas populares, as Pastorinhas ou Pastoris, ou mais propriamente, Presepios; mas antes de tratarmos particularmente do assumpto sob o ponto de vista do nosso trabalho, parece-nos que não serão por demais umas ligeiras explicações historicas sobre a origem desse bello divertimento das festas do Natal, outr'ora tão vulgar entre nós.

Como reza uma piedosa legenda, achando-se S. Francisco de Assis em Grecio, no anno de 1223, quiz solennizar a noite do Natal com uma festa que nunca tinha sido vista, isto é, uma representação ao vivo do nascimento do Divino Redemptor.

Depois de prévia licença do Papa, escolheu uma gruta e fez transportar para ella um boi, um jumento e uma mangedoura; collocou sobre palhas um menino Jesus, o do um e outro lado poz as imagens da Virgem Maria e de S. José.

Dentro da gruta reuniu o santo um grande numero de frades, que chamou dos conventos vizinhos, e uma multidão de camponezes daquellas aldeias, e fez cantar uma missa, em que elle mesmo serviu de diacono.

Nessa occasião, o seraphico patriarcha pronunciou uma commovente oração, e quando chegou ás palavras do Evangelho — *collocou-o em um presepio*, — ajoelhou-se em acto de adoração, e naquelle momento, concluz a legenda. Ihe appareceu entre os braços um menino todo resplandecente de luz divina.

Desde então, conservou-se sempre nas egrejas dos religiosos franciscanos o uso da representação dos presepios, que depois se tornou commum e geral em todo o mundo.

O uso dos presepios em Portugal, como refere fr. Luiz de Souza, teve começo no convento das freiras do Salvador, em Lisboa, no anno de 1391, levantandó-se no meio do templo uma armação, representando o estabulo de Belém, com figuras que interpretavam a scena do nascimento de Jesus.

Depois, já no seculo XVI, foi o assumpto dramatizado, teve entrada no theatro, e é talvez dahi que vem o auto hieratico portuguez, de tão variados assumptos. A este respeito diz Theophilo

Braga o seguinte: « Como em todos os povos catholicos em que as festas religiosas do Natal, Reis-Magos e Paixão eram a base do theatro hieratico, tivemos esses autos ou vigalias, que se ligavam ás manifestações do culto, sobretudo no tempo em que a igreja admittia o povo á participação da lithurgia. Foi por um monologo de natureza da visitação da lapinha ou do presepio, que Gil Vicente começou a elaborar a fórmula literaria do auto hieratico. »

A introdução do presepio em Pernambuco, vem, talvez, de fins do seculo XVI, acaso iniciada no convento dos franciscanos em Oliuda, por frei Gaspar de Santo Antonio, a quem na custodia chamavam *O Primogenito*, por ser o primeiro religioso que tomou o habito no Brazil, naquelle mesmo convento, no anno de 1585.

Sobre o assumpto, diz o seguinte o nosso chronista Jaboatão, referindo-se a frei Gaspar:— « Foi devotissimo do mysterio ineffavel do nascimento de Christo, fazendo naquelles dias, além das suas particulares devoções, algum passo do Deus Monino em Belém, para mover aos religiosos o maior affecto a este mysterio; e alli lhe dizia alguns louvores, e fazia suas devotas representações, ainda depois de muito velho, pois naquelle convento falleceu em 1635, na idade de 93 annos. »

Dos nossos presepios de outr'ora, temos esta bella descripção devida a Antonio Joaquim de Mello:

« De ramos de arvores cheirosas, e folhagem vividoura entretencia-se sobre um altar uma abobada, aberta em arco pela frente. No centro desta abobada mostrava-se a lapinha, e na mangedoura sobre palhas o Menino Jesus nascido, sua Mãe Santissima, e S. José, o seu esposo, de joelhos, contemplando-o maravilhados, e adorando-o. Alli junto vereis o paciente boizinho descancado ruminando, o jumentinho, e outros irracionais; e já de redor, já descendo dos montes, e do povoado, pastores e pastoras, que um desejo ardente e santo impellia a ver em Belem o Deus humanado, que os anjos com seus cantos lhes annunciaram. Qual por offrenda lhe trazia o candido cordeirinho, que lhe pesa aos hombros; qual a cestinha de escolhidas fructas, e cheirosas, lindas flores; qual os ovos, e qual na gaiola as terbas rolinhas. Outras figuras em grupos, alegres

dançam por aqui e ali ao som dos adufes e gaitas campestinas. No interior do tecto, como que no céu sobre nuvens, os anjos sustentam o letreiro : *Gloria in excelsis Deo, et in terra pax hominibus bonæ voluntatis*. Nas casas pobres a estrutura e decoração destes presepios eram também pobres e limitadas, expondo apenas sob o tecto verdejante e odoroso o divino recém-nascido no feno vil e enfeitadinho, e a um e outro lado seus gloriosos paes absortos e humilhados em amor e adoração. Esta mesma indigente e pia singeleza commovia talvez mais a alma christã, que devota e muda a contemplava, do que a extensão das fabricas de rica variedade e lustroso apparatus, desvelo de possantes devotas... Segundo, porém, as forças e fantasias das festeiras, estas armações engrandeciam-se em adornos e scenas. Alguns prendiam á arcada folhuda as fructas mais bellas do tempo, o sol, a lua no concavo, e em collocações melhor apropriadas no interior, aggregavam passos da Escriptura como o desposorio da Santissima Virgom, a fuga da sacra familia para o Egypto, a degolação dos innocentes, a visita de Santa Isabe e S. Joaquim á Nossa Senhora e outros. Também em convenientes perspectivas, entre montes e desfiladeiros, descobriam-se a cavallo os tres reis magos, que adivinharam o nascimento do Divino Messias, e o vinham adorar, guiados pela estrella brilhante. E então aquelles tres monarchas já se viam prostrados ante Jesus Menino, e depositos na terra os diademas, adorabundos prestavam-lhe as symbolicas oblações de ouro, de incenso e myrrha.

« Era á noite que se reunia a familia e os visitantes, deante deste frondoso e ameno oratorio. As pastorinhas, trajadas uniformemente, á consonancia de seus pandeiros e maracás, enfeitados, talvez de outros instrumentos á parte, com arcos de flores e fitas, ou som elles, dançavam modestamente, cantavam hymnos, e recitavam, em breve poesia, piedosas jaculatorias e enternecidos adeuses de innocente simplicidade e graça ao lindo infante, seus amores, Deus de infinita magestade feito homem para remir ao mundo; e por fim depunham suas humildes offrendas no altar da maviosa lapinha.

« Prestava-se também o festivo natal á representação de outros pequenos dramas; eram, porém, taes representações menos

communs, e quasi todas entremeadas de jocosidades o anachronismos, e com burlescos e indecentes episodios não poucas. Mas qual é a cousa innocente ou util neste mundo de imperfeições, de que não abusam a ignorancia, o desvario e a malicia dos homens?... »

Tinha razão o nosso illustre conterraneo. Effectivamente, o desvario de mãos dadas com o mais sordido interesse, em geral, converteram um tão bello e innocente entretenimento em um fôco de immoralidade e perdição !...

E o que é de admirar, é que semelhante abuso vem já de longe, como se vê de uma representação do bispo Azeredo Coutinho dirigida ao governo em 1801, reclamando contra a *função das chamadas Pastorinhas*, sobre o que se providenciou, como consta do officio que teve em resposta, expedido em 12 de dezembro, assegurando-se-lhe, que se ia empregar os meios necessarios — « *para se extinguir de todo esse abuso d' nossa santa religião* ».

Essas providencias succederam-se depois, quasi sempre provocadas pela autoridade ecclesiastica, mas não obstaram os abusos e desvirtuamentos da solennidade, que ainda presentemente, com a denominação de Pastoril, é celebrada ruidosamente, com grande escandalo á religião e á moral publica, salvo os mui raros e particulares em casas de familias.

Tratando Lopes Gama dos nossos Presepios, em 1840, no seu periodico *O Carapuceiro*, escreve o seguinte :—« Esta parece ser uma folgança endemica do nosso Pernambuco. Em se aproximando o Natal, surgem de todas as partes os presepios, sendo a cidade de Olinda o logar mais abundante deste genero... Começam em a noite do Natal, e repetem-se todas as noites até o dia de Reis, depois do qual entra por seu turno o acto de queimar as palhinhas de cada presepio, o que constitue nova folgança. As past-rinhas cantando diversas endeixas, dansam em cadencia, e repetem suas lãs em honra e louvor de Jesus Christo recém-nascido. »

Lopes Gama estigmatizava as irreverencias e os abusos praticados nos presepios, as arrematações das fructas e flores de ornamento das lapinhas, mas prégava no deserto, e as cousas continuavam e continuam ainda como dantes...

Até o trajar das pastoras, de azul, umas, e de encarnado, outras, dispostas em duas ordens para a execução dos seus ballados, deu origem á criação dos partidos do *cordão azul* e do *cordão encarnado*, partidos esses que no auge do enthusiasmo, aos gritos de vivas e bravos, com palmas sem fim, chocam-se muitas vezes e acabam engalfinhando-se, resultando contusões e ferimentos e até mesmo casos fataes.

E dahi o arrefecimento do popular festejo, e as visiveis tendencias para um proximo e completo acabamento !

Desvirtuado do seu espirito innocente e mystico, convertido em torpes especulações nas suas exhibições publicas, muito embora pese a acção da policia em providencias repressivas ou prohibitivas, não ha negar, que em semelhantes diversões reina tudo, menos o espirito religioso da sua instituição.

Para solennizar o nascimento do Messias, tivemos em outros tempos varias associações especialmente incorporadas para semelhante fim.

Dentre estas, notam-se a *Sociedade Natalense*, installada em 8 de março de 1840, a qual, segundo a letra dos seus estatutos, tinha por fins — dirigir com solennidade, brilhantismo e decencia, o natalicio do Messias, por meio de representações theatraes analogas ao acto ; — e a *Sociedade Nova Pastoral*, com eguaes fins installada no anno seguinte.

A *Natalense*, que dous annos depois da sua installação começou a dar as suas representações na profanada igreja do extinto collegio dos Jesuitas, hoje reconciliada sob a invocação do Divino Espirito Santo, servindo de scenario a capella-mór e de platéa o corpo da igreja, teve grande influencia e animação pelo luxo e apparatus das suas representações, de cujos dramas, escriptos em verso e ornados de musica, temos noticia de tres, compostos por Modesto Francisco das Chagas Canabarro, referentes ao nascimento do Messias, Reis Magos, e á queima das palhinhas. A musica desses dramas foi escripta pelo maestro major Patricio José de Souza.

Do mesmo genero existiram outrasas sociações, que representaram dramas de composições diversas.

Dos versos populares dos nossos presepios, ou pastoris, colhemos abundantes subsidios em suas diversas nuances, os

quaes consignamos na secção competente. Poesia de composição anonyma, na phrase do Mello Moraes Filho, o seu valor é consideravel, como contribuição ao estudo de phrases poeticas e do ideal religioso que, não ha negar, é a atmospherá physiologica da razão popular.

\* \* \*

As bandeiras de diversos santos, si bem que de caracter religioso, tinham, comtudo, grande influencia popular. Precediam ás novenas, sahindo procissionalmente da casa da juiza da festa, e eram hasteadas em um mastro em frente á igreja.

Formavam o prestito de taes procissões, á noite celebradas, duas extensas alas de moças e meninas, trajalas de branco, corôadas de capellas, e com brandão acceso, com lanterna de papel, marchando no fim as que levavam a bandeira segurando-a pelas pontas; e ás vezes, quando se queria imprimir maior solennidade ao acto, ia o estandarte hasteado em uma charola carregada por moças.

No coice do prestito marchava uma banda de musica, que acompanhava os versos em cadencia de marcha, tirados pelo grupo de moças que carregava a bandeira e por outras que faziam como que a sua guarda de honra, e respondidos em côro por todo o acompanhamento.

Esses versos eram ás vezes escriptos por pessoas eruditas, e portanto, correctos; mas em geral tinham um cunho verdadeiramente popular, e o côro era quasi sempre assim, mudando-se apenas o nome do santo:

que bandeira é esta  
que vamos levar?  
E' de Santo Amaro  
Para o festejar.

Enorme massa popular ladeava e fechava o prestito compactamente, e assim, reinando tudo, menos o espirito religioso, ia marchando a bandeira, percorrendo varias ruas, até chegar em frente á igreja, onde era recebida a ropique de sinos e grande

fogueteria. Do mesmo modo era arriada, ao terminar o *Te Deum*, e conduzida para a casa da nova juíza, que a recebia com esplendido sarão dansante e farta mesa.

No campo, porém, tinham essas bandeiras um tom mais accentuadamente popular e um apparato especial; marchava—adeante da procissão o estrepitoso zabumba e mais instrumentos, foguetes do ar estourando, e as senhoritas cantando versículos, aos quaes respondia a turba-multa,—como refere Lopes Gama, em um artigo publicado em 1838 no seu referido periodico, a respeito d' *As nossas festas do campo*.

« Eu já vi, diz elle, em certo arraial uma bandeira destas, e julguei estar observando uma dessas saturnaes dos antigos romanos. Era dedicada ao Glorioso Senhor S. Gonçalo. As nymphas, que a levavam, depois de girarem por todo o logarejo, sempre debaixo do compasso do mais rigoroso landum, entravam pela igreja, e alli, postas em redor da tal bandeira, saracoteavam as ancas, reboleavam-se, davam embigadas, puxavam fleira, que não o faria mais a celebre *Castiça* na capoeira chama da *Theatro do Recife*. Advirta-se que o Santissimo Sacramento estava encerrado no throno ! »

De todas essas bandeiras, destacavam-se, principalmente, as de N. S. da Saude, no Poço da Panella, Santo Amaro das Salinas, e N. S. do Monte, em Olinda, pela grande affluencia de povo e imponencia do seu apparato.

Em compensação, é facil de ajuizar-se, os disturbios que se davam, e não raras vezes casos fataes.

Tudo isso comprovando a completa ausencia do espirito religioso nessas solennidades, levaram os bispos diocesanos, modernamente, a prohibil-as absolutamente, permittindo apenas que sejam as bandeiras levadas da igreja para o mastro, e retiradas depois para a mesma igreja, carregadas por oriaças e acompanhadas pelas respectivas irmandades; e por muito empenho, condescendem, ás vezes, que sejam conduzidas e tiradas com as antigas solennidades, mas sem os versos cantados por moças.

Os negros, escravos ou não, celebravam tambem ruidosamente a bandeira de N. S. do Rosario, sua padroeira, e faziam-no com um mixto de preceitos religiosos e profanos, como se

vê de uma que houve em Olinda em 1815, acompanhada pelos irmãos e irmãs da respectiva irmandade,—«*com toques de instrumentos, zabumbas, clarinetas e fogo do ar*»—e que sahira mediante licença concedida pelo ouvidor geral da comarca, o Dr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva. Essa licença custou-lhe uma aspera reprimenda do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, que em dous longos officios a elle dirigidos, sobre o assumpto, combateu — os erros e abusos que outros lançaram á zombaria, vendo-os introduzir e arrai-gar-se, e para cuja destruição trabalhava a muitos annos.

Dessas *devoções de patuscada*, como vimos, faziam parte as bandeiras, e particularmente a de S. Gonçalinho, *casamenteiro das moças...*

Quasi que do mesmo predicamento das bandeiras eram as novenas, que terminavam com os *versos*, cantados por moças, pratica essa que tambem foi abolida pela autoridade ecclesiastica, evitando dest' arte as irreverencias e até mesmo os escandalos que se davam.

Desses versos de novenas nos recordamos ainda dos que se cantavam, nas de N. S. da Saude, no Poço da Panella, dentre os quaes lembramo-nos destes :

Si não fôra a Virgem pura  
 Dos mortaes o que seria ?  
 Tantos réos, tantos culpados,  
 Nenhum só se salvaria.

Tendo por estribillo :

Da Senhora da Saude  
 O patrocínio busquemos.  
 Seus louvores e seus votos,  
 Fervorosos celebremos.

Temos, porém, por completo os versos que se cantavam nas novenas de N. S. da Boa Hora, na povoação de Be beribe ; e ainda que de autor conhecidamente sabido, nem por isso perdem aqui o seu logar, porque são elles de um dos nossos poe-

tas populares do alvorecer do século XIX, Manoel Rodrigues de Azevedo, pardo, sapateiro, conhecido vulgarmente por *Manoel Cabra*, e quasi analphabeta.

Eis os versos :

Immensos louvores  
Demos á Senhora,  
A denominada  
Mãe da Bôa Hora.

Bem dita sejaes  
Oh ! Maria amada  
E a Bôa Hora  
Em que fostes gerada.

Vossa Bôa Hora  
Tem tanto valor,  
Que a hora da morte  
NÃO causa terror !

Emquanto existirmos  
No val do perigo,  
Sêde nosso amparo  
Contra o inimigo.

Derramando graças  
Virtudes, haveres,  
Vossas mãos sagradas  
De tantos poderes.

Resguardae os tristes,  
Pobres peccadores,  
Das penas eternas,  
De transe, horrores.

Quando o filho Eterno  
O mundo julgar,  
Da morte perpetua  
Nos queiraes livrar !

Espirito divino,  
 Vinde nos ditar  
 O que a humanidade  
 Não pôde alcançar.

Levae-nos á gloria  
 Comvosco tambem,  
 P'ra todos os seculos  
 Dos seculos, Amen.

\* \* \*

Entre as expansões do espirito religioso no nosso meio social notavam-se algumas procissões, que o bom senso e a moral supprimiram.

A procissão de Cinzas, celebrada no Recife e Olinda, foi uma dessas. Da procissão do Recife, que teve começo em 1720, possuímos uma idéa exacta, graças a um completo e interessante estudo historico-descriptivo, da lavra de Pacifico do Amaral, no qual figuram os seguintes versos escriptos por um frade carmelita, na época do apogeo dessas procissões, em cuja peça tambem se encontra uma exacta noção do que eram entre nós semelhantes solennidades :

#### PROCISSÃO DE CINZAS

Aos homens que discorrem com sciencia,  
 A'quelles que em falar acerto tem,  
 Lhos peço que me digam se é de bem,  
 Se commove e provoca a penitencia,

Ver um grosso lapuz (summa demencia !)  
 Que em frente á procissão correndo vem ;  
 Bem como Adão e Eva ; mais quem,  
 Um anjo e Satanaz em pura essencia.

O primeiro um chicote manejando  
 Zurzir sem dó, a oito, a molecagem  
 Que em troca a pitomba o vai levando...

E o ultimo sedento de carnagem.  
 Quer a turba infantil ir immolando.  
 Mas receia d'um anjo ante a coragem...

E pensam que com scena tão risivel,  
 Incutir podem n'alma a penitencia !  
 Gerar a fé? Oh ! não, não é possivel !

Da procissão de Olinda, porém, deixou-nos Gregorio de Mattos, que veio acabar os seus dias em Pernambuco no anno de 1696, o seguinte

## SONETO

Um negro magro em sofolié justo,  
 De joás azorragues dous pndentes ;  
 Barbaro Peres, e outros penitentes ;  
 De vermelho um mulato, mais robusto ;

Com azas seis anginhos, sem mais custo ;  
 Uns meninos fradinhos innocentes ;  
 Dez ou doze bichotes, muitas gentes,  
 Vinte ou trinta canellas de hombro onusto ;

*Debila reverentia*, seis andores ;  
 Um pendão de algodão, tinto em tejuco,  
 Em parelha dez pares de menores ;

Atraz um negro, um cego, um mameluco ;  
 Um lote de rapazes gritadores,  
 Eis a procissão de Cinza em Pernambuco !

Havia tambem em Olinda uma outra procissão bastante original, de que temos precisa noticia pela descripção de um chronista do tempo, nestes termos :

«... Entretanto aqui descreveramos a procissão dos meninos penitentes, com que os mulatos de Olinda, obtidas as licenças do costume, vieram em 1809 edificar e mover a com-

punção do povo do Recife e a turba ingleza, já então alli estabelecida.

« Quasi duzentos rapazes de nove a dezeseis annos, com cabeça e pés descalços, mas vestidos de sacco, ou cassa branca, desfilavam em duas bem compassadas alas ; em distancias medidas iam no centro vinte ou trinta figuras allegoricas, ou homens vestidos com os symbolos de todas as virtudes christãs.

« Toda essa encamisada era precedida de uma devota cruz, adiante da qual marchava um medonho espectro, figurando a morte, com arqueada e longa fouce na mão esquerda, e feroz matraca na direita.

« Sobresahia a toda essa penitente chusma um duende, sob a fórma do demonio, ou diabo em carne, o qual dançando continuamente o deshonestissimo *Lundum* com todas as mutanças da mais lubrica torpeza, accommettia com *mingadas* a todos indistinctamente.

« Ora as graves e figuradas virtudes, ora os individuos penitentes, ora a plebe espectadora, ora as mulheres e innocentes donzellas nas rotulas das suas casas terreas, tudo sem excepção era accommettido pelo tal diabo.

« Por fim nas ruas mais solennes e deante das galerias mais povoadas de senhoras, aqui se desafiava com o espectro da morte, e dançavam á competencia de qual mais torpe, mais lubrico, mais deshonesto se ostentaria nos seus detestaveis e ignominiosos movimentos !! »

Para terminar esta secção consagrada ás nossas antigas procissões populares, cumpre-nos tratar tambem da que tinha logar na festa de Baccho.

Depois da festividade do N. S. dos Prazeres, celebrada na Dominga de Paschoela, na sua linda egreja dos montes Guararapes, erguida em memoria dos dois feitos de armas alli feridos em 1648 e 1649, contra o batavo invasor, seguia-se uma serie de festas até o domingo immediato o no qual tinha logar a festa do Deus Baccho.

Para o logar denominado *Batalha*, onde passa o riacho Jordão, cujas aguas são vermelhas,—do sangue que alli correrá em um combate parcial que se travou em uma das batalhas dos Guararapes,—como reza a tradição popular, affluia pela manhã

immensa multidão, e guardadas as solennidades das festas pagãs, tinha logar o baptismo de Baccho nas aguas do Jordão.

Terminado o acto, dispunha-se toda a gente em ordem de marcha para os Prazeres, formando pelotões, conduzindo cada individuo um galho de arvore, e no fim vinha Baccho com uma corda de folhas na cabeça, montado sobre uma pipa, que disposta em forma de charola era conduzida aos hombros dos circumstantes, revesadamente. Baccho trazia uma garrafa com vinho na mão direita e um copo na esquerda, de cujo liquido vinha fazendo libações, e a representação do seu papel, na solennidade, cabia privativamente ao juiz da festa, annualmente eleito pelos foliões.

Desfilava então o prestito, entoando um cantico tirado por uns tantos e respondido em côro por toda a gente, cujos versos tinham por estribilho :

Bebamos, companheiros,

Bebamos, companheiros,

O succo da uva,

O vinho verdadeiro.

Em face dessa festividade, dir-se-hia que estavamos em pleno paganismo, e ao tempo do reinado de Nero, em que Roma se inebriava em suas danças bacchicas, após a procissão da divindade. Entre nós, effectivamente, se guardava na sua festa a tradição mythologica, em que Baccho é algumas vezes representado sobre um tonel, com um copo em uma das mãos e na outra um thyrsos, vara ornada de heras e de pampanos, da qual se servia para fazer brotar fontes de vinho.

Nas proximidades da egreja, ao fundo, se nota uma emi-nencia por onde descia a procissão, e a sua passagem por ahi, observada distinctamente, era de um aspecto bellissimo e imponente, porquanto, em movimento o numeroso cortejo, conduzindo cada circumstante um galho de arvore, cortado na occasião da sua organização, dir-se-hia um enorme e compacto arvoredado a descer pela collina, cuja verdura resplendia como esmeraldas aos raios solares.

A procissão entrava por um dos flancos da capella, isoladamente construída no extremo do extenso pátio, dava uma volta sobre o mesmo, envolvendo o templo, e dissolvia-se depois, cantando sempre no trajecto o seu hymno bacchico.

Esta usança, que vinha aliás de longinquas éras, não podia continuar a ser tolerada em um paiz catholico; e compenetradas dos seus deveres, por fim, as autoridades ecclesiasticas, reclamaram dos poderes publicos a sua interferencia, no intuito de obstar a continuação de semelhante pratica.

Houve tentativas pacificas, mas infructíferas, até que em 1869 expediu o governo uma numerosa força de infantaria e cavallaria, que [obstou a execução da tradicional festividade, e desde então nunca mais se tentou a sua celebração.

\* \* \*

As danças, quer dos indios e africanos, quer dos brancos, e dos productos do cruzamento destas tres raças, já foram convenientemente estudadas por Sylvio Romero, cabendo-nos, portanto, consignar apenas os nossos novos subsidios, attinentes a uma ampliação complexa sobre tão interessante estudo.

Si a sociedade civilisada da colonia cultivava a musica, com todas as suas bellezas e harmonias, com todas as regras e preceitos da divina arte, e os nossos aborigenes, tambem, os escravos africanos, por sua vez, para suavizar as agruras do eterno captivo e arrefecer as saudades da patria, cultivavam-n'a tambem, a seu modo, com tola a sua originalidade e monotonia, nos seus serões, nos seus recreios domingueiros, em que faziam os seus Maracatús, e nas suas solennidades festivas e funerarias. A musica africana é coeva da introdução dos escravos em Pernambuco, e della faz menção o chronista Calado, referindo que os negros que tomaram parte na batalha de Tabocas, ferida em 3 de agosto de 1645, tocavam durante a peleja frautas, atabaques e bozinas, fazendo ao mesmo tempo grande vozeria.

Seria essa vozeria, canticos patrioticos africanos, entoados ao som daquelles rusticos instrumentos?

Fr. Raphael de Jesus, tambem chronista coevo, ao referir o feito da Casa Forte, occorrido em 15 de agosto daquelle mesmo

anno, diz que os applausos da victoria foram tambem celebrados — com o estrepido dos barbaros instrumentos de Minas e Indios, que, acompanhados de seus confusos gritos, se fazia aos victoriosos gratos, e aos vencidos importuno.

Celebravam os africanos as suas festas com danças e cantorias, acompanhadas de instrumentos musicos, fabricados e exclusivamente usados por elles, além das castanholas, bater de palmas concavas, e de diferentes formas de assobios por elles inventados com muita variedade.

Esses instrumentos eram o Atabaque, ou Tabaque, especie de tambor, e muito estrepitoso; Cangá, feito de canna, com as extremidades fechadas pelos gomos da mesma canna, e com orificios; Marimba, formada de dous arcos semi-circulares, e com coités, em cujas boccas collocavam uma especie de tecla de madeira, sobre a qual batiam com um páusinho ao modo de vaqueta; o Marimbão, que não sabemos si é um outro instrumento differente deste ultimo; Matungo, uma cuia com ponteiros de ferro harmonicamente dispostos; e os Pandeiros e Berimbãos, que adoptaram.

Descrevendo Tollenare umas danças do negros a que assistira no Recife em 1817, diz o seguinte, quanto á parte musical:

«Dous musicos formavam a orchestra; um tinha fixado sobre uma das extremidades de uma caixa de madeira quatro pequenas palhetas, que descansavam sobre uma pequena travessa que lhes servia de cavallette. Quando o musico levantava uma dessas palhetas e a largava para abandonal-a á sua elasticidade, tirava della um som surdo, que fazia resôar o concavo da caixa.

«As quatro palhetas, de differente comprimento, estavam sem duvida afinadas; mas não pude jámais adivinhar quaes as notas da gamma que deviam produzir. O musico, acororado junto da caixa, parecia muito attento e percorria os seus quatro tons com muita volubildade. Todo o effeito da sua symphonia ficava perdido para mim, devido ao barulho que fazia o seu acompanhador.

«Esse acompanhador, de joelhos diante do outro, tinha por todo instrumento uma haste de oito pollegadas, munida na extremidade de uma cabaça na qual se agitavam alguns grãos.

Batia em cadencia, e de uma fôrma muito animada, sobre a caixa, com a outra extremidade da haste.

«Era esta cadencia que parecia produzir o effeito principal da orchestra, porque, segundo se tornava mais ou menos viva, os dançadores mostravam mais ou menos ardor.

«Um canto monotono, composto de tres palavras, sempre semelhantes, completava a rustica harmonia.»

Os negros se serviam ainda de um outro instrumento de musica, como accrescenta Tollenare. «E' uma corda de tripa distendida sobre um arco e collocada sobre um cavallette formado por uma cabaça. Tiram o som por meio de um arco e produzem tons afinados e harmoniosos.»

Essas danças africanas, que vinham já de remotas épocas, foram um dia denunciadas ao Tribunal da Inquisição, em Lisboa, pelos seus agentes em Pernambuco, os *Familiares do Santo Officio*, — como torpes e escandalosas aos preceitos religiosos.

Recebida a denuncia, dirigiu-se logo o Tribunal ao governador José Cezar de Menezes reclamando providencias sobre o caso; e julgando o governador de bom aviso communicar a occorrença ao governo da metropole, dirigiu-se ao ministro Martinho de Mello e Castro, enviou-lhé a carta que recebera, e concluiu pedindo que resolvesse sobre o assumpto.

Por sua vez, remetteu o ministro os papeis a D. José da Cunha Grã Athayde e Mello, Conde de Pavolide, que administrara Pernambuco pelos annos de 1768 e 1769, e então residia em Lisboa, para estudar a questão e o informar convenientemente; e prestando-se o Conde a essa incumbencia, desempenhou-se de um modo completo, dirigindo ao ministro uma extensa carta datada de 10 de junho de 1780, de cujo documento, inedito ainda, extrahimos os seguintes trechos de muita importancia historica sobre o assumpto :

«Os pretos divididos em nações e com instrumentos proprios de cada uma, dançam e fazem voltas como arlequins, e outros dançam com diversos movimentos do corpo, que, ainda que não sejam os mais indecentes, são como os fandangos em Castella, o fôfas de Portugal, o lundum dos brancos e pardos daquelle paiz : os bailes que entendo ser de uma total reprovação, são aquelles que os pretos da Costa da Mina fazem ás escondidas

ou em casas ou roças, com uma preta mestra, com altar de ídolos, adorando bodes vivos, e outros feitos de barro, untando seus corpos com diversos óleos ou sangue de gallo, dando a comer bolos de milho depois de diversas bençãos supersticiosas, fazendo crer aos rusticos, que naquellas unções de pão, dão fortuna, fazem querer bem mulheres a homens, e chega a tanto a credulidade de algumas pessoas, ainda daquellas que não parecia serem tão rusticas, como frades e clérigos, que chegaram a vir prosos á minha presença, em os cercos que mandava botar a estas casas, que querendo-os desmagnar, me foi preciso em as suas presenças lhes fazer confessar o ombuste aos pretos donos das casas; e depois remettel-os a seus prelados para que estes os corrigissem como mereciam, e os negros fazia castigar com rigorosos açoites, e obrigava aos senhores que os vendessem para fóra. Estas são as duas castas de bailes que vi naquella capitania em o tempo que a governei, e me persuado que o Santo Officio fala de uns, e o governador de outros, pois não me posso persuadir que o Santo Officio reprove uns, nem que o governador desculpe outros.»

Em vista desta informação baixou um Aviso dirigido ao governador de Pernambuco, datado de 4 de julho de 1780, communicando-lhe — « que Sua Magestade ordenava, que não permittisse as danças supersticiosas e gontilicas; emquanto ás dos pretos, ainda que pouco innocentes, podiam ser toleradas, com o fim de evitar-se com este menor mal, outros males maiores, devendo contudo usar de todos os meios suaves, que a sua prudencia lhe suggerisse, para ir destruindo pouco a pouco um divertimento tão contrario aos bons costumes.»

No mesmo sentido se escreveu ao bispo diocesano — « para de sua parte cooperar para os fins indicados ».

Reclamando posteriormente o commandante militar de Goyanna ao governador da capitania contra os batuques que os negros costumavam fazer no seu districto, respondeu D. Thomaz José de Mello por officio de 10 de novembro de 1796, dizendo :— « Quanto aos batuques que os negros dos engenhos dessa villa costumam praticar nos dias santos, juntando-se na mesma, não devem ser privados de semelhante função, porque para elles é o maior gosto que podem ter em todos os dias de sua escravidão,

porém sempre devem ser advertidos por Vme. afim de não praticarem disturbios, sob pena de serem castigados asperamente.»

Os escravos pretos tinham por padroeira a Nossa Senhora do Rosario, que festejavam apparatusamente nas suas egrejas, e celebravam em seu louvor festas e danças ao uso do seu paiz natal; e apezar de barbaros, na phrase de Mello Moraes Filho, de aviltados pela condição, os nossos escravos possuíam costumes cheios de poesia e de graça, de certa tristeza que enleva e encanta.

Essas danças africanas eram os batuques e maracatús, que ainda os alcançamos, feitos aos domingos, em diversos pontos da cidade, reunidos os pretos, escravos ou não, em grupos distinctos, dançando lascivamente, num sapatear pronunciadissimo, e cantando ao mesmo tempo, com o acompanhamento de palmas e instrumentos apropriados ao seu meio e origem.

Esses cantos, si bem que monotonos, porém cheios de suave tristeza, tinham letra africana, e sem duvida eram guerreiras ou patrióticas, entoadas por esses desgraçados da fortuna como saudosas recordações da terra natal.

O *batuque*, que não tinha importancia alguma pela ausencia de certos caracteristicos typicos dos usos e costumes do africano, e completamente desappareceu, divergia um pouco, segundo a procedencia dos dançadores, do Congo, ou de Loanda.

O *batuque* congolez, reproduzido entre nós com tollos os seus caracteristicos originarios, dançava-se formando-se um grande circulo do qual faziam parte os musicos com os seus instrumentos, bem como tambem os proprios espectadores.

Formado o circulo, segundo uma descripção que temos presente, saltam para o meio d'elle dous ou tres pares, homens e mulheres, e começa a diversão. A dança consiste em um bambolear sereno do corpo, acompanhado de um pequeno movimento dos pés, da cabeça e dos braços. Estes movimentos acceleram-se, conforme a musica se torna mais viva e arrebatada, e, em breve, se admira um proligioso saracotear de quadris que chega a parecer impossivel poder-se executar sem que fiquem deslocados os que a elle se entregam. Aquelle que

maior rapidez emprega nesses movimentos é freneticamente applaudido e reputado como o primeiro dançador de batuque. Quando os primeiros pares se acham extenuados, vão occupar os respectivos logares no circulo formado e são substituidos por outros pares que executam os mesmos passos...

O batuque dos negros originarios de Loanda, porém, tinha as suas differenças, e segundo a referida descripção, attendendo agora a este, consiste tambem em um circulo formado pelos dançadores, indo para o meio um preto ou preta, que, depois de executar varios passos, vai dar uma embigada, a que chamam *samba*, na pessoa que escolhe, a qual vai para o meio do circulo substituindo-o.

Tratemos agora do *maracatú*, incontestavelmente de mais importancia pela sua feição typica dos usos e costumes africanos, si bem que as suas exhibições originaes completamente desaparecessem, e os que mantêm esse cunho tradicional sómente appareçam pelo Carnaval, apesar mesmo de rareando de anno em anno, e com pronunciadas tendencias a extinguir-se.

O *maracatú* é propriamente dito um cortejo regio, que desfila com toda a solennidade inherente á realeza, e revestido, portanto, de galas e opulencias.

Rompe o prestito um estandarte ladeado por archeiros, seguindo-se em alas dous cordões de mulheres lindamente ataviadas, com os seus turbantes ornados de fitas de côres variadas, espelinhos e outros enfeites, figurando no meio desses cordões varios personagens, entre os quaes os que conduzem os fetiches religiosos, — um gallo de madeira, um jacaré empalhado e uma boneca de vestes brancas com manto azul; — e logo após, formados em linha, figuram os dignitarios da côrte, fechando o prestito o rei e a rainha.

Estes dous personagens, ostentando as insignias da realeza, como coróas, sceptros e compridos mantos sustidos por caudatarios, marcham sob uma grande umbella e guardados por archeiros.

No couco vêm os instrumentos: tambores, buzinas e outros de feição africana, que acompanham os cantos de marcha e danças diversas com um estrepito horrivel.

O canto de marcha entoado por toda a comitiva com o fragoroso acompanhamento dos instrumentos, cõsta de uma toada accommodada ao passo, com letra de repetição constante, como se vê da seguinte, que consignamos como typo da feição particular dessas toadas:

Aruenda qui tenda, tenda,

Aruenda qui tenda, tenda .

Aruenda de totororô.

Si o *maracatú*, prestes a extinguir-se pelo seu arrefecimento, uma vez que não existem mais africanos, e os seus descendentes procuram de preferencia imitar a sociedade da gente branca, celebrando as suas festas intimas com reuniões dançantes segundo os moldes usados ; si o *maracatú*, portanto, já rareando, modestamente apparece sómente nas follas carnavalescas, época houve, e bem proxima ainda, em que se exhibia em numero avultado, mais ou menos bem organizados, ostentando mesmo alguns apparatus galas e com um luxo tal, que o seu arranjo complexo representava, relativamente, avultada quantia.

Dentre estes destacava-se o denominado *Cabinda Velha*, desfraldando um rico estandarte de velludo bordado a ouro, como eram igualmente a umbella e as vestes dos reis e dos dignitarios da cõrte, e usando todos elles de luvas de pellica branca e finissimos calçados.

Os vestuarios dos archeiros, porta-estandarte e demais figuras, eram de finos tecidos e convenientemente arranjados, sobresahindo os das mulheres, trajando saias de seda ou velludo de côres diversas, com as suas camisas alvissimas, de custosos talhos de labyrintho, rendas ou bordados, vistosos e finissimos ; e pendentes do pescoço, em numerosas voltas, compridos fios de missangas, que do mesmo modo ornavam-lhes os pulsos.

Toda a comitiva marchava descalça, á excepção do rei, da rainha e dos dignitarios da cõrte, que usavam de calçados finos e de fantasia, de accordo com os seus vestuarios.

Para as exhibições do *maracatú* organizavam-se associações, cujas sédes, pelo Carnaval, ornamentavam-se com esmero,

armava-se no salão um throno com docel para assento dos monarchas, e em lauta mesa, repleta de iguarias e bebidas, tinham assento não sómente os membros da sociedade, como tambem, e preferencialmente, os seus convidados, entre os quaes, não raro, figuravam mesmo pessoas de distincção.

Quando o prestito sahia, á tarde, recebia as saudações de uma salva de bombas reaes, seguida de grande foguetaria, saudações essas que eram de novo prestadas no acto do seu recolhimento, renovando-se o continuando as danças até o amanhecer; e assim, em ruidosas festas e no meio de todas as expansões de alegria deslisavam-se os tres dias do Carnaval.

Além dessas danças tinham os africanos mais uma outra, de lances lascivos, ao sem de um canto monotono, com acompanhamento de musica, da qual deixou-nos Tollenaro esta descripção, em face de uma representação que presenciára no Recife, em 1817, no pateo de uma igreja, em dia de festa :

« Os dançadores, em numero de tres, occupavam o centro de um circulo de 7 a 8 pés de diametro, cercados por duas duzias de curiosos ; dois dentre elles figuravam um homem e uma mulher, ou antes um macho e uma femea, que se requestavam amorosamente, representando ora a concupiscencia do macaco, ora a do urso, ou de qualquer outro animal. O macho acariciava grosseiramente a femea com a sua pata ; esta se defendia um pouco, fugia, e acabava por se render ; então, os dous dançadores se lançavam um sobre o outro, e as explosões de riso attestavam o prazer que os espectadores experimentavam com esta pintura, um tanto crúa do acto da geração.

« O outro dançador figurava um caçador ; o seu bastão servia-lhe ao mesmo tempo de espingarda e de azagaia, que apontava de ordinario para uma joven espectadora negra, a qual parecia muito lisongeada com esta preferencia.

« Mas a pantomima dos tres dançadores teria pouco valor sem um movimento muito picante, que não cessava de acompanhá-la. Era um tremor muito vivo e muito extraordinario de todos os principaes musculos do corpo, e um movimento muito indecente dos quadris e das coxas. Este tremor e este movimento, productos de consideravel força muscular, exigem

muita arte e muito exercicio. Os dançadores desafiavam-se para ver quem os prolonga por mais tempo, e os applausos do publico são a recompensa do que tem os musculos mais robustos e sobretudo mais moveis. »

Si o africano tinha os seus canticos e uma choreographia propriamente sua, de typos accentuadamente nacionaes com que se expandiam nas suas festas e alegrias intimas, tinham-nos tambem para os seus velorios e banquetes funerarios, obedecendo a um rito especial, com um mixto de danças e cantorias, que começavam desde a exposição do cadaver sobre uma cama cercada de luzes, e entrando pela noite, prolongavam-se até a sahida do prestito, e acompanhando-o ainda, só terminavam quando o corpo baixava á sepultura.

Si essas solennidades eram uniformemente iguaes, ou si havia um rito especial o mais solenne para os seus personagens de distincção, como os seus reis, principes e dignitarios da cõrte, é o que não podemos responder. Sabemos, porém, que dentre as diversas tribus ou nações de africanos que existiam entre nós, os moçambiques, principalmente, muito se distinguiam nessas manifestações funerarias pelo apparatus com que as celebravam.

Nesses velorios em que tomavam parte todos os compatriotas do finado, havia uma certa lithurgia; os canticos sagrados eram fragorosamente acompanhados por instrumentos de percussão, e para todos os circumstantes que se revejavam na sua execução havia farta mesa e abundancia de bebidas, franqueadas á discrição.

Como a solennidade christã da commemoração dos defuntos no dia de Finados, tinham os africanos a sua *Festa dos mortos*, que celebravam em sitios afastados, á sombra das florestas, e com um ceremonial apparatuso, segundo o rito nacional, mesclado de uns certos laivos de hebraismo, iniciada com jejuns e rezas preparatorias, seguindo-se os sacrificios de cordeirinhos brancos, e, depois das purificações, os banquetes e danças voluptuosas, com que terminavam essa sua manifestação de respeito á memoria dos seus finados, cujas solennidades se prolongavam por tres dias, como particularmente descreve Mello Moraes Filho, segundo o que praticavam ainda, em 1888, uns

restos de africanos domiciliados na emancipada comarca pernambucana das Alagôas.

\* \* \*

Constituindo os africanos uma grande massa de população pela sua avultada e frequente importação desde tempos immemoriaes, distinguiam-se comtudo dos seus descendentes os chamados *crioulos*, nascidos entre nós, pelos tons característicos de nacionalidade ou tribus diversas a que pertenciam, como os congos, por exemplo, —de face lanhada e nariz deformado por uma crista de tuberculos, que descia do alto da fronte ao sulco mediano no labio superior.

Traiçoeira ou enganadoramente arrancados do seu paiz natal pelo audaz negreiro, mettidos em um navio de capacidade inferior á carga que recebia, porquanto, como escreve Tollenare, vira entrar no porto do Recife um barco de 150 toneladas com 340 escravos de Angola, e que ordinariamente as embarcações de 200 a 250 toneladas traziam de 400 a 500, amontoados promiscuamente, no porão infecto do navio, homens, mulheres e crianças, os miseraveis captivos celebravam por meio de cantos e palmas a sua entrada no porto, contando esperar em terra um tratamento menos rigoroso do que aquelle que experimentavam na viagem em demanda da terra da sua perpetua escravidão.

Acorrentados juntos, parca e miseravelmente alimentados, tendo como unico vestuario uma tanga, e recebendo apenas ar e luz pela escotilha do porão, adoeciam, morriam, ou matavam-se mesmo na viagem, que regularmente levava de 12 a 15 dias, chegando essa carga humana, por taes motivos, quasi sempre bastante reduzida. Apesar disso, um negreiro que perdia 10 % do seu carregamento em viagem, tinha-se por muito feliz no seu negocio.

Desembarcados do navio em chalupas, seguiam para um lazareto que havia em Santo Amaro das Salinas, onde recebiam tratamento medico, e terminada a quarentena vinham por terra para serem expostos á venda nas ruas do Recife, deante da casa dos seus senhores, sendo á tarde recolhidos em grandes

armazens convenientemente fechados, não com receio de se evadirem, *mas para não serem furtados*, o que nessa época era coisa muito frequente.

Alguns negros escravos, compatriotas dos infelizes recém-chegados, e já habituados e resignados á sua triste condição, iam visital-os, espontaneamente ou por insinuação dos proprios senhores, alguns dos quaes enviavam mesmo a ter com elles um negro folgazão e jovial para os excitar a cantar e a dançar, não apresentando este lastimoso espectáculo, sinão raramente, scenas de dôr ou de desespero, o que fez duvidar a Tollenare, que os presenciou em 1817, si esses desgraçados seriam ou não de facto insensíveis ou simulariam!

Os escravos importados de Angola, de Loanda, de Moçambique e de outros logares onde existiam governadores ou outros agentes do governo portuguez, eram allí baptizados em massa, antes do embarque; e os provenientes de logares onde só havia soberanos africanos não recebiam essa lustração: eram baptizados em Pernambuco, depois de se lhes ter ensinado algumas fórmulas de rezas ou alguns gestos de devoção, sem a menor instrução do cathecismo.

Dos infelizes dessas hordas selvagens, arrancados do seu paiz natal, e votados a uma perpetua escravidão, indefinidamente transmittida aos seus descendentes, existiam typos representativos de varias tribus ou nações, como se dizia, figurando dest'arte os d' Benguella, Cabinda, Angola, Cassange, Cabundá, Robolo, Angico, Gabão, Moçambique, Mina, Congo e outros mais, notando-se mesmo, dentre os que cahiam nas malhas da escravidão, individuos que na sua terra e no meio da sua gente eram pessoas de distincção e de elevada hierarchia; e é assim que Tollenare foi encontrar na senzala do engenho Sibiró, em Ipojuca, uma rainha de Cabinda, imperiosa, recusando-se a trabalhar, e sabendo-se fazer obedeecer e temer entre os escravos. *Thereza Rainha*, como chamavam a essa soberana preta, que cahiu do throno na senzala de um senhor brasileiro, quando chegou ainda trazia nos braços e nas pernas, como symbolo da sua perda realca, uns anelões de cobre dourado.

Além dos escravos originarios das mencionadas procedencias, vinham tambem da Costa do Ouro; mas o seu trafico

cessou em certa época, e não existia, já em 1817, porquanto o governo portuguez firmou um convenio pelo qual se compromettou a não permittir mais a exploração do escravos ao norte do Equador.

Segundo Tollenare, os escravos da Costa do Ouro eram os mais bonitos e mais bem conformados; os de Angola, os mais habeis e mais convenientes para o serviço nas cidades; os Cabindas e Benguellas eram doces e excellentes para o trabalho agricola; os Moçambiques, fracos e pouco intelligentes; e os Gabões, ferozes e máus. Injuriava-se a um negro chamando-o de Gabão.

Aos escravos africanos preferiam-se os *creoulos*, isto é, os nascidos no paiz, apesar da superioridade de preço, pelas vantagens da sua constituição forte e sadia, conhecimento da lingua, e mesmo porque não tinham — *recordações importunas*...

De toda essa diversidade do gente africana pela sua procedencia de tribus distinctas, sómente a do Congo, escrava ou não, gosava do particular privilegio de eleger um rei, o seu *Muchino rid Congo*, como o chamavam no seu idioma patrio, cujo soberano, porém, superintendia sobre a gente das demais nações africanas, residente no districto de sua jurisdicção.

Toda essa gente, livre ou escrava, quer propriamente africana, quer os seus descendentes nascidos no paiz, que, reunidamente, constituia o povo dessa monarchia, tinha a N. S. do Rosario por sua padroeira, cuja imagem, para mais nitidamente despertar-lhe os sentimentos patrios, algumas vezes se via mesmo pintada de preto, como refere Koster.

Em homenagem a essa sua padroeira erigiam templos e confrarias, e aquelles dos seus filiados eram acompanhados á sepultura por seus irmãos confrades, encorporados, envergando as suas opas de seda branca e acompanhados dos seus respectivos capellães. Para os que, porém, não pertenciam a essas corporações religiosas chamadas *Irmandades de N. S. do Rosario dos homens pretos*, havia no Recife um sacerdote a que se dava o nome de *Clerigo do Banque*, — que acompanha á sepultura os pretos defuntos, que não são irmãos do Rosario, — como refere Loreto Couto na sua obra escripta em 1756.

Tinham tambem os africanos a S. Benedicto por seu patrono, talvez pela particularidade de ser santo de cor preta, e em

seu louvor celebravam festas religiosas em que se exhibiam diversões profanas de uma reminiscencia intima dos costumes patrios, sendo a representação dos *Congos*, principalmente, uma dessas diversões.

Os reis do Congo eram investidos por eleição geral entre os proprios africanos, podendo a escolha recahir em individuos livres ou escravos.

Esses reis tinham a sua côrte, mais ou menos, organizada segundo os moldes da monarchia portugueza, notando-se portanto, entre os seus cargos componentes, os de secretarios de estado, mestre de campo, arautos, damas de honor e açafatas; e um serviço militar em que figuravam marechaes, brigadeiros, coroneis e todos os demais postos do exercito, — *pois tudo isso havia em Pernambuco*, diz o governador Caetano Pinto em officio dirigido ao ouvidor geral de Olinda, em 21 de dezembro de 1815, e os tratamentos de *magestade, excellencia e senhoria vogavam entre elles tal era o desapoio a que os deixaram chegar.*

Além disso, tinham esses reis o tratamento de dom, entre a sua gente, e exerciam sobre ella uma certa ascendencia politica, chamando-a ao cumprimento dos seus deveres e contendo-a em suas desordens, pois eram muito respeitadas, e recebiam mesmo do poder publico um certo apoio garantidor das suas regalias magestaticas.

Cada cabeça de comarca ou districto parochial tinha o seu rei e rainha, com o competente cortejo de uma côrte particular, e procedida a eleição, tinha logar o acto solenne da coroação e posse no dia da festa de N. S. do Rozario, impondo a corôa o parcho da freguezia.

Koster refere com muito chiste e particularidade o acto da coroação de um rei do Congo, a qual presenciára em Itamaracá no anno de 1811, cuja oleição recahira em um velho escravo do engenho Amparo, o qual, no dia da coroação, foi logo pela manhã apresentar as suas homenagens ao parcho da freguezia, como era costume.

« A's onze horas, refere aquelle escriptor, dirigi-me á egreja com o vigario, collocámo-nos na entrada, e com pouco vimos approximar-se grande numero de negros e negras trajados de variadas côres, precedidos de tambores tocando e de

bandeiras desfraldadas. Quando estiveram perto distinguimos no meio delles o rei, a rainha e o secretario de estado.

« Os dous primeiros tinham corôas de papelão cobertas de papel pintado e dourado. Do uniforme do rei, a casaca, o collete e os calções eram de tres côres diversas, verde, encarnado, e amarello, e talhadas á moda antiga; trazia na mão um sceptro de madeira perfeitamente dourado: e a rainha trajava vestido de seda azul, tambem a antiga. O pobre do secretario porém, podia lisongear-se de trazer em si tantas côres diversas como seu soberano, mas era evidente, que tanto de um lado como do outro, eram roupas êmprestadas, porque os calções eram estreitissimos e o collete desmedidamente amplo.

« Terminado o acto religioso, teve lugar a cerimonia da coroação, na porta da igreja, sem mais outra formalidade que ajoelhar-se o rei e receber sobre a cabeça a corôa real collocada pelas mãos do parcho, voltando então o prestito para o engenho Amparo, na mesma ordem em que veio, e onde passou-se o dia festivamente, com lautas mesas e danças á moda africana. »

No Recife e em Olinda, porém, eram esses actos revestidos dam aior solennidade, e mesmo com certo luxo e apparato.

A noticia mais remota que encontrámos da instituição do rei do Congo em Pernambuco, consta de uma referencia que faz a respeito um velho compromisso da irmandade de N. S. do Rosario da villa de Iguarassú, datado de 21 de junho de 1796, compilado do de egual irmandado da cidade de Olinda, e approvado por provisão do bispo diocesano D. Manoel Alvares da Costa, datada de 8 de abril de 1711.

Na parochia da Bôa Vista, porém, começou a instituição em 1801, tendo lugar a posse de D. Domingos, o primeiro rei eleito, no dia 6 de abril, na igreja de N. S. do Rosario dos homens pretos, como consta do competente auto, nestes termos: — « Estando nós todos com assentos, juiz, escrivão, procurador, thesoureiro e mais vogaes desta santa irmandade, demos posse a D. Domingos Marques de Araujo, primeiro rei do Congo deste lugar da Bôa Vista, por ordem e despachos, que tivemos dos magistrados deste paiz; e porque estavamos assim contentes lavramos este termo em que todos nós nos assignamos. »

Decorridos annos passou a eleição do rei de Congo, pelo menos no Recife, a ser confirmada pelo chefe de policia, que expedia um diploma ao eleito, de cujo documento encontramos o registro de um na respectiva secretaria, firmado pelo Dr. Antonio Henrique de Miranda, e datado de 14 de setembro de 1848, pelo qual confirmava a eleição do preto liberto Antonio de Oliveira, — « ficando o referido rei obrigado a inspecionar e manter a ordem e subordinação entre os pretos que lhe forem sujeitos ».

A instituição dos reis do Congo entre nós não se prolongou muito além de meados do seculo passado.

Alem do cargo geral do rei do Congo, havia particularmente, os de governadores de tribus ou nações, como se vê de varias provisões conferindo a nomeação de taes cargos, dentre as quaes destacamos duas do época mais remota, do anno de 1776, pelas quaes o governador e capitão general da capitania, José Cezar de Menezes, conferiu ao preto Bernardo Pereira a patente de *governador dos pretos da costa da nação Sobará*, lavrada em 3 de abril; e ao preto Ventura de Souza Garcez, da nação dos Ardas da costa da Mina, de que era tenente-coronel, o de governador da dita nação, por patente de 17 do mesmo mez, uma vez que foi eleito em junta da sua gente, por desistencia de Ventura Vaz Salgado pela sua adiantada idade, esperando d'elle, que nas obrigações que lhe competiam, se haveria como lhe cumpria, contendo em paz os ditos pretos da sua nação.

Havia, emfim, um capataz do porto, que tinha sob o seu commando ou direcção os pretos que se empregavam nos serviços de estiva, carga, descarga e amarração dos navios, e um segundo capataz para as substituições do cargo.

\* \* \*

Os nossos indios, como os descrevem os chronistas quinhentistas que se occuparam dos seus usos, costumes e viver intimo na época inicial da colonização do paiz, eram grandes bailarões, em cujos exercicios se adextravam desde pequeninos, ensinando-lhes os proprios paes a dançar e cantar.

Contudo, devia ser muito monotonica a sua dança, sem passos alternados, e num continuo bater de pés, estando quedos, ou andando em roda, moneando apenas o corpo e a cabeça com muita serenidade, sob a marca do toque de maracás: e assim bailavam elles cantando juntamente, porque, na phrase de um chronista do seculo XVI — « não fazem uma cousa sem a outra, e com tal compasso e ordem, que ás vezes cem homens bailando e cantando em carreira, enfiados uns detraz dos outros, acabam todos juntamente uma pancada como si estivessem no mesmo lugar».

As mulheres bailavam tambem, a sós ou juntamente com os homens, — e faziam, com os braços e corpo, grandes gatinhonhas e momos, principalmente quando bailavam sós. Guardavam entre si differenças de vozes em consonancia, e de ordinario levavam os tiples, contraltos e tenores.

A dança guerreira do selvagem, ao som de canticos patrioticos, era solenne e excitadora á vingança dos brios offendidos; e no acto do sacrificio dos seus prisioneiros de guerra figurava uma pleiade de nymphas, que respondia em côro a um cantico apropriado á solennidade, tirado — por uma velha muito versada nisto e mostra do côro.

Ao lançar-se a corda ao pescoço da victima, dizia uns versos do cantico: — *Nós somos aquelles que fazem estirar o pescoço ao passaro*; — e depois de outras ceremonias cantavam noutro pé:

Si tu foras papagaio,  
Voando nos fugiras.

Terminadas essas *festas da matança*, entregava-se o selvagem aos prazeres da antropophagia, nas tabas de sua habitação, o que durava por tantos dias e noites quantos duravam as carnes das victimas e o vinho especialmente preparado para a festa, consumindo todo tempo em danças e cantorias, embriagado, contente e orgulhoso das suas victorias.

Nesses supplicios dos prisioneiros ontoavam tambem os indios uns canticos commemorativos das guerras antigas da nação, e executavam danças especiaes consagradas á horrivel

ceremonia; e as solennidades fúnebres, entre os nossos *Tupinambás*, terminavam com um canticó religioso, em que uma especie de paraíso terrestre, uma terra promettida, era annunciada aos vivos, como existindo atraz das montanhas que fechavam o horizonte.

Refere d'Abbeville que a dança era o primeiro e principal elemento dos *Tupinambás*, e que a seu vêr, eram elles os maiores dançadores do mundo, servindo-se do maracá para marcar o compasso e acompanhar a cantoria propria, e de uns bastões com tubos cylindricos, sonoros, para marcar a cadencia do bailado.

Suas cantorias, na phrase do mesmo escriptor, são em louvor de uma arvore, passiro, peixe, ou outro animal ou cousa semelhante, e quasi sempre são louvores a seus combates, ás suas victorias, triumphos e outras cousas de guerra, que exaltam muito, especialmente o seu valor militar, dando diversos tons, conforme o compasso, e com estribilho no fim de cada estancia.

Cantam muito baixo no começo de suas danças e pouco a pouco levantam a voz, a ponto de serem ouvidos muito longe, principalmente quando são muitos, como de ordinario acontece.

Os predicados de poeta e de cantor outorgavam o privilegio de andar sem receio no moio das tribus extranhas e até mesmo inimigas, e si algum *bom cantor e inventor de trovas* era encontrado entre os prisioneiros de guerra,—por isso lhes davam a vida e não o comiam, nem aos filhos, quer fossem homens ou mulheres,—dispensando-se-lhe ainda toda a sorte de considerações e agrados.

Na obra meritoria da catechese e civilização dos nossos selvagens, os jesuitas, a quem incontestavelmente cabe essa gloria, em grande parte, internam-se pelas nossas florestas, vão procurar as tribus errantes do barbaro gentio, e para o bom exito do seu apostolado, aproveitam-se do seu talento poetico, da sua linguagem harmoniosa e flexivel, e compõem versos pagãos com pensamentos christãos, e introduzem o theatro nas cidades que surgem no meio dos desertos, fazendo representar as peças dramatico-hieraticas de Anchieta, nos adros das egrejas e ás sombras das florestas.

Naturalmente propensos á musica e á poesia, como attestam os nossos historiadores, os indios da America tinham os seus poetas, e pelo que nos diz particularmente respeito é sabido que as tribus brazileiras possuíam os seus *Pitugas* e *Nhengaçdras*, cujas inspiradas ostrophes tanto apraziam a Thevet e a Lery.

A musica e a poesia, portanto, que naturalmente e com tanto gosto e habilidade cultivavam os nossos indios, ainda que em rusticos instrumentos e cantatas, no modo selvagem da sua vida, tiveram um grande desenvolvimento em sua cultura, graças ao insano labor dos jesuitas, avantajando-se entre todos, os *Cahetés*, que habitavam o litoral de Pernambuco, e os *Tamoyos* o do Rio de Janeiro, porque no conceito de um historiador eram elles grandes musicos e bailadores. Isto mesmo comprova Jaboatão, dizendo que os nossos indios aprenderam com uma facilidade prodigiosa os psalmos e o órgão, que executavam proficientemente no convento de S. Francisco, em Olinda, notando-se entre elles um que era insigne contrapontista, e outros que se avantajavam por suas composições de canto com letras á solpha, quer na lingua portugueza, quer no seu proprio idioma.

Simão de Vasconcellos, chronista do seculo XVII, diz dos indios :

« São affeiçãoados á musica, e os que são escolhidos para cantores da egreja, prezum-se muito do officio, e gastam os dias e as noites em aprender e ensinar a outros. Saem dextros em todos os instrumentos musicos, charamelas, flautas, trombetas, baixões, cornetas e fagotes: com elles beneficiam em canto de órgão, vespervas, completas, missas e procissões, tão solennes como entre os portuguezes. »

Referindo-se o Padre Antonio Vieira, na sua *Relação da missão á Serra da Ibiapaba* á solennidade dos actos da Semana Santa, que allí celebrára com os indios de Pernambuco, diz o seguinte :

« Fizeram-se os actos com toda a devoção e perfeição, por serem quatro os sacerdotes, e os indios de Pernambuco terem vozes e musica de canto de órgão, com que cantaram a missa de quarta-feira e á sexta-feira, a Paixão... »

Já anteriormente, em 1614, haviam os padres franciscanos do convento de Olinda, que acompanharam a expedição pernambucana destinada á conquista do Maranhão, levado comsigo alguns indios musicos, seus catechumenos, e no dia de S. Francisco celebraram missa em Gericãoacoara, *com canto de órgão e frautas*, que pela primeira vez soaram naquelles desertos.

Algumas egrejas das aldeias dos indios do bispado de Pernambuco, escreve o nosso conterraneo Loreto Couto em 1757, têm órgãos, para com mais solennidade se celebrarem as suas festas. Os indios são os organistas e musicos que beneficiam as missas. Em todas as missas, se cantam as ladainhas, officios da Senhora e jaculatorias, que a devoção tem inventado, o que fazem os indios e indias com bem concertadas vozes.

Todos os chronistas, portanto, são unanimes em exaltar o talento artistico dos nossos aborigenes.

Dos portuguezes, nossos colonizadores, apezar do seu genio expansivo, alegre e communicativo, nada absolutamente consta sobre a choreographia nos tempos coloniaes, ao passo que as nossas chronicas registram com minudencias a celebração de sumptuosas festas publicas, principalmente em regosijo á exaltação dos seus monarchas e nascimento dos seus principes.

Do ephemero periodo da dominação hollandeza tambem nada consta; e um chronista portuguez da época, descrevendo detidamente as festas celebradas em 1641 pelo principe Mauricio de Nassau em regosijo á independencia de Portugal e exaltação de D. João IV, fala em tudo que houve como representação theatral, torneios, banquetos e manifestações militares, menos em danças; e o mesmo silencia quando se refere ás festas de despedidas de Nassau, ao deixar o governo da sua querida Mauricia, em demanda da Europa.

Entretanto, tem uma procedencia logica essa ausencia dos divertimentos choreographicos nos tempos coloniaes, porquanto, apezar de ser a dança de origem religiosa, por fim, acabou proscripta dos templos pela propria igreja, como consta das deliberações de varios concilios; e prohibidas depois pelas Constituições dos bispados portuguezes, foram essas prohibições imitadas entre nós pela consagração de eguaes disposições na Constituição do Arcebispado da Bahia promulgada em 1707.

A igreja, porém, foi ainda mais além, porque houve mesmo bispos que chegaram a prohibir a dança em casas particulares, como fez entre nós o prelado olindense D. Frei José Fialho, por uma Pastoral de 1726, na qual, depois de recommendar aos parochos que não consentissem comedias, colloquios, representação e bailes dentro das igrejas, capellas e sous adros, conclue prohibindo mesmo—« *as danças de homens com mulheres dentro de casa,* »—de cuja autoridade e competencia indaga o nosso Mariz nas suas *Instituições canonico-patrias*.

De épocas posteriores, sómente encontrámos que em meados do seculo XVIII, a dança portugueza denominada *fôfas*, tinha já então alguma voga em Pernambuco como se vê de uma *Relação do Padre Bento de Capêda, sobre o deploravel estado a que chegou a Companhia de Jesus nesta provincia do Brazil*, escripta em 1761, em cujo documento, tratando do Collegio de Olinda, refere, que o padre Manoel Franco, como diziam os conegos da cathedral daquella cidade, — « dançava a fôfa (que é dança deshonesto) com mulheres de má reputação. »

E's omente dessa época por diante, que começam a apparecer alguns vislumbres da dança entre nós, cujo periodo bem se pôde fixar de meados a fins do seculo XVIII.

Effectivamente, escrevendo Lopes Gama sobre as danças antigas, *as danças do seu tempo*, que exactamente comprehende aquelle cyclo, ontrando mesmo nos primeiros annos do seculo immediato, refere que tinhamos o *passa-pé*, o *minuete rasteiro* e o *da côrte*, — que eram danças serias e socegadas; — tinhamos o côco, o sabão e a comporta, que se dançavam lindamente ao som de uma cythara; e em escriptos posteriores fala tambem dos *cotilhões* e do bello *lundum chorado* que se dançava ds *embigadas*, ao som da *cythara* e *viola*. Isto quanto á praça, uma vez que

..... pelo nosso matto,  
 Qu'estava então mui tatamba,  
 Não se sabia outra cousa  
 Sinão a dança do samba

ou

O minuete rasteiro,

O *lundum*, com os seus notivos em requiebro plangentes era uma dança de origem africana; e teve tal vulgarização, que chegou mesmo a ser introduzido na metropole, e muito apreciado nos sumptuosos salões da fidalguia portugueza.— « Ainda no primeiro quartel do seculo passado, diz um escriptor portuguez, se ouvia com frequencia cantar ao som da guitarra, seu instrumento predilecto. Com a separação do Brazil de Portugal deixaram as primeiras familias do reino de ter escravos pretos, o que então constituia quasi que um distinctivo de fidalguia, e assim se foi perdendo o uso do *lundum chorato*, do *lundum do Rio*, e outros que naturalmente entram nesta parte. »

« Os brazileiros, escreve Tollenare em 1817, referindo-se aos usos e costumes de Pernambuco, gostam muito das guitarras, ou antes do bandolim, em que geralmente executam simples melodias; vi-os raras vezes formarem accordes seguidos, e nunca modulações. Não cantam para acompanhamento; servem-se do bandolim para fazer dançar; as suas musicas de dança são de seis por oito, de um movimento quasi tão animado quanto o das danças escossezas; neste compasso as creoulas executam passos muito lentos e sem saltar; cada um se levanta por sua vez e dança só em um quadrado de tres a quatro pés. Os homens imitam bastante os movimentos dos negros, mas as mulheres não fazem, sinão suppôl-os; apenas percebe-se que não estão immoveis. »

Eram todas essas danças que constituíam as delicias das nossas festas familiares, de *bôdas e baptizados*, a que se dava o nome de *função*, uma vez que nesses bons tempos, como escreve Lopes Gama em 1842,

Essa palavra de baile  
Té era desconhecida,

e

Muito menos se sabia  
O tal *soiré* e partida.

O minuete era mais moderno que o *lundum*. De origem franceza e inventado em 1650 por um mestre de dança de

Poitiers, teve grande voga na cõrte de Versailles, e dahi a sua propagação até que chegou aos nossos salões, por imitação da cõrte do Rio de Janeiro, no reinado de D. João VI, onde teve entrada até mesmo nos proprios paços reaes.

Posteriormente, quando predominavam os bailes, *soirées*, partidas e reuniões familiares, cujas denominações modernas impostas ás nossas festas de familia tanto escandalizavam a Lopes Gama pela condemnação do termo classico de *função*, das *bôdas e baptisados*, tinham feito já a sua entrada entre nós as danças modernas, das quaes algumas ainda estão em voga, e outras desappareceram, condemnadas pelo desuso.

Entre estas ultimas, figura o solo inglez, que fez as delicias dos nossos salões e platéas, principalmente a do bello Theatro de Apollo, hoje profanado em armazem de assucar, cuja dança modernamente condemnada, é comtudo lembrada ainda com saudosas recordações, pela gente do seu tempo ; e bem assim o *turbulento galope*, — a dança mais favorita, a dança que mais prezavam os mestres do grande tom.

De par com o galope figura o *montenello*,

Que não faz bom cabello,  
Principalmente o primeiro,

na phrase chistosa do nosso redactor d'O *Carapuceiro*, verberando-as com o sarcasmo da sua critica.

A *schottisch*, de origem polaca, desappareceu tambem para dar logar ao *pas-de-quatre*, e do mesmo modo á *mazurka*, da Hungria, e ás danças polonezas chamadas *redova*, *cracoviana* e *varsoviana* ; e á esta ultima, a que o vulgo chamava de *valsaviana*, e teve grande voga, compoz-se mesmo uma letra para a sua musica, da qual nos recordamos destes versos iniciaes:

Esta valsaviana  
E' de toda a semana...

A polka, originaria da Hungria, vai tambem cahindo em desuso, e não está longe a época do seu completo desapparecimento dos nossos salões.

Estão, porém, em grande voga a valsa e o *pas-de-quatre*, a quadrilha e os lanceiros.

A valsa não tem a origem tudosca que geralmente lhe dão, uma vez que se deriva da *volla*, uma dança provençal, que fez as delicias da corte dos Valois. No seculo XIV, como lemos agora, passou á Allemanha, hoje seu paiz adoptivo, e em 1790, a França novamente a recebeu depois de um eclipse secular. E', portanto, das danças usadas, a de mais remota origem, sem comtudo, podermos fixar precisamente a época da sua introdução nos salões pernambucanos, nem donde directa ou indirectamente nos veio.

A valsa que timidamente appareceu entre nós, era em 1837 ainda muito pouco usada; mas de conquista em conquista foi vencendo os passos que lhe embargavam as danças antigas, de sorte que em 1842 constituia já uma das mais apreciadas dos nossos salões, e dahi por deante, com algumas reformas que não alteram em absoluto os seus tons essenciaes, chegou até os nossos dias imperando soberanamente, e cabendo-lhe ainda as honras de iniciar os nossos serões dançantes.

Como variante na especie, temos a valsa americana dos salões *yankees*, muito pouco usada.

Referindo-se Lopes Gama aos prodominios da valsa em 1842, narra esta curiosa passagem :

« Em certo baile de grande tom rezava o programma, que os cavalheiros deviam apresentar-se de calças justas, dessas que os francezes chamam *pantalon-coulant*,

« Entre outros muitos figurinos compareceu um mui magrinho e impertigado : mas admirou a todos a grossura das pernas, que piamente criam dever ser como as do macarico. Quadrilhou em santa paz o bom do joven por largo espaço, porque em verdade, o quadrilhar não é mais do que engommar com os pés o assoalho : porém, tentou-o o demo para dançar uma velocissima valsa de corropio, e eis que a barriga d'uma das pernas passa-se para a canella, o que deu motivo a grande risota, e foi causa de eclipsar-se o nosso homem, corrido, envergonhado, e provavelmente maldizendo-se dos programmas de bailes e das suas tristissimas gambias. »

A quadrilha, que nos veio ~~de~~ salões francezes, é talvez de introdução contemporanea da vals, mas conquistou a esta as proeminencias do bom tom, e estava já tão vulgarizada em 1837 que apparecia por toda parte e estendeu-se mesmo — por esses mattos e por essas brenhas, ficando quasi que proscriptas todas as mais danças ;—e a esta voz, *quadrilhas*, como dizia Lopes Gama, *meche-se o norte, remeche-se o sul, e anda tudo em bolandas* ; e verberando a dança, acrescentava :

Quadrilhas e *balancês*  
São favoraveis ensejos,  
Se não de furtivos beijos,  
D'abraços e d'apertões,  
D'introduzir petições.

E aconselhava :

Dance o irmão c'o a irmã,  
O marido c'o a mulher ;  
E para maior prazer  
Se travem em lindo par  
Dois meninos a dançar.

O mesmo critico, na sua faina de condemnar o ridicularizar a quadrilha, dizia ainda depois, em 1842 :

O furor das contradanças  
Por toda a parte s'estende,  
A todo o genero humano  
A quadrilha comprehende.

. . . . .

Nas baiúcas mais nojentas,  
Onde a gente mal se vê,  
Já s'escuta a rabequinha,  
Já se sabe o *balancê*.

. . . . .

Danças gordos, dançam magros,  
 Dançam velhos e aleijados,  
 Dançam Pansas e Beltodos  
 Té dançam estuporados.

. . . , . . . . .

*Os Lanceiros*, que vieram depois da valsa e da quadrilha, são de origem britannica, e dos primeiros tempos do reinado da rainha Victoria, é propriamente uma — quadrilha ingleza, arranjada por Affonso Leduc, e dançada nos bailes da rainha de Inglaterra. — Seguindo, porém, os moldes do bailado originario, a quadrilha franceza, consta tambem de cinco partes com estas denominações particulares: primeira *Les tirois*; segunda *Les lignes*; terceira *Les moulinets*; quarta *Les visites*; e quinta *The Lancers*.

Originariamente foi composta para se dançar sómente em quadro formado de quatro pares; mas Renausy arranjou a quadrilha para oito pares, com pouquissimas mudanças — conseguindo deste modo tornar a execução muito mais animada e muito mais agradável para os dançantes.

Este arranjo d'*Os Lanceiros*, vulgarizado pela imprensa, e contendo cada uma das suas partes uma nota explicativa de todos os passos e acção da dança, teve e tem ainda grande voga nos nossos salões; mas a sua musica originaria tem sido substituida por outras, ficando assim em completo olvido.

O *Pas-de-quatze* é de recente introdução, nos veiu dos salões francezes e eclipsou a popularissima *schottisch*.

Tratemos agora, ainda que em ligeira revista, das nossas danças populares.

O *samba* e o *bahiano*, um mixto de dança, poesia e musica, cujas toadas são acompanhadas á viola e pandeiro, e o *côco*, mais moderno, dançado ao som de cantigas com as suas cadencias marcadas a palmas, com acompanhamento de viola, o *pinho*, da giria popular, são tão vulgares e conhecidos nos pertencimentos rusticos-campestres, principalmente, que nos parece dispensavel descermos a pormenores a respeito.

Para atingirmos, porém, de certo modo, á filiação historica do *samba* e do *bahiano*, não temos duvida em afirmar, de

accôrdo com Sylvio Romero, que são umas transformações dos *batuques* e *maracatus* africanos, constituindo assim uma especialidade brasileira, e de generalização em todo o paiz, afigurando-se-nos, comtudo, que têm elles o norte como ponto de partida da sua irradiação.

Houve, portanto, um periodo evolucionista de transformações lentas nas danças africanas até chegarem a constituir novas especies, como essas que ora estudamos; e enquanto não se operavam essas transformações foram ellas adoptadas pelo povo com todos os seus predicados e tons caracteristicos.

A adopção dessas danças africanas vinha de fins do seculo XVIII, pelo menos, uma vez que um chronista dos primeiros annos do seculo immediato as verbera acicamente, pronunciando-se assim:

« As danças torpissimas e deshonestissimas da Africa, adoptadas pelos mesmos brancos de ambos os sexos, inclusive as donzellas, mesmo na presença de seus paes e de seus futuros esposos, tudo devia anniquilar em Pernambuco, toda a idéa de pudor e castidade.

« Talvez, que para amostra destas danças, nós traslademos no fim deste capitulo, a letra e musica, ao som e compasso das quaes as donzellas pernambucanas, entre palmas, entre applausos, entre vivas de numerosas e limpas assembléas, faziam prova de que saberiam desempenhar os deveres da mais petulante lubricidade! »

Infelizmente o irritado chronista não consignou a letra e musica de semelhantes danças. Entretanto, tem elle razão, porquanto Tollenare, tratando dos folgares da gente que passava em Boa Viagem a estação calmosa de 1817, refere que á noite as raparigas cantavam e as mulheres dançavam ao som das suas canções, parecendo-se essas danças muito com as dos negros, pelo menos, quanto á expressão lasciva.

Outros generos de danças populares, com musica e letra, avultam tambem entre nós, taes como a *ciranda*, a *rolinha* e as *anquinhas*, o *caranguêjo* e o *candieiro*, e as puramente consagradas aos brincos infantis, como a *viuvinha*, *Constança*, *formiga da roça* e outras mais, cujas letras consignamos na secção competente.

Temos enfim, o *cico*, uma dança querida do populacho, com certa cadencia acompanhada a palmas, e na qual os foliões accommodam as nossas trovas populares, repetidamente; e o *Mineiro pio*, uma dança popularissima e de recente apparecimento, sobre a qual ajustamos aqui as seguintes linhas, que a seu respeito figuram no *Almanak Luso-brasileiro* de 1904, acompanhadas da competente musica:

« O *Mineiro pio* é uma dança popular aqui em Pernambuco. Embora de origem plebéia, já é tambem usada nas salas, em reuniões familiares, substituida a viola ou a guitarra no acompanhamento da musica pelo piano, ou mesmo violino, flauta, etc.

« A dança consiste no seguinte :

« Forma-se uma roda de moças e rapazes, dando uns aos outros as mãos, e ficando no centro um dos dançadores ou dançadoras, e é esse o que canta, respondendo os restantes em côro, depois de cada verso da quadra entoada pelo cantor.

« Para melhor comprehensão, ahi vai uma quadra popular acompanhada do respectivo côro :

Vou embora, vou embora,

Côro

Mineiro pão, mineiro pão...

Para minha terra vou ;

Côro

Mineiro pão, mineiro pão...

Eu aqui não sou querido,

Côro

Mineiro pão, mineiro pão...

Lá na minha terra sou.

Côro

Mineiro pão, mineiro pão.

« Consecutivamente o que está no centro passa a occupar um logar na roda, deslocando outro, que por sua vez, fica no centro, e assim successivamente.

« A dança tem lugar, voltando-se cada um dos dançadores ora para a direita, ora para a esquerda, sapateando a compasso em frente do seu par, ou do par do seu vizinho, alternadamente.

« Quem não conhece este genero de divertimento tão querido da nossa terra, não avalia, por certo, o quanto é bello e animado num salão repleto de lindas moças, formar-se a roda do *Mineiro paio*, acompanhado ao piano, e alguma dessas gentis senhoritas romper a cantoria, entoando com a sua fresca voz alguma das quadras populares, por vezes tão graciosas, como por exemplo esta :

Meu amor' stá mal commigo,  
Hei de mandal-o prender,  
Nas correntes dos meus braços,  
Nas cadeias do bem querer.

O *côco*, porém, está tão vulgarizado, que chegou mesmo á zona sertaneja, com a sua particular toada, mas, com letra variada, convenientemente accommodada ao canto, e obedecendo sempre a um estribilho continuo, cantado em côro pelos circumstantes, como este, por exemplo, originario de Jatobá de Tacaratú, á margem do alto S. Francisco :

Tatú no matto,  
Anda de gibão ;  
Este côco é bom ?  
Será ou não.

\* \* \*

O africano, cuja corrente de emigração escrava foi pouce a pouce arrefecendo depois da lei de extincção do trafico e de posteriores medidas repressivas, até completamente desaparecer, nacionalizou, por assim dizer, as suas danças, de fórma que nos resta ainda o *maracatiú*, como vimos, e originalmente suas, o *samba* e o *bahtano*.

Apezar de constituir o negro um dos principaes factores da nossa nacionalidade, distinctamente, ao lado do branco e do

indio, e misturadamente, pelo cruzamento commum das tres raças ; arrancados de suas terras onde livres viviam, e reduzidos a uma perpetua escravidão, que indefinidamente se transmittia aos seus descendentes, infelizmente — *não o souberam aproveitar sem o degradar...*

Tratando-se, portanto, de um assumpto já muito estudado, nada adiantariamos enveredando-nos nelle, basta que consignemos os nossos esparsos contingentes para a historia geral da escravidão entre nós.

Humilhado pela condição cruel do seu captivo e pelo desprezo da sua raça, o escravo perdia toda a noção do sentimento e repetia mesmo com um certo desdem de inconsciencia os dictados chasqueantes dos seus infortunios e das suas miserias.

Formando os homens pretos corporações religiosas, a que por tolerancia admittiam os seus irmãos escravos, levantando os seus templos e mantendo o culto divino, não tinham comtudo a plenissima gestão administrativa das suas confrarias, em geral, porquanto o cargo de thesoureiro, por exemplo, não lhes pertencia!

Sobre esse particular, é curioso o que prescreve um antigo compromisso da Irmandade de N. S. do Rosario da villa de Iguarassú, organizado em 1706, sob os moldes do de igual irmandade erecta em Olinda, compromisso esse que depois teve approvação régia por Provisão de 16 de agosto de 1770.

Prescreve o compromisso sómente poder fazer parte da irmandade a gente de côr preta, assim creoulos, como creoulas da terra, como tambem os Angolas, Cabo Verde, S. Thomé, Moçambique e outra qualquer parte, livres e escravos, comtanto — « que saibam a doutrina christã e sejam capazes de receber o Sacramento da Communhão ».

A mesa regedora compõe-se de um juiz, escrivão, thesoureiro e procurador, e doze mesarios, sendo estes, seis creoulos e seis Angolas ; e que todos os cargos serão exercidos por homens pretos, com excepção porém do thesoureiro, — *que deve ser sempre um homem branco, abastado de bens, zeloso e temente a Deus, para seguirem o seu bom conselho, — nada se fazendo sem a sua assistencia e voto !*

Pullulavam os ditos picantes, atirados por desdem contra o preto, rimados uns e outros não, mas, propriamente em versos,

muitos dos quaes se perderam, e alguns foram conservados pela tradição oral. Desses versos apenas recolhemos os seguintes :

Negro preto côr da noite,  
Tem catinga de xexéo,  
Tomara Nossa Senhora,  
Que negro não vá ao céu.

. . . . .

Do Recife p'ra Goyanna  
Os valles já se acabou ;  
Carreira de velho é choto,  
Negro *creceu*, apanhou.

E modernamente, alludindo-se á engrenagem da primitiva ponte pensil do Caxangá, esta quadrinha :

Na ponte do Caxangá  
Fizeram uma gerigonça ;  
Bacalháo é comer de negro,  
Negro é comer de onça.

O conceito externado no ultimo verso desta quadrinha, é consoante com o que se diz da onça nos seus ataques contra o homem para dar pasto á sua voracidade, preferindo o preto ao branco, na concorrência dos dois, e atirando-se contra aquelle sempre que o encontra.

Para chasquear da creoula, a descendente do africano nascida no paiz, eram proverbias estes versos, que aliás os fomos também encontrar muito em voga no Rio Grande do Sul :

Amores de uma creoula  
Não duram senão um anno ;  
Nunca vi pelas amostras  
Chita preta de bom panno.

Observe-se, porém, que tudo isso era de uma tendencia geral no paiz, e na propria metropole, porque lá mesmo,

onde o preto não avultava, raramente apparecia, e teve mesmo a sua carta de alforria outorgada por uma lei de D. José I, inspirada por seu ministro o Marquez de Pombal, dizia-se:

Pobre preto só é gente  
Quando vem a noite escura ;  
Todos dizem—lá vem homem,—  
Somente pela figura.

Para demonstrar a longevidade a que attingia, dizia-se entre nós :

Negro quando pinta,  
Tres vezes trinta,

querendo-se assim dizer, que, começava a encanecer aos noventa annos, e repetiam-se ditos como estes:

Bôa conta lança o preto, seu senhor o está vendendo.  
O negro é carvão, e o branco seu dinheiro.  
Negro quando não suja tigna.  
Negro só tem de gente os olhos.  
Negro de luva é signal de chuva.  
Negro nú não dança.

Negro em festa de branco é o primeiro que apanha e o ultimo que come.

Negro jurado, negro apanhado.  
Negro em pé é um tóco, e dormindo um porco.  
O negro não quer mingão, mingão no negro.

E para exprimir a sua bravura, resistindo aos ataques contra a sua liberdade, quando fugia da casa de seus senhores, repetia-se : — *Quem não tem coragem, não amarra negro !*

Nas nossas quadras populares ha uma que começa :

Negro pequeno é moleque

e cantava-se uma chula, de musica alegre, e com uns certos tons de tango, de cuja letra, nos recordamos apenas estes versos iniciais :

O negro é rei dos bichos,  
Imperador dos macacos.

Emfim, até os proprios santos inspiravam remoques. Com relação a S. Benedicto, santo preto, e patrono dos homens da sua côr, são vulgares estes versos :

São Benedicto  
Olho de aratanha,  
Come o cajú  
E tambem a castanha.

E ainda estes versos :

Santo Antonio foi bom santo,  
Pois livrou seu pae da morte ;  
Mas não livrou pae João  
Das pernas do calabrote.

Contudo, para exprimir o horror á escravidão, repetia-se, e repete-se ainda hoje : — *Escravo, nem de Santo Antonio.*

Reinou sempre entre os escravos a justificavel e naturalissima tendencia da sua emancipação, da sua liberdade, cujo historico, tendo por ponto de partida o celebre quilombo dos Palmares, que prospera e vigorosamente se manteve por mais de meio seculo, e só terminou depois de renhida campanha, em que os palmarinos se defenderam com inexcedivel bravura, o limitado programma deste nosso estudo não dá ensanchas para o attender, e mesmo porque se trata de um facto já convenientemente codificado em nossa historia.

Todos esses protestos, todas essas tentativas, eloquentemente demonstram,—que não faltavam aos africanos e seus descendentes, nem bravura, nem vigor na resistencia, nem amor á liberdade pessoal, porque o martyrio era de vencer todas as paciencias, e exgottar qualquer resignação.

Apezar de aniquilada a celebre republica palmarina, a idéa não pereceu ; e ao contrario, representa como que o ponto de partida de uma corrente de factos successivos, com mais ou menos intermittencias, até chegarmos ao epilogo dessa epopéa

negra, o celebre quilombo das mattas do Catucá, nos limites do termo de Olinda com os da parochia do Poço da Panella.

Ao contrario do quilombo dos Palmares, que já tem a sua historia, o do Catucá é completamente desconhecido, salvo ligeiras reminiscencias tradicionaes; e dest'arte vamos ferir o assumpto, si bem que, sómente nos seus pontos cardeaes.

Situado, por assim dizer, ás portas da cidade do Recife, por um grupo de escravos fugidos, pelos annos de 1828, foi successivamente augmentando, e por fim apresentou mesmo uns vislumbres de ameaças á tranquillidade publica, além das raias da sua situação.

Malunguinho, um negro intelligente e audaz, astucioso e valente, era o chefe do quilombo, e tinha o seu quartel general no lugar denominado Macacos, ás extremas da parochia do Poço, estendendo-se os nucleos de habitação da sua gente pelas mattas do Catucá e outras que lhe ficam proximas.

Os *malunguinhos*, como se chamava aos quilombolas, atirando-se em *razzias* sobre os povoados circumvizinhos, viviam em guerrilhas, e faziam guerra de emboscada, procurando sempre em suas sortidas atacar de surpresa, e atirando-se covardemente sobre os que consideravam seus inimigos. Mais ou menos armados e municados, e prevendo as repressões do governo, estavam alertas e preparados para enfrentar qualquer assalto, dispostos em linhas de defesa, tendo espalhados pelas mattas ás suas aproximações, agudissimos estrepes e profundos fossos, convenientemente disfarçados; e amantes da independencia, como diziam, *faziam guerra á tyrannia, e defendiam o seu direito e a sua liberdade.*

Socialmente encarados, desconheciam os *malunguinhos* os principios do communismo, desconheciam o direito de propriedade, e tudo que achavam tinham por boa presa.

Successivas expedições de tropas seguiram para Catucá com o fim de extinguir o quilombo, a partir de 1828, e regressavam com sensiveis claros nas suas fileiras, sem nada conseguirem; e ao contrario, deixando mesmo aos *malunguinhos* novos elementos de força e resistencia pelos despojos de armas e munições que cahiam em seu poder.

Com o fim de obstar o desenvolvimento do quilombo, mandou o Governo installar no sitio Cova da Onça, á margem

do rio Paratibe, nas proximidades do Catucé, uma colonia allemã creada em 1829, a qual, victima de constantes incursões, pilhagens e até mesmo de assassinatos, teve vida ephemera pelo forçado abandono dos colonos.

Finalmente, em 1833, graças ás energicas medidas de repressão tomadas pelo Governo, que chegou mesmo a pôr á premio a apprehensão do chefe Malunguinho, teve logar a queda do quilombo, depois de renhidas e prolongadas lutas, entregando-se os escravos aprisionados a seus legitimos senhores.

Si os negros procuravam a sua liberdade fugindo do captivoiro, e reunindo-se em quilombos, mais ou menos fortes pela sua população e meios de defesa, surgiram depois as idéas de rebellião, e unidos aos mestiços, seus descendentes por cruzamentos diversos, planejavam um rompimento serio contra os brancos, do qual, si não fosse immediatamente suffocado, teriamos que lamentar grandes desgraças.

Absorvidos todos os espiritos na obra de consolidação da nossa emancipação politica, do que provinham uns tantos descuidos do Governo com relação á segurança da ordem publica, concorreram esses factos para gerar no animo da população negra e mestiça, que se avantajava, como talvez ainda hoje se avanta, á população branca em superioridade numerica, umas tantas tendencias de emancipação, ainda mais animadas com as noticias das occurrencias da colonia hespanhola de S. Domingos, onde triumphara a insurreição dos negros,

Envolvidos os portuguezes nessa odiosidade de raça e de tendencias emancipacionistas, aos quaes chamavam de *marinheiros*, e que naturalmente tomavam o partido dos brancos, alcunhados de *caitados*, tornaram-se os pretos altivos e arrogantes, e d'ahi algumas satyras em versos ameaçadores, e cantadas á viola até mesmo nos proprios quartos pelos soldados, dentre as quaes escaparam do olvido estes versos recolhidos pela tradição :

*Marinheiros e caitados*  
 Todos devem se acabar,  
 Porque só pardos e pretos,  
 O paiz hão de habitar.

Em 1824, porém, essas tendências tornaram-se mais sérias, projectou-se mesmo um levantamento geral garantido pelo batalhão de pardos commandado pelo major Emiliano Felipe Benicio Mandurucé, que chegou a formar o seu corpo, dirigir-lhe uma proclamação incendiaria, e distribuir uma quadra deste jaez :

Qual eu imito a Christovão  
Esse immortal haityano,  
Ela ! imitai ao seu povo,  
O' meu povo soberano.

Felizmente, essa revolta, que começaria por um saque geral no bairro commercial do Recife, foi suffocada, principalmente pela attitude energica de um honrado homem preto, o major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, commandante de um corpo da sua gente.

Tudo isso, porém, desapareceu, e gradualmente eclipsando-se todos esses attrictos, surgiu a providente evolução emancipacionista, que, em uma ininterrompida corrente de manifestações diversas em prol de tão generosa idéa, terminou, dominada pela vontade nacional, com a decretação da lei da libertação dos escravos, em 13 de maio de 1888, nivelando-se assim todas as castas, e sómente deixando as distincções que naturalmente estabelecem a honestidade e o character, alheias aos prejuizos de raça.

Com o qualificativo de *Treze de Maio* se ficaram chamando os libertos pela lei da abolição dos escravos, com o que, porém, se irritavam elles... E dahi, talvez, o apparecimento desta quadrinha:

Nasceu periquito,  
Morreu papagaio ;  
Não quero historias  
Com *Treze de Maio!*

\* \* \*

O dia de Reis era entre nós festivamente celebrado pelos pretos.

Os do bairro commercial do Recife, que se empregavam na condução de mercadorias, formavam-se em grupos a que

chamavam *companhias*, dirigidas por um mestre ou capataz, que distribuia o serviço e pagava o salário aos sabbados, como hoje se vê com as companhias de carregadores de assucar e algodão, e de embarque e desembarque de mercadorias diversas.

Outr'ora, tinham estes ganhadores ou conductores de mercadorias, um *governador*, que tinha uma certa ascendencia sobre elles, e gozava mesmo, para o bom desempenho do seu cargo, de umas tantas prerogativas e regalias; e era nomeado pelo governador da capitania, como se vê da Patente passada ao preto Cosme de Azevedo, em 14 de novembro de 1781,—para exercer o cargo de governador dos pretos ganhadores desta praça, pelo tempo do costume, e emquanto procedesse de sorte que nelle merecesse ser conservado, gosando da jurisdicção que lhe competia.

Os que se occupavam, porém, no serviço de fretes de caixas de assucar, formavam uma corporação á parte e tinham o seu governador especial, como se vê da Provisão de 13 de setembro de 1776, passada pelo governador José Cezar de Menezes, pela qual foi nomeado o preto creculo Manoel Nunes da Costa *governador dos pretos mercadores de caixas de assucar desta praça*, som tempo determinado, mas — emquanto procedesse como devia, gozando da jurisdicção que em razão do mencionado cargo lhe pertencia; — concluindo o governador, ordenando ao rei do Congo e mais officiaes, que, como tal o reconhecessem, honrassem e estimassem, e dando-o por empossado no seu cargo, recommendou-lhe muito — « o socego e vigilancia, que deve ter o governo dos seus subordinados, a quem tambem ordeno que lhe obedecam e cumpram as suas ordens relativas ao real serviço e bem publico assim como devem e são obrigados ».

Por essa época, e mesmo posteriormente, os pretos empregados no serviço dos fretes, faziam-nos não só a cabeça como tambem em carretas especiaes, quando se tratava de um volume de grande peso, como por exemplo, de uma pipa de vinho.

Essas carretas eram puxadas á tirantes por uns cinco ou seis homens, e empurradas por um; e para os volumes de peso menos consideravel havia umas outras menores, puxadas por dois homens presos ás mesmas por largas corréas passadas aos

hombros á tiracollo, e empurradas por um outro. Mme. Graham, que esteve temporariamente em Pernambuco, em 1821, consigna na sua obra uma estampa, representando uma dessas carretas maiores, em movimento, por meio dessa tracção humana...

Os pretos desse serviço, livres ou escravos, não trabalhavam na vespera de Reis ; e reunidos pela manhã, alegres e contentes e formando um numeroso cortejo, indo no coice um delles sentado sobre um caixão, empunhando uma bandeira, e carregado aos hombros pelos companheiros, partiam então, cantando uns versos em uma toada de marcha, e dirigiam-se ás casas dos seu freguezes e pessoas diversas para dar-lhes as boas festas, a todos os quaes, em agradecimento pelas esportulas prodigalizadas, erguiam vivas ao estourar de foguetes.

Terminada a folgança, reuniam-se os mestres, contavam o apurado e procediam a sua distribuição entre todos, que assim ficavam com recursos para passar á larga e festivamente o seu dia de Reis.

Das cantilenas dos Reis, não conseguimos nenhuma de suas letras, apesar de não ser muito remota a época do seu uso ; mas sendo esse costume originario de Portugal, como muitos outros, é natural que fossem ellas as mesmas, ou pelo menos, no mesmo sentido das portuguezas em iguaes folganças ; e assim, consignamos aqui as duas seguintes quadrinhas, como uma idéa da urdidura das nossas :

Vimos dar as boas festas  
E tambem cantar os Reis :  
Vimos vêr os nossos brios,  
Que alguma cousa nos dois.

Vimos dar as boas festas  
A estes nobres senhores ;  
Que já nasceu o menino,  
Em Belém entre os pastores.

Restam-nos, porém, as cantilenas dos carregadores de pianos, umas ainda em voga, e outras não.

São estas:

Yayá me diga adeus,  
Olhe que me vou embarcar,  
Que o *vapô* entrou na barra,  
O *telegra* fez signal.

Lê, lê, lê, *yayá*  
Vamos rir, vamos chorar,  
Que o *vapô* entrou na barra  
O *telegra* fez signal.

Zomba, minha negra,  
Zomba, meu *sinhô* ;  
Quem quizer se embarcar,  
O trem de ferro já chegou.

Quem quizer se embarcar,  
O trem de ferro já chegou,  
Embarca, minha velha,  
Pule fóra, meu *yôô*.

Minha mãe me deu  
Com o *machucalô*,  
Quebrou-me a cabeça,  
Mas não me matou.

Água de beber,  
Ferro de engommar,  
Minha mãe me deu  
Foi p'ra me matar.

Ê, ê, *yayá*, vá chorar,  
La p'ra banda do *songuê*,  
Porque se mata esse bicho  
C'um caroço de dendê.

E esta colligida por Silvio Romero:

Bota a mão  
 No argolão ;  
 Sinházinha  
 Vae tocar ;  
 Afinador  
 Vem afinar,  
 Sinházinha  
 Vae pagar.

Os pianos são geralmente carregados por seis homens, tres na frente e tres atrás, com as mãos apoiadas sobre os hombros dos parceiros. A cantilena, que entoam em marcha um tanto accelerada, e com cadencia propria, é tirada pelo mestre e respondida em côro pelos companheiros, e geralmente bem entoadas, são algumas dellas muito bonitas e melodiosas mesmo, e tudo por elles proprios arranjado.

\* \* \*

Por umas tantas affinidades ethnographicas, tem logar agora tratarmos do *capoeira*, si bem que entre nós não seja elle tão accentuadamente manifestado como o de outros logares, por exemplo, o Rio de Janeiro.

O nosso *capoeira* é antes o moleque de frente de musica, em marcha, armado de cacete, e a desafiar os do partido contrario, que aos vivas de uns, e morras de outros, rompe em hostilidades e trava lutas, de que não raro resultam ferimentos, e até mesmo casos fataes!...

Esses partidos dos *capoeiras*, são do *Quarto*, e *Hespanha*, que se originam das rivalidades entre duas excellentes bandas de musica que, pelo anno de 1856, existiam entre nós ; uma, a do 4º batalhão de artilharia, e outra, de um corpo de guarda nacional, mestrada por um hespanhol de nome Pedro Garrido, de cuja nacionalidade vem a denominação dos seus partidarios.

Consoante com isso, diziam os partidarios do *quarto* :

Viva o quarto,  
Morra Hespanha,  
Cabeça secca  
E' quem apanha.

Esse qualificativo de *cabeça secca* era uma injuria para os assim alcunhados, porque equivalia o mesmo que chamal-os de *escravos*.

Época houve, na decada de sessenta do seculo passado, que por uma determinação da policia, era prohibido aos escravos andarem na rua depois das nove horas da noite, termo esse que era annunciado por um toque especial do sino grande da matriz de Santo Antonio.

E' dahi que vem a retirada de uma visita ou palestra ao toque de nove horas, como *cabeça secca*.

Sobre o facto appareceu na época uma quadrinha de um má u consoante, assim concebida :

Cabeça secca,  
Já deu nove horas,  
Ahí vem o Rufino  
Com a palmatoria.

O *Rufino* era um activo e energico subdelegado da Bôa Vista (Rufino José Correia de Almeida), que não dispensava da palmatoria os *cabeça-seccas*, pegados depois do toque de nove horas, sem bilhete de seus senhores, provando que andavam em serviço.

Levavam os capoeiras partidarios de musicas o seu entusiasmo por certas peças, ao ponto de compôrem versos apropriados ao canto de alguns passos dobrados, como estes, contemporaneos á época de formação dos dous partidos, chasqueando dos adversarios:

Hespanhol não pega disto,  
Hespanhol não pega disto,  
Hespanhol só pega disto,  
Lá detraz de São Francisco...

E estes outros, cantados no trio de um dobrado do 4º batalhão de artilharia, a que denominaram de *Banha cheirosa*, dobrado esse que levava ao delírio os partidários do quarto, principalmente quando chegava a parte de uma pancada em falso dada pelo bombo no trio da peça:

Quem quizer  
 Comprar banha cheirosa,  
 Vá na casa  
 Do Doutor Feitosa.

Quem quizer  
 Comprar banha de cheiro,  
 Vá na casa  
 Do Doutor Teixeira.

O 4º batalhão de artilharia partiu para a campanha do Paraguay em 1865, e dahi por diante nunca mais se tocou em Pernambuco o popularissimo dobrado *Banha cheirosa*.

Os capoeiras, nos delírios do seu enthusiasmo, com o chapéo na c'róa da cabeça, gingando, pulando, e brandindo o seu cacete, tinham phrases rimadas que atiravam em desafio aos seus antagonistas, como estas:

Cresceu,  
 Caiu!  
 Partiu  
 Morreu!

Ou estas collidas por Sylvio Romero :

Não venha!...  
 Chapéo de lenha;  
 Partiu,  
 Caiu!...  
 Morreu,  
 Fedeu!

Os divertimentos populares entre nós, exhibidos quasi sempre por occasião de festividades religiosas, eram variados e interessantissimos, principalmente como manifestações poeticas, porque constituíam verdadeiras epopéas, ora religiosas ou pastoris, ora guerreiras ou navaes; taes são os *presepios*, *fundango*, *bumba-meu-boi* ou *cavallo marinho*, *congós*, *mouros*, *caboclinhos*, e especialmente os *outeiros*, que eram uns verdadeiros certames poeticos.

O folguedo dos *mouros* representa uma luta naval entre mouros e christãos, e vencedores estes, depois do diversas peripecias, aprisionam o rei mouro, que, se convertendo ao christianismo é solennemente baptisado. E essa folgança, que na phrase de Silvio Romero — é uma reminiscencia das lutas contra os mouros na peninsula hispanica, — é composta de cantoria harmonizada em estylo apropriado á poesia e espirito do poema, e de dialogo em versos, ou não.

Refere Theophilo Braga que esta folgança é um auto rudimentar e de origem e implantação portugueza e accrescenta: « Já no *Cancioneiro* de Rezende vem citado, no seculo XV, o doce baile da *Mourisca*, que os sentidos faz perder. »

No seculo XVIII, por occasião das festas do casamento de D. Maria I, representou-se na Bahia a *dança dos officiaes da cuteleria e carpinteria asseadamente vestidos com farda mourisca*. Este costume geral de toda a peninsula hispanica, sobrevive com uma tenaz intensidade.

Em Portugal é ainda muito vulgar o *Auto do Rei da Moirama*, que se representa em varios logares, nomeadamente em Vianna do Castello, na procissão de N. S. do Carmo.

O viajante inglez Henry Koster, assim descreve uma folgança de mouros a que assistiu em Itamaracá, pelo Carnaval de 1815:

« Nesse dia, todos os botes e jangadas haviam sido requisitados, e os proprietarios delles e demais habitantes das vizinhanças, dividiram-se em dous partidos, o dos christãos e o dos mouros. A' beira mar, em maré vasante, fora levan-

tado um palanque sobre compridos esteios, destinado a representar uma fortaleza mourisca, calculando-se a maior altura da maré-cheia, para o começo da festa, de maneira que ficasse então a fortaleza cercada d'agua; a alguma distancia, se erguiam dous thronos sob docéis, mediando uns trezentos passos de distancia entre um e outro. O rei dos christãos occupava um e o dos mouros outro, trajando ambos linda roupagem fluctuante. O primeiro começou por mandar intimar ao seu competidor que se baptisasse, e recusando-se formalmente sua magestade mourisca, viram-se correics que iam e vinham, todos a cavallo e grotescamente vestidos.

« Declarada a guerra, puzeram-se logo em movimento todas as jangadas e botes de cada um partido, encaminhando-se á fortaleza, uns para atacal-a, outros para defendel-a, e pondo-se a guarnição em defesa, rompeu vivo fogo de ambos os lados. Por fim e depois dos maiores esforços, conseguem os christãos tomar a fortaleza; todavia as embarcações mouriscas escapam-se e a sua tripulação desembarca. O partido contrario faz o mesmo, e os dous exercitos encontrando-se na praia batem-se corpo a corpo, por longo tempo. Finalmente vencem os christãos, e aprisionando o rei dos mouros, é arrancado do seu throno e forçado a receber o baptismo.»

O *Fandango*, ou folgança dos *Marujos*, como chama Sylvio Roméro, representa-se com um batalhão de rapazes vestidos á maruja, que conduzem um naviozinho. Cantam versos variados e fazem evoluções multiplas. Depois de fingirem uma luta, vão coser o *panno*, no fim do que ha o episodio do *gagheiro*, cantando-se os versos da *Não Catherineta*, de origem portugueza.

Ainda hoje, conclue elle, quem tem o sentimento da poesia popular e comprehende o espirito do povo portuguez como um povo de navegantes, não póde ouvir aquella canção do gageiro, com sua melopéa sentida, sem experimentar alguma cousa do saudoso e de profundo. E' a velha alma lusitana transportada para este paiz, que nos agita as fibras do coração.

O fandango do nosso Pernambuco tem, porém, uma feição particular, e differe um pouco da fórma bahiana, descripta por Celso de Magalhães.

O prestito do nosso fandango formou-se em lugar mais ou menos distante daquello em que se tem de exhibir, e em cuja marcha canta a maruja puxando o naviozinho — armado de ponto em branco. — com todo o panno solto, ombandeirado em arco e collocado sobre uma carreta baixa:

Ahi vem a barca nova  
 Que dos céos lançou-se ao mar ;  
 Nossa Senhora vem dentro,  
 Ai tirolê, alê, alô,  
 E seus anginhos a remar.  
 Nosso Senhor é o capitão,  
 São José é o piloto.  
 E Maria, mãe de graça,  
 Ai tirolê, alê, alô,  
 E' o nosso seguro porto.

Dos versos variados que canta a maruja, ora em certa cadencia do passo de dança, mas accommodada ao espirito da peça, ora em fôrma de ordem de manobras, encontramos estes:

Bota remos fóra,  
 Bota a lancha ao mar,  
 Vamos ver os turcos  
 Que nos vem atacar.

Ao desencadear-se uma forte tormenta, cantam:

Olhem que tormenta.  
 Hoje neste dia ;  
 Valei-nos, Senhor.  
 E a Virgem Maria.

Senhor piloto  
 Deixe de beber,  
 Que por sua causa  
 Nós vamos morrer.

Dirigindo-se depois no mesmo tom ao mestre do navio,  
incropam-no:

Que por sua causa  
Esta não se vai perder.

E por fim:

Senhor contra-mestre  
Não nos venha indignar,  
Que nós todos estamos vendo  
A agulha de marcar.

Dentre os descantes entromeiados no correr da representação colhiemos os seguintes versos:

O' moças bonitas,  
Cheguem á janella,  
P'ra ver os inglezes  
Como vão á guerra.

Si elles vão p'ra guerra,  
Deixem-nos partir,  
Si elles não morrerem,  
Tornarão a vir.

Abram esta porta  
Que eu venho ferido,  
De uma estocada  
Do vosso marido.

Si vindes ferido,  
Entraí cá p'ra dentro,  
Leite do meu peito  
Servirá de unguento.

A ordem da manobra de ferrar pannos é assim transmittida:

Sobe arriba, gageiro  
E ferra os pannos,  
Que esta tormenta assim  
Nos causará muito damno.

Ferra logo a bujarrona,  
 Ferra a vela grande, ferra,  
 Ferra tambem o traquete,  
 Ferra todo o panno, ferra.

**Emfim,** termina a folgança com a canção do gageiro, extrahida da versão pernambucana do romance *A Náu Catherineta*, cujos versos são estes :

—Sobe arriba gageiro,  
 Meu gageirinho real,  
 Avista terras de Hespanha,  
 Areias de Portugal.

Não avisto terras de Hespanha,  
 Nem areias de Portugal,  
 Avisto tres donzellinhas  
 Debaixo de um parreiral.

Uma está batendo ouro,  
 Uma outra está bordando,  
 E a mais *pichitinha* dellas  
 Está no meio brincando (1).

Uma é para te vestir.  
 A outra é para te calçar,  
 E a mais *pichitinha* dellas  
 E' para contigo casar.

Eu não quero as tuas filhas  
 Pois a mim não me has de dar ;  
 Só quero a náu Catherineta  
 Para nella navegar.

---

(1) Variante, fragmentada, de uma versão local :

Uma está lavrando oiro,  
 A outra limpando o metal,  
 E a mais *chiquitinha* dellas  
 A' procura de um dedal.

Eis agora a descripção de um fandango pernambucano em 1814, como o presenciára Koster em uma representação que houve naquelle anno na ilha de Itamaracá :

« A scena representa um navio no mar, que a principio é impellido por ventos favoraveis, mas que para o fim da viagem vê-se em apuros. A causa do máu tempo custa a ser conhecida, mas por fim a tripulação descobre que o diabo está no navio, sob a figura do gageiro da mezena. Os personagens representados são : o capitão, o piloto, o mestre de equipagem, o contra-mestre, o capellão, o ração e o vassoura, servindo estes dois ultimos de palhaços, e finalmente o *gageiro da gata*, ou o diabo. Doze rapazes, cantores e dançadores conservam se no theatro ( um palanque que se erguia no meio da praça ), seis de cada lado, e o chefe dessa especie de côro senta-se no fundo, tendo uma guitarra na mão.

« Primeiramente vimos um navio que a todo o panno se dirigia para o nosso lado, por meio de rodas occultas debaixo de pranchas, o qual chegando ao meio do scenario parou, e a peça começou. Os rapazes cantores e dançadores trajavam calças brancas e tinham fitas atadas nas pernas e nos braços e na cabeça longos bonets de papel de todas as côres. O tocador da viola estreou com uma aria popular e os rapazes cantavam e dançavam fazendo côro... »

Koster entra depois na descripção de varias scenas da peça, em que tomam parte os seus diversos personagens, concluindo ella com o lançamento do diabo ao mar e o navio entrar no porto a salvamento.

A folgança do nosso fandango, vem, não ha duvida, do episodio do romance da *Ndu Catharineta*, que se refere ao naufragio e tormentos que passou o navio que, em 1565, partiu do porto do Recife para Lisboa, conduzindo, entre outros passageiros, o terceiro donatario de Pernambuco, Jorge de Albuquerque Coelho e o nosso poeta Bento Teixeira Pinto, tão conhecido pelo seu poema *Prosopopéa*, impresso em 1601, que abre o prologo da historia literaria brazileira.

Esse romance, que se tornou popularissimo em Portugal e no Brazil, vindo d'ahi as suas diferentes versões, foi pela primeira vez publicado por Almeida Garrett no seu *Romanceiro*,

impresso em 1851, servindo-se de uma lição do Algarve, cotejada com as da Extremadura, Minho, Ribatejo, Lisbôa e Beira Baixa.

Uma versão de Lisbôa, que não sabemos si é a mesma mencionada por Garrett, figura no *Romanceiro Geral* de Theophilo Braga; e mais cinco variantes distinctas, recolhidas na Ilha de S. Jorge, figuram nos *Cantos Populares do Archipelago dos Açores*, publicados por aquelle mesmo escriptor.

Das variantes brazileiras do romance conhecemos a de Sergipe, publicada por Sylvio Romero nos seus *Cantos Populares*, e depois nos *Estudos sobre a poesia popular no Brazil*, onde figura tambem uma versão do Rio Grande do Sul, recolhida por Carlos Koseritz, e ambas consignadas depois por Eduardo Perié no seu livro sobre a literatura brazileira nos tempos coloniaes.

Ha uma versão maranhense, recolhida por Celso de Magalhães, e da qual se serviu elle para um trabalho de cotejo, limitando-se por isso a ligeiros confrontos, deixando, portanto, de fornecer a variante por extenso.

Pernambuco teve tambem a sua versão, porém por mais esforços que empregassemos, não a pudemos conseguir em sua lição completa, e apenas fragmentadamente, nos versos da canção do gageiro, consignados na succinta noticia dos nossos fandangos, que vimos de fazer.

São essas as versões que conhecemos do romance, e que têm servido, ora umas, ora outras, para transcripções diversas.

Almeida Garrett na publicação do romance, no seu *Cancioneiro*, escreveu uma succinta noticia sobre a sua origem historica e da qual destacamos os seguintes trechos, de um grande valor para o nosso objectivo :

« Entre as relações populares do naufragios escriptas em prosa, ha uma por titulo — *Naufragio que passou Jorge de Albuquerque Coelho, vindo do Brazil, no anno de 1565*, — que não está muito longe de se parecer com a do romance da Náu Catharina. Larga e difficil viagem, temporaes assombrosos, fome extrema, tentativas de devorarem os mortos, resistencia do commandante a esta bruteza, milagroso surgir á barra de Lisbôa, quando menos o esperavam, e quando menos o sabiam

em que paragem se achassem, — tudo isso ha na prosa da narrativa; e até o poetico episodio de estarem a vêr os monumentos e bosques de Cintra sem os reconhecer, — como na xacara se viam, pela falsa miragem do demonio, as tres meninas debaixo do laranjal.»

Discordando Theophilo Braga da opinião de Garrett sobre o facto historico a que se prende o objecto do romance, diz em uma nota sobre essa epopéa, a proposito da versão de Lisbôa, que consignou no seu *Romanceiro geral* publicado em 1867, — que a lenda da Náu Catherineta não tem uma determinada origem historica; que é a generalidade tetra de todos os naufragios; e que apontando alguns factos analogos, o fazia — não para determinar origens, mas para reconhecer a generalidade da lenda, — commum ás narrativas de todos os naufragios.

Depois, nos seus *Cantos Populares do Archipelago dos Açores*, publicados em 1869, modifica Theophilo Braga as suas idéas em face das cinco versões correntes na Ilha de S. Jorge, e procedendo a um estudo comparativo entre a narrativa historica do naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho, inserta no T. II da «Historia tragico-maritima», por Bernardo Gomes de Brito, impressa em Lisbôa em 1735, e as mencionadas versões açorianas, conclue, que — «de facto, o naufragio que mais se aproxima do romance é o de Jorge de Albuquerque Coelho, que na altura das Ilhas foi agarrado por uns corsarios francezes».

Particularizemos o assumpto.

A náu do romance chama-se *Catherineta*, e na quinta variante da ilha de S. Jorge tem ella o nome de *Santa Catharina*; e a esse proposito diz Garrett — «A não Catherineta foi provavelmente o nome popular de algum navio favorito, diminutivo de affeição posto na Ribeira das Náus a *algum galeão Santa Catharina*, ou cousa que o valha... Ou talvez, é o nome supposto de um navio bem conhecido, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoais e respeito humanos».

Advirta-se, porém, que Almeida Garrett não conhecia aquella variante açoriana, em que figura o navio com o nome de *Santa Catharina*, e escreveu as transcriptas palavras muitos annos antes do seu apparecimento e publicidade.

Demais, como refere Theophilo Braga, os marinheiros tinham por costume appellidar os navios em que serviam; e enumerando os nomes de diversos, com os seus competentes appellidos, diz que á não Santa Catharina chamavam elles *Zambuco*.

Essa não Santa Catharina não será a propria *Não Catherineta*, assim chamada como uma ficção poetica pelo — discreto menestrel — autor do romance; e o appellido *Zambuco*, imposto pelos marinheiros, não importará uma corruptela, ou abreviatura do nome *Pernambuco*, donde partiu para Lisboa o navio em questão; appellido esse, acaso imposto por marinheiros pernambucanos engajados no porto do Recife para completar a sua equipagem, desfalcada por obitos occorridos na viagem de vinda para o Brazil, ou por desercões ou outras quaesquer circumstancias?

E' bem provavel...

Demais, ha uma razão valiosissima para que nessa época houvesse um navio portuguez com o nome de *Santa Catharina*, como uma homenagem de respeito tributada á rainha D. Catharina, que por alguns annos regeu o reino durante a menoridade de seu neto, el-rei D. Sebastião (1557-1502).

Depois desta pequena digressão, prosizamos na analyse do estudo comparativo de Theophilo Braga.

As terriveis fomes que a gente da não passou, e as lutas de morte que entre si travaram, descriptas no romance, « combinam perfeitamente com a descripção do naufragio » cujos trechos transcreve.

Do acommettimento que soffreu a não pelos corsarios francezes, nota Theophilo Braga uma allusão na quarta variante insulana, na repulsa do gageiro ao offerecimento de uma das filhas do capitão-mór em casamento, como alviçaras do seu grito de descobrimento de terra.

Não quero as tuas filhas,  
Que Deus t'as doixe gozar;  
*Que eu tenho mulher em França,*  
Filhinhos de sustentar;  
Quero a não Catherineta  
Para nella navegar.

O que é alludido tambem em outra versão açoriana:

Acima, gageiro, acima,  
A'quelle tope real ;  
Vê si vês partes de França  
Ou reino de Portugal.

E ainda na versão brasileira de Sergipe:

Avisto terras em França,  
Areias em Portugal.  
.....  
« Desce, desce, meu gageiro,  
Meu gageirinho real,  
Já vistes terra em França,  
Areias em Portugal...

A' vista da *Relação do naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho*, conclue Theophilo Braga, sobre esse particular, torna-se evidente a allusão historica: — « logo na mesma hora que amainaram... nos entraram pela quadra dezosete francezes armados de armas brancas, com suas espadas e broqueis e pistolas e alguns delles com alabardas, os quaes, sem se lhes poderem estorvar, se senhoriaram da ná... »

« Um piloto francez cahiu ao mar quando se renovou o temporal ; seria esse o perfido gageiro da tradição popular. ? »

E' bem provavel.

Na versão brasileira do Rio Grande do Sul, o gageiro é designado com o nome de Chiquito, e termina com o episodio da sua cahida ao mar :

.....  
Palavras não eram ditas,  
Chiquito cahiu no mar.

« O maravilhoso do *diabo*, continúa Theophilo Braga, que se encontra na lição do Algarve, tambem anima a relação em prosa — os mares davam na ná, que parecia que queriam abrir ; e isto com tantos relampagos, que parecia que andavam allí os demonios do inferno. »

Desce depois o autor ao confronto das scenas de anthropophagia de que fala o romance, com o que consigna a relação sobre esse particular ; as facas e as espadas que o gageiro vê, e outras particularidades mais, tudo perfeita e harmoniosamente combinado com a descripção do naufragio de Jorge de Albuquerque.

Nota ainda que *as terras de Hespanha*, que o gageiro diz estar vendo, concordam com estas linhas da relação: — « e porque quando vimos terra cuidavamos que podia ser Galiza... »

Emfim, basta este trecho do emerito e fecundo escriptor:

« E' natural que o povo romantizasse de preferencia este naufragio de Jorge de Albuquerque, por isso que foi o que mais lhe falou á imaginação, como se vê por esta passagem: —O infante D. Henrique, cardeal neste reino de Portugal, que neste tempo governava, mandou uma galé para que trouxesse pelo rio acima, como se fez, e se poz a dita náu d'frente da igreja de S. Paulo, que ora é freguezia, e por espaço de um mez, ou mais que esteve, ia tanta gente vê-la, que era cousa espantosa, e todos ficaram admirados vendo o destroço, e davam muitas graças a Nosso Senhor por livrar os que nella viham de tantos perigos como passaram. — Este periodo explica a propagação do romance da *Náu Catherineta*, e sua ubiquidade em quasi todas as provincias. »

Resta-nos, emfim, o juizo competentissimo do illustre escriptor portuguez Manoel Pinheiro Chagas, que, em um bem lançado artigo publicado em uma revista lisbonense, o *Jornal do Domingo*, em os ns. 2 e 3 de fevereiro de 1881, discute magistralmente a questão, e conclue provando com argumentos irrefutaveis, que a lenda da *Náu Catherineta* se prende ao naufragio de Jorge de Albuquerque, em 1565.

Elucidado esse assumpto, resta-nos ainda um outro de muita importancia, principalmente para nós outros, pernambucanos.

Quem será o autor do romance quinhentista da *Náu Catherineta*, sem duvida desfigurado do typo original pelas suas multiphas e successivas variantes no decurso de mais de tres seculos ?

Foi passageiro no navio o poeta pernambucano Bento Teixeira Pinto, amigo de Jorge de Albuquerque Coelho, tam-

bem pernambucano, filho do primeiro donatário Duarte Coelho, e a quem offerecera elle o seu poema *Prosopopeia*, impresso em 1601, sendo, portanto, testemunha de todas as tristissimas occorrencias da longa viagem do navio, e soffrendo como todos que iam a seu bordo, das amargas privações provenientes do saque praticado pelos corsarios francezes, e os mesmos perigos nos naufragios e nas lutas de abordagem.

Completamente desconhecida a autoria do romance, não parece, em face de todas essas circumstancias, que Bento Teixeira é o seu autor?...

Si não possuimos dados positivos para o affirmar, tambem não existem para se negar...

Resta-nos agora a consignação do romance; e como as variantes portuguezas e brazileiras, de que já fizemos menção, são de facil consulta para um estudo particular sobre o assumpto, e na ausencia de uma versão pernambucana, completa, damos a seguinte, recolhida por Pinheiro Chagas, e publicada no seu alludido artigo inserto no *Jornal do Domingo*, de Lisboa:

#### A NAU CATHERINETA

Ora, da náu Catherineta,  
 Della vos quero contar:  
 Sete annos mais um dia  
 Andou nas ondas do mar.  
 Não tinha lá que comer  
 Nem mais que para manjar,  
 Deitaram-se solas de molho  
 Para ao domingo jantar.  
 A sola era tão dura,  
 Não a poderam tragar,  
 Deitam sortes á ventura,  
 P'ra vêr quem se ha de matar.  
 Logo foi cahir a sorte  
 No capitão general.

— Sobe, sobe, marujinho.  
A'quelle tope real.  
Vê si vês terras de Hespanha  
Ou praias de Portugal.  
— Não vejo terras de Hespanha,  
Nem praias de Portugal:  
Vejo sete espadas nias  
Todas para te matar.  
— Acima, acima, gageiro.  
A'quelle tope real.  
Vê si vês terras de Hespanha  
Ou praias de Portugal.  
— Alviçaras, meu capitão,  
Meu capitão general:  
Já vejo terras de Hespanha  
E praias de Portugal.  
Tambem vejo tres meninas  
Debaixo de um laranjal  
Uma sentada a coser,  
Outra na roca a fiar,  
A mais formosa de todas  
Está no meio a chorar.  
— Todas tres são minhas filhas...  
Oh! quem m'as dera abraçar,  
A mais formosa de todas  
Comtigo a hei de casar.  
— A vossa filha não quero  
Que vos custou a criar.  
— Dar-te-hei tanto dinheiro  
Que o não possas contar.  
— Não quero o vosso dinheiro  
Que vos custou a ganhar.  
— Dou-te o meu cavallo branco,  
Que nunca houve outro igual.  
— Guardae o vosso cavallo  
Que vos custou a ensinar.  
— Que queres tu, meu gageiro?  
Que alviçaras te hei de eu dar?

— Eu quero a náu Catherineta  
 Para n'ella navegar.  
 — A náu Catherineta, amigo,  
 E' d'el-rei de Portugal.  
 Mas, ou eu não sou quem sou,  
 Ou el-rei t'a ha de dar.

Parece-nos que são peças complementares do romance, pela sua identidade de vistas e harmonia de assumptos, uma *Canção do marinheiro* e as *Cantigas de levantar o ferro*, que Theophilo Braga consigna no seu *Cancioneiro*, e muito particularmente as *Cantigas* que dizem respeito — *á grande não Catherineta*; — e effectivamente, descrevendo Celso de Magalhães um brinquedo do fandango, ou *janeiras*, a que assistira, em Valença, na Bahia, refere que a maruja cantava versos da Não Catherineta, *fado do marujo e lupas* (cantigas de levantar ferro): — e d'est'arte nos parece que é de interesse momentoso a inserção das referidas peças, neste nosso estudo. Eil-as:

#### CANÇÃO DO MARINHEIRO

(Versão de Coimbra)

Perdido lá no mar alto  
 Um pobre navio andava,  
 Já sem bolacha e sem rumo,  
 A' fome a todos matava.

Deitaram as negras sortes  
 A ver qual delles havia  
 Ser pelos outros matado,  
 P'r'o jantar d'aquelle dia.

Cahiu sorte maldita  
 No melhor moço que havia;  
 Ai! como triste chorava,  
 Rezando á Virgem Maria.

Mas de repente o gageiro,  
Vendo terra pela prôa,  
Grita alegre lá da gavea:  
— Terras, terras de Lisboa.

## CANTIGAS DO LEVANTAR FERRO

(Versão de Lisboa)

A grande náu Catherineta  
Tem os seus mastros de pinho.

Côro

Ai lé, lé, lé,  
Marujinho bate o pé.

O ladrão do despensoiro  
Furtou a ração do vinho.

Ai lé, lé, lé,  
Marinheiro vira á ré.

Antes de caçar as gaveas,  
Põe-se o ferro sempre a pique.

Ai lé, lé, lé,  
Cada qual mostra o que é.

Para a náu ficar a nado,  
Abrem-se as portas ao dique.

Ai lé, lé, lé,  
Chega tudo cá p'r'a ré.

Quando as gaveas vão aos rizes,  
A maruja talha o lais;

Ai lé, lé, lé,  
Quem é moiro não tem fé.

Sobem dois a impunir,  
A rizar sobem os mais ;

Ai lé, lé, lé,  
Tú com tú, e cré com cré.

Quando o barco faz cabeça  
Ala braços, iça a giba.

Ai lé, lé, lé,  
Vá de longo que é maré.

Quando elle arranca o ferro,  
Vira então de leva arriba.

Ai lé, lé, lé,  
Vira mar e Sam José.

E' de usança, ao quarto d'alva,  
Matar na coberta o bicho ;

Ai lé, lé, lé,  
Deixa a marca, põe a pé.

Antes da baldeação,  
Varre o moço, apanha o lixo.

Ai lé, lé, lé,  
Peito á barra, finca o pé.

Todo o barco que anda a corso  
Caça outro que se veja.

Ai lé, lé, lé,  
Muito cafre tem Guiné.

Todo o moço de convez  
Caça a isca na bandeja.

Ai lé, lé, lé,  
Mazagão não é Salé.

\* \* \*

A folgança do *Bumba meu boi*, tão vulgar em época não muito afastada, pertence, como diz Theophilo Braga, á forma do *theatro hieratico* das festas populares do Natal e Reis.

Entre nós, porém, era exhibida não sómente nessas épocas, como tambem em varias outras occasiões, principalmente pelo *Carnaval* e nas festividades religiosas de arraial; mas hoje é raro apparecer mesmo nessas festas, e quasi que vai cahindo em desuso.

O *Bumba meu boi* é um drama pastoril, e não vem de diuturnas éras. Os versos

Meu boi morreu,  
Que será de mim ?  
Manda buscar outro  
Lá no Piauhy,

indicam, não ha duvida, que vêm depois das descobertas e colonização das terras do Piauhy, e da exportação o gado ali criado, cujo commercio começou entre fins do seculo XVII e principios do immediato, uma vez que as primeiras doações de terras em sesmarias para a situação de fazendas de criação, naquelle Estado, foram feitas pelo governador de Pernambuco em 1681, a cuja capitania pertencia então o territorio piauhyense.

Esta circumstancia unida ás relações de vida administrativa e de commercio do Piauhy com Pernambuco parecem tambem indicar que o poema é de origem pernambucana, acaso dramatizado depois para representações publicas. Ainda em apoio dessas nossas conjecturas vêm estes versos do côro do cavallo-marinho:

Cavallo-marinho  
Dança bem bahiano,  
Bem parece ser  
*Um pernambucano.*

Seja como fôr, o que não resta duvida, é que o *Bumba meu boi* é uma rapsodia do Norte, e puramente brasileira, sem affinidades de imitações estranhas.

Lopes Gama, verberando a folgança no seu periodico *O Capapuiceiro*, em 1840, escreve estas palavras, externando-se depois em largas considerações sobre o assumpto:

« De quantos recreios, folganças e desenfados populares ha neste nosso Pernambuco, eu não conheço um tão tolo, tão estúpido e destituido de graça, como o aliás bem conhecido *Bumba meu boi*. Em tal brinco não se encontra um enredo, nem verossimilhança, nem ligação: é um aggregado de disparates.

« Um negro mettido debaixo de uma baieta é o boi; um capadocio, enfiado pelo fundo dum panacé velho, chama-se o cavallo-marinho; outro, alapardado, sob lenções, denomina-se burrinha; um menino com duas saias, uma da cintura para baixo, outra da cintura para cima, terminando para a cabeça com uma urupema, é o que se chama a caipora; ha além disto outro capadocio que se chama o pai Matheus. O sujeito do cavallo-marinho é o senhor do boi, da burrinha, da caipora e do Matheus.

« Todo o divertimento cifra-se em o dono de toda esta sucia fazer dançar ao som de violas, pandeiros e de uma infernal berraria o tal bebado Matheus, a burrinha, a caipora e o boi, que com effeito é animal muito ligeirinho, trefego e bailarino. Além disso o boi morre sempre, sem quê nem para quê, e resuscita por virtude de um clyster, que pespega o Matheus, cousa mui agradável e divertida para os *judiciosos* espectadores.

« Até aqui não passa o tal divertimento de um brinco popular e grandemente desengraçado, mas de certos annos para cá não ha *Bumba meu boi*, que preste, si nelle não apparece um sujeito vestido de clerigo, e algumas vezes de roquete e estola, para servir de bobo da funcção. Quem faz ordinariamente o papel de sacerdote bufo é um bregoirote despejado e escolhido para desempenhar a tarefa até o mais nojento ridiculo; e para complemento do escarneo, esse padre ouve de confissão ao Matheus, o qual negro captivo faz cahir de pernas ao ar o seu confessor, e acaba, como é natural, dando muita chicotada no sacerdote! »

Effectivamente, a folgança compõe-se de um numerozo grupo de individuos, do que é chefe o cavallo-marinho, tendo ao lado o arlequim, que é como o seu ajudante de ordens; dos vaqueiros Matheus, Sebastião e Fidelis, conduzindo o boi; e de um medico, um padre e o capitão de campo; e outras vezes, em autos mais desenvolvidos, apparecem uma burrinha, a cai-porinha, como a descreve Lopes Gama, uma preta com o nome de Catharina, um phantasma, urubú e outros personagens: e quer de uma ou de outra forma, um grupo de cantadeiras e tocadoras de viola, que além da parte que tomam no correr da representação exhibem nos seus intervallos toadas diversas com letras populares, conhecidas umas e improvisadas outras.

O boi é feito de um arcabouço de sarrafos, coberto de panuo e pintado, sob o qual se occulta um individuo, de fórma a fingir o proprio animal, andando ou correndo e em movimentos diversos.

O cavallo-marinho, trajando de capitão, com o seu chapéo armado e dragonas, apparece montado a cavallo, mas fingidamente, com uma armação que prende á cintura, para representar o animal.

O Arlequim, copiado, sem duvida, do *Arlechino* do antigo theatro italiano, em cujas representações contemporaneas á composição do *Bumba meu boi*, invariavelmente apparecia, bem como o typo do *Dottore*, aproveitado no nosso auto, fica á direita do *Cavallo-marinho* para transmittir as suas ordens, e os demais personagens occupam os logares convenientes á representação dos seus papeis.

Entremos agora no assumpto particular da folgança, segundo uma versão recolhida no Recife por Sylvio Roméro e consignada nos seus *Cantos Populares*, mas um tanto ampliada pela junção de alguns novos subsidios esparsos que conseguimos colligir.

A sua exhibição tem logar ao ar livre, e geralmente á noite e precedendo solicitada licença do dono da casa, em obsequio de quem *vai dançar o boi*, como se costuma dizer, tem logar a primeira scena do auto, rompendo em coro as cantadeiras uma toada com estes versos, acompanhadas á viola, ao som da qual dancam o cavallo-marinho e o arlequim:

Cavallo-marinho  
Vem se apresentar,  
A pedir licença  
Para o boi dançar.  
*Senhô* dono da casa,  
Varra o seu terreiro,  
Para o boi dançar  
Mais o seu vaqueiro.  
Cavallo-marinho,  
Por tua tenção  
Faz uma mesura  
A seu capitão.  
Cavallo-marinho,  
Dos laços de fitas,  
Faz uma mesura  
A's moças bonitas.  
Cavallo-marinho  
Chega p'ra *diente*,  
Faz uma mesura  
A esta toda gente.  
Cavallo-marinho  
Dança muito bem,  
Pode-se chamar  
Maricas meu bem.  
Cavallo-marinho  
Dança bem bahiano,  
Bem parece ser  
Um pernambucano.  
Cavallo-marinho  
Vai para a escola  
Aprender a lér  
E a tocar viola.  
Cavallo-marinho  
Sabe conviver,  
Dança o teu bahiano  
Que eu quero ver.  
Cavallo-marinho,  
Eu tomára já,

Faça uma voltinha  
 Vá p'ra seu logar.  
 Cavallo-marinho  
 Dança no terreiro,  
 Que o dono da casa  
 Tem muito dinheiro.  
 Cavallo-marinho  
 Dança na calçada,  
 Que o dono da casa  
 Tem gallinha assada.  
 Cavallo-marinho  
 Dança no tijolo,  
 Que o dono da casa  
 Tem cordão de ouro.  
 Cavallo-marinho  
 Vossê já dançou,  
*Mas porém lá vai,*  
 Tome lá que eu dou.  
 Cavallo-marinho  
 Vamo-nos embora,  
 Faz uma mesura  
 A' tua senhora.  
 Cavallo-marinho  
 Vamo-nos embora,  
 Já deu meia-noite.  
 Já deu nove horas.  
 Cavallo-marinho,  
 Por tua mercê,  
 Manda vir o boi  
 Para o povo vêr.

O cavallo-marinho e o arlequim figuram em todas as scenas.  
 Na segunda, entra Matheys vestido de vaqueiro, á sertaneja,  
 e armado de uma vara com ferrão, seguindo-se depois o Sebas-  
 tião e o Fidelis conduzindo o boi.

Rompe a scena o cavallo-marinho dirigindo-se ao arlequim:

O' arlequim  
 O' peccados meus,

Vai chamar Fidelis  
 E tambem Matheus.  
 O' meu arlequim,  
 Vai chamar Matheus,  
 Venha com o boi  
 E os companheiros seus.

Responde o arlequim :

O' Matheus, vem cá,  
 Sinhô está chamando.  
 Traze o teu boi,  
 E venhas dançando  
 — Só achei o Matheus,  
 Não achei Fidelis ;  
 Bem se diz que negro  
 Não tem dó da pelle.

Dirige-se o cavallo-marinho a Matheus e interroga-o :

O' Matheus, cadê o boi ?

Responde Matheus :

Olá, olá, olá,  
 Boio tá p'ra cá  
 Boio tá p'ra lá...  
 Si minha boio chegou  
 Eu ta aqui :  
 E que foi esse  
 Pur aqui ?  
 O' meu xinhô,  
 Cadêl-o o Bastião.  
 Cadêl-o o Fidêro ?  
 Para onde fôro ?  
 Venham cá vossês  
 E tambem o boio.

Entra o boi, rompendo as cantadeiras em côro:

Vem, meu boi lavrado,  
 Vem fazer bravura,

Vem dançar bonito,  
 Vem fazer mesura.  
 Vem fazer mysterios,  
 Vem fazer belleza ;  
 Vem mostrar o que sabes  
 Pela natureza.  
 Vem dançar, meu boi,  
 Brinca no terreiro ;  
 Que o dono da casa  
 Tem muito dinheiro.  
 Este boi bonito  
 Não deve morrer,  
 Porque só nasceu  
 Para conviver.

Começa, então, o Matheus uma toada com estas letras, respondendo em côro as cantadeiras, a cada verso, com este estribilho — *Ei-bumba* :

O' boio, dáre de banda.  
 Xipaia essa gente,  
 Dare p'ra trago,  
 E dara p'ra frente...  
 Vem mai p'ra baxo,  
 Rôxando no chão,  
 E dá no pae Fidére,  
 Xipanta Bastião...  
 Vem p'ra meu banda  
 Bem difacarina,  
 Vai mettendo a testa  
 No Cavallo-marina.  
 O, ô meu boio,  
 Desce dessa casa,  
 Dança bem bonito  
 No meio da praça...  
 Toca esse viola,  
 Ponde bem miúdo ;  
 Minha boio sabe  
 Dança bem graúdo.

Segue-se, então, uma toada com estes versos, ao som da qual, dançam o Matheus, Sebastião e Fidelis, rasgadamente :

Toca bem esta viola  
No bahiano *gemedô*,  
Que o Matheus e o Fidelis  
São dois cabras *dansadô*.  
No passo da jurity,  
Tico-tico, *rouxindô*,  
Si Fidelis dança bem,  
O Matheus dança *milhô*.  
Meu negro Matheus,  
Dança o *miudinho*.  
Para dar um gosto  
Ao cavallo-marinho.  
O *tocadô* da viola  
Tem os olhos muito esperto  
O som da sua viola  
Parece-me um céu aberto.  
Eu quero boa viola  
Para fazer toda a festa,  
O bom pandeiro concerta  
O samba na floresta.  
Eu fui dos que nasci  
Na maré dos caranguejo,  
Quanto mais carinhos faço  
Mais desprezado me vejo.  
Como sou filho do povo,  
Tenho o dom da natureza ;  
Não sou feliz, mas bem passo  
Com toda a minha pobreza.  
Dança o boi, dança Matheus,  
Dançam todos os vaqueiro,  
Dançam que hoje nós temos  
Grande festa no terreiro.

Ao terminar a ultima estrophe, grita Matheus, como que para interromper a continuação da cantiga :

Pára, pára, pára !  
 Quero *dizê* um recado:  
 — *Boio* dançou, dançou,  
*Mai* agora *tá* deitado !

E grita o Sebastião :

Ah! *pracero* meu !  
*Boio* de *sinhô* morreu...

Responde Matheus :

A *t'embora*, bobo,  
 O *boio* divertiu muito,  
 Agora ficou cançado;  
 Toca bico do ferrão,  
 P'ra tu *vê* como *arrevira*  
 E te *dá* no chão.

Sebastião ferra o boi, que não se move, e verificando Matheus que elle estava morto, exclama :

Minha *boio* morreu !  
 Que será de mim ?  
 Manda buscar outro  
 Lá no Piahy.

O capitão atira-se para Matheus, brandindo o rebenquê, e pergunta-lhe:

O' Matheus, *cadê* o boi ?

E Matheus responde :

Sinhô, o *boio* morreu...

O capitão, furo de raiva, espanca o Matheus, e ordena-lhe:

O' Matheus, vá chamar  
 O doutor para curar  
 O meu rico boi:  
 Quero saber do Fidelis  
 Para onde foi.

O' Sebastião, vá a toda a pressa,  
 Chame o capitão do matto,  
 Dê as providencia,  
 Que traga o Fidelis  
 Na minha presencía.

Chega o doutor, ajusta com o capitão a cura do boi, entra Catharina por quem Sebastião morre de amores, resolve-se o casamento, e apparecendo um padre para celebrar o acto, rompem as cantadeiras, á sua entrada em scena :

O' seu padre mestre,  
 Não seja tão máu  
 Dance aquelle passo  
 Do pinica-páo.

E responde o padre dançando :

Quem me vê estar dançando,  
 Não julgue que estou louco,  
 Não sou padre, não sou nada,  
 Singular sou como os outros.

Responde o côro :

O' gente que quer dizer  
 Um padre nesta funcção ?  
 E' signal de casamento,  
 Ou d'alguma confissão ?

E o padre a dançar, responde :

Bula bem na prima,  
 Bata no bordão ;  
 Leva arriba a funcção,  
 Não se acabe não.

Chega o doutor, apontam-lhe o boi, e elle furioso dirige-se a Matheus:

O' negro, teu desaforo  
 Já chegou aonde foi ;  
 Quando tu me chamares,  
 E' p'ra gente, e não p'ra loi.

E o Matheus responde, batendo-lhe depois com uma bexiga cheia de ar:

Ah ! uê, Ah ! uê !  
 Troco miudo  
 Tu vai recebê.

Por fim, presta-se o medico a examinar o boi e a cui-lar do seu tratamento, para o que prescreve uma longa receita cheia de arricirices, que o Matheus vai repetindo na sua meia lingua, e concluindo o esculapio mandando dar uma clyster no boi, agarra o vaqueiro a um menino qualquer para servir de bexiga, e com isto levanta-se o animal aos applausos dos espectadores.

Entra depois o capitão de campo, perseguindo Fidelis para o prender e amarrar como *negro fugido*. Canta o côro :

Capitão Calombo,  
 Tome bem sentido.  
 Leve para casa  
 O negro fugido.

E o capitão atirando-se sobre Fidelis brada-lhe :

Eu te amarro, cão,  
 Eu te atiro, negro,  
 Eu te mato, ladrão.

E o Fidelis responde :

Capitão me chama negro  
 Negro eu não sou não ;  
 Quero que você me diga  
 Quantos contos deu por mim.

Trava então uma luta entre ambos, e o Fidelis deitando por terra o capitão amarra-o com a propria corda que trazia, cantando então o côro a esta scena :

Capitão de campo,  
Veja que o mundo virou ;  
Foi ao matto pegar negro,  
Mas o negro o amarrou.

Responde o capitão :

Sou valente e afamado,  
Como eu, não pôde haver ;  
Qualquer susto que me fazem  
Logo me ponho a correr.

Terminava então a folgança com esta ordem de retirada transmittida pelo cavallo-marinho :

Meu arlequim,  
Já não fazes nada,  
Vem tocar tambor  
Nesta retirada.

\* \* \*

Tratemos agora dos *Congos*, uma folgança dos pretos africanos, geralmente escravos, e celebrada como reminiscencia patria nas festas religiosas, principalmente nas de N. S. do Rosario, sua padroeira. A representação da peça tinha lugar á noite, ao ar livre, em um elevado palanque, com escadaria, e sobre o qual se via um throno onde tinha assento o rei, rodeado da sua côrte, e todos paramentados mais ou menos ao caracter das suas funcções.

Os *congos* constituíam uns autos com uns certos tons guerreiros, escriptos originariamente em versos africanos, aos quaes intercalaram-se depois versos em portuguez, o que em nada altera a indole do balleto selvagem dos *congos*, na phrase

de Mello Moraes Filho, — com o seu enredo e evoluções guerreiras, seus reis e princezas de fôrmas correctas e altivas, seus tamborins e *ganzds*, que lhes desenvolvem em torno uma atmosphera de sonoridade tempestuosa e imitativa.

Cahindo em desuso as exhibições dos *congós* pela cessação da corrente de emigração africana prohibida pela lei de abolição do trafico e medidas subsequentes, foram rareando dia a dia até que desapareceram completamente, concorrendo isso para a perda dos proprios autos conservados apenas estropeadamente em cadernos manuscritos.

De Goyanna, porém, temos presente uns autos de *congós*, em louvor de S. Lourenço, cujas representações se effectuavam no dia da sua festa, em Tejucupapo, celebrada na igreja matriz, de sua propria invocação.

Esses autos nos parecem incompletos, sem mesmo um certo nexó em sua urdidura, e são escriptos em letra portugueza e africana, sendo aquella ao modo por que, pouco mais ou menos, falavam os *negros da costa* ou *da outra banda*, como geralmente eram chamados os africanos.

A peça começa assim :

O' meu sinhô São Lourenço,

Ai ! lê lê.

Aqui tá seu zipretinho,

Ai ! lê lê.

Cantando sua zifé,

Ai ! lê lê.

Isso nos parece guerra,

Ai ! lê lê.

Manda preparal-o arma,

Ai ! lê lê.

Para nosso guerrea,

Ai ! lê lê.

O' meu sinhô São Lourenço,

Vinde nos dá consolação,

Manda chamá os devotos

Para nossa procissão.

Turú, turú,  
Zepretinho,  
Neste reino  
De Congá.

Na peça figuram, principalmente, o rei e o seu *secretario de saula*, que executa as suas ordens, e com quem trava elle varios dialogos, em prosa, ou em verso. Aos chamados do rei responde quasi sempre o secretario: — *Senhôlo, senhôlo sá*, — e quando se retira do scenario para cumprir as ordens do rei, pede e rocebe delle a benção nestes termos: « — *Benção de Deus, de Zambiapungo qui tirindundê, qui ti caia no cabeça bem dipendurada.* »

No primeiro dialogo, ordenando o rei que vá pedir licença ao glorioso S. Lourenço *p'ra fazê o frogamento*, recommenda-lhe que veja como pede,

Cuje branco tá eu-oio,  
Tué, tué,

como que dizendo, que o branco segue-lhe os passos para rir-se delle.

A supplica de licença dirigida ao santo pelo secretario é assim feita :

O' meu sinhô São Lourenço  
Mim cantando secretario,  
Su licença qué pedil-o  
O nosso rei recongalo,  
P'ra fazê o frogamento...  
Tá calado, não me fala?  
Não me fala, tá calado?

Volta o secretario depois de alguma demora e o rei o increpando por isso, responde elle :

Senaulo, minba gana,  
Parece que tá gachado,  
Que tá falando, e tá calado.

E obtempera o rei :

Cala bocca minha ziffo,  
 Qu'isso memo é cussume delle ;  
 Oio vê, e bocca cala.

Obtida assim a licença, cantam uma jornada, dançando ao modo africano, cuja letra é esta :

Nosso rei vem com vontade,  
 Nosso rei vem com vontade,  
 De festejá neste dia  
 O glorioso São Lourenço ;  
 E por isto nos traz aqui  
 O nosso rei Dom Caro.  
 Õ Zâmbiapungo, Zâmbiapungo,  
 Tirindundê, ô lê lê.

Como esta jornada figuram no auto muitas outras, todas executadas á dança, e com umas respostas, á especie de côro, e das quaes consignaremos algumas em que mais notavelmente figura a mescla do portuguez com o africano que se nota em todas ellas :

— Turucê, turucê.  
 Fala capitanga, turucê.  
 « Aio cá, turucê,  
 Capitanga ouê,  
 Aioê, minha gana ouê.

— Zambi lê lê, camundê,  
 Prucê tú era congo, jacombê  
 « Andaraê, anderoê.

— Nosso todo já tá prompto,  
 P'ra cum perna trocá.  
 Hoje branco ha de ficá,

Olé, lê lê, olé,  
De bocca pero o á.  
« Asassá.

— Mãe Maria faz angú,  
Faz angú p'ra tu cumê,  
O' muleque do angú  
Falla tu que é falladô.  
« Ufá, ufá pindá,  
quilá quitô.

— Mandahirá, mandahirá,  
Mandabirá gongari ariô.  
« E' gurupemba auim,  
Mandabirá gongari ariô.

— Gongá mina  
Mina auê.  
O sará, saraiá,  
O sará uê.

— Muleque tira do caminho,  
Uê, minha zifacão,  
Cabeça vai no chão.  
Lê lê sambaque,  
O' caieta, ô caieta,  
O' mandarué.

— Calunga é meia ê,  
Zambuê.  
Calunga é meia ê,  
Zambuê.  
« Nem quaquête nem manuête,  
Calunga,  
Mucanha ê, muquaête.

— Quem duvida o sol que nasco,  
Com suas luzes tão bellas,  
Que fazem o claro dia ?

« Ai, ai, ti cumbi,  
 Quem dansa o reale,  
 O reale p'ra mim ? (1) »

Entre as varias scenas do auto figuram algumas mesmo apparatusamente desempenhadas, como a entrada dos grupos de representantes de diversas nações africanas, como Angola, Cassange, Moçambique e outras, acaso convidadas pelo rei do Congo para tomarem parte na festa ; e especialmente a da entrada solenne da embaixada da rainha Ginga, cuja scena é assim disposta, depois de annunciada ao rei a sua chegada:

— Vai *pringuntal-o*  
 Si vem de *page*,  
 Ou si vem de guerra ;  
 Si vem de *page, page*.  
 Si vem de guerra, guerra.

.....

— Quem sois,  
 E o que quereis,  
 Aqui neste reino,  
 Tão sublimado ?  
 « Para te dizer  
 Quem sou,  
 Inda não posso.

.....

— Senoulo, elle *dige*  
 Que vem de *page*.  
*Trage* muita gente,  
 Ou elle vem sózinho ?

---

(1) Em um brinquedo de *Congos* que vimos representar-se em Olinda pelos annos de 1868. cantou-se uma jornada que tinha por estribilho:

É lé lé, Maria cabundá,  
 Maria faz angá  
 P'ra nosso curia,

de cuja toada ainda nos recordamos.

— *Turo, turo* vem *ria pé*,  
 Só elle vem de cavallo,  
 E muita gente *trage*.  
 « Vai o o recebas,  
 Como nosso *consumalo* ;  
 Leva pingarda, e *pingardclo*,  
 Bacamarte, *bacamartelo*,  
 E aquelle bichinho,  
 Que bate na *cacunla*,  
 E *faze caluncunsú*.  
 Oia, vem cá:  
 Tempo *td* de falsidade  
 E a gente não tem  
 Em quem se *fid*.  
 Levo tudo *simunanes*,  
 Deixa commigo  
 Dois guarda *fid*.

Entrando a embaixada com ceremoniosa solennidade e estrepitosos vivas, prostra-se o embaixador aos pés do rei, gravemente sentado no seu throno e cercado dos dignitarios da sua côrte, e dirige-lhe esta oração:

*Minha* rei de Moçambique,  
*Minha* rei de Malambá  
 Manda *min* *pru* *bucalò*,  
 Pero em *vossa* pés *prostrá*.

E responde o rei:

Si vindos de guerra, retirai-vos ;  
 Si vindes de paz, sentai-vos,  
 Que temos muito que folgar.

Terminada a recepção, offerece o embaixador os presentes que traz para o rei, entre os quaes figura uma caixa de prata para rapé, ao que responde elle : — *coisa que gossa munto*, — têm logar em seguida umas danças para alegrar a embaixada, e a conferencia de varias graças, entre as quaes a do governo das

mattas de Tiriry, e depois de algumas jornadas a terminação do brinquedo, com uma final que diz assim:

Adeus, ó minha maneta,  
 Qui *nosso* já se vai embora  
 Qui a festa já se acabou-se.

\* \* \*

Cabe-nos agora tratar dos nossos *Oiteiros poeticos*, que foram, incontestavelmente, uma das mais bellas e fecundas manifestações da poesia popular entre nós, muito embora não avultem os subsidios que podemos recolher.

O *oiteiro* era como que um certamen ou concurso poetico, que se costumava celebrar nas festas religiosas, á noite, depois de terminados os actos da egreja.

E' obvio, que esse uso nos veiu da metropole, e a este respeito escreve Theophilo Braga o seguinte na sua *Historia Literaria Portuguesa* :

« Havia no seculo XVIII um costume em que a poesia se tornava um elemento das festas ; chamava-se-lhe *Oiteiro poetico*, em que se versejava nas eleições dos abbadeçados. Seria ainda uma apagada reminiscencia das *Côrtes de Amor*. Tolentino pinta com traços pittorescos este costume, que formava reputações :

Fôra cem vezes em nocturno *Oiteiro*,  
 Da sabia padraria apadrinhado ;  
 E dizem que glozava por dinheiro...  
 Rompi *Oiteiros* em Sant'Anna e Chellas,  
 Chamei sol á prelada, e ás mais estrellas. »

Entre nós, porém, os *oiteiros* se remontam a meiodos do seculo XVI, porquanto, em 1573, o governador geral Luiz de Brito e Almeida foi festivamente recebido na Bahia, — e apparatusamente no Collegio dos Jesuitas, onde houve mysterio e *oiteiro*.

Em Pernambuco, como vimos, era á noite que se effectuavam os *oiteiros*. para o que se armava um elegante

palanque no pátio da igreja, como que representando o monte Parnaso, sobre o qual tinha assento uma mulher convenientemente trajada, figurando de musa, a qual distribuía os *mottes* para serem *glozados* pelos poetas que concorriam ao certamen.

Toda a praça se illuminava e se adornava de arcos de folhagem odorante, geralmente da canelleira e pitangueira, e de bandeiras multicóres; e literalmente cheia de povo, apresentava um aspecto imponente e agradável.

Os poetas contornavam o palanque, e dado o *motte* pela musa, cujos conceitos eram sempre adequados ao objecto da festa, quer fosse religiosa ou não, aquelle dentre elles que se propunha a *glozar*-o, batia palmas e recitava immediatamente a *gloza*. Não raras vezes acontecia apparecer mais de uma *gloza* sobre o mesmo *motte*.

Si a poesia agradava, harmonizando-se perfeitamente ao objecto do *motte*, e formando um pensamento e naturalmente desenvolvido, uma peça, emfim, artisticamente burilada, era o poeta victoriado pelo povo com freneticas acclamações e palmas; e, no caso contrario, havia signaes de vehemente desgosto, que muitas vezes chegavam a ruidosas vaias.

Os *oiteiros* entre nós tiveram muita voga até os primeiros annos do seculo passado; eram muito concorridos e apreciados, e nelles se exhibiam os melhores e mais afamados poetas da época. Dahi por diante vem a sua decadencia, até que em meados do seculo já tinham cahido em completo desuso.

Nesse poetico passatempo, que tinha por scenario quasi sempre a praça publica, diz Pacifico do Amaral, não era raro vêr-se os poetas repentistas empenhados em levar de vencida uns aos outros, na pugna dos consoantes e rimas, desviareem-se reciprocamente do assumpto principal e atirarem-se ao desconhecido, completando muitas vezes em sentido inteiramente contrario ao pensamento apenas enunciado pelo collega *in frente*, como tambem aproveitarem-se do ensejo para ferirem com epigrammas e indirectas este ou aquelle individuo, costume ou uso.

Como reminiscencia disso, refere elle uma engraçada occorrença que se deu entre dous poetas populares, Camões e Baptista, em um *oiteiro* que houve no Recife, depois de umas

festas gratulatorias pelo nascimento do Imperador D. Pedro II, em 1825.

Baptista ia falar, mas apenas começava, recitando os dous primeiros versos da sua poesia, é logo interrompido por Camões, que completa uma quadra em sentido inteiramente opposto áquelle a que o Baptista se propunha tratar, conseguindo assim não só desviar-o do assumpto como metter a ridiculo uma tal D. Maria, amante de uma alta autoridade da provincia, cuja mulher tinha o appellido de *Pepino*, e era entãe muito fallada.

Eis os versos do torneio entre os dous poetas :

BAPTISTA

Ao nascer este menino  
Que o imperio governará

CAMÕES

Para o banquete dará  
Dona Maria o *pepino*.

BAPTISTA

Oh ! que presente mofino  
O *tu* *pepino* offertado !

CAMÕES

Baptista, estás enganado  
Porque o *pepino* della,  
Cosido em gorda panella  
E' excellente bocado !

Dessas festas populares dos oiteiros restam-nos ainda umas raras poesias, religiosas e profanas.

Das primeiras, consignamos as seguintes, recitadas nos oiteiros que se celebraram em umas festas do N. S. da Conceição, do Menino Deus e N. S. do Livramento ; os dous pri-

**meiros em meados do século XVIII e o ultimo em principio do immediato :**

## MOTTE

*A Conceição de Maria.*

## GLOZA

**Fez Deus no dia primeiro  
O mundo sem luzimento ;  
No segundo o Firmamento  
E fez o mar no terceiro ;  
No quarto fez o Luzeiro,  
Que a todo o mundo allumia,  
No quinto a animalia,  
No sexto fez os Humanos ;  
Dahi a quatro mil annos  
*A Conceição de Maria.***

## MOTTE

*Jesus para nosso bem.*

## GLOZA

**Pecca Adão no Paraiso,  
A lei de Deus quebrantando ;  
E ficamos nós herdando  
Do peccado o prejuizo.  
Deus por seu alto juizo  
Desce ao mundo, e pagar vem  
O mal que Adão feito tem ;  
Obrando assim desigual  
Adão para nosso mal,  
*Jesus para nosso bem.***

## MOTTE

*De Maria o Livramento*

## GLOZA

Deus creou de barro um ente  
 Cheio de dons e caudura.  
 Que bella manufactura  
 A obra do Omnipotente !  
 Erguer-se um homem fulgente  
 Do Paraiso portento...  
 Com infuso entendimento  
 Prevarica tomerario,  
 Pelo que foi necessario  
*De Maria o Livramento.*

A primeira gloza é do padre Felipe Benicio Barbosa, a segunda do padre Antonio Gomes Pacheco, e a terceira do poeta popular Manoel Rodrigues de Azevedo, vulgarmente conhecido por *Manoel Cabra*.

*Feliz foi vossa chegada*

Na praia de Tambaú  
 D'outra banda da maré,  
 Passeava um jacaré  
 Bom dançador de lundú.  
 Um soldado do Assú  
 Que estava de emboscada,  
 Atirou-lhe uma cocada  
 E um bolo de manuê,  
 Isto feito, isto porquê,  
*Foi feliz vossa chegada.*

*A Conceição de Maria*

No engenho da Tabóca  
 Havia uma vacca amarella,  
 Que tocava charamela,  
 Na povoação da Jacóca.

Moça bonita é pipóca,  
 Velho tem barriga fria,  
 Peixe magro arropia,  
 Quem joga só quer ganhar,  
 Eu o que quero é louvar  
*A Conceição de Maria.»*

\* \* \*

As nossas lutas politicas, principalmente aquellas que se feriram em prol das liberdades patrias, deram largas ao genio poetico do povo; e si são escassos os subsidios que nos **restam** dessas suas patrioticas expansões, nem por isso perdem elles de valor e interesse.

A's lutas que irromperam em 1710, já nos referimos quando tratámos da *Guerra dos Mascates*; do suffocado e pouco conhecido movimento de 1800, nada consta; e de 1817, **porém**, apenas **restam-nos** as quatro seguintes quadrinhas:

No Campo da Honra (1)  
 Patricio, formemos,  
 Que o vil despotismo,  
 Sem sangue vencemos.

Quando a voz da patria chama,  
 Tudo deve obedecer;  
 Por ella a morte é suave  
 Por ella cumpre morrer.

Quando se ajuntarem  
 Quarenta mil patriotas,  
 Então veremos sortir  
 Derrotas sobre derrotas.

Sem grande côrte na côrte  
 Não se goza um bem geral;

---

(1) Denominação imposta em 1817 ao campo do Erario, hoje praça da Republica.

Que o côrto é que nos faz bem,  
A côrte é quem nos faz mal (1).

Nas lutas da nossa independencia, que são esses tempos de convulsões politicas de que fala Araripe Junior,— a massa popular não foi insensivel aos acontecimentos. As classes oprimidas tiveram occasião de derramar a sua bilis contra os *corcundas* e *marinheiros* e fazer a apothese dos vultos mais sympathicos, cuja força as admiravam.

Com relação aos primeiros, resta-nos uma—*Conversa politica entre um corcunda e um patriota*, — e com relação ao segundo, os seguintes versos:

Marinheiro pé de chumbo,  
Calcauhar de frigideira,  
Quem te deu a confiança  
De casar com brasileira ?  
« Fôra, maroto, fôra,  
Viagem podem seguir,  
Brazileiros já não querem  
Marotos mais no Brazil.

Em compensação, compunham tambem elles, versos em desaffronta, entre os quaes figuram estes dirigidos ao imperador D. Pedro I :

Pedro sinoiro,  
Rei dos macacos,  
Quebrae os sinos  
P'ra fazer patacos.

E escreveram uma parodia ao Hymno da Independencia, que tinha por estribilho :

Cabra gente brasileira,  
Do gentio de Guiné.  
Que deixou as cinco chagas  
Pelos ramos do café.

---

(1) Esta quadra é de autor conhecido, Manuel Caetano de Almeida e Albuquerque, de quem tratamos no nosso *Diccionario Biographico de pernambucanos celebres*.

Mas tudo isso passou, brasileiros e portuguezes, formando por assim dizer, uma só familia, vivem no mais intimo e cordial affecto.

No periodo revolucionario de 1824, quando a imprensa já se ostentava pujante e valente, não tinham mais logar o recurso dos pasquins em manuscripto pregados nos esquinas, as satyras e os epigrammas picantes que corriam de bocca em bocca, e por isso, dessa época por deante começou a escassar esse genero de manifestações da lyra popular.

Restam-nos, apenas, os seguintes sonetos sobre as execuções capitães de Agostinho Bezerra e Caneca, e um outro, em que um réu fala do alto do patibulo :

#### A EXECUÇÃO DO PATRIOTA AGOSTINHO BEZERRA

(1825)

Longe, longe de nós tigre sedento,  
Horriavel monstro em sangue humano arfando,  
Os dias mysteriosos profanando  
Qual terrivel theu, impio, cruento.

Por mais que me cance o pensamento  
Dos seculos a historia folheando,  
Um só imperador, cruel, nefando  
Achar egual a ti em vão intento!

O cruel Theodorico, o vingativo,  
Do sacerdote assim que a voz ouvia  
Clemente se tornava e compassivo.

Mas este bruto, sem respeito ao dia  
Da paixão do Senhor, memorativo,  
Farta-se em sangue humano e se gloria!

Tenebroso amanhece o fatal dia,  
 Que vinte e um de março se contava,  
 Quando a paixão de Christo se chorava,  
 E que o povo christão mais se alligia ;

N'um tempo do perão, ó sorte impia !  
 Tempo que a religião santificava,  
 E que rei mais cruel, sim, costumava,  
 Da morte perdoar quem delinquia :

Ao contrario, o tyranno alçando o braço,  
 Sacrilego, raivoso, encarniçado,  
 Ao collo aperta de Agostinho o laço.

Que é da clemencia deste bruto irado ?  
 Inda chamam christão a um tal devasso  
 Que de sangue enlutou tempo sagrado ?

\* \* \*

Morreu ! porém não morre na memoria  
 De illustre heroe altas façanhas ;  
 Pela patria empreendeu marciaes campanhas  
 Alcançando-lhe as palmas da victoria.

De Dias descendente a quem a historia  
 Applicou á Pernambuco açções extranhas,  
 Deixa o grande Agostinho, á patria ganhas  
 Mil grinaldas exalsas d'ouro e gloria.

No seu sepulchro p'ra futura idade,  
 Pernambuco saudoso d'ora em vante,  
 Este insigne epitaphio gravar ha de :

« Aqui jaz um heroe, firme, constante,  
 « Um capitão da patria e liberdade,  
 « Agostinho Bezerra Cavalcanti !

## A MORTE DO CANECA

(1825)

Preclarissimo heroe d'alto portento,  
Da Patria defensor, sem ter segundo,  
O Caneça immortal, sabio profundo,  
Já do vil despotismo fica isento.

Um impulso feroz, cruel, violento,  
De implacavel ministro furibundo,  
Em commissão fatal o tira ao mundo,  
Roubando-lhe o vital ultimo alento.

Q'horroroso destino! Ah! sorte dura!  
Terrivel despotismo, monstro horrendo,  
O sabio arroja á fria sepultura.

Mas apenas lhe dão golpe tremendo,  
Vôa su'alma aos astros, certa e pura,  
E fica no mundo a fama revivendo.

\* \* \*

Morreu! Tinha os seus dias consagrado  
Em prol da patria, em prol da humanidade,  
Satellite fiel da liberdade  
Caro a Pallas, das musas embalado.

Marcando ora do globo o espaço dado,  
Sabias lições dictava á mocidade,  
Ora destro piloto em tempestade,  
Guiava afoito ao porto a náu do Estado.

Deixa, Olinda, correr o triste pranto;  
Perdeste um sabio: as vistas eclipsaram  
Nesse dia fatal de chorar tanto.

Té mesmo os insensiveis se abalaram,  
O dia revestio de negro manto,  
Gemeu natura, as Pallas trovejaram!

## FALA O REO DO PATIBULO

(1825)

Não creias, ó despota inhumano,  
Que o patibulo assusta um peito forte,  
Amor da Patria, despreso á morte,  
Caracter sempre foi pernambucano.

Si pensas hoje, perfido tyranno  
Firmar-te contra nós, vibrando o côrte,  
Enganas-te, pois se dilata a nossa sorte  
Do teu fim o direito soberano.

Rasga com ferro agudo o livre peito,  
Onde não reinas, o punhal enterra  
Mas te não ha de valer tão duro feito.

Ha de o sangue que vés tingir a terra,  
Heróes mil produzir a teu despeito,  
A Patria libertar, fazer-te guerra.

O movimento revolucionario posto em campo, no Ceará, em 1831, por Joaquim Pinto Madeira, a pretexto de ter sido o imperador D. Pedro I forçado a abdicar, e hasteando a bandeira da restauração do seu reinado, ramificou-se pelo centro até Pernambuco, onde chegou mesmo a crear alguns partidarios, mas nada conseguiu.

A seguinte quadra dessa época, originaria do sertão, parece indicar que se protendeu alliciar partidarios a dinheiro, nessas remotas paragens:

Senhor Pinto Madeira,  
Eu não quero seu dinheiro;  
Só quero tirar-lhe a vida  
Na bocca do granadeiro.

Como que um protesto levantado contra as tendencias restauradoras, nessa época, encontramos estes versos patrióticos:

Sustentar a Independencia,  
Manter a Constituição,  
Defender a Liberdade  
E' dever do Cidadão.

Na época da maioridade de D. Pedro II, declarada em 1841, appareceu esta quadra, que foi diversamente glosada, segundo o sabor partidario dos seus autores:

Por subir Pedrinho ao throno  
Não fique o povo contente ;  
Não pôde ser cousa boa  
Servindo com a mesma gente.

Francisco do Rego Barros, depois barão e conde da Bôa Vista, que dirigiu por duas vezes a administração da provincia, muito soffreu dos seus desaffectedos politicos, apesar da benemerencia do seu nome pelos grandiosos serviços que prestou á sua terra natal.

Os jornaes da opposição, nessa época, estão cheios de artigos contra elle, e de versos humoristicos e picantes, muitas vezes, até mesmo, atacando a sua propria reputação ; mas esses versos não têm logar neste nosso estudo.

Encontrámos, porém, collidos na tradição popular, os seguintes, de um lundú, que teve muita voga, no seu tempo, composto na época da sua segunda presidencia (1841—1844) quando já tinha o titulo de barão, donde vem o qualificativo de *baronista* dado aos seus partidarios:

Mandei fazer um balaio  
Das barbas de um baronista :  
Para embarcar o balaio,  
Meu bem,  
D'aqui para a Bôa Vista.

## ESTRIBILHO

Balaio, meu bem, balaio,  
 Balaio do coração,  
 Quem tiver o seu balaio  
 Não saia com elle não,  
 Quo os rapazes são travessos  
 Botam o balaio no chão.

Mandei fazer um balaio  
 Das barbas de um camarão,  
 Para embarcar o balaio,  
 Meu lem,  
 Daqui para o Maranhão.

Mandei fazer um balaio  
 Das cascas de uma cajá,  
 Para embarcar o balaio,  
 Meu bem,  
 Daqui para o Pará.

São também da mesma época estes versos :

Mandei fazer um balaio  
 Das barbas de um camarão,  
 Como o camarão é velho,  
 Não quero balaio, não.

Encontrámos uma variante desta estrophe na chula bahiana  
 — *Mandei fazer um balaio*, — assim lançada :

Mandei fazer um balaio  
 Das barbas do camarão ;  
 Balaio sahio pequeno,  
 Não quero balaio, não.

Atacava-se por esse tempo o predomínio da familia Caval-  
 canti, pela sua influencia nos negocios politicos de Pernambuco,  
 e occupação dos seus mais importantes cargos. Não vom

agora ao caso discutir este accidente histórico, por estranho aos moldes deste nosso estudo. O que é certo, é que então eram como que proverbiaes em Pernambuco estes versos :

Aquelle que a Pernambuco  
Presidente fôr mandado,  
Ou ha de ser Cavalcanti,  
Ou ha de ser cavalgado.

E estes outros ainda mais vulgares:

Quem viver em Pernambuco  
Deve estar desenganado ;  
Que ou ha de ser Cavalcanti,  
Ou ha de ser cavalgado.

Esta quadrinha geralmente attribuida ao Dr. Jeronymo Villela de Castro Tavares, remonta-se, talvez, ao tempo da administração de Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, depois visconde de Suassuna, em 1835-1837.

Effectivamente, o *Diario Novo* a publica em 4 de setembro de 1849, dizendo que, — já em 1836 a repetia um honrado velho em Olinda ; — e o periodico *O Sete de Setembro* a publica em seu n. 11 de 1845, rebatendo — a infundada predominancia da familia Cavalcanti.

Annos decorridos, quando tambem se quiz atacar o predomínio da familia *Souza Leão*, teve muito curso esta quadrinha, na qual se faz uma allusão á casa de Carauna, em Jaboatão:

Os leões veneziquos  
Tinham azas, por signal ;  
Os leões de Carauna,  
Gravidade natural...

Dos annos de 1818, quando mais se accentuou o embate politico entre Praceiros e Guabirús, denominados depois, Liberaes e Conservadores, do que proveiu lançar os primeiros mão das

armas e pôr em campo a mallograda e funesta Revolução Prae-ira, diziam depois num concerto de odiosidades:

Machado que corta lenha  
 Tambem corta mulungú ;  
 Praeiro que tem vergonha  
 Não fala com guabirú.

\* \* \*

Na sua faina ainda de poetar sempre e de tudo chasquear e fazer espirito, tem o povo em linguagem predilecta e propriamente sua, estabelecido, como que uns tantos brocardos ou sentenças com relação aos nomes proprios e appellidos, quer de familia, quer domesticos, e respostas adequadas e rimadas sobre certas perguntas e phrases empregadas no correr de uma conversa ou altercação, bem como nos diversos lances do jogo de cartas, o que é muito commum, original e de bastante espirito e agudeza.

Neste immenso concerto de expansões populares, são de um caracteristico proprio as solennizações a *saudes* em banquetes, hoje quasi que em completo desuso, ou antes, absolutamente abolidas.

Sylvio Roméro, nos seus *Estudos sobre a poesia popular*, considera, muito acertadamente, as solennizações, os brindes, ou mais vulgarmente, *saúdes*, levantados nos nossos banquetes burguezes, como objecto que tem seu logar na historia da poesia popular, e a este respeito escreve o seguinte no seu alludido livro :

« Comquanto não se nos tenham ainda deparado nas colleções de cantos populares que temos podido consultar, certos versinhos, que costumam acompanhar as *saúdes* nos banquetes, todavia não deixam elles de ser uma das manifestações, ainda que das mais acanhadas, da poesia popular ; e por isso aqui indicamos alguns fragmentos dos que se costumam cantar em nossos *fantares burguezes*. Como a cousa se passa é sabido: *alguem faz uma saúde, e por via de regra, a solenniza cantando.* »

Consig nando depois alguns dos versos mais vulgares de taes solennizações de saúdes, registra entre outros, os seguintes,

**muito conhecidos entre nós ao tempo em que isso tinha o seu lugar:**

Como canta o papagaio ?  
 Como canta o papagaio ?  
 O papagaio, o papagaio,  
 O papagaio canta assim:  
 —Grô, grô, grô, grô.

Como canta o periquito ?  
 Como canta o periquito ?  
 O periquito, o periquito,  
 O periquito canta assim:  
 —Gré, gré, gré, gré.

O gato amarrado  
 Dá para miar,  
 A boa Champanha  
 Dá para lançar.  
 Este é o gato  
 Que pegou o rato:  
 Que roeu a roupa  
 Que estava na corda,  
 Que amarrava a bota:  
 Bota vinho, bota,  
 Vira, vira, vira !...

**Por nossa vez recolhemos estes:**

Encontrei com Santo Antonio  
 Na ladeira do Pilar,  
 Gritando em altas vozes:  
 —Este copo é de virar !

Toque lá, e toque cá,  
 Este copo é de virar ;  
 Toque cá, e toque lá,  
 Satisfeito ha de ficar.

O que faz a minha gloria  
E' a mulher do visinho ;  
Mas quando bebo seu vinho  
Completo minha victoria.  
Até com risco de vida,  
Viva a cousa prohibida.

O roxo vinho  
Corra nas tripas,  
Mande-nos Baccho  
Delle com pipas.

Bebamos, companheiros,  
Bebamos, companheiros,  
O succo da uva,  
O vinho verdadeiro.

---



## Romanceiro

### DONA ANNA DOS CABELLOS DE OURO (1)

Estava a bella infanta  
No seu jardim assentada,  
De pente d'ouro na mão  
Seus cabellos penteava.

Deitou os olhos ao mar,  
E viu uma grande armada,  
Capitão que nella vinha  
A trazia bem guiada.

Nisto, a frota dando ferro  
Deitou a gente na terra ;  
Cavalleiro disfarçado  
Ao pé da princeza ferra.

---

(1) Garrett publica esta xacara no seu *Cancioneiro* com o titulo de *Bella Infanta*, que á seu juizo—tem por assumpto um successo ligado com a guerra das cruzadas.—e por isso muito interessante ; consigna depois uma variante, que lho parece uma versão mais moderna do original antigo, e em seguida uns fragmentos da lição castelhana.

Essas versões, porém, são muito resumidas, em vista da nossa, que é completa, e vantajosamente se desenvolve em particularidades e incidentes novos.

E' tambem muito resumida uma versão do Rio de Janeiro, com o titulo de *Dona Infanta*, recolhida por Sylvio Roméro, e publicada nos seus *Cantos Populares*.

— Diz-me lá, ó capitão,  
Diz-me lá pela tu'alma,  
Si o amor que Deus me deu  
Em tua armada se acha ?

« Não o vi, não o conheço,  
Nem sei quo signaes levava.  
— Levava cavallo branco,  
Bom cavallo que alvejava

Na ponta de sua lança,  
Uma flammula encarnada,  
No arção da sua sella,  
A cruz do Christo dourada.

« Pelos signaes que me dais,  
Eu o vi morrer na guerra,  
Levou tantas adagadas,  
Até que rojou por terra.

— Ai ! triste de mim, viuva !  
Ai ! triste de mim, coitada !  
De tres irmãos que nós somos,  
Eu fui a mais desgraçada !

« Tinha cortada a cabeça,  
Em sangue banhado eu vi ;  
Que darieis, vós, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— Tres filhas que Deus me deu  
Todas tres ou dera a ti,  
E seus dotes bem contados,  
Primeiro vereis ahí.

Uma para te vestir,  
Outra para te calçar,  
E a mais bonita dellas  
Para contigo casar.

« Não quero as vossas filhas,  
 Que não pertencem a mim ;  
 Que darieis, pois, senhora,  
 A quem o trouxesse aqui ?

— As telhas do meu telhado,  
 Que são de ouro e marfim,  
 O meu palacio de esmaltes  
 Com o seu florido jardim.

« Não quero as vossas telhas,  
 Nem o palacio e o jardim ;  
 Que darieis, pois, senhora,  
 A quem o trouxesse aqui ?

— De sete quintas que tenho,  
 Todas ellas dora a ti,  
 Treze fontes prateadas  
 Com seus tanques de rubi.

« Não quero as vossas quintas,  
 Nem seus tanques de rubi ;  
 Que darieis, pois, senhora,  
 A quem o trouxesse aqui ?

— De tres lezirias que tenho,  
 Todas tres tirara a mim,  
 Dava mais, do pé direito,  
 O meu bordado chapim.

« Não quero vossas lezirias,  
 Nem tambem vosso chapim ;  
 Que darieis, pois, senhora.  
 A quem o trouxesse aqui ?

— De dois campos que possui,  
 Ambos elles dera a ti,  
 Manadas de bravos touros,  
 Poldros criados alli.

« Não quero os vossos campos,  
Nem o seu gado p'ra mim ;  
Que darieis, pois, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— O lago da herdade antiga,  
Os peixes que tem em si ;  
Dou-te o frondente chorão,  
Que de sombra serve alli.

« Não quero o vosso lago,  
Nem os peixes que tem em si ;  
Que darieis, pois, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— Dois curraes cheios de gado,  
Ambos elles dera a ti,  
Um tom dentro cordeirinhos  
Vereis vaccas n'outro ahi.

« Não quero esses curraes,  
Nem o gado que tem ahi ;  
Que darieis, pois, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— Minhas joias valiosas,  
Só mais tenho que te dar ;  
E com ellas juntamente,  
Este meu melhor collar.

« Não quero as vossas joias,  
Que não pertencem a mim ;  
Que darieis, pois, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— Mandarei fazer na China  
Para ti, um palanquim,  
Todo estofado, com gosto,  
Do mais lustroso setim.

« Eu não quero uma tal cousa,  
Que não tendes, nem eu vi ;  
Que darieis, pois, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— Queres ser nobre e fidalgo.  
Ter do rei o valimento ?  
Tudo em breve alcançarei  
Si é mister ao teu intento.

« Eu não quero ser fidalgo,  
Que isto não cabe em mim ;  
Que darieis, pois, senhora,  
A quem o trouxesse aqui ?

— Já não tenho mais que dar,  
Nem vós que pedir a mim ;  
Vou dizer: toquem os sinos,  
E me vestir de lapim.

« Não deveis chorar tão cedo  
Inda tendes que offrecer ;  
Conheceis o que é amar...  
Póde muito aqui valer.

— Dize, pois, ó capitão,  
Quaes são os intentos teus ?  
Dei-te filhas, bens e honras,  
Queres mais agrados meus ?

« Tudo quanto has promettido  
Não tem valor d'um ceutil ;  
Só quero de vós, senhora,  
O vosso corpo gentil.

— Ai! pobre de mim, viuva,  
Ai! pobre de mim, coitada !  
Até aqui era senhora,  
Agora sou insultada !

« Vêde, pois, que pouco peço,  
Um abraço, um doce boijo ;  
**E' com isso que se compra**  
**Esse amor do teu desejo.**

— Cavalleiro, que tal diz,  
Mercede a cabeça fóra,  
E primeiro lhe espicasse  
O torpe corpo uma espóra.

« Ai ! triste de mim, viuva,  
Ai ! triste de mim, coitada !  
Até aqui oram só sustos,  
Mas vou ser mui bem vingada.

— Acudam, criados meus !  
Venham todos acudir !  
Prendam este cavalleiro  
Seductor, que vêdes aqui.

« Eil-o ahi, servos, predeí-o,  
Devendo no chão rojal-o,  
A' roda do meu jardim,  
A' cauda do mou cavallo.

• Não quizeram os criados  
Nesse lance obedecer,  
Instruidos eram já,  
Fazendo não conhecer.

— Ai ! triste de mim, viuva,  
Ai ! triste de mim, coitada !  
Até aqui era senhora,  
Agora sou despresada.

« Vêde, senhora, a constancia,  
Que vos mostro em meus amores ;  
Nada temo o que mandardos,  
Escarneço esses rigores.

— Retirai-vos, cavalleiro,  
Retirai-vos já d'aqui,  
Que vem meus irmãos da caça,  
Não quero nos vejim ahi.

« Não temo vossos irmãos,  
Pois cunhados são de mi ;  
Nada temo ! e tenho provas,  
Que todo pertengo a ti.

— Um anel do sete pedras,  
Que contigo reparti,  
Quando á guerra camilhei  
Despedindo-me de ti ;

« Mostra lá tua metade,  
Pois a minha tenho aqui :  
Diz, ó Anna, si me dás  
Tudo quanto te pedi ?

— Tua fê, tua constancia,  
Valem mais do que thesouros !  
Vê tambem, como guardei  
Teus lindos cabellos louros !

« Si tu eras meu marido,  
Para que me atormentavas ?  
Não bastaram tantas provas  
Quando zelos inventavas ?

— Quiz provar si o teu amor  
Era só meu, coração ;  
Enganei-te, mas por isso,  
A teus pés, peço perdão.

« Que fazes, ó vida minha !  
Não sou eu tua mulher ?  
Praticando assim bom mostras  
Que tu'alma inda me quer.

— Tuas experiencias foram  
 Proprias só dos bons maridos ;  
 Juremos, pois, de morrermos,  
 Um ao outro bem unidos.

## LIZARDA (1)

No jardim de seu recreio  
 Passeiava uma donzella,  
 Tão linda, como engraçada,  
 Mais que as mesmas flores, bella.  
 O seu nome era Lizarda,  
 Filha unica e herdeira,  
 Filha d'el-roi de Aragão  
 Por ser da casa a primeira.  
 Uma tarde, indo a passeio  
 Ella mais suas criadas,  
 Em um jardim sobranceiro  
 O principe na caça estava.  
 E Lizarda poz-lhe os olhos,  
 Tão simples como innocentes,  
 Por quem em settas de amores  
 Seu peito ferido sente.  
 Já seu coração não para,  
 Ou rendido se confessa,  
 E a falar com suas damas  
 Nestas palavras começa:

---

(1) A' pag. 79 do *Romanço* de Theophilo Braga, vem um romance com o titulo de *Dona Lizarda*, versão da Beira Baixa, em Portugal, que nada tem de paridade com as nossas versões do Recife.

Em nota a esse romance, diz o seguinte o referido escriptor:

« A variante de *Dona Lizarda* (Duran, romance de *Dona Aliarda*, n. 329) parece-se muito com a *Albaninha* da lição de Garrett, (T. III pag. 15) principalmente nos gabos do cavalleiro.

Trata-se, portanto, de composições completamente diferentes, si bem que, de titulos um tanto semelhantes.

— Até agora, minhas damas  
Vivia quieto o meu peito,  
Pois, o cego dous do amor  
Seus tiros não tinha feito.  
Sem attender quem eu sou,  
Ponho em risco a minha fama,  
E sem nella reparar  
Ao principe falar me vou.  
Nisto logo lhe acudiu  
Sua mais querida dama :  
« Detenha-se vossa alteza,  
Advirto-lhe, não convem  
Que semelhante passo dê  
Em troca de querer bem ;  
E' necessario primeiro,  
Do principe o intento vér  
Para então poder seguir,  
E declarar seu bem querer.

— Dizes bem, querida dama ;  
Disfarçai-me entre estas flores,  
E do principe ide saber  
Si por mim morre de amores.  
« Do mais alto destes montes,  
Aqui dentro do jardim,  
Vi uma flor, si não me engano,  
Pareceu-me ser jasmim.

— Esse jasmim, meu senhor,  
Que procura vossa alteza,  
E' deste jardim senhora,  
E deste reino princeza,  
« Dizei-me bella ramada,  
Onde essa flor se encerra,  
Porque ferido de amores  
Arde o meu peito em guerra.  
Desde que essa flor eu vi,  
Tão doudo por ella estou,  
Que não sei de onde vim,  
E nem sei para onde vou.

— Nisto, senhor Dom João,  
 Haja segredo e cautela,  
 Qu'eu lhe dou minha palavra  
 Ser sua essa florinha bella.  
 « Esta joia, bella dama,  
 De atviçaras te offereço ;  
 Se me deres a lograr  
 Essa flor de tanto aprego.  
 Ide-vos, bella criada,  
 E dizei ao seraphim,  
 que á noite, sem falta estou  
 A' porta do seu jardim.

— Já vossa alteza, senhora,  
 Pô te estar mui bem segura,  
 que de amores venturosos  
 Gosa já sua ventura.  
 « Ide logo, bella dama,  
 Minhas joias ajuntar.  
 Que esta noute eu pretendo  
 Com o principe me ausentar.  
 O' sol que estais raiando,  
 E luz ao mundo estais dando,  
 Apressai vossa carreira  
 Qu'eu de amor estou findando.  
 No pateo do meu jardim,  
 Ouço passos, quem será ?  
 E' a joia por quem me rendo,  
 E dentro em meu peito está.

— Estais aqui, querida amante,  
 Minha affeição adorada ?  
 « Estou aqui, luz dos meus olhos,  
 Minha prenda mais amada.

— Vinde cá, bella princeza,  
 Montai aqui neste cavallo,  
 Onde podeis ir segura  
 E sem o menor abalo.  
 « Adeus, palacio, adeus, jardim,  
 Onde eu me divertia ;

Adeus, ó pae de minh'alma,  
 Adeus, mãe de minha vida,  
 Que para sempre se aparta  
 Tua prenda mais querida.  
 Bem sei que o nome de ingrata  
 Tem a minha crueldade,  
 Por deixar quem me creou  
**Em uma tão pouca idade.**  
 Adeus, adeus, rouxinol  
 Que cantais ao meio dia ;  
 Si meu pai te perguntar,  
 Pelo bem que me queria,  
 Dizei-lhe : — que o amor me leva,  
 Mas que a culpa não é minha.

## A PRINCEZA D. LIZARDA

(Variante)

No jardim de seu recreio  
 Passeiava uma donzella,  
 Tão linda, tão engraçada,  
 Mesmo mais que as flores bella.  
 Seu nome era Lizarda  
 Filha e unica herdeira,  
 Filha de el-rei de Aragão  
 Por ser da casa a primeira.  
 Seus desvelos e cuidados  
 Eram o jardim de flores,  
 Pois'té ali não sabia  
 Que havia o deus de amores.  
**Entre rosas e mais flores**  
 A dama se divertia ;  
 Em correntes de crystal  
 Alegre passava o dia.  
 Indo uma tarde ao campo,  
 Junto a um monte que alli estava,

Em um jardim sobranceiro,  
Um príncipe á caça andava.  
Lizarda lhe poz os olhos  
Tão simples, como innocentes,  
Porém de settas de amores  
Seu peito ferido sente.  
Seu coração já não para  
De rendido se confessa,  
E do amor, com a sua dama,  
Estas palavras começa :  
— Até agora, minha dama,  
Vivia quieto o meu peito ;  
Porque o deus dos amores  
Seus tiros não tinha feito.  
Ponho em risco a minha fama,  
Sem attender quem eu sou,  
A' porta do seu jardim  
A' noite falar-lhe vou.  
« Detenha-se vossa alteza  
Divirta que não convem,  
Tanto passeiar em secco  
A troco de um querer bem.  
E' necessario primeiro  
Do príncipe os intentos vér,  
Para então poder sogura  
Declarar seu bem querer.  
— Dizes bom, querida dama,  
Disfarçarei entro as flores,  
E do príncipe vai saber  
Si por mim morre de amores.  
« Tomo isto a minha conta,  
E detenha-se vossa alteza ;  
A passos cheios andando,  
Irei com toda a presteza.  
.....  
— Vinde, vinde, bella dama,  
Que vos quero perguntar,  
Que caminho é este aqui,

Qu'eu não sei onde vai dar.  
Eu não sei por onde irei,  
Nem mesmo por onde vim,  
Por causa de uma bella flor  
Que vi naquelle jardim.  
Essa flor, si não me engano,  
Que vi naquelle jardim,  
Essa flor si não me engano  
Pareceu-me ser jasmim.  
Desde quo tal jasmim vi  
Tão perdido me doixou,  
Que não sei de onde vim,  
E nem sei para onde vou.  
Dizei-me, dama galharda,  
Onde essa flor se encerra,  
Porque com settas de amor  
Todo meu peito é guerra.  
« Esso jasmim, meu senhor,  
Que procura vossa alteza,  
E' deste jardim senhora  
E deste reino princeza.  
Louquinha de amor me disse,  
Si algum bem vós lhe quereis,  
Na porta do seu jardim  
De noite falar-lhe ireis.  
— Esta joia, bella dama,  
De alviçaras tô offereço,  
Si eu chegar a lograr  
Uma flor que não mereço.  
« Diga, senhor, não me engane,  
Sous passos, sua tenção?  
— As vias por que eu venho  
No meu coração estão.  
« Adeus, senhor Dom João,  
Haja segredo o cautola,  
Que lhe dou minha palavra  
De ser sua essa flor bella.  
— Adeus, minha rica dama,

Dizei ao meu seraphim,  
Que á noite sem falta estou  
Na porta do seu jardim.

.....  
« Agora sim, vossa alteza,  
Já pôde viver segura,  
Que de amores venturosos  
Logra já sua ventura.  
— Cala-te querida dama,  
Não m'o digas, porqu'estou  
Tão perdida pelo principe  
Que quasi morrendo estou.  
Suas palavras ouvi,  
E tão cadernas ficarão  
Escriptas no meu sentido,  
Que jamais se apagarão.  
Trata já e sem demora  
As minhas joia de ajuntar,  
Que esta noite pretendo  
Com o principe me ausentar.  
Noite de mim desejada,  
Com tuas sombras escuras,  
Permitti que venturosa  
Gose das minhas venturas.  
O' sol que os raios teus  
Luzes ao mundo vem dando,  
Apressai tua carreira  
Que eu de amor estou penando.

.....  
— A' porta do meu jardim  
Ouço passos, quem será?  
E' a flor por quem eu morro,  
Que em meu peito está?  
« Estaes ahi, bella princeza,  
Minha feição adorada?  
— Estou aqui, flor dos meus olhos,  
Minha rica prenda amada.  
« Dai-me cá estes teus braços,

Pois eu nelles quero vêr  
Si posso apagar as chammas,  
Que em meu peito sinto arder.  
—Aqui tendes vós os braços  
E tambem o coração,  
E juntamente depois  
De esposa a minha mão.  
« Vinde cá, bella princeza,  
Montai aqui neste cavallo,  
No qual bem segura ireis  
Sem perigo, nem abalo.  
—Adeus, palacio real !  
Adeus, jardim ! adeus, flores !  
Que por ser amante firme  
Me leva o deus dos amores.  
Adeus, pae da minha alma,  
Adeus, mãe da minha vida,  
Que para sempre se aparta  
Vessa prenda mais querida.  
Bem sei que o nome de ingrata  
Requer minha crueldade,  
De deixar quem me creou  
Em uma tão pouca idade.  
Quem melhor quizer saber  
Partes da minha fugida,  
Pergunte a quem tem amores  
Pois que eu dellos vou perdida.

## RICO FRANCO

Altas torres tem Toledo  
Mais altas que as de Granada,  
Onde se creou Ignez  
Filha de el-rei Dom Rodrigo.  
Seu pae não a dera a condes,  
Nem a duques, nem a reis,

Nem a dera por dinheiro  
Que se contasse num moz.  
Rico Franco, porém, vondo-a,  
Carregou-a de uma vez,  
Mas a moça ia chorando  
Lagrimas de tres em tres.  
—De que chorais, vós, senhora,  
Senhora minha Dona Ignez ?  
Si chorais por pae e mãe  
Nunca mais haveis de os vêr ;  
Si chorais vossos irmãos,  
Já matei a todos tres.  
« Eu não choro pae e mãe  
Nem aos tres irmãos que tinha ;  
Choro a minha desventura,  
Que não sei qual ha de ser.  
—Vossa ventura, senhora,  
Eu vol-a quero dizer :  
De noite, commigo aos braços,  
De dia, comer, beber.  
« Dai-me lá, ó Rico Franco  
O teu punhal vianez,  
Quero descoser a barra  
Que a minha mãe me fez.  
Rico Franco como fidalgo,  
E fidalgo mui cortez,  
Toma o punhal pela ponta,  
E pelas cruces lhe deu.  
—Esta vai por pae e mãe  
E por tres irmãos que tinha,  
E por minha desventura,  
Que não sei qual ha de ser.  
« Ai ! que me matas, senhora,  
Senhora minha Dona Ignez ;  
Neste castello sombrio,  
Neste monte tão escuro.  
Quem volver vos tornará  
Para o reino de vosso pae ?

—Os corceis que nos trouxeram  
Me tornarão a volver  
Para o reino de meu paó,  
Onde a Ignez viu naseer.

## D. EDUARDO

Dom Eduardo era conde,  
Bem nascido e bem criado,  
E namorou-se da princeza  
Senhora de grande estado.  
Uma noite, alta noite,  
Começou elle a tocar,  
E erguendo logo a voz  
Entoa um bello cantar,  
Acordando então el-rei  
Poz-se attento a escutar ;  
— Acordai bella princeza,  
Do teu lindo resonar ;  
Vinde ouvir anjos do céo,  
Ou as sereias do mar.  
« Si fôr um anjo do céo,  
A minh'alma lhe quero dar ;  
Si fôr do mar a sereia  
Lhe quero mandar buscar.  
— Anjo do céo não é  
Para vossa alma lhe dar ;  
Nem é sereia do mar  
Para el-rei mandar buscar :  
E' o conde Dom Eduardo,  
Que contigo quer casar.  
Nisto el-rei que tudo ouvia,  
Da sua alcova real,  
Ergueu-se e pronunciou  
Esta sentença formal :  
« Si fôr o conde Dom Eduardo

Eu o mandarei matar,  
E por fidalgos desta côrte  
O mandarei arrastar.  
A princeza que isto ouviu  
Partiu logo a o avisar :  
— Vá embora Dom Eduardo  
Que meu pae o quer matar ;  
Vá embora Dom Eduardo,  
Que eu não o posso livrar.  
Dom Eduardo foi embora,  
Em longe terra foi casar,  
E ao cabo de sete annos  
A princeza o foi buscar,  
Em trajos de peregrina  
Bem cançadinha de andar ;  
E pelos signaes que lhe deram  
Em sua porta foi dar.

« Está em casa Dom Eduardo ?

— Não senhor que foi caçar.

« Levantem-se as bandeiras,  
Que é o signal que se dá,  
Bandeiras bem levantadas,  
Dom Eduardo na porta está.

— Deus vos salve, senhoras  
A vós ambas por igual.

. . . . .  
« Quando eu era solteiro  
Não me soubeste amar ;  
Agora que sou casado,  
Tenho filhos p'ra criar.  
A princeza que isto ouviu,  
Ahi se deixou findar,  
E Dom Eduardo pegou nella  
Para logo a levantar,  
E apertando a sua mão  
Ahi se deixou findar ;  
E a viuva como discreta  
Logo os mandou enterrar.

Na cova da bella infanta  
 Nasceu uma linda ermida  
 E na cova de Dom Eduardo  
 Nasceu um formoso altar,  
 Com um lotreiro que dizia :  
*Amar e saber amar ;*  
*Quem morrer de mal de amores*  
*Aqui venha se enterrar.*

## D. CARLOS DE MONTEALBAR (4)

— Linda cara tem o conde  
 Para commigo brincar.  
 « Mais linda tendes, senhora,  
 Para commigo casar.  
 Veiu um caçador e disse :  
 — A el-rei irei contar,  
 Que apanhei a Claralinda  
 Com D. Carlos a brincar.  
 « Vem cá, meu caçador,  
 Caçadorzinho real,  
 Darei-te villas de França,  
 Que não possas governar,  
 Darei-te prima carnal  
 Para contigo casar.  
 — Não quero villas de França,  
 Nem sua prima carnal  
 Para com ella casar ;

---

(4) Esta versão é de Pajehú de Flores, recolhida por Celso de Magalhães e publicada por Sylvio Roméro nos seus *Cantos Populares*.

Theophilo Braga publica tambem (*Romanceiro*, pag. 79) um *Romance de D. Carlos de Montecalbar*, segundo umas versões do Porto e da Beira Alta, que vai além da scena da morte do delator, onde termina a versão pernambucana, contendo, portanto, uma segunda parte complementar do romance.

Vide os citados *Cantos*, de Sylvio Roméro, T. II, pag. 165.

A el-rei irei contar,  
Mais tom elle que me dar.

. . . . .

Apanhei a Claralinda  
Com D. Carlos a brincar.  
De abraços e boquinhãs,  
Não podiam desgarrar,  
Da cintura para baixo  
Não tenho que lhe contar.  
— Si me disseses occulto,  
Posto te havia de dar,  
Como disseses ao publico  
Vai-te já a degollar.  
Ide, guardas já prender  
D. Carlos do Montealbar,  
De mulas acavalgadas  
Que lhe pesem um quintal;  
Dizei a seu tio bispo  
Que o venha confessar.  
« Deus vos salvo, Clarazinha,  
Rainha de Portugal,  
D. Carlos manda dizer  
Que o saias a mirar  
Inda que a alma delle pene  
A sua não penará.  
— Levanta-te, Claralinda,  
Rainha de Portugal,  
Ide defender D. Carlos  
Para não ir a enforcár.  
« Que ganhaste, mexeriqueiro,  
A meu pae om ir contar?  
— Ganhei a forca, senhora,  
Della me queiras livrar.

## DONA BRANCA (1)

(Versão de Goyanna)

Estava Dona Branca  
 Servindo a mesa a seu pai,  
 Com sua saia arregaçada,  
 E sua barriga empinada.  
 — Que tendes vós, Dona Branca,  
 Que vos vejo demudada?  
 « Agua fria, senhor pae,  
 Que bebo de madrugada.  
 — Mandai chamar os doutores  
 Para virem vos curar.  
 .....  
 « Os doutores me disseram,  
 Dona Branca estar pejada,  
 E filha assim criminosa  
 Só merece ser queimada.  
 — Si eu tivesse um pagemzinho,  
 Um pagemzinho leal,  
 Mandaria uma carta  
 A Dom Carlos de Monteval.  
 — Senhora, fazei a carta  
 Que eu a irei levar;  
 Viagem de oito dias  
 Eu farei em um jantar.  
 Dom Carlos abrindo a carta,  
 Poz-se a lêr e a chorar,

---

(1) Este romance figura nos *Cantos Populares* de Sylvio Romero, com o mesmo titulo, segundo uma versão de Sergipe, e no *Romanço* de Th. Braga com o titulo de *Dona Lisarda*, e mais uma versão com o de *Dona Arerá*, como variantes do *Romanço de D. Carlos de Montealbar*, de cujo assumpto se occupa em uma annotação; e ainda depois nos *Cantos* de Romero, que lhe coube prefaciá e annotar, em que consigna mais uma versão portugueza originaria de Colérico de Basto.

E dava pulos em terra  
 Como galera no mar.  
 A c'rôa mandou fazer,  
 A barba mandou raspar.  
 Vestiu-se em trajes de clerigo  
 E poz-se logo a caminhar.  
 « Justiça, minha justiça,  
 Minha justiça real ;  
 Essa infanta que ahi vai,  
 Inda vai por confessar.  
 Lá num certo mandamento,  
 Um beijinho lhe quiz dar :  
 — Bocca que Dom Carlos beijou,  
 Não é p'ra outro beijar.  
 « Me diga, minha menina,  
 Minha menina real.  
 Si não teve outros amores,  
 Sinão Carlos de Monteval ?  
 — Juro por Jesus do céu  
 E os santos do altar,  
 Como não tive outros amores  
 Sinão Carlos de Monteval.  
 « Justiça, minha justiça,  
 Minha justiça real,  
 Esta infanta que aqui vai,  
 Meus palacios vai gozar.  
 A fogueira que ahi arde,  
 E' para seu pae se queimar.

## DONA BRANCA

(Variante do Recife)

Estava Dona Branca  
 Servindo á mesa a seu pae,  
 Com a saia levantada  
 E a barriga empinada.

— O que tendes Dona Branca  
Que da côr estais mudada ?  
« Isto foi um jarro d'agua  
Que bebi de madrugada.  
Manda el-rei chamar os medicos  
Que moravam na cidade,  
E todos elles disseram :  
Dona Branca está pejada.  
— Homem de Deus não mintais,  
Não mintais, por caridade ;  
Isto foi um jarro d'agua  
Que bebi de madrugada.  
As parteiras vêm tambem  
Correndo á real chamada,  
E todas ellas respondem :  
« Dona Branca está pejada.  
— Parteiras não mintais, não,  
Não mintais por caridade ;  
Isto foi um jarro d'agua  
Que bebi de madrugada.  
« Filha que faz isto ao pae  
Bem merece ser queimada,  
Por sete carros de lenha  
E por mim bem atçados.  
Filha que faz isto ao pae  
Bem merece ser degolada,  
Por sete folhas de navalhas,  
E por mim bem afiadas.  
Dona Branca entrou p'ra o quarto  
E poz-se logo a chorar ;  
— Si eu tivesse um criado  
Que servisse aos meus mandados  
A' Dom Carlos de Monteval  
Uma carta mandaria.  
Desceu um anjo do céu  
Em trajos de um criado :  
« Fazei a carta, senhora.  
Que levarei a Dom Carlos ;

Viagem de quinze dias  
Vos farei em um jantar.  
— Si elle estiver dormindo,  
Deixai-o primeiro acordar ;  
Si elle estiver jantando,  
Deixai-o primeiro acabar.  
« Abram-se portas, varandas,  
Janellas de par em par,  
Que a Dom Carlos de Monteval  
Esta carta quero dar.  
Dom Carlos abrindo a carta,  
Poz-se a lèr, poz-se a chorar,  
Dava pinotes na sala  
Como sardinhas no mar.  
Seu conselheiro elle chama  
Para logo o aconselhar ;  
A barba mandou fazer,  
E a c'róa mandou raspar,  
Vestiu-se em trajos de frade  
E poz-se logo a caminhar.  
Dona Branca ia em caminho  
P'ra na forca se enforcar,  
Quando chegando Dom Carlos  
Manda o prestito parar.  
— Tende mãos minha justiça,  
Minha justiça real,  
Que esta moça que ali vai  
Inda vai por confessar.  
No septimo mandamento  
Um beijinho lhe quiz dar :  
« Deus me livre, Deus do céu,  
E os santos deste altar,  
Que bocca que Dom Carlos beija  
Não é p'ra frade beijar.  
— Confessai minha menina,  
Minha menina real,  
Si vós tendes outro amor  
Fôra Carlos de Monteval.

— Si eu tenho outro amor  
 Fóra Carlos de Monteval,  
 Minh'alma não vá ao céu,  
 Nem meu corpo a bom logar.  
 — Tendo mão minha justiça,  
 Minha justiça real ;  
 Esta princeza que védes  
 Meus palacios vai gozar.

## CLARA LINDA

(Versão de Goyanna)

Estava Clara Linda  
 Com Felizardo a brincar,  
 Debaixo de um arvoredó,  
 Num formoso rosciral ;  
 A um vassallo que passava,  
 E todos os passos viu dar,  
 Felizardo pede logo  
 Que a el-rei não vá contar.  
 — Dar-te-hei minha sobrinha  
 Para contigo casar,  
 E o meu cavallo dou-te  
 Sella'dinho como está,  
 Com trezentos cascadeis,  
 E arreios do poitoral,  
 Tudo de ouro e de prata  
 E do mais fino metal.  
 Dou-te tambem meu capote,  
 Que sete cidades val,  
 E mais uma bella casa  
 Lá dentro de Portugal ;  
 E tambem dou-te dinheiro  
 Quanto possas carregar.  
 « Não quero vossa sobrinha  
 Que não me haveis do dar ;

Nem quero o vosso cavallo  
 Selladinho como está ;  
 Não quero o vosso capote,  
 Que sete cidades val,  
 Nem também a vossa casa  
 Lá dentro de Portugal.  
 Não quero o vosso dinheiro,  
 Que não me haveis de dar,  
 Pois, tudo quanto aqui vi  
 A el-rei já vou contar.

.....  
 — Deus vos salve, senhor rei,  
 E vossa corôa real ;  
 Vossa filha Clara Linda,  
 Com Felizardo vi brincar,  
 Debaixo de um arvoredado,  
 Num formoso roseiral :  
 Da cintura para cima,  
 Sete beijos lhe vi dar,  
 Da cintura para baixo...  
 Aqui quero me calar.  
 « Si me contasses ás escondidas,  
 Alviçaras te havia dar ;  
 Mas assim a vistas claras,  
 Vou mandar te degolar.

.....  
 — Que ganhaste, mexiriqueiro,  
 A el-rei ires contar ?  
 « Ganhei a morte, senhora,  
 A vida me queiras dar.  
 — A vida te podia dar,  
 Pois, nas minhas mãos está,  
 Mas para exemplo de outros,  
 Vai-te já a degolar.

.....  
 Estava Clara Linda  
 Seu cabelo a pentear,  
 Uma trança entrançada

E outra por entrançar,  
 Quando chega um criado  
 Apressado a lhe dizer :  
 — Corra, corra, Clara Linda,  
 Felizardo vai morrer.  
 « Corre, corre, meu cavallo,  
 Com passos agigantados,  
 Que quero vêr si meu pae  
 Quer matar a Felizardo.

.....  
 — Deus vos salve, senhor rei,  
 E vossa corôa real,  
 E' o pago que lhe dais  
 Em o quererdes matar,  
 De ganhar villas e terras  
 Para vós nellas reinar ?  
 .....

## DELGADINA

— Deus vos salve, meus irmãos,  
 No vosso banco assentados ;  
 Por amor de Jesus Christo  
 Me dêm um copo d'agua,  
 Que já estou com os hofes seccos  
 De comer sardinha assada.  
 « Delgadina, Delgadina,  
 Delgadina de minh'alma,  
 Isto nós não o faremos  
 Pois, si meu pae o souber  
 Nos mandará degolar.  
 — Deus vos salve, minha mãe,  
 No vosso estrada assentada ;  
 Por amor de Jesus Christo,  
 Me dês um copo d'agua

Que já estou com os bofes seccoos  
 De comer sardinha assada.  
 « Tu ainda me appareces,  
 Filha ingrata, maldadada,  
 Que ha tres annos desta parte  
 Me trazes assim mal casada ?  
 — Deus vos salve rei, senhor,  
 No vosso throno assentado ;  
 Polo amor de Jesus Christo  
 Me dês um copo d'agua,  
 Que já estou com os bofes seccoos  
 De comer sardinha assada.  
 « Quando eu quiz tu não quizeste  
 Ser a minha namorada,  
 Ser a minha namorada...  
 — No penultimo do meio dia,  
 No penultimo da madrugada  
 Seroi tua namorada ;  
 Mas me dês um copo d'agua,  
 Que já estou com os bofes seccoos  
 De comer sardinha assada.

.....  
 Corre, corre, cavalleiro,  
 Depressa, não de vagar ;  
 O que não chegar primeiro  
 O mandarei degolar.  
 Por esta escada acima  
 Subiu já Dona Maria,  
 Que foi a vêr a sua filha  
 Cruelmente assassinada.  
 A cama de Delgadina  
 De anjos se rodeou ;  
 De sua cama a el-rei  
 O demonio arrebatou.  
 Ahi vem Christo, senhor,  
 Com todos os sous archanjos,  
 P'ra levar a Delgadina  
 Ao seu eterno descanso.

Sua mãe, Maria Santissima,  
 Entre as divinas milicias,  
 Vem buscar a Delgadina  
 Para as celestiaes delicias.  
 Lá vem tambem o demonio  
 Com todos os condemnados,  
 P'ra levar a sua presa  
 Aos reprobos e desgraçados.

#### A DAMA GUERREIRA

— Grandes guerras se apregoam  
 Lá nos campos de Aragoão ;  
 Triste de mim que sou velho,  
 Nas guerras me acabarão.  
 De tantos filhos que tive  
 Não me resta um só varão,  
 Para me valer agora  
 Nesta triste occasião.  
 « Mandai-me, senhor, á guerra,  
 Que eu servirei de varão.  
 — Como poderá isto ser,  
 Filha do meu coração ;  
 Quando te virem na guerra  
 Logo te conhecerão:  
 Tondes cabellos mui grandes,  
 Logo te conhecerão.  
 « Mande cá uma tesoura  
 Que os deitarei no chão.  
 — Tendes os olhos garridos,  
 Filha te conhecerão ;  
 « Quando eu passar por homons  
 Elles se abaixarão.  
 — Tendes os hombros mui altos,  
 Filha, te conhecerão ;  
 « Com o peso das armas  
 Elles so abaixarão.

— Tendes as mãos mui mimosas,  
Filha, te conhecerão ;  
« Com o exercício das armas  
Ellas se engrossarão.  
— Tendes seios estufados,  
Filha, te conhecerão ;  
« Mandarei ao alfaiate  
Cortar um justo gibão,  
Sendo bem apertadinho,  
Elles se encobrirão.  
— Já que queres, minha filha,  
Guerrear em Aragão,  
Eu te concedo licença,  
Te boto minha benção.  
Despediu-se de seu pae  
E de todos em geral,  
E montando seu cavallo  
Foi falar ao General.  
O general logo a entrega  
Ao seu lindo capitão:  
« Aqui tendes este soldado,  
Fazei d'elle estimação.  
O capitão assim que a viu  
Logo mulher lhe parecia ;  
E si elle mulher fosse  
Muito lhe agradaria.  
O varão lhe respondeu  
Com palavras amorosas:  
— Cale-se, meu capitão,  
Suspeitas são enganosas.  
Chegando na sua casa  
Seu pae e mãe lhe diria,  
Si era mulher ou homem  
Quem comsigo levaria.  
E então responderia,  
Que os olhos do meu varão,  
Que me encantam de amores,  
São de mulher, homem não.

« Si queres saber, meu filho,  
 Si elle é homem ou mulher,  
 Convidai-o, vós um dia,  
 Para comnosco jantar  
 Pondo altas e baixas cadeiras  
**Para elle se assentar,**  
**Que si elle homem fôr**  
**Nas altas se ha de sentar.**  
 E o varão muito discreto  
**Nas altas se assentou,**  
 E puxando de um trinchante  
 Pão e queijo espatifou.  
 — Si queres saber, meu filho,  
 Si elle é homem ou mulher,  
 Convidai-o vós um dia  
**Para comvosco feirar,**  
**Que si elle mulher fôr,**  
**Em fitas ha de pegar.**  
 O varão como discreto,  
 Pegou logo em uma adaga:  
**« Que bella a laga está esta**  
**Para um homem pelejar !**  
**Que lindas fitas são estas**  
**P'ra uma dama se enfeitar !**  
 — Si queres saber, meu filho,  
 Si elle é homem ou mulher,  
 Convidai-o para nadar ;  
**Que si elle mulher fôr,**  
**Desculpas vos ha de dar.**  
 E o varão como discreto  
 Poz-se logo a descalçar,  
 E puxando de uma carta  
**Poz-se a lér e a chorar.**  
**« Que tendes vós, meu varão**  
**Que assim vos vejo chorar ?**  
 — E' meu pae, que a esta hora  
**Já se vai a enterrar.**  
 Os sinos da minha terra

Aqui os ouço dobrar ;  
 E duas irmãs que tenho  
 Aqui as ouço chorar.  
 Si quereis casar comnigo,  
 O' meu lindo capitão,  
 E' na terra de meus paes,  
 Cá na vossa terra, não.»

## FREI JOANICO (1)

Botou-se Frei Joanico  
 Numa manhã de geadas,  
 Penteado o seu cabello,  
 Tocando numa guitarra,  
 Foi á casa da morena,  
 Moreninha malfadada.  
 — Abre-me a porta, morena,  
 Abre-me a porta, minh'alma.  
 « Como te abrirei a porta,  
 Meu Frei João da minh'alma,  
 Qu'estou com o menino ao peito,  
 E meu marido á ilharga ?  
 — Com quem falas mulher minha,  
 A quem desses vossas falas ?  
 « Dei a um homem do Porto,  
 Que vem vér si eu amassava.  
 Si amassasse o pão com leite,  
 Que lhe deitasse pouca agua ;

---

(1) Desta xacara conhecemos as versões publicadas por Garrett e Th. Braga, com o título de *Xacara da Moreninha*, e em Portugal são ainda conhecidas outras mais, como refere este ultimo escriptor, na respectiva annotação, e na qual attende ainda ás origens literarias da peça.

Celso de Magalhães fala de uma versão maranhense, que pelos versos que transcreve, deve ser egual á do Porto, consignada por Th. Braga.

Si amassasse o pão com doce,  
Que um pingo lhe bastava.  
— Levantai-vos, mulher minha,  
Ide reger vossa casa,  
Duas filhas que vós tendes  
Por vós serão bem mandadas ;  
Uma para vos coser,  
Outra para vos calçar,  
E para descanso vosso  
Só fareis varrer a casa.  
« Levantai-vos, marido meu,  
Chamai os cães, ide á caça,  
Que a caçada p'ra ser boa  
Deve ser de madrugada.  
O seu marido partiu,  
E ella cá se arreirára  
Com vestido de setim,  
Que mui caro lhe custára ;  
Com sua meia de seda  
Que a sua perna arrojava ;  
Com seu sapato picado,  
Que de picado estalava ;  
E batendo á portaria  
Por Frei João perguntava.  
Quando Frei João a viu,  
Em vez de correr, saltava,  
E tomando-a pelas mãos  
A' sua cella a levava.  
Bom doce deu-lhe a comer,  
Bom doce de marmelada,  
Bom vinho deu-lhe a beber,  
Daquelle que a ordem dava,  
E deu-lhe fita para o cabello  
De sete mil réis a vara.  
— Deixai-me agora, Frei João,  
Que vou reger minha casa.  
« E quando virás outra vez ?  
— Outra manhã de geada,

Assim que Dom João sahir,  
 Chamar os cães, ir á caça.  
 Ella que vinha sahindo  
 Seu marido a encontrara :  
 « D'onde vindes, mulher minha,  
 Que vindes tão arrejada ?  
 — Eu fui ouvir missa nova,  
 E aqui vou bem consolada.  
 « Eu vos dou esta dardada  
 Do lado do coração,  
 Para outra vez não vos vêr  
 Nos braços de Frei João.  
 — O morrer não sinto eu  
 Nem tambem o acabar,  
 Eu só sinto os meus filhinhos,  
 Que outra mãe não hão de achar.  
 « Si tu fôras outra mãe,  
 Como devias de ser,  
 Não morrerias desta morte  
 Como tu debes morrer.  
 — As aguas do mar me levem,  
 Ellas me queiram levar ;  
 Nossa Senhora me leve  
 Para o centro deste mar.

D. JOÃO

(Variante do «Frei Joanico», procedente de Pajehú de Flores)

Levantou-se dom frei João  
 Numa manhã de geada,  
 Abotoando os calções  
 E sua batina assejada.  
 — Abre-me a porta, morena,  
 Que não posso com a geada ;  
 Si não me abrires a porta  
 Mata-me o frio e a rajada.  
 « Como te abrirei a porta,

Meu frei João de minh'alma,  
 Si tenho o marido ao lado  
 A me prestar attenção ?  
 Meu frei João de minh'alma,  
 Como te darei o abraço,  
 Tendo a um lado meu marido,  
 E no outro um filho ao braço ?  
 — Que é isto mulher minha ;  
 Com quem a pouco falavas ?  
 « Não é nada, meu marido,  
 E' um sonho, qu'eu sonhava.  
 Alevantai-vos marido,  
 P'ra ir a vossa caçada,  
 Que a caçada p'ra ser boa  
 Deve ser de madrugada.  
 — Alevanta-te, mulher,  
 Vai reger a tua casa,  
 E p'ra mais descanzo dar-te  
 Eu irei varrer a casa,  
 E as duas filhas que temos,  
 Uma será empregada  
 Em ir accender o lume,  
 E a outra em fazer aguada.

. . . . .

O filho que era padeiro  
 Sua farinha amassava,  
 E como o pão era de leite  
 Qualquer cousinha bastava ;  
 E em quanto a gente da casa  
 No trabalho se occupava,  
 A morena, bem vestida,  
 Caminho da igreja andava.  
 A cabeça da morena  
 De pentes já lhe pesava ;  
 E o pescoço, de correntes,  
 Em redor se occultava.  
 Seus vestidos de setim  
 Até aos pés arrastavam,

E suas meias de soda  
 Bem as pernas ajustavam.  
 Seus sapatos de damasco  
 Que os pequenos pés calçavam,  
 Pisavam tão bem no chão,  
 Que o porte lhe realçavam.  
 Frei João logo que a viu,  
 Em vez de correr, saltava,  
 E levando-a pelo braço  
 Só de amores lhe falava.  
 Deu-lhe cosidos e assados,  
 Deu-lhe massas, deu-lhe vinho,  
 E deu-lhe o que bem podia  
 Chamar-se o melhor carinho.  
 — Acabai, meu frei João,  
 Qu'eu vou reger minha casa,  
 O caminho não é perto,  
 P'ra quem tem pés, e não azas.

. . . . .  
 « D'onde vindes, mulher minha,  
 Que assim vens tão enfeitada ?  
 — Eu venho lá do convento  
 De ouvir missa cantada.  
 Fui ouvir a missa nova  
 A' pouco bem celebrada,  
 Sahi com muita tristeza,  
 Volto agora consolada.  
 « Eu te dou esta estocada  
 Do lado do coração,  
 P'ra nunca mais te encontrar  
 Nos braços de frei João.  
 — Não se me dá de morrer  
 Nem tão pouco de viver ;  
 Meu pezar é frei João  
 Que nunca mais hei de vêr.

## FLOR DO DIA

(Versão do Recife, colhida por Celso de Magalhães e publicada por Sylvio Romero nos *Cantos Populares*)

— Alevanta, amor,  
Desse bom dormir,  
Chame sua mãe  
Para me acudir.  
Levantou-se elle  
Sem mais descanso,  
Foi sellando logo .  
Seu cavallo branco.

« Deus vos salve, mãe,  
No vosso estrado,  
— Deus vos salve, filho,  
No vosso cavallo.  
Apêa p'ra baixo  
Jantar um bocado,  
« Não quero jantar,  
Que vim á chamado,  
Que a Flor do Dia  
Lá ficou de parto.  
— De mim para ella:  
Um filho varão,  
De espora no pé,  
E espada na mão,  
Rebente por dentro  
Pelo coração.  
« Flor do Dia  
Faça por parir,  
Minha mãe está doente  
E não póde vir.  
—Alevanta, amor,  
Desse bom dormir,  
Chame minha mãe

Para me acudir,  
 Que ella mora longe,  
 Mas sempre ha de vir.  
 Grande dôr, marido,  
 E' dôr de parir.

< Deus vos salve, sogra,  
 No vosso estrado.  
 — Deus vos salve, genro,  
 No vosso cavallo.  
 Apêa p'ra baixo  
 Jantar um bocado.  
 < Não quere jantar,  
 Que vim a chamado,  
 Que a Flor do Dia  
 Lá ficou de parto  
 — De mim para ella:  
 Um filho estimado,  
 Que eu veja no throno  
 Um bispo formado.  
 Espera lá, meu genro,  
 Deixa-me vestir,  
 Que ella mora longe,  
 Mas sempre hei de ir.

< Pastor de ovelhas,  
 Que signal é aquelle,  
 Que está dobrando ?  
 — E' Dona Estrangeira  
 Que morreu de parto  
 Sem haver parteira.  
 < Aquelle sino  
 Não cessa de dobrar,  
 Nem meus olhos  
 Tambem de chorar.  
 Adeus, minha filha  
 Do meu coração,  
 Que morreu de parto

Sem minha benção.  
 Adeus, minha filha,  
 Que eu vinha te vêr,  
 Quem não tem fortuna  
 Mais vale não nascer.

CONDE DE FLORES (4)

Partira o Conde de Flores  
 Para uma romaria,  
 Levando comsigo a condessa  
 Para melhor companhia,  
 No meio daquelles mares  
 Muitos piratas havia,  
 E atacado pelejou  
 Duas noites e um dia.  
 Mataram o Conde de Flores,  
 Fizeram a condessa captiva,  
 E a levaram de presente  
 A' rainha de Turquia.  
 — Eis aqui, minha senhora,  
 Esta christiana captiva,  
 Ella é de alta linhagem  
 E de grande senhoria.  
 < Aqui tendes, senhora,  
 Estas chaves da cozinha,

---

(1) Este romance, primitivamente publicado por Garrett, com o titulo de *Rainha e captiva*, segundo uma versão que recolheu, cotejada com outras, conta mais outras versões, dentre as quaes, uma da Extremadura, sob o titulo de *Romance de Branca Flor*, publicada por Theophilo Braga, e mais uma outra do Ceará, tambem publicada por este escriptor, com o titulo de *Xucara de Flores Bellas*, e transcripta por Sylvio Romero nos seus *Cantos Populares*.

Garrett prende a origem deste romance ao seculo XII, cuja opinião é partilhada por Theóphilo Braga. A nossa versão vem do *Recolhimento da Gloria*, do Recife, e nos foi fornecida por uma senhora filha de uma educanda daquelle recolhimento, pelos annos de 1820.

E das sete servas que tenho  
Vós sereis a mais querida.  
Estava a rainha prenha,  
E a condessa prenha vinha,  
E permittiu Nossa Senhora  
Que ambas ellas parissem  
Na mesma hora e mesmo dia.

A rainha pariu femea,  
A condessa pariu macho.  
As parteiras como mouras  
Uma traição fizeram  
De trocarem as crianças  
Pelos premios que tiveram.  
Ao cabo de quinze dias  
Levantou-se a rainha,  
E foi vêr a sua escrava,  
Que tanto lhe merecia.

— Como estais, criada minha  
Como estais, minha criada?  
« Estou bem, minha senhora,  
Pois estou em vossa vista.

— Que nome quereis que ponha  
A vossa querida filha?

« Dom Antonio era elle,  
Dom Antonio de Sevilha,  
Gerado em Portugal

E nascido em Berberia.

— E si elle fosse menina,  
Que nome tu lhe porias?

« O nome de Bellas-flores,  
De uma irmã que eu tinha,  
Que os mouros a furtaram  
Sendo ella pequenina,  
Colhendo flores de tarde  
Num jardim que meu pae tinha;  
E por signal, uma lentilha,  
Num peito seu se via

— Pelo signal que me dais,

Tu és minha irmã ;  
Escrava minha sôras, hontem,  
E hoje és senhora minha.  
Pedi a rainha ao rei  
Pelo bem que lhe queria,  
Que mandasse a escrava embora  
E tambem a seu filhinho.  
O rei que muito lhe queria  
E todo o gosto lhe fazia,  
Uma galera aprompta logo,  
De alto preço e valia.  
Pedi a rainha ao rei  
Pelo bom que lhe queria,  
Que fosse para caçada  
Com a sua infantaria,  
Para sua irmã gozar  
Dos regalos de Turquia.  
O rei que muito lhe queria  
E todo o gosto lhe fazia,  
Botou-se para a caçada  
Com a sua infantaria.  
Apromptou-se a rainha  
Do ouro e prata que havia,  
E com sua irmã na galera  
Pela barra já sahia.  
O rei que vem da caçada  
E sua mulher não via,  
Dava urros e bramidos  
Que na galera se ouviam.  
Respondeu-lhe a rainha  
Por uma buzina que tinha:  
« Fica-te, embora rei turco,  
Fica na tua Turquia,  
Que eu vou para minha terra  
Onde padre e madre tinha.

## BRANCA-FLOR (1)

— Si fôra na minha terra,  
 Filha, te baptisaria:  
 O nome que eu te botava  
 Rosa flor de Alexandria ;  
 Que assim se chamava  
 Uma irmã que eu tinha  
 Que os mouros carregaram  
 Desde pequenina.  
 « Si tu visses essa irmã,  
 Tu a conheceria ?  
 Que signal me davas della ?  
 — Um signal de carne tinha,  
 Em cima do peito trazia,  
 Que ella assim se chamava  
 Rosa flor de Alexandria.

## CONDE DE FLORES

(Variante de Pajehú de Flores)

Sahira o conde de Flores  
 Para uma romaria.  
 E a condessa como nobre,  
 Vai em sua companhia.  
 — Mouro, si fores á guerra,  
 Trazei-me uma captiva ;  
 Não seja de casta nobre,  
 E nem tambem pouco activa.

---

(1) Fragmento de uma outra versão do romance *Conde de Flores*, colhida no Recite por Celso de Magalhães, e publicada por Sylvio Romero nos seus *Cantos Populares*.

Sahindo de barra á fora,  
Viagem de mais de um dia,  
Avistou uma náu de guerra  
Que captival-os queria.

Tres dias e duas noites,  
Pelejaram noite e dia ;  
Mataram o conde de Flores,  
Captivaram Alexandria.

« Abra-me a porta, senhora,  
Receba a sua captiva ;  
Si ella não lhe agradar,  
Logo a terá mais activa.

— Aqui estou, minha senhora,  
Que grande desgraça a minha !  
Inda hontem fui senhora,  
Hoje escrava de cozinha !

« Senhora, recobo as chaves  
Com mui grande cortezia ;  
Inda hontem fui condessa,  
Hoje moça de cozinha.

. . . . .  
A rainha estava grávida,  
E grávida a condessa ia ;  
Ambas mandadas por Deus  
Beram á luz no mesmo dia.

A parteira, como moura,  
Toda traição e daninha,  
Pega o filho da condessa  
E o apresenta á rainha.

Estava um dia a condessa  
Cogitando o que faria :  
— Si estivesse em minha terra,  
Filha, ou te baptisaria.

O nome que lhe botava,  
Era Rosa Alexandria,  
Nome de uma irmã que tinha,  
E a quem mui bem queria.

Achava-se atraz da porta  
Uma moura pequenininha,  
Que tudo ouvindo, apressou-se  
Em contar logo á rainha.

A rainha levantou-se  
Com tres dias de parida,  
Para vêr a sua escrava,  
Que lhe era mui querida.

« Como estais, minha captiva?  
—Estou bem, senhora minha;  
Muito breve me levanto  
P'ra servil-a na cozinha.

« Si tua filha nascesse  
Na terra em que tu vivias,  
Que nome tu procuravas,  
Que nome tu lhe darias?

— O nome de Florisbella,  
De uma irmã que tinha,  
Que os mouros a roubaram  
Sem pena da coitadinha.

— Vendo tu a ella agora  
Ainda a conheceria?  
— Muito bem, minha senhora,  
Sem os pannos das turquias.

Tinha seus cabellos pretos,  
Que muito bem lhe diziam,  
Tinha tres signaes no rosto,  
Que mui bem lhe pareciam.

Tinha ella um lyrio branco,  
 Que o peito lhe cobria,  
 E só por este signal  
 Eu logo a conheceria.

Assim as duas irmãs,  
 Pouco a pouco se entendiam,  
**E** assim se conhecendo  
 Em prantos se desfaziam.

. . . . .

— Que tens tu, minha mulher,  
 Porque estais desfallecida?  
 Acaso esta pobre escrava  
 Será tua conhecida?

« Meu Dous! Que fizeste mouro!  
 Captivaste Alexandria,  
**E** mataste a meu cunhado  
 Que seguia em romaria!

— Si quizer se tornar froira  
 Muito bem a mandaria;  
 Si quizer casar aqui  
 Muito bem a casaria.

Si quer ir p'ra sua terra  
 Eu tambem a mandaria;  
 Só não posso é dar-lhe o conde  
 Que morreu na romaria.

« Já não posso mais ser freira  
 Nem tambem casar queria;  
 Quero ir p'ra minha terra  
 Onde paé e mãe teria.

— Aqui tens o vosso filho,  
 Que christão elle seria,  
 Tratarei de minha filha  
 Em terra moura e india.

Dom Antonio será olle,  
 Dom Antonio de Turquia,  
 Gerado em Portugal,  
 E nascido em Berberia.

. . . . .

### O CEGUINHO (1)

— Abre a porta, Anna,  
 Abre o teu postigo,  
 Dá-me o teu lonceinho  
 Q'eu venho ferido.  
 « Si vindes ferido,  
 Vinde muito embora,  
 Que a minha porta  
 Não se abre agora.  
 — Abre, abre a porta,  
 Ou teu postiguinho,  
 P'ra dar uma osmola  
 Ao pobre ceguinho.  
 « Minha mãe, acordai  
 E deixai-vos de dormir,

(1) Sylvio Romero publica nos seus *Cantos Populares* uma variante deste romance recolhida em Sergipe, sob o titulo — *O Cego*, — e uma versão do Cear, publicada por Theophilo Braga, com o titulo de — *Xacava do Cego*. Este ultimo escriptor publica ainda no seu *Cancioneiro* mais uma versão, recolhida na Beira Baixa, muito semelhante a esta nossa de Pernambuco, e em annotações aos *Cantos* de Romero, mais duas lições, referindo-se ainda a algumas outras portuguezas de procedencias diversas.

Garrott publica tambem uma versão, e estudando as origens historicas do romance, diz que vem de meados do seculo XVI, e narra o facto a que se preade, uma aventura de James V da Escocia, que morreu aos 33 annos, em 13 de dezembro de 1542, — um joven rei tunante e magauão que se distarçava em trajos de mendigo, de adello, ou que taes, para andar correndo baixas aventuras pelas aldeias ou pelos escuros bairros da cidade.

Andai ouvir um cego  
A cantar é a pedir.  
— Si elle canta e pede  
Dá-lhe pão e vinho,  
E o pobre do cego  
Siga o seu caminho.  
« Não quero seu pão  
Nem também seu vinho,  
Só quero que Anna  
Me ensine o caminho.  
— Deixa, minha filha,  
Tua roca e linho,  
E vai ao triste cego  
Ensinar o caminho.  
« Aqui fica a roca,  
E também o linho,  
Agora, adeante, cego,  
Lá vai o caminho.  
— Caminhal, Anninha,  
Mais até além  
Qu'eu ainda sou cego  
Não encherço bem.  
Anda lá, menina,  
Mais um bocadinho,  
Anda mais até  
Aquelle verde espinho.  
Anda lá, menina,  
Por este carroiro,  
Anda até aquelle  
Verdinho canteiro.  
Arreda, arreda, arreda,  
Para aquelle altinho,  
Que vem cavalleiros  
Por este caminho.  
« Adeus minha casa  
Adeus minhas terras,  
Adeus minha mãe,  
Que falsa me fôras.

De condes e duques  
 Me vi pretendida,  
 Agora de um cego  
 Me vejo vencida.  
 Que gente é aquella  
 De cavallaria ?  
 — Ai ! arreda, arreda,  
 Para este altinho.  
 Si vem cavalleiros,  
 Vem de vagarinho,  
 Que ha muito me tardam  
 Por este caminho.  
 « Vinde minha mãe,  
 E minha madrinha,  
 Venham me buscar  
 Para a terra minha.

## O CONDE E ANNINHA

(Variante d' « O Ceguinho »)

— Acordai, ó mãe  
 Do doce dormir,  
 Vinde ver um pobre  
 Cantar e pedir.

« Si elle canta e pede  
 Dá-lhe pão e vinho,  
 Para o pobre cego  
 Seguir seu caminho.

— Não quero teu pão  
 Nem também teu vinho;  
 Quero só que Anninha  
 Me ensine o caminho.

« Solta o fuso, Anna,  
Larga a roca e o linho,  
Vai com este cego,  
Ensina-lhe o caminho.

— Adeante Anninha.  
Mais um bocadinho;  
Sou curto da vista,  
Não vejo o caminho.

« Vamos adeante  
Mais devagarinho,  
Breve chegaremos  
Ao fim do caminho.

« Valha-me Deus  
E a Virgem Maria,  
Nunca vi a tropa  
E a cavallaria.

— Si nunca viste a tropa  
Has de vê-la agora;  
Calai-vos, condessa,  
Calai-vos, senhora.

Eu nunca fui pobre  
Nem cego seria;  
Sou aquelle conde  
Que te pretendia.

Para consentires  
Commigo casar,  
Tua mãe mandou  
Te fosse furtao.

« Adeus, meu pae,  
Adeus, minha terra,  
Adeus, minha mãe  
Que falsa me eras.

Sou condessa agora  
Contra o meu querer ;  
Minha mãe o quiz  
Que hei de fazer?

## O CEGUINHO

(Outra versão)

— Levanta-to, Anninha,  
Do doce dormir,  
Anda vêr pobre  
Cantar e pedir.  
« Si elle pede e canta  
Dai-lhe pão e vinho,  
E deixai o cêgo  
Seguir seu caminho.  
— Não quero seu pão  
Nem tambem seu vinho,  
Só quero que Anninha  
Me ensine o caminho.  
« Levanta-te, Anninha,  
Do doce dormir,  
Pegai o pão do pobre,  
Guiai-lhe o caminho.  
— Eis aqui o pão  
Já podeis seguir,  
O caminho é curto,  
Vá de vagarinho.  
« Caminhae, Anninha,  
Mais um bocadinho,  
Sou curto da vista,  
Não vejo o caminho  
— Valha-me Deus  
E Santa Maria,  
Nunca vi a pobre,

Com cavallaria.  
 « Eu não sou pobre,  
 Nem também sou cego ;  
 Sou aquelle conde  
 Que por ti morria.  
 — Adeus, minha terra,  
 Adeus, minha irmã,  
 Adeus, minha mãe  
 Que falsa me era.

### XACARA DO CHRISTÃO CAPTIVO (1)

Captivaram-me os mouros  
 Entre a paz e entre a guerra,  
 E levaram-me a vender  
 No reino de Inglaterra.

---

(1) Garrett consigna uma versão deste romance, — que anda por Lisboa, Rebatejo e Extremadura lora, — com o titulo — *O captivo*, — e remonta a sua origem a meados do seculo XVII, — si a copla em que se allude a Ceuta e Mazagão não é *rifacimento*, como pensa que é, porque no resto, o sabor e o estylo é mais velho.

Theophilo Braga, sob o titulo — *Romances do captivo de Argel*, — publica no seu *Cancioneiro* uma versão castelhana do romance, segundo uma *Lição manuscripta do seculo XVII*, e depois uma variante de Lisboa, concluindo, em annotações, com a época fixada por Garrett, e acaso deixando transparecer a sua origem castelhana.

Cotejando-se a nossa versão pernambucana com essas que acabamos de mencionar, verifica-se, que, si ha nellas uns lances particulares tão bellamente traçados, como este da versão hespanhola

O' mi padre, ó mi madre,  
 Deixe ir el christiano,  
 Que el no me debe nada,  
 Debe-me a flor de mi bocca,  
 Dou-lh'a por bem empregada,

que, na phrase de Theophilo Braga — é de um mimo capaz de fazer desesperar o mais gracioso artista ; — tem porém uma acção drama-

Não houve mouro nem moura  
 Que a mim comprar quizera,  
 Comprou-me um perro judeu  
 Que bem má vida me dera.  
 De dia a moer canella,  
 E á noite trigo a moer,  
 Por tres grãos que lhe faltavam  
 Tinha açoites de morrer.  
 Muito me valia ser  
 A filha compadecida ;  
 Dava-me a comer do pão  
 Do qual o perro comia,  
 Dava-me a beber do vinho  
 Do qual o perro bebia,  
 E uma cama me deu  
 Igual á em que elle dormia,  
 E sempre me estava dizendo :  
 — Porque não te vais embora  
 P'ra tua terra, christione ?  
 « Como irei eu, senhora,  
 Si me faltam as moedas ?  
 — Christione, eu te as darei.  
 .....  
 — Christioné, si quizeres  
 Ser um turco renegado,  
 Meu pae te fará alferes,  
 Capitão do seu reinado.  
 « Como poderei, senhora,  
 Ser um turco renegado,  
 Si tenho no coração  
 Meu bom Jesus retratado ?

---

tica completa e harmonicamente disposta, de um desenlace de uma  
 bella moral, o que lhe dá ensanchas o seu desenvolvimento em  
 121 versos, quando as versões portuguezas constam de 88, e a caste-  
 lhana de 53, apenas.

O *christione* da nossa versão, que assim o conservamos, é o  
 mesmo *christiano* da lição hespanhola, e o *christão*, das portu-  
 guezas.

— Christione, si quizeres,  
 Ser um turco renegado,  
 Meu pae te dará um catre  
 De curo fino marchetado.  
 « Como poderei, senhora,  
 Ser um turco renegado,  
 Si meu Deus dos altos céus  
 Foi para mim crucificado ?  
 — Valha-me Deus, Christione,  
 Como és tão avisado !  
 Toma lá estas moedas  
 E te vai a resgatar.  
 Si meu pae te perguntar,  
 Quem te deu estas moedas,  
 Com firmeza lho respondas :  
 Que duas irmãs que tens  
 Todas andam á soldada,  
 Teu pae por terras alheias  
 E tua mãe desgarrada.

.....  
 « Aqui venho a vós, senhor,  
 Na vossa casa e pousada,  
 Vos trazer estas moedas  
 Em paga do meu resgate.  
 — Christione, ó Christione,  
 Quem te deu estas moedas ?  
 « Duas irmãs que tenho,  
 Todas andam á soldada,  
 Meu pae por terras alheias  
 E minha mãe desgarrada.  
 — Christione, si quizeres,  
 Ser um turco renegado,  
 Eu te farei alferes,  
 Capitão do meu reinado.  
 « Como poderei, senhor,  
 Ser eu turco renegado,  
 Si tenho no coração  
 Meu Bom Jesus retratado ?

— Christione, si quizeres,  
 Ser um turco renegado,  
 Te darei um lindo rosto,  
 Que em Turquia foi creado.  
 « Como poderei, senhor,  
 Ser um turco renegado,  
 Si meu Deus dos altos céus  
 Por mim foi crucificado ?

.....  
 — Vem cá, filha, Dona Angela,  
 Confessa-me uma verdade ;  
 Si o cão deste christione  
 Te roubou estas moedas?  
 « Deixai ir o christione,  
 Que a mim não tirou nada ;  
 Tudo que é meu está certo  
 Não lhe empateis a jornada.

.....  
 — Christione, si quizeres,  
 Me levar em companhia,  
 Não me leves por mulher,  
 Nem também por tua filha ;  
 Leva-me por tua escrava,  
 Que serás mui bem servido.  
 « Como poderei, senhora,  
 Si eu vou á vista clara ?  
 Pois si isto assim não fôra  
 Em meus braços vos levara.

.....  
 — Ponham-me aquella janella  
 Toda coberta de dó,  
 Pois não pensem perros mouros  
 Que eu fiquei aqui só.  
 Ponham-me aquella janella  
 Toda coberta de ouro,  
 Pois não pensem perros mouros  
 Que fiquei sem meu thesouro.  
 Cubram-me aquella janella

Toda de prata lavrada,  
 Pois não pensem perros mouros  
 Que eu fiquei deshonrada.  
 Amigas e camaradas  
 Todas me ajudem a sentir,  
 Pois a ausencia do christione  
 E' que me ha de dar fim.  
 Amigas e camaradas  
 Todas me ajudem a chorar,  
 Que a ausencia de um christione  
 E' que me ha de matar.  
 Não pegarei em viola  
 Nem n'outro instrumento, não,  
 Que por estes mares fóra  
 Lá se vai meu coração.

## JULIANA (1)

— Deus vos salve Juliana  
 No teu estrado assentada (2).  
 — Deus vos salve, rei Dom Joca,  
 No teu cavallo montado.

---

(1) Este romance foi recolhido em Pernambuco por Celso de Magalhães, publicado no periodico *O Trabalho*, em 1873, e reproduzido depois por Sylvio Romero nos seus *Cantos Populares*, e nos *Estudos da poesia popular*.

Refere Theophilo Braga, que na tradição continental portugueza não encontrou ainda o minimo vestigio deste romance, conservado no elemento colonial portuguez no Brazil, facto importante, que revela, como longe da metropole a tradição persiste com mais intensidade.

V. *Cant. Pop.* de S. Romero, T. II, pag. 186.

(2) Por este verso se pode colligir da antiguidade do romance, que pelo menos remonta-se ao seculo XVII, porquanto nessa época ainda não se usava de cadeiras nas nossas salas de visitas.

Fr. Vicente do Salvador, referindo-se a um casal de colonos que regressava para a metrop. de nos primeiros annos daquelle se-

Rei Dom Joca, me contaram  
 Que tu estavas p'ra casar ?  
 — Quem t'o disse, Juliana,  
 Fez bem em te enganar.  
 « Rei Dom Joca, si casais,  
 Tornai ao bem querer,  
 Poderás enviuvar  
 E tornar ao meu poder.  
 — Eu ainda que enviue  
 E que torne a enviuvar,  
 Acho mais facil morrer  
 Do que contigo casar.  
 « Espera ahi, meu Dom Joca,  
 Deixa subir meu sobrado,  
 Vou vêr um copo de vinho  
 Que p'ra ti tenho guardado.  
 — Juliana, eu te peço  
 Que não faças falsidade  
 Vejais que somos parentes,  
 Prima minha da minh'alma.  
 Que me déstes, Juliana,  
 Neste copinho de vinho,  
 Que estou com redea na mão.  
 Não conheço o meu caminho ?

culo, diz que os vira em Pernambuco em casa do capitão-mór João Rodrigues Collaço,—assentando-se a mulher *no mesmo estrado* que a fidalga D. Beatriz de Menezes, esposa do capitão.

Um chronista hollandez, referindo-se aos costumes dos colonos portuguezes em Pernambuco, em um e-cripto de 1637, diz que as mulheres—«quando vão visitar, primeiramente mandam participar ; a dona da casa senta-se sobre um bello tapete turco de seda estendido sobre o soalho e espera suas amigas, que tambem se sentam ao seu lado sobre o tapete... »

O uso de cadeiras nas salas de visita, a começar pelas de pau preto, com espaldar e assento de sola, com lindos lavores, e de pregaria alta ou baixa, vem, raramente, de fins de seculo XVII a começos do immediato, vulgarizando-se dahi por deante.

A esse uso de cadeiras, e pelo mesmo systema, acompanhavam os *canapés*, depois substituidos pelos sofás.

A minha mãe bem cuidava  
 Que tinha seu filho vivo.  
 « A minha também cuidava  
 Que tu casavas commigo.  
 — O' meu pae, senhora mãe,  
 Me bote sua benção,  
 Abrace bem apertado  
 O meu maninho João,  
 Meu pae, senhora mãe,  
 Me bote sua benção ;  
 Lembranças a Dona Maria,  
 Também a D. Merencia.  
 A minha alma entrego a Deus,  
 O corpo á terra fria,  
 A fazenda e o dinheiro  
 Entregue a Dona Maria.  
 « Cale a bocca, meu Dom Joca,  
 Ponde o coração em Deus,  
 Que este copo de veneno  
 Quem te ha de vingar sou eu.  
 — Acabou-se, já acabou-se,  
 O' flor de Alexandria !  
 Com quem casará agora  
 Aquella moça Maria ?  
 Já acabou-se, já acabou-se  
 Já acabou-se, já deu fim  
 Nossa Senhora da Guia  
 Queira se lembrar de mim.

#### A PASTORINHA (1)

— Minha pastorinha,  
 Que fazeis aqui ?  
 « Pastorando o gado  
 Que aqui perdi.

---

(1) Garrett e Th. Braga publicam umas variantes desta xacara, além de outras existentes, e este ultimo refere, que de todas ellas a

— Tão gentil senhora  
 Pastorando gado ?  
 « Pois nasci senhor  
 Para este fado.  
 — Por estas montanhas,  
 Sem nenhum abrigo,  
 Me digas, menina,  
 Queres ir commigo ?  
 « Que dizes, senhor,  
 Em dar tal conselho ?  
 Queres que se perca  
 Esse gado alheio ?  
 — Si o gado é alheio,  
 Não mando se perca ;  
 Peço que durmamos  
 Um pouquinho á sésta.  
 « Senhor, vá embora,  
 Não me dê mais penas.

---

mais verdadeira é aquella que vem precedida de um preambulo em prosa, contando como um irmão chegado do Brazil á terra do seu nascimento, em Portugal, antes de se dar a conhecer a sua irmã, começou a falar-lhe de amores, por aposta contra os que lhe diziam ser ella a mais esquiua de todas as raparigas do logar.

A versão que Th. Braga publica tem o titulo de *Xacara da Linda Pastorinha*, é da Beira Baixa, e muito mais desenvolvida do que a nossa, que nos veio de Goyanna ; esta, porém, avanta-se á versão sergipana colligida e consignada por Sylvio Romero ; e neste particular, é de muita importancia a nota de Th. Braga nos *Cantos de Romero*.

Além da versão que ora consignamos, evidentemente tínhamos uma outra, em face dos seguintes versos que encontramos de mistura com os que se cantam no auto do *Bumba meu boi* :

— O' gentil menina,  
 Lindo s'ratim.  
 Minha pastorinha  
 Que fazeis aqui ?  
 « Procurando gado  
 Ando por aqui,  
 Desde o anno passado,  
 Que aqui perdi.

Que ahí vem meu amo  
 Trazer-me a merenda.  
 — Como és ingrata,  
 Tão impertinente ? !  
 Vosso amo é lobo  
 Que devore a gente ? (1)  
 « Senhor, vá embora,  
 Vá daqui correndo,  
 Não o quero vêr  
 Nem por pensamento.  
 — Já me vou embora,  
 Já me vou embora,  
 Vou botar o gado  
 Pela serra fóra.  
 « Como vem bondoso,  
 Com meias de seda...  
 Vejam não se rasguem  
 Por estas estivas.  
 — Mangas de camisa,  
 Tudo romperei,  
 Para te dar gosto,  
 Minh'alma, meu bem.  
 .....  
 « Eu o fui buscar.  
 Aqui vol-o trago,  
 Por ditoso moço,  
 Sou vosso criado.  
 — Senhor, venha cá  
 Venha cá correndo,

---

(1) Nesta passagem a versão sergipana procura tirar ao romance, incontestavelmente de origem portugueza, o seu unico vestigio local para imprimir-lhe um cunho puramente brasileiro, deste modo:

— Si os manos vierem  
 Trazer a merenda ?  
 Elles não são onça  
 « Que a nós offenda.

Effectivamente, a substituição do lobo pela onça, importa isso.

Que o amor é cego  
 Já me vai vencendo.  
 Bem sei que queres,  
 De mim um abraço,  
 E bem apertado  
 A' beira do matto.  
 « Aqui me sentarei,  
 Não com má tenção,  
 Vos falo a verdade,  
 Pois sou vosso irmão.  
 — Por estas montanhas  
 Com tão grande calma,  
 Perdão eu vos peço  
 Irmão da minh'alma.  
 « Cala-te, pastora,  
 Não digas mais nada ;  
 Aposto que fiz,  
 Já tenho ganhada.

BERNAR FRANCEZ (1)

— Folga, minha Magdalena,  
 Folga meu senhor São Gil.  
 « Que cavalheiro sois vós  
 Que em minha porta vem bater ?  
 — Sou Bernar Francez, senhora,  
 Que a vosso serviço venho,  
 Si a porta me não abrires  
 Aqui me verás morrer.

---

(1) Deste romance conhecemos uma versão portugueza, da Foz, que figura no *Cancioneiro* de Th. Braga, uma do Rio de Janeiro publicada por Sylvio Romero, e em annotações a esta, da lavra daquelle escriptor portuguez, uma outra do Algarve, sem falar na que publica Almeida Garrett *aperfeiçoada e ampliada* da lição que obteve. A nossa versão, porém, originaria de Goyanna, não falando na de Garrett, que não guarda o cunho de originalidade, é a mais desenvolvida de todas.

De sua cama levanta-se  
Mesmo em fraldas de camisa,  
No descer da sua escada  
Escorrega-lhe o chapim,  
No abrir da sua porta,  
Apagou-se o seu candim.  
Eu peguei-lhe pela mão  
E levei-o ao meu jardim,  
Lavei-o de pés e mãos  
Com agua de aloerim,  
E por ser agua mui cheirosa  
Tambem me lavei a mim.  
Camisa dei-lhe a vestir  
De panno de canakim  
E puchando-o pelo braço  
Deitei-o a par de mim.  
« Que é isso Bernar Francez,  
Que é isso agora aqui ?  
Meia noite já é dada  
E não te viras p'ra mim,  
Quando com beijos e abraços  
Não me deixavas dormir ?  
Si tu temes meus irmãos,  
Elles cá não hão de vir ;  
Si temes a meus filhinhos  
Elles são criados teus ;  
Si temes a meu marido  
Longes terras está daqui ;  
Si os mouros o matarem  
As novas me venham dar,  
Sempre ruins sobre elle  
Sempre boas sobre ti.  
— Eu não temo a teus irmãos  
Pois cunhados são de mim ;  
Eu não temo a teus filhinhos  
Pois filhinhos são de mim :  
Teme tu a teu marido  
Que o tens a par de ti.

« Matai-me, senhor, matai-me  
 Que a morte eu mereci.  
 Pois com o marido nos braços,  
 Eu não o reconheci.

— Deixa chegar a manhã  
 Que te darei de vestir ;  
 Dar-te-hei saia de ganga  
 E gibão de carmezim:  
 E de gargantilha, um punhal,  
 Pois o quizesstes assim,  
 Chama lá por teus criados  
 Que te venham acudir.  
 Chama lá teu pae e mãe  
 Que te venham á carpir.  
 Mandarei que te entorrem  
 Na egreja de Paris,  
 Egreja de tantas missas  
 Nenhuma será por ti.

.....  
 « Onde vais Bernar Francez  
 A esta hora por aqui ?  
 — Em vou vér a minha dama  
 Que ha dias não a vejo.  
 « Tua dama já é morta,  
 Morta, que eu a vi morrer,  
 E si me pedires signaos  
 Eu t'os darei assim :  
 A tumba em que ella ia  
 Era de prata e marfim ;  
 E o panno que a cobria  
 De um rico carmezim.  
 Sete rainhas choravam,  
 Sete reis acompanhavam,  
 Fóra da gente miuda  
 Que ia mais de cem mil.  
 « Seguiu logo o cavalleiro  
 Montes que tinha a seguir  
 E em meio do caminho

Lhe apparece um bicho horrendo.  
 — Não temas, Bernar Francez,  
 Pois não te temas de mim ;  
 Sou a tua querida dama  
 Que por ti anda perdida ;  
 Te peço, Bernar Francez,  
 E te peço agora aqui :  
 Mulher com quem te casares,  
 Anna chames como a mim,  
 E quando chamares por ella  
 Te recordes bem de mim ;  
 Filho que della tiveres,  
 Que se chame Serafim,  
 E não se perca por mulheres  
 Como eu por ti me perdi.

## BERNAR FRANCEZ (1)

(Variante do Recife)

— Quem bate na minha porta.  
 A horas de eu dormir ?  
 Si algum peregrino fôr,  
 A porta mandarei abrir ;  
 Si fôr Bernar Francez,  
 Minha porta irei abrir.  
 Levantou-se de su cama  
 Em fraldas de su camisa,  
 No levantar de su cama  
 Um seu chapim se perdeu ;  
 Botou pés em terra fria,  
 Cousa que nunca faria,  
 E no abrir de su porta,

---

(1) Esta versão, pelos seus vestígios de linguagem hespanhola, revela que o romance é de origem castelhana.

Apagou-se su candim.  
 Conduzindo pela mão  
 Levou-o para o jardim,  
 Lavou-o n'agua cheirosa  
 Mui cheirosa de jasnim ;  
 Enxugou-o em lenções de hollanda  
 Com que se enxugava a si,  
 Dou-lhe camisa lavada  
 E o deitou a par de si,  
 A horas de meia noite  
 Quando os clarins redobravam.  
 — Que tendes, Bernar Francez,  
 Que não te viras para mim ?  
 Si temes mi padre e madre,  
 Estão na cama a dormir ;  
 Si temes a meus hermanos  
 A el-rei foram servir ;  
 Si temes a meu marido  
 Longe terra está daqui.  
 « Eu não temo a padre e madre  
 Aos quaes nunca temi,  
 Nem tambem a teus hermanos,  
 Que a el-rei foram servir ;  
 Temas tu a teu marido  
 Que está a par de ti.  
 — Matai-me, conde, matai-me,  
 Pois a morte mereci ;  
 Com meu marido na cama  
 Só agora o conheci.  
 « Doixa amanhecer o dia,  
 Quo te darei de vestir,  
 De grana fina uma saia,  
 Guarda-pé de grana fina,  
 Gargantina garrotada,  
 Pois mereceste assim.  
 . . . . .  
 — De onde vindes, cavalleiro,  
 Que vindes tão apressado ?

« Venho vêr a minha amada  
 Que a tempos não a vejo.  
 — Vossa amada já é morta,  
 E vos dou signaes aqui :  
 Levou saia de grana fina,  
 De grana fina o roda-pé,  
 Gargantilha garrotada  
 Pois assim o mereceu:  
 A tumba em que ella ia  
 Era de ouro e marfim,  
 E a coberta que levava,  
 De velludo carmezim ;  
 A gente que acompanhava  
 Era mais de doze mil ;  
 Entre os mais pechitinhos  
 Não tinha conta nem fim.  
 « Volta, volta meu cavallo  
 Para a igreja de São Gil,  
 Quero ver a minha amada  
 Que a tempos eu não via.  
 O sacristão era bom homem,  
 Sua porta logo abria.

. . . . .  
 — Os braços que te abraçavam  
 Já não tem forças em si ;  
 A bocca que te beijava  
 Já não tem sabor em si:  
 De dia, carrego lenha,  
 De noite, me queimo a mi.

#### A DOLORIDA

Uma tardezinha  
 A's Ave-Maria,  
 Vi meu maridinho  
 Ir de rua acalma.

Botei-me atraz delle,  
 Toda dolorida,  
 E vi elle entrar  
 Na casa da amante,  
 Voltei para traz,  
 Toda dolorida,  
 Fui botar a ceia,  
 Ceiar não podia.  
 Eu me levantei  
 Toda dolorida,  
 Deitei-me na cama,  
 Dormir não podia.  
 Era meia noite,  
 E não me apparecia ;  
 De madrugadinha  
 Na porta batia.  
 Eu lhe respondi  
 Toda dolorida :  
 — Onde passou a noite  
 Vá passar o dia.  
 Elle respondeu-me  
 Todo dolorido:  
 « Lá, por uma hora,  
 Cá, por toda a vida.

#### A BELLA INFANTA (1)

(Versão de Goyanna)

Já deu o sol na vidraça,  
 Já lá vem rompendo o dia,  
 A princeza de Allemanha  
 A seu pae se descobria.

---

(1) Th. Braga publica duas versões deste romance : uma do Porto, com o titulo de *Conde Alberto*, e uma da Beira Baixa, com o de *Conde Alves*, e em nota discute a sua origem historica. Garrett

— Senhor pae, já era tempo  
Do senhor me dar marido.  
« Oh ! filha, quem isto diz  
Sua honra tem perdida.  
Aqui neste meu reinado  
Não vejo quem vos mereça.  
Só o conde Dom Eladio,  
Este tem mulher e filhos.  
— Este mesmo, senhor pae,  
Este mesmo é que eu queria.  
Mandai vós chamar o conde  
P'ra jantar connosco um dia,  
E perguntai si está lembrado  
Das palavras promettidas,  
Naquelle pé de roseira  
Junto á fonte de Hungria,  
Que prometteu-me homenagem  
Em fé de cavallaria.  
. . . . .  
« Não sei que houve na côrte  
Que el-rei manda chamar-me ;  
Não sei si é para meu bem,  
Ou será para o meu mal.  
Parte o conde Dom Eladio  
No seu cavallo montado . . .  
— Que quereis, real senhor ?  
Que quer, vossa senhoria ? (1)

---

publica também uma versão do romance, com o título de *Conde Yano*, originaria da Beira Baixa.

Suppõe-se, e Duran no *Romanceiro hespanhol* o aventa, como refere Th. Braga, que este romance allude á morte dada pelo infante D. João de Castella a sua esposa D. Maria, por intrigas da rainha D. Leonor Telles, para casar com sua filha D. Beatriz, cujo facto se prende ao reinado de D. Fernando (1367-1383).

A nossa versão é completa e distinctamente traçada, e contém pormenores que avantajam-na ás demais.

(1) Esse tratamento de *Senhoria* dado a el-rei, é uma prova de que o romance, si não se prende, effectivamente, ao facto aven-

« Conde, vós estais lembrado,  
 Das palavras promettidas  
 Naquelle pé de rozeira,  
 Junto á fonte de Hungria,  
 Que promettesseis homenagem  
 Em fé de cavallaria ?  
 — Eu bem me lembro, senhor,  
 Mas a vossa senhoria,  
 Rogo a sua piedade,  
 Pois tenho mulher e filhos.  
 « Condo matai a condessa  
 E casai com minha filha.  
 — Como a matar, senhor,  
 Que a morte não merecia ?  
 Mandarei para Castella  
 Onde pae e mãe teria.  
 « Conde, matai a condessa,  
 Não useis de mais porfia,  
 E mandai-me a cabeça  
 Nesta dourada bacia.  
 Parto logo o conde Eladio  
 No seu cavallo montado,  
 Quando elle chega em casa,  
 De que sorte chegaria ?  
 — Senhora, botai a mesa ;  
 Cesta de fome trazia ;

---

tado por Duran, remonta-se, contudo, a épocas muito afastadas.

Originariamente, tinham os reis de Portugal o tratamento de *rossa mercé*, que foi substituído, decorridos tempos, pelo de *senhoria*, que chegou até D. Manoel, em principios do seu reinado (1495-1521).

Do reinado de D. Manoel até o do cardeal D. Henrique tiveram os reis de Portugal o tratamento de *altesa*, prendendo-se o de magestade á dominação de Castella, uma vez que os seus monarchas tinham este tratamento, o qual foi logo conferido pelos portuguezes a D. João IV, seu aclamado soberano, quando firmaram sua independencia em 1640.

Os h-spanhoes foram os primeiros que deram ao seu monarcha o tratamento de magestade, á partir de Carlos V.

« A mesa sempre está posta  
Para vossa senhoria.  
Sentaram-se *ambos os dois*,  
Nem um, nem outro comia,  
Que as lagrimas eram tantas,  
Que pela toalha corria.  
— Senhora, fazei-me a cama,  
*Casta* de somno trazia ;  
« A cama sempre está feita  
Para a vossa senhoria.  
Deitaram-se *ambos os dois*.  
Nem um nem outro dormia,  
Que as lagrimas eram tantas  
Que pela cama corria.  
— Contai-me conde Eladio,  
Que tendes hoje, neste dia ?  
Contai vossa tristeza,  
Como falais de alegria.  
« Quando eu era menino,  
Menino de quinze annos,  
Eu gozei a princezinha,  
Princeza Dona Maria.  
Manda el-rei que eu vos mate  
Para casar com a filha.  
— Não me mates, conde, não,  
Que a morte não merecia ;  
Mandai-me para Castella  
Onde pae e mãe teria.  
— Estas palavras e outras  
A el-rei já foram ditas ;  
Elle manda que vos mate,  
Não use de mais porfia,  
E que lhe mande a cabeça  
Nesta dourada bacia.  
— Não me mates com alfange  
Que é morte de tyrannia ;  
Matai-me com uma toalha  
Que é morte de fidalguia.

Mamai, mamai, meu filhinho,  
 Este leite de amargura,  
 Que antes do sol se pôr  
 Vossa mãe irá na tumba.  
 Mamai, mamai, meu filhinho,  
 Este leite de agonia,  
 Que hoje tiveste mãe,  
 E amanhã tereis madrasta  
 Da mais alta senhoria.

. . . . .  
 Dobrava o sino da sé...  
 « Oh ! meu Deus, quem morreria ?  
 — E' morta a bella infanta,  
 Pelo mal que commetia,  
 Descasar os bem casados,  
 Cousa que Deus não queria.

#### D. ISABEL

(Variante de Pagehú de Flores)

— Que tens tu, Dona Isabel,  
 Que estais triste em demasia ?  
 « Porque meu pae não me casa,  
 Nem esta tenção fazia.  
 — Procura com quem te cases,  
 Procura de quem te agradas ;  
 « Me agrado do conde Eladio :  
 — Mas elle tem mulher e filhos.  
 Escreve de tua parte,  
 Escreve com insistencia,  
 E mandai dizer ao conde  
 Que venha a minha presença.  
 . . . . .  
 — Conde, vá, mate a condessa,  
 E deixe de mais porfia ;  
 Quero que mate a condessa,  
 E me traga a cabeça

Nesta dourada bacía.  
 « Senhor, não mato a condessa,  
 Que a morte não merece ;  
 Vou entregal-a a seu pae,  
 Que por filha a reconhece,  
 E nem as folhas do monte  
 Este segredo conhece.  
 — Conde vá, mate a condessa,  
 E deixe de mais porfia,  
 Quero que mate a condessa,  
 E case com minha filha,  
 E que me traga a cabeça  
 Nesta dourada bacía.  
 « Senhor, não mato a condessa.  
 Que ella morrer não devia,  
 Vou botal-a lá nos montes  
 D'onde mais não sahiria,  
 E nem a hervinha do monte  
 Parte della mais daria.  
 — Conde, vá, mate a condessa,  
 E deixe de mais porfia,  
 Quero que mate a condessa  
 E case com minha filha  
 E que me traga a cabeça  
 Nesta dourada bacía.

.....

GERINALDO (1)

(Versão de Goyanna)

— Gerinaldo, Gerinaldo,  
 Criado de el-rei, querido,  
 Quem me dera, Gerinaldo,  
 Passar a noite contigo ?

---

(1) Theophilo Braga publica este romance, no seu *Romanosiro Geral*, segundo uma versão de Traz os Montes, mais completa do que a nossa, e sobre as suas filiações historicas se expande na respectiva annotação.

« Vós mangais de mim, senhora,  
Porque sou vosso captivo ?

— Eu não mango, Gerinaldo,  
Pois deveras eu o digo.

« Quando quereis, vós senhora,  
Qu'eu vi ao vosso serviço ?

— Pela onze, pelas doze,  
Quando el-rei estiver dormindo,  
Tragas sapatos de lona  
P'ra não seres presentido.  
Que de abraços e boquinhos  
Serás bem recebido.

.....  
« Levanta-te Gerinaldo  
Vai receber teu castigo ;  
Punhal d'ouro de meu pae  
Entre nós está mettido.

.....  
— P'ra matar a Gerinaldo,  
Criei-o de pequenino ;  
P'ra matar a bella infanta,  
Fica o meu reino perdido.

.....  
« Gerinaldo, Gerinaldo,  
Criado de el-rei querido,  
Onde deixaste a côr do cravo;  
Que tu trazias contigo ?  
— Eu a deixei em batalhas  
Pelejando os inimigos.

.....  
« Gerinaldo, Gerinaldo,  
Gerinaldo, meu amigo ;  
Hontem fostes meu criado,  
Hoje meu genro o querido.

## A INFANTA DONA MARIA (1)

Botou-se o Conde de Flores  
 A caçar com alegria ;  
 Sous perros leva em matilha,  
 Seu guião erguido hia.  
 Debaixo de um arvoredor.  
 Que a clara noite encobria,  
 Avistou uma donzella  
 Formosa em demasia.  
 Cabellos de sua cabeça  
 Todo o seu corpo cobria ;  
 Os dentes de sua bocca,  
 Prata fina parecia ;  
 Os olhos de sua cara  
 Todo o corpo esclarecia.  
 — Que fazeis aqui donzella,  
 Que fazeis aqui sozinha ?  
 « Sete fadas me fadaram  
 No ventre de minha mãe,  
 Que eu aqui havia andar  
 Sete annos e um dia.  
 Hontem findaram-se os annos,  
 E hoje finda-se o dia ;  
 Cavalleiro, si tu queres,  
 Leva-me em tua companhia.  
 Não me leves por mulher  
 Nem tambem por vida tua ;  
 Leva-me por tua escrava,  
 Que servirei todo o dia.

---

(1) Th. Braga consigna este romance com o título — *A Encantada*, segundo uma versão da Foz, e uma variante com o de *Romance da Infanta de França*, de uma versão da Covilhã, que muito se approxima da nossa. De uma extensa nota do mesmo escriptor sobre a filiação histórica e literaria do romance, verifica-se que é elle de origem franceza, e já conhecido na idade média.

— Não te levo por escrava,  
 Que muitas na côrte eu tenho;  
 Por mulher minha eu te levo,  
 E tambem por vida minha.  
 E pegando-a pelas mãos,  
 De ancas a fez montar.  
 Viagem de oito leguas,  
 Num instante se vencia,  
 Mas de relance divulga  
 Quo a princeza se sorria.  
 « De que vos rides, donzella,  
 De que rides vida minha ?  
 — Me rio do cavalleiro,  
 E da sua covardia,  
 De estar só com uma donzella,  
 Que faz perder cortezia.  
 « Torna atraz meu bom cavallo,  
 Os passos que tens seguido,  
 Que uma espora de prata  
 No caminho é perdida,  
 — Adeante, cavalleiro,  
 Não uses de covardia;  
 Si a perdestes de prata  
 De ouro fino te daria.  
 Na casa de el-rei meu pae  
 Pesa-se ouro todo dia,  
 Pois sou filha de el-rei de França  
 E da rainha Constantina.  
 « Valha-me Jesus do céu,  
 Valha-me a Virgem Maria !  
 Pensando que achasse mulher.  
 Achei uma irmã das minhas !

.....  
 Grande festa houve na côrte,  
 Muito grande em demasia,  
 Que foi achada a infanta,  
 Por nome Dona Maria.

## D. FELISARDO

— Acordai, alta princeza,  
 P'ra receber um recado,  
 Uma carta que vos manda  
 O senhor D. Felisardo.  
 Acorda logo a princeza  
 Com o rosto sobresaltado,  
 E perguntou, porque tão cedo  
 Assim a tinham acordado.  
 « E' uma carta que vos manda  
 O senhor Dom Felisardo.  
 E a princeza em sobresalto,  
 Principia a carta a lér,  
 E a cada linha que passa  
 Se sente desfallecer.

. . . . .  
 — A cama que tu me désto  
 E' um duro taboado,  
 O cobertor que me cobre  
 São as telhas do telhado ;  
 O comer que me sustenta  
 São suspiros represados ;  
 Novas não sei de ti,  
 E nem si sou noticiado.

. . . . .  
 « Aceitai este animal  
 Para andar mais apressado,  
 Para vêr si ainda salvo  
 A vida de Felisardo.  
 A's sete horas do dia  
 Onze leguas tinha andado,  
 E encontrou um cavalleiro  
 Em prantos alimentado.  
 — Donde vindes, cavalleiro,  
 Neste pranto debulhado ?

« Senhora, eu choro a vida  
Do senhor Dom Felisardo.  
— Viste tu a elle morto  
Ou acaso amortalhado?  
« Senhora, eu não o vi morto,  
Nem acaso amortalhado;  
Mas já o deixei perto  
Do campo de São Bernardo.  
— Accitai este animal  
Para andar mais apressado,  
Para vêr si ainda salvo  
A vida do Felisardo.

. . . . .  
« A's onze horas do dia,  
Vinte leguas tenho andado.  
Foi por mim que te perdeste,  
Sendo tu meu namorado?  
Por ventura será este  
O meu bom Dom Felisardo?

#### DOM MARCOS (1)

A partir estava Dom Marcos  
Para as guerras guerrear;  
Dona Anna que disto soube  
Cahi no pranto a chorar.

---

(1) Esta xacara bem como a da *Mzinna da fonte* em seguida consignada, foram-nos dadas pelo nosso illustre amigo e collega o Dr. Vicente Ferrer de Barros Wanderley Araujo, que sobre o assumpto dirigiu-nos a seguinte e interessante carta:

« Satisfazendo o seu desejo remetto-lhe as duas poesias, que muita vez foram cantadas por minha avô materna, D. Maria do Carmo de Barros Lins Wanderley, viuva do seu primo, Pedro José de Barros Lyra (meu avô), nascida no lugar denominado «Paiva» do municipio do Cabo, aos 28 de julho de 1802, e criada e educada na hoje cidade da Victoria.

« A primeira é evidentemente uma xacara, muito mais antiga do que a segunda, já pela phrase, já pela estrutura das estrophes. A

— Dizei-me, ó Dom Marcos,  
Quando haveis de voltar?  
« Sete annos e um dia,  
Isto é o mais tardar.

segunda, si não fosse a sua extensão e forma dialogada, poderia chamar-se um *Villancete*.

« Minha avó, que foi testemunha ocular das grandes commoções políticas da antiga capitania e provincia; com o espirito entulado pela prematura morte de meu avô, assassinado no engenho *Tambotá-mirim*, do municipio da Victoria; havendo assistido, na predita cidade da Victoria, a execução capital de um escravo do capitão-mór Dyonísio; repetia muitas xacaras e romances do tempo, que infelizmente, a minha meninice não permitia aquilatar de sua importância. As duas que agora remetto-lhe, foram conservadas por minha adora-la mãe, que copiou-as, e tambem as cantava.

« São indígenas? Foram transplantadas da antiga metropole?

« Acho mais razoavel esta hypothese, podendo occorrer a circumstancia de haver sido adaptado a primeira algum facto local.

« Xavier Marmier (*Leendas e tradições da Alemanha*), cita uma legenda germanica, que julga ser a origem da xacara de D. Marcos,

« Carlos Magno parte para a Hungria. Quería converter os pagãos. Abraça sua mulher Hildegarda e diz-lhe: — « Espera-me dez annos. Si neste prazo não voltar, considera-te viuva e casa-te. — Passam-se nove annos. Os grandes do reino, não tendo noticias de Carlos Magno, insistem com Hildegarda para escolher outro esposo. Ella recusa por muito tempo, mas os pedidos multiplicam-se, e a esposa cede. « Uma noite Deus envia um dos seus anjos a Carlos Magno, para o prevenir do que se passa. Logo elle monta a cavallo e pela inspição de um guia celeste, em tres dias chega de Hungria a Aix-la-Chapelle.

« Era tempo. Já os sinos repicam, os sacristães enfeitam a igreja: os condes e barões cavalgam ao redor do palacio; e quando o imperador pergunta o que significam todos estes preparativos e movimento da multidão, diz-lhe, que Hildegarda vai casar. Passa a noite em um albergue; mas de manhã vai a igreja, quando devia celebrar-se a missa solenne. Havia a no alto da capella-mór uma cadeira dourada, que sómente podia ser occupada pelo imperador. Elle senta-se, colloca a grande espada nos joelhos e espera. O primeiro padre que vê esse homem de cabellos brancos, sentado no throno imperial, lançando olhares de colera ao redor, saltou um grito de espanto. Os outros padres correram logo, e o bispo adiantando-se com os seus habitos pontificaes, perguntou ao magestoso velho quem elle era. — *Quem sou?* Gritou Carlos Magno com voz de trovão. « Eu sou o vosso imperador, que vós deveis servir, e que entretanto o

Si aos sete eu não chegar  
 Aos nove podeis casar.  
 Sete annos não eram chegados  
 Já Dona Anua quiz casar,  
 Desceu um anjo do céu  
 A Dom Marcos avisar.  
 Dom Marcos que disto soube  
 Poz-se logo a chorar ;  
 Chamou pelo seu criado  
 Seu criado mais leal,  
 Mandou sellar seu cavallo,  
 E poz-se logo a caminhar.  
 Ao pé de uma grande serra  
 Viu o seu gado a pastar,  
 Marcado com outro signal.  
 — Por Deus te peço pastor  
 Que não me queiras negar ;  
 Este gado de quem é  
 Marcado com outro signal ?

---

« atraíçoastes ! — » O bispo lançou-se nos seus braços ; o povo o saudou com aclamações de alegria, e depois Hildegarda agradece « ao céu, que restituiu lhe o esposo. »

« Segundo o escriptor citado, a lenda acima é a velha Odyssea de Ulysses, applicada a outras pessoas e alterada por outros factos. « E' o que parece ter occorrido com a xacara de D. Marcos.

« Desculpe este cavaco sobre assumpto tão fóra dos meus estudos habituaes.

« Estabelecida a *monogenesis* (permitta), das tradições, parece « que D. Marcos chega a Ulysses, seguindo-se a opinião de Marmier e de Gaston de Paris.

« Outros sustentam a *polygenesis* das tradições e entre elles pode-se citar Belier no seu applaudido trabalho sob — *Les Fabliaux* — « São delle as seguintes palavras: « E' preciso concluir pela polygenesis dos contos. E' preciso renunciar estereis comparações de « versões que pretendem descobrir leis de propagação, jámais encontradas, porque não existem. E' preciso abandonar as vãs classificações, que fundam-se na semelhanca em paizes diversos, de « certos traços forçosamente insignificantes (pelo proprio facto de « reaparecerem em dixer os paizes) e que despresam os elementos « locais, differencias, não raras, de taes narrações — as unicas « e interessantes (p. g. 10). Pedindo desculpa, sou, etc. »

« Este gado foi de Dom Marcos,  
Deus o queira perdoar ;  
Hoje é de João Fernandes,  
*R'polego* no lugar.

— Por Deus te peço pastor  
Por Deus te torno a rogar,  
Que tomes os meus vestidos,  
E os teus me queiras dar,  
Que esmolas vou pedir  
Naquella casa, acolá.

« Esmola venho pedir,  
Senhora, me queiras dar  
— Eu não tenho ouro nem prata  
Nem cousas que possa dar...  
Estes olhos são de Dom Marcos,  
Não me podereis negar...

« Aqui te mato, mulher,  
Aqui morta te hão de achar,  
P'ra não casares com outro  
Antes de Deus me matar.  
Dei-lhe uma, dei-lhe duas,  
Nas tres deitei-a no chão.  
Não me chamavam Dom Marcos,  
Mas agora o chamarão.

#### A MENINA DA FONTE (1)

— Entre silvas e silvanos  
Agua onde ha de haver ?  
Senhora que estais na fonte,  
Dai-me agua p'ra beber ?  
« Mas a fonte não tem agua,  
A fontesinha do amor ;

---

(1) Theophilo Braga publica este romance com o titulo — *A Conversada da Fonte* — segundo umas versões de Penafiel e Coimbra, e percebe nelle uns vislumbres biblicos, referin lo-se, sem duvida, ao encontro de Jesus com a samaritana, tão bellamente narrado por São João no capitulo IV dos seus Evangelhos.

Por ditosa me daria,  
 Dar-vos agua, meu senhor.  
 — As aguas são correntezas  
 Nascidas do entrechão,  
 Por ditoso me daria  
 Bobel-a da vossa mão.  
 « Não gasteis a vossa sola,  
 Porque é cousa de balde ;  
 Não queirais amar á força,  
 Senão por nossa vontade.  
 Não gasteis a vossa sola,  
 Pois custou vosso dinheiro,  
 Não quero que depois digais  
 Que fui o vosso romeiro.  
 — As palavras estão bem ditas,  
 Vós mesmo foi que o quizestes ;  
 O caminho está seguido  
 Eu bem o vejo d'aquí,  
**Mas não saio sem a rosa**  
**Eu levar a par de mim.**  
 « A rosa vós deixareis,  
 E a ella não quereis ;  
 Tornai por cá outro dia  
 Que a resposta levareis.  
 — Menina, diga a seu pao,  
 Que eu vos quero receber...  
 « Isto não lhe direi eu,  
 São palavras excusadas.  
 Inda sou menina e moça.  
 Não estou para reger casa.

---

Romero publica tambem o romance, com o titulo — *Florioso*, — segundo uma versão de Sergipe, cuja parte final afigura-se-nos um fragmento de peça differente.

A nossa versão, por mim, é completa, a accção do romance desliza-se harmonica e naturalmente, e termina com um lance puramente romanesco.

Theophilo Braga em annotação á versão sergipana, publica ainda uma outra com o titulo de *Romance da Pastorinha*, collhida em Lagos, no Algarve.

— Outras de menor idade,  
 Regem casa e tom marido,  
 Assim fareis vós, senhora,  
 Quando casardes commigo.  
 « Mancebo, que sabes tanto,  
 Tambem has de saber ler.  
 — Não sei ler e escrever,  
 Nem tambem tocar viola,  
 Mas tudo isto aprenderel  
 Na vossa real escola.  
 « A escola que eu tenho  
 Não é p'ra vós aprender,  
 Que outros mais guapos vivem  
 Atraz de nella saber.  
 — Homem que em mulher se fia,  
 E nella faz cabodal,  
 Ou tem palavras loucas,  
 Ou coração de rosalgar.  
 « Tornai cá, galantezinho,  
 Não boteis palavra ao vento,  
 Ou haveis de casar commigo,  
 Ou dotar-me em casamento.  
 — Não caso com vós, senhora,  
 Nem vos doto em casamento,  
 Pois sou soldado de Christo,  
 E aqui trago o regimento,  
 Para não casar com damas,  
 Nem dotar-lhes em casamento.

#### A VIDA DO FRADE (4)

Triste vida é a do frade  
 Inda peor que a da freira ;  
 Andar de noite ás escuras  
 Em penitencia.

---

(4) Theophilo Braga consigna no seu *Cancioneiro Popular* uma variante incompleta desta composição, de uma versão da Beira-Baixa,

Precisa ter paciência  
 No longo noviciado ;  
 Estar um anno encerrado,  
 Eu não pensava.

Logo disse, — não queria  
 Ser frade neste convento,  
 Porque mui grande tormento  
 Experimentava.

Só a força eu professei  
 Por meu pae assim querer ;  
 Sou defunto, sem morrer,  
 Amortalhado !

Vivo em fogo abrazador  
 Com este habito vestido ;  
 E quando me vejo despido,  
 Estou contente.

Quando me vejo doente  
 Mettido na enfermaria,  
 E' quando tenho alegria  
 Nesta desdita.

Si alguma licença alcanço  
 A meus paes vou visitar ;  
 E si os outros vão passear,  
 Eu tambem vou.

Logo que o canto volta  
 O meu bello companheiro,  
 Procura a rua, primeiro,  
 Dos seus amores.

---

sob o titulo — *O Frade*, — constante apenas de oito estrophes.

A lição, porém, que recolhemos tinha quinze, e apesar disso verificamos que era incompleta, em face da versão recolhida por Joaquim Norberto, com vinte estrophes. Respeitando, portanto, a nossa versão, damos, comtudo, para o complemento da peça as cinco estrophes que accrescemos na de Norberto, com as quaes terminamos a lição.

Si está doente não tem dôres  
Logo que solto se vê ;  
Inda que a gotta lhe dê  
    Não é tão forte.

Cuido estar para morrer  
Quando subo esta ladeira ;  
Quando desço é de carreira  
    A toda pressa.

De missas uma remessa  
O guardião sempre tem ;  
Ganhar o frade um vintem.  
    Ora essa é boa...

Si morre alguma pessoa  
Que officio vamos rezar,  
Todos juntos a cantar  
    No côro estão.

De noite á porta da cella  
Certas matracas tocando,  
Vão-nos levantando  
    A' rezar no côro.

Com isso quasi que morro  
A's vezes sonambulando ;  
Si estou rezando ou miando  
    Tambem não sei.

Quando cuido de dormir,  
Toca officio de agonía,  
Vamos para a enfermaria  
    Rezar, cantar.

O frade, perto a expirar,  
Sem acabar de morrer ;  
Quando o dia amanheceu,  
    S'tá entendido.

Já morreu arrependido  
 O nosso frade doente ;  
 Ponha-se isso patente  
 Que officio temos.

Graças a Deus já rezamos,  
 Toca o sino a refeitório,  
 P'ra tomar um vomitório  
 De arroz cosido.

Si algum meu conhecido  
 Fraile quizer se metter,  
 Antes se exponha a morrer  
 Do que ser frade.

Do mesmo se queixa a madre,  
 Por não acompanhar o frade...  
 Por não ter mais liberdade...  
 E nada mais.

#### ROMANCE DE UMA FREIRA (1)

(Versão do Recife)

A vida da triste freira  
 E' uma vida mui penosa,  
 E sendo a minha tão famosa,  
 Eu a vou contar.

A meus paes aconselharam,  
 Que não me desse o meu dote,  
 Pois que a minha melhor sorte  
 Era ser freira.

---

(1) Theophilo Braga consigna no seu *Cancioneiro* uma variante desta peça, sob o título — *A freira arrependida*, — versão da Beira Baixa, com vinte e uma estrophas, tendo a que recolhemos aqui apenas quinze.

Evidentemente, pelo assumpto e pelo genero da poesia, esta composição, bem como a antecedente *Vida do frade*, são da mesma

Induziram a parteira,  
 Que me mettesse em cabeça,  
 Que a freira ou abbadeça  
 Casar podia.

Eu como criança isso crêra,  
 Confiada na promessa  
 Que qualquer freira profes-a  
 Casar podia.

Depois de eu aqui estar  
 Mettida nesta clausura,  
 Parece-me noite escura  
 Ao meio dia.

Não tenho mais alegria ;  
 E que alegria posso eu ter,  
 Em cuidar que hei de comer  
 No refeitório ?

A' sombra de um dormitório  
 Onde dormem tantas mães,  
 Suspiro eu de saudades,  
 Aqui entre nós.

Pensando em dormir a sós  
 Me causa tanta agonia,  
 Quando pela noite fria  
 Me levanto.

Então verto amargo pranto  
 E me desfaço em chorar,  
 Em cuidar que toca a orar  
 As matinas.

---

época e originarias do mesmo lugar : e recolhendo aquelle escriptor na Beira Baixa, em Portugal, as versões que consigna dessas duas peças, si bem que incompleta a da primeira, como demonstrámos na antecedente nota, quer nos parecer que são ellas originarias daquelle localidade.

Divinaes hymnos cantando  
Por claustros e corredores,  
Lembrando-me dos meus amores  
Por quem morro.

Aventura das casadas  
Foi lograr dos seus amores,  
De continuo tem favores,  
Mas eu nunca.

Minha mãe que Deus a tem  
( Deus lhe dê contentamento)  
Deixou dito em testamento,  
Que me casassem.

E si acaso não me casassem,  
Que eu gritasse em altas vozes,  
E da casa arronegasse  
Que não tem homem.

A meu pae torno eu a culpa  
E a meus irmãos tambem ;  
Podendo casar tão bem  
Aqui me encerraram.

Eu queria ser casada  
E ter pensão de meninos  
A viver tocando sinos,  
No campanario.

#### ROMANCE DE UMA FREIRA

(Variante de Goyanna)

Coitada da triste freira,  
Triste vida, tão penosa,  
Sendo ella tão formosa,  
A enterraram.

A seu pae aconselharam,  
Que não lhe dêsse o seu dote,  
Tendo ella melhor sorte  
Sendo freira.

Avisaram a parteira  
Que lhe mettesse em cabeça,  
Que qualquer freira ou frade  
Casar podia.

Ella como monina crêra  
Que tudo verdade era,  
Que qualquer freira ou frade  
Casar podia.

Minha mãe que Deus lá tenha,  
(Deus lhe dê contentamento)  
Deixou dito em testamento,  
Que me casassem.

Si isto não fizessem,  
Que em altas vozes gritasse,  
E da casa arrenegasse  
Que não tem homem.

Não tenho mais alegria,  
E que alegria posso ter  
Em cuidar que hei de comer  
No refeitório ?

A' sombra de um dormitório,  
Onde dormem tantas madres,  
Suspiros só de pezares  
São os que dou.

Que alegria posso ter  
Em cuidar que durmo só,  
E que em noites de frio  
Me levantou ?

Eu choro, solto o meu pranto,  
 E me desfaço om chorar,  
 Em cuidar de ir ao côro  
 Rezar matinas.

Rezando resas divinas  
 Lá por certos corredores,  
 Lembrando me de meus amores  
 Por quem morro.

Alegria é das ca-alas,  
 Que vivem com seus senhores,  
 Que sabem lograr amores  
 Com seus sabores.

A meu pae torno eu a culpa  
 E a meus irmãos também,  
 Podendo mui bem casar,  
 Não o quizeram.

Antes queria ser casada,  
 De noite ombalar meninos,  
 Do que ser freira professa,  
 Afinar o orgão e dobrar sinos.

#### XACARA DE NOSSA SENHORA DAS DORES

Estava a mãe dolorosa  
 Ao pé da cruz, lacrimosa  
 Olhando o filho pendente :

N'alma que triste gemia  
 De amargura e de agonia,  
 Espada a fere pungente.

Oh ! quanto em extremo afflicta,  
 Do unigenito bemdita  
 Santa madre suspirava !

Do inelyto nado ao penar,  
A tremor e a soluçar  
Profundos ais derramava.

Quem ha que negasse pranto  
Ao ver em supplicio tanto  
A mãe do Christo Senhor ?

Quem não se contristaria  
Ao contemplar a mãe pia  
Com elle immersa na dôr ?

Por seu povo que ha peccado  
Viu Jesus atormentado,  
Sujeito á flagellação :

O caro filho morrendo,  
O espirito o viu rendendo  
Mesto e sem consolação.

Eia, mãe, fonte de amor,  
Faze que sinta essa dôr,  
Que a tous choros junte os meus :

Faze em Christo que me inflamme,  
Que mais o queira e mais ame ;  
Agrada minh'alma a Deus.

A ti, mãe, contricto, brado,  
Chagas do crucificado  
Venham dentro em mim arder ;

Divide os golpes commigo,  
Do filho que atroz castigo,  
Se dignou por mim soffrer.

Em vida, commigo eu chore,  
Magoa intensa me devoro  
Por Deus no lenho cravado :

Ante a cruz desejo estar,  
Em lagrimas e pezar,  
A ti sempre associado.

Virgem das virgens preclara,  
Tu não me sejas amara,  
Une o pranto ao pranto meu :

De Christo me lembra a sorte,  
Lembra-me a paixão e morte  
E as chagas do filho teu.

Fique eu dellas pontrado,  
Nessa cruz embriagado  
E em seu amor divinal ;

Nelle, Senhora, incendido,  
Eu por ti seja remido  
Lá no juizo final.

Faze que me ampare a cruz,  
Que na morte de Jesus  
Encontre graça e conforto ;

Que da gloria alcance a palma  
No paraizo minh'alma  
Quando o corpo estiver morto.

#### XACARA DE SANTO ANTONIO (4)

A vinte gráus para o norte  
Da linha equinocial  
Fica a cidade de Lisboa,  
Côrte de Portugal.

---

(4) Desta xacara encontrámos uma variante com titulo de *Lenda de Santo Antonio*, constante de 93 versos, que figura no *Romanceiro do Archipelago da Madeira*, colligido e publicado pelo Dr. Alvaro Rodrigues de Azevedo.

Grande é o alicerce  
Da maior opinião  
De ter um seguro porto  
Para todas embarcações.

Nesta formosa cidade,  
Morava Martins de Bulhões  
Illustre pelo seu sangue,  
Dos seus antigos brazões.

Quem elle era bastava,  
Nascer do seu matrimonio  
Um filho peregrino  
O milagroso Santo Antonio.

Amanheceu certo dia  
No topo da sua escada  
Um homem que mataram  
De noite com uma estocada.

Veio logo a justiça  
E o seu corregedor,  
A fazerem vistoria  
E prender o matador.

E como não o acharam,  
Prendem Martins de Bulhões  
O arrastam p'ra cadeia  
E o mettem em grilhões.

Tiraram logo devassa  
Pois era de obrigação,  
Para vêr si elle sabia  
Culpado na morte ou não.

Sendo por falsas industrias,  
Ou por falsas testemunhas,  
Sahi u culpado na morte  
Não tendo culpa nenhuma.

Sem attenção, nem respeito  
A sua idade e nobreza,  
Nem ao menos a caridade  
Que usava com a pobreza.

Sabiu-lhe a morte de força  
Pois a lei assim ordena,  
Que, quem mata também morra,  
Que padeça a mesma pena.

Vendo-se nesta afflicção  
Sem da vida ter esperança  
Recorreu á Mãe de Deus  
Com mui grande confiança.

— O' Virgem, minha Senhora,  
Por vosso esplendor, vosso brilho,  
Ponde os vossos pios olhos  
Em minha mulher e filho.

— Pois vós muito bem sabeis  
Que eu padeço innocente,  
E si vós disto fôr servida  
Aceito a morte contente.

— Toda a minha obrigação  
A vós dei xo encommendada,  
Como eu morro sem culpa  
Não fique desamparada.

— A todos os meus inimigos  
Perdão de coração,  
Para que das minhas culpas  
Alcancem de Deus perdão.

Dizendo estas palavras,  
Com amor e piedade,  
Já o levavam para a força  
Pelas ruas da cidade.

Chegando á certa paragem  
Ao encontro sahe um frade  
Do habito de S. Francisco  
Com toda civilidade.

— Justiça, eu te requireo,  
Pelo recto juiz do céu,  
Que soltes este innocente,  
Que nunca foi nem é réu.

— Si não quizeres crer,  
A' verdade eu me reporto,  
Pois a podeis ouvir falar  
Por bocca do proprio morto.

« Só sendo desta maneira,  
Ouvindo o morto aqui falar  
E' que nós outros poderiamos  
A este preso soltar.

— Levanta-te, homem morto,  
Pelo Deus que nos creou ;  
Anda, jura a verdade,  
Si este homem te matou.

« Este homem é innocente,  
E nunca a ninguem matou ;  
Antes me dava conselhos,  
Pelo pae que nos creou.

Ao fim destas palavras  
Já o morto não se via,  
Pois estava sepultado,  
Já desfeito em terra fria.

— Mandai-o logo soltar  
E o tirar da prisão fóra,  
Para onde quizer ir,  
eDeixai o preso ir mbora.

E vendo os corregedores,  
Que nisto mal ficariam,  
Voltaram-se ao religioso  
E desta sorte lhe diziam :

« Meu Reverendo Padre,  
Mandai o morto dizer,  
Quem foi o seu homicida,  
Que nós o queremos prender.

— Eu não vim aqui accusar,  
E só livrar um innocente ;  
Procurem por outra via,  
Façam sua diligencia.

« O' meu reverendo Padre,  
Diz Martins, onde morais,  
Que vos quero visitar,  
Pois não presto para mais.

— Com isto muito me espanto,  
E muito me maravillo,  
Em meu pae não conhecer  
A Fernando vosso filho!

Eu me chamava Fernando,  
Mudei o nome p'ra Antonio,  
Para gloria e amor de Deus  
E desprezar o demonio.

« O' filho meu tão amado  
Filho que o céu me deu,  
Vem a meus braços, querido,  
Abraça-me, ó filho meu.

Que virtudes são as minhas  
Que merecimentos os meus,  
De chegar a vêr um filho  
Com os poderes de Deus ! ?

— **Estando eu em Italia**  
**Para fazer um sermão,**  
**Um anjo me avisou**  
**Dessa vossa situação.**

**Deixei o habito em meu logar,**  
**Para falta não fazer,**  
**E vim a esta cidade**  
**Para vos poder valer.**

**Como já vos deixo livre**  
**Deital-me pae vossa benção,**  
**Que eu me vou para a Italla**  
**Celebrar o meu sermão.**

**« A benção de Deus te dou,**  
**E esta de minha mão,**  
**O' filho meu da minh'alma,**  
**Filho do meu coração.**

#### XACARA DE SANTA THEREZA

**« Dae-nos, supremo Senhor,**  
**Vossa graça com presteza,**  
**Para podermos louvar**  
**A madre Santa Thereza,**  
**Santa que foi procedida**  
**De illustre geração,**  
**De nobre patria nascida,**  
**Sendo por Deus escolhida**  
**Mestra da santa oração.**  
**Em uma certa ocasião**  
**Falou Thereza com Deus,**  
**Teve mil revelações**  
**Das santas inspirações**  
**Que lhe deu os mesmos céus.**

Essa flor religiosa  
Teve amores verdadeiros  
Com Deus de quem é esposa ;  
Fundadora e protectora  
Foi de trinta e dois mosteiros.  
Encobrimdo a sua alteza  
O Senhor lhe appareceu,  
E em pobre convertido  
Na portaria bateu,  
Pedindo esmola a Thereza.  
A santa compadecida,  
Inflammada em caridade,  
Pesou-lha n'alma e na vida  
Já distribuida a comida  
E vir o pobre tão tarde,  
O coração lhe aconselhava  
Que ao refeitório tornasse  
A vêr si achava algum pão  
Para dar áquelle irmão ;  
E o mandando que esperasse  
Ao refeitório se encaminha.  
Oh ! caso maravilhoso !  
Grandes prodigios de Deus !  
O refeitório estava cheio  
De manjar vindo do céu !  
O regaço seu enchendo  
Corre para a portaria  
E dando ao pobre dizia :  
Tomai o que Deus vos deu ;  
E humildemente vos peço  
Venhais aqui cada dia  
Para terdes caridade  
Em vossa necessidade,  
Aqui nesta portaria.  
O Senhor cheio de luz,  
Quiz á santa perguntar  
Por quem havia de chamar ?  
A santa lhe respondeu :

Por Thereza de Jesus.  
 A santa então perguntou  
 Com humildade e presteza :  
 E vós como vos chamais ?  
 — Eu sou Jesus de Thereza.  
 A estas palavras santas  
 O Senhor desaparece  
 E Thereza em glorias tantas,  
 Toda enlevada nos céus  
 Hymnos a Deus entoava.  
 Quem disse quizer memoria,  
 Peça a divina alteza  
 Que lhe dê a mesma gloria  
 Que deu a Santa Thereza.

## SANTA IRIA (1)

Estava Santa Iria  
 No seu estrado assentada,  
 Com o seu dedal de ouro  
 E sua agulha de prata.  
 Chega um cavalleiro  
 E pede pousada ;  
 E seu pae negando-a,  
 Levanta-se Iria,  
 E diz a seu pae,  
 Que se não a dêsse

---

(1) Th. Braga inscreve tres versões deste romance com o titulo de *Romance de Iria a Fidalga* ; é de origens monasticas, ao juizo de Garrett, e appareceu p-la primeira vez por elle publicado.

Sylvio Roméro o inscreve tambem, com o titulo de *Iria a Fidalga*, de uma versão do Rio de Janeiro, sobre a qual se expande Th. Braga em uma annotação, consignando mais duas versões, uma portugueza e outra hespanhola.

A versão do Rio é manifestamente incompleta em face de um cotejo com as demais conhecidas ; e a nossa, apesar de mais desenvolvida e dos seus pontos de contacto com a versão hespanhola, não a reputamos completa.

Muito lhe pezára .

.....

— De tres que nós eramos

A mim me levou,

E todo o caminho

Me foi perguntando

Como me chamava:

Na casa paterna,

Iria Fidalga,

Em terras alheias,

Iria coitada.

Puxando um alfango

Ahi me matou,

Coberta de ramos

Assim me deixou.

Sete annos depois

Por ahi passou,

E vendo uns pastores,

Assim lhes falou:

« Pastores, pastores,

Que estais pastorando,

Que ermida é esta,

Que está levantada ?

— É de Santa Iria

Que morreu degolada .

.....

« Minha Santa Iria,

Meu primeiro amor,

Perdôa-me a morte,

Serei teu romeiro .

— Como te perdoarei,

Lobo carniceiro,

Que da minha garganta

Fizeste um cordeiro ?

Veste-te de azul,

Que é a côr do céu

E se eu mal te quero,

Mal me queira Deus .

## SANTA IRIA

(Outra versão)

Mui bem assentada  
Na minha janella,  
Vi um cavalleiro  
Pedindo pousada.  
Si meu pae não déra,  
Nada me causára,  
Mas como elle a deu  
Tudo me causou.  
Mandei pôr a mesa  
No meio da casa,  
Com pratos de ouro  
E copos de prata.  
A cama se fez  
No quarto da quina,  
Onde recolheu-se  
Depois de ceiar.  
De tres que nós eramos  
Só a mim me levou,  
Pela madrugada  
Quando me acordou:  
Por todo o caminho  
A mim perguntava,  
Como eu me chamava,  
Como eu me chamava.  
— Na casa dos meus,  
Iria fidalga,  
Em terras alheias,  
Iria coitada.  
.....  
Puxou pelo alfange  
E me degolou,  
Coberta de flores  
Ahi me deixou.  
Muitos annos depois

Por alli passou,  
 E vendo uma ermida -  
 Assim perguntou :  
 — Meu bello pastor,  
 Que ermida é esta ?  
 « E' de Santa Iria,  
 Que morreu degolada,  
 Coberta de flores  
 Alli se achou.  
 — Iria, Iria,  
 Meu amor primeiro,  
 Perdôa-me a morte,  
 Serei teu romeiro:  
 « Como te perdoar  
 Cruel carnicheiro,  
 Que do meu pescoço  
 Fizeste um cordeiro ?  
 — Iria, Iria,  
 Meu amor primeiro,  
 Perdôa-me a morte,  
 Serei teu romeiro.  
 « Veste-te de azul,  
 Que é a côr do céu,  
 Faze penitencia,  
 Ganharás o céu.

XACARA A' FUNESTA MORTE DE D. ANNA FARIÁ  
 E SOUZA (1)

I

Nesta fria sepultura  
 Jaz no verdor dos seus annos  
 Um sol, de amor por enganos  
 Uma estrella sem ventura ;

---

(1) Desta xacara obteve Varnhagen uma versão incompleta, que publicou no seu *Florilegio* (T. I pag. 182) com o seguinte titulo:

A todos causa amargura  
 Pezares tão desabridos  
 Escutem compadecidos  
 Neste lastimoso assumpto  
 Quanto padeceu por junto  
 Em cinco lustros compridos.

— 1710. *Chacara funebre á sepultura de D. Anna de Faria e Souza assassinada por seu marido o alferes André Vieira de Mello, em Pernambuco.*

Cotejando esta versão com a que damos agora, recolhida contemporaneamente por Manoel dos Santos e consignada na sua *Narrativa historica*, notamos insignificantes alterações, e a falta das estrophes IV, VIII, X, XVIII. E' que Varnhagen, apezar de publicar o seu *Florilegio* em Lisboa, não conhecia o inedito de Manoel dos Santos, existente na Torre do Tombo, de cujo original possuíamos uma cópia que se guardava na Secretaria do Governo, a qual, indevidamente offerecida por alguém ao imperador D. Pedro II em 1859, por ocasião da sua visita a Pernambuco, serviu para a impressão da obra, em 1890, na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*.

O triste acontecimento narrado nesta xacara teve logar em 1710, e delle particularmente se occupa Manoel dos Santos na sua mencionada *Narrativa historica*.

D. Anna de Faria e Souza era esposa do André Vieira de Mello, alferes do regimento de infantaria do Recife, filho de Bernardo Vieira de Mello, que tão importante papel representou no periodo da guerra dos Mascates, que explodiu naquell' anno.

Trata-se, portanto, de um facto real, em que figuram nomes conhecidissimos em nossa historia, e sobre o qual — *se chegaram a fazer por alguns curiosos varias obras metricas*, — dentre as quaes escolheu o referido chronista a presente xacara — por narrar o facto com todas as suas circumstancias, podendo servir de confirmação a tudo que nesse particular escreveu.

D. Anna de Faria e Souza, não sómente no juizo do citado chronista, como tambem no de um outro escriptor coévo, Loreto Couto, foi uma victima innocente ás mãos de seu proprio esposo ou talvez de sua sogra, — *que nesta tragedia fez o primeiro papel da crueldade*.

Sepultado o cadaver da infeliz senhora na igreja do convento de S. Francisco de Ipojuca, dez annos depois, abrindo-se a sua sepultura, foi fama constante, refere Loreto Couto, — «se achara seu corpo fragante e incorrupto. Queria Deus com o privilegio da incorrupção mostrar a inteireza da sua innocencia?».

## II

Recreio foi de seus paes  
Com applausos de formosa,  
Mas assimilhou-se á rosa,  
Pois pagou tributos taes :  
Foram nellas tão iguaes  
Suas raras perfeições  
Com tão bellas proporções  
Tanto garbo, tanto asseio,  
Que era da vista um enleio  
Doce irmã dos corações.

## III

Quando adulta (oh ! sorte escassa)  
Intentam seus paes casal-a ;  
Soube o fado desvial-a  
Para tão triste desgraça ;  
Certa afeição a ombaraça  
Que foi para seu castigo,  
Pois sempre encontra o perigo  
Quem foge ao paterno agrado,  
Comprando por tal peccado  
Ter ao céu por inimigo.

## IV

Passaram mal quatro annos  
(Pois não sei si o passou bem)  
Que sempre foi um desdem  
Paga de amores profanos ;  
Porque a memoria tyrannos  
Pensamento gera e cria  
Cuidando a outrem faria,  
Ou fará quanto lhe fez  
E paga um amor cortez  
Com tão baixa vilania.

## V

E assim sem causa o consorte  
• ( Quem algum dia tal crêra ! )  
Homem então, hoje fera,  
Lhe machina crúa morte ;  
A triste em lance tão forte  
Se lamenta lacrimosa,  
Dizendo : — Virgem piedosa,  
Ampara! uma innocente  
Filha, sim, pouco obediente,  
Porém nunca errada esposa.

## VI

Mal se crêem verdades puras  
Onde a vingança conspira,  
Desculpa excessos da ira  
Com erradas conjecturas.  
Mil apparentes figuras  
Forma a phantasia errada,  
Vê-se a vista equivocada  
Mil vezes no que se emprega,  
Quanto mais paixão tão cega  
Que muitas vezes é nada.

## VII

Com notavel soffrimento  
Passou vinte e sete dias  
De opprobrios e tyrannias  
Sem ter pausa o seu tormento ;  
Os prodigios cento a cento  
Com elles o céu convida ;  
Nada move a endurecida  
De uma sogra deshumana  
Eleita esta tigre hircana  
Para ser sua homicida.

## VIII

Oh! peitos vis, que ordinarios  
Da innocente sois algozes,  
A que crimes por atrozes  
Vós resististes contrarios ;  
Deus desherda aos temerarios  
E detesta aos dissolutos ;  
Porque estes taes como brutos  
Em absurdos se recreiam,  
Mas dos males que semeiam  
Colhem os merecidos fructos.

## IX

Emfim, nos ultimos dias  
Do segundo catrozeno  
O não obrar o veneno,  
Que a força das tyrannias,  
Lhe deu logo as sangrias,  
Novamente lhe signala,  
Mas não quiz desamparal-a  
O sangue, abertas as veias,  
Oh! cordeiro que vozéas,  
E a ninguem teu balo abala.

## X

Já se viu ser instrumento  
Para viver o cheirar,  
Aqui só cheira a matar  
Do cheiro o apercebimento ;  
Parece ter fundamento  
O mysterio que o moveu ;  
Assim o suppunha eu,  
Para mostrar desta sorte,  
Que tinha cheiro na morte,  
A que vai reinar no céu.

## XI

Quarta prova se lhe ordena,  
 Largando a redea ao desejo,  
 Que por não manchar o pejo,  
 A suspende a minha penna,  
 Mas vendo que a não condemna,  
 Queres tu, Gezabel fera,  
 Persistindo mais austera  
 Ser a infame matadora,  
 Para ser com tua nora  
 A mais iracunda Nera.

## XII

De Deus quinto preceito  
 A não matar nos ensina,  
 Outra vez se determina  
 A fazel-o com effeito;  
 Dá por perdido o direito,  
 Com que o amor a enganava,  
 Anna em prolixo tão brava,  
 E vendo que expirar pode,  
 Fervorosa a Deus acode,  
 E em lagrimas se lava.

## XIII

Sente de seu pae a injuria,  
 Nos irmãos culpa a tibieza,  
 Pois por lei da natureza  
 Não deviam por incuria  
 Deixal-a em tão grave furia;  
 Mas não tendo quem lhe valha,  
 Suspiros ao vento espalha.  
 Repetindo enternecida,  
 Si espero a morte por vida,  
 Vestir-me quero a mortalha.

## XIV

Toma o habito e se alinha  
Curiosa não, mas honesta,  
Por ser para o tempo esta  
Libré a que lhe convinha,  
Esta seja a gala minha,  
Mil vezes foi repetido,  
Este é prezado vestido  
De que se namora Deus,  
Si por causa de outros meus  
Foi d'algum modo offendido.

## XV

A um Christo abraçada então,  
Companheiro inseparavel,  
Se publica miseravel,  
Pedindo esforço e perdão.  
— Meu Deus do meu coração,  
Lhe diz, amparo de afflictos  
Temores tão inauditos  
Tantas penas sejam pagas,  
Por vossas divinas chagas,  
Senhor meu de meus delictos.

## XVI

Com taes palavras na bocca  
Pedindo ao Senhor que a valha,  
Na garganta uma toalha  
Lhe lança a tyranna louca,  
Grave furor a provoca  
Tendo por affronta sua  
Que seu odio não conclua  
Com tal vida, expira aqui?  
Olha, que tens contra ti  
Deus irado, a espada nua.

## XVII

Sô daquelles de hombro adusto  
 Vai ao sepulchro sem pompa,  
 Porém da justiça a trompa  
 Atrôa, que causa susto,  
 Deus que no obrar é justo  
 E juiz e é fiscal  
 Castiga e promessa igual,  
 Dando o que mais nos conven ;  
 Com que não espere bem  
 Quem obrou tão grande mal.

## XVIII

Um seu vizinho barbeiro,  
 Capitão, e adulator,  
 Foi esto o maior traidor  
 Naquelle lance postreiro.  
 Este cruel carnicheiro  
 Feito algoz desta innocente  
 Tão cega e barbaramente  
 Ajudou a dar-lhe a morte,  
 Que aconselhou ao consorte  
 Fosse morta a delinquente.

## HISTORIA EDIFICANTE (1)

Reza a chronica que um bispo  
 Da diocese de Olinda,  
 Das fadigas da vingem  
 Não se recobrára ainda ;

---

(1) **Esta Historia** é de autor conhecido: o poeta parahybano **Dr. Antonio de Mello Muniz Maia**, que a escreveu servindo-se de uma lenda **muito** vulgar e muito antiga, correndo por sua conta, portanto, 8793 — 26

E já todo, todo o povo  
Da sagrada cathedral,  
Invadira jubjloso  
O palacio episcopal.

Monshores, conezia,  
Capellães e até cantores  
Foram juntos ao prelado  
Entoar os seus louvores.

Graves no porte e nos gestos  
E nas palavras também ;  
Serem santos, serem sabios  
Não duvidára niuguem.

O pobre bispo, o bom velho  
Tão fascinado ficou,  
Que na patria dos archanjos  
Por instantes se julgou.

Dias depois da visita  
Dos homens da cathedral,  
Entendeu dever o bispo  
Em pagal-a pontual.

Do seu velho secretario  
Acompanhado lá vai,  
Dar um abraço amoroso  
Naquelles de quem é pae.

---

o colorido animado que deu ao quadro, os ultimos dialogos e os conceitos finaes, do velho padre secretario. Liberdades do poeta...

O que resa a legenda é simplesmente isto: — Chegando á Olinda certo prelado (não diz si era velho ou moço), e desejando retribuir as visitas que recebera dos seus capitulares, perguntára onde moravam elles, respondendo-se-lhe então: — que nas casas em que visse estendidos a enxugar panninhos de menino, ahi morava conego.

Diz a tradição, que esse prelado foi o sabto bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho; e si assim é, a legenda vem do anno de 1798, quando elle chegou a Pernambuco e tomou posse do governo diocesano. Azeredo Coutinho contava, então, os seus 56 annos de idade.

Mas, lembrando-se na rua  
Que no logar era novo,  
Quiz saber do padre mestre  
Onde morava o seu povo.

— Não lhe dê isto cuidado  
Meu senhor, o outro lhe diz;  
E' irmos seguindo sempre  
Na direcção do nariz.

E na janella ou varanda  
Onde estendidas houver  
Ou fraldinhas de crianças,  
Ou anaguas de mulher ;

Saberá vossa excellencia  
Que não tem que perguntar ;  
E' fazer como eu fizer,  
E' bater e é entrar.

« O que é isto, exclama o bispo,  
O que é isto, oh ! filho meu ?  
Você não fala a verdade,  
Você é mouro ou judeu ?

Torna o padre — Então eu minto ?  
Eu minto ? Pois seja assim ;  
Verifique com seus olhos,  
Si não quer fiar-se em mim.

Nisto á janella avistaram  
Um mosenhor, um bom padre,  
Que afagava uma criança  
E ao lado tinha... a comadre.

Deparando aquella scena,  
Contramarcha o bispo fez,  
Promettendo que as visitas  
Pagaria de outra vez.

E lá foi, tira que tira,  
Sem querer olhar p'ra traz,  
Recitando uns exorcismos  
Contra a anagnã e Satanaz.

Mas em meio do caminho  
Por correr muito, cançou ;  
E parando, ao secretario  
Nestes termos perguntou :

— Nesta minha diocese,  
Por mal dos meus peccados,  
Dar-se-ha que sejam todos  
Os reverendos casados ?

« Não senhor, muito depressa  
Lhe responde o padre, não ;  
Dous conheço, que da regra  
Constituem a excepção.

— Diga, padre, o bispo exclama,  
Diga pelo amor de Deus,  
Quem são esses virtuosos —  
E sensatos filhos meus ?

Riu-se o padre, que era velho,  
E sem mostrar-se enleado,  
Disse : — É um vossa excellencia,  
E o outro... é um seu criado.

E fungando uma pitada,  
Proseguiu o maganão  
Com o tom de quem confessa  
O que tem no coração :

« Não ha festas sem foguetes,  
Não ha repiques sem sinos ;  
Como é que ha de haver côro  
Onde não cantem meninos ?

Baixinho (ninguem nos ouve)  
 Que eu diga permittirá :  
 Si ainda estamos viuvos,  
 E' por sermos velhos já.

O que pratica o cabido  
 Não é cousa de maior ;  
 Somos praças da reserva  
 Porque nos falta o melhor.

— Sim, senhor, confirma o bispo,  
 Tem conceitos excellentes :  
 Seja embora a carne tenra  
 P'ra comer cumpre ter dentes.

Desta historia edificante,  
 Quer veridica, quer não,  
 Não será nenhum assombro  
 Quem tirar a conclusão.

#### O BOI ESPACIO (1)

-- Eu tinha o meu boi Espacio,  
 Muito preto, caraúna,  
 Por ter as pontinhas finas  
 Não pude passar-lhe a unha.  
 Aquelle menino Janjão  
 Por ser muito atarantado,  
 Subiu naquelle oiteiro  
 E me espalhou todo o gado.

---

(1) Sylvio Romero publica nos seus *Cantos Populares* uma versão do *Boi Espacio* colhida em Sergipe e uma variante, fragmentada, do Ceará.

A nossa versão, completamente differente, importa por assim dizer, — um novo Boi Espacio : — é originaria da zona sertaneja do

Sobe oiteiro, desce baixa,  
 Desce baixa e sobe oiteiro,  
 Só ficou o boi Espacio  
 Por não temer a vaqueiro.

Estado, do Brejo da Madre de Deus, e tem muita voga ainda nas fazendas de criação de gado da localidade.

Ha uma outra versão pernambucana do *Boi Espacio*, naturalmente de Garanhuns, da qual encontramos apenas estes versos:

Eu tinha meu *boi espacio*,  
 meu boi preto carauna;  
 por ter a ponta mui fina.  
 sempre fui, botei-lhe a unha.  
 Gritei pelo meu cachorro,  
 meu cachorro tubarão!  
 Agora meu boi, agora,  
 faz acto de contricção!  
 Ecô, meu cachorro, ecô...  
 No curral da *Piedade*  
 eu dei com meu boi no chão!

*Boi Espacio*, segundo Sylvio Romero, quer dizer—*Boi de pontas largas*;—e como diz José de Alencar, significa, na lingua do sertanejo, o boi que tem armadura aberta e esgallada. E accrescenta:—Os nossos rusticos fizeram este adjectivo p lo mesmo processo que os sabios empregaram para de Olympo, tirarem Olympio, de rosa, roseo, etc. E' a desinencia *ius* muito frequente no latim. *Espacio* representa, portanto, a fórma pa s va de espaçado.

Deste genero de *Romance de vaqueiros*, segundo a classificação de Celso de Magalhães, existem outros nos nossos sertões, a zona pastoril do Estado, e elle mesmo menciona um, com o titulo de *Romance de Surubim*, no seu IX e ultimo artigo publicado sobre a poesia popular brasileira, e do qual promettia falar em outro lugar, provavelmente consignando toda a lição que recolhera.

Desse romance apenas conhecemos os seguintes versos por elle transcriptos no alludido artigo:

Tirou-se vinte cavallos  
 Escolhi los pela flor,  
 Para pegar *Surubim*:  
 —Todos vinte elle deixou.

Esses romances de vaqueiros são, propriamente ditos, a apologia da *péga* de um boi afamado, bravo, e extraviado das fazendas desde

« Lá vem seu Antonib do Monto  
 Com sua lança na mão ;  
 Rendam armas, camaradas,  
 Vamos botar o boi no chão.

pequeno, e vivendo em plena liberdade em afastadas paragens; ou canticos de uma *vaquejada* no tempo das trovoadas.

Em um lugar certo e determinado juntam-se os *vaqueiros* e vão reunidos ao campo pegar e juntar o gado de *suas contas*, e depois marcham ao curral, onde vão fazer as *aportações*, cantando ao som da classica viola os seus mais interessantes cantos populares.

É nesse campear heroico, que o sertanjo patenteia toda a sua destreza equestre, nas varzeas, nos campos abertos ou mesmo nas cerras das catingas—no encaço de um novilho barbatão,—que na linguagem do sertanejo quer dizer:—o gado bravo.

Irineo Jolly, descrevendo o viver intimo do sertanejo parahybano, diz o seguinte, que perfeitamente se amolda á feição do nosso sertanejo, pela sua pericia e bravura nesses famosas *vaquejadas*, que se revestem de um tom solenne e festivo pelo apparatoso concurso de cavalleiros e de afamados *vaqueiros* das circumvizinhanças, e ás vezes mesmo, de longinuas paragens:

« Não havia obstaculo vencido pela rez bravia que não pudesse ser vencido pelo cavalleiro, o qual, mantendo-se em posição horizontal, com a cabeça apoiada no pescoço do seu amestrado *cavallo de fabrica*, e segurando por uma extremidade a aguilhada de tres metros de comprimento, acabava sempre por lançal-a por terra.

« A queda era motivada por um forte e rapido impulso lateral que o *vaqueiro* dava, ou puxando na cauda da rez,—queda de rabo,—ou por meio do ferrão de sua aguilhada,—queda de vara;—e quando o impulso era tal que, na perda do equilibrio, a rez girava sobre o lombo, chamavam—*virar o mocotó*;—e essa grande prova de destreza fazia o orgulho desses centauros.

« Tinham no mais elevado grau de desenvolvimento os sentidos da vista e audição. Rastejando, viam sinais imperceptiveis, seguiam com segurança uma pista invisivel para qualquer outra pessoa; e distinguindo os mais leves rumores, determinando exactamente a distancia e direcção de onde partiam, e os animaes que o faziam »

Oliveira Lima, tratando do *brasileirismo*, que em fins do seculo XVIII estava na ordem do dia em Portugal, refere o seguinte no seu livro—*Aspectos da litteratura colonial brasileira*,—sobre o *laçar do gado á nossa moda sertaneja*, collido da obra de James Murphy, *Travels in Portugal in 1789 and 1790*, publicalla em Londres em 1795:

« Murphy assistiu o primeiro espectáculo desta genero na praça de Lisbôa. O heroe da festa, um perna e bucaco cõr de cobre, mus-

— Lá vem seu Francisco Lins  
 No seu cavallo Piaba,  
 E dando co'os olhos em mim  
 Disfarçou de serra abaixo  
 Como quem corre outro gado.  
 Eu botei o pé atraz  
 Fui *apuz* de o pegar,  
 Elle ahi correu p'ra casa  
 Num correr de esbandalhar.  
 Eu ahi voltei p'ra traz  
 P'ra cava em que assistia,  
 E si proezas tinha feito  
 Proezas dobradas fazia.

— Senhor Francisco Lins,  
 Bote ordem na fazenda,  
 P'ra ver se app'rece um vaqueiro  
 Que mate o Espacio a dinheiro.  
 « No dia do adjuncto  
 Juntaram-se mil e tantos;  
 E ao fallar-se no Espacio  
 Ficavam de beiços brancos.  
 Um diz que lá não vai,

---

culoso e desempenado, apresentou-se de cabeça descoberta, tendo lançado sobre os hombros uma capa solta, diversa do Ponche rio-grandense. O fogoso cavallinho arabe por elle montado trazia á guiza de sella a pelle de um animal selvagem, e duas cordas serviam de estribo ao pés do cavalleiro.—*The whole appeared quite in character*, —commenta o inglez. Do curro largaram-lhe um toiro. Sustentou o sertanejo com grande sangue frio o primeiro choquo do bicho, e entrou logo a cançal-o, livrando o cavallo com summa habilidade da perseguição furiosa do seu contendor.

« Levou isto a'gum tempo, e quando o cavalleiro viu o toiro esfaldado de correr, parar arfando no meio da arena, laçou-o magistralmente pelos cornos, enroloou-o seguramente pelos pés, percorreu a praça num doito galopar levando a corla presa nas mãos ambas e a redea apertada entre os dentes, e acabou, desmontando, por matar certamente com um facão de caça o valente animal que elle destramente subjugara.»

Outro diz — ou não vou lá, —  
 E falando-se no Espacio  
 Todos mudavam de côr.  
 Montam uns, se apoiam outros,  
 E ficaram outros montando,  
 Quando viram longo ao campo,  
 Um vaqueiro esquipando  
 Num cavallo russo-pombo,  
 De crinas acastanhadas  
 E listra preta na testa  
 E a cauda cardeada.  
 Esse vaqueiro não é daqui,  
 Esse vaqueiro é de fóra,  
 Pelos trajés que elle traz,  
 Pela roseta da espora.

— Deus vos salve camarada !  
 Deus vos salve companheiro ;  
 O que me bota por aqui  
 E' a procura de dinheiro.  
 « Quantos dias traz de viagem ?  
 — Pois eu trago trinta dias  
 Pela noticia que tive,  
 Mou senhor, desse seu boi.  
 « Si você matar o Espacio  
 E voltar com os seus pés,  
 Dou-lhe ouro, dou-lhe prata.  
 Dou-lhe dois contos de réis.  
 — Eu vos digo, camaradas,  
 E aos que quizerem vêr ;  
 Si me matar, eu morrer,  
 Havemos de morrer nós dois ;  
 Se eu nunca temi a homem  
 Como temerei a bois ?

Palavras não eram ditas  
 Quando ouviu-se urrar o boi ;  
 « Tem paciencia, Espacio,  
 Já folgaremos nós dois.

— Eu ahí botei-me a elle  
E elle botou-se p'ra mim,  
Dizendo sempre comsigo : —  
Espera que te dou fim. —  
« Eu ahí botei-me a elle  
Com ferrão de palmo e meio  
E em cima da posta gorda,  
Se enterro com mais talento  
Ia-se embora a vara toda.  
Medonho urro deu o boi  
Que o senhor em casa ouviu,  
E pergunta aos seus vaqueiros  
Onde o Espacio surgiu.  
Elle ahí formou carreira  
P'ra o lado das suas terras,  
P'ra vêr se melhoras tinha  
Em baixo, no pé das serras.  
Nós andamos essa tarde  
E a noite toda inteira,  
E fomos amanhecer o dia  
Lá fóra n'outra ribeira,  
Debaixo dos pés de arvores,  
Nos pedregulhos que tinha.

— Eu ahí mostrei-lhe as pontas  
E nós andamos de gatinhas ;  
Elle ahí perdeu a vara  
E se valeu do seu facão,  
E desde então por deante  
Foi a minha perdição.  
Distancia de duas leguas  
Fóra eu da minha terra,  
Debruçou-se do cavallo  
Regeitou-me d'uma perna.  
Distancia de quatro leguas  
Fóra eu da minha serra,  
Debruçou-se do cavallo  
Regeitou-me d'outra perna.

Não me mates meu vaqueiro,  
 Não me mates atropellado,  
 Deixa contar minha vida  
 Pois não a tenho contado.

Quando meu senhor chegou  
 Tencionou me castrar,  
 E botou gente no matto  
 Como quem ia guerrear.  
 Tres cães me perseguiram,  
 Dois pretos e um rajado,  
 E um vaqueiro caboclo  
 Com esses cães assanhados.  
 Dos cem cavallos que foram  
 Só um escapou com vida ;  
 Dos cem vaqueiros que foram  
 Só um não curou ferida.  
 A's quatro horas da tarde  
 Quand'eu pensei estar solto  
 Engano ! estava amarrado  
 Com trinta laços bem fortes  
 De cordas do melhor couro,  
 Onde se arrojam novilhos,  
 Onde se castram os touros.  
 Antes tivesse morrido  
 Daquella tyranna dor,  
 Para hoje não me ver  
 No estado em que estou.

Diz-me cá, rico vaqueiro,  
 Quem ensinou o teu cavallo ?  
 « Foi a egua do meu pae  
 Quando de tarde ia ao gado.  
 — Diz-me cá, rico vaqueiro,  
 Como se chama ten pae ?  
 « João de Lyra Neve-escura,  
 Assim se acha a firma delle  
 Em qualquer assignatura.

— Si tu queres saber, vaqueiro,  
O valor do boi Espacio,  
Dá p'ra diante um topezinho,  
E tu verás o que eu faço.  
« Ainda que eu quizesse  
Não posso fazer-te o gosto,  
Pois sabes que eu moro longe  
E só tomára te vêr morto.  
— Eu ali voltei p'ra traz  
Com o rabicho mui ferido,  
E me escapei do vaqueiro,  
Vendo seu jornal perdido.

Mas o damnado rodeia,  
Corta a frente do animal,  
E de geito, no Espacio,  
Desfecha golpe mortal.  
Solta redeas p'ra fazenda,  
Faz pernas no seu cavallo,  
E distancia de trinta passos  
Escanchou-o no terreiro.  
« Senhor Francisco Lins,  
Pelo favor que tenho feito  
E o beneficio recebido,  
Mánde dar ao meu cavallo  
Ração de milho cosido.  
— Não ignore perguntar-lhe :  
E' solteiro ou é casado ?  
« Sou solteiro até hoje,  
Por não ter tomado estado.  
— Escolha destas tres filhas  
A que mais lhe agradar,  
Que eu dou-lhe dez engenhos.  
Dez fazendas de criar.

## A VACCA DO BUREL (1)

— Na fazenda do Burel,  
 Nos verdes onde pastei,  
 Muitos vaqueiros de fama,  
 Nos carrascos eu deixei.  
 O famoso Ventania,  
 Montado no Tempestade,  
 Foi quem primeiro espantou-se  
 Estando eu numa *maçada*,  
 Mais adiante encontrei  
 Com o vaqueiro João  
 No seu cavallo *luzão*,  
 Já vinha correndo em vão.  
 Logo me fiz ao carrasco,  
 Fui-me abarbar com o Velloso ;  
 No atravessar o riacho  
 Só lhe deixei o rasto  
 Por ser elle tão teimoso !

---

(1) Colhido por Sylvio Romero, publicado nos seus *Cantos Populares* e depois nos *Estudos sobre a poesia popular*, com estas anotações explicativas de certos termos empregados no romance :

*Carrasco*, matto ralo e baixo.

*Maçada*, por malhada.

*Sueira*, dar trabalho, fazer *suar*.

*Boqueirão*, baixa ou valle profundo.

*Punaré*, branco amarellado.

*Coxé*, manco.

*Mosquete*, cavallo pequeno e corredor.

*Bôa-Vista*, sertão e villa de Pernambuco.

*Logrador*, logar fresco, reservado para se botar o gado em certas épocas do anno.

Effectivamente, o romance é originario do remoto sertão da Bôa-Vista, que se estende ao norte da margem esquerda do alto S. Francisco, como ainda o comprovam a menção do *Vasante e Malhada*, situações que campeam naquellas paragens, e ainda a menção da *serra do Coité*, que fica nas immediações do Sacco do Coité, e da ilha do Coité, situada em frente a estes dois pontos.

Ouvi grande tropellada  
Que zunia no sertão ;  
Era o afamado Grinalda,  
Com o Ferreira Leão.  
Que dous vaqueiros de fama  
Encontrei no bebedor !...  
Logo me fiz ao carrasco,  
E elles mal me enxergaram.  
Mais adiante ouço gritar:  
— Nem do rasto dou noticia ;  
Em que carrasco escondeu-se  
A encantada lagartixa ?  
Eu no tempo de bezerra  
A muitos vaqueiros logrei ;  
Na fazenda fiz *sueira*,  
Muitas porteiras pulei.  
Abarbada me vejo  
Com o vaqueiro Miguel,  
No seu cavallo Festejo  
Na fazenda do Burel.  
Que dous vaqueiros temiveis,  
João Bernardo e Miguel !...  
Perto do curral os logrei,  
Quasi que os deixei de pé.

« Só si eu morrer amanhã,  
Ou não me chamar Miguel,  
Só assim deixas de entrar  
No teu curral do Burel.  
Eu te juro, *lagartixa*,  
Que não me has de escapar ;  
Nem que corras como vento  
Tu has de entrar no curral.  
Corre, corre, *lagartixa*,  
Quero vêr a tua fama ;  
Que no curral do Burel  
Quero fazer tua cama.  
Toda a minha vontade

E' no teu rasto acertar ;  
 Tu verás como se tranca  
 A *lagartixa* no curral.  
 Cerca, Velloso, na gróta,  
 Faz esteira no baixio ;  
 Aperta para o meu lado,  
 Lá vem como um corropio.  
 O' que vaquinha damnada !  
 Ella não corre, ella vóa...  
 Meu cavallo já cançou,  
 E' que a cousa não está boa,  
 Tenho corrido muito gado  
 Novilhote e barbatão ;  
 Nos carrascos e restingas,  
 Agora fiquei logrado.  
 No centro deste sertão.  
 Bota o cavallo, Velloso,  
 Quero vêr como se espicha,  
 Si ainda torna a escapar  
 A malvada *lagartixa*.

Logo ao chegar ao riacho,  
 A *lagartixa* os cegou ;  
 Como a noite era escura  
 Miguel e Velloso voltou,  
 Encontra Miguel e Velloso  
 Com o tal do João Bernardo :  
 Perguntam pela *lagartixa* ;  
 Responderam : — Estou logrado !  
 O João Bernardo e Miguel  
 O Grinalda e o Leão,  
 Ventania e o Velloso,  
 Foram para o boqueirão.  
 Logo ao entrar a garganta  
 Encontram Pedro Preguiça,  
 E já lhe vão perguntando  
 Si não vira a *lagartixa*.

— Encontrei numa *maiada*  
 Tres rezes brancas, uma lavrada,  
 Tres castanhas requicimadas,  
 E uma rouxinol disfarçada.  
 « O signal desta vaquinha ?  
 — Cara branca punaré,  
 Traz o ferro do Burel,  
 Não tem cauda, é *coché*.  
 E' cega, só tem um chifre.  
 Muito esperta e arisca ;  
 São estes todos os signaes  
 Da afamada *lagartixa*.  
 « Ora, si é esta a *femana*;  
 Que tanto susurro tem feito,  
 para pegar esta vaquinha  
 E' bastante o meu *Mosquete*.  
 Ora, vamos todos sete  
 Lá mais perto da *maiada* ;  
 Quando passei o campestre  
 Vi uma rez lá deitada.  
 Afroxa a redea, caboclo,  
 Encosta a espora, Preguiça,  
 Quero vêr a tua fama  
 Com a tyranna *lagartixa*.  
 Corre, corre, *lagartixa*,  
 Vae tomando mais alento ;  
 Que o meu *rucilho* não corre,  
 Lá me vòa como vento.  
 Todo o gado adeante corre,  
 Não a quero perder de vista ;  
 Hei de mostrar meu talento  
 A' vaqueirada de crista.  
 João Bernardo não sabe  
 Que meu cavallo é de cubiça ;  
 Como eu posso ser logrado  
 Por esta pobre *lagartixa* ?  
 Aqui mesmo no carra-co  
 Muitas famas têm fleado ;

No atravessar o riacho  
 Has de ficar arriado.  
 Não has de ter o prazer  
 De entrar eu na Bôa Vista  
**Com peia e laço a canzil,**  
**Só pelo Pedro Preguiça.**  
 — Não ha vaqueiro de fama  
 Que do carrasco me tiro,  
 Nem que deixe sua trama,  
 De *dentro p'ra fora se vire.*  
**Mais aleante da maiada**  
**Perdeu o Pedro Preguiça,**  
 Chapéo, espora e chicote  
 No rasto da *lagartixa.*  
 « Antes de o sol sahir,  
 Vou-te esperar no Coité,  
 Has de entrar com o laço  
 Na fazenda do Burel.  
 — No riacho da Alegria  
 Foi a minha perdição  
 Quando vi o Ventania,  
 Mais o Ferroira Leão,  
 Os destemidos vaqueiros,  
 Velloso e o tal Grinalda,  
 Bem montado ás estribelras  
 Traziam sua *guilhada.*  
 Grita o Ferreira Leão,  
 Logo respondeu o Grinalda :  
 « Si não podem botar no chão  
 Eu metto a minha *guilhada.*  
 Já respondeu o Velloso :  
 — O Ventania é cabra zarro ;  
 Bate com o chapéo na perna,  
 Bote no chão, que eu amarro.  
 O Ventania é decidido,  
 Passou transe no carrasco ;  
 Mostrou sempre a *lagartixa*  
 Que é elle cabra macho:

« Desde que eu sou nascida  
 Nunca contei com vaqueiro ;  
 Póde contar gravidade  
 O Ventania o primeiro.  
 Adeus, fazenda, adeus, pasto.  
 Adeus, *maiada* e bebedor,  
 Adeus, *restinga* e carrasco,  
 Serrote do logrador,  
 Adeus, Vasante de baixo,  
 Adeus, serra do Coité,  
 Acabou-se a famanaz  
 Da fazenda do Burel.

## O BOI LISO

— A historia do boi Liso  
 Quem nunca viu *venha vêr*,  
 Principio de vida e morte  
 Vou agora descrever,  
 Fui bezerro em vinte e sete, <sup>(1)</sup>  
 Em vinte e oito garrote  
 No anno de trinta e dois  
 Passei o golpe da morte.  
 Em vinte e oito me castraram  
 Sendo bezerro de anno,  
 Quem me castrou deste modo  
 Não foi homem, foi tyranno.  
 Porque eu já desta feita  
 Causei um grande destroço,  
 Por segurança botaram-me  
 Um chocalho no pescoço.  
 Foi certo que me castraram  
 Porém dei o que fazer,  
 E dei logo demonstrações

---

(1) 1827.

Do que havia de ser.  
Fui sempre boi presumido  
E de grande opinião,  
E só se ouvia falar  
Neste boi da Conceição.  
E porque o meu viver  
Nesta terra ficou charro,  
Me compraram João Gaspar  
E José da Costa Barros.  
Elles quando me compraram  
Foi com grande *soberbia*,  
Mas eu sempre manguei delles  
Em qualquer hora do dia.  
Para os campos me soltaram,  
P'ra onde fui bem zangado,  
Mas jurei por minhas barbas  
De nunca mais ser pegado.  
Sustentei o juramento  
Cinco annos e tantos dias,  
E o que me veio a matar  
Foram minhas *soberbias*.  
Desta sorte fui vivendo  
Sempre muito perseguido,  
Porém com a opinião  
De nunca andar escondido.  
Andava gordo e luzido  
Sem me esconder de ninguém,  
E quando não me avistavam  
Ao chocalho ouviam bem.  
Andava publicamente  
Comendo com alegria,  
E tinha a minha assistencia  
No alto da serrania.  
Andava desassombrado  
Sem temer rumor nem bulha,  
E bebia descansado  
No riacho da Tapuia.  
Andava por toda parte,

Meo p'ra mim era peta  
Tambem andava frequente  
No riacho d'Agua-preta.  
Cavallo que se escolhia  
P'ra me pegar descuidado,  
O melhor, o de mais fama,  
Ficava lá de caçado.  
Deixei muitos neste estado  
E no maior *precipição*,  
Que ainda estes dois annos  
Não hão de darem serviço.  
Quando avistava com elles  
Torcia em veloz carreira  
E elles distanciados  
Nem me viam na poeira.  
Até em terras extrauhas  
Vaqueiros se foi *busca*,  
E veiu um de tanta fama,  
Que antes não viesse cá.  
Elle atraz de mim correu,  
Porém a mim não pegou,  
E voltou lambendo embiras  
Com os beiços com que mamou.  
No sertão do Pão de Ferro  
Onde só se falava em mim,  
Viviam só machinando  
Como me haviam dar fim.  
Da Serra Negra vieram  
Dois afamados vaqueiros ;  
Era um o Mancel Felix  
E o outro Manoel Monteiro.  
A Páu-ferro chegam estes  
Dois vaqueiros afamados,  
**Manoel Felix** no *moroso*,  
E o Monteiro no *calçato*.  
E cada um delles só dizia :  
« Si ou encontrar o boi,  
Podem todos já dizer,

Que o Boi-liso já se foi.  
Chegou Francisco Ferreira,  
João Rodrigues e o Ribeiro,  
O Vital e dois de fóra,  
Cada um com seu vaqueiro.  
No primeiro de outubro  
Do anno de trinta e dois,  
Partiram todos dizendo:  
— Vamos dar cabo do boi.  
Nas horas do meio dia  
Estando eu na minha cama,  
Ouvi vozes que diziam :  
« Morra o boi de tanta fama.  
E aos tropeis ergui-me logo,  
Indo reconhecer primeiro,  
E vi logo o João Rodrigues,  
O Vital e o Ribeiro.  
A todos estes conhecia,  
Mas estranhei dois vaqueiros,  
Que um era o Manoel Felix  
E o outro João Monteiro.  
Esses dois só diziam :  
— Corra, corra, camarada,  
Que si viemos de longe  
Não foi p'ra dar barrigada.  
E o Monteiro me gritava :  
« Corre, corre, boiotinho ;  
Tenho visto tanto boi,  
Quanto mais um garrotinho.  
O Manoel Felix no *moroso*  
Já me gritava a pé junto :  
« Corre, meu boi, como queiras,  
Que estás morto, és defunto.  
Com effeito os dois cavallos,  
Um e outro era *velcero* ;  
Voltei-me para o *moroso*,  
Livrando-me do de Monteiro.  
E virei-me para elle

Com destino de matar-o,  
Mas si não foi como eu quiz  
Sempre ferí o cavallo.  
Tive em mira de matar  
O cavallo e o vaqueiro,  
Porém não foi como eu quiz,  
Pois o cabra era ligeiro.  
Foi-me crescendo a paixão  
E uma soberba tal,  
Que deixando de correr  
Só tratei de me acuar.  
E aos dois unido o troço  
Que cavalgara atrazado,  
Quando eu cuidei em mim  
De homens me vi cercado.  
Tratei de romper o cerco,  
Fiz partida e fui-me embora  
Correndo em rumo direito  
Para a Lagôa do Fóra ;  
Mas correndo de arranco,  
Com uma veloz carreira,  
No riacho da Tapuia  
Foi a minha derradeira.  
Deram-me um arrasto tão forte  
Que rendeu-se-me uma *viria*  
E entreguei-me logo á morte,  
Pois vi que sempre morria.  
Cabiram em cima de mim  
Sem dó e sem compaixão,  
Ferindo-me tolos, ferozes,  
Ora a faca, ora a ferrão.  
Quando botavam-se á facas,  
Só procuravam-me as veias,  
Nunca pensando morrer  
De uma morte tão feia.

## JOSÉ DO VALLE (1)

— Eu era bem feliz  
 Lá no meu sertão,  
 Quando me vi dentro  
 De dura prisão.  
 Por uma cabocla  
 De má condição,  
 Agora me vejo  
 Mettido em prisão.  
 Minha mãe lhe peço  
 Por sua benção,  
 Pegue nessa infame  
 Metta-lhe o bordão.

(1) Este romance tem umas ligeiras reminiscências d'*O Cabelleira*, o que mais pronunciadamente se manifesta em uma versão de Sergipe recolhida e publicada por Sylvio Romero; e era cantado, ao modo das xacaras, com uma toada particular, de um tom mavioso e dolente.

A -poca da acção do *José do Valle* não é remota; e notando-se referencias ao *Presidente*, como a primeira autoridade da provincia, é obvio que o facto é posterior a 1821, quando começou o seu governo a ser dirigido pelos presidentes, e não vai, talvez, muito além do anno de 1850.

Trçado o romance sobre os mesmos moldes d'*O Cabelleira*, com uns tantos versos semelhantes e quasi iguaes aos daquelle, que descreve a vida e façanhas de tão famigerado mameluco, parece-nos que a narrativa poetica se refere a factos criminosos praticados em Pernambuco por esse José do Valle, dentro do assignalado periodo.

A acção do *José do Valle* interna-se tambem pelos nossos sertões, e chegou mesmo aos dos Estados circumvizinhos.

« Nas margens do rio Moxotó, em Afogados de Ingazeira, e no Cariri, escreve-nos o nosso amigo Dr. José Mariano Filho, sempre o ouvi, cantado nas feiras com tolas as passagens do pava-lheirismo e sanhuda ferocidade. »

Infelizmente, porém, perdendo elle um caderno em que registrava os interessantissimos documentos da poesia popular do sertão, que ia recolhendo em suas viagens, guarda, contudo, de memoria, os

Em terras extranhas,  
 Bem ao meio dia,  
 Foi que me prenderam  
 Com grande agonia.

seguintes versos do poema de *José do Valle*, que gentilmente nos communicou:

— Senhor presidente  
 Si dinheiro vale,  
 Guarde lá dez contos  
 Solte José do Valle.  
 « O' minha senhora  
 Eu não solto, não :  
 Seu filho é malvado,  
 E' de má *conducção*.  
 — Senhor presidente,  
 Eu tenho uma casa  
 De distillação :  
 P'ra seu presidente  
 Não tem preço, não.  
 « O' minha senhora  
 Eu não solto, não :  
 Seu filho é malvado,  
 E' de má *conducção*.  
 — Senhor presidente  
 Eu tenho uma mulata  
 De estimação :  
 P'ra seu presidente  
 Não tem preço, não.

Diz Theophilo Braga, que o *José do Valle* não é precisamente um auto, mas tem a forma dialogada tão característica da xacara do século XVII, da qual diz D. Francisco Manoel de Mello: — « Começaram em dialogo á maneira de xacara. » — O heroe, conclue aquelle escriptor, pertence áquelles typos de Quevedo, os *xagues*, os nossos faias actuaes, sobre que o escriptor formara o genero da *xacarandina*.

Mello Moraes Filho, na sua *Historia e costumes*, trata de um *Reizado do Zé do Valle*, celebrado nas festas do Anno Bom, na Bahia, cujo poema constitue uma variante das versões de Pernambuco e Sergipe, aliás mais resumido, e começando assim a descripção da peça :

« O *Reizado do Zé do Valle* concretiza um dos episodios da vida do celebre facinora dos sertões do norte : precioso documento de costumes semibarbaros daquellas terras, nos dá ao mesmo tempo a feição moral de certas autoridades em longinquos logares. »

Mortinho de fome,  
Sequinho de sede,  
Só me sustentava  
De canninha verde.  
O' senhora mãe  
Vamos p'ra cidade  
Para vêr se saio  
Desta crueldade.  
O' senhora mãe  
Vá logo na frente,  
Suba no palacio  
Fale ao presidente.  
— Senhô presidente...  
« Mulher por aqui?  
— Vim soltar um preso  
LÁ do Piahy.  
« Sente-se, dona...  
— Eu não quero assento ;  
Solte José do Valle  
Pelo Sacramento.  
Senhô presidente,  
Como sou mulher,  
Abra sua bocca  
Diga quanto quer.  
« Vá embora, dona,  
Qu'eu não solto não ;  
Pois seu filho é ruim  
Tem máo coração.  
Matou muita gente  
Lá no seu sertão,  
Da minha justiça  
Não fez caso não ».  
— Senhô presidente,  
Si dinheiro vale,  
Dou-lhe doze contos  
Solte José do Valle.  
« O' senhora mãe  
Do meu coração ;

Si o dinheiro é pouco,  
Dê maior porção ».  
— Senhô presidente,  
Não é só dinheiro ;  
Tenho dois escravos  
P'ra seu captiveiro,  
E tenho um mulato  
De estimação,  
P'ra seu presidente  
Não é nada não.  
« O' senhora mãe  
Do meu coração,  
Levante-se dos pés  
Deste grão ladrão.  
O' senhora mãe  
Guarde o seu dinheiro,  
Qu'eu me vou soltar  
No Rio de Janeiro.  
Adeus, minha mãe  
Do meu coração,  
Quero me embarcar  
Com a sua benção,  
Adeus, minha mãe  
Do meu coração,  
Dê lembranças a todos  
E ao mano João.  
Adeus, minha mãe  
Da minha alegria,  
Dê lembranças a todos  
E á mana Maria.

#### MARIDO INFELIZ

Eu estava de fome,  
De fome traspasado ;  
— Mulher de minh'alma  
Dá-me um bocado.

Ella respondeu-me  
Com malcriação :  
— Vá embora homem,  
Não tenho comer, não.

Eu estava de fome,  
De fome traspasado,  
Peguei minha foico  
Fui para o roçado.

No meu caminhar  
Puz-me a imaginar,  
Que morto de fome,  
Que ia ver lá ?

Voltei para casa  
Sem nada dizer.  
— Homem dos diabos,  
Que vieste fazer ?

Botei-me p'ra ella  
Com grande paizão,  
E traspassei certoiro  
O seu coração.

Chamei minha sogra  
Por morar mais perto :  
— Matei sua filha,  
Vá criar seus netos.

— Genro da minh'alma  
Dizei o que queres,  
Para servir de exemplo  
A's outras mulheres.

Chamei a policia  
P'ra scientificar-se :  
— Si tiver razão,  
Bem póde livrar-se.

Senhor Delegado,  
Quero lhe dizer,  
Que eu não comia  
Para a mulher comer.

Senhor Delegado,  
Quero lhe contar,  
Que eu não luxava  
Para a mulher luxar.

Senhor Delegado,  
Queira me valer,  
Pois não tenho pae  
Queira meu pae ser.

---

## Cancioneiro

### CANÇÃO DO RECRUTA DE AGUA PRETA

(1851)

Agua Preta, adeus, adeus!  
Não sei quando te verei,  
Vou recrutado p'r'o sul  
Contra a razão, contra a lei.

Tuas mattas, os teus rios  
Deixo com pezar profundo,  
Tu p'ra mim tens mais encantos,  
Do que tudo que ha no mundo.

Deixo a esposa, que me ama  
Deixo filhinhos menores,  
Mil amigos e parentes  
Deixo por teus arredores.

Deixo o alvergue, que habito  
P'r'as bandas do Ribingudo,  
Meu roçado tão bonito,  
Meus animaes, deixo tudo.

Livre nasci, livre sou,  
Militei com Pedro Ivo  
Porém p'ra ser recrutado  
Não julgo isto motivo.

Formosas margens do Una,  
 Eu te deixo, meus amores,  
 Assim o querem tyrannos  
 Nossos crueis oppressores.

Em um collete de couro  
 Preso, atado e comprimido,  
 Marcho de pé p'ra cidade,  
 Como si fôra um bandido.

Adeus Verde e Gravatá  
 Cuyambuca, Formigueiro,  
 Dous Braços, Japaranduba,  
 Catuama, adeus Coiceiro.

Agua Preta, adeus, adeus !  
 Não sei quando te verei,  
 Vou recrutado p'r'o sul  
 Contra a razão, contra a lei.

#### MODINHA

Não vou lá, não me chames, que eu não vou,  
 Não vou lá, pois não quero o teu amor.

As mulheres pensam  
 Que os homens são crentes,  
 Ou que são dementes,  
 Quando amor não tem ;  
 Coitadinhas dellas,  
 Que não sabem amar,  
 Morrem sem achar  
 Quem lhes queira bem.

Ai não digas, por Deus, que amor não tens,  
 Muito sofre quem ama e quem quer bem.

Faz tremer a terra  
 Amor de mulher,

Triste de quem quer  
 Ter um coração ;  
 Ser delle adorado  
 E' na frente só,  
 Quem quizer ser só  
 Perde o seu tempo.

Muito soffre a mulher que ama tres,  
 Quando vê todos juntos de uma voz.  
 Si ella não tem tempo  
 De se pôr ao fresco,  
 Logo treme o beijo  
 E fala com seu bem.  
 Diz a um que passe,  
 Ao segundo como está,  
 Ao terceiro que se vá,  
 Que hoje amor não tem.

#### CANÇÃO DA VIVANDEIRA (1)

Ai ! que vida que passa na terra  
 Quem não ouve o rufar do tambor,  
 Quem não canta na força da guerra  
 Ai amor, ai amor, ai amor.  
 Quem a vi la quizer verdadeira  
 E' fazer-se uma vez vivandeira.

---

(1) Esta canção, bem como a *Os Mandamentos*, e os *lundús*, *Aonde vai Senhor Pereira de Moraes*, *O Caranguejo* e a *Mulatinha do caroço no pescoço*, todos insertos em seguida, são de composição anonyma, e foram consignados por Joaquim Norberto no seu *livrinho Nova collecção*, etc.; não sabemos, portanto, si são originarios de Pernambuco ou não.

O que não resta duvida, é que tiveram muita voga entre nós, cada qual com a sua competente musica, de que ainda perfeitamente nos recordamos, com gratissimos e saudosas reminiscencias da nossa infancia.

O violão, que proscreeu a viola, a guitarra e o cravo, que acompanhavam as nossas antigas modinhas e *lundús*, foi por sua vez

Só na guerra se matam saudades  
 Só na guerra se sente viver,  
 Só na guerra se acabam vaidades,  
 Só na guerra não custa a morrer.

Ai que vida, que vida, que vida,  
 Ai que sorte tão bem escolhida.

Ai que vida que passa na guerra  
 Quem pequena na guerra viveu,  
 Quem sósinha passando na terra  
 Nem o pae, nem a mãe conheceu.

Quom a vida quizer verdadeira  
 E' fazer-se uma vez vivandeira.

Ai que vida esta vida qu'eu passo  
 Com tão lindo gentil mocetão,  
 Si eu depois da batalha o abraço  
 Ai que vida p'ra meu coração.

Que ternura cantando ao tambor  
 Ai amor, ai amor, ai amor.

Que harmonia não tem a metralha  
 Derrubando fleiras sem fim,  
 E depois, só depois da batalha  
 Vel-o salvo, cantando-me assim :

Entre as marchas fazendo trincheira  
 Mais te amo gentil vivandeira.

Não me assustam trabalhos da lida  
 Nem as balas me fazem chorar,  
 Ai que vida, que vida, que vida,  
 Esta vida passada a cantar.

Qu'eu lá sinto no campo o tambor  
 A falar-me meiguicos de amor.

---

condemnado pelo piano, de sorte que, sómente é usado nas localidades do interior onde ainda não penetrou este moderno instrumento.

E' deste facto, que vem o desaparecimento das modinhas elundús, na capital, principalmente.

Encontrando as citadas composições, incompletas umas, e estropiadas outras, preferimos consignar a lição recolhida por Joaquim Norberto, de cujos versos, no seu quasi conjuncto, perfeitamente nos recordamos, bem como se recordarão aquelles que os ouviram nos serões de familia, da sua infancia, lendo-os agora.

**Mas deixemos os cantos sentidos  
Estes cantos do meu coração,  
E prestemos attentes ouvidos  
Ao laplão, rataplão, rataplão.**

Ao laplão, rataplão, que o tambor  
Vai cadento falando de amor.

## OS MANDAMENTOS

Eu confesso as minhas culpas  
Todas pelos mandamentos,  
Ao depois que vi Marília  
Trago varios pensamentos.

O primeiro *é amar a Deus,*  
Eu amo ao meu bom querer ;  
Se Marília fôr constante  
Hoi de amal-a até morrer.

O segundo *é não jurar*  
Pelo santo nome em vão ;  
Eu jurei amar Marília  
De todo o meu coração.

O terceiro *é ouvir missa*  
Nos dias de santa guarda ;  
Eu com missas ouvirei  
Mas ao pé de minha amada.

O quarto *honrar pae e mãe*  
Pae e mãe eu amarei ;  
Só por ti Marília amada  
Pae e mãe eu deixarei.

O quinto *não furtar*  
Mesmo tendo precisão ;  
Eu sómente fiz um furto,  
De Marília o coração !

O sexto *guardar castidade*,  
 Que é virtude apreciada ;  
 Eu serei sempre **mui casto**  
 Mas ao pé de minha **amada**.

O setimo é *não matar*,  
 Eu nunca matei ninguem ;  
 Sômente mato as **saudades**  
 Que sinto pelo meu bem.

O oitavo é *não levantar*  
*Falsidades* contra alguem ;  
 Eu só disse que **Marilla**,  
 E' **minha**, e de mais **ninguem**.

O nono é *não desejar*  
 D'algum proximo a **mulher** ;  
 Eu só desejo a **Marilia**  
 Eu a quero e ella **me quer**.

O decimo é *não cobiçar*  
 Nunca as cousas de **alguem** ;  
 Eu só cubiço a **Marilia**  
 Porque ella é o meu bem.

E estes dez mandamentos  
 Só em dous minh'alm **encerra** ;  
 Amar a **Deus** lá no **céo**  
 E **Marilia** cá na **terra**.

AONDE VAI SR. PEREIRA DE MORAES ?

**Aonde vai**, senhor **Pereira de Moraes** ?  
**Se você vai**, não vem cá mais ;  
**As mulatinhas** só dando ais,  
**Falando** baixo p'ra metter **palavriaes** ;

**Mettendo o pente para abrir a liberdade;  
Fazendo figas aos demonios das rivaes;  
Saias na gomma p'ra os recheios e fafás  
Se você vai não vem cá mais.**

Mulatinhas faladeiras,  
Renegadas do diabo,  
Me roubaram meu dinheiro  
Me deixaram esmolumbado.  
Ora meu Deus,  
Ora meu Deus;  
Qu'estas mulatinhas  
São peccados meus.

#### O CARANGUEJO

Caranquejos andam ao *ad*  
Procurando a sua entrada,  
Veio seu mestre *titio*  
Fez dos caranquejos cambada.

Depois das cambadas feitas  
Saiu p'ra rua gritando :  
Chega, chega, freguezia  
Vai caranquejo, sinhá !

Moça pobre que o vê chama,  
E vai logo a perguntar :  
Quanto custam os caranquejos ?  
— Meia pataca, sinhá !

Mestre *titio* me diga,  
O seu nome como é ?  
— *Sinhá pr'a que qué sabê ?*  
*Yo mi chama pre Munuê,*

Pois pae Manoel *vosmeccê*,  
 Vá dar um passeio ligeiro,  
 E quando vier de volta  
 Venha buscar seu dinheiro.

Moça leve os caranguejos  
 E deite-os a cosinhar,  
 Que o mestre titio não tarda  
 O seu dinheiro a buscar.

Palavras não eram ditas  
 Na porta o preto bateu,  
 Pergunta a moça — quem é?  
 Responde o preto :—sô yeu !

A moça veio de dentro  
 Dizer que agora não tinha  
 Dinheiro para lhe dar,  
 Que seu marido já vinha.

Então o preto zangou-se  
 Ficou branco qual marfim  
 E quando pôde falar  
 Começou dizendo assim:

—Sinha não sabia  
 Que yô era captivo,  
 Que tem ri dá conta  
 Di o mi captivêro ?  
 Nô qué zi carote  
 Dacá mia rinhêro.

#### MULATINHA DO CAROÇO

Mulatinha do caroço  
 No pescoco,  
 Eis aqui o teu cambão ;  
 Mette o ferro d'aguilhada,  
 Minha amada  
 No teu dengue cachorrão.

Eu gosto da côr morena,  
 Sempre amena,  
 Que me prende e me arrebatã ;  
 Essa côr é da faceira,  
 Feiticeira,  
 Mulatinha que me mata.

Eu gosto dos olhos della,  
 Quando ella  
 Para mim os quer volver ;  
 Esses olhos melindrosos,  
 Tão formosos,  
 Dizem, sim, até morrer.

Não gosto da côr do lyrio  
 Que dilirio  
 Vi causar já de repente :  
 Nem tambem da côr soturna  
 Ou nocturna,  
 Que o sepulchro traz patente.

Amo a côr que se colloca  
 Na pipoca,  
 Na parte que não rebenta :  
 Essa côr assim querida,  
 E' conhecida  
 Nos bollinhos de mãe Benta (4).

Oh ! que sim, por essa côr  
 Do meu amor,  
 Me derreto e m'espatifo :  
 Tenho febre, tenho frios,  
 Calafrios,  
 Tenho gosma, tenho typho.

---

(4) Este verso tira toda a cor local do lundú a Pernambuco para se o attribuir originario do Rio de Janeiro. Effectivamente, no Norte não se conhece os afamados *bollinhos de mãe Benta*, que fazem as delicias do fluminense; e o poeta pernambucano certamente não usaria

Fura, fura, minha bella,  
 Na costella  
 Do teu grato camafeu:  
 Dar-te-hei o que puder,  
 Se és mulher,  
 Meu amor de ti nasceu.

Dar-te-hei o que quizeres  
 Se fizeres  
 Quanto trago em minha mente ;  
 Nos teus braços, meus cuidados,  
 Oh ! peccados !....  
 Vai-te embora, que vem gente

## OS MARUJOS (1)

Que triste vida  
 Que é a do marujo !  
 Quando não está bebado  
 Anda rôto e sujo.  
 De bordo a bombordo  
 Ê, ê, ê, ê...  
 Na borda do mar,  
 Na borda do mar.

dessa comparação para exprimir a cor da mulatinha, quando tinha entre nós mesmos tanta coisa para a caracterisar precisamente.

E' pena, que da variante pernambucana só encontrassemos os primeiros versos, ficando assim privado de prova o nosso conceito, que aliás, é obvio.

Em todo caso, consignamos aqui os alludidos versos .

Mulatinha do caroco  
 No pescoço,  
 Aqui está o teu cambão,  
 Meu ladrão,  
 Mette o ferro d'acuilhada,  
 Minha ama lá,  
 No meu terno coração.

(1) SYLVIO ROMÉRO. — *Cantos Populares*.

Arreia o bote  
 E vai á taverna,  
 Pede ao patrão  
 Que lh'encha a lanterna.  
     De bordo a bombordo  
     Ê, ê, ê, ê...  
     Na borda do mar,  
     Na borda do mar.

Depois do gornopio  
 Chupa a laranja,  
 Cae d'uma vez  
 E perde a fragranja.  
     De bordo a bombordo  
     Ê, ê, ê, ê...  
     Na borda do mar,  
     Na borda do mar.

De popa á proa  
 Correndo se vê  
 Um pobre marujo  
 Implorando mercê.  
     De bordo a bombordo  
     Ê, ê, ê, ê...  
     Na borda do mar,  
     Na borda do mar.

## LUNDU'

Fui eu quem cortou o pão,  
 Fui eu quem fez a gamella,  
 Fui eu quem roubou a moça,  
 Fui eu quem ficou som ella.

Lavai, lavai, lavai,  
 Lavai, meu bem na vela ;  
 Lavai, lavai, lavai,  
 A morena da janella.

Você diz que me quer bem,  
Eu digo que Deus lhe pague ;  
Si o seu amor é de interesse,  
Commigo é cançar de balde.

## CANTIGA

Nas tuas margens, oh rio !  
Se cantava e ria outr'ora,  
E hoje, triste mudança !  
Tudo geme, tudo chora !

Nos dias de tinguijadas  
Que folganças ! que folia !  
Ao som da esturdia viola,  
Bello peixe se comia.

Hoje tudo está mudado ;  
Nem mais se canta nem ri,  
Nem se falla em tinguijada,  
Só se cuida, oh morte ! em ti.

Cheio de gratas lembranças,  
Eu choro os dias passados,  
Dias outr'ora felizes,  
E hoje tão desgraçados.

Magestoso patrio rio,  
Recolhe os suspiros meus ;  
S'eu morrer da peste ou fome.  
Patrio rio, adeus, adeus... (1)

---

(1) Cantavam-se estes versos em Palmares em 1856, no periclo da epidemia do cholera-morbus. O rio a que se refere a poesia, é o Una, que banha a cidade.

## O BARBEIRO (1)

Vinde, vinde, meu barbeiro  
 Com passos mui diligentes,  
 Se vindes aparelhado,  
 Sangrai-me, que estou doente.

Se a lanceta for de ouro,  
 Se a fita for de mil cores,  
 O meu pé é pequenino,  
 Minha doença é amores.

(1) O barbeiro de outr'ora, entre nós, tinha habilidades **poly-morphas**. Era sangrador, *arrancava* dentes, amolador de tesouras e navalhas, e applicava sanguesugas; e a sua casa tinha um aspecto original como original era o proprietario.

Imagino-se uma sala geralmente pequena e pobremente mobiliada, com cortinas de chita nas portas da alcova e do corredor; duas bancas com touca lores, e as paredes guarnecidas de quadros de estampas de santos com molduras de páo preto, e irregularmente dispostos; um tocoo aparelho com o rebolo de amolar, pendente do telhado um candi'iro de metal, preso a uma corda, e alimentado a azeite de côco ou carrapato; e amarrados em cordão, nas bandeiras das portas da rua, frascos com agua contendo sanguesugas: e **ter-se-ha** assim uma idéa exacta do que era, ainda em tempos não muito remotos, a tenda do *mestre barbeiro*, como **respeitosamente** era tratado.

Geralmente o barbeiro era musico tambem, e tocava um **instrumento** qualquer nas horas de lazer, e das suas tocatas com outros companheiros de profissão, nos seus serões musicaes, é que vem o qualificativo de *musica de barbeiros*, dado a uma orchestra má.

Tempos depois é que veio o cabelleireiro, com as suas officinas de postiços, e os seus salões, luxuosos uns, e decentes outros, a **rescenderem** do agradaveis perfumarias, e dali o **desapparecimento gradual** da casa typica do original barbeiro, até que de todo **desappareceu**.

O **typo** moderno das casas de cabelleireiro foi estabelecido entre nós por artistas francezes, e cremos que a primeira casa que houva no Recife, foi a de Gerald & Desmarais, situada na rua Nova n. 19, e já existente em 1831, como se vê dos seus annuncios nos jornaes da época.

Barbeiro tem compaixão.  
 Deste pesinho de neve,  
 Faz a cesura pequena,  
 Mete a lanceta de leve.

Se fores em certa parte,  
 E vires lá certa gente,  
 E se perguntar por mim,  
 Dizei-lhe que estou doente.

Se tornar a perguntar  
 Pela minha enfermidade,  
 Dizei-lhe que soffro de amores,  
 E que morro de saudade.

CHULA (4)

Lá do poço  
 Não como mingão,  
 E tambem sei tirar  
 Os cavacos de páo.  
     Avôa, avôa,  
     Se queres vôar.  
     Os pezinhos pelo chão,  
     As azinhas pelo ar.

Lá do poço  
 Não como banana,  
 Eu tambem sei tirar  
 Os cavacos de banda.  
     Avôa, avôa,  
     Se queres vôar,  
     Os pezinhos pelo chão,  
     As azinhas pelo ar.

---

(4) Esta chula, bem como as duas seguintes, foram recolhidas e publicadas por Sylvio Romero.

## CHULA MATUTA

A duas vozes

Cravo branco se conhece  
Pelo bom cheiro que tem ;  
— Quem me dera saber lèr...

Eu conheço a rapariga  
Já de longe quando vem ;  
— Quem me dera saber lèr...

Quem nunca provou não sabe  
Dos quindins das mulatinhas ;  
— Quem me dera saber lèr...

São papudas, são gostosas,  
São melhores que branquinhas ;  
— Quem me dera saber lèr...

---

Eu nasci dentro da lima  
Do caroço fiz encosto ;  
Ai, amor...  
Quem geme  
E' quem sente a dor...  
Ai, meu bem,  
Divirta-se e passe bem.

Ai, minha vida,  
Minha saia  
Minha joia,  
Minha pitingoia !...  
Ai, amor...  
Quem geme  
E' quem sente a dor ;  
Ai meu bem,  
Divirta-se, e passe bem !...

## BAHIANO

E' amanhã,  
E' ao depois,  
Lá vem o carro  
Puxado a bois.  
Mata gallinha,  
Descasca arroz,  
Qu'este barulho  
E' de nos dois.

Lá vem a chuva,  
Lá vem o vento,  
Lá vem o padre  
Com espavento.  
Lá vem a gente  
Tomar assento,  
No livro velho  
Do Sacramento.

Lá vem a chuva,  
Lá vem neblina,  
Lá vem o padre  
Com disciplina.  
Negra damnada  
Só é Joaquina,  
Quedá de banda  
E não dá de quina.

A desesperada  
E' a Henriqueta,  
E só faz tudo  
Fazendo careta.  
Vai p'ra o quartel,  
Toca corneta,  
E toma refrescos  
De malagueta,

A malvadinha  
E' a Maria.  
E tudo que faz  
E' com demasia.  
Pula p'ra rua  
Como cotia.  
Toma refrescos  
De melancia.

A damnadinha  
E' a *Tolonha*,  
Que rela milho  
E faz pamonha.  
A roupa tira  
Sem ter vergonha.  
Toma refrescos  
De *papaconha*.

Outra damnada  
E' a *Isabé*,  
Doita perú  
E tira guiné.  
Vai de correio  
Ao Catolé.  
Salta p'ra cima  
E diz — *sou-mui'*.

Outra malvada  
E' a Mariana,  
Que amarra a saia  
Com gitirana ;  
E so quebra a cinta  
A negra faisca,  
A negra enlouquece,  
A negra se damna.

## VARIANTE DA ULTIMA ESTROPHE

Que negra damnada  
Só é Mariana,

Que amarra a saia  
 Com gitirana ;  
 Se a corda se quebra  
 A negra se damna,  
 Salta no fogo,  
 Queima a pestana.

## LUNDU'

Passei por uma rua,  
 Rua mui bella,  
 Menina bonita  
 Vi posta á janella.  
 Ai lê lê, na janella  
 E era mui bonitinho  
 O *diachinho* della.

## ESTRIBILHO

Nunca vi Santo Amaro  
 Com lampeão !  
 Ora bravos, mulata,  
 Do teu cadeirão.

Escrevi-lhe logo  
 Sem mais demorar.  
 Que visse maneiras  
 De vir me fallar.  
 Ai lê lê, me fallar,  
 Que tarde de horas  
 Me fosse esperar.

E eram oito horas  
 E já ella dizia  
 — Arrengo do homem  
 Que passa forquilha.

Ai lê lê, forquilha !  
Um bem como aquelle  
Não se perdia.

Eram nove horas  
Eu ia chegando,  
De beijos, abraços  
Me fui acabando.  
Ai lê lê, me acabando.  
Na porta da rua  
Me estava esperando.

Pegou-me pela mão,  
Ao seu quarto me levou,  
E em sua nobre cama  
Commigo se deitou.  
Ai lê lê, se deitou,  
E tão boa noite  
De pressa passou.

Por ver tanta gala  
Fiquei louco e mudo ;  
Cobertas de seda,  
Colchão de velludo.  
Ai lê lê de velludo,  
Por ver tanta gala  
Fiquei louco e mudo.

Debaixo da cama  
Tinha um fogareiro,  
Que em toda a noite  
Rescendia cheiro.  
Ai lê lê, rescendia cheiro,  
E isso era sempre  
Por dias inteiros.

Eram tres horas  
Quando ella me disse,

Que sahisse occulto,  
 Que ninguem me visse.  
 Ai lê lê, ninguem visse,  
 Que os negros da casa  
 Não me presentisse.

Eram quatro horas  
 Me disse chorando :  
 — Adeus meu benzinho,  
 Adeus, até quando ?  
 Ai lê lê, até quando ?  
 Por outra noite  
 Eu fico esperando.

#### O MEU ENTERRO

Um velho, bem velho  
 E paçudo,  
 Irá na frente  
 Tocando canudo.

Outro velho, bem velho  
 E careca,  
 Irá na frente  
 Tocando rabeça.

Quatro moças formadas  
 Em piquete,  
 Irão também  
 Soltando foguetes.

Seis mocinhas vestidas  
 De balão,  
 Irão pegando nas argolas  
 Do caixão.

Quatro velhas, bem velhas,  
E velhinhas,  
Irão atraz rezando  
As ladainhas.

Quando o corpo entrar  
No cemiterio,  
Quero que todos estejam  
Muito serios.

Quando o coveiro me estiver  
Enterrando,  
Quero que todos estejam  
Chorando.

Quando o padre tirar  
A capa roxa,  
Podem todos puxar  
Sua trouxa (1)

Por um defunto que causa  
Tanta magoa  
Farão as moças um jejum  
De pão e agua.

#### ESTAVA EM FORA DE PORTAS

Estava em Fóra de Portas,  
Sentado no areal,  
E quando bateu cinc'oras  
Ouvi corneta tocar.  
Yayá está doente?

---

(1) A phrase — puxar com a trouxa, — bem como — puxou com a trouxa, — ou — vá puxando com a sua trouxa, — é, de qualquer modo, muito usada pelo povo, para indicar sahida ou retirada. Exprime tambem fallecimento: — *F. puxou com a trouxa.*

Está sim senhô.  
 Yayá me disse,  
 Yayá me confessou.  
 Trabalha o feio  
 P'ra o bonito comedô ;  
 Ai cascaio,  
 Cascaio meu caboré,  
 Quem quizer moça bonita  
 Diga olé,  
 Quem quizer mulatinha  
 Bata com o pé.  
 Eu comi cação  
 Arrotei charéo,  
 No meio do mundo  
 Olhando p'ra o céo.

Basta uma, basta duas,  
 Basta tres,  
 Uma gallinha não se come  
 De uma de vez.  
 Ai cascaio,  
 Cascaio meu caboré,  
 Quem quizer moça bonita  
 Diga olé,  
 Quem quizer mulatinha  
 Bata com o pé.  
 Eu comi cação  
 Arrotei charéo,  
 No meio do mundo  
 Olhando p'ra o céo.

Na Bahia não se usa  
 Mais roupa no quaradô,  
 Por causa da tropa luzitana,  
*Olho viu e mão andou.* (1)

---

(1) Estes versos, como que demonstram que a poesia foi composta em 1822-1823, no periodo da guerra da independencia da Bahia, entre brasileiros e as tropas lusitanas.

Yayá está doente ?  
 Está sim senhô,  
 Yayá me disse  
 Yayá me confessou.  
 Trabalha o feio  
 P'ra o bonito comedô ;  
 Ai cascaio,  
 Cascaio meu caboré.  
 Quem quizer moça bonita  
 Diga olé,  
 Quem quizer mulatinha  
 Bata com o pé.  
 Eu comi cação,  
 Arrotei charéo,  
 No meio do mundo  
 Olhando p'ra o céo.

## AS MOÇAS ME QUEREM BEM

Minha mãe eu sou solteiro  
 As moças me querem bem ;  
 Ellas me pedem que eu cante  
 Que remedio a gente tem ?  
     Ora ainda mais esta  
     Não se quer não,  
     Deixe de graças,  
     Não deixo não.  
     Vocês são moças  
     Eu sou vadio,  
     Esmola grande  
     Eu disconfio.

---

A phrase — *Olho viu e mão andou*, — é entre nós expressiva de furto, como entre outras, a da

Oração de São Raymundo,  
 Os olhos no céo  
 E a mão no mundo,

O Padre quando namora  
 Bota logo a mão na c'roa,  
 Namora, padre, namora,  
 Namora que Deus perdôa.  
     Ora ainda mais esta  
     Não se quer não,  
     Deixe de graças  
     Não deixo não.  
     Voces são moças  
     Eu sou vadio,  
     Esmola grande  
     Eu desconfio.

O padre foi dizer missa  
 Na capella de Belém,  
 Em vez de dizer *orcumus*,  
 Disse Maricas meu bom.  
     Ora inda mais esta  
     Não se quer não,  
     Deixe de graças,  
     Não deixo não.  
     Vocês são moças  
     Eu sou vadio,  
     Esmola grande  
     Eu desconfio.

## VARIANTE

O padre foi dizer missa  
 Na capella de Belém,  
 Em vez de dizer *Oremus*,  
 Disse — Maricas, meu bem.  
     Cafê, chocolate,  
     Farinha de pão,  
     Bolachinha doce  
     Que vem de Macáo.

O padre quando namora  
 Passa logo a mão na c'roa;  
 Namora, padre, namora,  
 Que Roma tudo perdôa.

Café, chocolate,  
 Farinha de páo,  
 Bolachinha doce  
 Que vem de Macáo. (1)

## O LADRÃO DO PADRESINHO

O ladrão do padresinho  
 Deu agora em prégador ;  
 Padre, eu já lhe disse,  
 Que eu não quero o seu amor.  
     Este amor não é seu,  
     E' de Raphael ;  
     Raphael quando fôr,  
     E' de quem quizer.  
 Atura minhas raivas,  
 Meus calundús,

(1) Esta chula, que talvez precedeu ou inspirou a composição da que anteriormente inserimos sob o titulo — *As moças me querem bem*, — ainda em voga, remonta-se a tempos passados, porquanto, a encontramos em uma correspondencia de Goyana, publicada n' *O Echo Pernambucano* de 25 de junho de 1856, chasqueando de uma festa que houve por occasião da chegada de uma carruagem á cidade, pertencente ao coronel Antonio Francisco Pereira, senhor do engenho Bujary, cujo vehiculo, no seu genero, foi o primeiro que ali appareceu.

Nessa festa do recepção da carruagem, diz o correspondente que cantou-se a referida chula, e a transcreve.

Sylvio Romero consigna nos seus *Cantos Populares* uma chula sergipana com o titulo : — *O ladrão do padresinho*. — em que figura esta quadra :

O padre foi dizer missa  
 Lá na torre de Belem ;  
 Em vez de dizer *Oremus*,  
 Chamou Maricas — meu bem !...

Com aquelle mesmo titulo colhemos tambem uma chula, que apesar de incompleta, tem vehementes pontos de contacto com a citada versão de Sergipe, que, em todo caso, assim mesmo a consignamos.

Approva as coisinhas,  
 Que eu bem fizer.  
 Ai ! me solta demonio !  
 Ai ! me largue o babado !  
 O' que padre damnado,  
 Meu bom Santo Antonio !  
 Quando hontem ia p'ra missa,  
 O bom padre prégador  
 Veio logo me dizendo:  
 — Sou um teu venerador.  
 Padre eu já lhe disse,  
 Que eu não quero o seu amor.  
 Este amor não é seu,  
 E' de Raphael, etc.

PINICA-PÁO ATREVIDO (1)

Pinica-páo atrevido,  
 Que de um páo fez um tambôr,  
 Para tocar alvorada  
 Na porta do seu amor.

*Estrilho*

Para onde vai,  
 Para onde vem ?  
 Si você vai  
 Eu vou tambem ;  
 Si você ficar,  
 Ora adeus, meu bem.

---

(1) Joaquim Norberto consigna esta chula como um — *Fado mineiro*.

Seja ou não, o que é certo, é que a chula é muito antiga e vulgar em Pernambuco, e não raro ainda cantada na sua particular toada, cuja musica, aliás, é de uma tal monotonia, que chega quasi a uma tonalidade triste, plangente.

Pinica-páo atrevido,  
Do topete avermelhado,  
Bate o ferro bate o bico  
Neste meu peito maguado.

Pinica-páo atrevido,  
Atrevido pinica-páo,  
Que anda de galho em galho,  
Saltando de páo em páo.

Pinica-páo atrevido  
Foi ao Rio de Janeiro,  
Foi buscar moça bonita  
P'ra casar com marinheiro.

Pinica-páo atrevido,  
Que de atrevido morreu ;  
Quem te mandou penicar  
Aquillo que não é teu ?

Confrontando-se a nossa versão com a de Joaquim Norberto, notam-se não sómente algumas diferenças, como ainda quatro quadras demais da que recolhera e publicára aquelle escriptor, como de origem mineira.

O *Pinica-páo atrevido*, como diz o vulgo, afigura-se-nos antes de origem bahiana, que remonta-se aos primórdios do século XVIII, e foi inspirado pelos seguintes versos de um *Romance* que figura no livro *Compendio Narrativo do Peregrino da America*, — escripto por Nuno Marques Pereira e publicado em Lisboa em 1728:

O valente Pica-páo  
Que de um páo fez um tambor,  
E com o bico tocava  
Alvorada ao mesmo sol.

Nuno Marques era natural da Bahia, onde sem duvida teve o seu *Peregrino da America*, como é geralmente conhecido este rarissimo livro, grande popularidade, e dahi, talvez, a composição do fado, tomando-se por thema os mencionados versos.

Mello Moraes Filho, trata na sua *Historia e costumes de um Reisado do Pica-páo* nas festas de Anno Bom, na Bahia, que nada tem de commum com o nosso fado.

A lagôa já seccou  
 Onde o pombinho ia beber ;  
 Triste cousa é querer bem  
 A quem não sabe agradecer.

Já te quiz, não quero mais,  
 Já te dei o desengano ;  
 Deus permitta que tu morras  
 No sereno *cochilano*.

## CHULA AFRICANA

Você gosta de mim ?  
 Eu gosto de você.  
 Se seu pae consentir,  
     O' meu bem,  
 Eu me caso com você.  
*Alêlê, alêlê, calunga,*  
*Mussunga, mussunga é.*

Se me dás de vestir,  
 Se me dás de comer,  
 Se me pagas a casa,  
     O' meu bem,  
 Vou morar com você.  
*Alêlê, alêlê, calunga,*  
*Mussunga, mussunga é.*

## LUNDU'

Branco diz que negro bebe,  
     Bravó sinhazinha,  
 Negro bebe agoniado ;  
 Quando negro vai na venda,  
     Bravó sinhazinha,  
 Acha copo já muiado.

Café cum chocolate,  
 Farinha riá páo  
 Mulata bonita,  
 Tocá birimbáo,  
 Quem não toca riá fero  
 Tocá riá páo.

Menina de Afogados,  
 Bravô sinhazinha,  
 Tem a perna de socó  
 Por riba tanta farofa,  
 Bravô sinhazinha,  
 Pro baxo mulambo só.  
 Café cum chocolate,  
 Farinha riá páo,  
 Mulata bonita,  
 Tocá birimbáo,  
 Que não toca riá fero,  
 Toca riá páo.

## CORUJINHA

Corujinha, meu bem,  
 Da cabeça preta,  
 Só anda na rua  
 Fazendo careta.

*Estrilho*

Isto é bom,  
 Corujinha,  
 Isto é bom.

Corujinha, meu bem,  
 Da cabeça branca,  
 Só anda na rua  
 De saia e tamanca.

Corujinha, meu bem,  
*Cadê tua saia?*  
Ficou lá no rio  
Enxugando na praia.

Corujinha, meu bem,  
*Cadê tuas meias?*  
Ficou lá no rio  
Enxugando n'areia.

Corujinha, meu bem,  
*Cadê teu lençol?*  
Ficou lá em casa  
Enxugando no sol.

Corujinha, meu bem,  
*Cadê teu pimpão?*  
Ficou lá em casa  
Lavando o calção.

Corujinha, meu bem,  
*Cadê teu marido?*  
Ficou lá em casa  
Aquelle *inzerido*.

#### LUNDU'

Quando boto um fato novo,  
Nos olhos ponho a luneta,  
Sou o moço mais esbelto  
Do baile do Picholeta.

Fascino moças,  
Velhas e crianças,  
Com os requebros  
Das minhas dansas.

Trepei na bomba,  
Comi pitomba,  
Sacudi os caroços  
Na maxambomba.

Moça nenhuma  
Me faça tromba,  
Qu'eu as embarco  
Na maxambomba.

Ando de noite  
Subindo escadas,  
Pelas paredes  
A's cabeçadas.

Namoro e sou namorado  
E p'ra isso eu tenho geito ;  
Ainda não tive namoro  
Que não tirasse proveito.

Um bahú de quatro palmos  
Já de cheio não o fecho,  
De presentes de amores  
Cousas de cahir o queixo.

Lenços, toalhas,  
Cartas e flores,  
Cabellos, tranças,  
Cousas de amores.

Anneis um cento  
Tenho contado,  
Assim se póde  
Ser namorado.

Namorar é vicio nobre  
Vicio que não tem senhor ;  
O escândalo é safadeza,  
De bacalháo conductor.

## CARAMBOLA

Os homens todos são bolas  
E o mundo um grande bilhar,  
E' pichote quem não sabe  
No mundo carambolar.

Ai ai ai, ai ai ai,  
Não sou eu  
Que caio lá.

Por effeito e por tabella,  
Por bamburro, bem jogado,  
Todos fazem carambolas  
Jogando muito acertado.

Beijos dados em crianças  
Por moça posta á janella,  
São beijos de namorados,  
Carambola por tabella.

Carambola faz a moça  
Que namora a dous sujeitos ;  
Larga um e péga outro,  
São bolas de dous effeitos.

Carambola que é bem feita  
Faz de um tolo deputado,  
Gritando a torto e a direito:  
—Muito bem, bravo, apoiado.

Carambola pela certa  
Faz o padre noite e dia,  
Quando confessa as devotas  
Lá dentro da sachristia.

**V**elha gaiteira o rica  
**Q**ue olha a rapaz brejeiro,  
**E'** contar qu'elle na certa  
**C**arambola-lhe o dinheiro.

**A** mulher de sapateiro  
**Q**ue sozinha bate sóla,  
**D**e dia lambendo couros,  
**D**e noite na carambola.

**O**s homens todos são belas,  
**E** o mundo um grande bilhar,  
**E'** pichote quem não sabe  
**N**o mundo carambolar.

Ai ai ai, ai ai ai,  
Não sou eu  
Quem caio lá.

## MODINHA

**E**ra meia noite ;  
**N**a porta sentado,  
**J**á todos dormiam,  
**S**ó eu acordado.

**P**assou uma menina ;  
**E**ra mulatinha,  
**V**estido de branco,  
**T**oda francezinha.

**T**omei o capote,  
**F**ui acompanhá-la ;  
**E**lla ás carreiras  
**E** eu a pegá-la.

— Menina não corras.  
« Senhor o que quer ? »  
— Serei seu amante  
Si você quiser.

Oh minha yayá  
Você onde mora ?  
« Lá na Boa Vista,  
Na rua da *Gloria*. »

Olhei-lhe p'ra cara,  
Não tinha nariz :  
Eram dous buracos  
De um chafariz.

Olhei-lhe para bocca  
Não tinha um só dente ;  
Era o demonio  
Em figura de gente.

Olhei-lhe p'ra os braços,  
Eram de varetas,  
E em cada dedo  
Tinha castanhetas.

Olhei-lhe p'ra pernas,  
Eram de baquetas,  
Cobertas de lepra  
E cheias de gretas.

Olhei-lhe p'ra os pés,  
Benzi-me de medo ;  
P'ra mais de cem bichos  
Tinha em cada dedo.

— Oh minha menina  
Seus trajos quaes são ?  
« Duas saias rotas  
E um cabeção. »

## VIVA GARIBALDI (1)

Viva Garibaldi,  
Victorio Emmanuel,  
Comendo macarroni  
Embruhlado n'um papel.

Viva Maria Pia  
Rainha de Portugal,  
O vestido que ella usa  
Não se póde uzar igual.

Garibaldi foi a missa  
No seu cavallo *lasão* ;  
O cavallo *entrupicou*  
Garibaldi foi ao chão.

Garibaldi foi a missa,  
Foi fallar ao sachristão ;  
O sachristão metteu-lhe as mãos,  
Garibaldi foi ao chão.

Garibaldi já morreu,  
Já foi dar contas a Deus,  
Da farinha que comeu,  
Da cachaça que bebeu.

---

(1) Esta cantilena appareceu pelos annos de 1864, no periodo do apogeu de glorias do general Garibaldi pela sua patriótica attitude na guerra da unificação da Italia, e logo depois do casamento de D. Luiz I, rei de Portugal, com a princeza D. Maria Pia, filha do rei de Italia Victor Emmanuel, e foi inspirada por uma canção hymnica cantada e acompanhada a harpa por um grupo de rapazes italianos que naquella época appareceu no Recife. A canção italiana começava pelos dous primeiros versos iniciaes da primeira quadra, e dos quaes lançou mão o poeta popular para tambem começar a sua composição e servindo-se ainda da propria musica da referida canção italiana.

Garibaldi já morreu,  
 Enterrou-se no chafariz ;  
 Quem quizer ver Garibaldi,  
 Metta o dedo no nariz.

\* \* \*

Eu tenho mamãe, eu tenho  
 Saudade que não tem fim,  
 No tempo que eu era pobre,  
 Oh mamãe, eu dizia assim :  
 Passeava por entre as flores,  
 Pulava nos riachinhos  
 Tirava os malmequeres,  
 O' mamãe, picava em pedacinhos.  
 Eu tenho mamãe, eu tenho,  
 Um vestido de setim,  
 Que os estudantes me deram  
 O' mamãe, no passeio do jardim.  
 Eu tenho mamãe, eu tenho,  
 Saudades de Maceió ;  
 No tempo em que eu era pobre,  
 O' mamãe, eu não andava só.  
 Eu tenho mamãe, eu tenho  
 Um vestido de fló,  
 Que os caixeiros me deram,  
 O' mamãe, quando eu andava só.

MANOEL PEQUENINO

Manoel pequenino  
 Anda rente com o chão,  
 Si quizer qu'elle cresça  
 E' puchar-lhe o cordão.  
 Manoel pequenino,  
 Manoel grandalhão,

Si quizer qu'elle mingue  
 E' puohar-lhe o cordão.  
 O' mané bestalhão,  
 Ora dá-lhe gaião,  
 Puche pelo cordão,  
 Que elle fica grandão.  
 Mané gostoso,  
 Perna de páo ;  
 Elle salta da cama  
 E cahe no giráo.

\* \* \*

Não ouço dar meia noite  
 Nem ouço o gallo cantar ;  
 Só peço a Deus que me bote  
 Aonde meu bem está.

Não ouço a voz de meu anjo  
 Nem sei aonde elle está  
 Não-quero ser rei da terra  
 Porque não sei governar.

Fazem tres dias que erro  
 Chorando a beira mar ;  
 A's aguas do mar sagrado  
 E' a quem me vou queixar.

Vejo uma barca vogando  
 Nas ondas verdes do mar ;  
 Sinto uma dôr em meu peito,  
 Só Deus me pôde curar.

#### ARIPUÁ (1)

Agora sim, camarada,  
 Como lhe quero contá,  
 Quemei a minha camisa  
 Tirando um aripuá.

---

(1) Cortiço de abelhas *aripuás*, que fabricam excellente mel.  
 8593 — 30

Aripuá fui tirá  
P'ra cumê, remi a vida,  
Cuma fiquei sastifeito  
Quemei a minha camisa.

Eu vi outro aripuá,  
Detreminei-me a tirá,  
Saquee a camisa fóra  
Prumode não se quemá.

Assubi de páo arriba  
Cum facho acceso na mão,  
Sem me lembrá da camisa  
Que lá ficava no chão.

Butei o facho na bocca,  
Dipressa puz-me assoprando,  
Vendo então qui a camisa  
Istava toda se quemando.

Eu dêssô de páo abaxo,  
Do meio sartei no chão,  
Não achei nem uma taquinho  
Que se cubrisse um botão.

Mi bóto pru li afóra,  
Cum vregonha de chegá  
Nú da cintura p'ra riba,  
Sem tê cum que m'imbruíá.

Quando eu fui chegando in casa  
O meu amô me avistou,  
E me vendo sem camisa  
Pru ella mi preguntou.

Eu ahi lhe arrespondi  
Todo passado de dô:  
—Cale sua bocca, senhora,  
Que a camisa se quemô.

Ella ahi me arrespondeu  
 Cum raiva no coração:  
 —Pois você hade andá nũ  
 Até havé argulão.

«Cale sua bocca, sãnhora,  
 Dexe de tanto falá ;  
 Se a camisa se quemou  
 Algum geito Deus dará.

—Você pru si fiá nisto  
 Dexou ella se queimá ;  
 Daqui té fiá outra  
 O frio de ha de matá.

Butoi-me pru afóra  
 Cunh'a tisoura na mão,  
 Cortando carção de borço  
 Vestido de cinturão.

## FRAGMENTOS DE DESCANTES DIVERSOS

A estrada de ferro  
 Foi feita com muito risco,  
 Para embarcar os rapazes  
 Do Recife ao São Francisco.

Bá, bé, bi, bó, bú,  
 Quem quizer venha aprender,  
 Que se ensina facilmente  
 Sem as lettras conhecer.

Sou chapéo de aba larga,  
 Que se chama barração,  
 Sua sala de arame  
 Para formar o balão. (1)

---

(1) Esta canção appareceu ao tempo da construcção da nossa primeira estrada de ferro, a do Recife ao S. Francisco, em 1857.

\* \* \*

Meu papae eu quero seda,  
 Quero um chale de *loquim*,  
 Quero um anel de brilhante,  
 Quero um leque de marfim.

Meu papae eu quero seda,  
 Vá na loja do Sequeira ;  
 Si elle não quizer fiar,  
 Vá na loja do Malveira.

Lá se vae o pobre velho  
 Pela rua do Queimado,  
 Entrando de loja em loja,  
 Tomando tudo fiado.

\* \* \*

Vem camponeza ao meu seio,  
 A fronte fria pousar,  
 Venhas, não tenhas recio,  
 Que alguém te possa mirar.  
 Ah vem, que eu remo a falúa,  
 Desponta nos céos a lua.

\* \* \*

— Minha mãe quero me casar...  
 « Minha filha dirás com quem.  
 — Com o filho do sapateiro...  
 « Minha filha não casar bem.  
 O sapateiro corta couros,  
 E tu cortarás também.

---

quando tiverem começo as obras da primeira secção até ao Cabo, cuja inauguração teve lugar em 9 de fevereiro de 1858.

Desta canção, que aliás teve muita voga no seu tempo pela novidade do assumpto, não nos foi possível recolher-a por completo.

Roxa saudade,  
 Mimosa flor,  
 Tú és o emblema  
 Do nosso amor.

Carapeba já morreu,  
 Na Conceição se enterrou ;  
 Na cova do Carapeba,  
 Nasceu um pé de fulô (1).

Chá forte, meu bem, chá forte,  
 Chá forte do coração,  
 Quem não gosta de chá forte  
 Não gosta de nada, não.

Adeus seu João Pereira,  
 Sua casaca não tem beira,  
 Você mora na ribeira,  
 Debaixo da mangabeira.

---

(1) Estes versos faziam parte de uma canção, de musica muito terna, composta por occasião da morte do major José Vaz de Pinho Carapeba, em 1833, victima de graves ferimentos recbi los na guerra dos Cabanos.

Carapeba teve sepultura na igreja da Conceição dos Militares, no Recife.

No Ceará encontra-se esta quadra, sem duvida inspirada pelos versos do Carapeba :

Mariquinha morreu hontem,  
 Hontem mesmo se enterrou :  
 Na cova de Mariquinha  
 Nasceu um pé de fulô.

\* \* \*

Tirolites, que bates, que bates,  
 Tirolites que já bateu ;  
 Quem gosta de mim é ella,  
 Quem gosta della sou eu.

\* \* \*

Eu vi uma baratinha  
 No cangote de Yoyô ;  
 Assim que ella me viu.  
 Bateu azas e voou <sup>(1)</sup>.

\* \* \*

Zabellinha come pão,  
 Que daremos ao villão ?  
 Ceroulinhas de Algodão  
 Para o padre sachristão <sup>(2)</sup>.

## VARIANTE

Zabellinha come pão,  
 Que nos deu este villão,  
 Cachamorras e bordão  
 Para o padre sachristão.

---

(1) Esta quadrinha é cantada na musica da décima recreação (*Galop favori*) do Methodo de piano, de Carpentier.

(2) Esta quadra fazia parte de uma popularissima cantiga de fins do seculo XVIII, como menciona Lopes Gama, entre outras, em um *Dialogo* publicado no n. 13 do seu periodico *O Carapuceiro*, do anno de 1838, no qual, um dos interlocutores, que viveu naquelles tempos, comparando os usos e costumes de uma época com outra, refere-se particularmente ás modinhas, dizendo :

« Assim são as cantigas. Que graça tem as de agora ! Eu nem as posso ouvir. Onde é, que hoje hão de apparecer modinhas, como — *A minha Nisc adorala ? — Zabellinha come pão, que daremos ao villão ; — Olhem Cupido, como está virado ? — Está de amores novos, está descampinado ; — e outras muitas, que já me não lembram. Isto sim, é que eram chulas bonitas ; que as de agora não s'í para que prestam. »*

Zabellinha, Zabellinha,  
Zabellinha, Zabellão,  
Come pão, come bolacha  
Come tudo que lhe dão.

\* \* \*

Menina venha commigo  
Divertir e passeiar,  
E assim que bater cinco horas  
Iremos p'ra o Giquiá.

Menina venha commigo  
Passeiar e divertir,  
Que quando dér cinco horas  
Devemos sahir daqui.

\* \* \*

Suspiros que vais e vens  
Dá-me novas de meu bem,  
Se elle é morto, si é vivo,  
Se está em braços de alguem.

## VARIANTE

Suspiros que vaes e vens  
Traz-me novas de meu bem,  
Se está vivo, se está morto,  
Se nos braços de alguem.

\* \* \*

Sinhá Miquelina com você  
Não quero graça ;  
Por seu respeito meu marido  
Assentou praça.

\* \* \*

Se esta rua fosse minha  
Eu mandava ladrilhar,  
Cóm pedrinhas de brilhante  
Para meu bem passeiar.

\* \* \*

No livro dos infelizes  
O meu nome escripto achei ;  
Como nasci sem ventura,  
Sem ventura acabarei. (1)

\* \* \*

Maria Cachucha  
Quem é teu pimpão ?  
É um moço bonito  
Chamado Janjão.

\* \* \*

Menina saia da janella  
Que a janella não é sua ;  
— *O xente*, senhor tenente  
Deixe a gente vêr a rua.

Monina saia da janella  
Vá p'ra dentro da cosinha;  
— *O xente*, senhor tenente  
Deixe a gente vêr a visinha.

\* \* \*

Minha gente venha vêr  
Cousa de fazer horror ;  
A navalha deu um talho  
Na mão do amolador.

\* \* \*

• Eu vi uma barata  
Na janella namorando,  
Baratas, sapos e gias  
Pelas ruas passeiando.

---

(1) Esta quadra é de uma antiga modinha, muito em voga e apreciada no seu tempo, e foiglosada, em oitavas, pelo padre Virgínio Rodrigue: Campell, de improviso, em uma reunião, em que se tratou dessa modinha. O padre Virgínio nasceu em 1770 e falleceu em 1833.

\* \* \*

Fui velho, tive bom gosto,  
Morro quando Deus quizer,  
A maior pena que eu levo  
— Cavallo bom e mulher.  
Por cavallo fui perdido,  
Por mulher fui divertido.

\* \* \*

Nesta terra do interesse,  
Neste mundo enganador,  
Não ha homem que não seja  
Mais ou menos pescador.

Sacode a rêde  
Que peixo tem,  
Tem paciencia  
Que o peixo vem ;  
Atira o laço,  
Péga teu bom.

\* \* \*

Como é guloso  
Até no beijar ;  
Que beijo gostoso  
Ella sabe dar.  
Viva a folia,  
Viva a funcção,  
Viva a rapaziada  
Da bella união.

\* \* \*

Sapo cururú  
Da beira do rio,  
Quando o sapo canta  
Cururú tem frio.  
Eu mandei chamar o padre  
Cabacinha de timbú,  
Eu pensava que era o padre,  
Era o sapo cururú.

\* \* \*

Eu não sou *Cabana*  
Lá do Pará,  
Sou menina boa  
Gente Sinhá.

Além me chamam,  
Eu não vou lá,  
Não vou lá não.  
Passe p'ra cá,  
Passe p'r'aqui  
Passe pr' lá.

---

## Pastoris

### LOA DO ANJO ANNUNCIANDO ÁS PASTORAS O NASCIMENTO DO MESSIAS

GLORIA IN EXCELSIS DEO!

Pastoras, bellas pastoras,  
Que na relva estaes deitadas  
Descansas, e não sabeis,  
Que a luz do céo é chegada?

Estaes unida a Morpheo  
No goso da natureza?  
Accordae, si estaes dormindo  
Vinde vêr nossa grandeza.

O desejado das gentes  
O Messias promettido,  
A nossos paes, tantos seculos,  
Pois sabeis, que elle é nascido.

Em uma pobre cabana,  
Mettido em palhinhas louras,  
Vós o achareis reclinado  
Sobre humilde mangedoura.

Hoje, pela meia-noite,  
Veiu ser Deus humanado,  
Descendo dos céos á terra  
Para remir o peccado.

Vem tambem remir o mundo  
Essa immensa região,  
E o inferno elle aterrando  
Trará nossa salvação.

## JORNADAS

Todo o céo e terra  
Vos cantam louvor,  
O' Menino Deus,  
Nosso redemptor.

Desses céos descei,  
Descei Creator ;  
De remir o mundo  
E' tempo, Senhor.

Ha tantos mil annos  
Geme o peccador ;  
De o livrar da culpa  
E' tempo, Senhor.

Vinde, Deus clemente,  
Vinde, Deus de amor ;  
De habitar connosco  
E' tempo, Senhor.

Desterrae a culpa,  
Pio redemptor,  
De trazer a graça  
E' tempo, Senhor.

De Deus das vinganças  
 Sêle Deus de amor ;  
 De amardes ao homem  
 E' tempo, Senhor. (1)

\*\*\*

- Sou captiva de Jesus  
 E seu amor me prendeu,  
 Eu presa, captiva, digo,  
 — Quem ama a Jesus, sou eu.

Uma abane o fogareiro,  
 Outra lave a tijellinha,  
 Outra vá bater os ovos,  
 Enquanto eu cesso a farinha.

Senhora, a papa está feita,  
 Vê se ella é muito ou pouca,  
 E si o menino não gostar,  
 Botae-lhe o peito na bocca.

O menino é mui galante,  
 Sabe fazer folguedinhos,  
 Tira a bocca do seu peito  
 Para chupar seu dedinho.

Enquanto o menino dorme  
 E o boi junta as palhinhas,  
 Eu vou já depressa ao rio  
 Lavar suas camisinhas.

Já estão todas lavadas  
 E tão claras como a luz,  
 Que Deus lave as nossas almas,  
 Para sempre amen, Jesus.

---

(1) Estes versos são de autor conhecido, o nosso poeta Luiz Francisco de Carvalho Couto, fallecido em 1808.

\* \* \*

Da sua formosura  
Eu já vou dizer,  
Algumas cousinhas  
Do meu entender

Os seus cabellinhos  
São felpas de ouro,  
Que bem mostram ser  
De um rico thesouro.

A clara testinha  
No seu natural,  
De um canto a outro  
Toda por igual.

Os bellos olhinhos,  
Tão vivos e azues,  
Bem mostram que são  
Do menino Jesus.

O seu narizinho  
Mui bem afflado,  
Da ponta vermelha  
Todo encarnado.

A linda boquinha  
Quando está sorrindo,  
Parece uma rosa  
Quando vem abrindo.

Barroca na barba  
E nas bochechinhas,  
Que ao riso se abrem  
Tão engraçadinhas.

Todo seu corpinho  
E' uma maravilha,  
Brilha mais que o sol,  
Mais que o sol brilha.

Ai, quem me déra  
 Este lindo infante,  
 Que no seu amor  
 Será bem constante.

\* \* \*

Da sepa nasceu a rama,  
 Da rama nasceu a flor,  
 E da flor nasceu Maria  
 Mãe do nosso Redemptor. (1)

Batendo de porta em porta,  
 Agasalho sem achar,  
 Ao pé de uma mangedoura  
 Lá se foi agasalar.

Em dezembro a vinte e quatro  
 A' meia-noite deu signal,  
 Rompe a aurora, primavera,  
 Nesta noite de Natal.

Meu amado rubicundo,  
 Sem seu cabelo dourado,  
 Quem me déra estar com elle  
 Nesse seu throno sagrado.

Dizei-me o que significa  
 Uma bandeirinha na cruz,  
 Com tres letrinhas dizendo:  
 I—H—S—Jesus.

---

(1) **Esses** versos como que trazem uma reminiscencia dos seguintes, do poeta quincentista Gil Vicente, no seu *Auto da Sybilla Cassandra* :

Em Belém, villa de amor,  
 Da rosa nasceu a flor ;  
 Virgem sagrada.  
 .....  
 Da rosa nasceu a flor  
 Para nosso Salvador ;  
 Virgem s grada.

\* \* \*

Vem já o verbo divino  
O nosso prantó enxugar !  
Vem o mundo resgatar  
Do infernal dragão ferino.

Mais uma hora  
Inda esperemos,  
Nós o veremos  
Na nova aurora.

Ah ! quanto, quanto nos ama  
Nosso Menino Jesus !  
Que, apesar de dura cruz  
Nosso resgate proclama.

O' mysterio o mais profundo  
Que até mesmo os céos espanta !  
Como alcançou gloria tanta  
Este miseravel mundo ?

\* \* \*

Vamos, vamos companheiras,  
Vamos todos a Belém  
Procurar entre os presepios  
A Jesus, o nosso Bem.

Na descendencia de Adão  
Jámais pôde haver alguém,  
Que não deva pertencer  
A Jesus, o nosso Bem.

Pastores velhos e moços,  
Os pegureiros tambem  
Venham seus dons offertar  
A Jesus, o nosso Bem.

Converta-se sem demora  
A brava Jerusalém,  
Seu coração sacrifique  
A Jesus, o nosso Bem.

Tudo quanto as prophecias  
A nosso favor contém,  
Só o podemos dever  
A Jesus, o nosso bem.

Lá, na patria de David,  
Sem passarmos mais além,  
Disse o anjo que acharemos  
A Jesus, o nosso bem.

Hoje as benções de Jacob  
Sobre todo o mundo vem,  
Todas ellas figuravam  
A Jesus, o nosso bem.

\* \* \*

Este caminho vae ter  
De Belém a grã cidade,  
No presepio vamos ver  
Quem occupa a immensidade.

Só poderia  
Divino amor,  
Tanto favor  
Nos conceder.

Grande Deus, como quizeste  
Em um presepio nascer ?  
Quando até o mesmo céu  
Vos pode apenas conter ?

Vom nas trevas do presepio,  
Qual aurora, apparecer,  
Para resgatar o mundo,  
Para o mundo esclarecer !

Vamos ver a Dous-menino  
Bem antes do amanhecer,  
Pois que o céo a nós primeiro  
Prometteu este prazer.

\* \* \*

Não haja vagar,  
Corramos depressa,  
Que a aurora começa  
Nos céos assomar

O favonio brando,  
Sobre nós ligeiro,  
Das flores o cheiro  
Está exhalando.

To la a Natureza  
Sorri de alegria,  
Contemplando um dia  
De tanta belleza.

Quem pr stou o sèr  
Ao orbe rotundo  
Do céo sobre o mundo  
Quiz hoje descer.

E para mostrar  
Seu amor por nós  
De Alão crime atroz  
Elle ven apagar.

Alviçaras de nos  
Ao nosso destino  
Já do Dous-menino  
O presejio vemos.

\* \* \*

Publicando vamos  
Por toda a Ju á  
Que o nosso Messias  
Já nascido está.

Adeus ó Jesus,  
A nossa alegria !  
Adeus, ó José,  
Adeus, ó Maria !

Si ainda por desgraça  
O duvida alguém,  
Veja-o no presepio  
Junto de Belém.

Exultae contentes  
Povos de Sião,  
Nasceu o Messias,  
Nossa redempção.

Já se completaram  
Santas prophecias,  
Todo o mundo exulta  
Nasceu o Messias.

Nasceu pobramento,  
Num presepio immundo,  
Porque o seu reino  
Não é deste mundo.

Que é o Messias  
O céo confirmou ;  
Um côro de anjos  
Sou natal cantou.

Para ver Jesus  
Todo o Israel  
A' Belém cidade  
Corra em tropel.

\* \* \*

Exultae tristes humanos,  
Já passaram crueis dias !  
Sobre nós os céos derranem  
Catadupas de alegrias.

## ESTREBILHO

Viva a graça que dá forças  
Contra as infernaes harpias !  
Viva a sã Religião  
Que nos ensina o Messias !

Os anjos na terra exaltam  
Os milagres de harmonias,  
Que baniram da noss'alma  
As acerbos agonias.

Corre a noite rocamada  
De estrellas mui luzidias,  
Esperando a nova aurora  
Rompendo das nuvens frias.

Doces favonios, amenos,  
Pelas campinas macias,  
Vertem perfumes de flores  
Mais cheirosas, que ambrosias.

Vamos preparar pastoras,  
As campestros iguarias,  
Para quem nos ha tirado  
As nossas magoas impias.

## QUADRAS SOLTAS DE JORNALIS INCOMPLETAS

Correi pastorinhas  
Vamos a Belém,  
A' ver se é nascido  
Jesus nosso bem.

Aqui por estos montes  
Não vejo a ninguem,  
Só vejo a Jesus  
Nascido em Belém.

\* \* \*

Dizei-nos como vos chamaes  
 Meu doce e lindo Menino ;  
 — Eu me chamo Emmanuel,  
 Jesus, cordeiro divino.

Jesus! quo nomo tão doce!  
 Tão doce que se admira!  
 Esse doce é dom do céu,  
 Que o da terra, esse é mentira.

\* \* \*

Meu Menino, meu Jesus,  
 Boca de cravo encarnado,  
 Quem me beija fica logo  
 Qual anjo purificado.

\* \* \*

Já deu meia noite,  
 E o gallo cantou  
 Tão bello menino  
 Na lapa brilhou.

Noite feliz,  
 Noite ditosa,  
 Noite p'ra nós  
 Mui venturosa.

\* \* \*

O gallo já canta,  
 A ovelha já berra,  
 O boi ajoelha-se  
 E prostra-se em terra.

Rufem-se os pandeiros,  
 Maracás também,  
 Vamos vêr Jesus  
 Nascido em Belém.

\* \* \*

Meu Menino Deus,  
Meu doce, meu bem,  
Nós todos já vamos  
Já para Belém.

\* \* \*

Meu lindo Menino  
Da Circumcisão.  
Eu desejo dar-vos  
O meu coração.

\* \* \*

Oh ! que noite tão alegre,  
Outra igual não pôde haver,  
Porque nella o Deus do céo  
Quiz na terra hoje nascer.

\* \* \*

Esta noite era bom tarde  
E adormecida estava eu,  
Quando ouvi cantar o gallo  
Dizendo — Christo nasceu.

\* \* \*

Dai licença boa gente  
Habitante de Belém,  
Que aqui vos vem visitar  
Outros pastores também.

As pastoras que aqui estão  
São pastoras de Belém,  
De Nazareth, Gericó,  
Outras de Jerusalém.

\* \* \*

Já nasceu o sol  
Para o claro dia,  
E essa luz divina  
Que é de to los guia.

Nasceu no presepio  
Dos céos o Senhor,  
Este bello infante  
Para nosso amor.

\* \* \*

Meu divino infante,  
Nascido em Bolém,  
Sêde meu amparo  
E todo o meu bem.

Bemdito sejaes  
O' Menino Deus,  
Que por nós á terra  
Desceste dos céos.

\* \* \*

Vamos aos montes  
Pastoras bellas,  
Colher as flores,  
E tecer capellas.

\* \* \*

Ólhe que abraço  
O Jesus me dá ;  
Si Jesus é outro  
Igual não ha.

\* \* \*

O sol e a lua  
Com seu resplendor,  
Alumia o throno  
Daquelle senhor.

#### FRAGMENTOS DA JORNADA DAS CIGANAS

Somos ciganas do Egypto  
Que viemos a Belém,  
Adorar a um Dous Menino  
Nascido p'ra nosso bem.

## BUENADICHA DAS CIGANAS

Atenção, peço, Senhores,  
Para esta breve leitura,  
E uma atenção piedosa  
A toda o qualquer creatura.

Deste menino formoso  
Vindo de origem divina,  
Em suas mãos pequeninas  
Eu vou lêr a sua sina.

Dai-me licença, Senhora,  
Guiai o meu pensamento,  
Para dizer o que sinto  
Para falar com accento.

Ó eterno rei desses céos,  
Que dando ao mundo alegria,  
Por prodigios só nasceu  
Da Santa Virgem Maria.

Redemptor da humanidade  
Nascido p'ra nossa guia,  
Mudou o céu em presepe  
Transformou a noite em dia.

Se a boa dita e a nossa,  
Quereis meu bem, que vos diga,  
E' a mesma que bem sabeis,  
Mas permittai que prosiga.

Dai-me soberano infante  
Dai-me esta linda mãozinha,  
E voreis que uma cigana  
A vossa sina advinha.

Primeiramente a meus olhos  
Vejo com summa alegria,  
Que sois com um grande extremo  
Querido de uma Maria.

E prevenida ella um dia  
Pelo supremo Juiz,  
Fugirá cedo comvoso  
P'ra o mais remoto paiz.

E decorridos doze annos  
De tão doce companhia,  
Terá milhares de penas  
Sem lhe escapar um só dia.

Emquanto andardes no mundo  
Sereis sempre perseguido,  
Mas, pelos prodigios divinos,  
Jamais vós sereis vencido.

Um amigo que no rosto  
Certo dia vos beijar,  
A's mãos crueis da justiça,  
Elle vos ha de entregar,

Outro vos ha de negar,  
Em perguntas á porfia,  
Respondendo que não sabe  
Quem sois vós, minha alegria.

Não tereis vida mui larga,  
Pois com as mãos estendidas  
A tirarão numa cruz  
Uns ingratos homicidas.

E depois de redimirdes  
A humanidade querida,  
Vencereis a propria morte,  
Lograreis a eterna vida.

Se porque digo a verdade  
Mereço eu uma esmolinha,  
Dai-me só a vossa graça  
E a todos desta lapinha.

## OFFERTAS DAS PASTORAS

Minha pobreza tal é  
Que uma offerta não achei !  
Na aldeia não encontrei  
Cousa que fizesse fú ;  
Eu offereço a São José  
Estes dous innocentinhos,  
São precisos, coitadinhos,  
No dia d'Apresentação,  
Aceitai meu coração,  
Aceitai : são dois pombinhos.

Tenho vergonha de dar  
Ao meu Deus tão vil offerta,  
Assim, vacillante, incerta,  
Eu não sei o que hei de dar ;  
O' Maria singular,  
Ouvi terna as preces minhas !  
Recebei estas coisinhas  
Qu'eu trouxe : valor não tem ;  
São ovos, e servem bem  
Para temperar as papinhas.

Quem é pobre não tem brio :  
Uma coifinha vos trago  
Para livrar-vos do estrago  
Que pôde causar o frio :  
Eu fui quem teceu o fio  
Desta obrinha singular ;

Muito me fez dormir  
Pois trabalhei de continuo,  
Espero pois, meu menino,  
Que logo me haveis casar.

Meu menino, sei que vós  
De ofertas não precisaes,  
E que se pobre aqui estaes  
E' exemplo para nós ;  
Do mundo as sedas, os lós,  
Não são a riqueza nossa :  
Vos trago da minha choça  
De pennas um travessoiro ;  
Por esse dom vos requeiro  
Me façais esposa vossa.

Estes jasmims mui cheirosos  
Vos trago, Santa Senhora,  
Para desta mangedoura  
Tirar cheiros desgostozos :  
Vós humanos que vaidosos  
Em ricos leito nasceis,  
Aqui aprender deveis  
Lições que só um Deus sabe !  
Neste presepio elle cabe,  
Vós em salões não cabeis.

Senhora, muito vos elamo  
Que cuideis deste menino :  
E' o Salvador Divino  
A quem eu venero e amo !  
D'uma parreira n'um ramo  
Uvas colhi, e fiz vinho ;  
Elle é um poucochinho,  
Dizem que faz muito leite,  
Minha mãe de Deus aceito,  
Aceite-me este frasquinho,

Do Maria esposo caro  
 José, filho de David,  
 Não se operava sem ti  
 O grande mysterio raro!  
 A teu Deus serve de amparo,  
 Sê da sua infancia abrigo,  
 E elle correrá perigo  
 Se daqui tu te ausentares;  
 Toma lá para passares  
 Esta farinha de trigo.

Deus, ó Deus da humanidade,  
 Redemptor, pae e amigo!  
 Eu hoje nasci contigo,  
 Por tua immensa piodade;  
 Neste meu peito a maldade  
 Por tua graça morreu,  
 E esse triumpho foi teu:  
 Queres de mim oblações?  
 Tu só queres coraçãoes!  
 Eis aqui, Senhor, o meu.

Meu Deus! eu vos reconheço  
 Polo Salvador da terra!  
 Desta fé que tudo encerra  
 Seja o céo sómente o preço;  
 De riquezas não caroco  
 Nem me abala o vil dinheiro!  
 Hontem deu-me um pegureiro  
 Esta fitinha galante;  
 Eil-a aqui, mou caro infante,  
 Servir-vos-ha de cinteiro.

Deus supremo, que quizeste  
 Nosso peccado apagar,  
 Quem póde recompensar  
 O bom que ao mundo fizeste?  
 Nascer entre nós vieste  
 Neste presepio sósinho!

Em meu albergue mesquinho  
Não tenho cousa que valha ;  
Ah ! recebo esta toalha  
Para enxugar teu corpinho.

O' quanto é bom  
O infante lindo  
Que aceita rindo  
Pequeno dom.

Tenho este cordeirinho  
Sempre bello e aseado.  
E por ser muito mansinho,  
Da lã que ollo me deu  
Teci este cueirinho  
Para vir hoje offertar  
Ao Menino que nasceu.

A romã é de alto preço,  
Pois das fructas é a rainha,  
E a vós rei, o vida minha  
Esta romã vos off'reço ;  
Viver comvosco apeteço,  
E essa graça me haveis dar  
Pois neste mundo enganoso  
Espero em vós, meu esposo,  
No céo me haveis c'roar.

Trago ovos e farinha  
Para manjar se fazer,  
Para ver se quer comer  
Alguns dedos de papinha ;  
Creio que a santa boquinha  
Nada mais receberá  
Sonão leite virginal  
De sua mãe, virgem pura ;  
E' um celeste manjar,  
Uma fonte de doçura.

Eu, como sou a mais pobre  
E nada possuo de bom,  
Vos offerto estos ovinhos,  
Cada qual dá o que tem.  
Meu Menino vim de longe  
Movida de vosso amor,  
E não tive pr'a trazer-vos  
Senão esta pobre flor.

## OS REIS MAGOS

Em rico berço nascido  
Archeláo é desprezado,  
Mas Jesus no vil presepio  
Pelos reis é procurado.

Os tres magos do Oriente  
Tambem o vêm adorar,  
Tres magestades na terra,  
Gaspar, Belchior, Balthazar.

Convidados pelos anjos  
Se puzeram a caminho,  
Para verem e adorar  
A Jesus feito menino.

Os tres magos do Oriente  
A Belém já vêm chegando,  
Caminharam treze dias  
Em caminho de um anno.

Já lá vem os tres reis magos  
Tolcs tres em companhia,  
Trazem por seu capitão  
Alta estrella, noite e dia.

No meio vêm Belchior,  
Traz á direita Gaspar,  
E na esquerda o negrinho  
Santo rei dom Balthazar.

\* \* \*

Ditosos os reis,  
Que vem do Oriente  
A ver outro rei  
Mais omnipotente.

Illuminae Jerusalém  
Os teus palacios pomposos,  
Que o Senhor recebe hoje  
Os tres reis mysteriosos.

Os tres reis do Oriente  
Pressurosos vêm trazer  
Ouro fino, incenso e myrrha  
Para ao infante offercer.

Ouro lhe dão como rei,  
E como tributo real ;  
O incenso como Deus,  
E a myrrha como mortal.

Do Oriente estão os reis  
Prostrados a a lorar,  
Do supremo omnipotente  
O mysterio singular.

Offertam ouro a Jesus  
Como a rei celestial,  
Incenso como a divino,  
E myrrha como a mortal.

•

## OS REIS E AS PASTORAS

— Convidados pelos anjos  
Nos puzemos a caminho,  
Só ao fim de encontrar  
A um Deus feito menino.

Senhoras, mui boas festas,  
Felizes annos tambem,  
Que viemos festejar  
O Menino de Belém.

« Deus vos conceda as mesmas  
Com ventura e alegria,  
Pois vieste festejar  
Hoje o filho de Maria.

## OFFERTA DO REI BRANCO

Supremo rei dos judeus  
Eu vos offerto este inconsto,  
Porque em vós, penso,  
Além de um rei, ver um Deus ;

Guiados por uma estrella  
Nos puzemos a caminho  
Só afim de encontrar  
A Jesus feito menino.

## OFFERTA DO REI NEGRO

Senhor ! O ouro fino metal  
Neste cofre vos off'reço,  
E por esse dom reconheço  
Em vós pessoa real ;

Sou rei, o do rei como tal  
 Eu vos trago esta oblação,  
 Junta com o meu coração  
 Lá da plaga oriental. (1)

### JORNADA DE MARCHA PARA A QUEIMA DAS PALHINHAS

Vamos companheiras, vamos,  
 Vamos todas a Belém,  
 Para queimar as palhinhas  
 Onde nasceu nosso bem.

#### QUEIMA DA LAPINHA

A nossa lapinha  
 Já vai se queimar,  
 E nós, pastorinhas,  
 Devemos chorar.

Queimemos, queimemos,  
 A nossa lapinha,  
 De cravos, de rosas,  
 De bellas florinhas.

Queimemos, queimemos,  
 Gentes pastorinhas,  
 As seccas palhinhas  
 Da nossa lapinha.

A nossa lapinha  
 Já está se queimando  
 E o nosso brinquedo  
 Está se acabando.

---

(1) Falta a oferta do rei caboclo, que não pudemos conseguir.  
 8593 — 32

As nossas palhinhas  
Já estão se queimando  
E nós pastorinhas  
Nos vamos chorando.

A nossa lapinha  
Já se queimou,  
E o nosso brinquedo  
Já se acabou.

## AS DESPEDIÇAS

Adeus pastorinhas,  
Adeus, que eu me vou,  
Até para o anno  
Si eu viva for.

Adeus, adeus,  
Que eu me vou,  
Até para o anno  
Si eu viva for. (1)

---

(1) Assim cantam as pastoras, despedindo-se do Menino, de Maria e de José; da mestra, contra-mestra, libertina e dos velhos, enfim, de todos os personagens do presepio, findo o que termina o cantico, e dest'arte, o proprio brinquedo.

## Parlendas e Brinquedos Infantis

Bão ba la lão  
Senhor capitão,  
Em terra de mouro  
Morreu seu irmão,  
Cozido e assado  
No seu caldeirão,  
E foi enterrado  
Na Cruz do Patrão.  
Capote vermelho,  
Chapéu de galão,  
Negro captivo  
Não tem presumpção,  
De dia e de noite  
C'os cacos na mão.

Serra, serra, serrador,  
Serra madeira  
De teu senhor,  
Tu com a serra,  
Eu com a linha,  
Ganhamos dinheiro  
Como farinha ;  
Tu com a linha,  
Eu com a serra,  
Ganhamos dinheiro  
Assim como terra.  
Serra, Nicolão,  
Que ahi vem o mingão ;

Serra, Martinho,  
 Que ahi vem o vinho ;  
 Serra, Geraldo,  
 Que ahi vem o caldo ;  
 Serra, João,  
 Que ahi vem o pão ;  
 Serra, Teixeira,  
 Que ahi vem a frigideira.  
 Serremos, serremos,  
 Que depois jantaremos.

Pelo signal  
 Do bico real,  
 Comi toucinho  
 Não me fez mal,  
 Se mais me dera  
 Mais eu comera.  
 Adeus seu padro  
 Até um dia.

Canivetinho  
 De pintainho,  
 Que anda pela barra  
 De vinte e cinco,  
 Mingorra, mingorra,  
 Que fique forra.  
 Sola, sapito  
 Rei, rainha,  
 Onde quereis  
 Que vá dormir?  
 Debaixo da cama  
 De mãe Maria.

VARIANTE LOCAL RECOLHIDA POR SYLVIO ROMERO

Canivetinho  
 De pintainho  
 Que anda na barra  
 De vinte e cinco.

De cacho de fulô,  
De bão, bão, bão,  
De bão, bô, bô,  
Levanta-te mono  
Que tu és forro.

Dedo mindinho  
Seu visinho,  
Maior de todos,  
Fura bolos,  
Cata piolhos.  
Este diz que quer comer,  
Este diz não tem o que,  
Este diz que vá furtar,  
Este diz que não vá lá,  
Este diz que Deus dará. (1)

Dinglin, dingue,  
Maria Pires  
Dinglin, dingue,  
Que estaes fazendo?

(1) A parlenda do jogo dos dedos, como refere Theophilo Braga, é commum a toda a Europa.

D. Francisco Manoel de Mello (meiados do seculo XVII) refere-se a esta parlenda, e as im enumera os de los:—meminho, seu visinho, maior de todos, fura-bolos e mata-piolhos.

Em Portugal, entre outras parlendas, nota-se esta, que mais se approxima da nossa versão :

Dedo mindinho,  
Seu visinho,  
Pae de todos,  
Fura-bolos,  
Mata-piolhos.  
Dedo mindinho quer pão,  
O vizinho que não ;  
O pae diz que dará  
Este que furtará  
Este diz: alto lá.

Dinglin, dingue,  
 Faço papa ;  
 Dinglin, dingue,  
 Para quem ?  
 Dinglin, dingue,  
 Para João Manco.  
 Dinglin, dingue,  
 Quem o mancou ?  
 Foi a pedra.

Cadê a pedra ?  
 Está no matto.  
 Cadê o matto ?  
 O fogo queimou.  
 Cadê o fogo ?  
 A agua apagou.  
 Cadê a agua ?  
 O boi bebeu.  
 Cadê o boi ?  
 Foi buscar milho ?  
 Para quem ?  
 Para a gallinha.  
 Cadê a gallinha ?  
 Está pondo.  
 Cadê o ovo ?  
 O padre bebeu.  
 Cadê o padre ?  
 Foi dizer missa.  
 Cadê a missa ?  
 Já se acabou.

\* \* \*

Senhora Dona Sancha  
 Coberta de ouro e prata,  
 Descubra lá meu rosto  
 Que lhe quero ver a lata  
 Que anjos são estes  
 Que andam guerreando,  
 De dia e de noite

Com seu Padre Nosso  
E sua Ave-Maria ?  
Sou neta de um rei  
E filha de um conde  
Que manda se escondam  
Debaixo da pedra  
Do anjo São Miguel.

Amanhã é domingo,  
Pé de cachimbo ;  
Gallo monteiro  
Pisou na areia ;  
A areia é fina  
Que dá no sino ;  
O sino é de ouro  
Que dá no bezouro ;  
O bezouro é de prata  
Que dá na matta ;  
A matta é valente  
Que dá no tenente ;  
O tenente é mofino  
Que dá no menino ;  
O menino é valente,  
Que dá em toda gente. (1)

. . .

Meio dia !  
Panella no fogo,  
Barriga vasia ;  
Macaco torrado  
Que vem da Bahia  
P'ra dar uma tapa  
Em dona Maria.

Una, duna,  
Tena, catena,

---

(1) Esta parlenda, segundo Sylvio Romero, é também conhecida em Sergipe e no Rio de Janeiro.

Bico de penna,  
 São Pedro, São Paulo,  
 São nove, são dez.

\* \* \*

Trinta dias tem Setembro,  
 Abril, Junho e Novembro,  
 Fevereiro vinte e oito tem,  
 Se for bisexto mais um lhe tem,  
 E os mais que sete são  
 Trinta e um todos terão. (1)

\* \* \*

Diogo corta pão,  
 Maria faz mingão  
 P'ra comer com bacalhão.

#### O CALUNGA

Quero fazer uma casa,  
 O' calunga.  
 Casa de quatro janellas,  
 O' calunga.  
 Duas de frentes ao mar,  
 O' calunga.  
 Duas de frente á terra,  
 O' calunga.

---

(1) Pa lenda portugueza, quanto aos numeros ;

Una, duna,  
 Tena, catena,  
 Singela, romana,  
 De bico de pés,  
 Catanove,  
 São dez.

Quantos aos mezes :

Trinta dias tem Novembro,  
 Abril, Junho e setembro ;  
 Vinte e oito terá um,  
 E os mais trinta e um :

P'ra receber meu mano,  
 O' calunga,  
 Quando voltar da guerra,  
 O' calunga.

Se elle vier vivo,  
 Para se casar ;  
 Se elle vier ferido,  
 Para se curar ;  
 Se elle vier morto,  
 Para se enterrar.

Vamos lavar na poça,  
 Da carocha,  
 Debuxo da mangabeira,  
 Cabellcira.  
 Dá-lhe com meu burdão,  
 Tubarão.  
 Espinho picou no pé,  
 Jacaré.

\* \* \*

— Seus visinhos,  
 Meus patinhos  
 Estão ahí ?  
 « Estão, sim senhor,  
 — Que lhes dá de comer ?  
 « Milho cozido sem sal.  
 « Que lhes dá de beber ?  
 « Agua da fonte real.  
 Ora sapo, sapinho.  
 Ora sapo, sapinho.

\* \* \*

Chora mané, não chora,  
 Chora porque não vem o limão ;  
 O limão anda na roda  
 Passando de mão em mão.

Elle vai, elle vem,  
 Inda cá não chegou.  
 No meio do caminho  
 O francez o tomou. (1)

\* \* \*

Os galuchos me prenderam  
 Lá na torre de um castello,  
 Roendo um pé de burro  
 Pensando que era marmello.  
 Valentim, tim, tim,  
 Valentim, meu bem.  
 Quem tiver inveja  
 Faça assim também.

\* \* \*

Violar, violar,  
 Quem se rir  
 Ha de apanhar ;  
 Não me riu,  
 Não apanho,  
 Nem sei quem  
 Ha de apanhar.

---

(1) Sobre estê brinquedo escreveu Lopes Gama o seguinte, no seu *Carapuceiro*, de 17 de janeiro de 1838:

« Ha um *Chora Mané não chora*, brinquedo que ordinariamente executa-se no chão, todos em roda, assentados em esteiras, e os manujos de pernas encruzadas, mettidos no meio das meninas, como peixes em viveiros. Um vai para o meio da roda a fim de empolgar um limãozinho, que anda invisivelmente de mão em mão, que para esse effeito travam-se de tal arte, que vai passando de uma a outra tão escondidamente, e ao som de cantarolas, que é preciso bom olho para o descobrir e tomar. Uma vez por outra lá cahe o limãozinho, e é preciso procural-o com grande sofreguidão e alvoroço ».

Tratando do assumpto, ainda depois o referido escriptor consigna no seu todo a quadrinha:

Chora mané, não chora.  
 Chora porque não vê o limão ;  
 O limão anda na roda  
 Por culpa deste habão bestalhão.

\* \* \*

— Vem cá Bitú,  
 Vem ca Bitu',  
 Vem cá, vem cá ;  
 « Não vou lá,  
 Não vou lá ;  
 — Porque, Bitu' ?  
 Porque, Bitu' ?  
 « Mamã me dá,  
 Mamã me dá,  
 Tenho medo  
 De apanhá. (1)

(1) Dessa insulsa canção, que se nos afigura incompleta, publica Sylvio Romero uma variante do Rio de Janeiro, sob o título de *Fragmentos do Vitú*, e em seguida uma outra que recolhera Varnhagen, e publicara no prologo de seu *Florilegio*, e sobre o que escreveu o seguinte:

« Das modinhas pouco conhecemos; e essas insignificantes, e de época incerta, a não ser a bahiana

Banguê, que será de ti!

glosada por Gregorio de Mattos: essa mesmo sabemos ser antiga, mas não nos foi possível alcançal-a completa.

« Não deixaremos de commemorar a do *Vitú*, que, cremos, ter o sabor do primeiro seculo da colonisação, o que porém comprova-se com ser em todos as provincias do Brazil tão conhecida.

« Diz assim:

— Vem cá Vitú? Vem cá Vitú?  
 « Não vou lá, não vou lá, não vou lá.  
 — Que é d'elle o teu camarada?  
 « Agua do monte o levou.  
 — Não foi agua, não foi nada,  
 Foi cachaça que o matou ».

Eduardo Perié, porem, tratando do assumpto, refere em nota o seguinte:

« Nos *Cantos populares* está escripto — Vem cá Vitú, — e o Sr. Theophilo Braga escreveu tambem Vitú; mas o Sr. Felix Ferreira, que é fluminense e conhece a canção desde sua infancia, affirma ser — Bitú — e informa que essa canção não é embryonaria da litteratura brazileira, mas producção do começo deste seculo (XIX); e sabe de seu pai, que é tambem quasi fluminense, pois vive no Rio

— Vem cá, Siriri,  
 Vem cá, Siriri;  
 As moças te chamam,  
 Tu não queres vir.  
 « Eu não vou lá, não ;  
 Eu não vou lá, não ;  
 Eu peço uma esmola,  
 Vocês não me dão.

de Janeiro ha mais de sessenta annos (o A. escreve em 1835) que essa Bitú era um vagabundo que se embriagava frequentemente com cachaça, e que tendo desapparecido por occasião de umas chuvas torrencias occorridas em 1817, o suppon-lo-se ter percido afogado, deu por isso motivo á vulgarissima canção:

Vem ca Bitú ? Vem cá Bitú  
 Que é delle teu camarada ?  
 — Agua do monte o levou.  
 Não foi agua, não foi nada,  
 Foi cachaça que o ma'ou.

« Outros affirmam, diz o Sr. Felix Ferreira, que a canção não se entendia com o Bitú directamente, mas com um seu companheiro de bebedeira. »

Seja como for, o Bitú segundo informações que temos, e que em absoluto não discordam com as que vimos de transcrever, era um typo popular de rua, um desses bohemios sem profissão alguma, que pelas suas graças, agudeza de espirito e habilidade de cantador de chulas e modinhas tornou-se conhecidissimo na côrte do Rio de Janeiro, e como Bocage, passava festejadamente *vida folgada e mi-lagrosa* — sem ter dinheiro...

Como Pericles, Augusto e Luiz XIV, o nomeadamente Bitú teve tambem o seu nome ligado a época em que viveu ; e não raro se ouve ainda hoje na sociedade fluminense, quando se quer fazer espirito sobre a antiguidade uma cousa qualquer, dizer-se — *que é do tempo do Bitú.*

O Dr. G. S. de Capanema para fixar a época de um facto que refere na sua *Memoria sobre os terremotos no Brazil*, escripta em 1854, serviu-se do termo dessa consagração popular, dizendo : Tambem não foi terremoto que fez desabar o morro do Castello no tempo do Bitú.

A nossa canção do Bitú, como se diz em Pernambuco, é muito vulgar e antiga, se bem que a versão que consignamos, que é a corrente, e tem particular toada, desira um tanto da fluminense.

## A ROLINHA

Bote aqui, bote aqui  
 O seu pezinho;  
 Seu pezinho, seu pezinho  
 Junto ao meu;  
 No virar, no virar  
 Do seu pezinho,  
 Um abraço, um abraço  
 Lhe dou eu.  
 Olha a rolinha,  
 Doce, doce;  
 Cabio no laço,  
 Doce, doce;  
 Embaraçou-se,  
 Doce, doce;  
 No nosso amor,  
 Doce, doce.

— Ando á roda,  
 Ando á roda,  
 Porque quero  
 Me casar.

«Colhei neste jardim  
 A rosa que te agrada.

— Não me serve,  
 Não me agrada.

. . . . .  
 Só a ti, só a ti  
 Hei de querer,  
 Só a ti, só a ti  
 Hei de querer.

## A CIRANDA

O' ciranda, O' cirandinha,  
Vamos todos cirandar;  
Vamos dar a meia volta,  
Volta e meia vamos dar.  
Vamos dar a volta inteira,  
Cavalleiro, troque o par.  
A ciranda diz que tem  
Duas filhas p'ra casar;  
Uma tem a perna torta,  
A outra não sabe fallar.  
A ciranda diz que tem  
Sete varas de colar,  
Para dar a sua filha  
Se casar com militar.  
A ciranda diz que tem  
Sete varas de cordão,  
Para dar a sua filha  
Se casar com capitão.  
A ciranda diz que eu morra,  
E eu digo que morra ella;  
Vou mandar fazer um chá  
De cabeças de macella.

\* \* \*

Caranguejo não é peixe,  
Caranguejo peixe é;  
Caranguejo só é peixe  
Na enchente da maré.  
Bate palma, palma, palma,  
Bate o pé, o pé, o pé,  
Caranguejo só é peixe,  
Na enchente da maré.

\* \* \*

Anda á roda candieiro  
Anda á roda sem parar;

Todo aquelle que errar,  
Candeiro ha de ficar.  
Candeiro, ó,  
Stá na mão de yoyó;  
Candeiro, á,  
Stá na mão de yayá.

\* \* \*

Eu sou viuvinha  
Das bandas d'alem,  
Quero-me casar  
Não acho com quem.

Diga, senhora, viuva,  
Você com quem quer casar;  
Se com o filho do conde,  
Ou com o senhor general.  
Eu não quero estes homens,  
Porque não são para mim;  
Sou uma pobre viuva,  
Triste coitada de mim.  
Vem cá meu bem,  
Anda me contar,  
Que amores ausentes  
Me querem matar.

\* \* \*

Constança, meu bem, Constança,  
Constante eu te hei de ser;  
Jurei te amar, Constança,  
Serei constante até morrer.  
No jardim de tantas flores  
Não sei qual escolherei;  
Abraça-te com a tua  
Que eu cá me abraçarei.

\* \* \*

Se eu fosse um pombinho,  
E soubesse voar,  
Tirava Joãozinho  
Das nuvens do mar.

So eu fosse um peixinho,  
E soubesse nadar,  
Tirava Joãozinho  
Das ondas do mar.

\* \* \*

A laranja de madura  
Cahiu n'agua foi ao fundo,  
Os peixinhos estão gritando  
Viva Dom Pedro segundo.

\* \* \*

— Que torre é esta ?  
« E' de São Bento.  
— Que está atraz da porta ?  
« Uma cabra morta.  
— Que está á janella ?  
« Uma fita amarella.  
— Que está no telhado ?  
« Um gato esfolado.  
— Que está na varanda ?  
« Uma fita cõr de ganga.  
— Que está na rua ?  
« Uma espada nua.  
— Que está na pia ?  
« Uma casca de melancia.  
— Que tem em baixo do fogão ?  
« Um sacco de carvão.  
— Que tem no coqueiro ?  
« Um sacco de dinheiro,  
— Com que se abre esta torre !  
« Com uma chave de ouro.  
— Se a chave se quebrar ?  
« Tenho dinheiro para pagar.

\* \* \*

Sermão de São Coelho,  
Com seu bariete vermelho,  
Sua espada de cortiça,  
Para matar a carriça.

A carriça deu um grito  
 Que espantou a toda a gente,  
 E só uma velha ficou  
 Escondida num chinello. (1)

A dança da carranquinha  
 É uma dança estrangulada.  
 Depondo o joelho em terra  
 A gente fica pasmada.  
 F... sacuda a saia,  
 F... levante os braços,  
 F... tom dó de mim,  
 F... da-me um abraço. (2)

---

(1) Esta nossa versão, que com pouca diferença é a mesma do Rio de Janeiro, é evidentemente incompleta, em face da originaria, portugueza, que se remonta a eras afastadas, porque dessa *Pregação de São Coelho* já faz menção D. Francisco Manoel de Mello na sua *Feira dos Anxins* (meiados do século XVII).

A versão portugueza é assim:

Estando eu no meu poleiro,  
 Com o meu barrete vermelho,  
 Minha espada de cortiça  
 Para matar a carriça,  
 A carriça deu um grito,  
 Toda a gente se espantou,  
 Só uma velha ficou  
 Embrulhada num chinello,  
 Para mandar de presente  
 Ao abbade Sam Vicente.  
 Et gorique, tá, tá,  
 São palavras que eu sei  
 E ninguém mais saberá.

(2) A versão do Rio de Janeiro consignada n'*Os meus brinquedos* é mais racional porque refere-se a extincta moda das *anquinhas*, começando assim :

A moda das taes anquinhas.

*Carranquinha*, portanto, da versão pernambucana, é evidentemente, uma corruptela.

A formiga de roça  
 Endoudeccu,  
 De uma dor de cabeça,  
 Que lhe deu.  
 Arrocha, arrocha,  
 Cariri,  
 Bota as mãos nas cadeiras,  
 Deixa ahí.

Roda castanha,  
 E torna a rodar,  
 Castanha ligeira  
 Que vem do Pará.  
 No meio da roda  
 Não ha de parar,  
 O babão da roda  
 Merece apanhar.

#### PASSO DOBRADO IMITANDO O TOQUE DE TAMBORES

Ratos com coco  
 Lagartixa com feijão,  
 No becco do Marisco  
 Tem arroz de camarão.

Rão prão, prão, prão,  
 Compro todo o camarão ;  
 Ferreiro fez a foice  
 Mas não fez o gavião.

---

Ao tempo do ephemero uso das anquinhas appareceu no Recife  
 uma chula que tinha por estribilho :

Anquinhas p'ra lá.  
 Anquinhas p'ra cá  
 De moda tão feia  
 Não usos yayá.

Arreda cachorrinho  
 Não empata o batalhão,  
 Que elle vae p'ra muito longe  
 Vae daqui p'ra Jaboatão.

Arreda cachorrinho  
 Não empata meus soldados,  
 Que elles vão p'ra muito longe  
 Vão daqui para Afogados.

Casaca de ferro,  
 Botão de latão,  
 Dez réis de pimenta,  
 Dez reis de limão.

Rão prão, prão, prão,  
 Compro todo o camarão,  
 Ferreiro fez a foice  
 Mas não fez o gavião. (1)

(1) Em Portugal ha esta toada :

Rana, cataplana,  
 Mata a quella ratazana.

No tempo da monarchia e da religião do Estado, resava se á noite o torço nos quartois, e entoava-se um cantico em louvor de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Imperio, cujos primeiros versos eram assim parodiados pelos soldados :

O' virgem da Conceição,  
 Maria minha cunhada,  
 Pagae nos o nosso soldo  
 Deixae-vos de caçada.

Deste genero existe uma parodia sertaneja dos versos do «Officio de Nossa Senhora» da qual conseguimos estes fragmentos:

— Sêde em meu favor  
 Virgem soberana,  
 Livrai-me da onça  
 E da sussuarana.  
 — Gloria seja ao Padre.  
 Ao Filho, e ao amor tambem;

## IMITANDO O REPICAR DOS SINOS

Den, gon, dem,  
 Seu bispo ei vem,  
 Frade da Penha  
 Não deve a ninguem ;  
 Só come bolacha  
 De quatro vintem.

MANOEL IGNACIO

Barriga-verde (1) prendeu Manoel Ignacio;  
 Manoel Ignacio por ser homem intendente,  
 Pegou na penna e escreveu ao tenente ;  
 O tenente por ser homem de acção,  
 Pegou na penna escreveu ao capitão ;  
 O capitão por ter posto maior,  
 Pegou na penna escreveu ao major ;  
 O major por ser homem mandante,  
 Pegou na penna escreveu ao commandante ;

---

Dizei-me, Senhora,  
 Quando a onça vem.  
 — Deus vos salve, Virgom,  
 Senhora do mundo;  
 Livrai-me da onça,  
 E ao mano Raymundo.  
 . . . . .

A primeira parte do toque de alvorada tom esta letra:

Ai meu Deus.  
 Quo tanto soffrer,  
 Tanto trabalho  
 Tão pouco comer.

(1) Um activo sub-delegado do primeiro districto policial da Boa-Vista na situação do partido Liberal de 1878—1885, cuja autoridade era assim vulgarmente conhecida. A parlonda, portanto, vem daquella época.

**O commandante por ser homem fiel,**  
**Pegou** na penna escreveu ao coronel ;  
**O coronel por ser homem leal,**  
**Pegou** na penna escreveu ao general ;  
**O general por ser homem mui sçiente,**  
**Pegou** na penna escreveu ao presidente ;  
**O presidente por não ser homem sinistro,**  
**Pegou** na penna escreveu ao ministro ;  
**O ministro por ser moderador,**  
**Pegou** na penna escreveu ao imperador ;  
**E o monarcha por ser homem de despacho,**  
**Mandou** logo soltar Manoel Ignacio.

## O CASAMENTO DO RATO COM A FILHA DO BESOURO

**Bezouro, bezouro,**  
**Vamos casar nossa filha ;**  
**Agora, o marido,**  
**Onde o veremos ?**  
**Responde o rato**  
**Do seu ratal,**  
**Que estava prompto**  
**Para se casar.**  
**Agora o marido**  
**Prompto já temos ;**  
**Porém o vestido**  
**Onde o veremos ?**  
**Responde a aranha**  
**Do seu aranha,**  
**Que estava prompta**  
**Para o vestido dar.**  
**Agora o vestido**  
**Prompto já temos,**  
**Porém a cama**  
**Onde a veremos ?**

Responde a carocha  
Do seu carochal  
Que estava prompta  
Para a cama dar.  
Agora a cama  
Prompta já temos,  
Porém o doce  
Onde o veremos?  
Responde a abelha  
Do seu abelhal,  
Que estava prompta  
Para o doce dar.  
Agora o doce  
Prompto já temos,  
Mas os trombeteiros  
Onde o veremos?  
Responde o mosquito  
Do seu mosquitál,  
Que elle estava prompto  
Para trombetar.  
Agora as trombetas  
Promptas já temos,  
Mas o cosinheiro  
Onde o veremos?  
Responde o porco  
Do seu chiqueiral,  
Que elle estava prompto  
Para cosinhar.  
Agora o cosinheiro  
Prompto já temos,  
Porém o padre  
Onde o veremos?  
Responde o outro rato  
Do seu ratal :  
Prendam o gato  
Que vou os casar.

## A MORTE DE DOM RATINHO

Dom Ratinho morreu,  
Dona Carochinha chorou,  
A porta abriu e fechou,  
A laranjeira desfolhou-se,  
O passarinho depennou-se,  
O cavallo perdeu o pello,  
O boi perdeu o chifre,  
O rio seccou a agua,  
O menino quebrou o pote,  
E o mestre passou-lhe bolos.  
O que tendes minha porta,  
Perguntou a laranjeira,  
Que estaes abrindo e fechando?  
Pois não, minha laranjeira :  
Dom Ratinho morreu,  
Dona Carochinha chorou,  
A porta abriu e fechou.  
E responde a laranjeira,  
E eu tambem de sentimento  
Deixo cahir minhas folhas.  
Vem o passarinho e pergunta :  
O que tendes laranjeira,  
Que estaes tão desfolhada ?  
Pois não meu passarinho ;  
Dom Ratinho morreu,  
Dona Carochinha chorou,  
A porta abriu e fechou,  
E eu assim me desfolhei.  
Respondeu o passarinho :  
E eu tambem de sentimento,  
Deixarei as minhas pennas.  
Vem o cavallo e pergunta :  
O que tendes laranjeira,

Qu'inda hontem tão folhada  
E hoje tão desfolhada ?  
E porque não, meu cavallo ?  
Dom Ratinho morreu,  
Dona Carochinha chorou ;  
A porta abriu e fechou,  
A laranjeira desfolhou-se,  
E o passarinho depennou-se.  
Responde agora o cavallo :  
E eu tambem de sentimento  
Deixo cahir o meu pello.  
Vem o boi e pergunta :  
O que tendes laranjeira,  
Que estaes tão desfolhada ?  
E porque não, meu boi ;  
Dom Ratinho morreu ;  
Dona Carochinha chorou,  
A porta abriu e fechou,  
A laranjeira desfolhou-se,  
E o passarinho depennou-se,  
E o cavallo perdeu o pello.  
Respondeu então o boi :  
E eu tambem de sentimento.  
Deixo cahir o meu chifre.  
Passa o rio e pergunta :  
O que tendes laranjeira,  
Que estaes tão desfolhada ?  
E ella responde ao rio :  
Dom Ratinho morreu,  
Dona Carochinha chorou.  
A porta abriu e fechou,  
A laranjeira desfolhou-se,  
O passarinho depennou-se,  
O cavallo perdeu o pello,  
E o boi perdeu o chifre.  
Respondeu então o rio :  
E eu tambem de sentimento  
Seccarei as minhas aguas.

Vem o menino buscar agua,  
E não a vendo isto pergunta :  
O que tendes bello rio,  
Que ainda hontem tão cheio,  
E hoje assim tão sequinho ?  
E o rio respondeu :  
Porque não, caro menino ?  
Dom Ratinho morreu ;  
Dona Carochinha chorou,  
A porta abriu e fechou,  
A laranjeira desfolhou-se,  
O passarinho depennou-se,  
O cavallo perdeu o pello,  
O boi perdeu o chifre,  
E o rio seccou as aguas.  
Responde então o menino :  
E eu tambem de sentimento  
O meu pote vou quebrar.  
Chega o menino á escola,  
E não levando o pote d'agua,  
Por elle pergunta o mestre,  
E o menino assim responde :  
Dom Ratinho morreu ;  
Dona Carochinha chorou,  
A porta abriu e fechou,  
A laranjeira desfolhou-se,  
O passarinho depennou-se,  
O cavallo perdeu o pello,  
O boi perdeu o chifre,  
O rio seccou as aguas,  
E eu quebrei o meu pote.  
Então respondeu o mestre,  
Cheio de raiva e rancor :  
E eu tambem de sentimento,  
Lasco-lhe as mãos de bolos.

## A MOURA (1)

Estava a moura  
 Em seu lugar,  
 Foi a mosca  
 Lhe fazer mal ;  
 A mosca na moura  
 A moura fiava ;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar !

Estava a mosca  
 Em seu lugar,  
 Foi a aranha  
 Lhe fazer mal ;  
 A aranha na mosca,  
 A mosca na moura,  
 A moura fiava ;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar !

Estava a aranha  
 Em seu lugar,  
 Foi o rato  
 Lhe fazer mal ;

---

(1) Esta peça é, talvez, originariamente pernambucana; pelo menos não encontramos versão ou variante alguma nos livros que conhecemos sobre a poesia popular: foi ella recolhida em Pernambuco por Sylvio Romero e publicada nos seus *Cantos populares*, e depois consignada no *Parnaso* de Mello Moraes Filho.

Diz Theophilo Braga, que *A Moura* é uma parlenda infantil, a que na ilha de Madeira se dá o nome de *lenga-lenga*, do árabe *lingue-lingui*, como primeiro notou Alvaro Rodrigues de Azevedo, no seu *Romanceiro do Archipelago da Madeira*.

Sobre a explanação do assumpto, v. as annotações de Theophilo Braga aos *Cantos* de Romero. T. II, pag. 267.

O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura,  
A moura fiava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava o rato  
Em seu lugar,  
Foi o gato  
Lhe fazer mal ;  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura,  
A moura fiava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava o gato  
Em seu lugar,  
Foi o cachorro  
Lhe fazer mal ,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura,  
A moura fiava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava o cachorro  
Em seu lugar,  
Foi o páo  
Lhe fazer mal ;

O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura,  
A moura flava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava o páo  
No seu lugar,  
Foi o fogo  
Lhe fazer mal ;  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura  
A moura flava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava o fogo  
Em seu lugar,  
Foi a agua  
Lhe fazer mal ;  
A agua no fogo,  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,

A mosca na moura,  
A moura flava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava a agua  
Em seu lugar,  
Foi o boi  
Lhe fazer mal ;  
O boi na agua,  
A agua no fogo,  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca  
A mosca na moura,  
A moura flava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava o boi  
Em seu lugar,  
Foi a faca  
Lhe fazer mal ;  
A faca no boi  
O boi na agua,  
A agua no fogo,  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura

A moura fiava ;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar !

Estava a faca  
Em seu logar,  
Foi o homem  
Lhe fazer mal ;  
O homem na faca,  
A faca no boi,  
O boi na agua,  
A agua no fogo,  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na mosca,  
A mosca na moura,  
A moura fiava ;  
Coitada da moura,  
Em tudo a ia  
Inquietar !

Estava o homem  
Em seu lugar,  
Foi a morte  
Lhe fazer mal ;  
A morte no homem,  
O homem na faca,  
A faca no boi,  
O boi na agua,  
A agua no fogo,  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,

O rato na aranha,  
 A aranha na mosca,  
 A mosca na moura,  
 A moura flava ;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar !

O TANGOROMANGO (1)

Eram nove irmãs numa casa  
 Foram fazer biscoito ;  
 Deu o tangoromango numa,  
 Não ficaram, meu bem, sinão oito.

---

(1) O *Tangoromango*, assim escripto, segundo a versão que recolhemos aqui, no Recife, é uma parlenda muito antiga e vulgar, não só no Brazil como em Portugal.

O nosso inolvidavel amigo Alfredo do Valle Cabral, que a morte tão prematuramente arrancou das patrias lidês litterarias, refere, no seu bello escripto — *Canções populares da Bahia*, — publicado na *Gazeta Litteraria*, do Rio de Janeiro, em 1884, que, — esta canção fazia parte de uma especie de autos que se representava na Bahia, no primeiro quartel do seculo, parecendo-lhe, que na praça de Palacio.

O *Tangolomango*, como escreve Valle Cabral, segundo a versão bahiana, que publica, tinha, como diz elle, a fórma de um grande e feio homem ou animal, de enorme bocca, que ia engulindo no fim de cada estrophe cantada os meninos que eram atacados pela enfermidade e representados por manequins.

Manoel de Mello, tratando do *Tangro-mango* nas suas — *Notas lexicologicas* — publicadas no T. VI da *Revista Brasileira* (Rio de Janeiro, 1880), refere, que recorreu a Joaquim Norberto sobre o assumpto, e que este lhe respondera: — «Nada sei sobre o *tangoromango*. E' uma cantiga popular que appareceu na bocca do povo em 1831, e D. Pedro I a ouviu na Praia Grande, em casa do mos nhor Miranda, quando vinha ver a condessa de Sontervill. Quem a cantava era o bufo do Leandrinho Leal.»

Com relação a Portugal, servindo-nos de guia o citado artigo de Manoel de Mello, encontramos uma positiva allusão á parlenda já em 1850 ; — num dos graciosos contos que o visconde de Castilho com-

Estas oito, meu bem que ficaram,  
 Foram jogar os tres-sete ;  
 Deu o tangoromango numa,  
 Não ficaram, meu bem, sinão sete.

poz para o seu *Methodo* de leitura,— que appareceu, em primeira edição naquelle anno, conto esse que termina assim:

« Mas com tanto toque e dança,  
 Deu-lhe um *tangro-mangro* máu,  
 E não ficou dos vinte e um  
 Nem um passaro bisnáu. »

A parlenda, porém, vai ainda mais além, porquanto é tambem conhecida na Hespanha; e o illustre folklorista portuguez F. Adolpho Coelho entende mesmo que encontrou os seus vestigios na França, por cuja paixão, para levar tão longe o parallelo, assignou-se a Manoel de Mello, que,— com igual fundamento se podia identificar o *tángano* gallego com o *tángano* da *Lex Salica*, o *tánghero* da Crusca, ou o *tángre* de Froissart, com o *tangro* portuguez.

A versão hespanhola recolhida por Saco Arco, e fragmentadamente consignada por Manoel de Mello, trata de *once damas*; a portugueza, da Beira Alta, de *vinte e quatro marrafinhas*, e a dos Açores de *vinte e quatro damas*; a lição bahiana recolhida por Valle Cabral, de *dez filhos*, que nasceram

Todos dez dentro de um pote,

semelhantemente a uma outra versão portugueza consignada por Adolpho Coelho, que começa :

Nasceram dez meninas  
 Mettidas dentro de um folle ;

e a publicada pelo notavel jurisconsulto Dr. Augusto Teixeira de Freitas, e transcripta por Valle Cabral no seu citado escripto, de *nove irmãs*, do mesmo modo que a nossa versão pernambucana.

Na versão hespanhola ha uma estrophe que se harmoniza perfeitamente com uma outra das referidas lições, e particularmente com a primeira da nossa, cuja estrophe é assim lançada :

D'estas nove que quodaron  
 Deron en comer bizcoito,  
 Pegou o tangano-mangano n'elas  
 Non quodaron senon oito.

A lição bahiana recolhida por Valle Cabral consta de dez estrophes, ao passo que a nossa tem nove; porém, mesmo assim, são pal-

Estas sete, meu bem, que ficaram,  
 Foram todas jogar o xadrez;  
 Deu o tangoromango numa,  
 Não ficaram, meu bom, sinão seis.

pitantes os seus pontos de contacto. Essa estrophe que accresco é a inicial, e diz assim :

Uma mãe pariu dez filhos  
 Todos dentro de um pote:  
 Deu o tangolomango nelles,  
 Não ficaram sinão nove.

A versão publicada por Teixeira de Freitas, acaso, igualmente bahiana, tem nove estrophes, como a nossa, e de todas que couhecemos é a que mais se lhe assemelha, e se irmana mesmo, pela textura complexa de ambas as peças.

A versão dos Açores, porém, é a mais desenvolvida de todas, uma vez que se expande em treze estrophes; mas não fala no *tangolomango*, e sim no *mal da moda*, no melro, e num *velho das bragas largas*, que promiscua e successivamente deram cabo das—*vinte e quatro damas*.

O tangolomango tinha também a sua musica, de um tom alegre e expressivo, como a do lundú ou bahiano, teve mesmo a sua epoca, entre nós, por meados do seculo passado, e nos jantares de brindes ruidosos era preferencialmente cantado *para solennizar as saudes* como então se costumava.

O *Tanglomango*, *Tango no mango*, *Tango mar ango*, *Tangoromango*, *Tangro-mangro*, *Tangano-mangano*, *Tango-marigotango*, e *Tango-mango*, das versões hespanholas, portuguezas e brazileiras, é evidentemente um vocabulo popular; e si é licito tirar a sua origem da palavra—*tangomão*,—que passou de Guiné a Portugal como diz Viterbo (*Elucidario*, 1798), tem assim uma origem africana.

O vocabulo, como nos parece, foi creado pelo povo, e applicado a uma dada molestia, de um character epidemico, que appareceu em certa epoca, acaso nos primeiros annos do seculo passado, dando assim origem á parlenda, talvez por ceifar na localidade originaria a uma familia inteira.

Que o *Tangoromango* da nossa versão, ou como quer que se escreva nas outras varias lições conhecidas, refere-se a uma enfermidade qualquer, e de character epidemico e fulminante, não ha duvida nenhuma.

Valle Cabral, como vimos, refere-se aos meninos atacados pela *enfermidade do tangolomango*; algumas versões portuguezas, e particularmente a dos Açores, em vez do verso que começa: *Deu o tan-*

Destas seis, meu bem, que ficaram.  
 Uma foi limpar o brinco ;  
 Deu o tangoromango nella,  
 Não ficaram, meu bem, sinão cinco.

*goromango*, dizem: *Deu-lhe*. ou *Veio o mal da mola*, acaso por tratar-se de uma nova e desconhecida molestia, que appareceu, como nós chamamos hoje — molestia da moda — a influencia, neurasthenia, e algumas outras que surgiram e se vão tornando já de um caracter endemico ; e Teixeira de Freitas, por sua vez, diz que — esse *tango* é um toque, esse *mar* um amargôr, esse *ango* um aperto, acaso referindo-se aos caracteristicos da enfermidade.

Apezar da versão que recolhemos consignar o termo — *tangoromango*, — que assim mesmo o conservamos, comtudo é mais vulgar entre nós, e de longa data mesmo, o de *Tangolomango*, como se vê na versão bahiana, para exprimir, ora uma enfermidade qualquer, de fatal resultado, ora infelicidades e azares da sorte, cujas phrases, para expressar o emprego do termo em uma ou outra accepção, repete-as o povo constante e quasi que uniformemente.

Em 1845 havia no Recife um homem politico de certa importancia, que tinha o appellido de *Tangolomango*, e de quem constantemente se occupava, chasqueando-o, um periodico seu desaffectedo, *O Azorange*, que se publicava naquelle anno, como se vê, particularmente, de um longo artigo que occupa os ns. 16 e 17 descrevendo em picante estylo humoristico um — *Grande e esplendido brodio em casa do Tangolomango*, — e a quem alias já se havia referido no n. 6 nesta quadrinha:

E dizem que nelle achara  
 O mesmo *Tangolomango*.  
 Quando vinha d'um fandango  
 Optimo abrigo da chuva.

O que não resta duvida, porém, é que o vocabulo é antiquissimo, e na sua evolução lexicologica, desde o *Tangomão* das Ordenações Affonsinas (seculo XV), e assim consignado por D. Raphael Bluteau no seu *Vocabulario*, e por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo no seu *Elucidario*, até chegar á epoca do nosso philologo Moraes, que, tratando da palavra já convertida em *tangomão*, conclue que — « no Brazil ainda dizem do que se furtou, o levou a seu dono, que *deu o tangoro mangoro nelle* —, entrou enfim na moderna lexicologia transformado em *Tanglomanglo*, como um termo popular, significando — bruxedo, maleficio, sortilégio ; doença, mal : *Deu-lhe o tanglomanglo*, — segundo, entre outros, Caldas Aulete no seu *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza*.

Destas cinco, meu bem, que ficaram,  
 Uma foi lavar um prato ;  
 Deu o tangoromango nella,  
 Não ficaram, meu bem, sinão quatro.

Destas quatro, meu bem, que ficaram,  
 Uma foi aprender o francez ;  
 Deu o tangoromango nella,  
 Não ficaram, meu bom, sinão tres.

Estas tres, meu bem, que ficaram,  
 Foram todas correr as ruas ;  
 Deu o tangoromango numa,  
 Não ficaram, meu bem, sinão duas.

Estas duas, meu bem, que ficaram,  
 Foram comprar uma varrumba ;  
 Deu o tangoromango numa dellas,  
 Não ficou, meu bem, sinão uma.

Está uma, meu bem, que ficou,  
 Foi á igreja fazer oração ;  
 Deu o tangoromango nella,  
 E acabou-se de todo a geração.

#### CANTIGAS DO BERÇO

Estava Maria  
 A' beira do rio,  
 Lavando os panninhos  
 Do seu bento filho.

---

*O Tangolomango*, além das versões citadas, figura ainda nas revistas fluminenses: — *Lyra de Apollo*, jornal de modinhas, Lundús, recitativos, versos para fidinhos, etc., etc.—, anno I, 1869, pag. 79 ; e *Lyra do trovador*, collecção de modinhas, recitativos, Lundús, canções, etc., vol. I, 1875, pags. 83-6.

Maria lavava,  
José estendia,  
Chorava o menino  
De frio que tinha.

Não chores menino,  
Não chores amor,  
Isso são peccados  
Que cortam sem dór.

Os filhos dos homens  
Em berços dourados.  
E vós meu Jesus  
Em palhas deitado. (1)

São José que moda é esta,  
De colher e tigellinha,  
Onde há tantas mulheres  
Homem não vai na cozinha.

São José que moja é esta  
Lavar pratos e colheres,  
Homem não vai na cozinha  
Onde tem tantas mulheres.

O menino está com somno,  
Com somno não quer dormir,  
Que os anjinhos do céu  
Lhe venham acudir.

São Jorge a cavallo.  
Os anjinhos a pé,  
Vem rezando as orações  
O Senhor São José.

---

(1) Estas quatro quadrinhas são muito conhecidas em Portugal, e Theophilo Braga as consigna quasi que s. melhantemente no seu *Cancioneiro Popular* sob o titulo — *Infância de Jesus* (Cantiga do berço).

São José chegai, chegai,  
Atiçai o candieiro,  
Que pariu Nossa Senhora  
A Jesus Deus verdadeiro.

Nanai meu menino,  
Nanai meu amor,  
Que a faca que corta  
Dá talho sem dôr.

Calai, menino, calai,  
Calai que lá vem tutú,  
Que no matto tem um bieho  
Chamado carrapatú.

Calai meu menino,  
Calai p'ra dormir,  
Que os anjinhos do céu  
Te venham acudir.

O menino é pequenino  
Precisa de criação ;  
De dia dorme na cama,  
De noite no coração.

O menino é mui galante  
Sabe fazer brinquedinho,  
Tira a boquinha do peito  
Para chupar seu dedinho.

O menino não é meu,  
Me deram para eu criar ;  
A obrigação de quem cria  
E' o menino acalantar.

\* \* \*

Dorme, dorme, caro infante,  
Grato somno dorme aqui,  
Que o raiar da existencia  
Tudo em roda te sorri.

Dorme, dorme, filho dorme,  
Que bem me faz teu dormir,  
Dorme, que teu pae não tarda,  
Filho dorme, elle ha de vir.

Dorme filho entre as delicias,  
Do teu somno aos pés de Deus,  
Vai gosar entre as delicias  
A paz dos eleitos seus.

Dorme em paz cãndido lyrio,  
Doce fructo de meu amor,  
Dorme, dorme, que o teu berço  
Vela um anjo do Senhor.

Innocente, caro infante,  
Que te embalas a sonhar,  
Serás homem de repente  
E o amor te ha de curvar..

Não te curves nessa idade  
Das camélias a belleza,  
Seja tua flor dilecta,  
Cãndida flor de pureza ;  
Ama o lyrio do deserto,  
Terna flor de singeleza.

. . .

Vamos á fonte,  
Fontinha da gloria  
Beber agua pura  
De Nossa Senhora.  
Nossa Senhora  
Na beira do rio  
Lavava os paninhos  
De seu bento filho.  
Maria lavava  
José estendia,

Chorava o menino  
De frio que tinha.  
Calai meu menino  
Calai meu amor,  
Que a faca que corta  
Dá talho sem dôr.  
Bella siririca  
Que vindes de Belém  
Que novas me dais  
De Jesus meu bem?  
Jesus nosso bem  
Ahi vem atraz,  
Santiago a cavallo,  
Os anjinhos a pé.  
Nossa Senhora  
Sentada na sella,  
Fazendo oração  
O Senhor São José.  
São José chegai, chegai,  
Atiçai o candieiro,  
Que pariu Nossa Senhora  
O nosso Deus verdadeiro.

\* \* \*

Indo eu a ouvir missa  
Na Igrejinha em prégação,  
Encontrei Nossa Senhora  
Com um ramo verde na mão.  
Eu pedi-lhe um raminho,  
Ella me disse que não,  
Eu tornei-lhe a pedir  
Ella deu-me o seu cordão,  
Que me deram sete voltas  
Em roda do coração.  
São Francisco, Santo Antonio,  
Desatai-me este cordão  
Que me deu Nossa Senhora  
Virgem da Concoição.

Lá vai ella se escondendo  
 Por detraz d'aquella serra,  
 Com sua capinha amarella  
 Que lhe deu a Magdalona.  
 Magdalena escreveu  
 Uma carta a Jesus Christo,  
 O portador que a levou  
 Foi o padre São Francisco.  
 São Francisco anda descalço  
 Vestidinho de burel  
 Recebendo as cinco chagas  
 Do divino Emmanuel. (1)  
 Que quereis com Manoel  
 Que tanto chamais por elle  
 Manoel está na gloria,  
 Bemaventurado elle é.  
 Quinta-feira de Endoenças  
 Sexta-feira da Paixão,  
 Sabbado santo de Allolua,  
 Domingo da Ressureição.

\* \* \*

Nesta casa choira a rosa, .  
 Aqui mora uma formosa;

---

(1) Estes versos são reminiscencias de uma oração portugueza, segundo uma versão de Rezende, recolhida por Leite de Vasconcellos, como se vê dos seguintes, do começo, da referida oração:

Já lá vai o sol abaixo  
 Atraz da primavera  
 Leva capinha amarella  
 Que lhe deu a Madanela.  
 Madanela escreveu  
 Uma carta a Jesus Christo;  
 O portador que a leva  
 É o padre São Francisco.  
 São Francisco vai descalço  
 Vestidinho de burel  
 Para arreceber as chagas  
 Ao divino Manoel.

Nesta casa cheira a pão,  
Mora nella um bom christão;  
Nesta casa cheira a vinho,  
Mora nella um bom visinho;  
Nesta casa cheira a breu,  
Mora nella algum judeu;  
Nesta casa cheira a pão,  
Mora nella um bom ladrão;  
Nesta casa cheira a ouro,  
Nella tem algum thezouro;  
Nesta casa cheira a unto,  
Nella está algum defunto.  
Vamos andando  
Com Christo Jesus,  
Que vai caminhando  
Com o peso da cruz;  
Com chagas abertas,  
Seu peito ferido,  
E o sangue jorrando  
De Christo Jesus.

---



## Miscellanea

### CONVERSA POLITICA (1)

(Entre um Corcunda e um Patriota)

**C. — Deus lhe guarde, meu senhor.**

**P. — Venha com Deus, cavalleiro.  
Venha logo me dizendo  
Si é corcunda ou brasileiro ;  
Vejo-lhe bem divisado  
Na cabeça um grande galho,  
Bem me parece ser  
Da vasante o espantalho.**

**C. — Sim, senhor, eu sou corcunda  
E morro pelo meu rei ;  
Esta divisa que trago**

---

(1) Sylvio Roméro consigna esta *Conversa* sem indicação da sua procedencia local.

Não ha duvida, porém, que o dialogo é originariamente pernambucano, porquanto, exhibe termos peculiarmente nossos, como notavelmente: de *Patriota*, qualificativo dado aos revolucionarios de 1817; de *Marinheiro*, aos portuguezes; e de *Carvalhista*, como se chamava aos partidarios de Manoel de Carvalho Paes de Andrade, chefe da revolução de 1824, e ainda pela referencia aos compromettidos nessa mesma revolução, — *uns mortos, outros presos, e outros tantos enforcados*.

E' da sua real lei :  
Si o senhor é patriota,  
Provisorio cidadão,  
Si fala contra meu rei,  
L' judeu não é christão,  
E com isto já me vou  
Não quero mais esperar ;  
O senhor é Jacobino  
Pelo modo de falar.

P. — Dê-me atenção, senhor,  
Não se faça *esfornecido* ;  
Um homem apaixonado  
Não dá prova de entendido.  
Eu conheço o seu character,  
Não é de tolo e vario,  
Mostra ser de um pensante,  
Ou de um escripturario.  
Faça-me a honra apeiar ;  
Venha me dar um clarão ;  
Só o senhor póde dizer-me  
O que é a Constituição  
E tambem da Independencia  
De Dom Pedro Imperador :  
Tudo me explique agora,  
Eu lhe peço por favor.

C. — Si o senhor fala-me sério,  
Si não é adulação,  
Eu lhe direi de que consta  
A nova Constituição.

P. — O senhor creia em mim,  
Muito sério lhe falo ;  
Eu sou um homem nescio,  
Não sei onde canta o gallo.

C. — Estes malvados pedreiros,  
Carbonarios da nação

Que por serem *carvalhistas*  
Detestam serem christãos,  
Nem querem ter rei nem roque,  
E menos religião,  
Por isso desprezaram  
O nosso rei Dom João.  
A lei delles é anarchia  
Da tal Constituição,  
Captivando deshumanos  
Sem ter quem lhes vá á mão ;  
Nem querem saber de missa,  
Menos do Sacramento,  
Mofam de tudo o que diz  
O novo Testamento ;  
Veja pois, por que rigor  
Chamam á nós marinheiros,  
Arrocham de pão e peia,  
Morrám todos os chumbeiros,  
Uns homens nobres em tudo,  
No sangue e no proceder ;  
De familias illustradas,  
Muitos delles veem a ser,  
Filhos de duques, marquezes,  
De condes e de morgados.  
Dos infames *patriotas*  
Têm sido desfeiteados...  
Estas feras d'ora avante  
Só em si maldade encerra ;  
Desprezam o nosso rei,  
Que Deus nos deu na terra ;  
Um homem pio e santo,  
Um refugio e esperança,  
O nosso Dom João Sexto,  
Filho da real Bragança.  
Esta familia illustrada,  
Que o mesmo Deus destinou  
Para seus filhos governarem  
Serem de nós *sup'rió*...

Mas agora estou contente  
 De ver tudo acabado,  
 Uns mortos e outros presos,  
 Outros tantos *enforcado* ;  
 Adeus, tenha saude,  
 Creia nisso que lhe digo,  
 Fuja dos patriotas,  
 Que são nossos inimigos.  
 Já estão se acabando  
 As malditas rebelliõe ,  
 Ficando só no Brazil  
 A fé pura de *christões*.

P.—Tratemos da independencia.

C.—Isso é um passo muito errante,  
 Dom Pedro no Brazil  
 Não pôde ser imperante.

P.— Porque? Elle não é Bragança?

C.—Si o rei ainda é vivo (1)  
 Não pôde haver uma horança.

P.—Já não posso, seu corcunda,  
 Suas loucuras calar,  
 Quer por gosto, quer por força,  
 Ouça-me agora falar.  
 Diga-me, homem sem brio,  
 Amante do captiveiro,  
 Sois os terra, somos gados  
 Que Dom Pedro seja herdeiro?  
 Quando Deus formou o mundo  
 Qual foi o rei que deixou?  
 Não deixou um só Adão  
 De todos progeritor?

---

(1) Por este ver. o se vê, que o *Dialogo* foi escripto en're a época da independencia, em 1822, e a morte de D. João VI, em 1826.

Desto mesmo Adão não fez  
 Deus do Céu por seu mando  
 Uma mulher para elle  
 Produzir o genero humano ?  
 Desses pobres camponezes  
 Produziu todas nações,  
 Algum dia elles tiveram  
 Fidalguia ou brazões ?  
 Onde foi Bragança haver  
 Ess : sangue illustrado,  
 Só si foi por outro Adão  
 Que por Deus não foi deixado ;  
 Só dessa descendencia  
 De gente que Deus não fez,  
 Sabiu toda jerarchia,  
 Condes, duques e marquez.

Abre os olhos homem tolo,  
 Adora o Deus verdadeiro,  
 Aquelle que por nós morreu  
 Como innocente cordeiro.  
 Si um rei é tão real,  
 Como adulas a Dom João,  
 E' baixeza no morrer  
 Se for nar em podridão.  
 Resuscitar aos tres dias  
 Assim como resuscitou  
 O rei filho de Maria.

C.—Eu já sigo o rei David  
 Que o mesmo Deus coisagrou.

P.—Isto não duvido,  
 E tambem por isto estou ;  
 Mas quem era o rei David ?  
 Era um pobre coit do,  
 Era um sim'co pastorzinho  
 Do r: b: nho do seu gado.

Que é do nosso rei David ?  
 Agora só ha tyrannos,  
 Dissolutos, incivis,  
 De vai lades profanos.

C.—Já é tarde, vou andando,  
 Tenha mão, seu papagaio,  
 Você diz *cadê* as tropas  
 Do coitado do Pinheiro ;  
 E' certo que lá andei,  
 E que delle sou soldado... (1)

P.—Perseguiu os teus patricios  
 Como lotos defamados ;  
 Nas casas que cercaste  
 Tambem foste carnicheiro,  
 Ajudaste a tirar  
 Vida, honra e dinheiro ;  
 Ajudaste a matar  
 Teus irmãos, mansos cordeiros,  
 Que desgraça, seu corcunda !  
 Entre os mesmos brasileiros...  
 Desprezar os seus irmãos  
 Como lobos carnicheiros.  
 Esta injustiça, seu corcunda,  
 Reclamam os céos inteiros...

C.—Meu amigo estou certo  
 Do quanto me tem narrado,  
 Já me peza de ter sido  
 Dos meus irmãos o malvado.  
 Roto o véo do engano,  
 Nova vida eu terei,  
 Constante patriota serei ;

---

(1) Este; quatro ultimos versos, com certeza, não são originariamente do *Dialogo*, ou então faltam alguns outros, referentes a essas tropas do Pinheiro.

Pó lem contar commigo:  
De'ender a nossa patria  
E morra o nosso inimigo!

## VERSOS MIGUELISTAS,

Dom Pedro e Dom Miguel  
Filhos de el-rei Dom João,  
Dom Pedro para o Brazil,  
Dom Miguel rei da nação.

Carlota Joaquina  
Tem dous filhos a reinar,  
Dom Pedro para o Brazil  
Dom Miguel p'ra Portugal.

Dom Miguel chegou á barra  
Sua mão lhe deu a mão ;  
Vinde filho de minha alma  
Não queiras constituição.

Dom Miguel subiu ao throno  
Por escadas de papel,  
Maria deixai a c'roa,  
Que o throno é de Miguel.

Na entrada de Lisbôa  
Tem um grande limoeiro,  
Com um letreiro que diz,  
*Viva dom Miguel primeiro.*

Na entrada de Lisbôa  
Tem um gato pendurado,  
Com um letreiro que diz,  
*Passa fóra vil malhado.* (1)

---

(1) *Malhado*, era um epitheto injurioso com que os miguelistas designavam os liberaes, ou constitucionaes, em luta, pela causa da princeza D. Maria, filha do imperador D. Pedro I, que abdicára

Um malhado, dous malhados  
De capote e páo na mão,  
A's esquinas escorados,  
Fugi delle, que é ladrão.

## SALVE RAINHA DOS LUZIAS

Valei-nos mãe piedosa!  
Prostrados, vos adoramos  
E sempre vos proclamamos :  
Salve, Rainha !

Os monstros de fé mesquinha,  
Não somente nos empecom,  
Como não vos reconhecem  
Mãe de misericordia.

Sois na trina concordia  
Mãe de filhos oprimidos:  
Dae-nos, em vez de gemidos,  
Vida e doçura.

Esmigalhai a pedra dura,  
Que fende a não do Estado :  
Sois lá do Eterno ao lado  
Esperança nossa.

Esta patria já foi vossa,  
E por vossa maternidade,  
Donde nos veio liberdade  
Deus vos salve !

---

a corôa real portugueza em seu favor ; cuja luta, prolongada e re-  
nhidissima, terminou com a victoria dos liberaes. Estes, por sua  
vez, chamavam de *Corcundas* aos miguelistas, como expressão das  
suas idéas absolutistas.

O povo Luzia se resalve  
Dos escravos Saquaremas:  
Contra seus estratagemas  
A vós bradamos.

Em vós sempre confiamos:  
E do sul, lá no degredo,  
Não se aterram, não têm medo  
Os degradados.

Só Saquaremas malvados,  
Governam com perseguição!  
Engeitados!... elles não são  
Filhos de Eva.

Nossa aflicção se eleva  
Muito além do soffrimento:  
Em nosso padecimento  
A vós suspiramos.

Pelos Luzias vos rogamos:  
Com a lei do —quero e mando—  
Estão de Noronha em Fernando  
Gemendo e chorando. (1)

Oh! si hoje elles lutando,  
Soffrem com tal resignação,  
Algum dia livres serão  
Neste valle de lagrimas!

A' par de tantas lastimas,  
Quasi feitas á trabuco,  
Nos dirá o velho Pernambuco  
Eia pois!

---

(1) Os presos políticos deportados em Fernando de Noronha pelo seu compromettimento na revolução de 1848.

**Mostrai que meus filhos sois !  
Na dôr, na minha agonia  
Recorrei á Virgom Maria  
Advogada nossa !**

**Com a dôr, quanta ser possa,  
Disse : — Vêde nossos conflictos !  
Lançai a meus filhos afflictos,  
Esses vossos olhos !**

**Em tempos de outros abrolhos  
Quando os luzos me respeitaram,  
Elles para mim se mostraram  
Misericordiosos !**

**Os hollandezes valerosos  
Contra os luzos se atiravam !  
Os ingratos a mim bradavam :  
A nós voltei !**

**Libertai-os daquella grey !  
Oh ! dôr !... E hoje os malvados  
Contra mim estão armados !!!  
E depois ?!**

**Como de Jesus mãe sois,  
Dai a meus filhos guarida,  
Antes da ultima partida  
Deste desterro !**

**Velho sou, mas não me aterro  
Com bravatas saquaremas !  
Quebradas suas algemas  
Nos mostrai.**

**A estes monstros profligai  
Pelo mal que nos fizeram :  
São iguaes aos que prenderam  
A Jesus !**

Esta é a terra da Santa Cruz,  
Na qual liberdade nos deu,  
A quem Deus reconheceu  
Bemdicto fructo!

Com este salvo conducto  
Quiz dos céos á terra descer,  
Dignando-se tambem nascer  
Do vosso ventre!

Permitti pois, que não entre  
Meu povo em alguns delirios :  
Dai fim a tantos martyrios,  
O' clemente!

Os Saquaremas, vis entes,  
Sempre, sempre abominei-os!  
Os meus Luzias, defendei-os  
O' piedosa!

Sois rainha poderosa,  
Nossa unica Senhora!  
Sêde nossa protectora,  
O' doce!

Eu espero que se adoce  
A dôr do meu coração!  
Tendo de nós compaixão,  
Sempre Virgem Maria!

Eu e o meu povo Luzia,  
Somos da paz defensores,  
Somos della zeladores :  
Rogai por nós!

O' Pae, Filho, amor e vós  
Salvem o povo brasileiro  
Que é da terra do Cruzeiro,  
Santa Mãe de Deus!

Os Saquaremas e os seus  
 Levaram o primeiro ao fundo !  
 Querem o mesmo ao segundo !  
 Para que ? !...

Mas, para com certeza e fé  
 Nós não vemos taes desgraças,  
 Fazei que das vossas graças  
 Sejamos dignos !

Os Saquaremas indignos  
 Vivam quaes Judeus errantes !  
 Não sejam participantes  
 Das promessas de Christo !

Como são o anti-Christo  
 Da liberdade brasileira,  
 Soffram perpetua laseira  
 Para sempre, amen Jesus !

#### PARLENDAS DO PAPAGAIO

Papagaio real,  
 Para Portugal, (1)  
 Quem passa meu louro ?  
 E' o rei que vai á caça.  
 Toca ferros que el-rei passa,  
 Toca trombeta e caixa.

---

(1) Estas parlandas são antiquissimas, e remontam-se, acaso, ao século XVI. Pelo meaos os primeiros versos, já eram conhecidos em principios do século immediato, como se vê do seguinte trecho da *Historia do Brazil* por Fr. Vicente do Salvador, escripta em 1627:

« Os povoa lora, por mais arraigados que na terra estejam, e mais ricos que sejam tu lo pretendem levar á Portugal, e si as fazendas e bens que possuem souberam falar também lhes houveram de ensinar a dizer como os papagaios, aos quaes, a primeira cousa

Papagaio louro,  
Do bico dourado,  
Leva-me esta carta,  
O' meu bem.  
Ao meu namorado.

que lhes ensinam é : — *Papagaio real, para Portugal*, — porque tudo querem para lá.»

Lavaña, na sua *Viage de Felippe III á Portugal*, impressa em Madrid, em 1622, citada por Oliveira Lima, refere-se já aos papagaios palradores que iam do Brazil para a metropole; e a phrase de pedir o pé ao papagaio é tambem do mesmo seculo, como se vê do curioso livrinho *Feira de anexins*, da lavra de um escriptor coevo, D. Francisco Manoel, na parte referente á *Metaphora dos pés*.

Na descripção dos quadros do Brazil, que o conde Mauricio de Nassau ofertou a Luiz XIV, rei de França, vem mencionado um painel, com esta legenda:— « *C'est ce perroquet, du quel on a entendu parler, qui repondait á tout ce qu' on lui mandait, et même il fit des questions aux hommes, mais tout á la langue brésilienne; mais les truchemens en firent rapport, qu'il n'a vecu que trois semaines, tout le monde acru qu'un diable brésilien a parlé pour lui.* »

O Dr. José Hygino em annotações a essa descripção, diz o seguinte com relação ao assumpto:

« E' este o celebre papagaio de que trata W. Temple, denominado *le Chevalier Temple*, em suas *Memorias*, p. 66. e sic. da Hollanda, anno de 1692, citadas nesta parte pelo philosopho Locke no *Ensaio do Entendimento Humano*, liv. 2, cap. 27, § 8.

« Eu desejava saber do proprio principe Mauricio de Nassau, diz o autor das *Memorias*, o que havia de verdadeiro em uma historia que varias vezes haviam contado acerca de um papagaio que o principe possuio durante o seu governo do Brazil.

« Dizia-se que esse papagaio interrogava e dava respostas tão acertadas, como si fôra uma creatura racional, pelo que acreditava-se na casa do principe que o tal papagaio andava *possesso*. Acrescentava-se que um dos capellães do princip: tomára tamanha aversão aos papagaios por causa daquelle, que não podia supportal-os, dizendo que elles tinham o diabo no corpo.

« Ouvi referir todas estas circumstancias e muitas outras que me asseguravam serem verdadeiras, e isto me levou a rogar ao principe que me dissesse o que de verdadeiro havia em tudo isso.

« Respondeu-me elle com a sua costuma la franqueza e em poucas palavras : que havia alguma cousa de real, mas que a maior parte do que me haviam contado era falso. E então referio-me que, quando chegou ao Brazil, ouvio fallar nesse tal papagaio; e, com quanto suppozesse que nada de real havia no conto, teve a curiosidade de o

Elle não é frade  
 Nem homem casado,  
 E' moço solteiro,  
 O' meu bem,  
 Lin lo como um cravo.

Papagaio do sertão  
 Como queijo e requeijão,  
 Seu senhor é capitão.  
 Dá cá um beijo, coração ?  
 Um, como sabe !  
 Beijos da moça,  
 Na bocca do frade.

Papagaio verde louro,  
 Pés de prata, bico de ouro  
 Dá cá um beijo, meu louro ?  
 Um, como sabe !  
 Beijos da moça,  
 Na bocca do frade.

— Papagaio rei c'roado  
 Sabes dançar o trocado ?  
 « Sim, senhora, dançarei,  
 Mais galante que ol-rei.  
 — Dança lá, meu papagaio.

mandar vir, apesar de achar-se o papagaio muito longe do lugar onde o principe residia.

« O passaro era muito velho e muito gordo. Quando entrou na sala, onde se achava o principe acompanhado de varios hollandezes, e tanto que os vio, foi dizendo: *que reunião de homens brancos é esta ?* Alguem lhe mostrou o principe, perguntando *quem elle era ?* O papagaio respondeu que *era um general*.

« Approximaram-no do principe, e este lhe perguntou: *d'onde vens ?*— Papagaio: *Do Maranhão*.— Principe: *A quem pertences ?*— Papagaio: *A um portuguez*.— Principe: *O que fazias lá ?*— Papagaio: *Guardo gallinhas*.— Principe, rindo-se: *Guardas gallinhas ?*— Papagaio: *Sim, eu bem sei fazer chuc, chuc* (como se costuma fazer quando se chama as gallinhas, o que o papagaio repetio varias vezes)... »

« Currupacos, papaco,  
Tira a velha do buraco.

Papagaio não come salada,  
Nem tão pouco cebôla picada ;  
Porque diz que lhe arde no bico,  
Arre lá papagaio *ridico*.

Ai, Jesus, que eu vou morrer,  
Tanto trabalho tão pouco comer.  
Parrudo, parrudo, escou !  
Pega o veado, caçador !

Carocha vendeu a saia  
Por aguardente da praia,  
Agora minha carocha,  
Nem aguardente nem saia.

O' senhora, ó senhora  
Do balaio,  
Dai um beijo no senhor  
Do papagaio.

Papagaio já comeu ?  
Papagaio não comeu,  
Morreu !

— Como estais, meu papagaio?

« Como captivo, senhora.  
Preso nesta gaiola,  
Em grillhões estou mettido.  
Por amar e querer bem  
Não estou arrependido.  
— Coitado do papagaio !  
Preso e captivo,  
Não tem amigos.

— O' de casa,  
O' de fóra.  
— « Quem é?

E' o frade  
 Tamandaré.  
 « Entre meu reverendo.  
 — Papagaio está morrendo ?  
 « Ai, ai, ai !  
 — Que te dóe  
 Meu papagaio ?  
 « Tudo me dóe  
 E nada me cura  
 Senão o remedio  
 Do padre cura

Hêin, hêin,  
 Como é bella !  
 Arroz doce  
 Com canella  
 Bem-feitinho  
 Pela mão della ;  
 Dá-me um beijo  
 Minha bella.

Hêin, hêin,  
 Meu bem,  
 Você se vai ?  
 Quando vem ?  
 « Quarta feira  
 A' noite aqui  
 Está seu bem,  
 —Uma banda assada  
 Outra de moquem,  
 Dá-me um beijo  
 Meu bem ?

— O' de casa.  
 O' de fora.  
 « Quem é ?  
 — E' um frade.  
 « Frade em casa  
 Nem uma hora.

— Quanto custa o papagaio ?  
 « Quatro mil réis.  
 —E' muito caro.  
 « Menos, nem dez réis.

Papagaio imperial  
 Na c'rôa traz o signal,  
 Tudo, tudo do Brazil,  
 Nada tom de Portugal,

### O LÊ LÊ, VIRA A MOENDA (1)

O lê lê vira a moenda,  
 O lê lê moenda virou,  
 Quem não tem uma camisa,   
 Pr'a que quer um *Palitô*?  
 O caixeiro bebe na venda,

---

(1) Rodrigues de Carvalho consigna estes versos no seu «Cancioneiro» como uma—*Cantiga dos negros dos engenhos da Parahyba*.

A poesia, porém, é evidentemente modernissima, e de assumpto puramente pernambucano, porquanto, ainda que incidentemente, refere-se ás eleições geraes de 1881, em que Joaquim Nabuco foi candidato, apresentado pelo partido liberal, e ao boato que correu da morte de José Mariano, no conflicto travado com os seus adversarios politicos na matriz de S. José, do Recife. O poeta diz positivamente, que — *estava em Beberibe*, — proximo e aprasivel arrabalde da cidade, — *quando a noticia chegou*.

O viva ao *cordão azul*, é tambem caracteristicamente pernambucano, e allusivo aos partidos dos nossos pastores:— *cordão encarnado, cordão azul*.

Não nos parece crível, portanto, que um poeta parahybano se inspirasse em assumptos alheios para compor versos á cantar-se nos trabalhos dos escravos na moagem dos engenhos da sua terra, onde talvez, pela sua situação no interior, não tiveram repercussão aquelles factos.

Afigura-se-nos antes, que a cantiga foi levada de Pernambuco por algum escravo que mudou de senhor e domicilio, e que, pela novidade, vulgarisou-se tanto, de modo a constituir, geralmente, — *uma cantiga dos negros dos engenhos da Parahyba*, — on le o autor do «Cancioneiro» a encontrou e recolheu.

O patrão no *Varadô*,  
 Eu 'stava em Itabaiana  
 Quando a bolada passou,  
 O lê lê vira a moenda,  
 O lê lê moenda virou.

Eu estava em Beberibe  
 Quando a noticia chegou:  
 Mataram Zé Mariano,  
 O commercio se fechou.  
 O lê lê vira a moenda.  
 O lê lê moenda virou,  
 E viva Joaquim Nabuco  
 Com todo o seu pessoal!  
 E viva o cordão azul  
 E o partido liberal !

#### VERSOS SERTANEJOS

Quando eu vim da minha terra  
 Passei na Bôa Esperança,  
 E a ponta do meu chicote  
 Te mandou muita lembrança.

Mandei fazê um chicote  
 Tendo na ponta um botão,  
 Pr'a te mettê nas costella,  
 Cavallo veio chotão.

Cabra, s'eu te apanhá  
 Lá dentro do meu currá  
 Te tiro as costella fóra  
 Na ponta de meu manguá.

Mandei fazê uma cangaia  
 De angico, páo pezido,  
 Pr'a te mettê no espichoço  
 Cavallo veio caçado.

Mandei fazê uma bride  
Pelo ferreiro Zé Vicente,  
Pr'a te mettê na queixada  
T'arrebontá esses dente.

O cavallo a gente troca,  
A' casa se arreteia,  
O menino se acalenta  
E a muié, mette-se a poia.

Minha gente venha vê  
Lagatixa no Jurado,  
Sentada numa cadeira  
C'o rabo dependurado.

Uma coisa me confundo,  
Outra me faz confusão:  
E' o trem corrê na linha  
Sem junta, sem pé, sem mão,  
E numa carreira fixe  
De estação a estação.

Ha quatro coisas no mundo  
Que atromenta um christão:  
E' uma casa de goteira,  
E um cavallo chotão,  
Uma muié ciumenta  
E um menino chorão.

Calango foi á Jurema  
C'um comboio de farinha ;  
Lagatixa pulou na frente  
E pediu-lhe uma boquinha ;  
Calango pulou p'ra traz,  
Metteu-lhe o cabo da linha.

Calango matou um boi,  
Retaiou, botou na teia,  
Lagatixa foi buli

Calango metteu-lhe a peia ;  
Cage sempre assim succede  
A quem bole em coisa alheia .

Calango fez uma casa  
Do vinte e cinco janella,  
Para botá moça bonita,  
Mulata cô de canella .

Minha gente venha vê  
Cousa de fazer horrô,  
Lagatixa de casaca,  
Calango de palitô .

No sertão de Cariri  
Havia um sapo casado ;  
Na secca de vinte e cinco  
Cage que morre torrado .

O rei mandou-me chamá  
P'ra o casamento da fia,  
E eu mandei-lhe arresponder,  
Que ir lá eu não podia ;  
Andava fóra de terra,  
E não podia vadiá ;  
Elle mandou-me dizer,  
Que tinha negro p'ra servir-me,  
Cavallo p'ra eu montar,  
Dinheiro p'ra eu gastar,  
Sobrado de dez andares,  
Casa de dez moradias :  
E eu mandei dizer a elle,  
Que assim mesmo não queria,  
Que eu estou assoletrando,  
Pão, café, bolacharia .

## VARIANTE

O rei mandou-me chamá  
Prumode casá co'a fia ;

Elle me dava de dote  
Oropa, França e Bahia,  
Sobrado de dez andare  
Casa de dez moradia,  
Escalé de doze romo  
E não de dez bateria ;  
A musga do rei na frente,  
Musga de pancadaria.  
Eu abalancei co'a cabeça  
E dixei que não queria.

Triste vida é de quem anda  
Fóra do seu natural.  
Se um dia passa bem,  
Tros e quatro passa mal.  
Fui prezo no Maranhão,  
Doutor Beltrão me soltou,  
Pizei na taboa do barco,  
Ouvi o ronco do vapor,  
Ainda não jurei bandeira  
Já me chamam desertor.  
Todo branco quer ser rico,  
Todo mulato pimpão,  
Todo negro é feiticeiro,  
Todo caboclo é ladrão.  
Mulher branca é pedra fina,  
Mulata, cordão de ouro,  
Cabrochinha é dengozinha,  
Negra femea surrão de couro.  
Meu sertão é boa terra,  
E' p'ra vacca e p'ra novio  
Não é p'ra moça solteira  
Nem p'ra home que tem brio.

## DESAFIO (1)

— O macaco fez o pulo  
Do coqueiro p'ra jurema :  
Quero quo você me diga  
Quantos ovos põe a ema ?

(1) O *desafio* é como que um prêmio poético entre dois cantadores tento cada um delles por alvo a conquista da victoria.

Occasional, pelo encontro dos poetas, ou pelo prévio desafio e emprazamento certo, de lugar, dia e hora, e perante uma reunião mais ou menos numerosa de apreciadores e partidarios, tomam os cantadores os seus logares, frente a frente, afinam as violas, e rompe o torneio, que deve ser igualmente disputado, na mesma cadencia tom dos versos, e golpe a golpe, pelas respostas de accôrdo com as atiradas perguntas, ou consoantes com os conceitos emittidos.

E nessas pugnas empenham-se no decorrer de horas, o ás vezes fica a victoria indecisa pelas encontradas opiniões dos apreciadores que, partidarios de um ou outro, absolutamente não consentem que se proclame a derrota do seu heróe.

Sobre o assumpto escreve o seguinte Euclly les da Cunha no seu bello livro — *Os Sertões*:

« Enterreiram-se, adversarios, dous cantadores rudes. As rimas saltam e casam-se em quadras muita vez bellissimas.

Nas horas de Deus, amen,  
Não é zombaria, não!  
Desafio o mundo inteiro  
P'ra cantar nesta funcção!

« O adversario retruca logo, levantando-lhe o ultimo verso da quadra :

P'ra cantar nesta funcção,  
Amigo meu camarada,  
Aceita teu desafio  
O fama deste sertão!

« E' o começo da lucta que só termina quando um dos bardos se engasga numa rima dillicil e titubea, repinicando nervosamente o machete, sob uma avalanche de risos saudando-lhe a derrota...»

Em um desses desafios, nos nos-os sertões, em que um dos contendores não acudiu aos versos atirados, o seu adversario investe-o

« A cma põe vinte o tres,  
A serriana vinte e quatro.  
Quero que você me diga:  
Quantas emas têm no matto?

— As emas que têm no matto  
Eu cubro com meu gibão.  
Quero que você me diga:  
Quantos bois têm no sertão?

« Os bois que têm no sertão,  
Não ha quem possa contã.  
Quero que você me diga:  
Quantos peixes têm no má?

— Os peixes que têm no má  
Eu cubro com meu chapéo.  
Quero que você me diga:  
Quantos anjos têm no céu?

« Os anjos que têm no céu  
São os qu'a morte matou.  
Se quizé sabê mió,  
Progunte a Nosso Sinhô.

#### DESAFIO (1)

— Eu não vejo quem me affronte  
Nestes versos de *scis pé*,  
Pegue o *pinho*, companheiro

---

com uns e depois outros, e sem resposta alguma rompe com estes, que pozeram termo ao desafio *pacificamente*, graças á intervenção de algumas pessoas presentes.

Cala a boca bestalhão,  
Não soubeste responder?  
Meti-te o freio nos queixos,  
A sella mandei fazer.

(1) Deste incompleto desafio foram interlocutores dois presos da Casa de Detenção, um delles, homem preto, servente da enfermaria,  
8593 — 36.

TOMO LXX. P. II.

E cante lá si *quize*,  
Que eu morde e beliseo a isca  
Sem calir no *gereré*.

« Deixa dessa pabulagem  
Que tú só pesca de *anzó*,  
Eu não pesco, mas atiro  
E não erro um tiro só ;  
Disparo aqui no Recife,  
Mato gente em Cabrobó.

— Quando eu fór não levo nada,  
Pois quando vim nada *trouve* ;  
Falo, você não responde,  
Converso, você não ouve,  
Faço o que Barbosa Lima  
Fez com Joaquim das *Couve*.

« Não *trasteje*, camarada,  
Você já está quasi bambo ;  
Si não quer mudar de vida,  
*Seu* jacaré de mucambo,  
Vá p'ra prensa de farinha  
Como foi Felix Mulambo.

— Ha muito negro insolente,  
Com elles não quero engano ;  
Veja lá que nós não somos  
Fazenda do mesmo panno,  
Disso só foram culpados  
Nabuco e Zé Mariano.

---

e o outro branco, lavador de roupa, que acabava de chegar de Fernando de Noronha com a fama de que — *surrara os mais valentes cantadores de respostas* — daquelle presidio.

Encontrando-se os dous juntos ao tanque de lavagem de roupa, travou-se o d' safio, cercando logo os contentores os operarios das officinas do estabelecimento situadas a um lado do referido tanque.

Este interessante prelio poetico — teria continuado ainda por muito tempo, si não fosse interrompido pelo guarda das officinas, que, vendo-as quasi desertas, tratou de averiguar o que se passava, e dispersou o ajuntamento.

« Sou negro, mas sou cheiroso  
 Você é branco foveiro,  
 Si quizer cantar commigo,  
 Vá tomar banho primeiro;  
 Eu tive um cavallo branco:  
 Que era poior que um sondeiro.

— Moleque de venta chata,  
 De bocca de cururú,  
 Antes de treze de maio  
 Eu não soi o que eras tu,  
 O branco é da côr de prata  
 O negro é côr de urubú.

« Quando as casas de negocio  
 Fazem sua transacção,  
 O papel branco e lustroso  
 Não vale nem um tostão,  
 Escrevo-se com tinta preta,  
 Fica valendo um milhão.

— O negro é bicho de pé,  
 E' peste, é sujo, é morrinha,  
 De dia ronca na peia,  
 De noite rouba gallinha.  
 O branco nasceu p'ra sala  
 E o negro para a cozinha.

. . . . .

— Tive uma calça, rasgou-se,  
 Tive um chapéo, se acabou,  
 Tive uma casa vendi,  
 E um cachimbo se queimou;  
 Tive um cavallo morreu,  
 E um negro, o diabo o levou.

« Vi se rasgar uma calça,  
 Vi um chapéo se acabar,  
 Vi se vender uma casa

E um cachimbo se queimar,  
 Vi um cavallo morrer  
 E um branco o diabo levar.

#### DESAFIO ENTRE CARNEIRO E ROMANO

— Boa noite, meus Senhores ;  
 Seu Romano aonde está ?  
 Me digam quem elle é  
 Que o quero comprimentá.  
 « Sou eu um servo e criado,  
 Que, querendo, posso ser  
 Do Senhor acompanhado.  
 — Seu Romano ha muito tempo  
 Que tenho suas noticias,  
 E hoje quando m'a deram  
 Até paguei as alviças.  
 « Seu Carneiro não é tudo  
 Quanto o povo conta e diz ;  
 Mas querendo Deus, o Senhor,  
 Commigo seja feliz.  
 — Seu Romano, em minha terra  
 Nunca fui a valentão,  
 Que minha firma não mostrasse  
 E o derrubasse no chão.  
 « Porém eu, Senhor Carneiro,  
 Admiro a sua historia,  
 Mas no fim se ha de vêr  
 Quem conta maior victoria.  
 — Seu Romano, eu na Pindoba  
 Sirvo de governador,  
 Ajunto tropa em exercicio  
 Como nosso imperador.  
 « Napoleão rei dos francezes  
 Nas armas foi um guerreiro,

Mas hoje por Dom Guilherme  
 Se acha prisioneiro. (1)  
 —Agora sim, seu Romano,  
 De todo corpo me rendo,  
 Si ouvir fallar do seu nome.  
 De ora em diante o defendo.  
 « Senhor Carneiro se admira,  
 De ouvir o meu cantar,  
 Que diria si ouvisse,  
 Sabino para martellar, (2)  
 Virginio na escriptura,  
 E Nogueira para glosar ?

## CANTIGAS DE DESAFIO

(Apud Sylvio Roméro)

Capitão rabeça,  
 Espadim de páo ;  
 Cala a boca negro,  
 Olha bacalháo.

Agora foi que eu cheguei.  
 Achei violas tocando ;  
 Vi dous peitos destinados.  
 Ahi me fui destinando.

---

(1) Esses versos demonstram que o desafio teve lugar em 1870, á terminação da guerra franco-prussiana, quando Napoleão III, imperador dos francezes, cahiu prisioneiro do rei Guilherme, da Prussia.

(2) *Martellar* ou *Martello*, segundo phraseologia dos nossos cantadores, é um descante acompanhado a viola, seguido e extenso, sobre um motivo dado como uma narrativa ou descripção, ou mesmo um discorrer poetico sobre assumptos varios, como a recitação de quadras populares e poesias avulsas, mas encadeadamente dispostas o obedecendo á mesma toada. Ha *Martellos* que se prolongam por esquecidas horas.

Aqui eu faço barreira,  
Não é para outro subir ;  
Apanhei-o encurralado,  
Não tem para onde fugir.

Quando canto desafio,  
Abro a voz, suspendo o brado ;  
Quero que meu peito sinta  
A lei e o rigor do fado.

Destes cantadores novos,  
Que cantam por desafio,  
Dou-lhes conselho de mestre:  
Que vão tratar de seus filhos.

Sou cabra do boqueirão,  
Onça, tigre de roncar,  
Que mata sem fazer sangue,  
Engulo sem mastigar.

Sou forte, sou corajoso,  
Sou duro, sou valentão,  
Sou como a onça no inverno,  
E a cascavel no verão.

Eu não temo a cantador,  
Ainda que chova ao punhado,  
Nem me venha do inferno,  
Fodendo a chifre queimado.

Vejam no cantar das rolas,  
No seu trinar gemebundo.  
Vem o ecco destes montes,  
Entoar o seu segundo.

Sibiti, caboclinho,  
Canario, *beija-fulô*,  
Jurity, rola aza-branca,  
Tico-tico. *serradô*.

Quando pego na viola,  
Que ao lado tenho o pandeiro,  
Só me lembro a Virgem Santa,  
E um só Deus verdadeiro.

Estando eu agoirado,  
Na serra do Beleguim.  
Não ha pessoa que suba  
E si subir não descamba.  
Si descambar leva fim.

O fim do páo é no olho,  
O ferro d'agua no chão,  
Eu como sou cantador,  
Sou filho do Riachão.

Manoel do Riachão (1)  
Tem fama de cantadô.  
Quando eu cheguei nesta terra,  
Bateu azas e voou.

Ignacio da Catingueira  
E' escravo de Manoel Luiz,

---

(1) *Manoel do Riachão* rapsodista e celebre improvisador dos nossos sertões, e oriundo das ribeiras do S. Francisco. Seu nome algumas vezes se encontra em versos de origem sertaneja.

De Manoel do Riachão só conhecemos as seguintes quadras, neste fragmento de desafio:

— Seu Manoel do Riachão,  
Que peccados são os seus ?  
Em um inverno tão bom  
Seu riacho não encheu ?

« O meu riacho só encho  
Com aguas na cabeceira;  
Cada neblina que dá,  
Dá de barreira em barreira.

Tanto corta como risca,  
Sustenta bem o que diz.  
Quando eu vim de lá de cima,  
Que passei em Caruarú,  
Trouxe bomba envenenada  
Com raios de fogo azul,

Da primeira quadrinha encontramos estas variantes:

Maria, minha Maria,  
Que peccadinho é o teu ?  
Tanta chuva que cahiu  
Teu riacho não encheu ?

Seu Antonio da Levada  
Que peccados são os seus ?  
Um anno tão bom de inverno  
Seu riacho não correu ?

Não menos celebre que Manoel do Riachão era Theodosio Pereira Lima, de quem apenas se sabe o pouco que a seu respeito escreveu Rodrigues de Carvalho.

Negro e cantor *apreciado*, do seu estro conhecemos tão sómente estes poucos versos :

Theodosio Pereira Lima,  
Da America, de Pernambuco,  
Tenho cento e vinte annos,  
Sou velho, mas não caduco.  
Theodosio Pereira Lima  
E' cantor de *estição*,  
Que arranca páo com raiz  
Sem deixar signal no chão.

Como estes, muitos outros, e nomeadamente o Elesbão, de quem temos apenas esta noticia ministrada pelo nosso amigo o Dr. José Mariano Filho :

« Viera da guerra do Paraguay, em 1870, precedido da fama de homem valente. Tanto bastava para despertar no nosso Pernambuco a admiração fanatica dos homens do povo. Tocador engenhoso de viola, já no ultimo quartel da vida costumava esmolar a caridade publica nos logradouros mais frequentados do Recife.

« O seu verso, não raro de improviso, era fluente e facil. De envolta com as explosões guerreiras dos mais notaveis feitos

Dando fóra ao encarnado  
 E viva ao cordão azul.  
 Quem quizer ser bem querido  
 Aprenda a tocar viola,  
 Vista camisa lavada,  
 Seja preguiçoso, embora.  
 Você diz que eu sou negro,  
 Eu sou negro, na verdade ;  
 Mas eu sou negro de bom,  
 E você, branco safado.  
 Você me chama de negro  
 Do cabelo pichaim,  
 Mas eu sou um negro bom,  
 Você um branco ruim.  
 Você me chama de negro  
 Do cabelo de cupim,  
 Agora você me diga :  
 Quantos contos deu por mim ?  
 Ignacio da Catingueira  
 E' negro desesperado  
 Pucha o mororó na rama  
 E sopra como um veado.  
 Ignacio da Catingueira  
 E' negro desesperado,

---

da campanha do Paraguay, cultivava a satyra com igual brilho.  
 « Retenho, esta, de memoria :

Caxangá p'ra capim verde,  
 Beheribe p'ra carvão,  
 Olinda, só tem mamão;  
 Estrada Nova — valentão,  
 Afogados p'ra *gallistas*,  
 No Barro, só tem ladrão.

« Falo a um pernambucano que conhece como ninguem a flora  
 da nossa poesia popular. Mas nem por isso me posso furtar ao prazer  
 de accentuar toda a psychologia que aquelles versos encerram, psy-  
 chologia exercida com toda a perversidade do homem do povo.

« Lamento que se tenha perdido da tradição oral as explosões  
 poeticas de tão interessante cantor popular. »

Cava cacimba no secco,  
Chega em baixo está molhado.

### A HERANÇA DE DINDINHA

(Afolados de Incazeira)

Andava muito atrasado.  
Hoje me acho mió,  
Co'a herança que tiven  
Da defunta minha avó.

Logo quando ella morreu  
Em vida fez testamento,  
E de seus apontamentos  
O seu herdeiro fui eu.  
Em vida ella me deu  
Um tacho véio sem aza,  
Um caco de apanhá braza,  
Mais dous mulambos de cesto.  
**Uma barrica sem texto,**  
Era a mubia da casa!

Deixou-me um pé de macuca,  
Uma espinha do guandú,  
O bucho d'um caitetú,  
Dous limões n'uma cumbuca;  
Deixou-me um torrão de assúca,  
Um cesto cheio de nó,  
Dous fuso em um *mocó*,  
Um abano arremendado,  
Um pote meio quebrado  
E grudado cum ceró.

Deixou-me um facão sem aço,  
Um garrafão sem pescoço,  
Um corrimboque de osso,

E um funil de cabaço,  
 Tres cascos de mocotó,  
 Quatro pedras de *quixó*  
 A verga dum birimbão,  
 Deixou um garfo de páo,  
 Tres dedaes n'um *cariló* !

Quatro colheres sem cabo,  
 E duas trempes de seixos,  
 Duas tesouras sem oixos,  
 Quatro bajas de quiabo,  
 Cinco pés de algodão beabo,  
 Meio novello de fio,  
 Um ralo de relá mio,  
 A quenga de tirá leite,  
 Contra metade do azeite,  
 Um caquinho cum pavio.

Deixou-me um bolo de cera,  
 Um móio de pipiri,  
 Uma pedra e um fuzi,  
 E a lâ de uma cabecera;  
 Deixou-me um tear de esteira,  
 Um *cassumbú* de enxada,  
 A pedra da espingarda  
 Do defunto meu avô,  
 Dentro de um *mocó* deixou  
 Um cartucho de pomada.

Deixou-me um pilão sem bocca,  
 Um *grajó* de ajuntá ovos,  
 Deixou-me a canga de um côvo  
 Um *sapé* de guardá roupa,  
 Deixou-me um sacco de estôpa,  
 Duas meias de algodão,  
 Um papel com dous botão,  
 Sois bilros, quatro alfinetes,  
 Cinco aguias, dous colchetes,  
 Um cadeado de latão.

Deixou-me um bule de barro,  
Um ferro de engomá couro,  
Um cortiço de bezouro,  
Um flandre de ajuntá sarro,  
A ponta de um boi de carro,  
Quatro galhos de marcella,  
A banda de uma panella,  
O fundo de um *gereré*,  
Seis marimbas, tres *coités*,  
Os beijos de uma gamella.

Deixou um *quarido* famoso  
Nelle sempre fallarei,  
Nunca o negociarei  
Porque sou opinioso ;  
E' um cavallo brioso  
Como nesta moda digo:  
Nunca temeu o perigo,  
Nunca cançou em viagem,  
E' cavallo de vantagem  
E tem bons signaes comsigo.

Nos queixaes tem um inchasso,  
Um gerimum na sarnela,  
Tres *bicheiras* n'uma oroia  
Seis *bexigas* no espinhaço ;  
Cinco *lobins* no cachaço,  
Nas pernas dous *espravãos*,  
Quatro ferida nos colchãos,  
Os joelhos todos pellados;  
As juntas todas inchadas,  
Quatro plans nas duas mãos.

Tem um inchasso no *patim*,  
Os cascos arrebitados,  
Os dentes todos quebrados,  
Que não come mais capim,  
Coberto de um *aristim*  
*Naufico* de um *quadri*,

Bebe não póde enguli,  
A vista parda morena,  
Cego da gota serena  
Não póde mais desisti.

Era eu bem pobrezinho  
Hoje me acho mió,  
Com essa famosa herança  
Da defunta minha avó.

#### A HERANÇA DE MINHA AVÓ

Minha avó quando morreu  
Deixou-me bem dotadinho ;  
Deixou-me uma negra velha  
E tambem uma negrinha:  
Umas mil covas de róça,  
Um alqueire de farinha,  
Tudo dentro de uma caixinha.

A negra trouxe uma besta  
E a besta uma bestinha ;  
Deu o cholera na negra,  
A epidemia na negrinha,  
Deu o piolho na roça  
E o mofo na farinha,  
E morreu besta e bestinha,  
Acabou-se a herança minha.

Você doido pela faca,  
Eu doido pela bainha,  
Stão roubando minha carne,  
E tu comendo a farinha ;  
Já dei muita sentinella  
No quartel das mulatinha.

## CANTIGAS DE CEGOS ESMOLANDO

Irmãos, dai-me uma esmola  
Com prazer e alegria,  
Irmãos, dai-me uma esmola  
Por Jesus que é nosso guia.

Devotos, dai-me uma esmola,  
Eu vos peço com amor,  
Pela luz dos vossos olhos,  
Filhos de Nosso Senhor.

Aqui está um pobre cego,  
Filhos de um povo christão,  
Implorando uma esmola  
Pela Sagrada Paixão.

Devotos de caridade  
Filhos da Virgem Maria,  
Eu vos peço uma esmola  
Pois não vejo a luz do dia.

Coitadinho de quem pede  
Por sua infelicidade;  
Quem pede, pede chorando,  
Quem dá carece vontade.

Eu me fio em Gabriel  
E no sagrado madeiro,  
Irmãos, dai-me uma esmola  
Por nosso Deus verdadeiro.

Meus irmãos, favorecei-me  
Pelas chagas do Redemptô;  
Pela luz dos vossos olhos  
Que a minha se apagou.

Devoto que ides passando,  
Abri vosso coração,  
Devoto dai-me uma esmola  
Pela sagrada Paixão.

Devoto, dai-me uma esmola,  
Já que tendes vossa luz,  
Por caridade vos peço,  
Pelos chagras de Jesus.

## AS SETE SEMANAS DA QUARESMA .

Tenho sete filhas ;  
Anna, Baganá,  
Rabeca, Suzana,  
Lazaro e Ramos ;  
Em Paschoa estamos,  
E dessas filhas que tive,  
Sómente uma, fei santa.

## PEDIDO DE CIGARROS

— A tres dias que não como,  
A quatro que não escarro,  
Adão foi feito de barro,  
Amigo, dá-me um cigarro.  
« De barro foi feito Adão,  
Amigo não tenho. não.

## HORAS DO SOMNO

Cinco horas  
Dorme o santo,  
Seis o estudante,  
Sete não tanto ;

Oito horas  
 Dorme o porco,  
 E dahi por diante  
 Quem está morto.

## DIALOGO

— Bom dia, mulher ;  
 « Faço colheres.  
 — Você como está ?  
 « E' de jacarandá.  
 — Não pergunto isto não.  
 « Custa-lhe um tostio.

## UM COMPRIMENTO EXPANSIVO

Passa bem,  
 Vive com gosto,  
 Seu amor  
 Sempre disposto ?

## ASSUMPTOS DIVERSOS

Unha de velha é marisco,  
 Sujo de pés é chulé,  
 Casa de porco é chiqueiro,  
 Negro velho é pae Mané.

\* \* \*

Mulher de padre é caseira,  
 Igreja pequena é capella,  
 Casa de palha é mucambo,  
 Chicara sem aza é tigella.

\* \* \*

Sapato velho é chinello,  
Sapo grande é cururu,  
Carne em bexiga é linguíça,  
Caixa de couro é bahú.

\* \* \*

Garrafa de barro é botija,  
Peixe grande é tubarão,  
Um couro curtido é sola,  
Juiz no matto é sultão.

\* \* \*

Leque de palha é abano,  
Bota sem cano é sapato,  
Lenha queimada é carvão.  
A onça em pequena é gato.

\* \* \*

Milho torrado é pipoca,  
Balaio sem aza é cesto,  
Homem que morre é defunto,  
Freio de corda é cabresto.

\* \* \*

Negro pequeno é moleque,  
Tabaco de velha é caco,  
Cacete de velho é bordão,  
O saguim velho é macaco.

\* \* \*

Taquary grosso é taboca  
Homem baixinho é anão,  
Casa pequena é pombal,  
Água e farinha é pirão.

\* \* \*

Filho de vacca é bezerro,  
E de porca bacorinho,  
Filho de gallinha é pinto,  
Filho de gato é gatinho.

\* \* \* .

Quando um doente escapa  
Foi Deus que o curou ;  
Quando o doente morre  
Foi o medico que o matou.

\* \* \*

Barriga cheia,  
Pé dormente,  
Vou para cama.  
Estou doente.

\* \* \*

Quem vae ao vento  
Perde o assento ;  
Quem vai ao mar  
Perde o logar.

\* \* \*

Eu fui ao matto,  
Cortei um cipó,  
Torei bem torcido,  
Caládo é milhó.

\* \* \*

Carão não mata  
Mas incha a lata ;  
Carão não mata  
Mas maltrata.

Alleluia, Alleluia,  
Peixe no prato  
Farinha na cuia.

Cabeça pellada,  
Urubú camarada,  
Quem te pellou  
Que te coma assada.

Quem parte e reparte,  
E não tira para si  
A maior parte,  
Ou é um tolo,  
Ou não tem arte.

— Quem dinheiro tiver  
Fará o que quizer.  
« Eu tive dinheiro  
E não fiz o que quiz.  
— Cala-te louco :  
O dinheiro foi pouco.

Sou Thereza de Jesus,  
Dei um tombo fui ao chão,  
Tres cavalleiros apparecem  
Que me levantam do chão.  
O primeiro era meu pae  
O segundo meu irmão,  
O terceiro foi aquelle  
A quem doi a minha mão.

Assim se tira  
O cavaco do pau,  
Minha mãe me ensinou  
A tocar birimbão.

PROVERBIOS RIMADOS

A bodas e baptisados só vão os convidados.  
Água molle em pedra dura tanto bate até que fura. (1)

Amigo que não serve,  
Faca que não corta,  
Que se percam  
Pouco importa.

Amor com amor se paga, e com desdem se apaga.  
Amor primeiro não tem companheiro.  
Ande eu quente, e ria-se a gente.  
A obrigação antes da devoção.  
A occasião é que faz o ladrão.  
A rico não devas e a pobre não promettas.  
Atraz de mim virá quem me vingará.  
Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz.  
Bofetada, mão cortada.  
Brigam as comadres, descobrem-se as verdades.

Barriga cheia  
Não é fartura ;  
Pelle de carne  
Não é gordura.

Bens de sacristão cantando vem, cantando vão.  
Cá e lá más fadas ha.  
Cada qual com seu igual.

---

(1) Lição portugueza do seculo XVII mencionada por D. Francisco Manoel de Mello : *Tanto dá a agua na pedra até que quebra.*

Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso.  
 Cousas offerecidas, ou estão podres ou movidas.  
 Chega-te aos bons, serás um delles ; chega-te aos máos, serás  
 o peor delles.

O comer e o coçar por demais é começar.

Comida feita, companhia desfeita.

Cumpre com o teu dever succeda o que succeder.

Com bananas e bolos é que se engana aos tolos.

Cria fama, e deita-te na cama.

Chamo-me Aleixo ; no mundo acho, no mundo deixo.

Da pelle alheia, grande correia. (1)

De amigos reconciliados, e de caldo requentado, nunca bom  
 bocado.

De hora em hora Deus melhora.

Deus consente mas não para sempre.

Duro com duro não faz bom muro.

De pequenino é que se torce o pepino.

De vagar se vai ao longo, e quem depressa caminha, se  
 consome.

Em casa de paridas ou doentes, o assento não esquentes.

Em tempo de guerra, mentira como terra.

Em casa de pouco pão, todos fallam e ninguem tem razão.

Emcommenda sem dinheiro, fica no tinteiro.

Emquanto ha figos, ha amigos.

Entre marido e mulher não mettas a colher.

Entre pais e irmãos não mettas as mãos.

Escreva quem puder e leia quem souber.

Fallar do máo, preparar o páo.

(1) Segundo Theophilo Braga, remonta-se este annexim ao seculo XVI, e vem do seguinte episodio do *Roman du Renard*, de Fleury de Bellingen : — O leão achando-se afficto com uma grande febre, mandou chamar a raposa, para saber si no seu conselho poderia ter remedio a sua doença ; a raposa, fingindo de medico lhe disse, que para sua cura precisava cingir os rins com uma larga cinta tirada de fresco da pelle de um lobo. Seguindo esta receita, o leão doente mandou chamar um lobo, ao qual a raposa cortou ao longo do dorso uma comprida e larga correia. O lobo com as dores vivava desesperado, clamando, — Ah, senhora raposa ; da pelle que não é vossa tirais larga correia. — Daqui ficou o proverbio.

Fidalgos som renda, o diabo que os entenda.

Filhos criados, cuidados dobrados.

Fama sem proveito, faz dor de peito.

Faz o bem, não olhes a quem.

O frade onde canta, ali janta. (1)

Gente da Casa Forte, nem p'ra a vida nem p'ra morte.

Guardo o seu vintem, e fale com quem não o tem.

Homem honrado, antes morto que injuriado.

O homem é fogo, a mulher é pólvora; vom o diabo e s'pra.

O invejoso nunca medrou, nem quem junto a elle morou.

O que não se faz no dia de Santa Luzia, faz-se noutro qual-  
quer dia.

Ladrão que furta de ladrão tem cem annos de perdão.

Mais vale a quem Deus ajuda, que a quem codo madruga.

Missa e maré, esperar ao pé.

Muito riso, pouco riso.

Mulher bonita e homem valentão, têm muita extracção.

Matheus, primeiro os teus.

Mãos frias, coração quente, amor para sempre.

Mão vai, mão vem; a sua se encolhe, a minha tambem.

Mais vale pizado a pilão, do que comprado a tostão.

Nunca digas: — Deste pão não comerei, desta agua não beberei.

Não ha regra sem excepção, nem mulher sem senão.

Ninguem se faça aggressor, sem razão e som valor.

Onde me conhecem honras me dão; onde não me conhecem  
me darão ou não.

O prometido é devido.

O que aperta, é o que segura; o que dóe o que cura.

Parente é que faz mal á gente.

Plantei mandioca e nasceu maniva, de ladrão de casa nin-  
guem se livra.

Pae rico, filho nobre, neto pobre. (2)

(1) Lição portuqueza segundo o autor citallo: — *O clérigo d'onde  
canta d'ahi janta.*

(2) Variante paulista: — *Pae fazenseiro, filho cavalheiro, neto sa-  
pateiro.*

Palavras loucas, orelhas moucas. (1)

Para o filho bom conselho, é servir-lhe o paé de espelho.

Por bem fazer mal haver.

Prato que dança não enche a pança.

Peccados de nossos avós, fazem-nos elles, pagamol-o nós. (2)

Quem compra e mente, sua bolça o sente.

Quem come do meu pirão, leva do meu bordão.

Quem dinheiro tiver fará o que quizer.

Quem furta pouco é ladrão; quem furta muito é barão.

Quem gasta mais do que tem a pedir vem.

Quem se mata morto fica; e quando não morre entisica.

Quem procura pimenta tem o que comer; quem procura li-  
mão terá ou não.

Quem se veste de ruim panno veste-se duas vezes por anno.

Quem casa com a gata por causa da prata, perde a prata e  
fica-se a gata.

Quem tudo quer saber mexirico quer fazer.

Quem canta seus males espanta.

Quando Deus o assignalou, alguma cousa lhe achou.

Quando se está infeliz, cahe-se de costas e quebra-se o nariz.

Quem conta um conto accrescenta um ponto.

Quem não se arrisca não petisca.

Quem não se arriscou não perdeu nem ganhou.

Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa, e aos qua-  
renta não tem, não barba, não casa e não tem.

Quem é moço tem o couro grosso.

Quem tem vergonha não faz vergonha a ninguém.

Quem não vota não vota.

Quem corre cança, quem espera alcança.

Quem corre cança, quem anda avança.

(1) Refere Theophilo Braga, que fazendo os eruditos do seculo XVI sentir a necessidade de uma epopéa nacional, respondera Sá de Miranda a proposito:—*A estraños cuentos orijas seguras*, — que equi- vale ao rifão.

(2) Encontramos este proverbio na obra *Os Martyres Pernambucanos*, escripta pelo Padre Joaquim Dias Martins pelos annos de 1822 e publicada em 1853. Variante bahiana, segundo o autor *d'A giria brasileira*: — O mal de nossos avós fizeram-no elles e pagamol-o nós.

Quem ama a João ama ao seu cão.

Quem tem capa escapa ; quem tem gibão escapará ou não.

Quem não dever não tem o que temer.

Queira-mo bem que não custa vintem.

Queres vor o vilão ? Mette-lhe o cargo na mão.

Quem espera de mão alheia, bem mal janta e peor ceia.

Quer a gento queira quer não, ha de ir o burro á feira.

Quem espera desespera.

Quem come cantando morre berrando.

Quem não se enfeita por si se engeita.

Quem primeiro anda primeiro manja.

Quem compra fiado paga dobrado.

Quem o alheio veste na praça o despe.

Quem cabras não tem, rabritos vende, donde lhe vem não se entende.

Remenda o teu panno, e durará mais um anno.

Queres saber o valor de um cruzado ? Vai pedil-o emprestado.

Ri-se o roto do esfarrapado, e o sujo do mal lavado.

Roupa branca em janeiro é falta de dinheiro.

A Santos que não conheço não lhe rezo nem offereço.

Si queres que a morte te deixe, comas carne e depois peixe.

Si queres ter boa demanda, anda com escrivão á banda.

Si queres que uma fructa mal te não faça come-a com massa.

Tal terra andar, tal pão manjur.

Tanto vai o pote á bica, que um dia lá se fica.

Telhado de igreja sempre goteja.

Trabalho de menino é pouco, mas quem o despreza é louco.

Vento e ventura pouco dura.

O vento ajunta a palha e depois espalha.

Vida gemida, vida comprida.

## Quadras Populares

Aqui estou na vossa porta  
Feito um feichinho de lenha,  
Pela resposta esperando,  
Que da vossa bocca venha (1).

Você diz que eu sou sua ?  
Si eu sou sua, não sei ;  
Que o mundo dá muitas voltas,  
E eu não sei de quem serei.

O pobre tambem é gente,  
Tambem ama e firme adora ;  
Tambem logra gente fina,  
Tambem por elle se chora (2).

---

(1) Variante portugueza consignada no *Cancioneiro Popular*, de Theophilo Braga, impresso em 1867 :

Aqui estou á tua porta  
Como um feichinho de lenha,  
A' espera da resposta  
Que das tuas mãos me venha.

(2) Variante local :

O pobre tambem convive  
Tambem ama e firme adora,  
Tambem gosa cousas boas,  
Por elle tambem se chora.

Meu coração é de vidro  
 Feito de mil travações ;  
 Com qualquer cousa se quebra,  
 Não atura ingratições.

Os meus olhos, mais os vossos,  
 Todos teem um parecer ;  
 Mas os vossos um geitinho,  
 Que os meus botam a perder.

Quem do meu peito sahiu  
 Não me bote mais seu olho ;  
 Que si vier na de açucar  
 Tranqueira, chaye e ferrolho.

Atirei co'um limãozinho  
 Na menina da janella:  
 Ella me chama tolinho,  
 Mais tolinho ando eu por ella.

Raminho de salsa verde,  
 Verdura de todo anno,  
 Enganado sempre eu viva,  
 Vida minha, si eu te engano.

Passa por mim e não fala.  
 Isso é pedido de alguem ?  
 Suma-se, não me appareça,  
 Faça vontade a seu bem.

Os laços com que me ataste,  
 Todos quebrou, fiz em pó ;  
 Que no mundo ha muita gente,  
 Você não é gente só.

Olhos pretos matadores,  
 Porque vos não confessais,  
 Das mortes que tendes feito,  
 Des corações que roubais !

Meu coração batei caixas,  
Meus sentidos manobrai,  
Meus olhos deitai bandeira,  
Vinde, lagrimas, marchai.

Olhos, que não veem seus olhos,  
Sinão de mezes a mezes,  
Esses são os mais amantes,  
Porque só veem poucas vezes.

Rua abaixo, rua acima,  
Sempre c' o chapéo na mão,  
Não achei quem me dissesse :  
Cobre-te, meu coração !

Todo o captivo procura  
Ter a sua liberdade :  
Eu procurei captivo  
Por minha propria vontade.

Amor, si fôrdes, levai-me ;  
Si ficardes, ficarei :)  
Si não, meu amor, matai-me,  
Que viver sem vós não sei.

Dos teus braços para dentro  
Não admittas ninguem ;  
Espera, tem paciencia,  
Que eu mesmo serei teu bem.

Quem dá o seu coração  
A'quelle que não conhece,  
Por muitas penas que passe  
Dobradas penas merece.

Esta noite á meia noite  
Vi cantar e vi chorar,  
Eram dous corações juntos  
Que queriam se apartar.

Já lá vai de barra fóra  
 Quem me tirava o chapéo,  
 Deus o leve, Deus o traga,  
 Como as estrellas do céo.

Na galera dos amores  
 Todos se embarcam cantando,  
 Porém no fim da viagem  
 Todos se apartam chorando. (1)

Não tenhas, meu bem, receio  
 Que qualquer outrem possua,  
 Um coração que te dei,  
 Uma alma que é só tua.

---

(1) Estas quadras foram colligidas e publicadas por Antonio Joaquim de Mello no T. III das suas *Biographias*, impresso no Recife em 1859, precedendo-as das seguintes palavras :

« E' sabido que cada paiz tem as suas canções nacionaes e suas cantigas populares. A originalidade, o feliz encanto natural, e gracioso da poesia popular, a sabedoria o não dá, porque é na ausencia da arte, e de qualquer apparatus, que elle simplesmente se produz. Os homens doutos, os mesmos genios poeticos, que nos arrebatam ao extremo opposto, isto é, a grande e audaciosa poesia, amam e enthesouram o doce perfume dessas espontaneas flores singelas, que muitos cançam-se debalde por obter de propria cultura. Verdadeiras e innocentes effusões do coração, ellas revelam como um espelho fiel as disposições do povo, e o seu estado de cultura intellectual...

« O sublime contar dos amores da triste Velleda nos *E'tudes Historiques*, disse: « *Les mœurs des peuples se peignent souvent aussi bien dans des sonnets d'amour que dans des livres de philosophie.* » Ha poucos annos, em França, mandou-se colligir a sua poesia popular.

« Em Pernambuco ella não falta e sempre tem brotado nas suas catastrophes politicas e acontecimentos notaveis ; e no centro da provincia, os sertanejos não só tiram a letra, mas a toada, que desempenham á viola, como tivemos occasião de admirar, não petiscando elles nada de musica e de letras.

« Na supposição, pois, de que os leitores não julgarão inteiramente frivolo o trabalho que tivemos de recolher dentre pessoas da cidade do Recife, mórmente do sexo amavel, as seguintes quadrinhas populares, aqui as incluimos. Talvez as moças, lavrando em suas almofadas, ao piano as vão cantando, sem variar de melodia, po-to que para as cantar haja diversas e maviosas musicas.»

Ninguem se julgue feliz  
Inda tendo um bom estado ;  
A's vezes tyranna sorie  
Faz d'um feliz desgraçado.

Todo o tolo, quo pensa que elle só  
E' que pode no mundo regras dar,  
Ou pombinhos carece na cabeça,  
Ou pancadas carece d'apanhar.

Si matar o meu pombinho,  
Mate a pombinha tambem,  
Que a pombinha sem o pombo,  
Nunca pôde passar bem.

Rebenta o raio feroz  
Derriba sem compaixão,  
Vinga as injurias soffridas,  
Põe tudo raso c'o chão.

Alviçaras, meu bem, alviçaras,  
Alviçaras, que eu já cheguei,  
Achei o que procurava,  
Agora descançarei.

Lá vem a lua sahindo  
Redonda com'um limão,  
Tanto sangue derramado  
Dentro do meu coração.

Tive um canteiro de estrellas,  
De nuvens tive um rosal ;  
Roubel as tranças d'aurora,  
De perola fiz um ramal.

Papagaio verde louro,  
Pé de prata bico de ouro,  
Eu não vejo nesta terra  
Quem me dê cordão de ouro

Minha mãe bem que me disse  
Que eu não fosse á funcção,  
Qu'eu tinha o meu nariz torto,  
Serviria de mangação.

Comprei um vintem de ovos  
Para tirar geração ;  
O pinto morreu na casca,  
Não tenho fortuna, não.

Comadre, minha comadre  
Comadre bastant: ingrata,  
Venha catar-me piolhos,  
Que ha muito tempo não cata.

Tanta laranja madura,  
Tanto limão pelo chão,  
Tanta menina bonita,  
Tanto rapaz bestalhão.

Não conheço pae nem mãe,  
Nem nesta terra parentes,  
Sou filha das pobres hervas,  
Neta das aguas correntes. (1)

Quando te deixe de amar  
E teu amor esquecer,  
O céo justiceiro faça  
Contra mim raios chover.

(1) Esta quadra é a primeira da « Canção da Engeitada », versão do Algarve, consignada por Th. Braga no seu « Cancioneiro Popular ».

No Rio Grande do Sul é assim conhecida:

« Eu não tenho pae nem mãe  
Nem nesta terra parentes,  
Sou filha das aguas claras,  
Neta das aguas correntes. »

Dizem que a fortuna é cegã  
E' mentira, ella vê bem ;  
Dá milhões a quem é bom,  
A quem é máu, nem viatem.

Ha muito tempo não vejo  
Essa Arminda encantadora,  
Porém vel-a não m'importa  
Depois que me foi traidora.

Senhor Deus fez a Maria  
Olhos de pedras redondas,  
Daquellas pedras mais finas  
Que do mar bombate as ondás.

Meu amor cahiu doente,  
Eu tambem adoeci ;  
Eu doente, ella doente,  
Cada um trâte de si.

Si tú queres que eu tã amã  
Sempre como tã amã,  
Bota fóra do sentido  
Certa gente que eu cá sei.

Si a perpetua cheirasse  
Era a rainha das flores ;  
Como a perpetua não cheira,  
Perpetua não tem amores.

Bemzinho, quando te fores  
Vem cá me dizer adeus:  
Quero mandar os meus olhos  
Em companhia dos teus.

Vai-tê, cartã, que te mando  
Ao pé daquelle jardim,  
Ajoelha e pede licença  
E dá vinte abraços por mim.

Si eu soubesse que na guerra  
Das desditas me livrava,  
Eu iria vêr si a morte  
Meus penares acabava.

Atirei um cravo branco  
Na corrente, e não andou,  
Deu uma volta, ficou firme,  
Assim firme por ti, sou.

Abre a bocca, como a rosa  
Aos orvalhos do verão,  
Dize ao menos, que me amas,  
E terás meu coração.

Garça branca, côr de neve,  
Plumosa como o arminho,  
Vôa, vôa, vem depressa  
Pousar aqui no meu ninho.

Teus labios roseos são doces,  
Como d'abelha o doce mel,  
Deixa que os beije em delirio,  
Não os convertas em fel.

As ondas, de amores correm,  
E vêm a terra oscular ;  
Sê tu a terra querida  
E deixa que eu seja o mar.

A rolinha canta alegre  
Os seus felizes amores,  
Só eu vivo triste, errante,  
Curtindo pungentes dôres.

Duas cousas me contentam  
E são da minha paixão ;  
Perna grossa cabelluda,  
Peito em pé no cabeção. (1)

---

(1) Esta quadra foi recolhida e publicada por Celso Magalhães, comolindíssima, e talvez a unica, das nossas cantigas, *que são obsce-*

Atirei um limão verde  
 Por detraz da sacristia,  
 Dou no ouro deu na prata,  
 Deu na moça que queria.

Monina da saia preta  
 Casaquinho da mesma côr,  
 Pedu a teu pae que te case,  
 Antes que te tomo amor.

Atirei um limãosinho  
 Na menina da janella,  
 Ella me chama de doudo,  
 Doudinho ando eu por olla.

Menina, diga a seu pae,  
 E elle diga a quem quizer,  
 Que elle ha de ser meu sogro,  
 E você minha mulher.

O cravo tambem se muda  
 Do jardim para o deserto,  
 De longe tambem se ama,  
 Como se ama de perto.

nas, — que possa ser publicada ! Não admira isso, porque referindo-se elle aos nossos usos e costumes, e particularmente á índole do nosso povo, diz o seguinte :

« Uma população activa, mas sinceramente interesseira, commercial, ambiciosa, rusguenta, provocadora e cheia de si. O terceiro estado, onde se estuda e pôde-se encontrar o elemento popular, é inteiramente chato e antipathico.

« O *matuto* é estúpido, mas, não muito brigador. O *capadocio* é intoleravel. Temos assistido a diversas festas de arraial, populares, a presapes, sambas, etc. Nunca nos aconteceu ser recebido franca e hospitaleiramente. Ha sempre desconfianças, meias palavras e olhares provocadores. No fim contam-se algumas bofetadas, pucham-se por vezes as navalhas e perfuram-se não raro os ventres dos assistentes...

« A briga de gallos é um divertimento favorito da população aos domingos. Isto é característico... »

Si o que o autor escreveu sobre outros logares, levado por suas proprias impressões, é assim, os seus estudos, não ha duvida, carecem de criterio e fidelidade...

Essas meninas d'agora  
Só querem é namorar,  
Botam panellas no fogo  
E não sabem temperar.

Duvidar de quem se adora,  
Não é de certo viver ;  
Vida assim tão desgraçada,  
E' peor do que morrer.

Mas si o penar  
Me coube em sorte,  
Para cumpril-a  
Desprezo a morte.

Si eu pudesse acompanhar-te,  
Quanto seria feliz...  
Por lembrar-me qu'ia vêr  
As terras do meu paiz !

Os astros em noite escura  
Brilham com mais fulgor ;  
Os olhos de minha amada  
Luzem mais, têm maior amor.

Um laço de fita verde  
Com tres dedos de largura,  
Nas ancas de uma mulata  
Mata qualquer creatura.

Abram-se as portas do céu  
Para eu ir vêr meu bemzinho,  
Que elle fugiu-me dos braços,  
Foi valer-se dos anjinhos.

Na carreira do tejú  
Correu dois camaleões,  
Correu o povo da villa  
Com medo das eleições.

Vi quebrar, quebrar, quebrar,  
Dentro da palha da canna  
O gato maracajá,  
A onça suçuarana.

Minha senhora dos ovos  
Ou me venda, ou me dê um,  
Que eu sou doente do peito  
Não posso estar em jejum.

Aguardente boa  
É' do *Pó do afo*; (1)  
Ahi mesmo bebo,  
Ahi mesmo caio.

Eu ouvi gemer o pombo  
E puz-me logo a chorar,  
Vendo um bicho sem juizo  
Querer bem, saber amar.

Si eu morrer e não salvar-me,  
Todos chorem minha sorte :  
—Infeliz durante a vida,  
Infeliz depois da morte.

Nossa Senhora me disse  
Que eu não amasse a ninguém,  
Amasse a seu bento filho,  
Que é homem que paga bem.

Minha prima Mariquinha,  
Meu amor, minha paixão,  
Serei teu p'ra toda a vida  
Quer teu pae queira, quer não.

Patativa alegre canta  
Na palminha do coqueiro,  
Eu não canto porque choro,  
O meu bem-querer primeiro.

---

(1) Cidade de Páu d'Alho, séde do importante municipio do mesmo nome.

Tu vais cruel, e eu fico  
Curtindo a dôr de perder-te,  
Sabendo que a nossa vida  
Dependia só do vêr-te.

Quem se fia neste mundo  
Na illusão anda fiado,  
Pois que sempre viverá  
De continuo afortunado.

O mais bem urdido trama  
Damnar pôde ao inventor,  
E a perfidia mil vezes  
Recai sobre seu autor.

Morreu Maria Rosa  
Eu não sei para onde iria ;  
Rezemos pela su'alma,  
*Padre nosso, Ave Maria.*

Quando a bocca diz que sim,  
A cabeça diz que não,  
Ora, quem me diz a mim  
O que sente o coração ?

Mulatinha, doce d'ovos,  
Não se come sem canella ;  
Não ha rapaz de bom gosto  
Que possa passar sem ella.

Menina, minha monina,  
Qu'ê do anel que te dei ?  
Meu anel de sete pedras  
Se perdeu e não achei.

Botei um cravo na terra  
Para Maria cheirar,  
Maria de proguiçosa  
Deixou o cravo seccar.

Alecrim da beira d'agua  
Dá o vento está pendendo,  
Amigas e camaradas  
Por detraz me estão vendendo.

Eu não quero mais amar,  
Nem achando quem me queira ;  
O primeiro amor que tive  
Botou-me sal na moleira.

Botei o pé no estribo,  
Meu cavallo estremeceu,  
Adeus povo desta terra  
Quem vai-se embora sou eu.

Vamos viver na campina  
Como vive a planta, a flor,  
Exercendo em paz suave  
A suave lei do amor.

Tu me viste e suspiraste !  
Eu te vi e suspirei !  
Qual de nós amou primeiro ?  
Nem tu sabes, nem eu sei.

Ai triste ! um anno de gosto  
Se nos figura um momento !  
E um só instante sem dita  
Um seculo de tormento. (4)

Você me chingou de feia,  
Me chingou de cousa má ;  
Agora quer agradinhos ?  
Acabou-se... já não ha.

---

(4) Esta quadrinha se encontra em uma traducção portugueza do *Gil Braz*.

Uma versão hespanhola diz :

Ai de mi ! um añ felice  
Parece un sopro lijero ;  
Pero sin dicha, un instante  
Es un siglo de tormento.

Você me chama de feia  
Eu não sou tão feia assim,  
Foi a velha lá de casa  
Que pegou seu feio em mim.

Já vem a lua sahindo  
Na ponta de um guardanapo:  
Quem tem seu amor de longe,  
De perto toma tabaco.

Quando fores a Pernambuco  
Procura brigue ou patacho,  
Que é bom para viagem  
Das *burundangas* de baixo.

Nos braços da minha amada  
Eu comi uma cocada ;  
Custou-me só um vintem,  
Por isso me soube bem.

O porco ha de ser porco  
Inda que o rei dos bichos  
Por seus bellos caprichos  
O queira fazer cortezão.

Não ha funcção,  
Ou brincadeira,  
Que não acabe  
Por bebedeira.

O calangro atraz da cobra,  
Da cobra jararaquinha,  
Não mordas, cobra verde,  
No entrar da camarinha.

Eu te mandei uma carta  
E dentro della um A—B—C ;  
São gracinhas que eu não gosto  
Que outro faça com você.

Inda a fria sepultura  
Meus ossos não escondeu ;  
Inda vive o teu Junino,  
Inda vivo, inda sou teu.

Dos desgraçados do mundo  
O mais infeliz sou eu,  
Porque não pude lograr  
Um bem que a sorte me deu.

Quem quizer brincar commigo  
Venha para o meio da areia ;  
Si for homem levo a bala,  
Si for mulher levo a peia.

Passarinho que cantais  
No olho da bananeira,  
Passarinho, quando te fores  
Dá lembrança a minha gente,  
E minha mãe seja a primeira.

Cupido rei dos amantes,  
Monarcha muito atrevido,  
Cupido tu foste a causa  
Do meu peito andar ferido.

Um grilhão duro e pesado  
Eu vi nas mãos do Cupido ;  
Coitado daquelle amante.  
Que no grilhão for mettido (1)

Agulhas são ciumes,  
Alfinetes são vaidades,  
Arrengo do amor  
Debaixo da falsidade.

---

(1) Esta quadra é antiga, porquanto foi glosada pelo nosso poeta Luiz Francisco do Carvalho Couto, que falleceu em 1808.

Atirei com o limão n'agua,  
 E de maduro foi ao fundo ;  
 Triste da moça solteira  
 Que cai na bocca do mundo. (1)

Nunca vi carrapateira  
 Botar cacho na raiz,  
 Nunca vi moça solteira  
 Ter palavra no que diz.

Bugary que tanto cheiras  
 Na cabeça do meu bem,  
 Bugary eu desconfiō  
 Que foste dado por alguem.

Quando eu vim de lá de cima  
 Encontrei papae Adão,  
 Montado n'uma perna,  
 Vaquejando um gavião.

Si você não me queria  
 Para que me acarinhou ?  
 Para depois me deixar  
 Sem carinho e sem amor ?

Meu amor está mal commigo  
 Pelo beijo que lhe dei ;  
 Si eu pedisse, não me dava,  
 E por isso eu o furtoī.

Eu fui lá não sei aonde,  
 Visitar não sei a quem,  
 Sahi assim não sei como,  
 Morrendo não sei por quem.

---

(1) Variante local :

A laranja de madura  
 Caiu n'agua foi ao fundo ;  
 Triste da moça solteira  
 Que cahi na bocca do mundo.

Si eu brigar com meus amores,  
Não se intrometta ninguém,  
Que passados os arrufos,  
Ou eu vou ou ella vem.

Cravo roxo no meu peito  
Logo me cai a semente,  
E' melhor morrer de um tiro  
Que viver de ti ausente.

O Recife era de palha,  
Não havia Jaboaão,  
Nesse tempo havia muito  
Sertanojo no sertão.

Coração vai visitar  
O mimo da formosura ;  
Pergunta, quero saber,  
Si nosso amor inda dura.

Quem fôr ferido de amor  
A mim se venha queixar,  
Qu'eu tambem como ferido  
Algum remedio hei de dar.

Minha formosa menina,  
Assentemos, conversemos :  
E si houver bocca que falle,  
Somos solteiros, casemos.

A bonina é disfarçada,  
Quem me déra ser assim ;  
E' bem asneira morrer  
Por quem não morre por mim.

Debaixo do lirio verde  
Ajustei meu casamento ;  
Não pensei que lirio verde  
Tivesse merecimento.

Logo mando quatro cravos  
 Todos quatro por abrir ;  
 Os meus braços estão abertos  
 Sempre que tu queiras vir.

Amor, dou-te quatro figas  
 Não se me dá de as perder ,  
 Livre estou do teus enganar,  
 Do teu falso bemquerer.

Cantemos, meu bom, cantemos,  
 E cantemos bem juntinhos ;  
 Os anjos cantam nos céus,  
 Nós também somos anjinhos.

Si com lagrimas pudera  
 Tua ausoncia impedir  
 Estaria sempre a chorar  
 Para não te vêr partir.

Doce mentira  
 Sabe agradar,  
 Um desengano  
 Pode matar. (1)

Vaguêta, ó meu pensamento,  
 Por esse espaço d'além,  
 Que o somno do esquecimento  
 Debalde o busco, não vem.

Ao sacrario da innocencia,  
 Onde ella procura abrigo,  
 Leva-me, ó meu pensamento.  
 Leva-me preso contigo.

---

(1) Esta quadra figura na — *Silva de quadrinhas colligidas no Rio Grande do Sul*, por Carlos de Koseritz : — porém é muito conhecida em Pernambuco, e encontram-na citada, como proverbial entre nós, em um artigo do periódico do Recife *O Sete de Setembro*, n. 3, de 1845.

Um pae não pode privar  
A filha de querer bem ;  
Si as leis dos paes são sagradas,  
As do amor mais força tem.

Quero bem a gente gorda  
Que o meu amor é gordinho ;  
Porque me serve de encosto  
Aos ossos do meu corpinho.

Quando vires mulher magra  
Não tens mais que perguntar :  
Si é casada, é ciumenta,  
Si é solteira, quer casar.

Cresce a lua, cresce o mar,  
Cresco a planta, cresço a flor,  
Só não cresço de minh'alma  
A raiz do meu amor.

Fresca brisa que soprais,  
Em manhã de roseo dia,  
Bafejai meu coração,  
De tristeza em demasia.

Si o amor remir pudesse  
Peccadinhos deste mundo,  
Eu em vida estava santo  
Porque amo sem segundo.

Abre a flor pela manhã  
Derramando os seus odores ;  
Só eu não acho quem abra  
As portas dos meus amores.

O inferno não me aterra,  
Nem a morte me apavora ;  
Meu coração só se rende  
Aos pés daquella que adora.

Barquinha de velas soltas,  
 Que correis por esses mares,  
 Vem depressa, prôa á terra,  
 Livrar-me dos meus penares.

Quando o gallo alegre canta  
 Saudando o raiar d'aurora,  
 Toda a natura sorri,  
 Só minh'alma triste chora.

Serena estrella  
 Que no céu não brilha,  
 Gastei meu cobre  
 E levei forquilha (1)

Na estrada que tu moras  
 Todo dia passo nella,  
 Sómente para te vêr  
 Sentadinha na janella.

Queridinha de minh'alma,  
 Tem pena dos teus pésinhos,  
 Não andes assim descalça,  
 Tem pena dos pobresinhos.

Abre as azas, vôa, vôa,  
 Vem pousar juntinho a mim  
 Para vivermos bem unidos  
 Gozando de um amor sem fim.

---

(1) Esta quadrinha, muito popular entre nós, vem de 1877, da derrota de certo politico nas eleições procedidas naquello anno para deputados á Assemblêa Geral Legislativa, sobre o que estampon o periodico humoristico *America Illustrada*, em sua edição de 10 de março, uma caricatura representando o alludido politico, cantando e tocando violão, tendo em baixo escripta a quadrinha em questão. E' d'ahi que vem diz r-se, para exprimir o desapontamento por uma contrariedade qualquer — *Fiquei cantando serena estrella*.

Si eu pudesse abrir, mostrar-te  
Os segredos de meu peito,  
Tu verias quanto soffro  
Mou amor por teu respeito.

Quem me dera livro ser  
Como os peixinhos do mar,  
Que descuidados de amores,  
Correm, brincam, sem cessar.

No dia em quo eu nasci  
Nasceu um pé do oiticeia ;  
Eu cresci, e olla cresco,  
Eu iroi, e olla fica.

Tenho um lindo papagaio  
Que ensinei a falar ;  
Fala tudo, e diz que sabo,  
— Querer bem, tambem amar.

Nos sertões aonde moro  
Tenho terras, tenho gado,  
E o que tenho será teu,  
Si isto fôr do tou agrado.

Vou deixar do campo a vida  
Para agora ser mineiro,  
P'ra enriquecer e ganhar  
Cabedaes, muito dinheiro.

Corre o rio entre as pedrinhas  
Saltitando de alegria,  
Eu não corro, e ou sou triste,  
Sem sacego noite o dia.

O' lua, dá-me o teu brilho,  
Bella rosa, as tuas cores,  
Primavera, as tuas galas,  
Para enfeitar meus amores.

Si a fortuna me sorrisse  
 Com seus dons e seus favores,  
 Eu te faria rainha,  
 E te c'roava de flores.

Mas si isto não me é dado  
 Porque assim quiz a sorte,  
 Contentes vivamos juntos,  
 Juntinhos até á morte.

Vamos á linda egrojinha  
 Nosso amor santificar,  
 E depois cantar as bodas,  
 Felizes em nosso lar.

Cantemos, meu bem, cantemos,  
 As nossas bodas de amor,  
 Que esta vida breve corre,  
 Como a vida de uma flor.

E's nas trevas deste mundo  
 O fanal da minha vida ;  
 Si a tua luz se apagar...  
 Adeus amor, adeus querida.

Si o amor não fosse cego  
 Eu seria bem feliz,  
 Porque tu, lendo em meu peito,  
 Verias tudo que elle diz.

Sou soldado, assentei praça,  
 No batalhão do amor,  
 Inda não jurei bandeira  
 Já me chamam desertor <sup>(1)</sup>

---

(1) Variante do Rio Grande do Sul:

Fui soldado, sentei praça  
 No regimento do amor;  
 Como sentei por meu gosto  
 Não posso ser desertor.

Quem pintou o amor cego  
 Não n'ò soube bem pintar ;  
 O amor nasco da vista  
 Quem não vê não pôde amar .

Das mulheres não te fies,  
 Fogo da sua impostura ;  
 Si uma te sai verdadeira  
 A outra é falsa e perjura .

Vai-se um anno e vem outro.  
 Pensas tu que desespero ?  
 Ama a quem fôr do teu gosto,  
 Que amor de dois eu não quero .

Coração que a dois ama,  
 Que firmeza pode ter ?  
 Já te dei o desengano  
 Não pretendo mais te ver .

Vou-me embora, vou-me embora,  
 O que me dão para levar ?  
 Um pente grosso e um pente fino  
 P'ra você se pentear .

Você diz que bala mata,  
 Bala não mata a ninguem .  
 A bala que mais me mata  
 São os olhos de meu bem .

---

Esta quadra, bem como a da nossa versão pernambucana, não ha duvida, que foram inspiradas pela primeira da modinha — «Soldado de amor», — do poeta brasileiro Domingos de Caldas Barbosa (seculo XVIII), assim concebida:

Sou soldado, sentei praça  
 Na gentil tropa de amor,  
 Jurei as suas bandeiras,  
 Nunca serei desertor .

A lagôa já seccou  
 Onde os pombos vão beber ;  
 Triste cousa é de quem ama  
 A quem não sabe agradecer.

Você diz quo me quer bem,  
 Nossa Senhora lhe pague ;  
 Mas si o bem é de interesse,  
 Commigo é cançar de balde.

Cazuzinha, Cazuzinha,  
 Fita verde no chapéo,  
 As meninas estão dizendo  
 — Cazuzinha vem do céo.

Cazuzinha, estais de luto ?  
 Dizei-me quem vos morreu ;  
 Si foi por causa de amores,  
 Cazuzinha, aqui o tou eu.

Eu bem posso querer bem,  
 Sem mostrar do peito a chamma:  
 Fingindo que quero mal,  
 Olhando como quem ama <sup>(1)</sup>

Sou meiga por natureza,  
 Sensivel por condição,  
 Sei amar eternamente  
 A quem dei meu coração.

Amar a duas pessoas  
 Não pôdo um só coração ;  
 Formou Deus uma só Eva,  
 Por formar um só Adão.

---

(1) Esta quadra é do século XVIII, e della existe uma glosa do poeta pernambucano — o padre Antonio Gomes Pacheco, fallecido em 1797. V. a sua biographia por A. J. de Mello.

Meu anel do seto pedras  
Não sejas tão agastado ;  
Brincarei com todo mundo,  
Teu cantinho está guardado.

Meu balaio de costura  
Tem um segredo no fundo ;  
Queira me bem, que desprezo  
Querer-me mal todo mundo.

Com uma chave que tenho  
Abre-me este coração ;  
Dentro d'elle encontrarás  
Muitas queixas com razão.

Você diz que não me quer  
Porque não tenho fazenda ;  
Mas seu pae não era rico  
P'ra deixar-lhe alguma renda.

Eu vi a gallinha morta  
N'agua, no fogo fervendo ;  
A gallinha foi p'ra outro,  
Eu fiquei chorando e vendo.

Eu bem conheço o alecrim  
Pelo cherinho que tem ;  
Si de ti tenho ciumes  
E' porque te quero bem.

Minha flor de Jericó  
Vai-te deitar e dormir ;  
Pois não posso ver penar  
A quem hei de possuir.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Como se foi a baleia,  
Triste cousa neste mundo  
E' viver em terra alhoia.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Como se foi a baleia,  
Tendo pena de deixar  
Maricas em terra alheia.

Vou-me embora, vou-me embora  
Segunda feira que vem,  
Hoje ninguem me conhece,  
Nem eu conheço a ninguem.

Vou-me embora, vou-me embora  
Segunda-feira que vom,  
Quem não me conhece chora,  
Quanto mais quem me quer bem.

Vou-me embora, vou-me embora,  
O que me dão para levar ?  
Levo penas e saudades  
E lagrimas para chorar.

Vou-me embora desta terra?  
E' mentira, não vou não:  
Quem vai lá é o corpo só,  
Mas não vai o coração.

O tocador da viola  
Chama-se Feliciano ;  
O' que bello mulatinho  
Para dançar o bahiano.

Ao tocador da viola,  
Meninas lhe queiram bem,  
Que elle não é desta terra,  
Não conhece aqui ninguem.

Voa, voa, passarinho,  
Em busca de um coração ;  
As azinhas, pelo ar,  
O biquinho pelo chão.

Juramento tinha feito,  
 Não pretendo mais quobrar ;  
 Emquanto Deus me dor vida  
 A outra não hei de amar.

Cajueiro pequenino,  
 Carregadinho de flores,  
 Eu tambem sou pequenino  
 Carregadinho de amores.

Um suspiro de repente,  
 Um certo mudar de côr,  
 São infalliveis signaos  
 De quem soffre mal de amor.

Os olhos da minha amada  
 São do mais fino brilhante,  
 São anzões que pescam gente,  
 São iscas p'ra seu amanto.

Uma esperança algum dia,  
 Consoladora, nos diz,  
 Qu'entre os dias desgraçados  
 Lá vem um dia feliz.

Queridinha, junto a mim,  
 Põe sob teu peito a mão,  
 Verás bater dentro d'elle  
 Junto ao teu, meu coração.

Sobrancelhas como as vossas  
 E' impossivel havel-as ;  
 São laços de fita preta  
 Prendendo duas estrellas. (1)

---

(1) Th. Braga assim consigna esta bellissima quadra no seu *cancioneiro Popular* :

Sobrancelhas como as vossas  
 E' impossivel havel-as ;  
 São laços de fita preta  
 Com que se prendem estrellas.

O' meu amor, quem me dora,  
 Quem me dera sempre dar-te,  
 Beijinhos até morrer,  
 Abraços até matar-te.

Você diz que me quer bem,  
 Eu tambem quero a você ;  
 Onde ha fumo, ha fumaça,  
 Quem quer bem logo se vê.

Alecrim da beira d'agua,  
 Dá o vento está pendendo ;  
 Amigos e camaradas  
 Por detraz estão vendendo.

O anel que tu me deste  
 Já correu seto cidades,  
 O amor que tu me tinhas  
 Era tudo falsidade.

O anel que tu me deste  
 Era de vidro, quebrou-se ;  
 O amor que tu me tinhas  
 Era bem pouco, acabou-se.

Rua abaixo, rua acima  
 Sempre de chapéo na mão,  
 Namorando as casadas,  
 Que as solteiras minhas são.

Já te quiz, não quero mais,  
 Já te dei o desengano,  
 Deus permitta que tu morras  
 No sereno cochilando.

---

Será de origem portugueza? Não sabemos. Em todo o caso, a nossa versão, que é a mesma do Pará, conclue com uma imagem bellissima, e mais poetica e racional, que a da versão portugueza.

Vós de lá e eu de cá,  
Passa um riacho no meio:  
Vós de lá dais um suspiro,  
Eu de cá suspiro e meio.

Um craveiro na janella  
Certamente é p'ra vender ;  
Quem tem seu amor defronte  
Nunca se farta de o vêr.

Plantei um pé do roseira,  
Nasceu um de maravilha ;  
Estou falando com a mãe,  
Mas com o sentido na filha.

Sinh' Anninha bebe fumo  
No seu cachimbo de prata,  
Cada fumaça que bota  
E' um suspiro que me mata.

Amanhã é dia santo,  
Dia de Corpo de Deus,  
Quem tem roupa vai á missa,  
Quem não tem faz como eu.

Quem me ouvir está chorando  
Não se ria tenha dó,  
Que o trabalho deste mundo  
Não se fez para mim só.

Esta noite á meia noite  
Ouvi cantar, ouvi chorar ;  
Eram dous corações firmes  
Com pena de se apartar.

O cantar á meia noite  
E' um cantar excellente,  
Acorda quem está dormindo  
Alegra quem está doente.

Neste monte solitario,  
Onde a desgraça me tem,  
Falo, ninguém me responde,  
Olho, não vejo ninguém. (1)

Eu não vou a sua casa  
P'ra não me encher de canceira;  
Pois seu pae é homem velho  
E sua mãe é faladeira.

Valha-me a Virgem Maria,  
Senhora da Conceição,  
Quem casa com mulher velha,  
Toda vida tem paixão.

Nem tudo quanto se vê,  
Nem tudo quanto se sente,  
Nem tudo quanto se quer,  
Se deve fazer patente.

Careço de ti meu anjo,  
Careço do teu amor,  
Como da gotta do orvalho  
Carece no prado a flor.

Uma cousa me admira,  
Outra me faz confusão;  
É' ver o vapor correr  
Sem unha, sem pé, sem mão.

Aguardente é *giribila*,  
Filha de canna torta;  
Bate commigo na cama,  
Bato com ella na grotta.

---

(1) Esta quadra é do poeta portuguez João Xavier de Mattos. Século XVIII.

Aguardente é moça branca,  
Filha de um lavrador ;  
Você bebe porque gosta,  
Eu bebo por minha dor.

Aguardente é moça branca  
Filha de um homem trigueiro ;  
Quem se fia na aguardente  
Não póde ajuntar dinheiro.

Muito lindo é o céo,  
P'ra onde Deus nos creou,  
Sem primeiro padecer  
Nunca ninguem o gozou.

Mångiricão de Lisbóa  
Tem a folha verde-escura ;  
Nos braços de uma mulata  
Tenho a minha sepultura.

Por detraz da minha casa  
Tem um grande limoeiro,  
Si quizer fallar commigo,  
Peça liconça primeiro.

As mulatas da Casa Forte  
Estão se vendo em uma lida,  
Sem azeite para a candeia,  
Sem algodão para a torcida,

Eu não vou na sua casa  
Porque tem muita ladeira,  
E seu pae é homem pobre,  
E sua mãe é faladeira.

Menina seu pae é pobre,  
E sua mãe carrega lenha,  
Menina, case commigo  
Que eu sou moço gamenha.

Tens uns labios de carmim  
 Onde brincam cupidinhos,  
 Bellos dentes do marfim,  
 De criança dous pésinhos.

O typo da innocencia  
 Nas faces tem duas rosas,  
 Tão esbelta, tão gentil,  
 Tom mãosinhas tão mimosas...

Ella por quem suspiro,  
 Elle me abandonará?  
 Si isto ha de succeder,  
 Antes... antes morrer já.

Bella Maria, os teus encantos  
 Têm-me preso o coração;  
 E já não posso viver  
 Fóra da tua affeição.

Falar-te a cada momento  
 Tudo que sinto dizer,  
 Seria p'ra meu amor  
 Um ineffavel prazer.

Quando te fôres embora  
 Me escrevas do caminho,  
 Si não tiveres papel,  
 Nas azas de um passarinho.

Da bocca fazei tinteiro,  
 Da lingua penna aparada,  
 Dos dentes letra miuda,  
 Dos olhos carta fechada. (1)

---

(1) Esta quadra é vulgarissima, não só em Pernambuco como em outros Estados. Em Portugal, encontra-se esta variante, consignada no *Cancioneiro Popular* :

Tendes cara de papel,  
 Nariz de penna aparada,  
 Olhos de letra miuda,  
 Bocca de carta fechada.

Quando a mulher quer negar  
Que offendeu o seu amor,  
Ajunta dedo com dedo,  
Jura por Nosso Senhor.

Quem vier a Pernambuco,  
Traga contas p'ra rezar,  
Pernambuco é purgatorio  
Onde as almas vêm penar.

Minha amante vai partir  
Ai! meu Deus consolação!  
Para um tristo coração,  
Que já deixou de existir.

Vai, ó lindo passarinho,  
Ligeiro fendendo os ares,  
Vêr aquella a quem adoro  
E contar-lhes os meus pezares.

Quem da fortuna  
Goza os favores,  
Não se accommoda  
Com os seus rigores.

Feliz quem ama na terra  
Inda que seja uma flor,  
Feliz quem goza na vida  
Doces momentos de amor.

Si em troca do teu affecto  
Exigir o affecto meu,  
Já não tens razão de queixa  
O meu coração é teu.

O tempo mostra  
Tudo, tim-tim:  
Tu o verás  
Si não é assim.

Quando eu casar ponho em casa  
Tranqueira e chave de broca,  
As mulheres são brogeiras,  
Cobra pequena é minhoca.

Triste de quem ama occulto,  
Dobradas penas padece,  
Passando por seu amor,  
Fazendo que não conhece.

Para te amar não preciso  
Vêr todo o dia o teu rosto ;  
Basta que tenha na idéa  
Lembranças que me dão gosto.

Menina da saia branca  
Sapateia no tijolo,  
A barra do teu vestido  
E' prata, parece ouro.

Distante de um bem que adora  
Prazer minh'alma não tem :  
Reflecto a cada momento :  
Muito soffre quem quer bem.

Atirei um limãosinho  
Lá no barco do Belém ;  
Deu no barco, deu na vela,  
Deu no peito de meu bem.

Eu comparo a minha vida  
Com a vida do passarinho,  
Todo cheinho de pennas,  
Sempre alegre, coitadinho.

Roseira, dá-me uma rosa,  
Craveiro, dá-me um botão,  
Que em troca do teu affecto  
Dar-te-hei meu coração. (V. nota á pag. em face)

Com pena peguei na penna  
 Com pena p'ra te escrever  
 A penna cahiu da mão  
 Com pena de te não vêr. (1)

NOTA. Variante de S. Paulo :

Pinheiro, dá-me uma pinha,  
 Roseira, dá-me um botão ;  
 Morena, dá-me um abraço,  
 Que te dou meu coração.

Variante portugueza, da qual, talvez se originem as duas quadrinhas brasileiras :

O' figueira, dá-me um figo,  
 O' figo, dá-me um abraço,  
 O' menina, dê-me um beijo,  
 Que eu lhe darei um abraço.

(1) Esta quadra é popularíssima entre nós, bem como em outros Estados, e particularmente no Rio Grande do Sul, em uma ligeira variante, recolhida por C. de Koseritz.

Ignoramos a sua origem. Entretanto encontramos-a do seguinte modo em um artigo publicado no periodico do Recife, *O Guarda Nacional*, em o n. 9 de 1818, chasqueando o presidente da provincia Herculano Ferreira Penna :

Com pena peguei na penna  
 Com pena de te escrever,  
 Com pena cahiu-me a penna  
 Com pena de te não ver.

Tem tambem voga em Portugal, como se vê das seguintes variantes consignadas por Th. Braga no seu «Cancioneiro Popular»:

Com penna escrevo penas ;  
 Com penas soletro dôres ;  
 Com que penas não escrevo  
 Uma carta aos meus amores ?

Com pena p'go na pen na  
 Com pena quero escrever;  
 Cahiu-me a penna no chão  
 Com pena de te não vêr.

Menina, quando te vejo  
Fico tolo, e fico mudo:  
Tenho febres e tremores,  
Tenho sezões, tenho tudo.

O furto é cousa boa  
Para bem poder viver,  
O que não sabe furtar  
Nunca pôde enriquecer.

Você diz que me quer bem ;  
Mente, não deite tal fama:  
Pois quem ama não offende,  
Você, que offende, não ama.

Lá vem a vacca,  
Lá vem o boi,  
Lá vem o padre  
Casar nós dois.

Não tenho medo do homem  
Nem do ronco que elle tem ;  
O bezouro tambem ronca,  
Vai-se vêr, não é ninguem.

Quiabos e maxixes  
Não se dão de graça,  
Só não pede a quebra  
Quem mora na cidade.

Abri-me a porta, menina,  
Para eu entrar devagar,  
Que o amor que entra com furia  
Cedo ha de se apagar.

Quem muito alto quer subir  
Sem ter azas p'ra voar, .  
As nuvens já se estão rindo  
Da queda que elle ha de dar.

Quem não teve nascimento  
Nem sangue nem criação,  
Ainda que queira, não pôdo  
Fazer uma boa acção.

Menina, levanta a saia,  
Para a saia não sujar,  
Que a saia custou dinheiro,  
E dinheiro custa a ganhar.

Cravo branco quando nasce  
Parceo a c'róa de rei,  
Só comparo o cravo branco  
Com uma pessoa que eu sei.

O rouxinol quando canta  
Estremece a lingua no bico ;  
Adeus, Marocas, adeus,  
Que tu te vais, e eu fico.

Vou-me embora, vou-me embora,  
Como se vai a piranha,  
Tenho pena de deixar  
Maricas em terra extranha.

Você diz que me quer bem,  
Que me ama no seu peito,  
Quem quer bem não faz assim  
Quem ama tem outro goito.

Quando te vi logo disse:  
— Bella prenda p'ra se amar ;  
Deus permitta que tu sejas  
Firme, constante e leal.

A cantiga que se canta  
Não se torna a recantar ;  
O amor que se despreza  
Não se torna a procurar.

Chove, chove miudinho  
Na cópa do meu chapéo,  
Quando estou com meu bəmzinho  
Sempre cuido estar no céo (1) •

A igreja tom quatro cantos,  
No meio tem um cruceiro :  
Menina, fóra brioso,  
Tirar-mo do captiveiro.

Candieiro do dois bicos  
Alumia dois salões :  
A menina na cozinha  
E na sala o capitão.

Atirei um lonço branco  
Por cima do Jatobá  
Só não casarei contigó,  
Si a morte me malá.

Quem não bota agua no cravo  
Como quer quo o cravo pegue?  
Não me dando as esperanças  
Como quer que eu viva alegre?

A folha do alho vira,  
Só eu não posso virar;  
Quem toma amores commigo  
Vai ao céo, torna a voltar.

Minha folhinha de coentro  
Assentemo-nos, conversemos ;  
Si tiver rependimento,  
Somos solteiros, casemos.

---

(1) Esta quadra, e as que se seguem até a sexta, são originarias de Jatobá de Tacaratú.

Atirei um limão verde  
Lá na torre de Belem ;  
Deu no cravo, deu na rosa,  
Deu no peito de meu bem.

Caranguojo é doutor,  
O siri é capitão,  
Aratú por ser pequeno  
Inspector de quarteirão.

Caranguojo quando anda  
Arrasta a pata pelo chão ;  
Meu bemzinho vai-se embora  
Deixa a dor no coração.

Não ha mulata bonita  
Que não seja cozinheira,  
Que já tem os beiços grossos  
De lambor a frigidreira.

Papagaio, periquito,  
Saracura, sabiá,  
Todos cantam, todos bebem  
A' saúde de Yayá.

A viola está dizendo  
Que a prima está com dor ;  
E' mentira da viola,  
Mentira do tocador.

Minha burra come milho,  
Come palha de arroz,  
Arrenego desta burra  
Que não carrega nós dous.

O inverno é cousa boa  
Que faz crescer os pepinos,  
Quem casa no tempo frio  
Tem de certo mais meninos.

Quando eu sinto em tempo frio  
O beijo me resfriar,  
Nos pés das moças bonitas  
Dou beijos p'ra me aquentar. .

Eu conheço uma menina  
Que é morena requêbrada,  
Que quando revira os olhos  
Põe minh'alma espedaçada.

Quem esses teus olhos goza  
Não inveja nada mais,  
Só nelles quiz pôr amor  
Toda gloria dos mortaes.

O meu amor e o teu  
Eu pesei numa balança.  
O meu pesou sempre justo  
Mas no teu, achei mudança.

Quando eu vim da minha terra  
Muita gente me chorou,  
E a damnada de uma velha  
Muita praga me rogou. (1)

Quem matou meu passarinho  
E' judeu, não é christão,  
Meu passarinho tão manso  
Que comia em minha mão,

Em cima daquelle oiteiro  
Passa boi, passa boiada,  
Tambem passa mulatinha  
De cabello cachiado.

---

(1) Variante do Rio Grande do Sul:

Quando eu vim de minha terra,  
Muita menina chorou,  
Só a ladra de uma velha  
Muita praga me rogou.

As meninas de Afogados  
Não vestem sinão filó,  
Por cima tanta farofa  
Por baixo mulambo só.

Seu Manoel é um homem  
Que ninguém póde entender :  
Elle cozido não come,  
Assado não quer comer.

O verde diz que é esperança,  
Esperança tenho em Deus ;  
Inda pretendo passar  
Meus braços por entre os teus.

O azul diz que é ciúme  
Vós de mim não o tenhais ;  
Eu vos amo com firmeza,  
Vos amo cada vez mais.

O verde diz que é esperança  
Que se dá a quem quer bem ;  
O tempo não é chegado,  
Não desesperes, meu bem.

O branco diz que é paz  
E a paz é cousa boa:  
Peço a Deus que não me mate,  
Sem logar tua pessoa.

As cantigas que eu sabia  
De todas me hei esquecido.  
A que meu bem me ensinou  
Nunca me sai do sentido.

Quem quer bem dorme na rua  
Na porta do seu amor :  
Do sereno faz a cama,  
Das estrellas, cobertor.

Querer bem vai de fortuna  
 Fortuna de quem a tem ;  
 Como não tenho fortuna  
 Não quero bem a ninguém.

Menina da saia branca,  
 Da janelliuha do meio,  
 Dai-me uma gotta d'agua  
 Das bottachiuhas do seio.

Lá vem a lua sahindo  
 Por detraz da pimenteira,  
 Já me dóe o céu da bocca  
 De beijar moça solteira.

Meu coração tem ciume,  
 Ciumes de ti meu bem,  
 Pois quem ama sem ciumes  
 E' porque amor não tem.

Já quiz bom a uma menina  
 E mais do que ella a mim,  
 Foi-se embora me deixou,  
 Eu fiquei, mas não morri.

Menina da saia verde,  
 De verde côr de esperança,  
 Teus desdons não me amofinam,  
 Quem espera sempre alcança.

Eu gosto de Ouricury,  
 Triumpho e Villa de Flores,  
 Porém desta gosto mais,  
 Pois lá tenho meus amores.

A um succede outro dia,  
 A uma outra estação,  
 Só para mim se não muda  
 Do meu mal a condição. (1)

---

(1) Esta quadra e a immediata foram glosadas em decimas pelo  
 nosso poeta J. da Nat'vidade Saldanha — (1796-1825).

Sou dos que não querem vida,  
Sou dos mais exasperados,  
Valei-me instantes da morte  
Instantes afortunados !...

Si fores ao mar pescar  
E a fortuna te não deixe,  
Faze-te besta, bem besta,  
Quanto mais besta mais peixe.

O menino Antoninho  
Do tamanho de um pinço,  
Por amor da falsidade  
Nunca ha de ganhar o céu.

O riacho do Natuba  
E' estreito e corre bem,  
No meio faz um remanso  
Onde se lava meu bem.

Estendi meu lenço branco  
Nas flores do muçambé ;  
Dê daqui dê dacolá,  
Eu mo caso com você.

Eu tenho um desejo  
Que vou te dizer :  
Si um beijo mata,  
Eu quero morrer.

Eu gosto da rosa branca  
Pelo cheiro que ella tem ;  
Quem tem amor tem ciumes,  
Quem tem ciumes quer bem.

Trabalhei mas não venci,  
Outro sem nada venceu ;  
Foi da sorte protegido  
Foi mais feliz do que eu.

Querer bem não é peccado,  
Deixar de amar é penoso,  
O que é bom custa caro,  
O que é caro é gostoso.

Eu plantei um pé de couve  
E nasceu um de quiabo,  
As moças são para os moços,  
E as velhas para o diabo.

Quando o gato engoita côco  
E as moças casamento,  
Ou o côco tem pimenta,  
Ou a moça impedimento. (1)

Uma velha muito velha,  
Mais velha que meu chapéo,  
Ouviu falar em casamento,  
E levantou as mãos p'ra o céu.

Amarello de Goyanna,  
Que casou segunda-feira,  
O dote que lhe deram  
Foi um pão de macacheira.

Luiza, canastra velha,  
Cesto, samburá sem fundo,  
Eu procuro, mas não posso  
Tapar a bocca do mundo.

Nem tudo que ronca é porco,  
Nem tudo que berra é bóde,  
Nem tudo que luz é ouro,  
Nem em tudo crer se pôde.

---

(1) Esta quadra é antiga e encontramol-a já citada como proverbial em Pernambuco, em um artigo publicado no periódico do Recife — « O Capibaribe » — em o n. 48, de 12 de setembro de 1848.

Macaco é senhor de engenho  
 E guariba o lavrador,  
 O rato é quem bate o mel  
 E o morcego é purgador.

Eu vi uma lagartixa  
 Lá na banda do açude,  
 Com um copinho de aguardente  
 Fazendo muita saúde.

O calangro mais a cobra  
 Fizeram sociedade;  
 O calangro no Recife,  
 E a cobra na cidade. (1)

Tatú peba de capote  
 Com seu chapéu avoador,  
 Inda mette mais pavor  
 Do que mesmo boi de lote.

Abaixe de lá, Maria  
 Abaixé de cá, João,  
 Safa, safa, como pesa,  
 Isto não é caixa, é caixão.

O rico na sua cama,  
 O pobre no seu girão,  
 O rico com seu café,  
 O pobre com seu mingão.

Exprimenta agora ingrata,  
 Quanto dóe ciumes ter!  
 Bebe também do veneno.  
 Que me fizeste beber. (2)

---

(1) Olinda, a velha capital, como era geralmente chamada, no tempo que o Recife era uma simples villa, o que alias perdurou ainda depois, e por muito tempo.

(2) Esta quadra, bem como as duas seguintes são do poeta pernambucano Luiz Francisco de Carvalho Couto.

Você diz que eu sou a causa  
 Da sua grande affição?  
 Que por meu respeito sente  
 Palpitar seu coração?

Vai, ingrata, vai, perjura,  
 Viver longe dos humanos,  
 Que eu estou muito cansado  
 De soffrer os teus enganos.

Dormindo estava sonhando  
 Que me morrias, meu bem,  
 Acordei pedindo a Deus  
 Que me matasse também.

Quando solto os meus suspiros,  
 Turba os ares, treme o chão;  
 Parece que a natureza  
 Tem dó do meu coração.

Que lindo botão de rosa,  
 Aquella roscira tem!  
 A'cima ninguém lhe chega,  
 A' baixo não vai ninguém. (1)

Si amor dura além da morte,  
 Constancia eterna hei de ter;  
 Si amor dura só na vida,  
 Hoi de amar-te até morrer.

Quem me ouvir estar cantando,  
 Pensará que estou alegre;  
 Meu coração está tão preto  
 Como tinta que se escreve.

---

(1) Esta quadra remonta-se a meados do século XVIII, porquanto foi glosada pelo nosso poeta o padre Manoel de Souza Magalhães, que floresceu naquelle época. Conhecemos também uma outra glosa feita

Entra o sol pela vidraça  
 E passa sem tocar nella ;  
 Assim foi a Virgem pura,  
 Que pariu, ficou donzella.

Mangiricão miudinho  
 Na beira d'agua se torce,  
 Como tu tens de ser minha  
 Vou logo tomando posse.

Eu passei por um craveiro  
 Tirei um cravo com a unha,  
 Quem toma o amor dos outros  
 Não tem vergonha nenhuma.

O calado é vencedor  
 Para quem juizo tem ;  
 Quem deseja ser vingado  
 Não roga praga a ninguém.

Passei pela tua porta,  
 Puz a mão na fechadura,  
 Eu falei, tu não falaste  
 Coração de pedra dura (1)

---

por José Rodrigues Pimentel e Maia, que vem no seu livro de versos publicado em Pernambuco, em 1827.

Nos *Cantos Populares do Archipelago Açoriano*, publicados por Theophilo Braga, em 1869, vem esta variante:

Que lindo botão de rosa  
 Que aquella roseira tem!  
 Debaxo ninguém lhe chega,  
 Acima não chega ninguém.

(1) Variant do Rio Grand do Sul :

Eu passei por tua porta,  
 Mandei a mão na fechadura ;  
 Não me quizeste abrir,  
 Coração de pedra dura.

Ora, louvado seja Deus  
 Ora, Deus seja louvado !  
 De cabeça para baixo,  
 O mundo anda voltado.

Meu coração atrevido  
 Intentou ser teu amor,  
 Quero ser admittido  
 Da melhor forma que fôr.

Os olhos de Margarida  
 São bombas de S. João,  
 Qu'arrebentam no peito,  
 Retumbam no coração.

As convivencias do mundo  
 São amparo da pobreza ;  
 Emquanto o pobre convive  
 Não se lembra da riqueza.

Mangiricão verde cheira,  
 Elle secco cheira mais ;  
 Mulher que se fia em homem  
 Anda sempre dando ais.

Eu de cá e tú de lá,  
 Fica um rio de permeio ;  
 Tu de lá dás um suspiro,  
 Eu de cá suspiro o meio. <sup>(1)</sup>

Variant' portugueza;

Passei pela tua porta,  
 Toquei-te na fechad' ura:  
 Pedi-te agua não me deste,  
 Coração de pedra dura.

(1) Desta quadra consignámos já uma variante, que se distingue apenas pela differença do segundo verso que diz:

Passa um riacho no meio,  
 que aliás nos parece mais accommodado á indole popular.

Aquelle *permeio*, effectivamente, é ja um termo erudito, que o povo, por certo, não empregaria.

Bocca de cravo da India  
 Dentes de marfim dourado,  
 Quando meus olhos te viram,  
 Meu corpo fez um peccado.

Você vai p'ra sua terra,  
 Bem podéra me levar ;  
 P'ra saber que eu quero ir  
 Não careco perguntar.

Dei um nó na fita verde,  
 Dei-lhe a fita de presente ;  
 Você fala, e não repara  
 Que estamos diante de gente.

Amores, quando te fóres,  
 Antes de ir tira-me a vida,  
 Que eu não tenho coração  
 De vêr a tua partida.

Quero bem a quatro nomes  
 Que tomei por devoção:  
 E' Antonio e é Francisco,  
 E' José e é João.

Todo Antonio é amoroso,  
 Todo Francisco avarento,  
 Todo João é amante,  
 Todo José ciumento.

A quadra, comtudo, é de um carater geral, e uma de suas variantes corre mesmo traduzida pelo poeta chileno Barahona Vega.

Eis a variante em questão com a sua versão hespanhola:

*Vós defronte e eu defronte,  
 Passa un rio pelo meio ;  
 Vós de lá dais um suspiro,  
 Eu de cá suspiro e meio.*

De hito em hito nos miramos,  
 Hai um rio medianero :  
 Tu lanzas de allá un suspiro,  
 Yo de acá un suspiro i medio.

O' meu querido José,  
 Valeroso capitão,  
 Pega a chave do meu peito,  
 Domina meu coração.

A chuva está no céu  
 Com vontade de chover,  
 Como não estará meu bem  
 Com vontade de me vor ?

Lá vem a lua sahindo  
 Por detraz da maravilha ;  
 Conversava eu com a velha,  
 Com o sentido só na filha.

Toda vida te quiz bem  
 E amar sempre te pude ;  
 Agora tu me deixaste,  
 Vai-te embora, Deus te ajude.

Da Bahia me mandaram  
 Um presente, que canudo!  
 Uma velha descascada,  
 Um velho com casca e tudo.

Minha mulata, eu tenho  
 Vontade de te servir ;  
 De dia falta-me o tempo  
 De noite quero dormir. (4)

Vou-me embora, vou-me embora  
 Para minha terra vou ;  
 Si eu aqui não sou querido  
 Lá na minha terra sou.

---

(4) Esta quadra e as onze seguintes foram recolhidas por Franklin Tavora e consignadas no seu romance *O Matuto*, accrescentando que—ellas pertencem exclusivamente ao povo, e que as dava com a exactidão com que as recebera da grande musa que as produziu.

Quando eu me fôr não choreis,  
Que são penas que me dais ;  
Deixai o chorar p'ra mim,  
Que eu me vou, não venho mais.

Mangiricão verde-escuro  
Tem a folha miudinha;  
Si em te vêr eu te amo,  
Quo fôra si fosses minha ?

Meu passarinho tão manso,  
Das minhas mãos escapou,  
Para mais penas me dar,  
Ponnas nas mãos me deixou.

Atirei o meu lencinho  
Por detraz de uma janella ;  
Quem tem seu amor bonito,  
Não dorme, faz sentinella.

Menina, minha menina  
Carocinho de dondê,  
Si eu fosse rapaz solteiro  
Me casava com você.

Nada tonho p'ra te dar  
Do jardim deste meu peito;  
Si queres meu coração,  
Mette a mão, tira-o com goito.

Embarquei em mar de penas,  
Naveguei em mar de amores,  
Passei por mar de suspiros,  
Agasalhei-me em mar de flores.

O papel que te escrevi  
Tirei da palma da mão,  
A tinta tirei dos olhos,  
A penna do coração. -

Sabiá canta na matta,  
 Descança no páo agreste,  
 Um amor longe do outro  
 Não dorme somno que preste.

O meu amor é um cravo,  
 Só eu o sube escolher ;  
 O craveiro não dá outro,  
 Si não tornar a nascer.

Eu bati o mundo em roda  
 A' procura de um vintem ;  
 Si eu não me casar commigo,  
 Não caso com mais' ninguem.

Eu plantei um pé de cravo,  
 Encostado á ribanceira,  
 Não me dou por desgraçado,  
 Inda acho quem me queira.

Alecrim da beira d'agua  
 Foi minha mãe quem plantou ;  
 Quem quizer casar commigo,  
 Fale com quem me criou.

Meu pae chama-se Caco,  
 Minha mãe Caca Maria,  
 Pelo geito que estou vendo,  
 Sou neto da Cacaria. (1)

(1) Variante local :

Minha mãe chama-se Caca,  
 Minha avó Caca Maria,  
 Diabo de tanto caco.  
 Sou filho da Cacaria.

Variante do Rio Grande do Sul :

Minha mãe chama-se Caca,  
 Minha avó Caca Maria...  
 Em casa tudo era caco,  
 Sou filho da Cacaria.

As folhas da bananeira  
Bolem com o ar e o vento;  
Menina, estes teus olhos  
Bolem com o meu pensamento.

Lá no céu passou uma nuvem,  
Da grossura de uma fita;  
Quem vai ver o seu amor,  
Parte cego e vem com vista.

Si o padre santo soubesse  
O gosto que o fado tem,  
Viria de Roma a pé  
Dançar o fado também.

Eu sempre gostei e gosto  
Da dança das hespanholas;  
Levanta lá tua saia,  
Tango as tuas castanholas.

As meninas hespanholas  
São bonitas, feitiçeras,  
Mas suas pernas não são  
Como as das brasileiras.

Meu senhor, eu já lhe disse  
Que tenho capricho ás vezes;  
Eu gosto de ouvir tocar  
O hymno dos portuguezes.

Por toda parte que ando  
Sempre encontro namorados;  
Uns tolos, outros sabidos,  
Uns na ponta, outros cortados.

Minha gente venha ver  
Cousa que nunca se viu:  
Minha gata poz um ovo,  
Minha gallinha pariu.

Cajueiro pequenino  
Deita rama pelo ohão ;  
Mou amor quando se deita  
Põe a mão no coração.

Não sei que tem meu cabelo  
Que não se doma com banha ;  
Quanto mais banha lhe boto,  
Muito mais elle se assanha.

Seu João, você me diga:  
Por que razão  
Brinca com todos,  
Commigo não ?

O coqueiro do sabido  
Foi-se pôr naquella altura,  
Pensando que eu não sabia  
Quando tem fructa madura.

Laranjeira ao pé da serra  
Bota raizes de prata,  
Querer-te bem não me custa  
Mas deixar-te é que me mata!

Cravo branco, quando abre  
Parece a c'rôa do um roi ;  
Eu comparo cravo branco  
Com uma pessoa que eu sei !...

Ensopei tres lenços brances  
Quando meu bem se embarcou,  
Foi a prenda mais bonita  
Que as ondas do mar levou.

---

## BIBLIOGRAPHIA

*Memórias historicas da provincia de Pernambuco*, por J. B. Fernandes Gama. Pernambuco, 1844-1848.

*Narração historia das calamidades de Pernambuco succedidas desde o anno de 1707 até o de 1715...* por Manoel dos Santos. No T. LIII (parte segunda) da Revista do Instituto Historico Brasileiro, 1899.

*Biographias de alguns poetas e homens illustres da provincia de Pernambuco*, por Antonio Joaquim de Mello. Recife, 1856-1859.

*Florilegio da poesia brasileira*, por F. A. de Varnhagen. Lisboa, 1850.

*Romanceiro e cancionero geral*, por J. B. de Almeida Garrett. Lisboa, 1843.

*Romanceiro. Romances cavalharescos antigos pelo mesmo autor* Lisboa, 1851.

*Feira dos anexins. Obra posthuma de D. Francisco Manoel de Mello* (seculo XVII) Lisboa, 1875.

*Excavações. Factos da historia de Pernambuco*, por F. P. do Amaral. Pernambuco, 1884.

*Os meus brinquedos*, por Figueiredo Pimentel. Rio de Janeiro.

*Carmina magica do povo portuguez*, por J. Leite da Vasconcellos. Na revista *Era Nova*, Lisboa, 1881.

*Parnaso brasileiro* por Mello Moraes Filho, Rio de Janeiro, 1885.

*Historia do Brazil*, por Frei Vicente do Salvador (1627), Rio de Janeiro, 1889.

*A litteratura brasileira nos tempos coloniaes...* por Eduardo Pericé. Buenos Aires, 1885.

*Vellosia. Contribuição do Museu Botânico do Amazonas*, por J. Barbosa Rodrigues. vol. I. Manaus, 1888.

*Aspectos da litteratura colonial brasileira*, por Oliveira Lima. Leipzig, 1896.

*Introdução e theoria da litteratura portugueza*, por Theophilo Braga. Porto, 1896.

*A giria brasileira*. Collecção de annexins, adagios, rifões e locuções populares, por J. T., Bahia, 1899.

*Voyages pittoresques, scientifiques et historiques en Amerique, Brésil...* par Henri Koster. Paris, 1846.

*Journal of a voyage to Brasil*. Maria Graham, Londres 1824.

*A musa das revoluções*, por Alberto Pimentel, Lisboa, 1885.

*Nova collecção de hymnos, canções e lundús*, por Joaquim Norberto de Souza e Silva. Rio de Janeiro, 1878.

*Cantos populares do Brazil*, colligidos por Sylvio Romero, acompanhados de introdução e notas comparativas por Theophilo Braga. Lisboa, 1883.

*Estudos sobre a poesia popular no Brazil*, pelo mesmo autor. Rio Janeiro, 1888.

*Historia da poesia popular portugueza*, por Theophilo Braga. Porto, 1867.

*Cancioneiro popular*, pelo mesmo escriptor. Coimbra, 1867.

*Romanceiro geral*, pelo mesmo escriptor. Coimbra, 1867.

*Cantos populares do archipelago dos Açores*, pelo mesmo escriptor. Porto, 1869.

*A poesia popular brasileira*, por Celso de Magalhães. No periodico *O Trabalho*, Recife, 1873.

*Ethnologia portugueza. As advinhas populares*, por Theophilo Braga. Na revista *Era nova*, Lisboa, 1881.

*Ethnologia portugueza. Os jogos populares e infantis*, pelo mesmo escriptor, na mencionada revista.

*Systema dos mythos religiosos*, por J. P. Oliveira Martins. Lisboa, s. d.

*Encyclopediana brasileira*, colleccionada por F. A. Pereira da Costa. Recife, 1889.

*Mosaico Pernambucano...* pelo mesmo, Pernambuco, 1884.

*Novo orbe seraphico brasileiro...* por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão. Rio de Janeiro, 1858-1859.

*O Selvagem*, por Couto de Magalhães. Rio de Janeiro, 1876.

*Algumas palavras sobre o fetichismo religioso e politico entre nós*, por J. A. de Freitas, Pernambuco, 1883.

Rodrigues de Carvalho, *Cancioneiro do Norte*. Fortaleza, 1903.

*Constituições do arcebispado da Bahia, ordenadas pelo arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide em 1707*. Reimpressas em S. Paulo, em 1853.

*O Valeroso Lucileno e triumpho da liberdade*, por Frei Manoel Calado. Lisboa, 1648.

*Castrinho Lusitano...*, por Frei Raphael de Jesus. Lisboa, 1679.

*Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brazil*, pelo Padre Simão de Vasconcellos. Rio de Janeiro, 1864.

*Memoria sobre a Pedra Bonita ou reino encantado na comarca de Villa Bella em Pernambuco*, por Antonio Attico de Souza Leite. Rio de Janeiro, 1875.

*Notas sobre a Parahyba*, por Irineo Jollily. Rio de Janeiro, 1892.

*As origens chaldeanas do judaismo*, por José de Campos Novaes. S. Paulo, 1899.

*O Carapuceiro*, periodico moral, e só per accidens politico, dirigido pelo Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama. Pernambuco, 1837-1842.

*Historias e costumes*, por Mello Moraes Filho. Paris. Typ. de H. Garnier.

*O Cabelleira. Historia pernambucana*, por Franklin Tavora. Rio de Janeiro, 1876.

*O Matuto. Chronica pernambucana*, por Franklin Tavora. Rio de Janeiro, 1878.

*Notas dominicaes tomadas durante uma residencia em Portugal e no Brazil nos annos de 1816, 1817 e 1818*, por L. F. de Tolenc. Parte relativa a Pernambuco, traduzida do manuscripto francez inedito, por Alfredo de Carvalho. — Recife, Empreza do *Jornal do Recife*, 1905.





**University of California  
SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY  
305 De Neve Drive - Parking Lot 17 • Box 951388  
LOS ANGELES, CALIFORNIA 90095-1388**

**Return this material to the library from which it was borrowed.**

--	--

University of California, Los Angeles



L 007 258 946 8

